

GONZALO
GINER
AS
JANELAS
DO
CÉU



Planeta



GONZALO
GINER
AS
JANELAS
DO
CÉU



Planeta

Gonzalo Giner

As Janelas do Céu

Tradução
Mário Dias Correia

Para aqueles que nem sempre vêem com clareza
o horizonte das suas vidas.

E para a mulher que sempre manteve as janelas abertas
ao meu amor. Dedicado a Pilar.

Primeira parte

Luzes de incompreensão

«O que é um rebelde? Um homem que diz não.»

ALBERT CAMUS

Capítulo 1

Burgos. Reino de Castela. Maio de 1474

Supunha-se que Hugo e Damián eram irmãos, apelidavam-se Covarrubias e tinham a mesma idade. Mas só nisso coincidiam.

A mãe de Damián estava viva, a de Hugo não.

Se aos vinte anos o primeiro sabia o que queria fazer na vida, o outro só tinha a certeza do que não ia ser. Se Damián assentia, Hugo negava, Se um se apressava a fazer o que lhe pediam, o outro perdia-se em desculpas. Talvez por isso, e havia já algum tempo, o pai de ambos tinha tomado partido.

Não o fizera constar, mas começava a ser evidente.



Don Fernando de Covarrubias era homem de linhagem e um dos comerciantes de lã mas importantes de Castela. Além disso era, havia sete anos, prior da Universidad de Mercaderes de Burgos, a instituição gremial que agrupava e protegia os interesses de um selecto grupo de comerciantes dedicados à venda do precioso velo. No entanto, nos últimos anos, nem o apelido nem a prestigiosa posição comercial que adquirira com o tempo compensavam o cansaço e o mau estado das suas arcas, e era essa a razão por que naquele ano não iria visitar, como era seu hábito, a feira de Medina del Campo. Precisava com urgência de novos clientes para as suas lãs, mas também precisava de travar a perda dos actuais, e centenas deles pisavam as ruas e praças de Medina durante os cinquenta dias que durava a feira. Uns vindos da Flandres, outros de França, de Inglaterra ou da Lombardia; a cidade castelhana tornava-se o maior centro europeu do comércio de lã, tecidos, cartas de crédito, artesanato, especiarias e livros.

Mas não era só de mais clientes e de mais negócio que precisava...



Os sinos da catedral de Burgos tocavam para a missa quando Don Fernando fechou a janela do palácio familiar, situado frente ao soberbo templo, e olhou para os seus dois filhos e soube que chegara o momento.

– Há quarenta anos que trabalho sem descansar um único dia. Deixei a pele no esforço de manter o nosso apelido no lugar que lhe compete no mercado das lãs e, apesar de terem diminuído nos últimos anos, os rendimentos do nosso negócio ainda permitem que vivam dele. Mas, meus filhos, agora que começo a ficar velho, gostaria de prestar mais tempo às fundações, quero vê-las concluídas antes de morrer, e sobretudo quero descansar. Além disso, o nosso negócio precisa de mudanças, algumas muito urgentes, e há que tomar decisões importantes. – Olhou de um filho para o outro e inspirou fundo antes de continuar: – Proporcionarei-lhes um bom lar, alimento e uma educação esmerada. Por esta casa passaram os melhores mestres para vos ensinar as regras da geometria, da matemática ou da ciência em geral. Obriguei-os a aprender a língua dos ingleses depois de vos ter ensinado a que se fala em Bruges, e também falam um pouco de francês, o suficiente para poderem comerciar no Norte da Europa. Acompanharam-me nestes últimos três anos à feira de Medina para aprender a fechar contratos e conhecer os cambistas. E se até agora não lhes pedi que me ajudassem no trabalho, foi para não travar a vossa formação. Mas chegou a altura de mudar tudo isto. Hoje dispõem dos conhecimentos necessários para pegar nas rédeas do nosso negócio.

– Estamos conscientes disso e estamos-vos gratos, meu pai.

Damián parecia falar pelos dois, mas Hugo não tardou um segundo a murmurar o seu desacordo. Apesar de a brusca reacção do filho o ter afectado, Don Fernando preferiu continuar a expor os seus argumentos.

– Ora bem, vocês são dois, e só um vai governar o barco. O negócio exige um único timoneiro, mas ambos partilham o meu apelido e, a meus olhos, têm o mesmo direito a suceder-me. E é aqui que surge o problema: qual dos dois o merece mais? – Sentou-se à mesa que usava para tratar dos seus negócios, fechou o livro de contas e suspirou com alguma tristeza. – Confesso que, se pensei cem vezes nisto, hesitei outras tantas. E como não é tarefa fácil, decidi que quem se sentar nesta cadeira precisa não só de estar preparado, mas sobretudo de querê-lo... – Lançou um olhar de preocupação a Hugo e dirigiu-lhe as seguintes palavras: – Tu não mostraste muito interesse pelo negócio familiar,

bem pelo contrário, mas não serei eu a afastar-te dele. Como acabo de dizer, a decisão estará nas vossas mãos. E aqui vem a notícia: terão de medir-se numa prova. Assim quero que seja!

– A que prova vos referis, meu pai?

– Uma prova simples, mas de importância vital. Hoje partirão juntos para Medina del Campo, mas quando chegarem à feira competirão um com o outro para conseguir novos clientes. Preciso que ponham nisso todo o vosso empenho; escolham entre os estrangeiros, convençam-nos da qualidade dos rebanhos merinos com que trabalhamos e da excelência dos critérios que seguimos para que assim seja. Expliquem a forma de pagamento que teriam connosco e quais seriam as condições de entrega e as datas. Não me importa que argumentos escolham usar. Todos serão bons se com eles recuperarem a confiança que talvez um dia tiveram em nós ou ganharem a de outros novos. Feito isto, aquele que conseguir mais ou, em caso de empate, trazer consigo os mais importantes, terá demonstrado ser o mais bem preparado para conduzir o negócio de agora em diante. – Acompanhou estas últimas palavras com uma sonora palmada no tampo da mesa. – Que melhor encargo lhes posso dar do que alimentar com novos clientes o nosso futuro?

Damián cerrou os punhos, mordeu o lábio inferior e olhou de soslaio para o irmão com franco desdém, já a sentir-se vencedor. Desde muito pequeno que ambicionava a predilecção daquele pai, que não o era de sangue, e agora nada nem ninguém ia impedi-lo de a conseguir.

Hugo, pelo contrário, olhou para as pontas dos sapatos, convencido da derrota.

Capítulo 2

Feira de Medina del Campo. Reino de Castela. Maio de 1474

A banca de bordados e passamanaria voou pelos ares ao sofrer o violento embate de um jovem que fugia, perseguido por dois aguazis. Antes daquela, numa rua mais atrás, uma banca de queijos e enchidos tinha sofrido idêntico percalço, e ainda outra onde se faziam as cobranças, tão cheia de balanças, livros de contas e dinheiros como de ilustres visitantes que acabaram a protestar estendidos no chão.

Não havia nem dez minutos que aqueles dois zeladores da ordem pública tinham acudido a uma das pousadas mais famosas da cidade depois de alertados para o desavergonhado comportamento de um grupo de jovens. A denunciante tinha sido uma bela dama oriunda de Bruges, intimidada por um deles que apresentava evidentes sinais de embriaguez. Sem sua licença, aquele jovem sentara-se à sua mesa, roubara-lhe um beijo nos lábios e em seguida beliscara-lhe as nádegas, tudo isto num abrir e fechar de olhos e, segundo parecia, em resultado de uma aposta. Ante a impossibilidade de capturar os outros membros do bando, que tinham fugido como alma que leva o diabo, a precisa descrição do autor da proeza e a ira do marido da dama tinham dirigido a perseguição exclusivamente para ele, primeiro nas ruas adjacentes e depois na praça principal, onde o tinham reconhecido junto à igreja de San Antolín.

A multidão que enchia a praça e as ruas que nela desembocavam dificultava a corrida do perseguido, mas também o êxito dos beaguins, que pediam aos gritos a ajuda dos presentes.

O jovem chocou contra uma mula e ao cair a rebolar pelo chão perdeu um sapato, rasgou a manga da camisa e feriu-se num braço, que começou a sangrar. Não se deteve a olhar para a ferida. Pôs-se de pé com alguma dificuldade e sem perder um segundo meteu pela Calle de la Rúa em direcção à judiaria e aos arrabaldes da cidade. Tinha lá bons amigos e a possibilidade de esconder-se

numa das suas casas, ou, se não, na emaranhada trama das suas vielas. Pelo caminho, cruzou-se com uma comitiva de músicos; não menos de vinte coches puxados por cavalos de bela estampa e outros tantos carroções carregados com as mais diversas mercadorias. Pesavam-lhe as pernas e tinha a cabeça à beira de explodir, consequência das seis garrafas de vinho que tinha ingerido.

Ao voltar-se para olhar, pareceu-lhe que tinha ganhado terreno aos perseguidores.

Inspirou fundo e acelerou a corrida, na esperança de perdê-los de vista, mas impediu-lho uma porca com mais de dezasseis arrobas. Ia presa por uma corda segura pelo dono, que por efeito do derrube do animal se viu também atirado ao chão. O corpo do rapaz resvalou primeiro por cima da porca, depois pelo chão, mais algumas braças, até acabar estatelado contra um barril cheio de arenques em salmoura, de cujo interior, através das duas aduelas que a cabeça do rapaz tinha partido, jorrou um pegajoso e cheiroso molho que em poucos segundos se espalhou pela sua castanha cabeleira. E foi a última coisa que Hugo de Covarrubias sentiu antes de perder o conhecimento.



Os dois dias posteriores à sua detenção foram muito duros para o fugitivo. As frias pedras de uma escura cela do castelo de La Mota colheram os seus ossos, os frutos do excesso de vinho e os interrogatórios a que se viu submetido até que confessou nome e apelido. A partir de então o tratamento melhorou, mas a espera eternizou-se, sentado no húmido chão sem nada que fazer excepto calcular a passagem do tempo pelo ângulo com que a luz do Sol incidia nas pedras depois de atravessar uma estreita fresta gradeada e pensar nas desculpas que poderia dar chegado o momento. Não encontrou uma única que amenizasse o que ia ter de ouvir.

Ao terceiro dia de encarceramento, ouviu o barulho do ferrolho e viu o imponente perfil do pai do outro lado da grade das masmorras. Engoliu em seco e pôs-se de pé.

– Hugo de Covarrubias! És um homem livre! – proclamou o carcereiro.

Hugo passou o umbral e cumprimentou o pai sem olhar para ele. Seguiu-o sem uma palavra, primeiro por um corredor subterrâneo, depois por uma estreita e íngreme escada até saírem para a luz de um grande pátio onde os esperava uma carruagem.

Sentaram-se em frente um do outro.

– Fedes como um raio...! – protestou Don Fernando.

Hugo preferiu continuar calado.

A carruagem rolou pelo empedrado irregular do pátio com um incómodo sacolejar até deixar para trás as muralhas do castelo e meter por um caminho de melhor traçado. A partir desse instante, só os constantes e profundos suspiros de Don Fernando e uma ou outra tosse seca quebraram o silêncio no interior do coche. Hugo sabia que aquela situação não ia durar muito, mas também sabia que se olhasse de frente para o pai ia desencadear uma conversa muito pouco agradável. Por isso optou por olhar pela janela. Deste modo, um distraído com a visão dos campos e o outro a tamborilar com um dedo no fecho metálico da porta, continuaram sem falar durante um pouco mais de vinte minutos.

Um longo tossicar precedeu as primeiras palavras de Don Fernando.

– Sabes quem era a mulher com quem te excedeste?

– Não faço a mínima ideia, meu pai.

– O nome Edgar Hossner diz-te alguma coisa? – O tom de voz de Don Fernando tornou-se mais ácido. – É o marido dela e é, ou melhor, era, o meu melhor cliente em Bruges. No ano passado comprou-nos quatrocentas sacas de lã e pagou-nos por elas oito milhões de maravedis. – Os olhos verdes de Hugo não fugiram ao reprovador olhar do pai. – A prova que lhes propus consistia em angariar clientes... Não o contrário!

– Talvez eu não quisesse ganhá-la.

As aletas do nariz de Don Fernando dilataram-se tanto que Hugo soube que a partir daquele momento vinha o pior.

– Hugo!! – bramiu Don Fernando. – Que demónio se passa contigo, rapaz? Vê se me explicas, porque não consigo compreender. Tão pouco te importa aquilo que o nosso apelido representa que só te ocorre desmerecê-lo no sítio por onde passam os nossos melhores clientes, nada menos que na feira de Medina? Se ao menos soubesse que outra coisa queres fazer na vida... Mas nem isso! – Deu um murro na porta, zangado. – Que te fiz eu para que me pagues com essa indiferença? Diz-me, por favor! Talvez assim consiga compreender por que quando te pedem uma coisa fazes o contrário... Podias fazer o oposto de vez em quando! Não te parece?

Esfregou as palmas das mãos nos joelhos, a pensar que tinham passado demasiados anos sem que encontrasse resposta para estas perguntas. Era isso que lhe aumentava a indignação à medida que o tom de voz subia.

Hugo suspirou.

Bem sabia o mal que a sua atitude causava, mas também que o pai não conseguia compreender como ele pensava nem a sua maneira de ser. Tinha perguntado mil vezes a si mesmo porquê, e chegara sempre à mesma conclusão: não se pareciam em nada. Ele era igual à mãe, e não só nas feições. Partilhava os seus gostos, o seu carácter, a sua sensibilidade, e sobretudo um dom muito especial que só ela tinha descoberto e que depois da sua morte caíra no esquecimento. Mas disso, da morte da mãe, tinham passado já doze anos e a vida de Hugo era agora diferente.

O pai esperava respostas, mas no seu espírito agitavam-se mil perguntas.

Conseguiria compreender que a raiz do problema estava na atitude que tinha para com ele? Aceitaria que lhe censurasse o casamento com uma mulher que transformara a sua infância num calvário? Admitiria que aquela madrasta tinha enchido a sua meninice de desprezos, aversões e desequilíbrios no tratamento dado aos dois irmãos que na verdade só o eram em virtude daquela segunda união? Reagiria agora contra ela como nunca o vira fazer quando lhe chamava débil e inútil sempre que transparecia na sua maneira de ser a mais pequena ponta de sensibilidade? Dar-se-ia conta de que nunca estivera com ele quando precisara de o ter a seu lado?

– Meu pai, se estais disposto a ouvir o que na verdade penso, di-lo-ei hoje sem subterfúgios. – Inspirou fundo e reuniu determinação suficiente para expressar-se com um inusitado aprumo. – Detesto que decidais por mim. – Ao ver a expressão de perplexidade do pai, tentou explicar-se melhor. – Alguma vez vos destes ao incómodo de saber o que quero fazer? Não, não me respondeis. Fá-lo-ei eu por vós: nunca. Para não falar dessa pérfida mulher que tomastes por esposa...

– Basta! Não sou obrigado a ouvir tanta par...

– Pai! Suplico-vos que por uma vez me permitais explicar-me. – Nunca se tinha atrevido a cortar-lhe a palavra, mas também nunca antes tinha tomado a decisão de abrir a alma como naquele momento fazia. – Desde que essa mulher entrou em nossa casa o seu único objectivo tem sido rebaixar-me como filho e

pôr-me contra vós. – Inspirou fundo e tentou serenar-se. – Compreendo o vosso empenho em meter-me no negócio das lãs; é a nosso negócio, mas sabeis que não o desejo. Repele-me negociar com elas, não quero sequer vê-las, e muito menos tornar-me um mercador... – sentenciou, sem pôr cuidado algum nas suas palavras. – Por isso não quis enfrentar a vossa prova. Contai com Damián, ele ficará feliz; tenho a certeza de que vos entenderéis muito melhor. Eu não sirvo para isso, não... – Baixou a cabeça, afectado pelas suas conclusões. – Ainda não sei o que quero fazer da minha vida, e asseguro-vos que não é nada agradável conviver com esta incerteza. Sei, no entanto, no que não quero tornar-me.

Don Fernando não conseguiu aguentar mais. Aquele acto de sinceridade estava muito longe do comportamento que esperava do filho. Estava farto: farto das suas tolices, farto de fazer o possível e o impossível para transformá-lo num homem de bem, farto dos seus desplantes, farto de discutir com a mulher para defendê-lo, quando Hugo raras vezes apoiava os seus argumentos com factos. Por isso o que acabava de ouvir não ia alterar a decisão que tomara quando soubera das suas tropelias em Medina del Campo. Na realidade, já tinha tomado as primeiras medidas ainda antes de sair de Burgos.

– Com certeza que vou contar com Damián! Está mais do que claro que só ele demonstrou merecê-lo. E depois de ouvir tal chorrilho de disparates, a tarefa de que ia encarregar-te parece-me ainda mais adequada. Porque tu vais ajudar, quer gostes ou não. Como não sabes o que queres nem para o que serves, como acabas de confessar, não tenho outro remédio senão continuar a decidir por ti. E a minha primeira decisão é fazer-te entender o verdadeiro significado da palavra *trabalho*, uma coisa que tens evitado até agora. – Levantou o tom da voz. – Vais conhecer o negócio a começar por baixo, desde as tarefas que exigem menor qualificação. Em consequência, logo que chegemos a casa vais preparar-te para fazer a viagem que as nossas lãs fazem todos os anos: desde os lavadouros até ao porto. Depois disso, partirás para Bruges, onde irás desculpar-te pessoalmente diante de Edgar Hossner, sirva ou não para mantê-lo como cliente. Só desse modo compensarás a tua falta de compromisso com a família, a desonra do nosso apelido e a barbaridade que perpetraste.

Don Fernando tinha a noção da sua dureza, mas queria agitar de uma vez por todas a confiança do filho. Mesmo assim, as cinco palavras seguintes que lhe saíram da boca não foram talvez as mais adequadas. Antes de pronunciá-las

encheu o peito de ar, olhou-o nos olhos, apertou a mandíbula e endireitou as costas.

– Hugo, és... és um fiasco.

Com o eco desta cruel conclusão a ressaltar-lhe na cabeça, o jovem ficou profundamente humilhado.

– Se é essa a única avaliação que tendes de mim, descuidai que cumprirei qualquer tarefa que me imponhais – replicou. – Mas não espereis muito mais...

Recolhido em si sem a mais pequena vontade de continuar a falar, remoeu o que acabava de suceder. Pela primeira vez na sua vida tinha-se atrevido a expor o que sentia, as suas dúvidas, a sua maneira de pensar; ou pelo menos tinha ousado racionalizar os motivos que o levavam a comportar-se de um modo tão diferente do que se esperava dele. Tinha feito o esforço de abrir o coração na esperança de ser compreendido, e nada disso acontecera. De sobra sabia que nunca se destacara em coisa alguma, a não ser protestar, muito ao contrário de Damián, que sempre fora perfeito. Essa era a única verdade e parecia que nada que ele fizesse conseguiria mudá-la. Ao fim e ao cabo, como acabava de ouvir, era um fiasco.



Passaram doze horas naquela carruagem até que chegaram a Burgos, mas a viagem pareceu-lhes eterna. Com tanto tempo disponível, Don Fernando reviu mais três vezes de cabeça as contas do negócio. Passou para um caderno todos os compromissos de compra de lã fechados durante a presente campanha e tentou emparelhá-los com os pedidos que lhe chegavam de Bruges. Mas, mais uma vez, verificou com uma enorme frustração que os números não batiam certo.

Suspirou talvez dez vezes seguidas.

O seu desespero viajava agora dos cálculos que apontara no caderno para a figura do filho, que amava com toda a sua alma, embora não conseguisse compreendê-lo havia já demasiado tempo. Um filho pelo qual deixaria que lhe cortassem os dois braços se com isso ficasse a saber que por baixo dos seus ingratos comportamentos havia a matéria-prima necessária para fazer dele um bom homem.

Havia muito tempo que esta dúvida o matava.



Hugo só teve uns dias para despedir-se dos seus conhecidos, preparar a bagagem e receber uma severa admoestação da parte da madrastra, Doña Urraca. A mãe de Damián não se limitou a criticar o acontecido em Medina, estendeu a crítica a toda a sua vida: lamentável e decepcionante, foi como a qualificou.

Teve ao menos tempo para visitar a sua melhor amiga.

Berenguela era vizinha de rua e filha de outro comerciante, Don Sancho Ibáñez, há menos tempo no negócio das lãs e com um poder económico muito inferior ao de Don Fernando, mas era sobretudo a pessoa que melhor o conhecia. Como ela bem dizia, muito melhor do que ele. Tinham a mesma idade, vinte anos, e as suas vidas tinham decorrido paralelas. Tinham partilhado infâncias, brincadeiras, segredos, lutas, confidências e conselhos; tudo o que pode unir duas crianças que vêm passar a vida com menos de um quarteirão de distância entre as respectivas casas. Duas crianças, filhas de duas famílias cujos pais eram mais do que simples conhecidos.

Por isso aquela visita foi a que mais lhe custou fazer. O momento mais doce, mas também o mais amargo.

Imaginava a pena que ia deixar nela, mas também a sua perda. Uma ausência de seis ou sete meses, não sabia de certeza, que já lhe parecia insuportável.

Era meio-dia quando entrou no quarto dela sem bater e sem a companhia de qualquer criado, pois naquela casa era tido como mais um membro da família. Berenguela estava sentada no miradouro de uma das janelas com um livro nas mãos e a sua gata, chamada *Canelilla*, enroscada no regaço. A manhã estava radiosa e a luz inundava todos os recantos de uma divisão onde tinham brincado aos cavaleiros e às princesas, onde tinham sonhado conhecer os lugares mais distantes do mundo, onde tinham lutado e rido até às lágrimas e contado tudo um ao outro.

Ela voltou-se ao ouvir o ruído.

O seu olhar iluminou-se mal o reconheceu e no mesmo instante surgiram as duas características covinhas nas faces empurradas por um alegre sorriso. Esperou sentada, recebeu um beijo na fronte e pressentiu de imediato qualquer coisa de sombrio na expressão do amigo.

– Suponho que vais dar-me a tua versão sobre aquela história de Medina del Campo. Porque ouvi outras em que não consigo acreditar. – Fez espaço para ele

se sentar e a gata, expulsa do colo, protestou com um miado. – Mas primeiro diz-me o que tens.

Hugo demorou alguns segundos a responder. Olhou-a nos olhos cor de avelã e custou-lhe começar. A notícia que tinha para dar ia doer, e se havia pessoa no mundo a que detestava fazer mal era a jovem que estava ali à sua frente.

Suspirou, apertou as mãos e passado um pedaço confessou-se.

– Amanhã saio de Burgos. Não sei por quanto tempo.

– Que dizes? Para onde?

Berenguela mordeu o lábio inferior, a acusar a novidade.

– O meu pai obrigou-me a fazer a rota da lã até Bruges, onde terei de ficar um tempo, não sei quanto. Diz que deste modo saberei o que é trabalhar de verdade.

– Mas... mas... isso é um desastre – murmurava. Tinha empalidecido um pouco e os seus olhos estavam a ficar húmidos. – Que vou eu fazer sem ti?

Hugo acariciou-lhe a encaracolada cabeleira loura.

– Eu sei... E lamento, porque és a única que vai sentir a minha falta. Em minha casa farão o contrário, tenho a certeza. Mas não posso fazer outra coisa, tenho de ir; o meu pai foi taxativo, e podes imaginar o que me apetece ir para Bruges. Ainda que o que mais lamento é que esta decisão me vai separar de ti durante não sei quanto tempo...

Berenguela perdeu a contenção que até ali tinha mostrado e começou a chorar.

– A quem vou contar as minhas coisas até que regreses? Quem vai compreender-me se só tu és capaz de o fazer? – perguntou, entre soluços.

No seu íntimo havia uma ferida muito maior do que podia expressar. Porque havia já algum tempo que amava profundamente Hugo, e não só como amigo. O seu amor tinha crescido à mesma velocidade com que festejavam os respectivos aniversários, embora sempre o tivesse ocultado por receio de não ser correspondida. Conhecia-o demasiado bem e, como nunca notara que sentisse por ela mais do que a amizade que os unia, temia que aquele sentimento mais profundo o assustasse e o levasse a abandoná-la.

Sentiu o calor do abraço dele; um abraço de consolo mas que a ela lhe doeu. Em seguida ouviu a história do que tinha acontecido com aquela mulher na pousada sem conseguir compreender, mais uma vez, por que perdia ele a cabeça daquela maneira. Mas não lho perguntou. Em Hugo não havia maldade, isso sabia. A falta da mãe tinha provocado um autêntico torvelinho emocional que de

quando em quando se manifestava naquele género de reacções que ninguém compreendia.

Berenguela abandonou os braços de Hugo para olhá-lo nos olhos e nesse preciso instante desejou beijar-lhe os lábios. Cravou as unhas nas palmas das mãos a lutar contra aquele impulso, mas em troca decidiu pedir-lhe uma coisa, consciente de que podia passar muito tempo antes que voltasse a ter oportunidade de o fazer.

– Hugo, nunca te esqueças de mim.

As seis palavras saíram-lhe da boca numa cadência lenta, soaram belas, definitivas, rotundas.

– Seria impossível – respondeu ele, sem entender a transcendência que tinha para ela.

– Não deixarei de pensar em ti um único dia. Até que voltes, ter-te-ei aqui. – Levou uma mão ao coração. – Sabes o que isso significa, não sabes?

Hugo não respondeu. Recebeu a mensagem e guardou-a no mais fundo de si. Observou-lhe o rosto, os olhos, as faces. Sem pressa. Depois deu-lhe um beijo na testa, longo e sentido. Um beijo que a ela soube só a amizade, um beijo de despedida.

Antes de uma longa e dolorosa ausência.

Capítulo 3

Pineda de la Sierra. Sierra de la Demanda. Junho de 1474

Com meio corpo metido no rio Arlanzón, os seis moços que se encarregavam de lavar as lãs acabadas de chegar de Cuéllar mal sentiam os dedos dos pés. Apesar da amena Primavera e de a água não correr muito fria, ao cabo de três horas de molho as pernas perdiam qualquer resto de calor e começavam a adquirir um tom arroxeadado. Entre os encharcados trabalhadores encontrava-se Hugo de Covarrubias, vigiado a todo o momento por Policarpo Ruiz, homem de confiança de Don Fernando, seu feitor e, havia alguns dias, seu carcereiro.

O pai de Hugo arrendava todos os anos aquele lugar, a jusante da povoação, pela força do rio e uma pradaria próxima onde as lãs eram penduradas para secar ao sol. Mas, antes disso, Hugo tinha ainda muitos outros trabalhos para fazer.

O jovem, armado com uma comprida pá, bateu um novo monte de velos para lhes tirar a primeira sujidade, e espirrou por causa do pó que se elevava da enorme montanha de lã seca depositada na margem, à espera de ser lavada. Conforme a direcção do vento, aquela nuvem acinzentada flutuava rumo à aldeia ou atacava os que trabalhavam no rio.

Hugo detestava lama, e ali tinha com que se faltar. Lançou um olhar de súplica a Policarpo para que lhe permitisse uns minutos de descanso, mas o homem, que não tirava o olho de cima dele sentado num tronco seco, negou-lhos pela quinta vez naquela manhã.

Com meio corpo debaixo de água, Hugo tinha de fazer um enorme esforço para mover e bater as pesadas lãs, e além disso sentia as costas queimadas pelo sol. Amaldiçoou a sua sina e bufou irritado, mas continuou a trabalhar enquanto o feitor falava com o responsável por classificar a qualidade das lãs, o apartador Genaro, que conhecia de há muitos anos.

– Não consigo perceber à conta de quê trouxeste o filho do patrão. Que raio se passa? – Antes de acabar a pergunta já estava a coçar a cabeça com tanta fúria

que lhe arrancou uma suja crosta. Largou uma praga ao dar por isso. – Por tua culpa vamos ter de andar com mais cuidado.

Devido à sua baixa estatura, muitos pensavam que aquele homem era anão, mas quando chegava a hora de mandar ninguém ousava fazer-lhe frente. De modos toscos, palavra rouca e mau génio pronto, Genaro padecia de uma curiosa mania: a intervalos de meia hora sentia uma intensa comichão numa parte qualquer do corpo. Dizia que a culpa era das ovelhas e das suas pulgas, e era tal a sua obsessão que lhe apareciam os ardores sem ter contacto com elas.

– Não podemos descuidar-nos, é verdade.

Policarpo deu um pontapé numa pedra. Notou a presença de um pedacinho de palha no seu impoluto colete de seda e apressou-se a sacudi-lo. O seu aspecto não tinha nada a ver com o do seu interlocutor. Policarpo dava-se ares de nobre cavalheiro, gostava da boa vida e do luxo, vestia sempre com grande elegância e, apesar de já passar dos quarenta, as suas feições e figura estilizada continuavam a atrair muitas mulheres, inclusive as mais novas. O barulho de uma carroça fê-lo voltar-se para olhar. Aquelas seriam as últimas sacas de lã que esperavam naquele dia.

– Tê-lo aqui irrita-me tanto como a ti, mas, como o rapaz esgotou a paciência ao pai que já não sabe o que fazer com ele, encomendou-mo com a ordem de o pôr a trabalhar sem consideração pelo seu apelido.

Genaro gritou a um dos seus ajudantes para saber se já tinham enchido as tinas com água quente. Uma resposta afirmativa fez que se levantasse com relativa agilidade, animando Policarpo a imitá-lo. Foi começar a andar e voltar a pensar no filho de Don Fernando.

– Pois se é de trabalhar que se trata, com o que lhe vai tocar fazer agora não terá tempo para se aborrecer. – No seu rasgado sorriso amanhecera só dois dentes. – Antes de tratarmos do nosso assunto, deixa-me falar com o chefe dos tineiros para que saiba o que fazer com o rapaz e que tarefa lhe dar. Vai tu para o armazém e começa a fazer as contas. Já lá vou ter.

Policarpo pôs-se a caminho em direcção ao edifício de maior envergadura, não sem antes lançar um último olhar a Hugo, que se debatia com uma enorme massa de lã flutuante, prestes a perdê-la rio abaixo. Chegaram-lhe aos ouvidos os protestos do rapaz, e quase ao mesmo tempo a recriminação do encarregado que estava mais perto.

Havia mais de vinte anos que o capataz de Don Fernando trabalhava para a família e entre as suas atribuições contava-se o chamado *recibo da lã*, que mais não era do que a selecção e recolha das lãs recém-tosquiadas, dos rebanhos contratados ou sinalizados no ano anterior, e fazer os pagamentos aos criadores. Mas as suas funções não se ficavam por aqui. Organizava depois o transporte dos velos até aos lavadouros, como aquele de Pineda de la Sierra, na comarca de la Demanda. Supervisionava a marcação das sacas conforme a qualidade, alugava os armazéns no porto, pagava os impostos e os seguros, fretava os navios que as levavam ao seu destino, quase sempre a Flandres. O seu trabalho, como representante de um grande comerciante como era Don Fernando, só cessava quando a mercadoria entrava nos armazéns dos compradores em Bruges ou Antuérpia e de ter feito os registos de entrega nas repartições dos comerciantes daquelas cidades. Como o grosso do negócio dependia em grande medida do seu bem fazer, Don Fernando pagava-lhe mais do que bem e, claro, depositava nele toda a sua confiança.

Mal entrou no edifício sentiu a frescura proporcionada pelas espessas paredes de pedra e pela grande janela corrida sob o beiral, toda aberta para facilitar o arejamento do produto que lá estava. Eram ali guardadas e acabavam de secar trezentas sacas de lã já classificadas; metade de Don Fernando de Covarrubias, a outra metade de Don Sancho Ibáñez, o pai de Berenguela. Don Sancho era um dos comerciantes de Burgos da nova fornada, ainda mal conhecido em Bruges, que tentava fazer nome naquele difícil mercado.

A tarefa de Policarpo, naquela ocasião, consistia em decidir que sacas das acabadas de receber iriam juntar-se às de Don Fernando, já armazenadas, para serem transportadas em conjunto até Portugaleta.

Tirou de um bolso um pequeno livro de contas e uma caixinha de prata com um minúsculo tinteiro e uma pena, e dispôs-se a anotar as sacas já classificadas. As melhores provinham de ovelhas merinas transumantes, e só dos lombos, pescoço e costelas. As de qualidade um pouco inferior mas também de ovelhas merinas eram fornecidas por rebanhos sedentários. O resto, de segunda, terceira e quarta qualidade, vinha de ovelhas bordaleiras, de outras raças de pior velo, ovelhas mortas e a que se obtinha dos carneiros.

Se Don Fernando de Covarrubias tinha conseguido um reconhecido prestígio e, a seu tempo, os melhores clientes estrangeiros, devia-se à sua habilidade para

escolher em pessoa os melhores rebanhos, abastecendo-se assim de uma lã excepcional, com menos de uma décima parte da de menos qualidade e sem segundas, terças nem quartas. Anos mais tarde, Policarpo substituiu-o na tarefa mantendo os mesmos critérios e conseguindo a mesma proporção em termos de qualidade. Mas desde havia cinco campanhas as coisas tinham piorado, e Don Fernando via como todos os anos vendia um produto inferior ao habitual, que chegava a ser uma terça parte do total; ou pelo menos era o que lhe diziam os livros de registo que Policarpo lhe entregava.

Perto do armazém, num outro edifício de menor altura mas maior superfície, encontravam-se as tinas; dois enormes tanques de pedra com sete ou oito côvados de largura e cinco de profundidade, onde se fazia a segunda lavagem das lãs, desta vez com água quente. Uma enorme caldeira de seiscentas arrobas de capacidade encheria aqueles depósitos com água quase a ferver. Primeiro fá-lo-iam com os velos mais sujos; lãs próximas da cauda e do terço posterior do animal, naturalmente mais manchados. E depois, com água temperada para os velos melhores.

Hugo meteu-se na primeira tina, junto com o seu grupo de cinco outros trabalhadores. Transido de frio depois da sua anterior experiência no rio, ao princípio agradeceu a água quente que lhe chegava ao meio do peito, mas o alívio transformou-se em suplício quando o seu corpo deixou de se adaptar à elevada temperatura do líquido. Ao ver que retiravam a escada por onde tinha descido, reclamou aos gritos que o deixassem sair, sem entender como os outros não faziam o mesmo.

– Rapaz, quanto menos te mexeres melhor aguentarás o calor. Cala-te, que o efeito dura pouco! – atirou-lhe um dos companheiros.

– Deitem a primeira cama de lã! – gritou aquele a que chamavam o tineiro-mor. Olhou para Hugo e explicou-lhe o que tinha de fazer a partir de então. –

Dos teus quatro companheiros, dois dedicar-se-ão a afundar a lã e outros dois a revolvê-la e pisá-la. Tu vais juntar-te aos segundos. Volta-se de baixo para cima. Observa primeiro como eles fazem e quando tiveres aprendido começa a trabalhar.

A primeira bola de lã, humedecida no rio, caiu ao mesmo tempo que estas palavras. Os que já tinham experiência evitaram-na, mas Hugo não. Recebeu na cabeça e nos ombros o enorme peso de velo empapado, e afundou-se com ele.

Julgou morrer nas ardentes águas com uma massa informe de um branco-amarelado que lhe tolhia os movimentos nas suas tentativas para se pôr de pé. Esbracejou, enredou-se ainda mais, e já estava prestes a afogar-se quando sentiu que dois braços o puxavam para cima. Um coro de gargalhadas deu-lhe as boas-vindas à vida.

Como havia já dois dias que dormia num carroção, dado que Policarpo recusara dar-lhe cama nas pousadas onde pernoitavam, e passava toda a manhã a levantar o peso de uma incontável quantidade de arrobas de lã molhada, depois daquilo não aguentou mais.

– Atirem-me a escada, vou-me embora! – gritou aos lá de cima. – Não aguento nem mais um minuto. Isto é um inferno!

Contra os seus desejos, o que recebeu não foi a escada e sim um murro na têmpora esquerda que lhe rebentou a sobrancelha. O olhar severo de tineiro-mor e os seus punhos cerrados fizeram-no compreender que continuaria a bater-lhe caso mantivesse a sua atitude. Sangrava tanto da sobrancelha que começou a tingir a água. Alarmado, o tineiro pediu um pano para que tapasse a ferida e não sujasse a lã.

– Aqui trabalha-se. Só terás direito ao almoço se o fizeres.

Hugo engoliu o orgulho e a raiva, observou o que os companheiros faziam e juntou-se a eles.

Uma vez lavadas, as bolas de lã eram tiradas das tinas e colocadas em grandes cestas de vime pousadas em cima de grades de madeira. Em cada cesta entrava um homem que, durante pelo menos três horas, pisava e repisava a lã para que perdesse humidade. A que ia ficando mais seca era retirada das cestas e escorrida à mão sobre uns tabuleiros inclinados, e depois sobre umas lajes de pedra também oblíquas.

O almoço foi o único momento do dia em que Hugo pôde descansar, mas durou só meia hora. Devorou o pedaço de pão que lhe tinha cabido, molhando-o numa espécie de sopa de grão, e bebeu a quartilha de mau vinho que lhe deram como se fosse o melhor néctar do mundo. Enquanto comia, pensava que, por muito duro que o trabalho fosse, o que mais o preocupava era a sua finalidade. Se o pai pensava que daquela maneira ia fazê-lo mudar de atitude, estava muito enganado. Lavar lãs, carregá-las, ou cumprir intermináveis jornadas de trabalho só conseguiria minar-lhe as forças, mas não o seu empenho em procurar outro

destino longe daquele negócio. Podia conhecer até ao último pormenor a empresa do pai, mas nunca a amaria, porque não era o que queria. Ponderou o que fazer: aguentar durante algum tempo e fazer tudo o que lhe mandassem, protestar e recusar obedecer, ou fugir. Não lhe restavam muitas mais alternativas. Avaliou as três opções e tomou uma decisão, mas que não levaria a cabo de imediato; esperaria.

Continuaram a trabalhar toda a tarde até perto das nove, quando anoiteceu. Depois de terem escorrido a lã sobre as lajes, tiveram de pegar nela e levá-la para o campo onde, seguindo as instruções de Genaro, formaram pequenos montes a que alguém chamou vinhas. Ao cabo de hora e meia de espera, iriam estendê-la no chão. No dia seguinte, a meio da manhã, teriam de ir voltá-la, e repetiriam este mesmo processo durante três dias, três sóis e três voltas mais, até conseguirem montes de arroba e meia de lã seca. A partir de então só faltava estivar, ou apertar a lã, para em seguida ensacá-la com um grande pano chamado *marga* que, uma vez cosido, dava forma a uma saca de oito arrobas e meia, pronta para ser marcada com ocre e posteriormente transportada. Graças ao ocre, cada saca ficava marcada com o nome do proprietário e a qualidade do velo.

Hugo levou o pedaço de queijo e o biscoito que lhe tinham dado ao jantar para o catre onde dormiria num barracão com mais uma centena de trabalhadores. Sem quase ter acabado de comê-los, caiu num sono profundo.

Não tinha passado nem uma hora quando dois homens saíram do armazém onde estavam guardadas as sacas. Um, com dez dobras de ouro no bolso, o outro a embrulhar o lacre num pano.

– É um prazer negociar contigo – disse o anão em jeito de despedida.

Policarpo Ruiz, o homem de confiança de Don Fernando de Covarrubias, limitou-se a responder com um sorriso.

Capítulo 4

A caminho de Portugalete. Senhorio da Biscaia. Junho de 1474

A Junta y Hermandad de Carreteros de Burgos y Soria tinha o exclusivo do transporte da lã desde os lavadouros do reino de Castela até aos portos da Transierra, Santander, Laredo e Castro Urdiales, ou para o do senhorio da Biscaia. Para isso dispunha de mais de oito mil carroções e cerca de vinte mil bois, e por onde aquelas longas caravanas passavam eram regra geral mal recebidas, devido aos privilégios que a Coroa concedia àquele tipo de transporte: isenção de impostos, utilização livre de pastagens, o direito de abater as árvores de que necessitavam para reparar os carroções e muitas outras prebendas que agradavam muito pouco aos habitantes e povoados que os viam chegar.

A comitiva contratada pelo feitor de Don Fernando de Covarrubias era composta naquela ocasião por sessenta carroções e mais de duzentas pessoas, todas elas encarregadas de levar a preciosa carga ao seu destino. Tinham partido ao alvorecer do último dia de Junho, depois de atrelados os bois e decidida a ordem dos carroções. Além dos cento e vinte bois de tracção, havia mais dez de recurso, três cavalos para os maioraes, uma dezena de burros, uma vaca leiteira e uma vintena de carneiros que seriam consumidos durante o trajecto. Os últimos quatro carroções transportavam as mais variadas ferramentas, aveia e alfarroba para os bois, caçarolas e outros utensílios de cozinha para dar de comer a toda aquela gente.

Por volta das dez da manhã, Hugo, sentado numa das cinco sacas que cada carroção podia carregar, conversava com um ganhão da sua idade enquanto o maioral empunhava as rédeas. Com ele ia um carpinteiro encarregado de consertar e repor as peças que se iam partindo pelo caminho. Além daqueles dois funcionários com funções bem definidas, a irmandade tinha um pasteiro para cada cinco carroções cuja tarefa era prever e localizar bebedouros e pasto para os animais.

– Nunca imaginei que me pudessem doer todos os músculos do corpo ao mesmo tempo, nem que não saberia encontrar uma posição para não os sentir...
– queixou-se enquanto esticava com cuidado as pernas para evitar novas câibras.

Na tarde anterior, sessenta ganhões, sem mais ajuda que os seus braços e costas, tinham carregado os carros com as trezentas sacas, nada menos que duas mil quinhentas e cinquenta arrobas de peso. Levavam quatro horas de viagem sem descanso, e segundo lhes disseram ainda faltava uma antes de pararem para o primeiro desatrelamento dos animais.

– Carregar às costas uma destas sacas é duro, mas imagina içá-las a pulso para os carroções, como tive de fazer ontem. Este é um trabalho para homens, não para rapazinhos! Chamo-me Bruno... – comentou o outro, de mau humor.

Hugo não lho levou a mal. Talvez aquele Bruno fosse um pouco fanfarrão, mas não parecia mau rapaz. Tinha-lhe dito que era de Pancorbo, uma povoação pertencente à Hermandad de Álava, por onde iam passar dois dias depois de atravessarem Burgos.

Começavam a descer a longa encosta, e como o carroção em que viajava era dos últimos, pôde ver a caravana completa. Surpreendeu-se ao descobri-la tão comprida.

– Há quem diga que és filho do dono de toda esta lã... – resmungou o ganhão, a olhá-lo de soslaio.

– E dizem bem. Com efeito, pertence ao meu pai.

O rapaz apreciou a franqueza, e como também não era de andar com rodeios, não pensou demasiado na pergunta seguinte.

– Então vieste espiar-nos? – Apertou a mandíbula e ensombreceu o olhar. – Se dizes mal de mim e me tiram o trabalho, juro que te racho de alto a baixo e depois esfolo-te como a um coelho.

Hugo contou-lhe por que razão estava na caravana. Não entrou em pormenores, mas deu-lhe as explicações suficientes para que Bruno ficasse com uma ideia da situação.

– Que grande cabrão me saíste...! Tinhas tudo na vida, nunca passaste necessidades nem apertos, dão-te a oportunidade de ter um futuro incrível, cheio de luxos, imagino, e tu mandas tudo à merda.

As conclusões de Bruno reflectiam espontaneidade, mas também uma boa dose de sensatez.

Hugo olhou para a linha do horizonte, sem se fixar em nenhum ponto em concreto.

– Tens razão, devo ser um bom cabrão – limitou-se a repetir a conclusão do ganhão, fugindo a entrar em mais explicações.

– Podes apostar que sim – bufou o outro, sem querer acreditar no que acabava de ouvir. – Ao meu pai caíram-lhe todos os dentes e o cabelo antes dos trinta anos. Foi o resultado de ter uma mulher e seis filhos e de ter perdido o trabalho nas terras do conde. Eu sou o mais velho, e talvez por isso me lembre melhor daquela época do que os meus irmãos. Na altura tinha oito anos. Lembro-me de que a minha mãe usava o mesmo espinhaço de porco para a sopa que fazia todos os dias, e durava-lhe uma semana. Quando nos expulsaram de nossa casa tivemos de dormir ao relento, debaixo das estrelas, procurando refúgio em qualquer sítio. Os meus irmãos mais pequenos passavam tanta fome que muitos dias tinha de ir buscá-los às pocilgas, porque lutavam com os porcos para roubar-lhes a comida. Depois de perder o trabalho, o meu pai nunca mais conseguiu outro, tudo porque um dia insultou o conde ao passar. Eu estava com ele, e garanto-te que nesse dia aprendi uma lição que nunca esquecerei. O meu pai atirou-lhe à cara uma coisa, uma só coisa: ter-lhe roubado a liberdade.

Aquela última reflexão deixou Hugo pensativo.

– Com que idade começaste a trabalhar?

– Nisto dos carroções, só há dois anos, mas antes limpei estábulos de ovelhas desde os dez. E os meus irmãos quando chegaram a essa idade fizeram o mesmo. Agora, entre quatro, conseguimos alimentar a família, mas mesmo assim somos pobres. – Os seus olhos escuros cravaram-se nos de Hugo, a tentar adivinhar o efeito daquelas palavras. – Nem sei para que estou a contar-te tudo isto, tu não sabes o que significa uma pessoa sentir-se pobre.

– Se como muito bem disse o teu pai a pobreza é a perda da liberdade, sinto-me tão pobre como vocês... – argumentou Hugo.

– Curiosa situação a nossa – assentiu o moço. – Tu trabalhas como castigo, e eu para fugir ao castigo da fome, e no entanto ambos procuramos a nossa liberdade.

A conversa foi interrompida por Policarpo, que se dirigia para eles a cavalo com a intenção de dar novas instruções a Hugo para quando se detivessem. Mas não chegou lá. Ouviu-se o estalo de uma roda partida num dos carroções que

encabeçavam a fila e todos viram como a carga se espalhava pelo campo e, pior ainda, pelo leito de um arroio. O feitor cravou os calcanhares das botas nos flancos do cavalo e galopou até ao local do percalço.

Bruno viu-o afastar-se e praguejou entredentes.

– Como te dás com esse?

– Nem bem nem mal. Ele obedece às ordens do meu pai e eu obedeço às dele. Trabalha para a família desde há não sei quantos anos, mas nunca tivemos muito contacto. O meu pai tem plena confiança nele.

Bruno hesitou, sem saber se devia ou não falar. Simpatizava com aquele jovem, não lhe parecia o típico menino mimado e mostrava ter carácter. Mas não queria arriscar-se a perder o trabalho se contasse coisas que mais tarde pudessem prejudicá-lo. Olhou para a marca feita a ocre da saca em cima da qual estava sentado, e atrás dela as outras que o carroção transportava. Eram todas de segunda qualidade. Mordeu os lábios e ponderou que palavras usar, mas no fim disse:

– Vigia-o de perto... e não confies muito nele.

O acidente obrigou a caravana a deter-se e precipitou a primeira pausa do dia. Os bois foram desatrelados e levados para o campo onde, durante as três horas seguintes, poderiam pastar, descansar e ruminar à vontade. Entretanto, os carpinteiros revistavam todas as peças dos carroções, reparavam ou substituíam as partidas e lubrificavam os eixos com sebo.

Os três maiores montaram os seus cavalos e adiantaram-se até ao povoado seguinte, para mostrar as suas cédulas e privilégios às autoridades ou justiças locais, comprar comida fresca e estudar o estado das passagens e caminhos.

Hugo soube que naquele dia haveria uma nova paragem a meio da tarde e uma terceira para passar a noite, regra geral ao relento, com os carroções em círculo e os bois no interior. Assim passaram a primeira noite da viagem, perto de um povoado chamado Ibeas de Juarros, a escassa meia jornada de Burgos. Hugo provou a comida tradicional daquela caravana, a que chamavam *ajo carretero*: um delicioso guisado de carneiro cozinhado numa panela e que uma vez pronto se separava, começando por comer a carne e depois a sopa. Tudo isto à volta de uma fogueira, dentro do círculo formado pelos carroções. Apreciou o jantar, a camaradagem entre carreteiros e ganhões, os chistes que se trocaram e a música que encerrou a noite com um coro de canções populares. Observou como Bruno

namoriscava uma moça, filha de algum dos carreteiros que viajavam com as famílias, e perguntou-se o que estaria a fazer Berenguela, não muito longe do sítio onde ele se encontrava. Só tinham passado algumas semanas desde a despedida, mas já tinha saudades da sua conversa e companhia.



Berenguela ouviu vozes na biblioteca de sua casa. Uma era a do pai, a outra demasiado familiar para que aguentasse mais tempo sem saber a quem pertencia. Avançou sem ruído pelo corredor e ao chegar à biblioteca colou o ouvido à porta. Quando se preparava para ouvir o que se dizia, assustou-se ao sentir *Canelilla* enroscada nas suas pernas. Afastou-a com gestos para impedir que um dos seus miados a denunciasse. O animal pareceu compreender, pois afastou-se pelo corredor aos saltinhos, o que animou a jovem a voltar a encostar o ouvido à madeira. Não conseguia perceber o que diziam, mas teve um primeiro sobressalto quando lhe pareceu que a voz do convidado era a de Hugo. Fechou os olhos para concentrar-se e ouviu o pai dizer qualquer coisa parecida com «vamos então em frente» e o outro brindar à proposta. Ouviu os copos de vidro entrechocarem-se e, para maior confusão, o seu nome pronunciado pelo incógnito visitante, acompanhado por um pedido de autorização para vê-la. Correu de volta à saleta onde estava entretida com uma costura e aguardou com o coração acelerado. Ouviu passos. Não percebia nada. Teria jurado que era a voz de Hugo. Mas, se isso fosse verdade, como era possível que estivesse ali a falar com o pai em vez de cumprir as ordens de Don Fernando de Covarrubias?

Concentrou-se no trabalho mas, levada pelos nervos, errou o primeiro ponto, picando-se num dedo. Quando a porta se abriu e viu o pai com Damián de Covarrubias, o irmão adoptivo de Hugo, teve uma amarga sensação.

– Boas noites, filha. Olha quem cá está.

Damián sorriu e aproximou-se para lhe beijar a mão. Berenguela ofereceu-lhe a contrária à do dedo ferido, que estava a chupar, bastante desconcertada. Não percebia o que fazia ele em sua casa, e muito menos àquela hora e em conversa com o pai.

– Sabes alguma coisa do Hugo? – foi a única pergunta que lhe ocorreu fazer.

– Que hei-de saber? – respondeu Damián, num tom seco. – Conhecendo-o como o conheço diria que onde quer que esteja estará a queixar-se, ou a importunar alguma dama, como fez em Medina.

Berenguela franziu o sobrolho.

– Escuta-me bem, minha filha. Não sei se já sabes, mas Don Fernando decidiu confiar as rédeas do seu negócio a Damián, e aqui onde o vês acaba de pedir-me autorização para visitar-te a partir de agora. Claro que de boa vontade lha dei.

Don Sancho piscou-lhe um olho ao fazer o anúncio. Ela não gostou do gesto, mas menos ainda que servisse para acompanhar a pior notícia do mundo. Conhecia Damián e nunca se tinha sentido atraída por ele, entre outras coisas porque desde muito pequena aquele que na verdade adorava era o irmão. Tinha consciência de que a maioria das jovens da sua idade teria matado para ser a destinatária daquela declaração de intenções, uma vez que, dos dois irmãos, Damián era o mais bem-parecido e gentil. Não se podia pedir mais a um pretendente, se ainda por cima acabava de herdar um dos maiores impérios económicos de Burgos. Mas nunca conseguira simpatizar com ele, talvez devido às coisas que Hugo lhe contara a respeito do irmão adoptivo, coisas não muito abonatórias.

– Meu pai – disse, evitando olhar para Damián –, aprecio a vossa confiança em mim, mas...

– Não há mas! – atalhou Don Sancho, sem a deixar falar, para dirigir-se ao visitante. – Damián, podes vir quando quiseres ver a minha filha, passear com ela e conhecerem-se um ao outro. Sê bem-vindo à nossa família.

Berenguela ficou muda e incomodada com a atitude do pai, com quem falaria depois de Damián se ter ido embora. Sorriu por obrigação, deixou que ele voltasse a beijar-lhe a mão, e sem poder dizer palavra recebeu um convite para um passeio a cavalo no dia seguinte pela margem do rio Arlanzón. Julgou entender que para ver as novas obras da cartuxa de Santa María de Miraflores, porque a este último pormenor não deu a mínima atenção.

– Virei buscar-te às quatro da tarde.

– Estará pronta – respondeu Don Sancho, adiantando-se à filha. O jovem parecia exultante. – Acompanho-te até à porta.

Don Sancho deu o braço a Damián com uma familiaridade que a ela não agradou nada. Por isso, quando ficou sozinha suspirou angustiada, consciente dos perigos que o seu coração enfrentava. Lembrou-se de Hugo e uma lágrima correu-lhe pela face, a primeira de um longo soluço.

Ao ouvi-la, *Canelilla* levantou a cabeça, aproximou-se e brindou-a com um afectuoso ronrom.

Capítulo 5

Portugalete. Senhorio da Biscaia. Julho de 1474

O entreposto de Portugalete não era tão grande como o da cidade de Santander, com os seus mais cinco mil pés quadrados e principal porto de saída da lã de Castela, mas nos últimos tempos estava a aproximar-se. Alguns comerciantes escolhiam-no para guardar as suas preciosas sacas de lã até ao embarque devido ao seu menor custo: cerca de setenta maravedis por unidade contra os oitenta de Santander. Mas também em atenção às preferências de alguns comandantes de navios mercantes. Foi lá que chegou a caravana em que Hugo seguia, seis dias depois de sair do lavadouro de Pineda de la Sierra.

Tiveram de descarregar as trezentas sacas, Hugo como os outros, deixando metade da pele das costas no empreendimento. O áspero tecido de que eram feitas, em contacto com a pele nua e com a ajuda do calor que fazia, acabaram por deixar-lhas em carne viva. Com o seu agora amigo Bruno, compreendeu e partilhou a dureza daquele último passo no transporte da lã, o que os uniu ainda mais. Tanto que, na última noite antes de chegarem ao porto, o ganhão não conseguiu aguentar por mais tempo a sua anterior prudência e acabou por confessar as suas dúvidas quanto à maneira de proceder de Policarpo. Em consequência disto, Hugo ficou a saber que no armazém do lavadouro o respectivo responsável – o *Anão* – e Policarpo tinham sido muitas vezes vistos a trocar sacas que ainda não estavam marcadas: as do pai por outras que ali se guardavam. «De um tal Sancho Ibáñez», dissera Bruno, sem saber que Hugo sabia muito bem de quem se tratava. «E há pagamentos muito substanciais pelo meio.»

A descoberta daquele penoso engano tinha-o deixado sem dormir.

Uma coisa era não gostar de trabalhar com lãs, e outra muito diferente saber que o homem de maior confiança do pai andava a traí-lo, e que o pai de Berenguela talvez estivesse envolvido, um suposto amigo da família.

Policarpo tinha abandonado o entreposto antes de acabarem de descarregar os carroções para ir pagar a portagem da cidade, aos carreteiros e os direitos portuários; gestões prévias ao embarque, pelo qual receberia dezassete maravedis por saca, além do soldo que Don Fernando lhe pagava todas as semanas como seu empregado. Por aquele transporte até Portugaleta, Policarpo receberia quatro mil e duzentos maravedis; uma boa maquia comparada com os cinquenta que um ganhão ganhava com o seu trabalho.

A informação obtida através de Bruno confrontara Hugo com uma detestável realidade, mas precisava de provas antes de levá-la ao conhecimento do pai. *Como consegui-las?*, perguntava-se enquanto esperava no armazém que Policarpo voltasse. Bruno deixara-o havia mais de duas horas para ir carregar os carroções para o regresso a Burgos, desta vez com peixe seco e manufacturas de ferro. Os dois tinham-se despedido com palavras de ânimo.

– Lamento ter-te julgado mal antes de conhecer as tuas razões – dissera-lhe Bruno. – Não tenho muitos amigos, são até muito poucos, e gostaria de contar-te entre eles. Se passares por Pancorbo ou se voltarem a meter-te nestas lides de lãs e carroções, procura-me. Gostaria de saber de ti.

Hugo garantira que assim faria antes de lhe apertar a mão com força. Passara o resto da manhã a dormir no armazém, e a tarde ia a meio quando Policarpo apareceu.

Sem muitas explicações, mandou que o seguisse a pé, enquanto ele percorria a cavalo as ruas do porto em busca de uma pousada onde passar as quatro noites até ao embarque para Bruges. Deixaram para trás mais uma rua cheia de mulheres de vida alegre, algumas enroscadas em tipos dispostos a pagar pelos seus favores ali, e outras que se lhes ofereceram mostrando sem pudor os seus melhores argumentos, debaixo de camisas meio abertas.

A pousada Ugaleta devia ser a de melhor alojamento da cidade, tendo em conta o bom gosto das instalações e a sua situação, frente ao molhe principal do porto. O proprietário cumprimentou Policarpo com bastante confiança, própria de quem está na presença de um bom cliente. Ofereceu-lhe o melhor quarto, como sempre, conforme afirmou, e ao rapaz o contíguo. Hugo gostou do seu, espantado por não se ver a dormir nas cavaliças, dado o tratamento que até então lhe fora dispensado.

Ficaram para comer qualquer coisa na pousada, já por volta das nove da noite.

Durante a ceia, Policarpo quase não o deixou falar, alongando-se sobre aquilo que já tinha feito e o que faltava fazer até embarcar as sacas nos porões de uma nau, fretada de acordo com as normas estabelecidas pelo Consulado de Comerciantes de Burgos. Hugo ficou a saber que o preço do serviço e os custos do seguro, bem como as restantes condições, não eram negociáveis. Os cônsules de Burgos estabeleciam-nos uma vez por ano e os armadores dos portos cantábricos e biscainhos ratificavam-nos. Hugo escutava sem conseguir afastar da cabeça as dúvidas sobre a honestidade do homem. Não sabia o que fazer; se abordar o assunto, ou calar-se e esperar uma melhor oportunidade e apanhá-lo em flagrante.

Pelo que ficara a saber graças a Bruno, o logro consistia em trocar as sacas de lã de melhor qualidade – a de ovelhas merinas transumantes – por outras de pior velo, o que favorecia o pai de Berenguela, que tendo pagado menos pelas de terceira, com a permuta vendia as suas a melhor preço. Calculou que por cada saca podia estar a ganhar um extra de cinco mil maravedis, os mesmos que o pai perderia; uma fortuna. Conhecia Don Sancho Ibáñez desde muito pequeno, dada a sua amizade com a filha, embora nunca tivesse trocado com ele mais de seis palavras seguidas. No entanto, sempre o tivera por um homem íntegro. Que o teria levado a meter-se naquela escura trama de enganos?

Quando o pai soubesse o que se passava nas suas costas e quem estava por trás de tudo aquilo, ia haver escândalo. Mas como fazer-lhe chegar a mensagem? Segundo os planos de Policarpo, dentro de poucos dias embarcariam para Bruges, e quem sabia quando voltariam. Em breve não seria, isso era certo. Tinha de arranjar maneira antes de zarpar, ou, se não, fugir. Sentia-se confuso. Voltou a prestar atenção ao seu interlocutor. Policarpo explicava os pormenores do navio em que iam viajar, e ao princípio Hugo interessou-se, mas durou pouco; pôs-se a pensar em como poderia enviar um correio quando não tinha dinheiro para lhe pagar.

Chegados à sobremesa, Hugo devorou um pastel de maçã ainda quente e metade do que o companheiro de mesa não acabou; o grande esforço físico que fizera naquela manhã deixara-o esfomeado. Continuava a comer quando os sinos da igreja vizinha começaram a tocar; à décima badalada, Policarpo levantou-se da mesa e, sem mais cerimónias, despediu-se dele até à manhã seguinte. Hugo não tardou a segui-lo. Saía da sala de jantar rumo ao seu quarto quando viu

Policarpo à porta da pousada a cumprimentar um homem, e alguma coisa o deteve. Havia pouca luz, mas aquela silhueta pareceu-lhe familiar. Escondeu-se ao vê-los entrar, decidido a averiguar quem era o sujeito. Os dois subiram a escada que dava acesso aos quartos e ele fez o mesmo segundos depois. Entraram no quarto de Policarpo e ele no do lado. Fechou a porta, procurou a parede que separava os dois, colou a orelha ao estuque e ouviu vozes, mas não tão nítidas que desse para perceber o que diziam. Dominado pela necessidade de apanhar todos os pormenores daquela conversa, para o caso de lhe proporcionarem quaisquer provas que pudesse enviar ao pai, estudou que outras possibilidades tinha.

Abriu as portas da varanda com extremo cuidado, para não fazer ruído, e ao olhar para a esquerda viu a varanda vizinha. Hesitou: ainda era um bom salto, e receou cair. Não viu ninguém na rua. Subiu para a balaustrada de ferro agarrando-se a uma saliência da parede e verificou que mesmo esticando a perna ao máximo não conseguia chegar à outra. Ia ter de saltar. Voltou a olhar para a rua e viu um casal que passava por baixo. Não estava muito alto, mas uma queda podia ser perigosa, e se por acaso alguém o descobrisse, poderia alertar para a sua presença os que estavam no interior do quarto. Esperou que o casal se afastasse, armou-se de coragem, inspirou fundo e saltou para a outra varanda. Caiu mal, mas dentro. Magoou os pulsos, suspirou aliviado, e sem perder mais um segundo espreitou através do vidro. Graças a uma fresta nas cortinas, viu Policarpo, mas não o outro. Colou o ouvido à janela e agora sim, conseguiu ouvir com toda a nitidez o que diziam.

– Tal como combinámos, quando chegares a Bruges deves entrar em contacto com este homem. – Hugo viu que Policarpo recebia um papel. – Ele encarregar-se-á de espalhar a notícia sobre a má qualidade das lãs do teu patrão, e do engano na marcação, para que os vossos clientes procurem um novo fornecedor para esta campanha. O nosso feitor em Bruges apresentar-se-á no momento mais oportuno para oferecer as nossas.

– E eu, quando recebo? – perguntou Policarpo.

O tom da voz denunciava uma grande confiança com o seu interlocutor. Se ao menos conseguisse vê-lo... Hugo procurou um melhor ângulo e, graças a uma ligeira mudança de posição do desconhecido, o indivíduo surgiu de repente no seu campo de visão. Não sabia o seu nome, mas tinha-o visto mais de uma

dezena de vezes em casa de Berenguela; era o feitor de Don Sancho Ibáñez. Com a presença do homem, a sua conversa e intenções, tinha a confirmação definitiva da deslealdade de Policarpo. Viu que os dois homens se punham de pé para se despedirem e decidiu voltar à sua varanda. Subiu com cuidado para a balaustrada, e foi então que da rua alguém gritou:

– Não o faça!

– Jovem, não seja louco, não salte! – exclamou uma segunda voz.

Hugo viu dois homens com os olhos postos nele. Consciente do aperto em que o tinham metido, o coração parou-lhe no peito quando ouviu barulho do outro lado da porta da varanda. Mas o seu terror foi ainda maior quando a maçaneta começou a rodar. Se continuasse ali, Policarpo e o sócio encontrá-lo-iam, e nada podia justificar a sua presença. Saberiam que os tinha ouvido e a sua vida ficaria em perigo. Tomou a decisão de saltar para o vazio um segundo antes de Policarpo conseguir agarrar-lhe a camisa.

– Vou-te matar, maldito filho-da-puta! – ouviu-o dizer.

Caiu de pernas flectidas, rolou para um lado e por sorte não partiu nada. Julgando tratar-se de uma tentativa de suicídio, os dois transeuntes correram a ajudá-lo, mas ele conseguiu safar-se sem perder tempo com explicações e correu para o interior da vila. Calculava que em poucos segundos teria Policarpo e o outro feitor no seu encalço. Sabia que o tinham reconhecido. Agora, a sua única possibilidade de escapar era encontrar um refúgio onde pudesse despistá-los, porque se não o conseguisse mais tarde ou mais cedo acabariam por dar-lhe caça.

Com a certeza de que estava a arriscar o pescoço, procurou um canto onde resguardar-se, mas não encontrou nada seguro. Começou a ouvir vozes, e entre elas a de Policarpo, que oferecia mil maravedis a quem o apanhasse. As coisas não podiam pôr-se mais feias. Acelerou a corrida até notar que ganhava algum terreno. Os seus perseguidores tinham-se dispersado para não deixarem nenhuma rua por explorar, e por sorte não sentiu nenhum próximo. Sem abrandar a marcha, pouco depois viu que deixava para trás as últimas casas e à sua frente se estendia um escuro bosque; ali estaria a salvo. A noite cerrada e o céu encoberto ajudaram-no, ao princípio, a passar despercebido, mas também o impediam de ver fosse o que fosse no meio das árvores, e mais de uma vez chocou com um ramo baixo ou tombou no chão depois de tropeçar numa pedra. Mesmo assim

continuou a correr e, ao cabo de umas dezenas de metros, encontrou-se no meio de um caminho.

Olhou para um lado e para o outro e viu, à sua esquerda, um carroção. Correu o mais silenciosamente que pôde e quando o alcançou verificou que transportava trigo. Subiu com cuidado para não o desequilibrar, o que alertaria o condutor, e escondeu-se debaixo do cereal, deixando de fora apenas a boca e o nariz.

Com a tensão a atazanar-lhe os músculos e o medo a ferrar-lhe as entranhas, teve de passar um bom pedaço para que deixasse de sentir a ameaça dos seus perseguidores e pudesse respirar mais tranquilo. Não sabia para onde o levaria aquele carroção nem o que ia fazer depois. Não tinha dinheiro, nem maneira de voltar a Burgos. Mas ia conseguir, prometeu a si mesmo; faria tudo para voltar a casa. O pai era um homem honesto e não merecia que o enganassem. Disse para consigo que o ajudaria, e por uma vez sentiu que o pai precisava dele.



Em Portugaleta, à porta da pousada Ugaleta, Policarpo estava histérico. Ao cabo de quatro horas de busca, ninguém vira Hugo.

O problema era descomunal.

O rapaz não podia ter-se esfumado e era imprescindível encontrá-lo.

Se conseguisse escapar e o patrão se inteirasse das suas artimanhas, estava perdido. No melhor dos casos, iria dar com os ossos na prisão, conheceria o desterro ou, pior ainda, podia até ser executado. Mandou quatro homens revistarem todos os navios que estavam no porto, para o caso de se ter escondido num deles, e a outros três, a que pagou com generosidade, mandou-os investigar se alguém tinha abandonado a vila nas últimas horas, em qualquer tipo de transporte.

Com o olhar perdido na foz do rio Nervión e à espera de alguma notícia, estava tão nervoso que mal conseguia escutar o sócio em tão escuros negócios.

– Logo que amanheça vou contratar meia dúzia de homens, bem armados, para que percorram a cavalo todos os caminhos que levam a Burgos – dizia o feitor de Don Sancho Ibáñez. – Irão com uma só ordem: fazê-lo desaparecer. Se ouviu a nossa conversa e me reconheceu, o que parece evidente dada a sua fuga, há-de tentar chegar ao pai.

– Estou de acordo, Ramiro. Esse rapaz tem de morrer, e o mais depressa possível.

Capítulo 6

Porto de Bermeo. Senhorio da Biscaia. Julho de 1474

Hugo adivinhou que estavam a chegar a um porto sem necessidade de ver.

O cheiro a mar não deixava lugar a dúvidas.

Quando o seu transporte se deteve diante de um forno de pão, saltou do carroção sem ser visto. Apesar das horas que conseguira dormir, tinha o corpo entorpecido. Dobrou a primeira esquina à sua esquerda e caminhou a passo estugado em direcção à parte baixa da vila, em busca do mar. Sentia-se a salvo. Depois da sua saída de Portugalete, não vira sinais de perigo nem rasto de perseguidores. Em contrapartida, não fazia ideia de onde se encontrava nem o que fazer sem uma única moeda no bolso.

Percorreu algumas ruas daquele lugar a que ainda não podia dar um nome, assombrado pela nobreza das suas edificações, e deixou de contar as torres defensivas por que tinha passado quando chegou às vinte e oito. Todas reunidas ao abrigo de uma poderosa muralha que cinturava a povoação. Mas foi ao dar com o porto e ao verificar a quantidade e tamanho dos navios ali fundeados que se apercebeu da importância do lugar; sem dúvida muito mais forte do que Bilbao ou Portugalete. Eram mais de meia centena dos mais diversos calados, desde chalupas e naus de três mastros.

Começava a amanhecer quando ouviu um coro de vozes nas suas costas.

Voltou-se e avistou uma vintena de homens que se dirigiam em procissão para a vila. Sem outra coisa melhor que fazer, seguiu-os em silêncio, cheio de curiosidade. Mudou de opinião depois de passar a muralha, ao descobrir que o destino era uma ermida rectangular. Dirigiu-se a um homem de meia-idade, robusto como um carvalho e de cabelo emaranhado. Tinha feito a seu lado metade do percurso.

– Perdoai, vai com certeza parecer-vos estranha a minha pergunta, mas poderíeis dizer-me onde estou e o que significa esta comitiva?

O homem mirou Hugo de cima a baixo, espantado. Pensou que talvez estivesse louco, embora não lhe parecesse. Respondeu-lhe primeiro numa linguagem incompreensível, mas ao notar a sua expressão de perplexidade mudou para castelhano.

– Estás em Bermeo, e como membros da Confradía de Pescadores y Mareantes de San Pedro, reunimo-nos todas as terças-feiras na ermida de Santa Marina. E agora deixa-me em paz, que chego atrasado!

Hugo afastou-se para dar-lhe passagem, mas antes de vê-lo desaparecer ocorreu-lhe uma coisa.

– Preciso de trabalho! – gritou. – Podeis ajudar-me?

O homem voltou-se, franziu os olhos, coçou o nariz como se estivesse a avaliar a capacidade do jovem e acabou por responder.

– Passa pelo porto por volta das onze e procura a embarcação de Unai.

– E como reconhecerei esse Unai?

– Estás a falar com ele.

O pescador fez meia volta e desapareceu no interior da ermida.

Hugo sentiu-se feliz com o resultado da conversa. Ao fim e ao cabo, até tivera sorte: davam-lhe trabalho, e com os primeiros reais que conseguisse juntar, regressaria a Burgos e a casa.

Como tinha mais de três horas até à entrevista com o tal Unai, começou a caminhar sem destino certo. Deu três ou quatro voltas pelo povoado antes de o deixar para trás e rumar a oeste. Foi seguindo a costa até chegar a uma extraordinária ponta rochosa de onde se avistava o mar, uma grande ilhota a oriente e, a poente, uma curiosa fortaleza encravada num promontório ligado a terra por uma fina linha de pedra. Precisava de caminhar, apanhar ar, pensar. Sem conseguir afastar do pensamento o que acontecera em Portugalete, angustiava-o a ideia de não chegar a Burgos antes de Policarpo – que imaginava já a galope para lá – para que o pai conhecesse a verdade em primeira mão da sua boca. Mas o mais provável era não conseguir, pensou. Não tinha cavalo, nem dinheiro, e quando muito levava-lhe meio dia de avanço.

Quando voltou ao porto procurou o barco de Unai.

Explicaram-lhe que fundeava na ponta do molhe. «Uma pinaça encarnada», disseram-lhe. Com aquelas indicações e o seu escasso conhecimento das coisas náuticas, teve de voltar a perguntar antes de chegar ao fim do pontão e ver três

embarcações da mesma cor. Um velho pescador indicou-lhe que se tratava da última. Ali encontrou o homem com que tinha falado às primeiras horas da manhã. Estava a empilhar umas caixas de madeira bastante desconjuntadas.

– Tal como me dissestes, são onze horas e aqui estou – disse Hugo, erguendo a voz.

O homem arregaçou as mangas da camisola esbranquiçada, olhou para o molhe, tirou a *txapela* e antes de falar cuspiu por cima da borda.

– Que sabes fazer, rapaz?

Hugo ficou sem fala. A pergunta era lógica, mas como até àquele momento nunca ninguém lha tinha feito de uma maneira tão directa, deu-se de repente conta de que não sabia responder. Não sabia fazer nada, era essa a conclusão. Mas não lhe pareceu prudente confessá-lo.

– De tudo um pouco... – foi o que lhe ocorreu dizer.

O tal Unai deu um estalo com a língua, puxou as pontas do comprido bigode, e Hugo não percebeu o que lhe disse a seguir, mas pareceu-lhe muito mau. No entanto, pouco depois o pescador pareceu apiedar-se dele.

– Anda, sobe a bordo e pega nessas cordas. Vais repor os anzóis perdidos. Pagar-te-ei vinte brancas se fores capaz de acabar tudo antes do anoitecer. Embora duvide...

A Hugo pareceu-lhe pouco dinheiro, pois em maravedis não passava de dez, muito menos do que podia ganhar numa hora qualquer empregado do seu pai. Assumiu que o que ia ganhar não seria o suficiente para pagar o regresso a casa, mas calou-se. Procuraria outro trabalho na manhã seguinte. Desceu por uma escada de madeira até ao convés e dirigiu-se para um grande monte de cordas enroladas. Antes que abrisse a boca, Unai entregou-lhe uma fina agulha de osso, um novelo de fio de linho e uma caixa cheia de anzóis. O pescador ensinou-lhe o que tinha de fazer.

– Usamos essas cordas para a pesca do besugo. São muito compridas, com quase vinte braças cada. Como verás, cada corda tem atadas outras mais curtas, no fim das quais devia haver um anzol. No total, são vinte dezenas de anzóis por corda. Vais passá-las uma a uma, e onde faltarem, cose-los. Ao menos sabes coser, não?

Hugo mentiu para não fazer uma figura ridícula, mas não fazia a mais pequena ideia. Mas mesmo assim Unai adivinhou-o, e ainda mais ao olhar-lhe para as

mãos: tirando um ou outro corte, pareciam as de uma rapariga.

– Mas de onde diabo saíste tu que pareces nunca ter trabalhado na vida? Estás a fazer-me perder a manhã e a paciência. Não sei se não seria melhor mandar-te para o inferno.

– Peço-vos por favor, aprenderei. Sou de Burgos e...

– Um castelhano e, pelos vistos, dos finos! – comentou Unai, trocista. – És um estudante, ou pior ainda, um cura? Olha que se me dizes que sim a qualquer destas coisas ponho-te fora desta pinaça com um pontapé no cu... Aqui trabalha-se.

Hugo negou que fosse estudante ou padre, e acabou por confessar-se fazendo um rápido relato dos acontecimentos que o tinham levado até ali. Unai, que era um homem pouco lido mas de bom coração, acreditou. Os problemas do rapaz com o pai e consigo e os perigos que aparentemente o acossavam eram difíceis de entender, mas pareceu-lhe sincero. E isso lhe bastava. Ensinou-o a usar a agulha e o fio de linho, a fazer o género de nó que a costura exigia. E quando acabou deu-lhe uma palmada nas costas com tanta força que Hugo ficou sem respiração.

– Rapaz, a um homem de verdade não há nada que lhe resista se puser no empreendimento suficiente esforço e empenho. É Unai quem to diz. Tudo o que vês à tua volta consegui-o sem mais ajuda do que estas mãos e os meus tomates... – Passou pelo barco um olhar cheio de orgulho. – Pensa nisso – concluiu, antes de abandonar a pinaça para ir buscar uns aparelhos.

Sentado no húmido convés e com a ajuda de um dia limpo, Hugo dedicou-se de corpo e alma à costura, ainda sem querer acreditar no que estava a fazer. Aquele ia ser o seu primeiro trabalho pago em vinte anos de vida.

Enquanto cosia e cosia, foi observando com curiosidade a inusitada actividade do porto. Filas de carroções andavam num constante vaivém, a carregar um navio, a descarregar outro. Reparou sobretudo num dos maiores que parecia prestes a partir, um com dois castelos na coberta principal. Pelo menos, viu entrar nele cinco grupos de homens, cada um com uma pequena arca e uma grande sacola ao ombro. Reconheceu, entretido, as comidas que foram carregadas por um enxame de rapazinhos sob as ordens de uma espécie de gigante de cabelos frisados e barba escura como a boca de uma gruta; viu entrar várias peças inteiras de toucinho salgado, dezenas de sacas de farinha e mais de

uma vintena de barris de vinho, além de odres e mais odres de azeite. Aonde se dirigiriam? Tinha todo um mundo novo ao alcance da mão; um mundo que apenas um mês antes nunca teria imaginado.

Não sabia que naquele preciso instante quatro cavaleiros galopavam pela estrada que ligava Portugalete a Bilbao, e depois à povoação pesqueira de Bermeo, cabeça económica do senhorio da Biscaia. Seguiam a única pista que ainda não tinham descartado. À frente cavalgava Policarpo, com uma mão nas rédeas e a outra na espada, desejoso de usá-la. Os outros três eram esbirros contratados.



A meio da tarde, com mais de metade das cordas acabadas, Hugo assistiu à chegada de três chalupas que traziam a reboque uma enorme baleia. Pareceu-lhe surpreendente a maneira como manobravam com ela dentro do porto, e como depois a tiraram da água com a ajuda de umas gruas arrastando-a por uma rampa de pedra que entrava na água. Uns homens munidos de grandes facas começaram a retalhar a pele, enquanto outros recolhiam nuns cestos a gordura acumulada por baixo. Como destes últimos contou mais de cem, deduziu que aquela era uma das maiores fontes de riqueza do povoado.

Unai voltou a aparecer pouco depois das seis da tarde. Ao vê-lo chegar, não foi preciso ser muito perspicaz para perceber o muito que tinha bebido. Desceu com grande dificuldade para a pinaça e, depois de um perigoso tropeção, caiu sobre as caixas que tinha empilhado. Como as partiu com o seu peso, acabou estatelado no convés rodeado de tábuas partidas e com um sorriso apatetado no rosto.

– Aca...baste... o tra...balho?

A língua parecia ter-se-lhe colado ao céu-da-boca.

– Falta-me só uma corda. Já podeis inspeccionar as outras seis.

Apontou-as com um dedo cheio de picadelas. A sua imperícia com os anzóis tinha-lhe custado não menos de trinta.

Unai pediu que lhe aproximasse uma, incapaz de mover-se. Estudou-a como quem desfolha um malmequer, demasiado depressa, o que significou nada menos do que seis blasfémias cada vez que espetava um anzol na mão. Arrotou com grande sonoridade duas ou três vezes, atirou para um canto a corda inspeccionada e, sem dizer mais uma palavra, acomodou-se contra umas mantas.

Numa questão de segundos, saiu-lhe da boca um concerto de roncoss de uma profundidade assombrosa, como se dentro dele rolasse uma montanha inteira de rochas.

Hugo continuou a fazer o seu trabalho até vê-lo terminado antes do pôr do Sol, altura em que sentiu uma pontada de fome, recordando que não comia nada desde a noite anterior, na pousada. Olhou para Unai e sacudiu-o sem reboço para o acordar e receber o seu salário. Demorou um pouco, mas por fim o pescador abriu os olhos, tardou uns segundos a orientar-se e então tirou o dinheiro da bolsa e entregou-o a Hugo.

– Surpreendeste-me, rapaz. Não teria apostado nem um maravedi em ver o trabalho acabado a tempo. De modo que mereces uma recompensa. Prometi-te vinte brancas, mas toma trinta. – Hugo recebeu o dinheiro, espantado com a rápida recuperação de Unai. O sono tinha-o sem dúvida ajudado a digerir o álcool. – Esta manhã disse-te que com esforço e empenho qualquer homem pode fazer o que quiser. Tu conseguiste. Vamos celebrá-lo na taberna do Xabier!



O lugar cheirava a um mistura de estufado, suor e, sobretudo, vinho.

Depois de ter sido perscrutado por todos os presentes, Hugo sentou-se a uma mesa corrida onde os vizinhos estavam ocupados com uma peça de carne com molho e uma generosa ração de queijo. Quase lhe saltaram os olhos. Unai pediu ao taberneiro o mesmo e uma boa jarra de vinho para amenizar a espera do guisado, enquanto o jovem ouvia as conversas de uns e outros sem entender uma palavra. A complexa língua dos bascos parecia-lhe impossível. Por sorte, a comida não tardou a chegar e concentrou-se nela, quase sem falar. Assim recuperou as forças. O vinho, mau mas abundante, devolveu-lhe a cor às faces.

Quando estavam quase a acabar, entraram pela porta da taberna dois desconhecidos. O seu aparecimento provocou um estranho silêncio em todos os presentes, pouco habituados a ter visitas, e muito menos àquelas horas. Da obscuridade do seu canto, Hugo pressentiu qualquer coisa de anormal. Os dois homens, sem perguntarem nada a ninguém, puseram-se a mirar, um a um, todos os clientes da taberna, como se procurassem alguém. Unai olhou para Hugo e ao notar a sua expressão de pânico, lembrou-se do que lhe tinha contado, intuiu o perigo e apontou para o chão com o queixo.

– Enfia-te aí debaixo, depressa – disse, e Hugo obedeceu sem perder um segundo.

De onde estava, debaixo da mesa, viu com o coração à beira de explodir como as botas dos recém-chegados se aproximavam deles. Mas a menos de dois palmos mudaram de direcção e seguiram o perímetro da taberna, detendo-se onde havia comensais.

– Esses dois vêm por ti? – sussurrou Unai sem esperar resposta. – Vou tentar distraí-los, mas tens de sair daqui. Ao fundo do balcão há uma porta traseira que dá para uma viela. Quando te disser, corre para lá. Uma vez lá fora, corre para o porto e procura a minha pinaça; encontrarás um pequeno espaço debaixo do convés para te esconderes.

A Hugo pareceu-lhe uma excelente ideia.

Unai esperou até ver os homens no lado mais afastado da saída que acabava de indicar-lhe para dar o sinal. O jovem escapuliu-se de gatas, com toda a atenção concentrada na porta, por isso não viu como o seu protector se tinha posto de pé e se encaminhava para os desconhecidos. Cumprimentou-os efusivamente e pediu ao taberneiro uma rodada de vinho; a distração ajudou Hugo a encontrar a saída sem problemas. Uma vez no exterior, correu a toda a velocidade.

Num primeiro momento não viu nada de estranho pelo caminho, mas a três quarteirões do porto, ao entrar numa das pracetas, foi avistado por dois homens a cavalo. Ao reconhecer num deles o perfil de Policarpo, teve tanto medo que meteu a correr pela primeira viela que lhe apareceu à frente. Calculou que a corrida estava a afastá-lo da pinaça de Unai, mas não restava outra opção. Os cascos dos cavalos martelavam a pedra rua abaixo, a pouca distância do sítio onde estava, de modo que enfiou por um estreito beco onde os seus perseguidores não poderiam entrar montados. O pânico que o acicatava despertou-lhe também o engenho quando viu, a pouco mais de dez metros, dois barris em cima um do outro. Sem deixar de correr, calculou a distância entre o de cima e o telhado e resolveu tentar. Em dois saltos pisou o barril superior e com mais um viu-se de joelhos no telhado sem ser descoberto. Passados poucos segundos, espreitou com precaução e ouviu-os falar:

– Pareceu-me que meteu por este beco... Vai pelo outro lado e corta-lhe a saída! – ordenou Policarpo.

Hugo olhou em redor e estudou as possibilidades que os telhados lhe ofereciam.

Uma dezena de mastros assomava por trás de umas chaminés e aquilo ajudou-o a calcular a distância que o separava do porto.

Procurou Policarpo e viu-o descer a rua, a pé.

Endireitou-se, calculou o espaço até ao telhado em frente, recuou dois ou três passos e deu todo o impulso que pôde antes de saltar. Ao alcançá-lo não teve dificuldade em recuperar o equilíbrio e procurou o seguinte em direcção ao molhe. Deste modo foi saltando de telhado em telhado até que a distância para o último lhe pareceu excessiva. Olhou para a rua, certificou-se de que não havia ninguém e procurou pontos de apoio na fachada que o ajudassem a descer, mas não havia nenhum. O repentino matraquear de cascos a apenas dois quarteirões dali impeliu-o a tomar uma decisão. Pendurou-se do algeroz e ao verificar que não chegava ao chão soltou-se, caindo mal. Sentiu uma dor aguda no tornozelo esquerdo e percebeu que o tinha torcido, mas não podia permitir-se o luxo de ficar ali. Contornou o edifício até chegar ao molhe e no extremo esquerdo localizou a pinaça de Unai. Começou a correr para ela na esperança de chegar a tempo, sem ser visto, mas o eco de um galope fê-lo deter-se. Procurou onde esconder-se. Podia escolher entre um portal e um monte de velhas sacas, embora nenhuma das alternativas o convencesse por aí além. E de repente encontrou a solução. A menos de trinta passos do sítio onde estava, uma das naus acabava de soltar as amarras; lembrou-se de tê-la visto carregar. Suspirou aliviado ao não ver ninguém na popa, inspirou fundo e correu para ela, a encher-se de coragem. A menos de sete braças do fim do molhe, duvidou que conseguisse alcançar o navio. Mesmo assim, tentou. Saltou com todas as ganas, esticou ao máximo os braços e com as pontas dos dedos conseguiu agarrar-se à beira da amurada, ficando pendurado de fora. A escuridão da noite escondeu-o da vista dos dois homens que irromperam no molhe.

Procuravam-no, mas não o viram.

A nau seguiu o seu percurso até à boca do porto a meio pano, com o escasso impulso de uma brisa nocturna que mal a empurrava. Hugo sentiu uma aguda pontada de dor no tornozelo, mas conseguiu erguer-se a pulso até ao tombadilho e saltar para o castelo de popa. A menos de vinte palmos viu um homem ao leme que por sorte não o ouviu chegar. Sem fazer barulho para não o alertar, levantou

uma lona suja, afastou um monte de cordas e enfiou-se debaixo dela. Cheirava a peixe podre e mal conseguia mexer-se. Com a respiração agitada e a angústia à flor da pele, tentou acalmar-se, quase não respirar, permanecer imóvel. Passados minutos, acudiu-lhe ao espírito um duplo pensamento. Por um lado, sentia o alívio de ter escapado mais uma vez a Policarpo. Por outro, a única coisa que sabia daquele navio era que cada segundo que passava o afastava mais de Burgos.

Em que sarilho se tinha metido agora?

Capítulo 7

Nau Santa Ana. No alto mar. Julho de 1474

Havia muitos anos que a nau *Santa Ana* sulcava as frias águas do Atlântico Norte, os mesmos que tinha o seu capitão Obeko, um homem rijo e robusto nascido e criado no monte Oiz. Filho de pastor e sempre entre ovelhas, um belo dia deixara as ásperas pastagens da montanha com os seus ventos gelados e demandara o vale, ferido por um fatal desamor. E o vale tinha-o levado ao rio Oka, e seguindo o rio vira como as suas águas se espraiavam por uma bela foz cheia de areais antes de irem beijar o mar. E essas e outras águas mais profundas, por vezes acolhedoras, outras escuras e perigosas, exerceram sobre ele uma atracção tão poderosa que esquecera para sempre a montanha e aquela mulher que não o quisera, e desde então decidira não voltar a vê-las nunca mais. Porque o seu coração tinha começado a bater ao ritmo das ondas, e o mar apaixonara-se por ele.

As entranhas da *Santa Ana* tinham sido feitas com a madeira mais nobre dos carvalhais de Artzubi e com o ferro de uma das muitas ferrarias que salpicavam o monte Urremendi; a nau carregava nos seus porões oitocentos barris, tinha três cobertas, armava quatro bombardas e tinha navegado por mares tão remotos que ainda ninguém lhes dera nome. Desde que fora lançada à água, tinha tido outro capitão, mas sem dúvida ninguém a tinha conhecido melhor do que Obeko, que chefiava havia anos uma tripulação de sessenta e seis homens com a pesca no sangue e o sacrifício no olhar. Além dele, eram trinta e seis marinheiros, dez artilheiros e outros tantos grumetes, quatro arpoadores, dois carpinteiros, um calafate, um barbeiro, o mestre ou proprietário da embarcação e, por fim, um escravo deste último.

Foi o escravo que apareceu com o mestre, ao raiar do dia, depois de um pouco mais de seis horas de navegação, para avisá-lo de que tinha sido encontrado um clandestino debaixo de uma lona, e correram os três para a popa. Ao vê-los

chegar, o rapaz olhou para eles encolhido e quieto, e Obeko, furioso, levantou-o do chão com uma só mão, agarrando-o pela camisa, e manteve no ar mais de um palmo acima do convés.

– Pode-se saber que porra fazes tu aqui?

Hugo, com a garganta apertada, não soube o que responder. Sentiu o áspero olhar de pelo menos uma dezena de homens, e, quando devolveu a atenção a quem o tinha agarrado, tentou dizer qualquer coisa.

– Estava...

– Voto por atirá-lo ao mar! – gritou um, cortando-lhe a palavra.

– Isso mesmo, Tasio! – exclamou outro, apoiando a ideia. – Como fizemos de outras vezes.

– Estou de acordo convosco – decidiu o capitão Obeko. O espaço era pouco, não estavam muito longe da costa e o rapaz nem tinha coragem para explicar-se. – Vamos a isso... – disse, levando o clandestino em bolandas. Hugo viu a vida em perigo e resolveu falar.

– Escutem-me um instante... Não sei nadar. Procurei refúgio na vossa embarcação porque no porto havia uns homens que...

Enquanto Obeko caminhava para a proa sem atender aos seus argumentos, o tal Tasio pegou numa bóia e entregou-a a Hugo.

– Com isto não te afogas. Procura o leste e encontrarás a costa. – Apontou com o dedo. – Talvez demores meio dia a chegar, mas está lá...

– Se não quiserem levar-me convosco, deixem-me no primeiro porto por onde passarem – suplicou Hugo, desesperado. – O meu pai é um mercador de Burgos e saberá pagar-lhes o favor com generosidade, podem ter a certeza...

Era o seu último recurso, ao ver-se irremediavelmente condenado a experimentar as frias águas.

O proprietário e mestre da nau gostou tanto da ideia que a apoiou de imediato. Mas Obeko descartou-a quando já tinha Hugo fora do navio, sobre o mar. O jovem esperneava a tentar voltar a um chão firme, mas a força daquele homem impedia-lho.

– Sou eu que comando o navio e não faço a mínima tenção de desviar-nos da nossa rota, e muito menos de parar num porto diferente daquele que tínhamos previsto. Devias ter pensado melhor antes de subir para a nau, rapaz. Desejo-te sorte!

Obeko abriu a mão que o sujeitava e Hugo caiu no mar.

Afundou-se, mas graças à bóia voltou com rapidez à superfície depois de ter engolido um bom trago de água salgada. Tratou de afastar-se do bojo da nau, agarrado àquela irregular bola de cortiça, e muito angustiado viu como passavam à sua frente os costados da embarcação sem saber se conseguiria alcançar uma costa que nem se adivinhava. A nau já quase o tinha deixado para trás quando avistou o homem que o tinha descoberto, um tipo de turbante e pele cor de azeitona, que lhe fez sinais antes de lhe atirar um comprido cabo. A corda caiu a pouca distância, mas o andamento do barco arrastava a ponta demasiado depressa e Hugo via-a fugir-lhe. Foi por ela desesperado, a agitar braços e pernas como um louco e a engolir água; teve até de largar a bóia para poder esticar os braços ao máximo, mas por fim agarrou-a e foi de imediato arrastado na esteira que a embarcação deixava no mar.

Lá em cima, no castelo de proa, Obeko escutava com fastio o seu mestre, Orti. Entre o episódio do clandestino e a peroração que já esperava conhecendo o homem, estavam a atrasar-lhe os trabalhos que tinha pendentes. Entre eles, rever a carta náutica e consultar um portulano novo, que quase lhe tinha custado meio barco, para evitar a tempestade prestes a desencadear-se.

– És muito cabeçudo, Obeko – argumentava Orti. – Só tu e eu sabemos quanto custou financiar esta viagem. Saímos com mais dívidas do que possibilidades de saldá-las. E tu desprezas a oportunidade de ganhar esse dinheiro que o jovem nos prometeu da parte do pai.

– Talvez tenhas razão, mas receio que seja tarde para rectificar. Além disso, e como sabes, nunca permiti um clandestino a bordo do meu navio e esse rapaz não ia ser uma excepção. Nego-me a voltar atrás por ele, por muito dinheiro que tenha.

Afagou a escura barba e olhou para a linha do horizonte, a dar por concluída a conversa.

– Não penses que é tão tarde como isso... – disse o mestre, com um sorriso.

Obeko estudou-lhe a expressão e imaginou de imediato qualquer coisa. Olhou para a popa da embarcação e viu o escravo de Orti, Azerwan, a puxar uma corda.

– Grande cão...!

Correu pelo convés, mas já o jovem tinha posto o primeiro pé a bordo e, a escorrer água, escondia-se atrás do mouro, com medo de que voltassem a lançá-

lo ao mar. O capitão, em vez de se dirigir a ele, dirigiu-se ao mestre.

– Orti! – bramiu a plenos pulmões. – Como único responsável por ter recuperado esse malnascido, vai tocar-te a ti a tarefa de fazer dele um grumete em menos de uma semana. Vai ter de aprender a pescar como os outros e até que cheguemos ao nosso destino quero vê-lo a trabalhar em qualquer coisa, depois me dirás em quê. E quanto a ti... – falava agora com Hugo –, dá graças a este homem porque te foi oferecida uma segunda oportunidade de viver. Não esqueças que pode ser a última, ou não me chame eu Obeko. – Deu um estalo com a língua, levou um dedo aos lábios e fez meia volta com a intenção de afastar-se, mas de repente mudou de parecer e voltou-se para fazer outra advertência. – E trata de não te cruzares comigo, não vá dar-me vontade de fazer-te provar outra vez a água...

– Obrigado, senhor – respondeu Hugo, com todo o corpo a tiritar, incluindo os dentes. – Assim será.

Mal Obeko se afastou, Orti transferiu o encargo para o escravo.

– Ouviste o capitão: faz dele um grumete em cinco dias e que aprenda as artes da pesca em dez...

– Meu senhor, o capitão disse uma semana, não cinco dias – fez notar Azerwan.

Hugo ficou impressionado com a sua voz: nunca tinha ouvido um tom tão grave e ao mesmo tempo aveludado. Orti não respondeu. Conhecia muito bem aquele beduíno norte-africano. Tinha-o consigo havia quatro anos, como pagamento de uma dívida do anterior proprietário, um mercador de Sevilha que lhe comprara uma velha embarcação que ele não queria. Como só tinha podido cobrir três quartos do valor em moeda, o sevilhano transmitira-lhe a carta de escravidão de Azerwan como pagamento da última parte. Não era muito comum ter escravos no senhorio da Biscaia, dado o seu elevado preço – cerca de cento e dez mil maravedis –, mas Orti tinha aceitado ao ver ali um bom negócio. Como o pagamento do trabalho do africano na nau entraria no seu bolso, em apenas cinco anos cobraria a dívida do andaluz e os seguintes seriam tudo lucro.

– Já te disse para nunca me contradizeres!

Orti ergueu uma mão ameaçadora, gesto que provocou no escravo uma imediata atitude de submissão: pôs-se de joelhos e baixou a cabeça para aceitar

as pancadas. Mas o mestre não lhe bateu. Em vez disso, fez meia volta e desapareceu.

Hugo ficou sozinho com aquele homem.

Quando, minutos mais tarde, iam a caminho da segunda coberta, onde dormia a tripulação, atreveu-se a fazer a pergunta que lhe queimava os lábios.

– Nunca lhe respondes? – quis saber, a pensar em quantas vezes ele se tinha calado. O outro voltou-se com um sorriso. Hugo não o esperava e surpreendeu-se, mas foram as suas palavras que mais o impressionaram.

– Azerwan não fala se o que vai dizer não for mais belo do que o silêncio.

Depois disto, nenhum dos dois voltou a dizer palavra durante um pedaço.

Capítulo 8

Burgos. Reino de Castela. Julho de 1474

Berenguela sentia-se amarrada a uma relação que recusava. Com estas palavras o dissera ao pai tantas vezes quantas Damián de Covarrubias tinha ido procurá-la. A primeira fora depois de terem passeado a cavalo pelas proximidades da inacabada igreja da cartuxa de Santa María de Miraflores, uma tarde que significara para ela uma incómoda luta que a levava a pôr todas as distâncias possíveis entre si e um Damián desejoso de conquistar o seu interesse e cortês até à náusea.

A sua recusa de voltar a encontrar-se com ele não tivera êxito.

Não percebia como conseguira Damián ganhar o apoio do pai ao ponto de nenhuma das suas queixas, protestos e tentativas de pôr fim àqueles contactos surtisse o mínimo efeito. Também não resultara a novena que oferecera à Virgen de los Remedios, nem as muitas lágrimas e súplicas que dirigira à mãe para que acudisse em sua ajuda. Dos pais, só ouvia elogios feitos a Damián. Mergulhada numa profunda angústia, nem as recordações do seu verdadeiro amor, ou o ronronar de *Canelilla*, sempre a seu lado, compensavam o pavor que a possibilidade de um novo encontro lhe inspirava.

O seguinte aconteceu uma semana e meia depois do anterior, e foi ainda mais complicado porque significou dois dias inteiros. O motivo: o empenho de Damián em viajar até à vila e berço do apelido do padraсто, Covarrubias, onde queria contar-lhe as suas recordações. Uma vez mais, as pressões do progenitor foram contrapeso suficiente para as suas desculpas.

A distância não era excessiva, apenas três horas de carruagem, e por bom caminho. Uma vez na estrada, Berenguela tentou adivinhar por que queria ele levá-la àquele povoado, mas o seu acompanhante pouco falou e a ela só lhe ocorreu uma explicação: dispor de mais tempo para seduzi-la. Para o evitar tinha levado consigo María, a sua dama de companhia, como condição necessária para

o encontro, e tinha tentado o mesmo com *Canelilla*, mas Damián mostrara-se inabalável na sua recusa. Uma pena, porque teria sido a companhia ideal.

À falta de conversa, pôs-se a remoer as suas recordações.

Berenguela acompanhara de muito perto o aparecimento de Damián e de Doña Urraca na vida de Hugo, doze meses apenas depois de Don Fernando ter ficado viúvo. Na altura tinha ela nove anos, tal como os dois irmãos. O verdadeiro pai de Damián morrera com poucos dias de diferença de Doña Blanca, a mãe de Hugo. Quando casaram ambos viúvos, as más-línguas especularam se teria sido obra do acaso que levara os dois a consolarem-se dos seus desgostos primeiro e a partilhar o leito depois, ou se o encontro fora cuidadosamente planeado por ela.

Fosse como fosse, o certo é que Damián tinha esquecido muito depressa o seu anterior apelido e começara a tratar Don Fernando por pai em vez de padraсто. Berenguela lembrava-se muito bem, pois tivera de ouvir os protestos de Hugo quase todos os dias. Por isso custava-lhe entender por que razão iam a Covarrubias e não a Aranda de Duero, a terra onde Damián nascera e onde decorrera a sua primeira infância.

Tal como Berenguela, no interior daquela carruagem também Damián pensava, mas no seu futuro, não no seu passado. Uma vez conquistado o favor de Don Fernando, tratava-se agora de mudar o enfoque do negócio e evitar a ruínosa situação a que tinha chegado. Porque depois de ter conseguido amassar uma fabulosa fortuna com a lã, o padraсто andava havia já alguns anos a desviar poupanças e lucros para a fundação de um hospital e de uma escola para pobres. Decidira-o depois de se aperceber das péssimas condições em que viviam os pastores que trabalhavam para os seus melhores fornecedores, em tantas e tantas visitas que fizera de uma ponta à outra de Castela.

Conscientes daquele esbanjar de dinheiro, nem Damián nem a mãe estavam dispostos a voltar a passar por necessidades como as que tinham conhecido antes da morte do primeiro marido e muito menos a absoluta ruína em que ficaram depois dela. Uma situação dramática que conseguiram esconder com grande dificuldade de amigos e conhecidos vendendo todos os seus pertences até não restar um único móvel em casa. Um penoso transe que Doña Urraca resolvera, já à beira de ficar na rua, seduzindo com todas as suas artes Don Fernando, um antigo conhecido da família, que inocentemente lhe abrira demasiado cedo as portas do seu coração e depois as de sua casa e fortuna. E como aquela

recordação pesava demasiado na sua memória, para evitar voltar a ver-se numa situação parecida tinha elaborado um plano que começara a dar os primeiros frutos no dia em que Don Fernando tomara a decisão de pôr à prova os dois filhos.

Sentado na carruagem, Damián olhou para Berenguela e deixou escapar um suspiro. Ela, que havia já algum tempo lia um livro, ergueu os olhos para ele.

– Sentes-te cansado? – perguntou-lhe.

– Cansado, não. Ansioso.

Aquela resposta, que noutra situação teria exigido uma nova pergunta, provocou tanto temor em Berenguela que voltou a dedicar a sua atenção ao livro.

Damián respeitou o seu silêncio, mas não deixou de pensar. Porque o que na realidade ansiava estava sentado à sua frente: ela. Ou melhor dito, o que ela lhe podia proporcionar. Porque segundo a sua filosofia, para conseguir o que se desejava, além de empenho era preciso pensar muito, analisar qualquer factor que pudesse ajudar a atingir o objectivo desejado, e, uma vez analisado, usá-lo. Assim lhe tinha ensinado a mãe desde muito pequeno, e assim sempre fizera, até conseguir um pai que não o era de sangue, afastando o legítimo herdeiro das riquezas que ansiava. O mesmo que, de forma inexplicável e apesar da sua corrida para parte nenhuma, Berenguela parecia preferir.

Quando chegaram a Covarrubias, a primeira coisa que fizeram foi comer.

Seguiram a pé pela rua principal em busca de uma hospedaria e Damián decidiu-se pela que lhe pareceu mais luxuosa e de clientela mais selecta, dada a criadagem que esperava à porta. María comeu noutra sala destinada a esse fim e eles sentaram-se a uma das melhores mesas.

Berenguela ficou surpreendida com a quantidade de pequenas histórias que Damián foi contando ao longo da refeição, e não por serem incríveis mas pelo facto de todas começarem a partir dos seus oito anos, nunca antes. Por isso decidiu-se a perguntar, a meio da sobremesa:

– Que recordações tens do teu verdadeiro pai?

A reacção dele foi exagerada, como se em vez de uma simples pergunta ela lhe tivesse cravado um punhal nas tripas. Damián tossiu, bebeu água, a seguir um gole de vinho, e depois de tudo isto e de secar os lábios sem pressas, respondeu:

– Nenhuma. O meu verdadeiro pai é Don Fernando – concluiu, num tom frio e definitivo.

– Isso não é verdade – replicou ela, com vontade de provocar.

E conseguiu-o, mas desencadeando nele uma resposta inesperada. Damián repetiu mais duas vezes que Don Fernando era o seu único pai e a partir desse momento até que saíram da hospedaria não voltou a falar. No entanto, quando entraram no casarão que a família Covarrubias mantinha no povoado, a sua atitude voltou a sofrer uma tal mudança que a Berenguela lhe pareceu outra pessoa. Foi pisar o salão principal, chegar-se a uma ampla janela de onde se desfrutava uma espectacular vista dos campos, e começar a receber um interminável coro de elogios que escutou constrangida. Cada vez mais descontraído, Damián confessou-lhe o muito que a admirava, a intensa emoção que experimentava sempre que se viam e a esperança de que os contactos se tornassem cada vez mais frequentes.

Berenguela ouvia tudo aquilo profundamente perturbada, a desejar que se calasse. Apesar de o tom das palavras de Damián ser sempre correcto, as intenções subjacentes atemorizavam-na. Sentou-se num cómodo sofá, e de repente Damián pôs um joelho em terra à sua frente. Cravou nela o olhar e disparou uma única pergunta:

– Sentes o mesmo que eu?

– Não sei... – balbuciou Berenguela. – A verdade é que não tenho bem a certeza...

Não se atreveu a ser mais sincera quando a realidade era outra.

– A tua dúvida é uma primeira vitória para mim.

Pegou-lhe nas mãos e começou a beijá-las devagar até que ela as retirou, incomodada. Damián procurou-lhe nos olhos uma explicação, e ao notar a sua atrapalhão ficou ainda mais cativado por aquelas pupilas cor de avelã que lhe fugiam. As faces dela, um tudo-nada enrubescidas, pareceram-lhes as mais formosas que tinha visto numa mulher.

– Posso pedir-te uma coisa?

– Não sei, depende...

– Posso dar-te um beijo?

Berenguela baixou os olhos e apertou os lábios. Estavam os dois sozinhos, a sua dama de companhia na cozinha, numa casa alheia e com muitas horas pela frente. Teve medo do que um primeiro beijo dele podia desencadear.

– A pergunta incomoda-me, Damián – atirou-lhe.

– Estava a pensar num beijo na face, rapariga.

Ela retorceu as mãos, dominada pelos nervos.

Um beijo na face não significava grande coisa, mas ficaria ele satisfeito com isso?

Aceitou que ele a beijasse, e Damián fê-lo, mas aproximando-se demasiado da comissura dos lábios e puxando-a para si de uma maneira apaixonada, o que provocou de imediato a ira dela e uma severa admoestação antes de se levantar do sofá, abandonar o salão e procurar o seu quarto.

A pretexto do atrevimento, manteve-se encerrada no quarto durante toda a tarde, não obstante os intermináveis pedidos de desculpa que Damián lhe dirigiu do outro lado da porta. A sua recusa em abri-la só terminou na manhã seguinte, e quando o fez exigiu um regresso imediato a Burgos.

Foi uma viagem incómoda, carregada de olhares de soslaio da parte dela e de novos pedidos para que esquecesse o sucedido da parte dele, que não conseguia ver assim tanta gravidade no seu comportamento. Berenguela não só não aceitou as desculpas como recusou qualquer novo encontro, numa tentativa muito forçada de se desembaraçar dele. No entanto, foi o comentário final de Damián ao chegarem a Burgos que lhe deu a entender que a sua recusa não teria nele o mínimo efeito.

– O amor não entende de negativas.

Aquela frase, dita como ele a disse, cheia de uma inquietante autoridade, deixou-a ainda mais preocupada.



Para falar de tudo aquilo só tinha María, fiel dama de companhia e confidente incondicional, a quem a partir de então começou a abrir o coração. Chegou até a confessar a sua vontade de morrer de preferência a entregar-se a um homem que não amava. Era o que lhe dizia naquela manhã, pouco depois da viagem e à beira de um novo encontro com Damián, para sua desgraça.

– Que outra coisa posso fazer, se já não sei como mostrar-me mais fria? Ele tem de notar a minha recusa... Nem dou atenção ao que diz.

María penteava-lhe a loura e encaracolada cabeleira para recolhê-la numa rede a que depois prenderia um comprido véu.

– Minha senhora, nem sempre a vida nos deixa escolher o que queremos.

Aquele pensamento encaixava na perfeição na sua realidade, longe dos sonhos a que aspirava. Não se atreveu a dizê-lo, mas não conseguia compreender como era a sua senhora capaz de recusar aquele belo jovem quando ela, por ele, estaria disposta a perder tudo.

– Claro que não, mas se só temos um coração e uma vida, porquê desperdiçá-los em quem não o merece? Por que não enchê-la com quem se ama do mais fundo da alma? – Olhou para as suas delicadas mãos, imaginou-as presas nas de Damián e sentiu um calafrio. – Antes que me pretenda para qualquer coisa mais do que passear, antes disso, juro que fujo ou faço seja o que for...

María prendeu com um broche de ouro o véu azul a fazer conjunto com o vestido e pôs-lhe ao pescoço um colar de pérolas. Estudou o resultado no espelho e mais uma vez pareceu-lhe a rapariga mais bela de Burgos, apesar de a alegria ter desaparecido do seu olhar.

Damián chegou ao meio-dia.

Berenguela desconhecia os seus planos, mas depressa os descobriu quando ao sair do seu palácio atravessaram a rua para entrar no dos Covarrubias. Doña Urraca recebeu-os com um largo sorriso e a mesa posta para o almoço. Don Fernando tardou mais alguns minutos a aparecer, mas quando o fez o seu rosto espelhava um estranho esgar que explicou de imediato.

– Acabo de receber correio de Portugalete, enviado por Policarpo. – Agitou uma carta no ar, com uma expressão de infinita raiva. – Fala de Hugo...

Berenguela teve um sobressalto de emoção.

– Que se sabe dele?

Avançou para o anfitrião, com vontade de ver aquela carta.

– Nada de bom, como nos tem habituado... – respondeu Don Fernando, e pousou-a na toalha.

– Explicai-vos, meu pai, não podemos mais de curiosidade.

Damián tentou pegar na carta, mas o pai impediu-o pousando-lhe uma mão em cima.

– Fugiu! É como ouvem...! Segundo Policarpo, pouco depois de chegarem ao porto com os carroções deve ter-se escapulado por entre eles e desapareceu. E apesar de o terem procurado por toda a vila e depois pelas povoações mais próximas, contratando para isso um numeroso grupo, não conseguiram encontrar

uma única pista. O desavergonhado esfumou-se! Acreditam numa coisa destas?
– Cerrou os punhos com fúria. – Mas ainda há pior...

– De Hugo acredito em tudo – interrompeu Damián, com evidentes ares de condescendência. – Meu pai, se nunca respondeu de acordo com o que lhe pedistes, agora que tinha o encargo de acompanhar as nossas lãs e de trabalhar um pouco, assim que teve uma oportunidade escapou-se.

Depois de o filho ter aberto as hostilidades, Doña Urraca juntou-se às críticas recordando ao marido a infinidade de vezes que lhe dissera que o rapaz estava mal-educado, bem como o péssimo futuro que lhe vaticinava tendo em conta a atitude adversa que tinha em relação a eles e à vida em geral.

Berenguela sofria ao ouvir aquilo, convencida da falsidade das apreciações. Mas não se sentiu capaz de rebatê-las naquele instante, e muito menos diante de um tal auditório.

– Alguma coisa há-de ter acontecido... – interveio com prudência, servindo-se de causas externas para justificar o acontecido, ao contrário das que alegava a família de Hugo. – E há-de ter sido muito grave para ele reagir fugindo. Conheço-o bem.

Olharam os três para ela, a reprovar o seu parecer.

– Alguma coisa como duzentas dobras de ouro: as que roubou a Policarpo antes de se sumir – sentenciou Don Fernando. – Ao que parece, um dinheiro, nosso, que o meu empregado acabava de cobrar. Um dinheiro que não nos sobra e que de certeza não voltaremos a ver... – Levou as mãos à cabeça e soltou um sonoro palavrão, coisa pouco habitual na sua cuidada linguagem. – Não aguento mais! – exclamou sem medir o elevado volume da voz. – Depois disto, Hugo deixou de ser meu filho. Não quero voltar a vê-lo! E também não quero que o seu nome volte a ser pronunciado nesta casa! – concluiu, num tom que excluía qualquer objecção.

– Como quiseses, meu amor... – Doña Urraca beijou-o com ternura na face e abraçou-o. O seu subtil sorriso não passou despercebido à convidada. – Passemos à mesa.

A Berenguela custou-lhe mais do que nunca engolir o estufado de faisão servido como segundo prato, depois de mal ter tocado no primeiro.

Foi uma refeição que começou muito tensa e acabou pior, sobretudo para ela. Não assim para Damián quando, à sobremesa, ouviu da boca do pai um encargo

que quase o fez chorar de emoção: tornar-se a partir daquele momento o representante da empresa familiar em Bruges. O seu sonho mais desejado, o destino das suas mais fundas ambições, a melhor notícia que poderia receber nos seus vinte anos e o objectivo pelo qual tanto tinha lutado sob a constante inspiração da mãe. Para ele, deslocar-se para Bruges era a melhor possibilidade de manejar o negócio sem a incómoda supervisão paterna.

De toda esta parte da conversa Berenguela guardou apenas meia recordação. Mas lembrava-se bem da segunda, em consequência das palavras que Damián lhe dirigiu enquanto brindava ao seu novo posto depois de pegar-lhe na mão.

– Diante das duas pessoas da minha família que mais respeito e amo, desejo expressar a minha vontade de levar Berenguela comigo para Bruges.

Don Fernando, que desconhecia a profundidade da relação, ficou de boca aberta. Quanto a Doña Urraca, não lhe cabia o volumoso seio no decote. Damián olhou Berenguela nos olhos com uma expressão amorosa.

Ela só queria morrer.

– Amo-a. É... é... Esta mulher é a coisa mais bela que podia ter acontecido na minha vida. Só me falta obter uma resposta ao pedido que vou fazer aqui e agora, porque a do pai já a tenho...

Berenguela, com as faces congestionadas e à beira de chorar ou de gritar, alarmada com o que imaginava que ele ia dizer, cortou-lhe a palavra com a intenção de travar aquela loucura.

– Não me parece que seja o melhor momento para... Que disseste do meu pai?

Tinha de repente caído em si, enquanto erguia o olhar cheia de espanto e vergonha. Nesse preciso instante os seus pensamentos voaram para Hugo, o seu único amor, que levava no coração tal como dissera antes de vê-lo partir havia apenas um mês.

– É, acredita, meu amor.

Berenguela decidiu que ele tinha enlouquecido. À conta de quê a tratava como se estivessem apaixonados se nem se tinha expressado desse modo com ela? Viu, horrorizada, como Damián tirava de um bolso da casaca uma pequena bolsa de veludo negro. Abriu-a e fez rolar o conteúdo sobre a toalha.

Não podia ser verdade, pensou ela.

Era um anel de ouro. Ficou sem respiração. Não sabia como reagir, mas de súbito ocorreu-lhe uma ideia. Inspirou fundo depois de escutar as palavras que

nunca teria querido ouvir da boca de Damián a pedi-la em casamento, junto com as inoportunas de Don Fernando que, apesar de ditas em voz baixa, soaram com toda a clareza:

– Pelos vistos, hoje perco um filho, mas ganho uma filha.

As dela, adiadas até ao limite, deixaram o salão e os comensais gelados. Surgiram serenas, apesar da sua imensa agitação interior e do medo que chegava até ao último recanto do seu corpo.

Cinco palavras, foram apenas cinco palavras, com uma ligeira pausa entre as duas primeiras e as seguintes.

– Não posso... Quero ser freira.

Capítulo 9

Nau Santa Ana. Ao largo da Irlanda. Julho de 1474

Ao cabo de vinte longos dias de navegação, com duas tempestades pelo meio e umas longuíssimas jornadas de trabalho e aprendizagem, Hugo aproveitou um momento de descanso a meio da manhã para pensar nas mudanças que estava a viver. Com uma mão apoiada na amurada da proa e a outra no gurupés, contemplou a verde silhueta da costa irlandesa.

A pior notícia que recebera tinha a ver com a duração da viagem: entre seis e oito meses, conforme as capturas e o estado do mar, como ouviu Obeko dizer um dia. Era muito tempo afastado de Burgos, demasiados meses sem poder alertar o pai para os que estavam a traí-lo. À sensação de impotência que aquele facto lhe causava tinha vindo juntar-se a dívida que contraíra junto de Orti por ter sido o seu salvador: noventa dobras de ouro, o equivalente a quarenta mil maravedis, uma quantia enorme que teria de pagar quando regressassem a terras de Castela.

Em contrapartida, soube que se cumprisse as suas tarefas e a nau conseguisse capturar as baleias previstas, pois era a isso que a *Santa Ana* se dedicava, receberia uma paga igual à de qualquer outro marinheiro: quarenta dobras de ouro.

Por isso se empenhava tanto no trabalho.

Tinha esfregado à escova a cobertura superior todos os dias.

Teve de aprender, e repetir pelo menos cem vezes, os nomes das diferentes partes do navio, das suas velas e mastros, além dos de mais de uma centena de utensílios espalhados por toda a embarcação. E passara as horas mais gélidas da sua vida enfiado no cesto da gávea, a tentar ver a cento e quarenta braças da proa no meio de espessos bancos de nevoeiro.

Cada vez que a nau rompia uma onda, soltavam-se milhares de pequenas gotas que o vento se encarregava de espalhar pelos costados, as velas e a cobertura superior, e também sobre o rosto e o corpo de Hugo, contribuindo para refrescar-

lhe os pensamentos; talvez um dos poucos momentos de alívio de que conseguia gozar. Ainda não tinham passado dois meses desde o episódio de Medina del Campo e parecia que já decorreria um ano, dada a sucessão de acontecimentos posteriores. Talvez porque as novas experiências estavam a exercer sobre a sua personalidade um efeito catártico, fazendo que se sentisse outro.

Tinha salvado a vida correndo pelos telhados, escondendo-se num carroção de trigo e saltando para aquele navio segundos depois de ter largado as amarras. Em quase todos os casos, e isso tinha-o feito pensar, contara com a ajuda de alguém: do jovem Bruno que o avisara a respeito de Policarpo, de um carreteiro anónimo que o tirara de Portugaleta ainda que sem o saber, do pescador Unai que lhe facilitara a fuga em Bermeo, sem esquecer Azerwan, graças ao qual não acabara no fundo do mar. Muito diferente da sua vida passada, onde não encontrava muitos nomes para acrescentar a esta lista, com excepção da mãe e de Berenguela, e sobretudo ninguém com a fascinante personalidade de Azerwan.

O convívio com ele estava a ser o melhor daqueles dias, com a assombrosa personalidade de Obeko, com quem começara a relacionar-se depois de o ter evitado nos primeiros quatro dias.

Em Obeko encontrou uma nobreza de ouro puro; era certo que com uma boca de onde saíam mais impropérios do que palavras.

Em Azerwan, o mistério e um saber distante.

Na primeira noite a bordo da *Santa Ana*, Azerwan confidenciara-lhe que era de um país chamado Ifríquia, no Norte de África, uma terra dominada por um grande deserto a sul e férteis campos de trigo a norte; o maior celeiro do mundo nos tempos do Império Romano. Um território que tinha sido sucessivamente conquistado por diferentes povos. Enumerou-os: primeiro os fenícios, depois os romanos, os vândalos vindos de Espanha, os bizantinos de Constantinopla e por fim os árabes. Mas Azerwan não tinha nas veias nenhum daqueles sangues estrangeiros, porque era beduíno. Um filho do deserto. Os mais antigos povoadores daquelas terras, que antes de serem invadidas pelas secas areias tinham conhecido tempos de bosques e savanas, de animais selvagens; um povo de caçadores. Contou que pertencia a um clã familiar que durante séculos se encarregara de transportar sal do deserto para a costa, naquilo a que chamavam *as caravanas do sal*: expedições de até trezentos dromedários sob os ardores do sol que atravessavam lugares onde só havia morte e uma sede infinita.

Hugo calculou que teria mais vinte anos do que ele, mas pela experiência vivida e pela riqueza espiritual poderia ter mais cem. Porque Azerwan era imprevisível, de pensamento profundo. Uma vez racional, outras místico; prazenteiro na maneira de pensar e sempre surpreendente.

No terceiro dia de navegação, enquanto lhe ensinava os diferentes nós para prender as velas e os cabos, confessou-lhe como e porquê tinha chegado até ali; uma explicação que deixou Hugo assombrado, como tudo o que vinha daquela figura seca, magra ao exagero, de olhos encovados e olhar sábio, andar firme e barba curta, escura e densa. Contou que seis anos antes tinha caído nas mãos de um traficante de escravos quando estava à beira de morrer de fome e de sede junto ao mar, onde chegara depois de fugir do deserto, do seu clã, de um futuro que não queria para si e, sobretudo, de Alá.

Passavam os dias a bordo e tudo o que Hugo descobria em Azerwan atraía-o de uma maneira inusitada, talvez por encontrar semelhanças com a sua vida, ou talvez pelo modo como a enfrentava.

– Gostas de fábulas?

Aquela voz tão especial e a sua peculiar maneira de falar trouxeram Hugo de volta à realidade.

Voltou-se para Azerwan. Vestido com a sua túnica de algodão branco, colete aberto e turbante azul, observava o horizonte. O marcado perfil do nariz e o queixo proeminente faziam-no parecer uma figura de outra época.

– A minha mãe contava-mas quando eu era pequeno. Mas isso foi há muito tempo... São coisas de criança – respondeu Hugo, a procurar o destino para onde se dirigia o olhar do seu novo amigo.

– Não as subestimes. As fábulas são portadoras de antigos conhecimentos que ajudam o homem a compreender. Nos meus anos nas caravanas, todos me chamavam *o contador de lendas*, porque todas as noites narrava uma daquelas frias vigílias do deserto e à luz de uma fogueira. As lendas contêm ensinamentos escondidos que é preciso saber descobrir. Algumas são tão velhas como a história do homem. O meu clã vem de uma longa linhagem de contadores de lendas. Eu aprendi-as com o meu pai, e ele com o meu avô, e o meu avô com os seus antepassados. Essas lendas ajudaram-me a ser o que hoje sou. – O seu olhar procurou os olhos verdes de Hugo. – Tenho-te observado estes dias e pareces perdido, como se a tua vida fosse um deserto, como se percorresses as dunas e as

areias sem saber aonde te levam, quando há lendas que te podem guiar. Queres conhecê-las?

– Gostaria muito – respondeu Hugo, confuso.

Obeko interrompeu-os aos gritos da outra ponta da nau, ao ver que estavam ociosos.

– Ao trabalho, raios, que parecem um par de mulheres! Ajudem a içar todas as velas e sem perder mais tempo, bando de madraços. Não sabemos quanto tempo vai durar este vento de popa. Se o aproveitarmos, pode ser que cheguemos ao porto meio dia antes do previsto, amanhã de manhã.

Hugo, com Azerwan e outros quatro marinheiros, puseram-se à altura do traquete, pegaram nos cabos e, ao mesmo tempo, puxaram as adriças com quanto força tinham para içar a vela. O vento enfunou com tanta força o pano que lhes custou continuar a ganhar cabo, apesar da ajuda dos aparelhos. Obeko não parou de gritar ordens a uns e a outros até que o conseguiram. No fim, dobrado pela cintura devido ao esforço, Hugo sentiu uma dolorosa palmada nas costas.

– Muito melhor, meu cabrãozinho... – mimoseou-o Obeko.

Dessa vez o insulto, vindo de quem vinha, soube-lhe a elogio.



Aquela meia-noite marcou o início do mês de Agosto, mas o calor do Verão tinha ficado muitas léguas para trás. Hugo chegou ao castelo de proa antes do escravo, cumprimentou o único tripulante que estava na coberta – um sujeito de Guetaria com que tinha simpatizado e que comia por seis – e sentou-se na amurada. Recebeu no rosto a fresca brisa do mar e relaxou, suspirando antes de erguer os olhos para o céu, porque a partir daquele momento sentiu-se avassalado. A noite limpa permitia ver milhares e milhares de pequenas estrelas que brilhavam na escuridão como um enorme manto de ténue luz, um cenário que convidava ao recolhimento, a meditar sobre a pequenez do homem face a um espectáculo tão assombroso e infinito.

Ouviu passos e viu Azerwan aproximar-se.

O tunisino sentou-se e guardou silêncio, um silêncio que Hugo quebrou ao contar-lhe o que acabava de pensar.

– Face à enormidade desse céu – disse, estendendo os braços –, sinto-me tão pouca coisa que me pergunto se entre os infinitos planos de que dispõe o Criador previu um para mim.

Ao ouvi-lo, Azerwan lembrou-se de uma lenda. Tossicou para limpar a garganta e fechou os olhos.

– Houve uma vez um homem rico muito orgulhoso da sua adega e do vinho que guardava nela, mas sobretudo de um vasilha com um néctar envelhecido muito especial, o melhor de todos, que só ele conhecia e que reservava para uma grande ocasião.

«Um dia, o governador da província foi visitá-lo, e ele, depois de pensar, disse para consigo: “Não vou abrir a vasilha para um simples governador.” Numa outra ocasião, o bispo da região visitou-o, mas ele disse para si: “Não, não vou abrir a vasilha. Ele não saberá apreciar o sabor nem o seu olfacto se deleitará com o aroma.” O príncipe do reino também foi visitá-lo tempos depois e almoçou com ele, mas o homem pensou: “O meu vinho é demasiado majestoso para um simples príncipe.” E até no dia em que o sobrinho casou, disse: “Não, aquela vasilha não será para estes convidados.”

«E os anos passaram, e ele morreu sendo já velho, e foi enterrado como qualquer outro. E um dia depois do enterro, tanto a antiga vasilha de vinho como todas as outras foram distribuídas pelos vizinhos. E nenhum deles notou a sua antiguidade. Para eles, tudo o que se deita num copo é apenas vinho...

Hugo ficou calado, inspirou fundo a brisa marinha e julgou entender a mensagem.

– Esta manhã dizias que o saber viaja nas tuas lendas. Vejo que é verdade.

– Pelo que conheço de ti, pressinto que também tu guardas um grande vinho à espera de uma boa ocasião. Talvez seja esse o plano a que te referias, o que não consegues ver.

– Talvez... – respondeu Hugo, depois de pensar naquilo uns segundos. – Mas pode ser que não saiba encontrá-lo.

– Procuremo-lo juntos, então.



O porto da ilha de Valentia, o enclave mais ocidental da Irlanda, era o lugar preferido por Obeko para reabastecer os porões de água e alimentos frescos antes de empreender a etapa seguinte da viagem que, assim quisesse Deus, os levaria até às costas da gelada Islândia, desde que tivessem ventos favoráveis e um mar benévolo.

A *Santa Ana* fundeou a meia milha da costa para não perder tempo com a atracação, e menos de uma hora mais tarde a tripulação tinha chegado ao porto a bordo de duas chalupas, com a ideia de desfrutar de uma longa noite na taberna *The Blue Duck*, um antro bem conhecido por todos eles, e depois numa casa contígua cheia de mulheres complacentes e dispostas. Na primeira das duas paragens trocariam a aborrecida dieta de ervilhas, favas e toucinho seco por uma excelente comida caseira que não voltariam a provar nos próximos meses. Na segunda satisfariam outras necessidades que também teriam de deixar insatisfeitas até voltarem aos povoados costeiros onde tinham deixado mulheres e namoradas.

Hugo esperou por Obeko no convés para embarcarem juntos num pequeno bote.

O capitão tinha decidido equipá-lo com as roupas e as botas adequadas à duríssima pescaria que os esperava. Sem aqueles meios, não resistiria a um só dia de trabalho sem morrer congelado. Obeko queria ir à loja de Flamergan, no centro do povoado, onde se encontrava de tudo a bom preço, para depois se reunir com o resto dos seus homens na taberna.

Um dos marinheiros com que partilhava a cama – naquela nau não havia catres para todos e de oito em oito horas dormia um turno – tinha-lhe mostrado o conteúdo do seu baú com todos os objectos imprescindíveis para a caça da baleia. Consistia de umas fortes botas «de mar», como lhes chamou, de couro ensebado para aumentar a impermeabilidade e com costuras reforçadas, um par de bons sapatos, para trabalhar no barco, um capote de pele de ovelha muito comprido, até meio da bota, e um casacão de couro com um capuz para tapar a nuca e um avental também de couro. Qualquer pescador sabia que da qualidade do conteúdo daqueles baús dependia suportar ou não as terríveis condições de trabalho que iam enfrentar. Mas como aquele enxoval custava muito dinheiro, cerca de vinte dobras de ouro, a maior parte tinha de pedi-lo a familiares, ou recorrer a certos prestamistas a que teriam de pagar no regresso, depois de receberem.

Vinte e duas dobras foi quanto Obeko teve de adiantar a Hugo para comprar-lhe roupa e calçado, além de seis telas de vitela e cinco lápis de carvão que o jovem acrescentou ao conjunto, à última hora e para surpresa do capitão.

– Rapaz, das quarenta dobras que prometi pagar-te quando voltarmos, cobrarei o que gastámos hoje. Com o que restar faz o que quiseres, gasta-o em vinho e putas.

Tinham mandado a caixa com as compras para o navio e caminhavam rua abaixo em busca do antro onde se juntariam ao resto da tripulação.

– Senhor, gostaria de aproveitar este momento para vos agradecer o que estais a fazer por mim. Nunca o esquecerei, juro.

Aquela era a primeira vez que podiam falar a sós desde a sua intrusão na *Santa Ana*.

– Não me agradeças a mim! – Obeko puxou um escarro do fundo da garganta e projectou-o a uma distância incrível. – Foi o mestre que te tirou do mar. Se não fosse ele, terias sabido o que é remolhar os colhões... – Riu à gargalhada e voltou a abater a enorme mão, desta vez no ombro de Hugo. – Anda, rapaz, deixa-te de tantos agradecimentos e trabalha no duro, não faças menos do que os outros. Não gostei da maneira como apareceste, mas agora não faz diferença. Se deixares a pele no trabalho e cumprires de verdade, serás mais um. Para onde vamos não há patetices que valham. Os dias são mais curtos, mas trabalha-se como se tivéssemos as mesmas horas que aqui. E faz tanto frio que vão congelar-te os tomates. Ou caçamos entre todos, e depressa, a quantidade de baleias necessária para encher de óleo os oitocentos barris que a *Santa Ana* carrega, ou teremos de esperar mais meio ano até que aqueles enormes animais voltem a passar por aquelas águas.

A noite na taverna começou bem, mas acabou de uma forma dramática para mais de metade dos presentes. Quem não bebeu vinte quartilhos de cerveja misturou-a com aquela bebida cor de mel a que chamavam *whiskey* – ao que parecia, era habitual na Irlanda; Hugo nunca a tinha provado –, o que provocou piores consequências para estômagos e cabeças. O alarido devia ouvir-se em todo o povoado, pois à medida que a noite ganhava horas mais tinham de gritar para se fazerem ouvir.

Azerwan foi com os outros, mas não bebeu nada. Hugo calculou que não o fazia por ser muçulmano, mas de todos os modos estranhou. Ainda recordava as palavras com que justificara a sua saída de África: «Fugi de Alá», dissera; um assunto que desejava compreender na primeira oportunidade.

Naquela noite, o domínio do inglês de Hugo fê-lo ganhar amizades eternas, sobretudo entre os arpoadores: graças às suas negociações, os quatro rijos rapazes de Bermeo desfrutaram cada um de uma mulher, a melhor preço do que nunca e tantas vezes quantas as respectivas naturezas permitiram. No fim, tinham oferecido a Hugo uma formosa ruiva de largas ancas e generoso seio em paga do favor. «Para que lhe espetes o teu arpão», diziam a rir. A moça bem o merecia, mas ele preferiu ficar com o resto da tripulação, a desfrutar dos relatos das suas certamente exageradas façanhas.

De todos eles, talvez tenha sido Obeko o que mais bebeu. Nunca Hugo tinha visto coisa igual.

Naquele ambiente de risos e emoções à solta começaram as canções, às quais se juntaram os poucos habitantes locais que tinham permanecido na taberna depois da entrada da marinharia basca. Seguiram-se as lutas, e mais tarde as mesas e cadeiras pelos ares.

Nada do que ali se passava parecia preocupar por aí além nenhum dos presentes, até que um jovem do povoado se aproximou de Azerwan para lhe tirar o turbante e pô-lo na cabeça, com o consequente aplauso dos amigos. Hugo notou a dura expressão do tunisino, mas não se mexeu, à espera de ver que rumo tomava aquilo. O rapaz enrolou o pano sem cuidado, tapando meia cara e um olho, no meio de gargalhadas. A situação piorou quando quis fazer o mesmo com o colete e os amigos começaram a insultar o escravo. Azerwan tirou uma adaga de um lado qualquer com tal rapidez que ninguém teve tempo de o impedir. A ponta de aço ficou encostada à garganta do jovem.

– Dá-me mais uma razão e espeto-ta.

Um repentino silêncio assenhoreou-se da sala. Os homens olhavam uns para os outros de punhos cerrados prontos para usá-los, alguns procuravam já as suas facas. Mas Hugo agiu com rapidez e acerto. Foi até onde estava o amigo, afastou a adaga do pescoço do assustado rapaz e pôs-lhe o turbante na cabeça, a dizer piadas e a sorrir, como se o acontecido não tivesse importância.

– Estão todos convidados para uma rodada. Oferta da casa! – proclamou ao mesmo tempo que piscava o olho ao proprietário, que percebeu nesse instante a jogada e começou a distribuir novas cervejas, aliviado por não ficar com o estabelecimento ainda mais virado do avesso.

Obeko aprovou a forma como o jovem tinha sanado o incidente e chocou a caneca de *whiskey* com a do vizinho. Bebeu-a de um trago e foi ao balcão pedir outra. Enquanto esperava, voltou-se para procurar Hugo e encontrou-o em amena conversa com os irlandeses, certamente a aliviar a tensão. Apreciou a sensatez de que o rapaz dera provas, uma virtude que lhe faltava, e pela primeira vez alegrou-se por tê-lo a bordo.

Aquela viagem ia ser diferente, concluiu.

Capítulo 10

Residência de Don Sancho Ibáñez. Burgos. Agosto de 1474

Berenguela sabia que ia desencadear um cataclismo na sua família, mas depois da cilada que lhe tinham montado em casa de Damián não podia continuar a evitá-lo.

Para começar, logo às primeiras horas da manhã, tinha pedido um conclave familiar. Até ao momento conseguira fugir às perguntas do pai sobre os Covarrubias, mas era cada vez mais difícil. Os pais sentaram-se à frente da filha e esperaram que falasse. Berenguela endireitou as costas, escondeu as mãos trémulas para não denunciar o nervoso que a dominava e cruzou as pernas sem querer saber das aparências, um hábito que a mãe estava sempre a reprimir-lhe.

Tinha muito bem pensado tudo o que ia dizer.

Passara os últimos dias a preparar os seus argumentos, sem deixar por analisar qualquer pequena ponta por onde pudessem desbaratar o seu plano. Bem sabia que se não fosse suficientemente convincente a sua posição ficaria debilitada e perderia eficácia. Por isso medira até as palavras, a forma de dizê-las. Tinha consciência de que o pai planeara o seu futuro muitos anos antes, nunca lho escondera, o que significava uma difícil batalha; sabia-o de antemão. Por isso as suas verdadeiras dúvidas tinham a ver com a mãe. Apoiá-la-ia? Ficaria do seu lado quando a previsível ira do pai se manifestasse?

– Minha mãe, meu pai... – Olhou para um e para o outro e de repente tremeu-lhe uma pálpebra. Apertou-a com um dedo para a sossegar. – Como o assunto de que vou falar não é fácil de explicar, e além disso tem a ver com o meu futuro imediato, preciso antes de mais nada de agradecer-vos por terdes feito de mim a mulher que hoje sou. Ao longo da minha vida, os maus momentos foram tão poucos que não seria justo queixar-me. Mas os anos vão passando, e, como há só

três meses que fiz vinte, compreendo que vos pergunteis quando chegará o dia em que encontre o meu amor definitivo... É verdade, minha mãe?

– Dizes bem, filha.

Os olhos de Doña Elvira brilharam de esperança.

Don Sancho, que já tinha dado a sua bênção às intenções de Damián de Covarrubias – que considerava o genro ideal –, adoptou uma expressão expectante.

– Não demores mais o anúncio – pressionou.

Canelilla saltou para as pernas da dona, torceu o pescoço e olhou-a, como que estranhada. Devia ter notado alguma diferença no tom da voz, sem dúvida causada pelos nervos, pensou Berenguela ao ver como a gata procurava as suas carícias com inusitada urgência. Demorou alguns segundos a reunir a coragem necessária para lhes dar a notícia:

– Depois de ter pensado muito, de ver com clareza o meu destino, e mais em concreto em que devo empregar a minha vida... decidi entregar-me ao Senhor e tomar o hábito.

A palavra *hábito* provocou um ataque de tosse ao pai e uma gargalhada tola à mãe. Mas aquela primeira reacção durou muito pouco. Don Sancho começou a bramar como um touro antes de abrir a boca e dizer a primeira coisa que lhe veio à cabeça.

– Isso não acontecerá enquanto eu for vivo! Que ideia mais tola.

– Filha, a que propósito vem isso? – perguntou a mãe. – É a primeira vez que te ouço falar de semelhante coisa. Não compreendo. Educámos-te na fé até fazer de ti uma boa cristã, mas nunca mostraste interesse em dar esse passo.

– Não o terei feito até agora, mas digo-vos que...

Don Sancho não a deixou acabar.

– Deixa-te de parvoíces! O que se passa é que a menina não quer comprometer-se com Damián de Covarrubias e não lhe ocorreu melhor tolice do que ir esconder-se num convento.

Tinha-se levantado da cadeira e dava voltas pela sala, a soltar todo o género de impropérios.

Berenguela guardava silêncio, preparada para atacar noutra frente.

– Mas, minha filha, se o fazes por esse motivo, cada vez entendo menos. Trata-se de um dos jovens mais promissores da sociedade burgalesa. Será que não te

apercebes? – argumentou Doña Elvira. – Pode proporcionar-te uma vida cheia de comodidades, tem a tua idade, é de uma família que nos é querida, e ainda por cima é educado e bem-parecido. Ou será que continuas a pensar no irmão, esse que nunca foi capaz de assumir uma responsabilidade em toda a sua vida?

A dura referência a Hugo fê-la perder todos os cuidados que tivera até então. E dominada pela raiva, decidiu expor o seu segundo argumento na esperança de pô-los do seu lado. Ergueu a voz, agora muito mais nervosa. *Canelilla* deu um salto e fugiu.

– Para que saibais, esse, esse... esse que tanto vos agrada tentou exceder-se na sua casa de Covarrubias sem cuidar do respeito que mereço. Na realidade, organizou tudo para me ter a sós no seu salão, e quando o conseguiu excedeu-se comigo com um primeiro beijo nos lábios antes de... – Evitou ser mais explícita. – Um homem assim, incapaz de respeitar uma mulher desprotegida, é o que desejais para pai dos meus filhos?

Deixou a pergunta no ar, com as narinas dilatadas e os olhos injectados de sangue.

Para seu assombro, o pai não deu importância ao incidente, que considerava «uma coisa normal entre pretendentes». E a mãe juntou-se à análise paterna defendendo que não existia tarefa mais nobre para uma mulher do que agradar ao seu homem.

– ... no que queira e quando queira, pondo de lado o nosso parecer.

Berenguela olhava para os pais sem querer acreditar no que ouvia. A atitude do pai estava dentro do que seria de esperar, mas nunca teria imaginado a da mãe; nunca até àquela manhã em que acabava feito em fanicos o que até então julgara ser a sua família.

Don Sancho, esgotada a paciência, ordenou à mulher que os deixasse sós.

Doña Elvira engoliu os protestos e fechou a porta depois de sair.

– A partir de agora vais escutar-me sem interrupções porque eu vou dizer-te com toda a clareza o que vai acontecer contigo. – Don Sancho serviu-se de um copo de aguardente a umas horas pouco habituais. Bebeu metade de um trago e adoptou uma expressão séria. – Vais casar com Damián. Os teus pais assim decidiram e não tens outro remédio senão obedecer. Desde sempre que os casamentos são combinados entre famílias e não vais ser uma excepção. Mas, além disso, preciso desse casamento. O meu negócio precisa desse casamento. A

nossa lã tem de ganhar bom nome na Flandres e para isso só há dois caminhos: esperar que aconteça pouco a pouco, ano a ano, cliente a cliente, ou ir pela mão dos Covarrubias para que o apelido Ibáñez adquira com rapidez o peso e o reconhecimento que ainda hoje não tem e que merece, tanto em Castela como na Flandres. Assim o organizei, assim está decidido e assim está falado com o teu futuro marido. É inalterável. De tudo o resto pode-se falar.

Berenguela sentiu que o estômago se lhe encolhia.

– Tínheis combinado o meu casamento sem me dizer nada, até antes de Damián me pedir? Não compreendo, meu pai. Onde fica no meio de tudo isso a minha liberdade?

– A tua liberdade? Tolices... Quem é livre nesta vida? Acaso decidimos onde e como nascer, ou escolhemos os nossos pais? Transformamo-nos em homem ou mulher por decisão nossa? Acreditas de verdade que podes escolher nas coisas do amor? Não devias fazê-lo, filha, porque, se pensares bem, a maioria dos seres humanos ama a pessoa errada, vê-se recusada pela que julgava ser a definitiva ou acaba por amar aquela que menos se parece com a ideia que um dia construiu. Por isso a nossa capacidade de escolha está limitada a um ambiente, a um momento e a mil circunstâncias que encaminham o destino numa ou noutra direcção, sem que se possa fazer grande coisa para evitá-lo... – Bebeu a outra metade do copo. – E chegado a este ponto, o ambiente, o momento e as circunstâncias uniram-se para te deixar nos braços de Damián. Não procurámos um mau homem para ti, muito pelo contrário. Devias estar agradecida...

– Não estou porque não o amo... amo o irmão – viu-se obrigada a confessar, ao sentir-se encurralada. – Admito que a forma de agir de Hugo é por vezes difícil de entender, mas também não acredito nas notícias que correm por aí e que o acusam de ter roubado a família e fugido. Sei que não é verdade, e ele é tão capaz como Damián de dirigir a empresa familiar. – Pegou nas mãos do pai e acariciou-as. – Por que não encaramos isto de outra maneira, para que todos ganhemos? Se casasse com Hugo, filho que também é de Don Fernando, os negócios dele podiam beneficiar-vos do mesmo modo, meu pai... Por que não fazer que o ambiente, o momento e as circunstâncias sejam outros, mais favoráveis para mim, mas não menos para vós?

Embora lhe parecesse hábil, a perspectiva da filha em nada ia modificar a decisão de Don Fernando. Sabia muito bem o que acontecera em Portugaleta e

em Bermeo graças ao seu feitor, e temia as possíveis consequências tanto para o seu negócio como para a sua pessoa se o rapaz aparecesse em Burgos. De momento, tinha um homem a vigiar o palácio dos Covarrubias dia e noite com ordens taxativas e mais três a guardar as entradas da cidade, atentos a qualquer viajante que chegasse.

Tempos antes considerara o jovem Hugo de Covarrubias o mais firme candidato a estreitar os laços entre as duas famílias, mas mudara de ideias quando Damián jogara as suas cartas propondo-lhe um acordo tão favorável que não pudera recusar. O rapaz mostrara ser tão ambicioso ou mais do que ele. No entanto, agora já não se tratava de um concurso entre dois pretendentes à mão de Berenguela. Hugo tinha-se transformado num gravíssimo problema e mais valia evitar a sua presença na cidade por todos os meios. A verdade era que estava tudo sob o seu controlo excepto a filha. Precisava de casá-la com Damián o mais depressa possível e, para que não restasse dúvida alguma, viu chegado o momento de fazer valer a sua autoridade.

– Esquece essa ideia – disse, pondo fim à discussão. – Esse rapaz tornou-se pestilento para o pai e seria a última pessoa a quem ele deixaria o negócio familiar. Isto se aparecer, que de momento ninguém sabe onde está. Esquece-o. E essa outra ideia de ires para freira vou fingir que foi uma brincadeira. Vais casar com Damián.

– Isso não acontecerá!

– Claro que acontecerá. Vamos ver se acontece ou não! – disse num tom de voz mais firme. – Não tenciono continuar a discutir este assunto. Vais casar, e mais do que isso, espero que lhe dês um filho muito em breve. Põe de lado os teus desejos e consegue que as duas famílias, Ibáñez e Covarrubias, reforcem a sua união com o nascimento de um herdeiro. Ainda que agora te pareça impossível, sei que acabarás por ser feliz. Portanto, a única coisa que te resta fazer é obedecer à minha vontade sem mais protestos.

– Tornais tudo muito difícil para mim.

– Não, não é, minha filha. Difícil é sobreviver no negócio da lã sem ter um nome com importância bastante, como acontece com o teu pai. Bem sei que te peço um sacrifício. Mas eu só desejo o melhor para ti, mesmo se agora te parece o contrário, e para que não reste dúvida nenhuma, se tanto arrebatamento sentes por esse Hugo, nunca te censurarei se acabares por ter os teus encontros com ele,

um dia mais tarde. Desde que o faças com a discrição própria de uma boa esposa. Não me parece que precise de ser mais explícito...

Berenguela ficou muda e estupefacta ante o que acabava de ouvir. Aquilo era um pesadelo, ou o pai era de verdade assim? Podia tanto nele a ambição que era capaz de dispor da filha por meros interesses comerciais? Dizia-lhe que tivesse relações com Hugo ao mesmo tempo que a acorrentava a Damián? Como poderia explicar aquilo diante do seu confessor?

Enquanto Berenguela pensava em como sair daquele imbróglio, na cabeça de Don Sancho estava tudo muito claro: jamais permitiria que Hugo voltasse a vê-la, nem que pudesse denunciá-lo revelando o que tinha descoberto em Portugalete.

Isso sim, nunca aconteceria...

Capítulo 11

Nau Santa Ana. Em pleno mar. Agosto de 1474

A *Santa Ana* levava doze dias de navegação desde que deixara para trás a costa irlandesa rumo às gélidas águas da Islândia, e um frio intenso tinha-se apoderado de tudo, o que fazia que a vida a bordo fosse um verdadeiro inferno, por mais que em vez de chamas e enxofre houvesse gelo.

No convés não se podia estar mais de dez minutos sem sentir que até a respiração congelava. Por isso a maior parte da tripulação passava as horas mortas nas cobertas inferiores, com um pequeno fogareiro para se aquecer.

Hugo ficara surpreso com a perfeita organização dos porões, onde a mercadoria ocupava até à última polegada. Transportavam no seu interior os oitocentos barris que acolheriam o óleo de baleia, também conhecido como *saín*, ainda desmanchados para poupar espaço. Os dois carpinteiros e o calafate seriam os encarregados, uma vez chegados ao destino, de montá-los com maestria suficiente para evitar fugas do apreciado líquido e torná-los resistentes às possíveis tempestades no alto mar. As grandes cidades pagavam um bom preço por aquele óleo porque não existia melhor combustível para a iluminação pública, dado o pouco cheiro e fumo que a sua queima produzia. Além dos barris, a nau levava duas grandes caldeiras de cobre para aquecer a carne das baleias e extrair-lhe a gordura, uma abundantíssima provisão de sal para conservar o pescado, três grandes tonéis de sidra com dez quintais de capacidade, uma infinidade de sacos de grão e ervilhas, lentilhas e favas, e também biscoito, centenas de peças de toucinho e quarenta barris de bacalhau e sardinhas salgadas. Com tudo isto confeccionavam uma ementa bastante pobre, que os marinheiros melhoravam com as comidas que levavam para bordo, o que causava uma certa inveja a Hugo quando os via devorar pedaços de chouriço e presunto, ou aromáticos queijos.

Estava o jovem burgalês entretido com um muito pouco substancial guisado de peixe na companhia de Azerwan quando rebentou uma discussão entre dois marinheiros. As muitas horas de travessia quase sem nada que fazer, juntas ao reduzidíssimo espaço na embarcação e alguma afronta mal resolvida no passado levavam com frequência a que os ânimos se incendiassem. Mas nunca de uma maneira tão exacerbada como entre aqueles dois homens, que passaram das palavras às mãos e das mãos às navalhas. A contenda resolveu-se tão mal que os dois adversários acabaram caídos no chão banhados em sangue e com duas facadas que os mataram antes que o barbeiro pudesse acudir-lhes, nem o capitão Obeko, que apareceu alarmado pela vozeria, separá-los.

– Que diabo aconteceu aqui?

Estudou os rostos dos presentes, a tentar descobrir a quem ia partir a cara por não ter evitado a desgraça. Quase todos os olhares se afastaram, receosos, excepto o de Azerwan.

– Capitão, há quatro coisas que não voltam: a seta disparada, a palavra dita, a oportunidade desperdiçada e a vida passada.

Cada vez que o escravo largava uma daquelas sentenças, parecia-lhes uma tolice, mas também era verdade que as mais das vezes tinham a virtude de provocar um pensamento ou uma reflexão interior. Hugo, como a maioria, entendeu a mensagem. De que servia dar voltas às possíveis causas da tragédia quando já não tinha solução? Aqueles dois homens estavam mortos e só restava uma coisa a fazer: dar-lhes um enterro digno ou, no caso, lançá-los ao mar com algumas orações pelo meio. Embora naquele navio também houvesse alguém que à primeira oportunidade fazia questão de ostentar a sua impermeabilidade ao mais pequeno raciocínio. Era o caso de mestre Orti.

– De que seta estás tu a falar, tunisino? – perguntou no mesmo instante. – Não viste que se mataram com navalhas?

Pela expressão de alguns, ficou claro que se não houvesse dois corpos ainda quentes estendidos no chão estas palavras teriam sido acolhidas por uma gargalhada geral.

Obeko amaldiçoou todos os presentes, mimoseou Azerwan com um sonoro impropério, para que não pensasse que era alguém, ordenou que levassem os cadáveres para o convés, lavassem tudo aquilo e que o cozinheiro preparasse uma boa oração. Na falta de alguém consagrado a Deus, era de todos eles o que

melhor sabia rezar. Mas não terminaram aqui as suas ordens. A morte daqueles dois marinheiros significava um problema maior.

Olhou para Hugo, depois para Azerwan, e decidiu-se:

– Tu e tu! Vão substituir esses dois desgraçados nas tarefas por que eram responsáveis.

– E que tarefas são essas? – perguntou Hugo, que se tinha prestado a carregar com um dos mortos e o agarrava pelos ombros.

Obeko, com um pé a meio da escada, voltou-se.

– Construir novas cabanas de pedra, um armazém e um secadouro nas terras novas para onde vamos... Ou seja, vocês os dois, com o Jakue e o Gartzia, vão ter de lá ficar mais dez meses para fazer o trabalho, até que a *Santa Ana* vá recolhê-los na próxima expedição.

– Quando falais de «terras novas», falais da Islândia? – quis saber Hugo vencido pela curiosidade depois de receber com desagrado o penoso encargo, de lamentar um novo atraso no seu objectivo de avisar o pai e sem possibilidade de protestar dada a sua frágil situação no navio.

– Nada disso, homem! – respondeu o marinheiro Tasio. – Dirigimo-nos a um destino que quase ninguém conhece. A um novo pesqueiro a poente, muito longe da Islândia, um lugar onde abundam as baleias como em nenhum outro sítio do mundo. Esta é a quarta vez que lá vamos, apesar de não sermos os únicos a conhecer aquelas águas entre os pescadores bascos. Vais ver como gostarás do que vais fazer e descobrir por lá.

– O que de verdade gostaria está muito longe destas cobertas e mastros – resmungou Hugo.

Obeko já pisava a popa do navio e não o ouviu, mas o mestre sim.

– Vai agora procurar o capitão e se tens coragem diz-lhe na cara que desprezas estar na sua nau. Fá-lo e voltarás a experimentar a frescura das águas, que por aqui são muito piores. E juro que desta vez proibirei o escravo de salvar-te.

Hugo olhou para mestre Orti com desdém. Não gostava nada daquele homem, mas reconhecia que não lhe faltava razão. Engoliu o orgulho e bufou sem responder, pegou num dos corpos pelas costas e arrastou-o consigo até deixá-lo junto à amurada, com a ideia de lançá-lo ao mar quando o capitão o ordenasse.



Horas mais tarde, uma vez terminadas as tarefas habituais do dia, dirigiu-se ao porão da ré. Acomodou-se entre uns sacos de cebolas e alhos, à luz de uma pequena candeia. Pegou nas folhas de papel que tinha comprado com Obeko e começou a desenhar como a mãe lhe tinha ensinado desde que era muito pequeno, uma coisa que depois de perdê-la se transformara num exercício de solidão.

A mais ninguém mostrara os resultados da sua mão. Ela tinha-o encorajado – ainda agora tinha a certeza de que continuava a fazê-lo do céu –, mas depois da sua morte tinha mantido aquele gosto em segredo, convencido de que os seus desenhos não mereciam que os mostrasse a alguém.

Por isso, na família, a sua habilidade com o lápis de carvão era uma virtude desconhecida. E, no entanto, não havia nada que lhe desse mais prazer do que aqueles momentos de recolhimento interior expressados num papel. Era como pudesse tocar o céu com as pontas dos dedos; como saborear o melhor mel. Cada vez que iniciava um novo desenho sentia-se como alguém que empreende uma viagem sem destino certo, disposto a experimentar toda a gama de emoções possíveis. Para ele, desenhar era um exercício de paixão ardente que acabava quando o desenho ficava pronto. Porque nenhum dos seus trabalhos tinha sobrevivido: tudo o que desenhara, absolutamente tudo, tinha sido queimado logo a seguir. Assim devia ser. Entregava-se de tal maneira àquilo, sempre sem excepção, que se sentia morrer em cada traço, exauria-se de emoção e retinha o alento quase ao ponto de asfixiar, pois no seu empenho esquecia-se até de respirar. E face a tão esgotante objectivo, sempre acreditara que mais ninguém devia vivê-lo com ele.

Por isso, tudo começava e acabava em cada desenho.

O lápis de carvão percorreu o papel de um lado ao outro. Lambeu umas incipientes e espumosas ondas, primeiro esboçadas e depois reveladas com mais pormenor, e do violento mar surgiu uma besta imaginária. Um ser, de espada na mão, lutava em fúria contra ela. A mão de Hugo, agora solta e em plena euforia, foi arrancando ao desenho a profundidade e depois o realismo. Nas caras das duas personagens surgiram gestos e expressões que acabaram por tingir-se de ferocidade. Era uma cruenta batalha, não muito diferente da que se travava no seu íntimo. Uma guerra sem tréguas. Um indefinido debate entre querer e poder.

Desenhou novos caracóis nos cabelos do herói, alongou as garras da besta e observou o conjunto terminado.

Tinha voltado a perder a vida naquele cenário de papel.

Como das outras vezes, amarrotou-o entre as mãos antes de procurar a chama da candeia e reduzir a cinzas a cena marinha. Contemplou o resultado. A luz intensa das chamas cegou-lhe os sonhos e mais uma vez ficou tudo dentro dele.

Só para ele, e para a mãe.

Capítulo 12

Consulado de Mercaderes de Castilla. Bruges. Setembro de 1474

A formosa cidade dos canais não tinha parado de crescer nos últimos dois séculos sob o ducado da Borgonha, até tornar-se o mais importante centro comercial do Norte da Europa. No seu porto chegavam a juntar-se oitenta navios carregados com as variadas mercadorias e hasteando as mais exóticas bandeiras. E as suas ruas enchiam-se todos os dias de um grande número de visitantes estrangeiros oriundos de meio mundo, desde genoveses, ingleses, bizantinos e hanseáticos até castelhanos, biscaínhos, aragoneses, catalães ou valencianos.

Em Bruges havia dinheiro, muito dinheiro.

Não havia rua que não tivesse três ou quatro palácios ou luxuosas hospedarias, a comida que as suas pousadas ofereciam era excelente, e a qualquer hora se podia ver centenas de sumptuosas carruagens a percorrer as ruas empedradas de uma ponta à outra da cidade. Mas Bruges também se orgulhava de celebrar as mais notáveis e loucas festas, de contar entre os seus cidadãos grandes músicos e pintores, e sobretudo de ter as mais belas e refinadas mulheres de todo o continente.

O dinheiro corria de mão em mão. Dos poderosíssimos fabricantes de têxteis para os banqueiros, que o transformavam depois em cartas de crédito, ordens de pagamento e cédulas; dos feitores que acompanhavam as mercadorias para os navios aos capitães desses navios; deles para os seus marinheiros, e dos marinheiros para os taberneiros e proprietários de outros recintos de duvidosa moralidade.

No entanto, Policarpo não via nada disto, porque estava nervoso, muito nervoso. Soavam os sinos da vizinha capela de Santa Cruz quando apareceu o melhor cliente de Don Fernando de Covarrubias, seu patrão. Van Cliff era o dono da mais afamada oficina de tapeçaria do Norte da Europa, a apenas seis horas a cavalo de Bruges, na antiga povoação de Tournai. Todos lhe mostravam respeito,

tanto a ele como à sua reconhecida habilidade para o negócio. Os seus tapetes cobriam as paredes da maior parte dos palácios das cortes reais europeias, como também de algumas catedrais e residências episcopais. Muitos dos seus desenhos tinham a assinatura de grandes pintores, como era o caso do francês Henri de Vulcop, e os materiais que usava na sua confecção eram os melhores dos melhores. Fios de ouro e prata, as mais delicadas sedas e, claro, uma lã de óptima qualidade constituíam as matérias-primas imprescindíveis para que das suas oficinas saíssem preciosas obras de arte.

O seu aspecto, no entanto, nada contribuía para o prestígio de que gozava, porque Van Cliff talvez fosse o indivíduo mais feio do mundo. No seu rosto destacavam-se duas flácidas bochechas que terminavam numas estranhas rugas à altura dos lábios demasiado carnudos. O nariz era tão grande e achatado que parecia ter ali ficado encaixado depois de um fenomenal murro. A testa estava sempre suada e coberta de borbulhas encarnadas e as orelhas eram demasiado salientes. Só se salvavam os olhos, de um belo azul-claro, que mesmo assim não conseguiam melhorar o conjunto.

Policarpo recebeu-o às portas do nobre edifício que o Consulado de Mercaderes de Castilla possuía na cidade de Bruges. Os seus armazéns, situados no piso térreo, reuniam naquela manhã um numeroso grupo de compradores. As últimas entregas de lã acabavam de chegar de navio, depois de terem percorrido a légua e meia navegável do rio Zwin, que ligava a cidade à eclusa número quatro do porto de Damme, destino habitual dos navios fretados pelos comerciantes castelhanos.

– Vós primeiro – disse, cedendo a passagem.

Caminharam até às sacas de Don Fernando a conversar com a cordialidade e a confiança que se podia esperar entre dois velhos conhecidos, ainda que o feitor – que bem sabia de que madeira Van Cliff era feito – esperasse o pior.

Van Cliff atacou a primeira saca cortando com uma afiada navalha o pano de que era feita. Deixou à vista uma pequena abertura por onde assomou um bom punhado de velos. Murmurou qualquer coisa incompreensível, coçou o grosso nariz e puxou por um pedaço de lã. Estudou-a com tanta atenção que mais parecia um joalheiro judeu de Antuérpia a calcular o valor de um dos seus diamantes do que um comprador de têxteis. Espalhou algumas mechas sobre uma mesa de madeira, calcou-as, abriu-as, calculou o comprimento e densidade,

bem como a proporção da cabeça sobre o total do velo. Resmungou, olhou de soslaio para Policarpo à espera de uma explicação, e como esta não chegava dirigiu-se-lhe muito irritado.

– Quereis explicar-me o que significa isto?

Policarpo olhou para as pontas dos sapatos e respondeu com uma voz esmorecida.

– Em Castela diz-se que o ano não foi bom em pastos... E já se sabe, quando as ovelhas não comem bem, não produzem a lã a que estamos acostumados.

Van Cliff não acreditou. Atirou a amostra para o chão e esmagou-a com a ponta do sapato.

– Não é o primeiro ano que lhes acontece. – Bufou, furioso. – Que digo eu, o primeiro? Não é o segundo... Esta lã que me trouxestes não é de merina: ou as ovelhas são mais velhas do que eu ou quereis enganar-me. Que sei eu! Tanto se me dá... Ao contrário do que os meus olhos vêem, o dinheiro com que sempre vos paguei é de primeira qualidade. Bem o sabeis. – Os seus olhos azuis procuraram os de Policarpo. – Para defender os meus tapetes preciso do melhor produto, uma coisa que até agora só os Covarrubias tinham. Mas está visto que me empurrais a mudar de fornecedor.

Olhou para a esquerda e para a direita, para decidir com que outro mercador ia falar; estavam ali todos os que tinham lã para vender, e despediu-se irritado de um Policarpo que tratou de dissimular uma falsa contrariedade.

– Baixo o preço... – sugeriu, antes que Van Cliff se afastasse.

– Nem dada! – respondeu este, à procura de melhor produto com bastante ansiedade, não fosse já tarde para o encontrar.

Um homem aproximou-se dele antes de ter dado dois passos.

– Meu senhor, ide até ao fundo do armazém e perguntai por Ramiro de Lerma. Não vos arrependereis... Reconheci-vos, sem querer presenciei a vossa decepção, e dada a fama que vos precede, sei que só ali encontrareis o que procurais.

Van Cliff olhou-o de soslaio e tentou recordar onde o tinha já visto, mas não conseguiu. Hesitou entre dar-lhe ouvidos ou dirigir-se a qualquer dos comerciantes presentes. Sabia que naquela altura da campanha a concorrência já tinha comprado e pagado a maior parte da lã e também que, se não se apressasse, não tardaria a ver voar a pouca disponível. As suas oficinas esperavam a chegada

de mais lã, os seus clientes continuavam a crescer em número e qualidade, e se não a conseguisse a sua fama ficaria gravemente prejudicada.

Olhou na direcção que o homem lhe indicava e pensou em Don Fernando de Covarrubias, com que fazia negócio havia mais de vinte anos. Não entendia o que podia estar a acontecer, mas era indesculpável que nos últimos tempos estivesse a oferecer-lhe um produto de tão má qualidade. Olhou uma última vez em redor, a tentar reconhecer algum fornecedor fiável, e como não encontrou nenhum e os que estavam pareciam muito ocupados, acabou por se decidir pelo recomendado.

Procurou o indivíduo com que acabava de falar, mas não o viu em parte alguma; nem atrás de si nem em qualquer outro sítio. Dirigiu-se ao canto do armazém, onde descobriu um homem de bom aspecto e inconfundível ar castelhano que o recebeu com absoluta amabilidade.

– Venho até vós recomendado por... bom, não sei dizer-vos quem era. Pouco importa! O facto é que me disse que tendes boa lã e gostaria de o verificar. Se assim for, precisaria que me dissésseis de que quantidades poderíamos falar. Porque se for abaixo das minhas necessidades, mais vale não perdermos tempo.

– Sou o feitor de um comerciante de Burgos que negocia há poucos anos nesta cidade mas que está desejoso de aumentar a sua clientela. Estais com sorte, porque, de toda a lã que trouxemos nesta viagem, resta-nos uma centena de sacas da melhor qualidade. Aí a tendes.

Apontou com o dedo um monte de sacas marcadas com um selo que Van Cliff não reconheceu. Sem mais delongas, cortou uma e repetiu o mesmo procedimento que já tivera com a lã dos Covarrubias. E o que viu agradou-lhe muito. Tanto que lhe tremeu a voz ao perguntar o preço.

– Este ano, como decerto sabeis, não se recolheu tanta lã, pelo que...

– Maldição! Deixai-vos de rodeios e dizei-me quanto vale.

Van Cliff começou a torcer um dos botões da casaca com tanto ardor que acabou por ficar com ele na mão.

– Trinta mil maravedis! – respondeu o tal Ramiro sem pestanejar.

– Santo Deus! Enlouqueceste? Acabam de pedir-me vinte e oito mil não há dez minutos... Isso não é um preço, é uma autêntica barbaridade.

Van Cliff, como homem curtido naqueles negócios, tinha feito contas em múltiplas ocasiões. E embora não soubesse os custos exactos desde que a lã saía

do produtor até que chegava ao armazém onde estava, não acreditava que fossem mais de seis mil, quando muito sete mil maravedis. Os lucros que aqueles comerciantes obtinham eram fabulosos.

O feitor, conhecedor da urgência do cliente, mas não do que lhe passava pela cabeça naquele momento, defendeu com mais afinco a sua posição.

– Esta lã vale o dinheiro, e vós bem o sabeis. Não posso baixar o preço, a menos que estivésseis disposto a pagar a pronto. Se assim for, contaí com mil maravedis a menos.

Van Cliff fechou o negócio com um aperto de mão e um adiantamento em dinheiro.

– Os meus homens virão buscá-la amanhã e pagar-vos-ão o restante.

Tirou uma amostra para que o seu chefe de oficina a visse. Apertou-a entre os dedos, sentiu-lhe a firmeza e calculou o alto número de fibras por velo que podia ter. Só ele sabia a vantagem que isso lhe ia dar na confecção da nova tapeçaria encomendada pelo papado de Roma. Fez meia volta para se afastar, mas de repente rodou sobre os calcanhares e dirigiu-se ao castelhano.

– Desculpai-me, a quem acabo de comprar esta lã?

A pergunta surpreendeu Ramiro a contar o dinheiro; ergueu o olhar e respondeu:

– Ao vosso novo fornecedor a partir de agora: Don Sancho Ibáñez.



O Consulado de Mercaderes de Castilla não era o único lugar de encontro dos comerciantes que chegavam a Bruges vindos dos diferentes reinos ibéricos. Dois séculos antes, os armadores biscainhos tinham aberto casa na cidade, e cem anos depois os catalães. A estes últimos tinham-se juntado, décadas mais tarde, aragoneses e valencianos. Uns e outros tinham procurado os privilégios em impostos e direitos que a cidade oferecia a todas as nações cujos comerciantes se tornassem residentes, organizavam-se para resolver os seus litígios comerciais ou civis, e nas suas salas de reuniões firmavam acordos com genoveses, hanseáticos ou com comerciantes locais. De cada um daqueles consulados dependia uma confraria, com as correspondentes capelas abertas num dos templos da cidade. A castelhana chamava-se de la Santa Cruz e situava-se na igreja dos frades menores, vizinha das suas instalações.

Os seis cônsules que representavam o Consulado de Castilla, também conhecido em Bruges como La Nación Española, eram nomeados pela Universidad de Mercaderes de Burgos. Era perante o respectivo prior, Don Fernando de Covarrubias, que respondiam quando se tratava de negociar com a cidade os direitos de peagem ou qualquer das suas ordenanças.

Mas também lhe faziam chegar denúncias por quaisquer más práticas de algum membro do grémio, informações sobre as operações comerciais dos consulados aragonês e catalão, bem como dos veneziano e lombardo, aos quais tentavam roubar clientes.

Um desses cônsules, que em Bruges acabaram por ser chamados *juízes*, Lope de Gracia, tinha uma belíssima esposa de origem italiana, Renata; uma mulher que desde a sua chegada à cidade, quatro anos antes, não passara despercebida. De facto, não havia um único varão residente em Bruxelas que não tivesse elogiado a sua beleza, de viva voz se tinham sido já apresentados, ou em pensamento para os que não tinham ainda tido essa sorte. Porque Renata era muita Renata.

Seriam oito da tarde daquele primeiro sábado de Setembro, quando a escuridão começava a vencer a luz no céu, quando foi vista a dirigir-se a um dos palácios mais luxuosos da cidade: o do poderoso cambista e banqueiro flamengo Cris van der Walle. Escondida sob uma grande capa com capuz, estugou o passo até chegar ao portão. Bateu com a aldraba cinco vezes, as combinadas, e esperou a conter a respiração.

Foi o proprietário que o abriu, com a mesma rapidez com que o fechou depois de ela entrar. Com expressão inquieta, voz baixa e passos silenciosos, atravessaram o rico vestíbulo, desceram um piso e chegaram a uma porta que Renata bem conhecia. Van der Walle tirou do bolso uma comprida chave, que deixou cair no chão por causa dos nervos, e por fim abriu-a. Desceram mais vinte degraus, à ténue luz de uma candeia, até chegarem a uma grande câmara escavada na pedra. O homem, servindo-se de uma mecha, acendeu as três grandes velas que pendiam das paredes e de imediato a luz iluminou o interior. Estavam na adega. Olharam-se nos olhos. Renata desapertou o nó do cordão que prendia a capa e deixou-a escorregar para o chão. O seu belo e sugestivo corpo, ainda cingido por um vestido grená, ficou exposto ao lascivo olhar de Van der Walle.

Poucos segundos depois estava deitada de costas sobre a única mesa da câmara, a receber no seu interior aquele homem repugnante, mais um numa longa lista de amantes.

Os seus negros caracóis acariciaram a madeira enquanto as mãos dele lhe percorriam a pele, sequiosas. Fechou os olhos, e com eles o coração e os sentimentos. As formas perfeitas do seu corpo moldaram-se às toscas do banqueiro enquanto ouvia da sua boca uma apaixonada litania de elogios e lisonjas. Não era uma deusa, como ele dizia, nem a fonte de todos os prazeres. Era uma alma castigada num penoso destino.

Quando Van der Walle se deixou cair, esgotado, em cima dela, na cumplicidade daquela adega, esconderijo de amores proibidos e com a mulher à espera três pisos mais acima, Renata voltou a abrir os olhos. As escuras pedras talhadas do tecto pareceram-lhe dolorosamente diferentes das brancas que pisava quando era menina, nos alcantilados da sua Sicília natal. Quando a sua vida era simples e limpa.

Libertou-se do homem, procurou a capa e envolveu-se nela com a intenção de fugir dali o mais depressa possível. Van der Walle notou-o.

– Vais-te embora sem me dar um último beijo, meu amor?

Renata pousou os finos lábios nos dele sem a mais pequena ponta de paixão. Os braços do flamengo agarraram-lhe as ancas e voltou a sentir o seu desejo.

– Não posso ficar mais tempo – desculpou-se ela. – O meu marido estranhará se não chegar a casa antes das nove. Disse-lhe que ia a casa de uma amiga e que ceava com ele. Vemo-nos para a semana.

Cobriu a cabeça com o capuz, lançou um beijo para o ar e subiu a escada. Não encontraria ninguém, como sempre, como ele tinha organizado havia quatro meses: desde que começara a possuí-la.

Saiu do edifício a passo largo e percorreu três ruas até chegar à sua residência; um palacete mais modesto, mas com uma bela fachada coberta de madeira desde o segundo piso até ao telhado. Viu luz através da fresta que a porta entreaberta deixava e soube que o marido estava no salão, de certeza com alguma visita de negócios. Não foi cumprimentá-lo. Para quê fazê-lo se a relação entre eles não era a de um casal normal?

Correu escadas acima até ao seu quarto, contíguo ao do esposo, e fechou a porta atrás de si, furiosa e envergonhada. Desfez-se da capa e uma vez nua

procurou a jarra com água, empapou uma toalha e esfregou o corpo todo com gestos frenéticos, para eliminar quaisquer restos do cheiro daquele homem antes de se enfiar na cama.

Escondida debaixo dos lençóis, chorou amargamente mais uma noite.

Silenciou os seus gemidos e secou as lágrimas com o macio pano de algodão que a cobria, espantada ao ver aquilo em que se tinha tornado.

Ninguém, excepto Don Lope, sabia a verdade.

Capítulo 13

Nau Santa Ana. Em pleno oceano Atlântico. Outubro de 1474

Tinha perdido a conta às semanas – meses?– que levavam sem avistar terra, e a proa da *Santa Ana* continuava apontada a poente.

Hugo ainda não sabia para onde iam, a não ser que era «um lugar em que muito poucos europeus estiveram, muito longe das frias terras da Islândia». A embarcação deixava-se levar por uma forte corrente marinha que tinham descoberto anos atrás e que só outros três navegadores bascos conheciam.

Naqueles mares para onde iam, segundo lhe tinha revelado Obeko, havia as melhores baleias de todos os oceanos, assim como inesgotáveis cardumes de bacalhau. Mas a rota para chegar ao pesqueiro era muito pior do que atravessar o inferno. Nas duas últimas semanas tinham sofrido os efeitos de três temporais com ventos gelados vindos do Norte, o que obrigara a arriar velas para não as perder e a que quase toda a tripulação procurasse a protecção das cobertas inferiores durante vários dias seguidos. A falta de sol e as baixas temperaturas tinham trazido as primeiras consequências na forma de frieiras e febres do pulmão.

Mas naquela manhã de 3 de Outubro, muitos pensaram que tinham chegado ao fim dos seus dias.

Enfrentaram um mar encapelado como nunca.

As ondas varriam o convés e a água congelava nesse instante.

A tripulação da *Santa Ana* não dava vazão a picar o gelo, porque em poucos segundos voltava a formar-se. As vergas e os cabos tinham engrossado até ao triplo da sua espessura normal devido à água congelada. O capitão Obeko acicatava-os para que não se detivessem naquele infrutífero trabalho, consciente da gravidade do perigo que o peso de tanto gelo representava para a navegação. A nau rompia as águas com a sua linha de flutuação muito baixa, por causa da inesperada carga que lhe comprometia a estabilidade. Apesar dos capotes e das

luvas e botas especialmente preparados para combater aqueles desmandos da natureza, tudo parecia insuficiente. A água infiltrava-se por entre as roupas e acabava por formar cristais de gelo que lhes feriam a pele.

Hugo mal sentia os dedos das mãos, e menos ainda os dos pés. Cada vez que inspirava, era como se em vez de ar fossem centenas de facas que lhe entravam nos pulmões. A sua juventude protegia-o, apesar de tudo, porque os efeitos daquele clima extremo estavam a ser piores para outros. Dois marinheiros perderam três dedos sob a lâmina do barbeiro, que se empenhava a fundo. Um dos porões tinha sido transformado em hospital provisório, onde os males menos graves que se tratavam eram as terríveis doenças do peito. Um dos internados era Azerwan, que depois de ter superado um complicado problema digestivo, tinha apanhado umas terríveis febres.

Armado com um pico, Hugo atacou uma placa de gelo e quebrou-a em mil pedaços que a água levou de imediato. A compra das roupas que vestia tinha-lhe salvado a vida; sem elas não teria sobrevivido um só dia, pensou enquanto lhe chegava aos ouvidos a trovejante voz do capitão.

– Parecem umas meninas, malditos sejam! Quero ver o convés limpo de gelo, e quero vê-lo já.

Hugo voltou-se para olhar para ele. Com as mãos aferradas ao leme, a atenção daquele homem indestrutível voava de uma ponta à outra da nau, com as mandíbulas cerradas e uma expressão de incrível segurança, quando todos pensavam que aquilo não podia ficar pior. Ao lado de Hugo, um grumete bastante mais novo do que ele desembarçava de gelo as velas recolhidas. Hugo reparou que tinha as pestanas geladas e o nariz tão arroxeadado que fazia medo.

– Vai procurar o barbeiro para que veja isso. Está com muito mau aspecto.

Apontou-lhe para a cara no preciso momento em que uma onda enorme lhes desabou em cima. Ele conseguiu agarrar-se a tempo a uma das amuradas; pior sorte teve o seu companheiro, que foi arrastado pela vaga até desaparecer da vista. Hugo procurou-o no convés sem êxito, até que ouviu os seus gritos a pedir socorro. Chegou-se à amurada e viu-o a debater-se no meio das ondas, quase afogado, numa águas enfurecidas e mortais.

– Homem ao mar! – gritou a plenos pulmões. Procurou um cabo e atirou-lho, mas não tinha comprimento suficiente.

Vários homens acudiram aos seus gritos, dois deles com arpões. Lançaram-nos também, amarrando às mãos a ponta das cordas, mas não conseguiram que o infeliz os alcançasse para ser puxado. Hugo via como a cabeça do jovem aparecia e desaparecia, empurrada pelas gigantescas ondas.

– Despe a roupa ou ela arrasta-te para o fundo! – gritou um dos recém-chegados.

O momento era crítico. Se o naufrago não se desembaraçasse das roupas empapadas, o mar engoli-lo-ia. Mas também não era a melhor solução se não o recolhessem de imediato, porque a temperatura da água o mataria do mesmo modo. O barco, levado pela corrente, seguiu o seu rumo e o infortunado grumete ficou para trás. Instantes depois o mar reclamou a sua presa com uma última onda. Depois disso, não voltaram a vê-lo.

Hugo ficou de pedra ao ver como os outros marinheiros voltavam às suas tarefas sem parecerem muito afectados pela tragédia. Era assim dura a vida daqueles homens em busca de pesca e fortuna. A morte viajava com eles, desejosa de mostrar o tétrico rosto. Pela primeira vez, teve consciência de que podia morrer, e sentiu um fundo calafrio.

Olhou para o ondulado perfil do mar ameaçador enquanto o vento lhe cortava a pele das faces e o obrigava a fechar os olhos para que não gelassem. Nunca antes tinha vivido uma situação de tanto perigo, mas ali, nos limites da resistência humana, e sem suspeitar do que lhe faltava ver e viver quando chegassem ao destino, decidiu não se deixar vencer.

– Rapaz! – bramiu Obeko ao vê-lo parado. – Ou continuas a picar o gelo ou corto-te esses tomates congelados!

Hugo reagiu e voltou ao trabalho como os outros, a apertar os dentes e com os pés bem fincados na escorregadia superfície.



Uma hora mais tarde foi substituído por ordem de Obeko, para que, com os outros marinheiros com os quais partilhara medo e tamanho sacrifício, recuperasse calor e forças no interior da nau. Colou-se a um dos braseiros acesos e quando voltou a sentir os dedos foi procurar Azerwan.

Encontrou-o a tiritar.

Tinha a pele muito seca e os olhos mais encovados do que o normal, apesar de não terem perdido o seu brilho peculiar. Sentou-se aos pés do catre e entregou-

lhe uma caneca de chicória quente. Azerwan provou um gole e devolveu-lha.

– Como vão as coisas lá fora?

– Se digo que é um susto digo pouco. Perdemos um dos grumetes, aquele que tinha os cabelos espetados, um tal Motriko. Foi terrível. Um golpe de mar apanhou-o, e não foram mais porque há um Deus.

Apertou a caneca entre as mãos, para roubar-lhe o calor.

– Deus não se mete nestas coisas... – disse o tunisino, lacónico.

Hugo recordou então a enigmática referência a Alá quando lhe tinha resumido os motivos da sua fuga. Pensou que não teria melhor oportunidade de desvendar o seu significado, e assim o disse.

Azerwan não levantou objecções, mas primeiro bebeu um gole da infusão para contrariar a secura da língua.

– Houve uma mulher. Uma mulher incrível que levou a minha alma. Chamava-se Ubayda. Ainda a sinto no mais profundo do meu ser, apesar de quase nunca mencionar o seu nome; por vezes temo que fazendo-o as palavras arrastem para longe de mim um fiapo da sua recordação. Porque Ubayda era como o ar do deserto. Por vezes brisa, cálida e terna, por vezes intensa, capaz de varrer até o pensamento, sempre fugaz.

«Chegou à minha vida durante a minha última caravana do sal, um mês antes de eu fugir de todo o meu mundo, e fê-lo como só ela podia fazer: como uma tempestade. Porque Ubayda era tudo ou nada. E comigo foi tudo. A partir do momento em que os nossos olhares se cruzaram pela primeira vez, quando decidi que não tinha mais nada de grande a fazer neste mundo senão unir-se a mim e dar-me o seu amor.

Enquanto Hugo escutava o amigo com os cinco sentidos postos no relato, alheio à tormenta lá fora, Azerwan explicou-lhe que desde aquele primeiro dia em que se encontraram ele e Ubayda nunca mais tinham voltado a separar-se. Fugiram dos seus e procuraram um lugar onde ninguém julgasse o que queriam ser e fazer. Nessa primeira noite Ubayda destapou todas as suas essências e fê-lo seu. Azerwan apercebeu-se de que no seu corpo de pele castanha viajavam as essências do deserto, pois tinha a frescura das suas noites e o calor dos seus longos dias. Porque Ubayda não amava só com os olhos cheios de sonhos e paixão, amava com todo o seu corpo.

– Passávamos noites inteiras a sentirmo-nos, e outras só abraçados, a falar. Por vezes a olharmo-nos nos olhos horas seguidas. Fez-se minha serva e eu dela. Foi um mês inteiro de incrível felicidade até que voltámos para junto dos nossos, e poucos dias depois o meu pai falou comigo.

Baixou a voz para evitar ouvidos indiscretos dos outros doentes.

– Que aconteceu? – perguntou Hugo, que não podia mais de curiosidade. Mas a resposta foi inesperada.

– O meu pai praticava o sufismo, que ensinou a todos os filhos. – Hugo fez cara de não perceber nada e Azerwan explicou-lhe que era uma escola dentro da prática islâmica que experimentava o conhecimento de Deus através das suas manifestações; no universo, nos animais, nos seres humanos, e sobretudo na alma, como depositária dos segredos do espírito. – Não chegou a ser um mestre sufi – continuou Azerwan –, mas desejou sê-lo. E foi daí que veio o problema... Pediu-me naquele momento uma coisa que não pude recusar: quis que me tornasse um mestre sufi.

– Isso é como ser padre na minha religião? E Ubayda?

– Para compreenderes o que aconteceu, tens primeiro de saber que a vida no deserto é regida desde a origem dos tempos por umas leis a que chamamos *Makarim*. Leis que se transformam em virtudes e caracterizam o povo beduíno, como sejam a generosidade, a obediência aos teus, a lealdade e o equilíbrio, enfrentar os desafios com firmeza e a paciência face ao infortúnio. Por isso, em coerência com os meus valores mais íntimos, não pude fazer outra coisa senão obedecer. – O seu rosto adoptou uma expressão de profunda tristeza. – Quando contei a Ubayda, apesar de ser permitido a um mestre sufi tomar mulher, ela não quis partilhar-me com Alá. – O seu olhar nublou-se de desgosto. – «Só temos uns olhos», disse-me. «Se os teus olham com amor infinito para Alá, não poderão dedicar-se a mim, e eu quero-os inteiros.» E então fugiu de mim, Hugo. Perdeu-se entre as dunas de uma maneira tão fugaz como tinha aparecido. E nada mais soube dela, apesar de a ter procurado sem descanso, apesar de ter perguntado por todo o lado.

A dor emanava de todo o seu ser, das suas palavras, dos seus gestos, e Hugo apiedou-se dele. Adivinhou o fim daquela história, mas esperou para ouvi-lo da boca de Azerwan.

– Depois de várias semanas sem saber dela, tomei uma decisão. Se por causa de Alá tinha perdido Ubayda, não queria saber mais nada dele. Por isso fugi do destino marcado pelo meu pai, da minha terra, e voltei a procurá-la por todo o lado. Percorri cidades, perguntei a todos com que me cruzei e persegui caravanas, mas ninguém soube dizer-me nada. Na minha desesperada busca cheguei ao mar, com as forças esgotadas e sobretudo sem esperança. Nas minhas costas ficava a dor e à minha frente o nada, um mar desconhecido. Como não sabia para onde ir nem o que fazer, resolvi esperar ali a morte. Passaram vários dias em que não fiz outra coisa senão lamentar-me e chorar o meu destino, até que desfaleci de fome e sede. Foi então que uns mercadores de escravos me encontraram e me aprisionaram. Desde esse momento perdi a minha liberdade, as minhas areias do Sul e, sobretudo, a minha amada.

Hugo guardou silêncio, ainda preso ao relato daquelas dunas e desertos que tinham visto nascer e morrer um grande amor. Enquanto experimentava como suas as emoções do amigo, sentiu que também ele tinha decepcionado o pai; também ele estava longe de casa, a sulcar um gélido mar, escuro e perigoso.

Olharam-se sem necessidade de dizer mais nada.

Só ao cabo de alguns minutos Azerwan recordou uma lenda que lhe pareceu que vinha ao caso.

– Uma mulher e o seu único filho viviam no alto de uma colina, mas um dia o menino morreu de umas febres más. A mãe, destroçada pelo desgosto, gritou ao médico presente: «Preciso de saber o que diminuiu a força do meu filho até silenciar para sempre a sua vida.»

«E o médico respondeu: “Foi a febre.”

«Perguntou então a mãe o que era a febre, e o médico respondeu: “Não sei explicar-te. É uma coisa infinitamente pequena que visita o corpo e não podemos ver com os nossos olhos humanos.” O médico foi-se embora, mas ela continuou a repetir para si: “Uma coisa infinitamente pequena que não podemos ver com os nossos olhos humanos.”

«À tarde, chegou o sacerdote para a consolar. E ela chorou e gritou, dizendo: “Oh! Por que perdi o meu filho, o meu único filho, o meu primeiro filho?” E o sacerdote respondeu: “Minha filha, é a vontade de Deus.”

«“O que é Deus e onde está Deus?”, perguntou ela. “Quero ver Deus e rasgar o peito diante d’Ele e fazer jorrar o sangue do meu coração aos Seus pés. Diz-me

onde posso encontrá-lo!”

«“Deus é infinitamente grande”, respondeu o sacerdote. “Não pode ser visto com os nossos olhos humanos.”

«“O infinitamente pequeno matou o meu filho por vontade do infinitamente grande!”, gemeu a mulher. “Diz-me então o que somos nós.”

«Nesse momento entrou a mãe da mulher com o sudário para o menino morto, e ouviu as palavras do sacerdote e o pranto da filha. Cobriu o neto com o sudário e depois tomou as mãos da filha entre as suas para lhe dizer: “Minha filha, nós representamos o infinitamente pequeno e o infinitamente grande, e na realidade somos como um trilho entre os dois.”

Azerwan, agora com melhores cores nas faces e um pouco mais sereno, suspirou e voltou a olhar para Hugo, que tirava as suas conclusões sobre aquela lenda.

– Entre a vontade do teu Alá ou do meu Deus, entre as coisas que parecem pequenas que acabam por mover os nossos destinos, estamos nós, a percorrer um caminho que não sabemos muito bem aonde nos leva. Até que de repente aparece alguém que pode servir-nos de guia. – Olhou para o amigo durante alguns segundos. – Azerwan, começo a pensar que talvez tu sejas o meu.

Capítulo 14

Residência de Don Sancho Ibáñez. Burgos. Outubro de 1474

Berenguela chorava sem parar enquanto via María encher os baús.

Não tinham passado vinte e quatro horas desde o seu casamento na catedral de Burgos e antes do meio-dia ia deixar para trás a sua casa e a sua vida para empreender a viagem até Bruges pela mão do esposo, Damián de Covarrubias.

Ele tratava dos últimos preparativos nas cocheiras depois de terem tomado o pequeno-almoço juntos e depois de uma interminável noite de falsas entregas, entre lençóis que foram testemunhas da falta de paixão de Berenguela por ter de acolher entre eles aquele que não teria escolhido para oferecer a sua virgindade.

Já às portas do templo e até ao último segundo antes de entrar pelo braço do pai, tinha esperado um milagre: que Hugo aparecesse para fugir com ele.

Não acontecera.

Com o coração desfeito, e a sentir-se a mulher mais infeliz do mundo, caminhara pela coxia central, um tudo-nada cambaleante, até chegar aos genuflexórios onde Damián a esperava. Uma distância que lhe parecera infinita. Que longe ficava aquela cerimónia da que imaginara mil vezes nos seus sonhos! E quanta dissimulação tivera de usar para olhar o seu novo marido nos olhos enquanto pronunciava as palavras que selariam a sua união, e quanta mentira houvera nos beijos então trocados! Recordava tudo isto, sem encontrar consolo na sua nova situação.

Naquela altura, o único pensamento a que se agarrava para contrariar o medo face ao recém-estreado destino tinha o nome de Hugo. Mas pareceu-lhe tão escasso consolo, quando ninguém sabia dele, que decidiu recorrer a Deus para pedir-lhe a seiva necessária para alimentar os seus próximos pensamentos, os seus dias e até a sua relação matrimonial consagrada diante de um altar. Tinha chegado a ela forçada, repelia o marido, e todos esperavam que aquela união desse fruto com rapidez. Para enfrentar tudo isto quis ver em Deus o seu melhor

aliado, o grande alívio para a sua consciência, o seu guia. A Ele ofereceria os seus pesares, os seus sonhos desfeitos.

Acabavam de preparar a bagagem quando Damián entrou de rompante no quarto.

– Tudo pronto, meu amor.

Agarrou-a pela cintura e beijou-a nos lábios.

Quando se separou dela, pouco faltou para pisar *Canelilla*. Uma vez mais, a gata e Damián olharam-se com receio.

– Gostaria de dispor de uns minutos para me despedir dos meus pais.

– Com certeza. Espero-te lá em baixo – respondeu, muito solícito.

Berenguela viu-se uma última vez no espelho do quarto e teve de reconhecer o excelente trabalho que María fizera para disfarçar a vermelhidão das pálpebras. Embora não houvesse remédio algum para esconder a sua tristeza.

– Senhora, deveis mudar essa cara. Vede as coisas de outro modo. São tantas as mulheres que ficariam encantadas com o marido que vos tocou em sorte... E além disso, não vos vai faltar nada. Don Damián é tão galante e bonito. – María acabou de recolher-lhe os cabelos debaixo do véu e em seguida ajustou os cordões do corpete para realçar-lhe o busto. – Talvez não seja o homem da vossa vida, mas pode ser que com o contacto diário consigais apaixonar-vos.

– Talvez tenhas razão. Espera-me um tempo cheio de incertezas. Veremos. Deus dirá.

Berenguela saiu do quarto para ir procurar os pais.

Encontrou-os no salão principal. Ele entre papéis, sentado à sua mesa de trabalho, e ela a costurar. Ao vê-la chegar, a mãe levantou-se pressurosa para a abraçar, cheia de tristeza. Deu-lhe os últimos conselhos, molhou-lhe as faces de lágrimas e terminou prometendo que a visitariam logo que pudessem. A sua pena comoveu Berenguela. Mas com o pai não foi o mesmo. Recebeu um apressado beijo na testa e um doloroso comentário, sussurrado ao seu ouvido.

– Não me desiludas.



A viagem de coche até ao porto de Santander demorou trinta e oito horas, com duas pausas para mudar os cavalos e uma longa paragem para passar a noite. Ao longo do caminho Damián usou toda a sua cortesia para conseguir que ela se sentisse mais à vontade e relaxada. Procurou-lhe os lábios em diversas ocasiões,

depois de cortejá-la, gabar a sua beleza e dedicar-lhe algumas carícias discretas, sem a forçar mais do que a conta. Até permitiu a presença de *Canelilla* a seus pés.

Quando chegaram à pousada e se encontraram na cama, que ainda por cima não era demasiado grande, deu rédea solta à sua paixão e amou-a, mas até nisso teve a delicadeza de fazê-lo sabendo que estava com uma mulher recém-estreada naquelas artes.

Depois foi o barco, um exíguo camarote, e um aumento da frequência dos encontros, uma vez que tinha crescido a confiança entre eles. Berenguela sentia-se esgotada, pois mal saíam do camarote, e no entanto não deixava de sonhar com outro homem que não era o seu marido. Assim passaram mais dias a bordo, sem quase pisarem o convés nem poderem receber o alívio da brisa marinha.

No sétimo dia, quando faltavam só cinco para chegarem ao destino, enfrentaram uma forte ondulação que deixou Damián de rastos, dominado por um insuportável enjoo, e a ela livre dos seus arrebatamentos. Aquele alívio amoroso proporcionou-lhe a oportunidade de apanhar um pouco de ar fresco na coberta da proa, ainda que contra os conselhos do capitão, dado o vento forte e o mar engrossado. A sua teimosia, e a companhia forçada do imediato do navio, permitiu-lhe levar a sua avante e contemplar a grandeza de um oceano furioso e negro. Com as duas mãos agarradas à amurada do castelo da proa, não se importou de receber no rosto a espuma das ondas nem de ficar gelada e com a roupa encharcada. Estava a precisar daquilo. Mas também queria experimentar em pleno a sua primeira viagem por mar. Aquele banho de água salgada foi a melhor prenda para a sua pele, uma pele cansada de suportar durante tantas horas e dias as mãos do marido, de sentir que o seu corpo era possuído por alguém que não amava.

– Minha senhora, recorde-vos que correis perigo! – insistiu mais uma vez o seu guardião. – Ouvi o que vos digo e voltai ao vosso camarote.

Berenguela devolveu-lhe um doce sorriso, afastou os cabelos molhados da cara e pediu-lhe que lhe desse mais alguns minutos. Naquela inesperada solidão perguntou-se como tinha sido possível uma mudança tão grande na sua vida em apenas cinco meses, coincidindo com a despedida de Hugo. Mal conseguia acreditar no que agora era: uma mulher casada sem outro objectivo que não

fosse cuidar, respeitar, amar e velar pelo seu marido. E dar-lhe descendência. Só de imaginá-lo revolviam-se-lhe as tripas.

Com o olhar posto no agitado horizonte recebeu uma forte rajada de vento que além de refrescá-la levou para longe os seus sombrios pensamentos e os substituiu pela recordação de amor. O seu maior amor. O seu único amor.

Fechou os olhos e viu-se de novo frente ao espelho de sua casa, como tantas vezes fizera, a ensaiar como seria aquele primeiro beijo que nunca acontecera. Ou a experimentar os olhares e os gestos que sonhara usar para expressar-lhe o seu amor. Em frente daquele espelho tinha-se também perguntado a que saberiam as suas carícias ou como seria bom sentir-se amada por ele. Algo que também nunca tinha acontecido.

O frio intenso do anoitecer, somado à humidade do vestido, fê-la tremer, ainda embrenhada nas mil perguntas que surgiam na sua cabeça sobre a sua situação actual e futura. Conseguiria habituar-se a Damián, mesmo que fosse à custa de um esforço feito dia a dia? Seria capaz de chegar a sentir prazer com ele? Conseguiria guardar o seu coração para Hugo? Como mudariam as coisas se de repente surgisse uma nova vida no seu ventre? E se isso acontecesse, chegaria a ver a sua relação com Damián de uma maneira diferente?

Tudo perguntas sem resposta. O angustioso tormento foi interrompido quando o oficial recusou deixá-la mais tempo na proa, exposta como estava à fúria dos ventos. Apesar dos seus protestos, arrastou-a até à segunda coberta, onde a esperava um Damián ainda pálido e olheirento.

– Querida, lamento não ter podido acompanhar-te. Sinto-me muito mal.

Berenguela, atrás de um biombo, desculpou-o aliviada. Despiu a roupa molhada e trocou-a por outra seca e mais leve. A sua pele cheirava a sal e a mar. Aspirou aquele subtil aroma e cheirou-lhe a liberdade, a única que tinha podido viver desde o casamento.

– Cuida de ti e descansa. Não te preocupes.

Procurou *Canelilla* e encontrou-a enovelada num canto. Quando ia acariciá-la, a gata fez-lhe saber que não estava de bom humor, e decidiu deixá-la em paz. Sentou-se em frente do único espelho do camarote para desfazer os inúmeros nós que o vento dera nos seus cabelos. Armada com uma escova, sentiu os primeiros puxões, mas ainda a afectou mais ouvir o marido estendido na cama.

– Vou descansar, como dizes. Mas só para depois podermos continuar a desfrutar do nosso casamento.



A primeira imagem de Bruges foi uma verdadeira surpresa para Berenguela. Nunca vira uma cidade tão bonita como aquela. Quando desembarcaram da nau encontraram à espera um coche e dois outros carros para transportar as arcas e a sua querida dama de companhia, María.

Seria perto do meio-dia quando atravessaram uma grande praça, limitada nos lados este e sul por umas casas com curiosas fachadas rematadas em forma de escada, e nos lados norte e oeste por dois majestosos edifícios, um deles com uma magnífica torre. A esta praça do mercado – assim lhe chamou Damián – seguiu-se outra de menor tamanho, mas ainda mais bonita do que a anterior. Numa das suas esquinas situava-se uma igreja franciscana que guardava nada menos do que o sangue de Jesus Cristo dentro de uma espécie de ampola, que Berenguela não quis perder. Obrigou o coche a parar para entrar e venerar a relíquia. Fê-lo emocionada, pedindo ao Senhor forças para suportar o seu destino.

Percorreram em seguida uma estreita viela que, depois de abrir para uma nova rua, atravessava uma pequena ponte sobre um dos canais. Ao passar para o outro lado, e apenas dois quarteirões mais adiante, o coche deteve-se diante de um bonito edifício.

– Bem-vinda a *Schildpad Thuis*, a Casa da Tartaruga.

Damián ajudou a esposa a descer do coche com a intenção de levá-la pelo braço até à entrada da sua nova residência, mas ela preferiu procurar o centro da pequena praça formada por apenas quatro edifícios, de onde podia contemplar o seu por inteiro. Era de tijolo encarnado, com três amplos janelões muito luminosos no primeiro piso, duas janelas rectangulares no segundo e uma redonda no terceiro, por baixo do telhado. De cada janela pendiam floreiras com umas flores vermelhas que não soube identificar. Aspirou o aroma que flutuava no ar e perguntou-se como seria a sua nova vida ali.

Damián foi juntar-se-lhe.

– Gosto desta maneira de rematar a fachada das casas com aquelas empenas em degraus – disse Berenguela. – São muito engraçadas.

– Além de serem muito comuns nesta zona, têm um curioso significado. Diz-se que quanto mais degraus tiver a fachada de uma casa, mais poderio económico tem o proprietário. Vais vê-las com três e quatro. A nossa tem seis, vê? Bom sinal, eh! – Damián plantou-lhe um sonoro beijo na face. – Ah, e se reparares bem, por baixo da janela mais alta verás a pequena tartaruga de pedra que dá o nome à casa. No interior há mais, como irás descobrindo. As tartarugas vivem muitos anos, algumas mais de um século, sabias? Talvez o nosso amor dure assim tanto? – acrescentou ele, e dirigiu-lhe um sorriso cúmplice antes de lhe oferecer o braço.

Ela, ainda assombrada pela beleza da que ia ser a sua nova morada, sentiu curiosidade por saber se a sua vida num lugar tão bonito poderia vir a ser melhor do que tinha esperado.

– Tudo se verá... – respondeu sem grande emoção, e começou a andar disposta a conhecer a casa por dentro.

A boa impressão inicial não se alterou depois de passada a porta. Conforme ia descobrindo as diferentes divisões da casa, mais surpreendida se sentia. *Canelilla* caminhava a seu lado, a olhar para tudo. Depois de um estreito vestíbulo e à direita deste, Damián abriu uma bonita porta de madeira lavrada que lhes deu acesso a um amplo salão com vista para a praça. Numa das paredes havia uma bela lareira de mármore onde ardia um bom fogo, e o chão estava coberto por espessas alcatifas. Das paredes pendiam duas grandes tapeçarias: uma com motivos florais e a outra com uma cena de caça. Nas traseiras do primeiro piso ficavam a cozinha e várias despensas. De caminho foram-lhe apresentados os seus novos criados, num total de seis, mas teve muita dificuldade em entender os seus nomes, e menos ainda o estranho idioma que falavam. O flamengo, com notáveis semelhanças com o alemão, era a língua do povo. Os nobres, os comerciantes e os responsáveis pelo governo da cidade costumavam usar o francês, um idioma com o qual ela se sentia mais à vontade.

No segundo piso ficavam os quartos. O deles era o mais luxuoso e mais bem situado, com uma ampla janela. Notou a fabulosa cama de dossel e experimentou a comodidade do colchão de penas. Numa rápida passagem de olhos, avaliou a qualidade das arcas de guardar roupa, dos espelhos, bacias e jarras para a higiene, dos bonitos candelabros e braseiros.

Até ao momento, encontrava tudo a seu gosto. O último piso, que correspondia ao antigo sótão da casa, era sem dúvida a parte mais fresca de todo o edifício. Passado pouco tempo de lá estar, Berenguela sentiu um arrepio, no mesmo instante remediado com uma capa que Damián lhe pôs sobre os ombros antes de beijá-la na testa com uma inegável expressão de felicidade.

Para Damián, o facto de estar com ela naquela casa representava uma tripla satisfação. Ia por fim fazer sua a magnífica residência dos Covarrubias em Bruges, o que no seu caso ia significar que o tratariam como um senhor numa cidade de nobres e comerciantes. Além disso, poderia desfrutar de uma mulher que sem dúvida se destacaria entre todas as esposas da alta sociedade brugense. E tudo isto sem esquecer que tinha ganhado a Hugo. Um triplo orgulho que quase não lhe cabia no corpo.

Antes de descerem para almoçar, voltaram ao quarto para despir a roupa com que tinham viajado e vestir outra de maior gala. Para não incomodar a sua dama de companhia, e como Damián estava a ser tão amável, Berenguela pediu-lhe ajuda com o incómodo corpete. Ele assim fez, mas decidido a gozar o suave contacto dos seus seios quando lho desapertou.

Ela não se opôs.

Fechou os olhos, sentiu o hálito dele no pescoço, as suas mãos por baixo da camisa e um ardente beijo de paixão nos lábios.

- Estreamos a casa? – sugeriu Damián, a apontar para a cama.
- Estou um pouco cansada.
- Não te farei trabalhar muito, meu amor. Deita-te e deixa o resto comigo.

Capítulo 15

Nau Santa Ana. Castelo da popa. Outubro de 1474

Obeko segurava a roda do leme com uma mão enquanto com a outra despejava a quarta garrafa de sidra da noite. Estava frio, mas era suportável depois de terem superado o desagradável vento dos dias anteriores. E o céu, limpo de nuvens como estava, permitia desfrutar do posto de vigia de uma boa perspectiva da gelada superfície marinha.

– Calculo que não consegues dormir... – disse, ao ver o jovem Hugo aproximar-se.

– Não. Ninguém consegue. Cada vez que a nau quebra uma dessas placas de gelo e as arestas arranham os costados, parece milhares de crianças a gritar.

Obeko reconhecia a inclemente travessia que tinham feito, mas adiantou uma boa notícia.

– Veremos terra amanhã, talvez ao meio-dia. – Escapou-se-lhe um sonoro arroteio. – Merda para as frias águas do oceano e para todos os peixes que nadam nelas! Já é tempo de chegar!

Hugo observou o capitão com curiosidade. Estavam embarcados havia três meses e mal tinha tido ocasião de se conhecerem. Obeko devia estar a pensar o mesmo, pois começou a falar sem que ele perguntasse o que quer que fosse.

– Tenho de confessar que só navego para viver momentos como este... – Os olhos iluminaram-se-lhe ao contemplar o húmido horizonte. – Preciso de pescar para ganhar o sustento, mas não há experiência comparável a lutar contra a explosiva natureza que temos diante dos nossos olhos. A crueza do mar, e deste em particular, desafiou-me desde a primeira vez que nos conhecemos. É selvagem e indomável. Tem as suas leis e destrói quem não as acata. É parecido com as mulheres da minha terra: suaves quando acaricias a superfície do seu corpo, mas violentas e intempestivas quando penetras no seu interior. Como era a minha Ainhua, pior do que um pé-de-vento quando estava zangada, mas mais

doce do que o melhor mel que alguma vez tenhas provado em toda a tua vida, rapaz. Foi ela a responsável por o mar me ter adoptado, depois de se ir embora com um tipo que tinha muito mais dinheiro do que eu, tanto que nem com seis mil ovelhas teria para começar. Não sei se na tua vida existe alguma mulher como Ainhoa, mas se assim for nunca descuides o seu amor; eu fi-lo, pensei que não era preciso pôr mais nada na nossa relação, depois de termos dito um dia que nos amávamos, e como deixei de o alimentar, de reparar as costuras que se esfiapavam, um dia apareceu outro que a levou. Um que devia ser um pouco menos animal do que eu...

Desrolhou outra garrafa de sidra e estendeu-a a Hugo. O jovem bebeu um longo trago, apreciou a acidez da bebida e guardou um longo silêncio como prólogo da sua reflexão.

– Somos tão diferentes delas...

– Claro que somos. A mim custou-me menos entender o mar, imprevisível como é, do que o que se passava na cabeça daquela mulher, e ainda por cima o mar não me abandonou.

– Talvez não vos abandone, mas pode abraçar-vos até à morte. Depois de ter escapado a enormes glaciares, de suportar tempestades incríveis, de ver como a *Santa Ana* engolia mais água do que a que cabia nos seus porões, perguntei-me mais de uma vez se não temíeis que um dia o mar vos levasse. Nunca tendes medo?

Obeke sorriu ao ouvir a pergunta e cuspiu por cima da borda.

– Há que ter sempre medo do mar, rapaz. Acredita, eu tenho. Mas é o destino que nos dirige, não o contrário. Quando este ou outro oceano me quiserem fazer seus, sulcarei com gosto as suas entranhas. Quem senão o destino, ainda que tivesse nome de mulher, me fez abandonar para sempre as minhas montanhas? Mas repara como é curioso: é com a madeira que os seus bosques produzem e com o ferro que nasce nas suas entranhas que se constroem os navios. É estranho... Os ingredientes necessários para viver o meu futuro estavam presentes no meu passado. Porra! Pareço um filósofo!

Riu de si, mas a sua reflexão ficou suspensa no ar até que se ouviu um novo choque com um bloco de gelo. Quando cessaram os agudos sons do seu roçar contra o casco, Hugo disse o que pensava:

– Se der crédito às vossas palavras, para ver o meu futuro teria de procurar no meu passado. Mas... e se o meu passado estiver cheio de escuridões?

Obeko viu chegado o momento de fazer-lhe uma pergunta que tinha adiado demasiado tempo.

– De que merda foges tu? E não me refiro àqueles homens que queriam caçar-te.

O jovem engoliu em seco sem saber ao princípio como responder à pergunta. Demorou alguns segundos, mas no fim foi claro para ele.

– Fujo de uma frase...

– Tem tomates, rapaz! Não podes ser mais concreto?

– Ouvi-a pouco antes de embarcar. Disse-a o meu pai, e desde então trago-a cravada na alma.

Obeko esperou que se explicasse.

– «Hugo, és um fiasco»... Foi o que ele disse.

– Compreendo – murmurou Obeko.

– E parece que fui, desde criança. O meu pai só pôs as palavras, eu tinha posto os factos, desde quando a minha memória consegue recordar. Foi assim. – A expressão de Hugo reflectia a amargura dos seus pensamentos. – Nunca estive à altura do que se esperava de mim. E isso levou-me a perder a consideração do meu pai e a merecer o desprezo da minha madrastra. A primeira parte dói-me, a segunda nem por isso. Mas o pior é que ainda não compreendo por que sempre fugi das directrizes dele, de fazer o que queriam... – O seu olhar viajou da espicha até a um passado longínquo sob a forma de imagens e recordações de contornos difusos. – Olhando para trás, penso que se tratava de um reflexo. Como se uma força interior me levasse a reagir contra aquilo em que queriam transformar-me, uma força que me empurrava a ser diferente e que acabou por opor-me a eles, e sobretudo ao destino que me tinha tocado viver.

– O sacana do destino...! Vês? Volta a aparecer – comentou Obeko. – Mas nesta nau eu não vejo esse Hugo de que falas; só vejo um bom rapaz, trabalhador e honrado.

Hugo encolheu os ombros.

– Aqui dependemos todos uns dos outros – continuou Obeko. – Perceberás isto quando chegarmos ao pesqueiro, e nem te falo de quando caçarmos as baleias. É um trabalho que exige juntar o esforço de todos. No meu percurso como capitão

tive um ou outro marinheiro que não quis entendê-lo e pensou que para pescar e navegar se valia a si. Mas esses acabaram mal; morreram quase todos. Excepto o que teve mais sorte e que pude mandar à merda a tempo, deixando-o no primeiro porto por que passámos. Dito de outra maneira, o destino aqui não escreve sozinho, precisa da ajuda de todos... Compreendes?

– Creio que sim, capitão.

– Então faz o que te digo e não enfrentes sozinho o teu futuro. Deixa-te ajudar quando pegares no leme da tua nau, a que te levará aonde quiseses chegar. Se não o fizeres, perder-te-ás, como me aconteceu a mim com a minha Ainhoa.

Começava a amanhecer nas costas deles, e se a noite fora esmagadoramente bela, a aparição do novo dia fez que os gelos se reflectissem em ocres e amarelos ao longo de toda a superfície do mar, e que o céu adquirisse todos os matizes possíveis de azul. Com os primeiros raios de Sol, a madeira da nau rangeu de satisfação. E naquele momento tão cheio de silêncios e beleza, Hugo recordou o relato de Azerwan.

– Capitão, queria fazer-vos mais uma pergunta. Uma pergunta muito importante.

– Diz, rapaz.

– Quando aqueles dois marinheiros se mataram, Azerwan e eu ficámos com o encargo de permanecer até ao ano que vem nesse sítio para onde vamos, para erguer as construções que dissestes ou para o que for preciso fazer, que não é o que mais importa agora. Mas pergunto-me duas coisas: quanto mais receberei por isso? E outra dúvida: se quisesse comprar a liberdade de Azerwan, quanto teria de pagar a mestre Orti?

O capitão apreciou a sua generosidade, mas deitou-lhe um jarro de água fria em cima quando lhe explicou que nem em quatro anos de estada seguidos conseguiria juntar dinheiro suficiente para pagar o preço de Azerwan; pelos seus cálculos, Orti pedir-lhe-ia à volta de trezentas e quarenta dobras de ouro. De todos os modos, para que o jovem pudesse fazer contas, confirmou-lhe o que ganharia no pesqueiro até voltar à *Santa Ana*: setenta e cinco dobras, que iriam somar-se ao pagamento estipulado de quarenta dobras por marinheiro. No total, cento e quinze.

Hugo recebeu a notícia cabisbaixo, mas aquilo fez Obeko pensar.

Por um lado, apreciava a intenção do jovem, e também era certo que o tunisino ganhara a sua admiração, tanto pela sua demonstrada capacidade de trabalho como pela fascinante personalidade que possuía. E embora a ideia da escravatura lhe repugnasse e assim o tivesse dito ao mestre, pouco mais podia fazer. A nau era de Orti e o financiamento da campanha em que estavam empenhados devia-se quase em exclusivo ao seu empenho. De todos os modos, ocorreu-lhe uma ideia.

– Vou falar com o mestre para que tire ao preço da venda as setenta e cinco dobras que Azerwan ganhar por ficar a trabalhar no pesqueiro, e que ele recebe. Não sei se aceitará, porque, se outra coisa não for, avarento é de certeza. De todos os modos, deixa o caso comigo. Encarregar-me-ei de chamá-lo à razão. Hei-de encontrar uma maneira.

– Agradeço-vos a vossa ajuda, mas mesmo assim ficaria muito longe da quantia que ele me pode pedir. Tenho de pensar em mais qualquer coisa, preciso de mais dinheiro... – concluiu Hugo.



A costa da enorme ilha a que todos chamaram Terras Novas era pontuada por formações rochosas arredondadas, por vezes de grande altura e quase sem vegetação. Apesar de o dia estar parcialmente nublado, no interior daquela fabulosa ilha erguiam-se vários cumes montanhosos cobertos de neve, e ao longo do litoral a *Santa Ana* percorreu nada menos que três fiordes que largavam no mar gigantescos blocos de gelo de um azul surpreendente. Bordejaram o extremo norte para depois atravessarem um largo e comprido canal que separava a ilha principal de outra costa, para a qual viraram rumando a sul. Poucas léguas mais adiante chegaram a uma baía bem protegida a que alguns chamaram Baía Grande. Em viagens anteriores já tinham construído, perto da embocadura, um molhe rudimentar ao qual podiam acostar seis ou sete chalupas e um conjunto de modestas edificações, apenas oito, em seu redor.

A faixa de mar que separava aquele porto da primeira ilha reunia a maior concentração de baleias do oceano Atlântico, e quando passaram puderam vê-las em assombrosas quantidades. Hugo ficara espantado ante tamanho espectáculo. Nunca durante a travessia tinha visto tantas e tão grandes a mergulhar e a saltar da água, como nunca tinha ouvido o som agudo que faziam ao expulsar aqueles altíssimos jorros de ar e água.

A *Santa Ana* lançou âncora à hora do Ângelus e pouco depois arriou as suas quatro chalupas para se dirigirem ao rudimentar molhe. Cada uma podia transportar oito homens. Na primeira ia Obeko e Orti, e na última Azerwan e Hugo, com outros seis marinheiros. Os gritos de alegria surgiram mal pisaram terra, que alguns beijaram dando graças a Deus. Perdido o hábito, Hugo sentiu-se um pouco enjoado ao dar os primeiros passos sobre uma superfície que não balançava, mas de todos os modos suspirou aliviado.

O capitão e dois marinheiros encaminharam-se então para as cabanas a fim de avaliar o seu estado de conservação e tomar as primeiras decisões. Pelo seu lado, Azerwan, já restabelecido das febres da última semana, procurou uma rocha lisa para agradecer a Alá ter chegado ao destino são e salvo.

Poucas horas depois da chegada e com toda a tripulação em terra, o capitão reuniu-os para organizar o trabalho.

– Das oito cabanas, só há três cujos telhados resistiram à passagem do ano. Em Bermeo embarcámos sessenta e seis homens, perdemos três pelo caminho e colou-se-nos um... – Olhou para Hugo. – Quero ver organizados três grupos de vinte homens, e isso para já. Os quatro arpoadores farão parte do primeiro grupo; poderão escolher os restantes membros conforme quiserem. Temos de caçar a primeira baleia já. Estamos a dez de Outubro, e se não começamos a encher os barris de óleo seremos apanhados pelos gelos de Janeiro. E para quem não conhece os frios que nestas terras acompanham esse mês, o menos que sentirão é que a respiração se vos congela. Mas quando a neve e o gelo apertarem, ficarão até sem vontade de ter tesão, o que é dizer muito para um basco que se preze...

Estabeleceu um segundo grupo para ir apanhar lenha, e um terceiro para arranjar as três cabanas menos deterioradas para que pudessem passar debaixo de tecto a primeira noite. Hugo e Azerwan juntaram-se ao grupo da lenha. Antes de partirem, Obeko deu-lhes alguns conselhos.

– Levem armas para o caso de encontrarem algum urso, que nestas terras são abundantes e garanto-lhes que muito ferozes. E se virem algum nativo, evitem-no. Nem sempre têm boas intenções.

Hugo interrogou Azerwan a este respeito.

– São de dois tipos. Os que habitam as montanhas são ferozes e muito perigosos. Os outros, os que vivem perto da costa, são de melhor trato. Embora não compreendamos a sua fala, oferecem-se para ajudar, e fascina-os trocar

coisas. Gostam muito de tudo o que seja de ferro, e de espelhos também. Em troca, trazem-nos verduras e caça.

Armado com machados e três arcabuzes, o grupo de Hugo partiu em busca de lenha, com a ideia de consegui-la num bosque a menos de duas léguas do porto. A temperatura era baixa, mas muito mais suportável do que os frios passados a bordo, em águas mais setentrionais do que aquelas.

Atravessaram primeiro um bosque de freixos bastante aberto, rodeado por outro de carvalhos e bordos, mas escolheram um de faias por ser uma madeira mais macia e fácil de cortar. Recolheram toda a que puderam do chão, e com quatro ramos compridos e doze mais curtos improvisaram duas plataformas para poderem arrastá-la com menos esforço. Começaram então a carregá-las de lenha, gastando três horas nesta tarefa. Esgotados e bem suados pelo trabalho, a fome começou a fazer-se sentir. Hugo, apesar de dedicar todo o seu empenho à missão, não cessava de olhar em redor com curiosidade, na esperança de ver aqueles índios de que lhe tinham falado.

Nenhum o notou, mas havia já algum tempo que uns olhos os vigiavam.

No caminho de regresso ao molhe, viram-na no meio de uma larga pradaria. Hugo foi o primeiro a reparar nela. Tratava-se de uma ave que descia do céu a uma velocidade vertiginosa.

– Vê aquilo – disse a Azerwan. – O que é?

O tunisino observou a trajectória da ave e procurou em terra a sua possível vítima. Viu um coelho mexer-se no meio dos arbustos.

– Olha para ali!

O pobre animal acabava de sair de entre a folhagem numa corrida desesperada.

– Vamos vê-lo caçar. Pelo voo, deve ser um gerifalte, um falcão-branco. O falcão-das-neves, um ser extraordinário.

Não tinha acabado de pronunciar a última palavra quando a ave abriu as garras, as projectou para a frente do corpo em pleno voo e, com uma reviravolta quase impossível, derrubou o coelho. Sem lhe dar tempo para retomar a fuga, saltou para ele e imobilizou-o com uma sentença de morte. Uma forte bicada no pescoço acabou-lhe com a vida.

– Incrível! Que beleza de animal! Um gerifalte, dizes... Em Castela abundam os falcões-peregrinos, excelentes na sua arte de caçar, mas nunca tinha visto um branco e tão grande. É majestoso e belo.

– «Um falcão sobe ao céu com a suavidade de uma pena e lança-se sobre a sua presa com a rapidez de uma maldição.»

– Nunca tinha ouvido um poema dedicado a uma ave – confessou Hugo.

– Na minha cultura, as aves não são animais muito importantes, mas falar de falcões é diferente, é um dos grandes... O meu povo caça no deserto com falcões desde tempos remotos, e até Maomé aceitou que os fiéis comessem a carne conseguida por eles, apesar de nos ser proibida qualquer outra que encontrássemos já morta. No islão, a poesia só abençoa quatro animais entre todos os criados: o cavalo árabe, a gazela, o falcão e a sua vítima preferida, a *hubara*, a que vocês chamam abetarda.

Hugo ficou pensativo, voltou os olhos para o sítio onde estava o gerifalte e admirou a beleza da sua estampa, a agudeza do seu olhar, a sua determinação, a sua habilidade para dominar os céus, a sua independência.

E desejou essas virtudes para si.

Capítulo 16

Beatério do Vinhedo. Bruges. Dezembro de 1474

Aquilo que todos conheciam como o Beatério do Vinhedo era um grupo de casas bastante modestas, de tijolo pintado de branco, onde viviam as chamadas beguinas. As primeiras mulheres que receberam este nome eram viúvas de cruzados que depois de terem perdido os maridos na Terra Santa tinham decidido viver juntas e partilhar tudo. Com esse espírito e apesar da passagem dos séculos, os beatérios continuavam a reunir mulheres, agora em busca de uma vida de contemplação e trabalho, caridade e cuidado dos pobres, sem pertencerem a qualquer ordem religiosa.

Em Bruges, acedia-se ao recinto onde estavam as suas casas e jardins através de um notável portão depois de ter atravessado um canal, a sul da cidade, num sítio tranquilo e próximo de um lago cheio de cisnes a que muitos chamavam o *lago do amor*, por ser frequentado por uma infinidade de apaixonados, desejosos de desfrutar de um encontro secreto.

Berenguela começara a ir ao beatério em princípios de Novembro, depois de ter sabido em que consistia aquela associação pela boca de Renata, a esposa do cônsul dos Mercaderes de Castilla, Don Lope de Gracia, que conhecera numa recepção apenas três dias depois de ter chegado à cidade dos canais. A partir de então, os contactos entre as duas tinham-se multiplicado. E apesar das objecções de ambos os maridos, quando a recém-chegada se transformara na única amiga da italiana naquela cidade, depressa surgiu a confiança, e quase logo a seguir a admiração e o afecto.

Embora houvesse sempre uma coisa, uma sombra que acompanhava Renata.

Faltavam três dias para o Natal quando as duas amigas se encontraram diante do portão do beatério. Num dos lados, numa pequena laje de pedra, havia uma inscrição. Renata, que a tinha lido mais de uma vez, explicou que se tratava de

um poema escrito por uma antiga beguina, Hadewijch de Antuérpia, havia mais de duzentos anos.

Berenguela leu-o em voz alta.

*Ao nobre amor me dei por completo.
Perca ou ganhe,
tudo é dele, em qualquer caso.
Que me aconteceu, que já não estou em mim?
Sorveu a substância da minha mente,
mas a sua natureza assegura-me
que os desgostos de amor são um tesouro.*

Repetiu as últimas quatro linhas duas vezes, com o pensamento em Hugo.

Renata fez o mesmo, tendo outro em mente.

Suspiraram as duas ao mesmo tempo, e foi talvez isso que levou Renata, pela primeira vez, a deixar assomar aquela escuridão que a acompanhava.

– Também me dei a um nobre amor, sem saber se perdia ou ganhava... – disse, enquanto os olhos se enchiam de lágrimas. – Foi essa a decisão quando Lope, o meu marido, me pediu em casamento. Mas quando vim para esta cidade soube, para minha desgraça, o que era que na realidade ele queria fazer de mim.

Berenguela adivinhara que era um casamento complicado e muito infeliz, com base em alguns comentários dispersos e gestos bruscos de Don Lope, que tratava a esposa em público pior do que uma criada. Aquilo roía-a por dentro, mas tinha evitado até então aprofundar o drama. Olhou com respeito para Renata, a belíssima Renata, e decidiu dar o passo.

– Não compreendo por que continuas a obedecer-lhe, nem por que lhe permites espezinhar a tua dignidade. Por que não foges? – Acabava de se pronunciar e já se arrependia de ter sido tão categórica. – Desculpa. Talvez não devesse ter opinado sobre uma coisa tão pessoal.

Renata mordeu os lábios carnudos e fechou os olhos, gemendo de pura raiva.

– Não te preocupes, compreendo que me faças essas perguntas.

Explicou que, pouco depois de se comprometer com Lope, a sua família tinha conhecido a ruína mais absoluta. O pai vira-se obrigado a empenhar tudo para pagar as monumentais dívidas, e na queda arrastara consigo outros parentes. Empobreceram de tal maneira que chegaram a não ter onde viver, uma coisa inimaginável e muito triste.

– Foi espantoso. – Tirou um lenço do bolso e recolheu uma lágrima que tentara evitar. Recuperou um certo aprumo e continuou. – Lope, ao sabê-lo, foi muito generoso. Fez que a partir de então lhes fosse entregue uma quantia mensal para que pudessem viver com alguma dignidade até que a situação do meu pai se recompusesse.

Renata confessou que, ao sabê-lo, chegou a morrer de amor por ele, sem ver como agradecer-lhe. Na realidade, nem queria acreditar na sua sorte. Tinha encontrado o melhor homem do mundo, o ser mais bondoso entre todos os que conhecera, e ainda por cima sentia-se adorada por ele.

– Mas... no fim não foi assim. Poucos dias depois de iniciarmos a nossa vida de casados nesta cidade, revelou-me o que queria em troca. Descobri com espanto como tinha de pagar a sua generosidade. E caiu-me o mundo em cima. Gritei como nunca tinha gritado, chorei até ficar sem lágrimas, insultei-o, detestei-o... Mas nada do que lhe disse serviu para rectificar as suas intenções. Compreendi de repente que o negócio era tudo para ele.

Nos minutos que se seguiram, Berenguela soube da boca de Renata de que maneira Don Lope a usava vilmente para os seus fins, como a utilizava para espiar nos gabinetes ou nas casas de alguns dos mais altos representantes do governo de Bruges, como a oferecia como prova da sua gratidão depois de fechar um bom negócio ou para exercer chantagem sobre os recipientes dos seus favores.

Em Bruges, murmurava-se que Renata era uma mulher de moral distraída – a própria Berenguela ouvira os mexericos apenas uma semana antes –, mas era ele que a obrigava ao pecado em prol dos seus interesses económicos e outros privilégios, e o facto de sabê-lo provocou nela uma tal repulsa e incompreensão que em vez de julgá-la ou repeli-la sentiu o impulso de protegê-la.

– A atitude dele é tão abominável e horrível que nem imagino como consegues aguentar – disse, confrangida.

– Nem podes imaginar o que significa para uma mulher tornar-se prostituta por vontade do seu marido. Mas se me negasse a fazê-lo, ou o tentasse agora, os meus pais... tu sabes. Compreendes? Pareço-te um monstro?

Um feio esgar, provocado por uma mistura do asco que sentia por si e da vergonha que lhe causava contá-lo, espelhou-se no rosto de Renata. Em troca recebeu um abraço tão especial de Berenguela que lhes custou separarem-se.

Ainda que não o dissesse em voz alta, também Berenguela se sentia desprezível: por ter-se entregado ao homem errado, por ter-se tornado sua amante sem haver amor pelo meio, por oferecer-lhe o seu corpo sempre que ele o desejava, sentindo-se suja por isso.

As duas amigas tinham encontrado no beatério uma maneira de expiar as suas culpas com o cuidado dos mais desamparados, um lugar onde se sentiam livres e ao mesmo tempo elas. Não podiam fazer voto de castidade – como muitas faziam por um ano mesmo sendo casadas – nem partilhar a vida em comunidade. Mas aquele lugar e as suas benfeitoras faziam-lhes muito bem. Tinham encontrado uma reconfortante paz que aliviava as suas consciências, entre mendigos e orações, ao lado de outras mulheres que de certeza escondiam também nos seus corações dramas semelhantes. Porque ao abrigo dos seus muros e jardins respirava-se bondade, e quem lá ia todos os dias via limpar-se assim a sua alma.

Berenguela também ali tinha encontrado um confessor, embora ainda não tivesse com ele a mesma confiança que com o de Burgos e lhe custasse contar as suas intimidades em francês. Renata tinha descartado esse género de alívio espiritual ante o medo de descobrir a sua vida actual com os seus excessivos pecados a um homem, por mais consagrado que fosse; preferia viver a religião de uma maneira menos convencional, mais íntima.

– Entremos. Lá dentro espera-nos o consolo de podermos ser úteis a alguém de alguma maneira – concluiu Renata enquanto dava o braço à amiga e batia ao portão.

Minutos mais tarde, foi uma das ocupantes que lhes deu a notícia.

– Receio que este seja um dos nossos últimos encontros – disse-lhes, com uma expressão de tristeza. – O ducado da Borgonha decretou que as freiras carmelitas passem a dirigir todos os bens das beguinhas, bem como o conjunto dos beatérios da Flandres.

– Que dizeis? – exclamou Berenguela, sentindo uma aguda pontada de pena e a mais absoluta incompreensão pela medida.

– O papa Nicolau V não consegue compreender a atípica vida religiosa das beguinhas, e vai para mais de dezoito anos assinou uma bula em que recomendava que nos juntássemos à ordem das carmelitas. Em muitos lugares foi obedecido, mas não em todos. E agora chegou finalmente a hora do beatério de Bruges.



– Estarei acaso a perceber que isto te faz feliz? – perguntava Berenguela ao marido apenas uma hora mais tarde, depois de partilhar com ele a notícia.

Estavam no salão da casa, e na lareira ardiam três grossos troncos para contrariar a gélida temperatura exterior.

– Feliz ou infeliz, vais ter de dedicar o teu tempo a outras coisas. Por que não mais a mim, por exemplo? – respondeu ele, como se o assunto não tivesse a mais pequena importância.

– É uma possibilidade... – disse ela, a esconder o seu verdadeiro pensamento.

Berenguela, talvez demasiado perto do fogo, foi assaltada por uma repentina onda de calor. Ou talvez este viesse só juntar-se à sua já incendiada cólera. Fosse por uma causa ou por outra, sentiu necessidade de tirar alguma roupa, mas com Damián presente decidiu que não era boa ideia se não queria acabar com ele em cima. Aguentou. O que não quis foi adiar por mais tempo uma conversa que dias atrás ele tinha evitado, suspeitava ela que de forma deliberada.

– O que te alegra é que deixe de ver Renata, não é verdade? – Berenguela pôs-se de pé para beber um pouco de água. O calor era insuportável. – Sei que a companhia dela não te agrada, e pareceu-me ver em ti uma certa compreensão para com a atitude de Lope de Gracia quando a tratou tão mal diante de todos, no outro dia. Ou interpretei mal?

– Não, não interpretaste mal. Não gostaria de saber que a minha mulher vai para a cama com metade dos homens de Bruges.

– Mas, que dizes? – explodiu ela, indignada. – É ele que a obriga a fazê-lo.

Damián riu como se considerasse aquilo absurdo, mas pela sua expressão Berenguela soube que não lhe tinha parecido impossível.

– Enganas-te, e talvez julgues sem saber – disse ele. – Além disso, não gosto de andar a meter o nariz nas intimidades de outros casais, parece-me um comportamento muito pouco cristão. Ou não achas, tu que frequentas tanto a igreja?

Empurrou com um pé um dos troncos da lareira, e ao fazer que todos os outros se deslocassem concentrou-se em voltar a pô-los uns em cima dos outros, quase com mimo, para facilitar a sua combustão. Estava ensimesmado na tarefa, aquelas chamas pareciam preocupá-lo mais do que o assunto de que falavam.

Berenguela aproveitou a trégua para pensar. A tentativa, por parte do marido, de roubar força ao argumento que acabava de aduzir trazendo à colação a sua piedade religiosa fora demasiado hábil para não pensar melhor na resposta, e foi isso que fez. Estava claro que Damián queria afastar-se do tema, mas ela não.

– Não julgo sem saber, baseio-me em evidências. E a realidade é que, no interesse dos seus negócios, Lope é capaz de vender até a esposa. Sabes até que ponto é ambicioso. E tu? Serias capaz de pedir-me o mesmo se os teus negócios o exigissem? – disse, a devolver-lhe a jogada com uma pergunta directa.

Damián não pareceu incomodado com a reacção dela. Ao levar o seu raciocínio para o campo pessoal, Berenguela facilitava-lhe ainda mais a tarefa. Aproximou-se dela e Berenguela, desconcertada, aguardou.

Primeiro recebeu um longo beijo nos lábios e depois um pedido para que se pusesse de pé. Obedeceu. Os braços de Damián envolveram-lhe a cintura, e em menos de um suspiro a boca dele tinha começado a descer em direcção ao decote. Enquanto a sentia cada vez mais perto, teve entre sussurros a resposta à sua pergunta.

– Nunca to pediria. Mas peço-te que ponhas mais afinco em dar-me um filho.

Ela ficou desfeita e sem saber como reagir. Agora que conhecia o problema de Renata, estava decidida a ajudá-la, mas não conseguira orientar o marido na direcção que desejava: convencê-lo a interceder junto de Lope para acabar de uma vez por todas com tão horrendo inferno. Em vez disso, tinha-o agarrado a si com intenções mais do que evidentes, quando era o que menos lhe apetecia naquele momento.

Salvaram-na as pancadas de uns nós de dedos na porta e o aviso de uma inesperada visita.

– O senhor Edgar Hossner deseja ver-vos.

– Manda-o entrar para o meu gabinete. Estarei com ele dentro de segundos. –

Damián afastou-se, compôs a casaca a olhar para o palpitante peito de Berenguela e despediu-se avisando-a de que terminariam o que tinham começado nessa noite. – Mandarei que nos levem a ceia ao quarto.

– Com certeza.

A resposta saiu em voz baixa, de um coração impermeável a ele.



Enquanto se dirigia para o seu gabinete, Damián felicitava-se por as coisas estarem a correr-lhe tão bem. De acordo com o seu plano, e à falta de poder controlar todo o dinheiro que o negócio dos Covarrubias gerava – que para sua desgraça continuava nas mãos do pai –, a oportunidade de passar clientes para o sogro dava-lhe não só mais poder mas também a independência necessária para dispor de uma crescente fonte de rendimento graças à qual podia agir sem precisar da autorização paterna. Porque assim o tinha combinado com Don Sancho Ibáñez e não lhe era exigido o mesmo controlo. Por isso, qualquer nova conta era desviada sem reparos para o negócio da família da mulher, de que agora também fazia parte. Era o que ia tentar fazer com aquela visita.

Embora os seus planos finais nem o sogro nem o pai pudessem imaginá-los.

Edgar Hossner era o segundo comprador de lãs da Flandres, depois do famoso fabricante de tapetes Van Cliff. Se este último já era cliente, graças aos manejos de Policarpo com a cumplicidade do feitor de Don Sancho, a Hossner pretendia atraí-lo com os seus meios.

Tinha contra si o episódio de Hugo com a esposa do belga na feira de Medina del Campo – havia já sete meses –, que significara o cancelamento de todas as encomendas. A favor, havia pouco. Embora já fosse bastante o facto de Hossner ter aceitado o convite para um encontro.

O homem era muito seco, magro como uma cana. Mas o que lhe faltava em carnes sobrava-lhe em energia. Levantou-se da cadeira ao ver entrar Damián e apertou-lhe a mão com uma força inesperada. Não se conheciam, mas as boas referências que ouvira tinham aumentado o interesse do flamengo nele, sobretudo depois de saber que controlava o negócio dos Covarrubias em Bruges.

– Tinham-me avisado da vossa excessiva juventude. Vinte e dois anos?

– Um menos, acabo de fazer vinte e um. É evidente que não tenho uma longa experiência, mas tenho a vontade de manter os meus clientes satisfeitos.

– Isso é bom, jovem.

Hossner procurou qualquer coisa em redor. Damián adivinhou-lhe o desejo e ofereceu-lhe um copo de vinho. Acertou.

– Vejo que vos adiantais às necessidades dos outros... Mais um bom sinal! – Sorriu, satisfeito. – Ainda que a vossa empresa nem sempre trate tão bem os clientes.

Damián percebeu a indirecta.

– Sei que o meu pai vos escreveu a pedir desculpa pelo meu irmão. Reconheço que o comportamento dele foi detestável, nada mais longe da minha maneira de proceder, como poderia provar se me désseis oportunidade.

– Veremos. – Provou o vinho. – É ótimo, obrigado. Mas falemos de negócios, que suponho vos interessará mais.

– Assim é! – respondeu Damián, convencido das suas possibilidades.

De volta à sua cadeira, cruzou-se com a gata de Berenguela, aquela bola peluda que tanto lhe repugnava e cuja presença tivera de aceitar de má vontade. Tentou dar-lhe um pontapé sem querer saber das aparências diante do convidado, mas o animal soube escapar-se a tempo. Em troca recebeu um bufar ameaçador e um olhar que prometia devolver-lhe noutro dia o feio gesto. Antes de retomar a conversa, Damián preparou-se mentalmente para organizar o seu discurso e responder ao que o seu convidado fizesse, para ganhar um cliente.

Sem ter gostado do comportamento do dono da casa com o pobre gato, Edgar Hossner concentrou-se no seu problema e explicou os motivos que o levavam a classificar a sua campanha têxtil como a pior das últimas três décadas. Depois de cancelar a compra da lã merina espanhola, tinha experimentado com a inglesa, e o desastre estava a ser monumental. As três centenas de rodas de fiar que tinha nas suas oficinas para a fabricação dos tecidos com que se confeccionavam as melhores capas e túnicas da região não estavam a conseguir a qualidade que lhe dera fama. Os clientes começavam a queixar-se e sentia-se desesperado. Tinha seiscentas sacas de lã britânica que se continuasse a usá-la acabariam por levá-lo à falência, e dois terços da campanha de fabricação por fazer.

– Por culpa do vosso estouvado irmão e da irritação da minha mulher, vede em que situação me encontro agora. Considero a família Covarrubias responsável por todos os meus males. E por isso entendo que devíeis arranjar-me uma solução imediata.

Damián estremeceu de satisfação ao ouvir aquilo.

Via a possibilidade de recuperar uma das melhores contas que tinham tido, e dada a evidente necessidade que o flamengo demonstrava, o negócio não ia ficar-lhe barato.

– Tenho a certeza de que estais consciente da dificuldade do vosso pedido nesta altura do ano, quando quase toda a lã foi já bem vendida.

Hossner franziu o sobrolho, à espera do pior depois daquele comentário. Damián calou-se: sabia como jogar com os seus silêncios.

– Estou! – acabou Hossner por dizer, farto de tanta dilação. O desespero não estava a ajudá-lo a negociar, e o pior era que tinha consciência disso.

Damián viu que tinha chegado o momento da estocada final.

– Farei tudo o que estiver ao meu alcance para trazer-vos durante o próximo mês um navio de boa lã. Não sei como nem onde a vou buscar, mas ficai tranquilo: cumprirei a minha palavra.

O olhar do flamengo iluminou-se ao ouvir a notícia, mas a alegria durou-lhe pouco quando ouviu o preço.

– Quarenta mil maravedis por saca? – Começou a tremer-lhe uma pálpebra e cerrou os punhos de fúria. – Quereis arruinar-me? Tirai cinco mil maravedis a cada saca e fechamos negócio agora.

– Não acrediteis que a diferença de preço que vos peço agora e o que se praticou durante a campanha me vai proporcionar qualquer lucro. Nenhum. Para conseguir a quantidade de lã de que necessitais terei de arranjá-la saca a saca, arranhando os armazéns, tirando-a a alguma próxima entrega ou talvez até perdendo um cliente para satisfazer a vossa encomenda. E isso custa: custa tempo, e trabalhadores, e dinheiro. – A sua expressão demonstrava interesse em fechar o acordo, mas não de qualquer maneira. – Lamento, mas é o meu preço final.

Nesse preciso instante, e sem avisar, Berenguela entrou para ir buscar um livro de horas que tinha esquecido em cima da mesa do gabinete. Pediu desculpa. Hossner pôs-se de pé para a cumprimentar, espantado pela sua grande beleza e juventude.

– Senhora, é um prazer conhecer-vos – disse, inclinando-se à sua passagem.

– O prazer é meu, senhor – respondeu ela, estendendo-lhe a mão.

Ele aproximou-a dos lábios, sem lhe tocar.

– A vossa adorável presença faz-me lembrar uma coisa, e, se não vo-lo dissesse agora, não saberia como perdoar-me depois... Gostaria muito que estivésseis os dois na minha festa de aniversário que, se Deus quiser, celebrarei nos primeiros dias de Fevereiro na minha residência. Dar-me-eis a alegria de estar comigo nesse dia?

– Será como o meu esposo dispuser – respondeu ela, com a devida prudência.

Damián não levantou objecções e esperou que ela saísse do gabinete, depois de uma despedida cortês, para dar continuidade à conversa. Foi Edgar Hossner que tomou a palavra.

– Quereis então cobrar-me uma tal fortuna por seiscentas sacas, sem tirar nada? – Coçou o queixo, a sentir-se encurralado naquele nefasto mas imprescindível negócio. Quando Damián reafirmou a sua decisão, tentou de outra maneira. – Se não estais disposto a baixar o preço, poderíeis oferecer-me outra vantagem em troca?

– Não me ocorre o quê... – disse Damián, encantado com o mais que provável bom resultado da negociação.

Edgar Hossner hesitou.

Era certo que aquele jovem demonstrava ter uma ambição desmedida e poucos escrúpulos, mas também não sabia onde traçava o seu limite. E, no entanto, a ideia não só não era má; convinha-lhe muito.

Que diabo, pensou, por que não tentar?

– Como veríeis a possibilidade de que uma boa parte das sacas de que preciso viesse de um outro fabricante de tecidos?

Damián compreendeu sem problemas a mensagem, mas também aquilo a que se obrigava se dissesse que sim. Por que quem iria de boa vontade abrir mão de uma lã que alimentava todos os dias os seus teares?

– De quem se trata?

– Jacob Grosenberg.

Edgar Hossner quase cuspiu a resposta.

Apesar de ter chegado a Bruges havia pouco tempo, Damián tinha ouvido falar daquele fabricante de Antuérpia, pois corria de boca em boca o fulminante êxito que estava a ter naquela cidade onde se sabia de tecidos. Entendia agora as prevenções de Edgar Hossner, porque o concorrente devia estar a um passo de ultrapassá-lo em qualidade e vendas.

Dirigiu-lhe um olhar que levava implícita a sua concordância.

– Deixamos hoje assinado o contrato de venda de seiscentas sacas da melhor lã por vinte e quatro milhões de maravedis.

– Desde que me ofereçais mais um copo deste delicioso vinho, por que não?

Capítulo 17

Pesqueiro das Terras Novas. Baía Grande. Dezembro de 1474

Para alguém que nunca tivesse ali estado, como era o caso de Hugo, custava a crer o que se podia trabalhar numa só jornada.

De facto, a actividade não cessava durante as vinte e quatro horas do dia.

Quando não estavam no mar a caçar uma baleia, a arrastá-la para terra e a retalhá-la, trabalhavam a limpar as centenas de bacalhaus que também pescavam, pondo-os a secar sobre as mastodônticas rochas que rodeavam o acampamento, ou a atizar o fogo nas duas caldeiras de cobre onde a grossa pele da baleia era cozida para extrair a preciosa gordura.

Os carpinteiros remontavam os barris, calafetavam-nos com breu e verificavam a sua estanqueidade antes de serem cheios com óleo de baleia. Outros procuravam pedra de cantaria para deixá-la junto das cabanas; com elas seriam construídas as novas instalações, tarefa de que Hugo e Azerwan se encarregariam quando a *Santa Ana* regressasse a Bermeo. Obeko assim decidira, porque entre Janeiro e Abril o frio era tão intenso que picar pedra durante esses meses significava morrerem congelados. Outro grupo abatia árvores e recolhia a madeira para transformá-la em vigas e travessas destinadas às novas casas e armazéns.

Antes de amanhecer, partiam as quatro chalupas com trinta homens para a caça à baleia. E era raro que, de dois em dois dias, não voltassem com uma.

Hugo fora seis vezes, e a experiência parecera-lhe tão espectacular como esgotante.

Era tão abundante a presença de cetáceos naqueles mares que chegavam a poder escolher a melhor presa. Os arpoadores lançavam os seus ferros para ferir o animal, que num primeiro momento se debatia violentamente e tentava fugir mergulhando, por vezes com tanta força que arrastava a chalupa. Na realidade, tiveram mais de uma vez de cortar a corda presa ao arpão para não se afogarem

todos. Depois daquele primeiro embate, a baleia voltava à superfície para respirar, e era então que a cercavam com várias chalupas. Chegava o momento mais cruento para aqueles seres gigantes, porque os homens começavam a feri-los com ganchos, dardos e grandes lâminas encurvadas no extremo de compridas varas, até os matarem. Quando isso acontecia, a baleia vinha à tona de barriga para cima e só faltava arrastá-la até à costa para esquartejá-la na margem.

Passados dois meses desde a chegada já tinham caçado vinte e cinco. Quase todas baleias-cinzentas. Hugo tinha visto outras espécies, como uma de grande cabeça e descomunal tamanho. Também havia outras pretas, com umas curiosas malhas brancas. Mas de todas as espécies que migravam por aqueles mares, as cinzentas eram as mais lentas e próximas da costa, pelo que a sua captura era a menos complicada.

Depois de levá-las até ao molhe, o primeiro trabalho consistia em perfurar-lhes a cabeça para extrair um óleo de elevado preço que o animal ali acumulava. Por vezes, só daquela gordura chegavam a encher três barris: um total de cinquenta e oito arrobas. Mas quando caçavam uma das baleias de maior tamanho, a quantidade obtida era ainda mais importante: até quinze barris por captura. Ainda que destas só tivessem conseguido matar dois exemplares.

O maior volume de gordura conseguia-se ao ferver os pedaços de pele; uma gordura que depois era depurada em óleo para encher um a um as centenas de barris que ocupariam os porões da nau. Deste modo, cada baleia rendia cerca de vinte e cinco barris.

A 28 de Dezembro, Obeko contabilizou setecentos e dois barris cheios, dos oitocentos que a *Santa Ana* podia transportar. No entanto, dado o agravamento das condições atmosféricas e a chegada dos primeiros frios, decidiu dedicar o último mês da sua estada nas Terras Novas a pescar bacalhau. Sabia que os melhores meses eram os da Primavera, porque nadavam a menos profundidade e era mais fácil pescá-los, mas também os pescavam no Inverno usando compridas linhas com até mil anzóis cada. Com essas e outras artes de pesca, eram tão grandes as capturas que muitas vezes se viam ultrapassadas as capacidades de armazenamento.

Hugo pensava de vez em quando no pai, imaginando o que pensaria se o visse a descabeçar bacalhaus, a eviscerá-los, a tirar-lhes as espinhas, a separar os preciosos fígados, a lavá-los para pô-los a secar ao sol antes de serem estivados

em sal já dentro dos porões da nau. Aquele não era o trabalho a que se tinha visto castigado; era sem dúvida muito mais duro. Sentia que estava a aprender a viver, a exprimir o pouco tempo livre que lhe restava e a partilhar as suas esgotantes jornadas com uma gente nobre, rude, sem dúvida de escassa cultura, mas alegre e sobretudo leal.

Quando a luz do dia se apagava, dezenas de candeias substituíam-na para dar continuidade às últimas tarefas, até ver chegada a hora da ceia. Depois e para alívio de todos, começava o tempo que cada um tinha para si antes do merecido descanso.

Muitas vezes, àquelas horas da noite, Hugo escapava-se do acampamento com duas mantas e uma candeia de azeite e procurava um promontório frente ao mar, onde desenhava o que tinha visto e vivido. Entre os efémeros desenhos que o ocupavam, a caça à baleia era o tema mais recorrente. Tinha gravada na cabeça a imagem daqueles homens a bordo das chalupas, com os arpões no ar, fazendo frente a um animal mil vezes mais forte do que eles em encarniçadas lutas cheias de coragem e destreza. Desenhava as grossas roupas empapadas em água e sangue, os músculos retesados, as mandíbulas cerradas, os olhares decididos. Alguns eram dos seus companheiros, outros inventados.

O seu lápis de carvão fluía pelo contorno das ondas, e nos olhos das descomunais vítimas desenhava o medo. As nuvens e os gelos eram perfilados em tons mais claros, graças à menor pressão do lápis sobre o papel, enquanto as roupas e as barbas absorviam toda a gama de cinzentos e negros.

Era a sua outra vida. A recordação da mãe.

Uma vida fechada, oculta e íntima.

Ou era o que julgava, porque não notara que nem em todas as suas escapadas tinha estado sozinho. A escassa distância e meio escondido por uns arbustos, Azerwan tinha conseguido perceber o que fazia. Estranhando as suas repetidas ausências, o tunisino tinha ido procurá-lo um dia, e na segunda ocasião conseguir até recolher alguns fragmentos do desenho antes que o mar os levasse. Reconstituiu-os, e, quando pôde observá-los com mais luz, a qualidade da obra surpreendeu-o. Não disse nada, mas ficou a pensar.

Aquela noite, no entanto, mudou tudo.

Qualquer coisa fez que nessa noite Hugo não desenhasse baleias, mares e homens corajosos, e o seu lápis começasse a perfilar uns olhos, e depois as

órbitas onde estavam implantados, e depois, por baixo, umas suaves maçãs do rosto. Os lábios surgiram com três únicos traços, e depois deles um pequeno queixo, uma cabeleira encaracolada. O esguio pescoço apareceu no fim. E quando se apercebeu, tinha desenhado o rosto da sua amiga Berenguela com todo o pormenor. Tinha retratado muitas outras vezes o rosto da mãe para nunca o esquecer, e tinha sido essa a sua primeira intenção. Mas a sua mão decidiu traçar outro perfil, outra expressão, outra pessoa. Olhou para o resultado e sentiu-se invadir por uma profunda nostalgia. E recordou a alegria dela, as longas conversas entre os dois, o seu apoio e cumplicidade incondicionais, e sobretudo a limpidez do seu olhar.

Teve tantas saudades dela que o coração se lhe apertou só de pensar nisso.

Como sempre, tentou completar a sua rotina atirando o desenho ao mar, e esteve à beira de o fazer, mas qualquer coisa o impediu ao ver de relance a imagem de Berenguela e ao senti-la ali, plasmada no papel. Percebeu que não podia desfazer-se daquele desenho como se desfizera de todos os outros. Porque ela fazia parte da sua vida.

Ficou a olhar para o desenho, julgando-se sozinho, junto àquele mar que rugia, quase negro. Mas dessa vez não foi assim.

Azerwan acabava de presenciar tudo e mostrou-se.

– Posso?

Estendeu a mão para pegar no desenho, mas Hugo apertou-o contra o peito e olhou para o amigo sem saber o que fazer.

Nunca tinha mostrado a ninguém os seus desenhos, mas aquele homem era diferente. Hesitou uns segundos, mas acabou por entregar-lho. Azerwan examinou aquele rosto, primeiro sem falar, quase sem respirar, até que a sua voz profunda quebrou o silêncio.

– É a tua Ubayda?

Hugo viu lógica na comparação.

– Não, não é. Mas é a minha melhor amiga, a única pessoa que me conhece de verdade, de quem gosto como a mais ninguém neste mundo.

– É muito bonita.

– É – concordou, e soltou um fundo suspiro ao recordá-la.

– Mas não a amas como mulher.

– Não.

– «O homem não pode saltar fora da sua sombra» – respondeu o tunisino com um dos seus provérbios árabes.

– Não sei se compreendo.

– Pelo que me contaste, passaste a vida inteira a lutar contra o que os outros querem que sejas, mas continuas sem saber responder a uma grande pergunta: para que sirvo?

A expressão de absoluta conformidade de Hugo poupou-lhe a necessidade de ser mais preciso.

– Que tem isso a ver com saltar fora da minha sombra? – Hugo recuperou o papel com a imagem de Berenguela. – Referes-te à maneira como pinto?

– Claro. Não podemos saltar fora da nossa sombra, ninguém pode escapar à sua essência, e tu tens um grande dom. Talvez nem tenhas pensado nisso, mas eu posso garantir-te que o possuis, e não é a primeira vez que te vejo desenhar... –

Pediu desculpa pelas ocasiões em que o tinha espiado. – Por vezes precisamos que os outros nos ajudem a ver as coisas. E se o faço agora é porque acredito que esse dom é a janela que vai abrir o teu futuro.

Aquela conclusão fez Hugo pensar.

Recordou a mãe. Tinha sido ela a primeira a reconhecer e proteger aquela habilidade transformando-a numa actividade discreta para evitar que lha proibissem. E fizera-o depois de também ela ter amado com paixão a pintura e ter escondido de todos o seu dom. Depois de ter pensado que nunca seria permitido ao filho de um grande negociante ser outra coisa senão comerciante, e que a sensibilidade que ela e Hugo manifestavam não tinha lugar naquele mundo. Assim lho explicara no seu último aniversário antes de perdê-la, depois de queimar um desenho que pela primeira vez tinham partilhado. Mas também recordou uma conversa que de repente ganhava sentido: a que tivera com Obeko quando este lhe dissera que com os factos do passado cada homem construía o seu futuro.

Invadiu-o uma agradável sensação. Talvez fosse aquela a chave para resolver um dos seus mais íntimos enigmas vitais. Olhou para o seu artífice, Azerwan, um curioso escravo africano e condutor de caravanas de sal, um contador de lendas que tinha fugido de Alá e dos seus por culpa de um desamor para acabar por reconstruir-se muito longe das terras que o tinham visto nascer.

– Quero dizer-te uma coisa importante, Azerwan. – A sua expressão reflectiu a transcendência do que ia dizer. – Estou determinado a comprar a tua liberdade...
– Aquilo deixou o escravo sem palavras e Hugo continuou a explicar-se: – Por isso decidi dar a Orti tudo o que ganhar nesta viagem e também o dinheiro que conseguir quando regressar, para que tu recuperes a tua vida.

Azerwan não soube o que dizer. Olhou para Hugo, engoliu em seco e começou a chorar.

Capítulo 18

Antuérpia. Bélgica. Fevereiro de 1475

O ano tinha começado bem para Jacob Grosenberg. Em Antuérpia, o seu clã relacionava-se mais com a compra e venda de diamantes do que com a indústria têxtil, a que ele se dedicava. Na realidade, havia mais de cem anos que a família adquiria as valiosas gemas na Índia, organizava as rotas entre aquele exótico país e Veneza, mais recentemente para Lisboa, e conseguira aperfeiçoar uma técnica que melhorava de uma forma assinalável a qualidade do corte e do polimento.

Tão lucrativo negócio regia-se por normas estritas estabelecidos entre os clãs que se dedicavam ao diamante. Como os únicos clientes das caríssimas jóias que vendiam eram os nobres, só havia uma palavra que justificasse os elevados preços que pagavam por elas: *confiança*. E para não a destruir, a única forma que o grémio tinha consistia em manter com absoluta firmeza e rigor as normas que regulavam o comportamento dos que se dedicavam à lapidação e venda de diamantes, punindo com a expulsão os que cometiam fraude ou roubo.

E tinha sido esse o caso de Jacob Grosenberg.

Ou não, porque a sua saída forçada do negócio familiar não se devera ao facto de ter enganado alguém, muito pelo contrário. A culpa fora de um cliente, um sem-vergonha que tinha como primeiro apelido um dos mais prestigiados entre a nobreza de Antuérpia e que afirmou que ele lhe tinha vendido uma pedra falsa. Ante tamanho problema, o pior não era tratar-se da maior pedra que alguma vez tinham lapidado – e que por isso valia uma verdadeira fortuna –, e sim o facto de a maledicência ter corrido de boca em boca em menos de dois dias. A razão não estava do lado do denunciante, porque a casa Grosenberg nunca vendera uma pedra falsa. Mas como o homem jurara pôr toda a cidade contra eles se não lhe perdoassem a totalidade do pagamento em falta – e contava com relações privilegiadas para o fazer –, e para que o feio assunto não afectasse o nome de

todo o clã, Jacob tinha assumido as culpas, e em obediência às regras do negócio do diamante, tivera de abandoná-lo.

Fizera-o com dois grandes empréstimos às costas: um que tinha de pagar à família e outro, mais avultado, a um conhecido banqueiro, Cris van der Walle. Jacob tinha iniciado outra actividade que, graças à sua habilidade inata para o negócio, depressa se transformara numa excelente fonte de rendimento: a fabricação e venda de tecidos. O cuidado que punha nas compras, a qualidade que exigia ao que depois vendia e um ou outro golpe de sorte tinham feito dele em poucos anos um dos melhores fabricantes da Flandres.

De toda esta trajectória se tinha informado Damián de Covarrubias quando a má sorte visitou mais uma vez a casa de Jacob Grosenberg, no início de 1475. Sem motivo aparente, Van der Walle tinha-lhe comunicado que a partir daquele instante todos os seus créditos estavam cancelados. O que o deixava sem o dinheiro necessário para pagar as máquinas e manter vivo o seu negócio. Como resultado, tivera de vender a toda a pressa trezentas sacas das suas melhores lãs a um conhecido comerciante burgalês por um preço irrisório, para não se ver forçado à falência.

Cheio de um vivo assombro, o infatigável Jacob Grosenberg propusera-se averiguar como fora que a sua desgraça acabara por beneficiar um dos seus mais sérios concorrentes, pois, conforme chegara aos seus ouvidos, a sua lã fora parar às mãos de Edgar Hossner. Era para este último que as suas suspeitas apontavam, mas até ao momento não sabia como prová-lo. O que nunca poderia ter imaginado era que o banqueiro lhe retirara o crédito a troco do aumento da frequência das visitas de uma certa formosa italiana à sua adega. Nem que o comprador burgalês fizera uma pequena fortuna à sua custa, ainda por cima para satisfazer um dos seus concorrentes.

Mas Jacob Grosenberg não era homem para se conformar.



Era em casa de Hossner que Berenguela se encontrava, embora não conseguisse entender o que fazia sozinha naquela festa, e ainda menos a esfarrapada desculpa que Damián lhe dera à última hora para não a acompanhar.

O marido esperara para lho dizer no momento em que já punha o pé no estribo da carruagem, com um vestido novo e muito bem arranjada para ir a uma festa a

trinta léguas de distância e não menos de três horas de caminho. Claro que, mal o soubera, declinara ir sem a companhia dele. Mas tivera de mudar de parecer face às insistentes súplicas de Damián para que fosse sua embaixadora. A caminho de Gante, Berenguela tivera tempo para reflectir sobre as razões aduzidas, mas não para as compreender, pois nunca o tinha visto precisar de resolver, com tanta urgência, um problema de entrada de mercadoria num dos seus armazéns, quando dispunha de tantos empregados com competência para isso. No entanto, o que mais lhe desagradava era o gesto de descortesia para com Edgar Hossner, um dos seus melhores clientes.

Mas fora essa a única explicação que dera.

Estava a rememorar o mau início daquela celebração num dos cantos do salão de baile quando olhou distraída em redor e mais uma vez estranhou o escasso número de convidados: apenas duas dezenas.

Quanto ao anfitrião, só podia sentir-se agradecida, porque a sua amabilidade não tinha limites. Tanta que desde a sua chegada ao palácio não a deixara um instante sozinha.

Viu-o naquele momento em animada conversa com dois cavalheiros, o que lhe deu a oportunidade de observar os restantes presentes. Sentou-se, aceitou um copo de vinho doce servido por um criado e viu entre as mulheres uma que estava grávida. Engasgou-se com a bebida. As suas regras estavam duas semanas atrasadas, nada de estranho dada a frequência das relações amorosas que mantinha com Damián, mas em vez de sentir-se feliz estava aterrorizada. Sabia que, caso a gravidez se confirmasse, os pais ficariam muito felizes, e Damián, claro, mas ela não. Só de pensar que ia ter de trazer no ventre uma vida sem amar quem a tinha concebido com ela, até a consciência lhe doía. Só desejava que se tratasse de um falso alarme.

A tudo isto somava-se outra dor, a moral. Porque não podia esquecer que, sempre que os seus pensamentos, desejos e recordações iam para Hugo, cometia um grave pecado contra o sagrado compromisso matrimonial com Damián. Um terrível tormento que lhe martirizava a consciência e a alma e do qual só se sentia aliviada por pouco tempo quando passava pelo confessionário, pois voltava sempre a cair no mesmo.

Desde que deixara de poder ir ao beatério quase não voltara a ver Renata, e a sua vida em Bruges começara a tornar-se cada vez mais triste. O Inverno na

Flandres também não ajudava a compor as coisas. Chovia sem parar, o frio com tanta humidade era ainda mais desagradável, e a única coisa que podia fazer era tentar suportar a passagem dos dias entre as quatro paredes da sua casa, aborrecida, sem esperar nada melhor do que uma ou outra visita, o regresso de um marido que quase nunca se alongava em explicações sobre o que fazia no seu dia-a-dia, ou brincar com *Canelilla*.

Tinha feito dezenas de rendas, lido dez vezes o mesmo livro de horas e percorrido cem o pequeno jardim nas traseiras do edifício, onde era tarefa impossível alegrar-se com o aparecimento de uma flor; o mau tempo da cidade impedia que isso acontecesse.

Damián trabalhava fora e também em casa. E quando nessas ocasiões tentava falar com ele, como parecia que o incomodava, deixara de aparecer no gabinete. Sem muito mais que fazer, entrara uma vez na cozinha com a intenção de preparar um dos pratos que tinha visto fazer em casa dos pais. Mas aquilo parecera constituir uma tal afronta para a cozinheira que desistira também desse outro possível entretenimento.

Nem via muitas vezes María, que parecia ter-se adaptado melhor do que ela à vida em Bruges. No fim, a sua gata era o único consolo que lhe restava. Por vezes pensava que, dos quatro meses que levava de casada, três tinha-os passado a sós com ela. O seu adorável carácter compensava em boa medida a asfixiante nostalgia que com frequência a invadia. Mas sobretudo oferecia-lhe carinho e lealdade, coisas que lhe faltavam naquela casa. *Canelilla* era pura ternura e nunca a deixava sozinha. Berenguela adorava-a; não podia viver sem ela. E era mútuo.

A celebração de um brinde devolveu-a ao salão de baile. Mas só por uns segundos, porque a relativa parecença de um dos convidados com Hugo fez com que os seus pensamentos mudassem de destinatário.

Tinham passado nove meses desde o seu desaparecimento e continuava a não haver notícias.

Pensava nele todos os dias, perguntava-se o que estaria a fazer e por onde andaria. Não entendia o que podia ter acontecido para que não desse sinais de vida. A falta de notícias tinha passado de preocupante a descoroçoadora. Ter-se-ia esquecido para sempre dela? Como era possível que não tivesse recebido uma única mensagem da sua parte em tantos meses? Nem uma carta, nem um

miserável aviso por boca de outros. Não tinha nada que a fizesse pensar que continuava a ser importante para ele. Teria encontrado outra mulher? Ter-se-ia apaixonado de tal maneira que já nada do seu passado lhe importasse? Nunca mais voltaria a ver os seus maravilhosos olhos verdes?

Quando se sentia afogada com estas e outras tantas perguntas, acabava a chorá-las na solidão do seu quarto. Porque ainda o amava. Tanto que, se soubesse onde encontrá-lo, teria fugido mil vezes quebrando todas as promessas feitas, incluindo a do seu casamento.

Mas o tempo continuava a passar, um tempo mudo de notícias.

Talvez por isso, o seu desterro em Bruges começava a provocar uma mudança na maneira como analisava a sua realidade; não de um modo substancial, pouco a pouco. A cada dia que passava via-se mais no seu papel de casada: quando o trabalho lhe dava uma trégua, o marido era carinhoso e correcto para com ela, e ao seu verdadeiro amor não tinha onde procurá-lo. E como também não podia mudar muita coisa na sua vida – não sabia aonde ir, e não tinha dinheiro para fazer o que num determinado momento quisesse –, notava como a rotina a ia anulando pouco a pouco, e também aos seus anteriores desejos. Dependia de Damián, que lhe repetia com demasiada frequência que não precisava de nada porque tinha tudo. Apesar de ele falar de luxos e vestidos e a ela lhe faltar o que era de verdade importante.

Um quarteto de cordas começou a tocar uma cadenciada melodia.

Berenguela olhou para o relógio na parede. Não havia uma hora que chegara e calculou que não poderia ir-se embora antes de passada mais uma, pelo menos. Pensou que só tinha duas opções: esperar com resignação que chegasse o momento de regressar a Bruges, ou aproveitar a oportunidade para se divertir, uma coisa cada vez menos frequente nos últimos tempos.

Escolheu a segunda.

Um dos convidados, não de todo desconhecido, pois julgava tê-lo visto noutra recepção haveria dois meses, plantou-se em frente dela a convidá-la para dançar, armado com o seu melhor sorriso e uma mão estendida. Teria talvez mais trinta anos do que ela e um ar cinzento e feio. Tentou evitá-lo, mas pôde mais a insistência daquele volumoso homem do que as fracas desculpas que alegou. Pousou a mão no braço dele e encaminharam-se para o centro do salão; só outros dois pares dançavam.

– Nunca até hoje este palácio conheceu uma mulher mais bela do que vós.

– Obrigada, senhor.

Berenguela quis ser parca no seu agradecimento, para não lhe dar demasiada confiança.

– Chamo-me Cris van der Walle. Mas, descansai, não é necessário que me digais o vosso nome. Não haverá um único homem em Bruges que tenha podido esquecê-lo se teve o imenso prazer de conhecer-vos, Doña Berenguela.

À sua galanteria sobravam vinte anos e faltava a agilidade de um corpo mais jovem, decidiu ela, mas, dada a desfeita do marido, deixou-se levar. Durante os cinco minutos seguintes, entre idas e vindas, vénias e saltinhos, divertiu-se bastante. O seu par, ainda que com as limitações da idade, era um excelente dançarino e sabia sempre como guiá-la. A única coisa de que se arrependeu foi do vestido que tinha escolhido para a festa, ao verificar o crescente interesse que o seu decote estava a despertar nele. Ao cabo de algum tempo, aquilo começou a incomodá-la. Porque além de olhar para ela em cada oportunidade que se lhe oferecia, era tanta a sua insistência que deixara de falar para não perder a concentração. Aquele homem parecia ter esquecido a cortesia inicial. Chegou ao ponto de fazê-la corar ao murmurar-lhe ao ouvido um ardoroso e excessivo elogio, de uma forma quase furtiva e num momento em que a dança os tinha aproximado.

Ela, para não entrar em terrenos pantanosos, desculpou-se com uma ligeira indisposição e voltou à sua cadeira, mas Van der Walle ocupou a contígua e continuou a conversa.

– Não há na Europa mulheres mais belas do que as sicilianas e as castelhanas – disse. – Quem o puser em dúvida é porque não viajou o suficiente.

Berenguela começava a ficar farta dele, e ainda por cima não conseguia entender por que razão o nome daquele indivíduo lhe soara mal no instante em que o tinha escutado. Alheio a estes pensamentos, ele não cessava os seus ataques.

– Eu viajei muito, na minha actividade bancária. Por isso sei que no vosso caso a beleza vos foi buscar. Há quem diga que as castelhanas têm fama de ardorosas. E reparai, neste aspecto coincidimos, porque eu também o sou – declarou, e piscou-lhe um olho.

Berenguela já não sabia onde se meter. Ainda por cima acabava de situar o sujeito. Quando ele falara da sua profissão, recordara de súbito a relação de Renata com ele, o que lhe provocou uma irreprimível sensação de asco quando voltou a sentir-lhe o olhar.

– Agradeço-vos os elogios, mas não penseis que as castelhanas são todas assim. Também as há piedosas. Eu, em concreto, cuido de viver sempre na graça de Deus.

Van der Walle percebeu a indirecta, mas não se deu por vencido.

– Admiro a vossa virtude e talvez por isso me pareça um desafio ainda maior. Mas, havendo confessores, não vos parece que se pode saltar as regras de vez em quando?

– Não no meu caso – respondeu ela, num tom seco.

A providencial aparição de Edgar Hossner, a solicitá-lo para uma conversa que disse importante, foi um verdadeiro alívio para ela. Voltou a olhar para o relógio. Só tinha passado meia hora desde a última vez. Suspirou enfadada, mas tomou a decisão de adiantar a sua partida quando dessem as seis. Tinha ainda três horas de caminho até casa, e aquele homem era demasiado desagradável.

A sorte acompanhou-a nos vinte e oito minutos seguintes que foi descontando até escutar as ansiadas badaladas do relógio. Porque nem o porco banqueiro voltou a incomodá-la nem teve mais surpresas desagradáveis. Sem perder um segundo, à sexta badalada levantou-se da cadeira e procurou o anfitrião para se despedir.

Edgar Hossner, contrariado por aquela partida tão intempestiva, pediu-lhe que a acompanhasse ao seu gabinete, onde tinha uns documentos para o marido. Berenguela acedeu sem dissimular a sua pressa.

A divisão onde entraram estava decorada com luxo. Percorreu com o olhar as estantes repletas de valiosos volumes, as excelentes alcatifas e um mobiliário caro complementado com vários quadros, sem dúvida assinados por artistas famosos. Ao chegar à mesa de trabalho, Hossner pegou nuns papéis mas, para surpresa dela, voltou a pousá-los com um ar afectado.

– Apesar de não haver muito tempo que conheço o vosso marido, tenho um grande apreço por ele e os negócios entre nós não poderiam ir melhor. Por isso, e porque sois esposa dele, lamento o que aconteceu com Van der Walle. Acreditai que logo que me apercebi me apressei a resolver a incómoda situação. Peço-vos

desculpas, e é tal a minha mortificação que estaria disposto a reiterá-las até conseguir o vosso total desagravo. Espero que não saiais desta casa com uma tão amarga sensação. Nunca mo perdoaria.

Berenguela agradeceu-lhe o gesto.

– Não vos preocupeis. E obrigada. Sois um cavalheiro – disse, com um sorriso encantador.

– Reconforta ouvir-vos, mas sei como pode ser desagradável, e sei-o por experiência própria. À minha esposa aconteceu algo parecido com o vosso cunhado na feira de Medina del Campo, e não imaginais o que me custou acalmá-la depois.

A referência a Hugo fê-la sentir-se pior e levou a que a sua pressa em sair daquela casa fosse ainda mais evidente.

– Dai lembranças minhas ao vosso marido – disse Hossner, ao notá-lo –, e transmiti-lhe o meu pesar por não o ter tido hoje connosco.

As três horas de regresso a Bruges pareceram-lhe eternas.

Não conseguia compreender muitos homens. Perguntava-se como concebiam eles o amor, quando não pareciam pensar noutra coisa que não fosse conquistar a virtude de uma mulher, utilizando para isso qualquer meio ao seu alcance, fosse ela quem fosse, inclusive casada. Apiedou-se da sua amiga Renata, e ainda mais depois de ter conhecido um dos seus amantes forçados. Pareceu-lhe desprezível e mau. Mas também lamentou a ausência do marido, que sem dúvida teria evitado o lamentável episódio. Voltou a perguntar-se por que não teria ido quando dava tanta importância aos negócios, e o que tinha com Edgar Hossner era um dos mais lucrativos.

Por outro lado, a circunstancial referência a Hugo tinha-lhe afectado o ânimo. Isto à parte de não ter compreendido muito bem os motivos com que ele tentara na altura justificar o incidente. Como não fora a primeira vez que acontecia, a pergunta a que sempre voltava era por que razão beijava Hugo os lábios de uma desconhecida e nunca tentara beijar os seus, por mais que ela o tivesse desejado.

Estes pensamentos ocuparam-na durante a maior parte da viagem até que entrou em Bruges.

Ali esperava-a uma surpresa ainda maior.

Encontrou-os no seu quarto. María, a sua querida dama de companhia, estava nua em cima de Damián: ela com a cabeleira despenteada e as roupas espalhadas

pelo chão, ele com o rosto congestionado e uma expressão de absoluta surpresa, pois não esperava que voltasse tão cedo.

A primeira reacção de Berenguela foi fazer meia volta para não ver mais. Mas logo a seguir, furiosa, rodou sobre os calcanhares e aproximou-se deles. Maria tapou-se com o lençol e rompeu a chorar. Ele usou a almofada para tapar-se.

– Era esta a urgência no armazém, claro.

– Minha senhora, não sei como pedir-vos perdão... – A rapariga começou a apanhar a roupa do chão, muito pálida.

– Eu sim. Abandonarás para sempre esta casa quando acabares de vestir-te. – Apontou com o dedo a porta do quarto e, simbolicamente, a da sua vida. – E tu, não tens nada a dizer? – perguntou, a olhar indignada para o marido.

– Lamento muito – respondeu, nervoso. – Não saberia explicar-te.

– Não tens coragem... – bufou, raivosa. – Fora daqui!

Atirou-lhe a camisa para que se vestisse, indignada.

Damián reagiu. Enfiou os calções a toda a velocidade e avançou para ela com uma expressão séria. Agarrou-lhe um braço até magoá-la.

– Larga-me! – gritou Berenguela, a tentar safar-se.

– Negarei tudo!

– Que queres dizer? – perguntou ele, continuando a tentar libertar-se, sem o conseguir.

– Que ninguém acreditará em ti, nem a tua família. Direi a todos que sofres de um tão injustificado ataque de ciúmes que te fez perder a cabeça e inventar tudo. E se criares demasiados problemas, juro-te que encontrarei provas para o demonstrar. Alguma coisa há-de ocorrer-me...

– És repugnante.

Cravou-lhe as unhas no braço, para que a largasse.

– Como queiras, mas recordo-te que ainda tens de dar-me um filho.

Berenguela sentiu que lhe faltava a respiração ante tamanho despropósito. Nunca teria imaginado até onde podia chegar a crueldade do marido. Uma mistura de vergonha, asco e repulsa levou-a a não calar o que acabava de pensar antes de se retirar.

– Se o teu irmão estivesse aqui, partir-te-ia até ao último osso, canalha.

– Esquece o meu irmão. Por esta altura o mais certo é nem estar vivo.

Capítulo 19

Pesqueiro das Terras Novas. Baía Grande. Março de 1475

Havia dez dias que umas febres retinham Hugo na cama. Tinham passado sessenta desde que a *Santa Ana* levantara âncora e partira rumo a leste, com o ventre cheio de óleo de baleia e centenas de bacalhaus em salga. Durante esse tempo, os quatro homens deixados em terra pouco tinham podido avançar com as suas tarefas. No exterior da cabana, a que melhor tinham arranjado, não se podia viver. Em todo o mês de Fevereiro só tinham saído duas vezes para repor as reservas de água e apanhar mais lenha. Os gelos e os constantes nevões açoitados pelo vento não o recomendavam.

Mas, a troco de não morrerem congelados fora, adoeceram dentro, uns atrás dos outros.

O último a cair foi Hugo, com piores resultados talvez por ter somado no corpo os males dos restantes.

Dispunham de medicamentos, os que o barbeiro tinha deixado, mas quando chegou a vez de Hugo já quase nada restava. A sua recuperação dependia, portanto, mais das suas forças do que da farmácia. E as forças tinham-se ido evaporando com a passagem dos dias. Azerwan estava muito preocupado.

– Está a piorar – disse em voz baixa aos companheiros do duro exílio, que se entreolhavam sem saberem o que mais podiam fazer.

O tunisino retirou a manta que cobria o doente, para ajudar a dissipar o excessivo calor do corpo. Fê-lo com cuidado, para não lhe interromper o sono.

– Lembro-me de umas ervas que a minha avó fervia em água açucarada e que faziam maravilhas. Mas quem as encontra aqui, debaixo de cinco palmos de neve? – comentou Gartzia, o mais esperto.

– Devia ser tomilho, ou talvez salva – deduziu Azerwan. – No deserto também se usavam para acalmar as tripas e baixar a febre.

– Se todos passámos pelo mesmo e estamos bem, não devíamos preocupar-nos tanto. Ele curar-se-á sozinho – declarou Jakue, um moço de Azpeitia que dobrava em volume os restantes marinheiros da *Santa Ana* e comia a condizer. –

Estou convencido de que os negros humores que têm atormentado os nossos corpos com tantas febres se devem ao pouco e mau alimento que temos. Não podem ser bons, digo-lhes eu. Se além do bacalhau e do grão-de-bico tivéssemos qualquer coisa mais fresca que levar à boca, não tínhamos adoecido.

Azerwan guardou silêncio enquanto alimentava o braseiro com mais um tronco. Havia dois dias que ruminava uma outra opção, talvez a última possibilidade que faltava experimentar, mas até então tinha evitado falar dela para o caso de Hugo melhorar entretanto. Como não era esse o caso, partilhou-a com os companheiros.

– Temos de procurar os índios. Eles têm de certeza melhores remédios do que nós. Mas não sei por onde começar. Nas nossas anteriores estadas, vieram sempre ter connosco, mas nunca soubemos de onde. Apareciam e desapareciam. E depois há os outros, os sanguinários.

Gartzia achou a ideia complicada e arriscada, tendo em conta os frios que teriam de enfrentar, mas encorajou-a. Com Jakue foi o contrário. Bastava olhar por uma das janelas da cabana para ver que era preciso ser louco para empreender uma busca sem destino certo e com tão poucas horas de luz. Mesmo assim, Azerwan mostrou-se decidido ao recordar que, certa vez, um dos nativos tinha falado de umas grutas que ficavam ali perto.

– Vou tentar! – concluiu o escravo.

– E eu vou contigo – disse Gartzia.

Com este ânimo e embrulhados em roupa até às sobancelhas, saíram naquela manhã em busca de ajuda. Passaram ao lado das quatro chalupas que tinham deixado afundadas até à campanha seguinte, para poupar espaço a bordo da nau e porque estariam mais protegidas debaixo de água do que expostas ao gelo e à neve, e bordejaram a baía para se internarem no que todos julgavam ser uma ilha.

Viram pegadas de urso na neve, e depois de lobos.

Caminharam com dificuldade sobre o macio manto branco, enterrando-se na neve até aos joelhos, e atravessaram dois bosques gelados antes de chegarem à

primeira montanha, tão branca e compacta que lhes custou decidir por onde abordá-la.

Começaram a subir em silêncio para conservar o mais possível o calor nos pulmões e não inalarem mais ar do que o necessário, com medo de que se lhes gelassem. A meio da escalada, pareceu-lhes distinguir uma sombra humana a mover-se por trás de uns abetos cujos ramos quase se partiam sob o peso da neve. Detiveram-se a olhar, e nesse instante verificaram com horror que não se tratava de um homem e sim de um enorme urso que raspava as costas contra o tronco da árvore, provocando sucessivas quedas de neve que pareciam não o incomodar. Agacharam-se para não serem vistos. Azerwan lamentou não ter levado consigo um dos arcabuzes em vez do comprido facão que procurou debaixo da roupa.

O urso interrompeu a sua reconfortante massagem e ergueu o focinho para cheirar o ar.

A menos de dez braças da fera, os homens estenderam-se na neve para não serem descobertos, mas para sua desgraça o animal detectou-lhes a presença e começou a caminhar para eles, guiado pelo faro. Ao ver a reacção do urso, Gartzia esteve à beira de fugir a correr, mas Azerwan travou-o a tempo.

– Seria pior; ver-te-ia. E esses animais correm muito mais do que nós. Esperemos que não nos encontre – sussurrou com a mão fechada no punho da arma e uma aparente serenidade.

O urso continuava a aproximar-se a passo lento, mas a menos de três braças avistou-os e acelerou a marcha.

O tunisino pôs-se de joelhos a empunhar a grande faca com força e a ponta apontada ao urso. Gartzia imitou-o depois de se benzer e pedir ajuda a todos os santos. Se tivessem sorte e conseguissem esquivar-se às primeiras sapatadas, tentariam cravar as lâminas de aço na fera. Com o coração prestes a saltar-lhes do peito, desejaram sorte um ao outro, cerraram as mandíbulas e no último momento puseram-se de pé, para se firmarem melhor no chão, com a intenção de enfrentar o melhor possível o inevitável embate. O olhar selvagem do animal gelou-lhes o sangue nas veias poucos segundos antes de serem alcançados, mas alguma coisa o derrubou a tempo. O urso contorceu-se, ferido pelas costas, bramiu de dor e olhou para trás.

Um homem coberto de peles dos pés à cabeça preparava uma segunda lança e apontou-lha ao pescoço, trespassando-o. Os assustados espectadores viram como o animal, ferido de morte, rolava até eles manchando a neve com um regueiro de sangue. Esperaram de pé que o seu salvador se aproximasse enquanto sentiam que os músculos se relaxavam e soltaram em uníssono um longo suspiro.

Duas horas mais tarde entravam na cabana acompanhados por um homem de idade indefinida mas muito velho, seguido por outro mais jovem que transportava os seus remédios embrulhados numa grossa pele. Jakue ficou paralisado ao vê-los. Era a primeira vez que estava naquele pesqueiro e nunca tinha encontrado um índio. Descobriu neles umas feições diferentes: olhos rasgados, pómulos carnudos, avermelhados e muito marcados, cabelos compridos presos num rabicho e lábios finos e pequenos.

– Como conseguiram fazer-se entender? – perguntou Hugo antes de ser sacudido por mais um acesso de tremuras incontroláveis. Tinha acordado e estava ao corrente do que tinham ido fazer.

– Usando as mãos, com sinais, desenhos na neve e tudo o que nos ocorreu para pedir ajuda – respondeu Gartzia, que também resumiu os perigos que tinham corrido e em que críticas circunstâncias se tinham encontrado.

O ancião dirigiu-se de imediato ao catre de Hugo.

Os seus olhos eram cinzentos e pareciam apagados pelos anos, mas o seu olhar percorreu o corpo de Hugo cheio de saber. Seguiram-no umas mãos retorcidas e secas que pousaram na testa, depois no peito e por fim roçaram ao de leve os lábios. Depois de ter explorado o corpo de Hugo, o homem cheirou-lhe as pontas dos dedos, os cabelos e até se aproximou para fazer o mesmo às narinas. Todos os presentes continham a respiração enquanto o viam agir.

Em resposta a um sinal, o jovem tirou da bolsa de pele uma comprida vara de madeira cheia de missangas, tiras de couro e penas. O velho índio pegou-lhe, fechou os olhos, ergueu a cabeça e começou a dançar à volta de Hugo enquanto entoava uma cantiga. Os passos da dança ajustaram-se à cadência da suave melodia que saía da boca desdentada e seca. Quando aquilo chegou ao seu fim natural, o velho apontou para o braseiro onde tinham posto água a aquecer, e, quando perceberam o que queria, deram-lhe uma malga onde deitou um punhado de folhas e flores secas, várias raízes e uma espécie de ervilhas. Misturou tudo na água, mexeu-a, e para completar a beberagem cuspiu três vezes para dentro

da malga. Ao verem isto todos recuaram, a imaginar o nojo que ia provocar em Hugo, que começou a abanar a cabeça quando viu o índio avançar para ele com a malga na mão.

– Hugo, bebe – aconselhou Azerwan ao ver a sua expressão de repulsa. – Esta gente sabe o que faz. Confia neles.

Hugo fechou os olhos, imaginou que estava a beber um copo de bom vinho e engoliu.

Sabia horrivelmente mal, mas ele bebeu tudo sem pensar duas vezes. Todos aplaudiram, e o velho até arrotou, satisfeito.

Azerwan agradeceu-lhes a ajuda recebida com dois garfos de latão e um grande pedaço do toucinho entremeado que os índios levaram felizes. Quando voltou, depois de despedir-se deles fora da cabana, perguntou a Hugo:

– Como te sentes?

– Como se eu dissesse que mal os farias voltar, direi que nem imaginas como me sinto bem.

Fez uma careta, sem conseguir dissimular o mau sabor que lhe ficara na boca.

A verdade é que, quarenta e oito horas mais tarde, fosse pelas artes do índio ou porque ia curar-se de todos os modos, Hugo acordou como novo. E para glória de todos, às primeiras horas da manhã as nuvens desapareceram e um sol brilhante ofereceu-lhes um tempo magnífico, que se manteve pelos quatro dias seguintes.

Aproveitaram aquela trégua para acelerar os trabalhos no telhado e nas paredes do armazém, ainda meio por fazer, com a ideia de fechá-lo e poderem depois continuar a trabalhar no seu interior em melhores condições. Conscientes da pouca margem que tinham para dar um bom empurrão nesse sentido, não fizeram outra coisa de manhã à noite senão trabalhar e trabalhar. Hugo juntou-se aos companheiros no segundo dia, mal começou a sentir-se melhor, mas tiveram o cuidado de atribuir-lhe as tarefas que exigiam menos esforço físico.



Quando os nevões voltaram, vieram acompanhados por uns ventos de norte que doíam. Só se podia sair do calor da cabana para apanhar lenha, e não mais de quinze minutos. A cara parecia à beira de quebrar-se de um momento para o outro, e apesar das luvas, da roupa e de outras protecções, o frio conseguia chegar à medula dos ossos. Durante as quatro semanas seguintes, a temperatura

desceu a níveis que impediam a vida. Passado o temporal, voltaram a trabalhar de manhã no novo armazém para completá-lo, rematar o tecto e tabicar o interior como Obeko tinha ordenado.

Em Abril o tempo melhorou um pouco, mas só em Maio, com a chegada da Primavera, puderam deixar para trás a vida de eremitas e saborear a liberdade fora da cabana. Continuava a estar frio, mas conseguia-se aguentar.

A meados do mês chegaram as chuvas, inesgotáveis e constantes mas que não os impediram de deixar pronto o armazém com todas as suas janelas e portas antes do início de Junho. E ainda tiveram tempo para construir uma segunda cabana, de melhor factura do que aquela em que viviam, aproveitando a pedra que os companheiros tinham deixado antes de partirem na *Santa Ana*.

Hugo continuou a desenhar, agora nas peles dos coelhos que caçavam, à falta de papel; eram uns animais um pouco diferentes dos que conheciam nas suas terras, com orelhas mais curtas, aspecto mais rechonchudo e cauda em forma de bola. Substituiu os lápis de carvão por tintas que fazia com restos de óleo de baleia, terra, sangue seco, algumas ervas e umas pedras azuis que permitiam criar novas cores.

Um dia do mês de Junho conseguiram abater um poderoso animal parecido com um veado, mas com uma armação maior e uma cabeça feia. Hugo celebrou a proeza porque lhe proporcionava novas telas, além do festim que fizeram com a carne. Foi depois daquela gloriosa refeição que Hugo e Azerwan se juntaram na orla da baía para dormir uma sesta. O sol aquecia a pele e alegrava a alma. Talvez por isso surgiu a conversa, e com ela as dúvidas.

– Deves ter feito mil vezes os cálculos, Hugo, mas a mim as contas não me saem certas.

– De que estás a falar? – perguntou Hugo, e atirou uma pedra à água com um gesto distraído.

– Do pagamento da minha liberdade.

Hugo estava consciente de que ele tinha razão. Tinha feito aquelas contas muitas vezes e chegara sempre à mesma conclusão: precisava de muito mais dinheiro do que ia conseguir juntar ali. Se somasse todas as quantias que Obeko tinha de lhe pagar e retirasse o que devia a Orti e o custo de roupa e do calçado, o saldo final eram umas tristes quarenta e três dobras. Só quarenta e três, quando a liberdade de Azerwan valia trezentas e quarenta; ou duzentas e sessenta e cinco

se Orti aceitasse abater a esse preço o trabalho de Azerwan nas Terras Novas. Quer o fizesse ou não, a soma continuava a ser descomunal e ficava muito além das suas possibilidades.

Mas Hugo tinha um plano.

– Quando voltarmos, com as quarenta e três dobras que me restarem irei visitar o meu pai, mas não a Burgos. Lembro-me de Obeko me ter dito que a *Santa Ana* fazia sempre escala em Ruão, em França, antes de aportar a Bermeo.

Hugo continuou a explicar-se. De Ruão viajaria até Bruges, uma vez que o pai costumava passar os meses de Março a Abril naquela cidade para organizar e dirigir a partir de lá os seus negócios, e as datas previstas para o regresso da expedição coincidiam com esses meses.

– Depois de o pôr ao corrente da infidelidade do seu feitor Policarpo e de conseguir reconciliar-me com ele, como tanto desejo, pedir-lhe-ei emprestado o dinheiro necessário para te libertar.

Azerwan apreciou a generosidade sem esconder uma certa preocupação. Nunca conhecera ninguém capaz de investir tudo, o que tinha e o que não tinha, com o único objectivo de ajudá-lo. O gesto de Hugo era magnífico, mas obrigava-o a pensar.

Se o amigo conseguisse reunir aquela quantidade de dinheiro, tinha de saber como e quando iria pagar até à última dobra. A promessa de o fazer de nada valeria se depois não a cumprisse. Tinha pensado muito naquilo, porque a sua responsabilidade era grande e o montante demasiado elevado. Das poucas possibilidades que lhe tinham ocorrido, depois de sopesá-las todas, só uma lhe pareceu viável. Estava a amadurecê-la na sua cabeça havia já duas semanas.

– Que tencionas fazer depois de falares com o teu pai em Bruges?

De todas as possibilidades que tinha pensado, uma agradava-lhe bastante mais do que as restantes.

– Talvez fique por lá uns tempos. Terei alojamento e quero muito saber se este dom que supostamente tenho é verdadeiro. Recordo que a minha mãe adorava os pintores flamengos, e suspeito que algumas vezes se terá deixado contagiar por esse estilo nas coisas que ela pintava, embora não me lembre muito bem. Era muito pequeno. – Observou o mar com a costa oposta àquela onde estava em segundo plano, e pareceu-lhe estar a olhar para um quadro. – Poderia ver se algum desses mestres me aceitaria como aluno.

– Gosto dessa ideia – resolveu Azerwan.

– Seria muito bom, sim. Mas, sendo realista e com o meu pai por perto, duvido que o consiga. Tem a obsessão de meter-me no negócio da família. Com toda a certeza não mo permitiria. Não poderia fazê-lo...

– Existe no meio do deserto um lugar que poucos conhecem; contém uma enorme quantidade de sal ainda por explorar. Fica perto de uma cidade chamada Quastiliya, próximo do sítio onde nasci. É lá que vive e ensina um dos maiores mestres de pintura de toda a África do Norte: Mustafá ibn al-Baitar. Lá todos o conhecem.

– Não compreendo aonde queres chegar.

Hugo imaginava que tudo aquilo faria sentido para Azerwan, mas faltava saber qual.

– Com algum dinheiro podíamos comprar essa mina de sal, e eu tenho os contactos necessários para comerciar depois com ela. Desse modo saldaria a minha dívida para contigo e tu poderias aprender a desenhar pela mão de um artista reconhecido. Pensa bem. Ganharíamos o suficiente para começar uma nova vida. Tu, longe daquela que não queres ter entre as mãos, a poder desenvolver as tuas habilidades com a pintura; eu mais perto de Ubayda, desde que conseguisse encontrá-la.

Hugo reconheceu que a ideia o atraía. Muito.

Tinha muitas vezes ouvido falar do negócio do sal como o do ouro branco, dado o bom preço que se pagava por ele. Vetado como estava o consumo de carne por motivos religiosos, toda a Europa tinha de comer peixe pelo menos três dias por semana – terças, sextas e sábados –, além das restrições da Quaresma e do Advento. E sem o sal, a conservação e o transporte do pescado seria muito difícil.

– Um bom meio de vida e uma porta aberta para eu passar o meu futuro entre pincéis e telas. Quem em seu perfeito juízo poderia negá-lo?

Hugo bateu com a mão na do amigo, para selar o acordo.

Não foi o único. O falcão-branco que uma vez tinham visto caçar pousou num ramo ali perto. Pôs a cabeça de lado para olhar para eles e lançou um agudo grito como se aquela fosse a sua maneira de abençoar o pacto, ou pelo menos foi isso o que os dois entenderam quando o viram levantar voo com um poderoso bater de asas.

Azerwan voltou a tomar a palavra:

– «O balde não serve de nada sem a corda do poço.» Agarremos esta corda juntos!

Capítulo 20

Schildpad Thuis. Bruges. Setembro de 1475

Sete meses depois de ter testemunhado a infidelidade de Damián, Berenguela continuava a impor distância entre os dois.

Na primeira semana pensou em deixá-lo e regressar a Burgos. Se não o fez foi por orgulho e por falta de dinheiro. Voltar a casa um ano apenas depois de ter casado seria reconhecer o seu fracasso, e não estava disposta a ser apontada como a principal responsável, como pensaria quase toda a gente, dada a impecável reputação de que Damián gozava. Mas, além disso, faltavam-lhe os recursos necessários para empreender a viagem. Desde o primeiro dia, o marido pagara sempre tudo o que ela precisava e, segundo ele, não tinha necessidade alguma de dispor de dinheiro seu. O que significava passar pela humilhação de lho pedir, e não tencionava fazê-lo.

Por tudo isto decidiu dar a si mesma um pouco mais de tempo antes de seguir um ou outro caminho e ver como Damián respondia.

Nos primeiros dias pouco se viram, bastavam os silêncios para dizer tudo.

Ela só saía do quarto para ir à missa e para não o ver mandava que lhe levassem as refeições. A única coisa de positivo que aconteceu, terminada a semana, foi ficar descartada qualquer suspeita de gravidez, o que simplificava muito as coisas.

Durante a segunda semana, e sobretudo na terceira, Damián começou a mudar. Decidiu começar a acompanhá-la todos os dias à missa do meio-dia, e, embora não entrasse na igreja, voltava a acompanhá-la no regresso a casa. Aproveitava aqueles trajectos para pedir-lhe sempre o mesmo: que falassem. Só isso, que lhe desse um pouco de tempo para falar. Ela não lho deu, sentia-se demasiado indignada para ceder, apesar do empenho que Damián punha em abordar o problema.

Quando se cumpriu um mês e decidiu voltar a pisar o resto da casa, estava a desfrutar de uma infusão no jardim, numa daquelas poucas tardes em que não chovia em Bruges, quando Damián se pôs de joelhos em frente dela e lhe pediu perdão. E não uma vez, muitas. Também isto Berenguela lhe negou. Precisava mais do que ouvir uma palavra, por muito repetida que fosse. Tinha de compreender as verdadeiras razões da infidelidade dele, e a isso não chegaram. Ele alegou ter-se deixado levar por um momento de loucura, mas nada podia estar mais longe da verdade quando organizara tudo para tê-la fora de casa, na festa de Hossner. Em todo o caso, prometeu não voltar a enganá-la.

Não bastou este compromisso para que ela cedesse, entre outras coisas porque não acreditava nele, o que motivou que tardassem mais dois meses a voltar a falar do assunto.

Embora as horas lhe parecessem eternas no seu quarto, onde passava a maior parte do dia, Berenguela preferia isso a ter de vê-lo, a recordá-lo uma e outra vez debaixo das coxas da sua dama de companhia.

Damián, no entanto, não se deixou derrotar e tentou responder à atitude de indiferença da mulher com o início de uma série de rondas nocturnas à porta do seu quarto. Ali permaneceu noite após noite, sem faltar uma, a pedir-lhe uma e outra vez que lhe perdoasse. Até que, depois de décima sétima, ela acabou por aceitar mais uma conversa.

Dessa vez, Damián mudou de tática.

De viver em permanente desculpa, deu um passo em frente e pediu-lhe uma oportunidade. Reconheceu o seu erro sem mais justificações, entendeu o enorme dano causado e assumiu a indelével cicatriz que o seu comportamento ia deixar no casamento. Foi depois de acabar este ataque de sinceridade e sensatez que lhe pediu a tal oportunidade.

Teve de esgotar-se o quarto mês para que Berenguela lha desse.

Não foi nada de especial, só voltarem a comer juntos, comentarem as notícias do dia no jardim e passearem de vez em quando pelo centro da cidade. Pouco mais.

Ele dizia que isso lhe bastava, que para se reencontrarem teriam de voltar a construir a sua relação. E como sob esta premissa cabia tudo, qualquer proposta que ajudasse a uni-los parecia-lhe interessante, ainda que fosse uma simples ceia acompanhada por uma conversa agradável.

Durante o quinto e sexto meses, as coisas entre os dois começaram a fluir melhor.

Damián passou a falar do seu trabalho e voltaram às conversas sobre outros temas com toda a naturalidade, fosse algum escândalo relacionado com o governo da cidade, comentários sobre notícias que chegavam de Castela, rumores a respeito de um conhecido. A convivência melhorou, sem dúvida, mas no plano físico continuou tudo na mesma.

Nos primeiros dias do sétimo mês aconteceu uma coisa que acabou por levar a que nessa noite Berenguela decidisse não fechar à chave a porta do quarto. Ele, com voz emocionada e uma ou outra lágrima a espreitar-lhe dos olhos, tinha feito a solene promessa de nunca mais voltar a desrespeitá-la. Aquele gesto de humildade, tratando-se de Damián, numa tarde chuvosa frente à lareira do salão e depois de duas longas horas de profunda conversa, conseguiu derrubar a última muralha emocional que ela mantinha de pé.

A partir de então, tinha voltado a receber o corpo dele ainda que sem muita vontade, a fugir às imagens que sem que as procurasse lhe enchiam a cabeça e ainda com mais de uma dúvida. Porque podia pôr todo o seu esforço em recuperar aquele casamento e assumir uma vez mais a sua condição de esposa, mas com uma determinação muito clara: a partir do instante em que Damián voltasse a enganá-la iniciaria a contagem decrescente de tudo, de tudo até livrar-se dele para sempre.



Setembro ia a meio quando começou a estranhar a falta de notícias de Renata. Havia duas semanas que não sabia dela, e nunca tal acontecera desde que se conheciam. Até que naquela manhã lhe anunciaram a visita da dama de companhia da amiga.

Alarmada com as más notícias que recebeu, correu de imediato à residência da italiana para tentar entender o que tinha acontecido. A ausência do marido foi um primeiro alívio para ambas, mas os efeitos da sua vilania continuavam presentes na cara e no corpo de Renata. A sua beleza tinha desaparecido debaixo dos hematomas que lhe cobriam a cara.

– Porquê?

Incapaz de articular uma frase seguida, a italiana rompeu a chorar, apesar de já quase não lhe restarem lágrimas. Berenguela acolheu-a com ternura nos seus

braços, como velha cúmplice que era dos seus pesares, e conseguiu proporcionar-lhe algum conforto. Tiveram de passar mais alguns minutos para que a amiga recuperasse a serenidade suficiente para se explicar.

– Porque me neguei. Estava tão farta! – Usou um lenço para se assoar e tossiu várias vezes até conseguir aclarar a garganta. – Há dias Lope propôs-me um novo e perverso encargo: seduzir o governador de Bruges até tê-lo rendido a mim, para depois obrigá-lo a abandonar um regulamente que ao que parece ia prejudicar os seus interesses, como também dos outros cônsules. Ter-me feito sua amante seria o castigo que o pobre homem teria de compensar quando Lope o ameaçasse com revelar tudo à esposa. Foi opor-me à ideia e desencadear um ataque de violência que terminou como vês... – concluiu, a apontar para o rosto.

– Renata, isto não pode continuar assim.

– E que posso eu fazer?

– Não sei, mas alguma coisa tens de fazer! Vives num absoluto inferno! – respondeu Berenguela.

– Também tu continuas com Damián depois de ele te ter enganado.

– Porque mudou. Não podes imaginar o muito que se tem esforçado para compensar o seu erro. Pareceu-me que o faz de uma maneira tão sincera que resolvi dar-lhe uma nova oportunidade.

Renata não hesitou. Olhou-a nos olhos e decidiu contar-lhe o que sabia:

– Damián continua a encontrar-se com a tua dama de companhia.

Berenguela ficou paralisada. Tremeram-lhe os lábios antes de conseguir falar, profundamente afectada. As perguntas acumulavam-se: María não tinha voltado a Burgos? Como pudera Damián mentir-lhe? Por que fora que Renata não lho contara antes? A italiana pareceu intuir esta última.

– Só soube há uns dias, acredita. Antes de hoje não podia contar-te fosse o que fosse. Depois da sova que o meu marido me deu, fiquei fechada no meu quarto mais de uma semana. Não imaginas o muito que me custou convencer a minha criada a ir avisar-te.

– Não posso crer... – Berenguela levou as mãos à cabeça. – Não só fui uma estúpida ao acreditar nas suas promessas, como ainda por cima voltei a aceitá-lo em todos os sentidos que possas imaginar. Que nojo! Mas o que se passa com eles, Renata? Como conseguem ser tão falsos e tão vis e querer convencer-nos do contrário? – Cerrou os punhos, humilhada, farta de tanta mentira. – Basta!

Temos de fazer qualquer coisa, e temos de fazê-la já. Não posso suportar esta situação por mais tempo.

– Podíamos prejudicar-lhes os negócios – sugeriu Renata.

– Não me ocorre como.

– Da mesma maneira que com as artimanhas dele e a minha intervenção os favoreço, podia pôr contra eles as melhores contas que têm. E refiro-me também ao teu marido. Não sei, por exemplo passando informação a outro comerciante para que lhes roube as encomendas dos seus melhores clientes. Com isso não resolveríamos a frustrante vida que fazemos, mas pelo menos prejudicá-los-íamos onde mais lhes dói. Nos dinheiros.

Berenguela gostou da ideia. Mas também lhe ocorreu outra de efeito mais imediato.

– Não sentes vontade de fugir desta cidade e nunca mais voltar a vê-los?

– Todos os dias. Mas como resolvo o problema dos meus pais. Pelo que sei, continuam com as finanças de rastos.

– E se os roubássemos? Mas não através de um intermediário, como propões, mas directamente.

Um brilho de malícia iluminou o olhar da burgalesa.

– Achas que poderíamos conseguir dinheiro suficiente para resolver as nossas vidas e a dos meus? – Renata lambeu-se de gozo. – Isso seria bom. Mas depois de o fazermos teríamos de esconder-nos num lugar qualquer onde nunca conseguissem encontrar-nos. Sabes onde Damián guarda o dinheiro?

– Claro, e penso que não seria muito difícil conseguir uma boa maquia. Vi onde o esconde. Calculo que haja lá mais de mil dobras. E tu?

– O dele está atrás deste quadro – apontou para uma pintura de baixa qualidade –, guardado numa caixa de ferro. Vou precisar da chave, mas acho que sei onde a esconde.

Berenguela viu chegado o momento de dar o primeiro passo, e por isso declarou, decidida:

– Que demónios, façamo-lo agora.

Olharam-se com uma mistura de emoção e medo.

Decidiram que fugir a cavalo lhes daria maior liberdade de movimentos, com o inconveniente de precisarem de um acompanhante se quisessem ter uma viagem sem demasiados contratempos. Renata não teve dúvidas: falaria com Antonio,

um moço de cavalaria oriundo de Siena que ficava sem respiração sempre que a via entrar para ir buscar a sua montada. Um jovem que, para ser sincera, também não lhe desagradava a ela.

Resolvido o problema do transporte e da segurança, combinaram seguir para sul. Procurariam um canto discreto da costa francesa onde desapareceriam por uma boa temporada até pensarem noutros destinos mais próximos dos seus locais de origem, mais adiante, quando os maridos desistissem de as procurar aí.

– São onze da manhã e isto é uma completa loucura. Mas, no meu caso, não há voltar atrás – sentenciou a italiana, decisão que Berenguela corroborou.

Começaram a trabalhar.

A chave apareceu debaixo de uma tábua amovível do fundo de um baú. Com ela abriram sem dificuldade a caixa de ferro escondida atrás do quadro e arrecadaram cerca de quatrocentas dobras.

Renata demorou dez minutos a preparar a bagagem com a roupa imprescindível, sem esquecer as jóias para o caso de precisar de vendê-las, e desceram as duas à cavalaria em busca dos cavalos e de Antonio. À italiana bastou um beijo nos lábios e a promessa de muitos mais se fugisse com elas naquele preciso instante, e o desconcertado jovem não hesitou um segundo.

Saíram a bom passo de uma casa para ir à outra, Schildpad Thuis, a residência dos Covarrubias, onde Berenguela devia fazer o mesmo com os dinheiros de Damián e juntar também alguma roupa.

Entraram juntas no quarto do casal.

Enquanto Renata tirava da arca as peças de roupa que a amiga lhe ia indicando e enchia com elas uma bolsa não muito grande, Berenguela abria a última gaveta de uma secretária de caju com incrustações de marfim, a peça mais valiosa de todo o mobiliário da casa. Ajoelhou no chão e enfiou o braço na gaveta para remover uma tampa dissimulada no fundo, onde o marido escondia o dinheiro. As dobradiças chiaram um pouco. Tirou duas bolsas de couro com moedas, das cinco que lá havia. Não as contou, não tinham tempo, mas calculou que seriam no mínimo trezentas dobras. Por um momento tinha pensado levá-lo todo, mas decidiu não o fazer; provocaria uma maior fúria no marido e seriam perseguidas com mais determinação.

Por culpa dos nervos sentiu a boca seca, mas ao olhar para a cama de dossel onde tantas vezes amaldiçoara o seu destino recuperou a esperança e a resolução.

Escorreu-lhe pela face uma lágrima, que pela primeira vez era de alegria, e a enorme vontade que tinha de fugir transformou-se em urgência.

– Graças a Deus está a correr tudo tal como pensámos, sem demasiados problemas. Querida, agora toca-nos o melhor. Vamos em busca de uma nova vida!

Desceram as escadas com passos rápidos, atravessaram o vestíbulo quase a correr, para desconcerto dos criados, e saíram para a praça com mais pressa ainda, ao encontro de Antonio e dos cavalos.

O jovem nem queria crer na sua sorte, incapaz de decidir qual daquelas mulheres era mais formosa, ainda que a sua senhora não tivesse na altura muito bom aspecto. Na sua bisonha imaginação, e apesar do pouco tempo decorrido, já se via amante das duas. Teria tempo para o levar a cabo, pensou ao vê-las chegar. Ajudou-as a montar, e depois içou-se ele para a sela de um magnífico frisão negro, escolhido para tão insólita missão por ser o mais robusto da cavalaria.

Iam pôr-se a caminho quando de súbito Berenguela se deu conta de que lhe faltava qualquer coisa: a sua gata. Desculpou-se, desmontou da égua e correu para casa para ir buscá-la. Poucos minutos depois voltava com *Canelilla* nos braços e um sorriso de satisfação a iluminar-lhe o rosto. Segundos mais tarde os três fugitivos abandonavam a praça pelo lado sul e metiam por uma rua que quase sem desvios os levaria às muralhas da cidade.

Berenguela voltou a cabeça a tempo de ver a tartaruga na fachada, fechou os olhos, e quando voltou a abri-los passados instantes quis convencer-se de que tudo o que sofrera, padecera e sentira naquela casa tinha sido só um longo pesadelo de que agora acordava.

– Adeus para sempre, Damián! – exclamou em voz alta antes de meter pela primeira rua.

Nenhum deles se apercebeu da apressada saída de um homem a cavalo da residência dos Covarrubias na direcção contrária à que levavam. E menos ainda de um segundo que começou a segui-los mantendo-se à distância.

Estavam os dois ao serviço dos Covarrubias.

O primeiro foi em busca do patrão para avisá-lo de que a sua senhora fugia.

Capítulo 21

Pesqueiro das Terras Novas. Baía Grande. Outubro de 1475

O mês de Outubro chegava ao fim e a *Santa Ana* não tinha ainda aparecido. Os quatro residentes do remoto pesqueiro sonhavam com ver a silhueta da nau recortar-se no mar, mas passavam os dias e as semanas sem que isso acontecesse. Durante aqueles nove meses de solidão tinham conseguido construir um armazém, duas cabanas, uma instalação capaz de acolher até três caldeiras de extracção de óleo, secadores de bacalhau, mesas, cadeiras, portas e janelas. Tinha jogado às cartas, falado muito, Hugo pôde pintar e depois de tudo isto aborreceram-se.

Todos tinham adoecido pelo menos uma vez, e um deles quatro. Tinha-se zangado uns com os outros, caçado centenas de coelhos, comido caranguejos, polvos e sobretudo bacalhau com grão. Por vezes sentiam-se tão fartos daquela dieta que sonhavam acordar com um simples par de ovos, um prato de cordeiro ou uns bons chouriços e queijo. Muito ao contrário de Azerwan, que tinha observado o jejum do Ramadão durante o mês de Outubro.

Chegou Novembro e nada.

Em meados do mês, o ânimo começou a vacilar. Houve quem pensasse que a *Santa Ana* se afundara no regresso a Bermeo e que estavam ali a esperá-la em vão. Gartzia chegou a dá-lo por facto quando a 1 de Dezembro a situação não tinha mudado. Não era o único; os outros também o pensavam, mas a nenhum parecia uma conversa saudável. Atentava contra as suas debilitadas esperanças e alimentava os seus piores medos. Que seria deles naquele recôndito canto do mundo se ninguém fosse recolhê-los? Quem além de Obeko e a sua tripulação sabia onde estavam? Estas e outras perguntas ainda piores turbilhonavam-lhes nas cabeças com demasiada frequência, e sempre em companhia de respostas terríveis.

Com o regresso dos frios decidiram que tinham de juntar mais lenha, para o caso de o Inverno os surpreender ainda ali, além de caça suficiente para secar antes da chegada das chuvas. Com estes objectivos, passaram a primeira semana de Dezembro entre bosques e pradarias. Apanharam sete raposas, duas dezenas de coelhos e um par daqueles curiosos veados que por ali eram tão comuns. Tão intensiva foi a caçada que, sem se terem apercebido da escassa reserva de pólvora de que dispunham, acabaram por esgotá-la. A partir desse momento os arcabuzes ficaram inúteis para a caça e tiveram de usar arcos e flechas, com piores resultados.

Mas em meados do mês visitou-os uma desgraça pior. Os causadores: uns índios, desta vez menos pacíficos do que os anteriores.

Tinham descido das montanhas com as mesmas intenções de juntar alimento, até que um dia se cruzaram com eles. Quando se viram frente a frente, não reagiram como os outros. Em vez disso, apontaram os seus arcos e dispararam uma saraivada de flechas sem a menor misericórdia. Na acelerada fuga em direcção às cabanas, invadiu-os um medo atroz ante o terrível aspecto que tinham. Rostos pintados de vermelho, missangas que pendiam de pómulos e sobancelhas, e um olhar cheio de descarnada ferocidade. Com a segunda saraivada de flechas, Azerwan foi tocado num ombro e Hugo sentiu uma rasgar-lhe as calças. Mas nenhum deles abrandou a corrida.

Animando-se uns aos outros, desciam a tal velocidade pelo bosque que, quando não tinham de saltar por cima de um tronco caído, tinham de atravessar arroios ou zonas cheias de arbustos quase sem verem onde punham os pés.

Todos eles caíram várias vezes, mas nenhum afrouxou no empenho. Os agudos e sanguinários alaridos dos índios continuavam a ouvir-se nas suas costas.

Aquela corrida durou muito, até esgotá-los.

Quando só faltavam dez braças para chegarem às cabanas, o nobre Jakue calculou a distância a que se encontravam os seus perseguidores e viu que não iam conseguir. Sem avisar ninguém, parou de repente e gritou a plenos pulmões:

– Os filhos de Azpeitia não têm medo!

Cerrou as mandíbulas, que rangeram até às vértebras, e de faca em punho enfrentou os índios, levando três pela frente antes de cair morto, só para que os companheiros ganhassem avanço suficiente.

Quando quiseram saber o que tinha feito, só tiveram tempo de ver Jakue caído no chão com dois machados cravados na cabeça antes de conseguirem bloquear com uma sólida travessa de madeira a porta da primeira cabana que lhes apareceu. Tardaram um par de minutos a recuperar o fôlego e mais alguns a ganhar consciência da dádiva que acabavam de receber das mãos daquele homem. Se não tivesse feito frente à imparável ferocidade dos selvagens, teriam morrido todos.

No entanto, os perigos decidiram não os abandonar tão cedo. Os índios montaram um cerco. A cabana quase não dispunha de lenha e ali dentro faltava tudo. O pior era água e comida.

Na manhã de 30 de Dezembro, seis dias depois da heróica morte de Jakue, os índios continuavam ali. Tinham assaltado as outras cabanas roubando-lhes todas as ferramentas, roupas, caçarolas, as reservas de grão e a pouca carne seca que tinham conseguido juntar. Rodeados dia e noite por pelo menos uma dezena deles, os sitiados começaram a duvidar se conseguiriam aguentar mais um par de dias. E os seus problemas pioraram mais ao anoitecer daquele penúltimo dia de 1475.

Viram-nos aproximarem-se com archotes.

Até então tinham resistido às investidas com troncos e pedras, graças às sólidas portadas das janelas e à boa feitura da porta. Mas o fogo podia complicar tudo.

– Não sei o que vamos fazer agora – disse Gartzia, expressando em voz alta o que todos pensavam.

– Resistiremos enquanto pudermos! – proclamou Hugo, para os animar.

– Antes a morte do que rendermo-nos! – apoiou Azerwan.

Com os poucos restos de madeira que restavam na cabana tinham feito lume para não morrerem congelados e umas rudimentares lanças para se defenderem caso os atacantes conseguissem entrar. Nenhum deles tinha demasiada confiança nas suas possibilidades, mas ao menos servir-lhes-iam para matar quem lhes aparecesse à frente.

Na realidade, a sua única esperança de salvação chamava-se *Santa Ana*, se chegasse a tempo. Mas isso não tinha acontecido nem aconteceria. Era impensável, tendo em conta as datas do ano. Sabiam que não voltariam a vê-la antes do próximo Outono, no melhor dos casos.

Naquele ambiente de pesar, as conversas entre Hugo e Azerwan começaram a esmorecer, como o ânimo de todos eles, os futuros que já não partilhariam e até a fé neles. Em breve nada faria sentido: nem comprar a liberdade do tunisino, nem avisar o pai de Hugo, nem reunir-se com Ubayda ou abordar os sonhos de sal e pintura com que se tinham contagiado.

Já viviam as últimas horas num cárcere de pedra e neve. A qual começou a cair com tanta força que em poucas horas não havia fogos à vista, os índios desistiram e por fim desapareceram.

Um escasso alívio para tanto infortúnio.

Era o 31 de Dezembro.

Começaram o ano de 1476 sabendo que só se tinham a eles. Quase sem comida e sem forças para enfrentar os gélidos meses que iam cair-lhes em cima, encerrados no fim do mundo, chegaram à convicção de que iam passar os poucos dias que lhes restavam para viver a caminhar sobre as suas tumbas.

Segunda parte

Luzes de areia e sal

«Os sonhos não estão tão longe dos factos como se poderia pensar. Todas as façanhas humanas começam por ser só sonhos. E no fim, as façanhas também se dissolvem em sonhos.»

THEODOR HERZL

Capítulo 1

Porto de Ruão. França. Março de 1476

Ao verem o lamentável estado em que a *Santa Ana* chegava, nenhum dos habitantes daquele porto conseguiu perceber como aguentara sem se afundar. Os grossos gelos que o seu talha-mar tinha quebrado dia após dia, navegando pelos piores mares do mundo, tinham-lhe deixado feias cicatrizes. Parecia macerada a golpes de martelo, com meio gurupés perdido, e até se lhe viam as entranhas através dos buracos abertos nos costados. Poucos sabiam que aquela nau era tão orgulhosa como o seu capitão, talvez por ter nascido onde nascera: nos sombrios carvalhais de Artzubi, onde tanto os homens como as árvores se empenhavam em cumprir com lealdade o destino para que tinham sido criados.

Três meses antes, a velha nau comparecera ao seu encontro anual com o pesqueiro das Terras Novas mais tarde do que o previsto, mas chegara. Os três desesperados residentes, que já só esperavam voltar a vê-la no Outono seguinte, explodiram de alegria quando o capitão Obeko apareceu nos primeiros dias de Janeiro e entrou sem bater na cabana onde dormiam. Nunca houve palavras mais bem recebidas do que aqueles que soltou ao vê-los ali deitados.

Obeko justificou os motivos do atraso, que não tinham sido outros senão os muitos estragos sofridos durante duas fabulosas tempestades que tinham enfrentado a caminho de Bermeo, entre blocos de gelo tão altos como a sua mezena e ventos que pareciam dispostos a levar meia nau consigo. Mas, apesar de graves, as consequências daquelas duas desventuras não tinham sido as únicas dificuldades que Obeko fora obrigado a superar para conseguir empreender a nova campanha. Tivera de recorrer a todas as suas artes de sedução para convencer a tripulação a voltar a embarcar, sobretudo sabendo que sairiam em fins de Novembro e que a pescaria seria feita em Janeiro e Fevereiro. Como conheciam até bem de mais aquelas gélidas paragens, uns poucos tinham pensado que era uma temeridade, a maior parte que era uma loucura.

O capitão, sem perder o seu estilo habitual, acabou por garantir aos resgatados que só tinha ultrapassado tantos escolhos para ver como se lhes tinham congelado os tomates, o que todos festejaram.

Durante as semanas seguintes, e para fugir aos piores frios do ano, quando pouco faltava para que o mar congelasse, saíram para a faina de dia e de noite. Depois de consertarem os estragos que os índios tinham feito nas instalações durante o cerco, puderam pôr as caldeiras a funcionar sem descanso. E quando os carpinteiros acabaram de recompor os barris, que vinham desmontados, a maior parte estava cheia do precioso óleo de baleia, verdadeiro ouro líquido para a economia dos pescadores bascos e para as povoações da costa.

Fizeram uma sepultura digna para Jakue, com lápide e cercadura de madeira, nos arredores do que começava a parecer um pequeno povoado, e a 10 de Fevereiro a *Santa Ana* levantou âncora e rumou a leste em direcção a casa.



Chegaram a Ruão já bem entrado o mês de Março.

Hugo estava a preparar a sua bagagem para empreender a iminente viagem até Bruges, satisfeito por ter podido juntar às suas quarenta e três dobras outras sete provenientes da venda das botas e da roupa, ainda em bom estado, pois não tencionava voltar a pisar outro pesqueiro num futuro previsível.

Com a saca às costas, esperou que Obeko acabasse de falar com o responsável do porto que ia encarregar dos arranjos da nau para despedir-se dele. Pouco antes tinha feito o mesmo com o mestre Orti, com o qual ficara de voltar a encontrar-se quando conseguisse reunir o dinheiro suficiente para libertar Azerwan. Tinha tempo de sobra para ir e voltar, porque Orti lhe dissera que não estavam a pensar voltar a partir antes de meados de Abril, depois de reparados os estragos mais importantes da *Santa Ana*.

Obeko aproximou-se com cara de poucos amigos.

– Estes malditos franceses... – Bateu com o punho na amurada com tanta força que pouco faltou para a partir. Estava furioso. – Queres crer que pedem oitenta barris de óleo para fazer dois consertozinhos de nada nesta velha. – Acariciou a mesma amurada, desta vez com ternura, como se fosse a mais formosa das mulheres. – Temos estado juntos toda a vida. Como poderia ser tão malvado ao ponto de negar-me a pô-la outra vez bonita?

Hugo olhou para o capitão, triste por ter de separar os seus destinos.

– Como não sei se voltarei alguma vez a encontrar-me convosco, quero que saibais que nunca esquecerei a vossa valentia. Em Dezembro, naquele pesqueiro perdido, houve um momento em que nos sentimos tão abandonados que chegámos a acreditar que não voltaríeis – confessou Hugo, enquanto ajeitava o saco no ombro.

Obeko detestava despedidas, e mais ainda tratando-se de alguém que apreciava, como era o caso daquele rapaz.

– Um capitão nunca abandona os seus. – Coçou a barba com fúria, como se tivesse sido invadida por mil pulgas, quando era apenas uma resposta nervosa ao seu desassossego. – Nunca fui homem de muitas luzes, mas tenho uma certa intuição. Graças a ela soube que por baixo do teu frágil aspecto havia um bom tipo. Espero que este ano e meio te tenha servido para mais qualquer coisa do que aprender a caçar baleias. A tua falta vai ser sentida.

Hugo ficou surpreendido ao ouvir estas palavras, sabendo como o homem era avesso a expor os seus sentimentos.

– Embarquei sem autorização e reconheço que em mais de uma ocasião desejei fugir. Mas viajar convosco ensinou-me muitas coisas, entre elas a conhecer a vida mais dura que um homem pode ter. Nesta nau aprendi que nada se consegue sem contar com os outros, até para sobreviver, e ganhei alguns bons amigos, como Azerwan e vós.

Acudiu-lhe à memória o que Unai lhe tinha dito antes de embarcar na *Santa Ana*: nada resiste a um homem que ponha no empreendimento suficiente esforço e empenho; e soube que Obeko representava esse espírito...

O basco deu-lhe nas costas uma palmada que se pretendia carinhosa, recomendou-lhe que não se metesse noutros navios sem pedir autorização, com um evidente duplo sentido, e que perscrutasse bem o horizonte para encontrar o seu verdadeiro caminho.

– Lança as tuas redes só em bons mares, rapaz; dar-te-ão a melhor pesca.

– Assim farei, capitão.

Selaram estas últimas palavras com um forte abraço, que por pouco não partiu as costas a Hugo.

No molhe, ao fundo da prancha, esperava-o Azerwan. A primeira coisa que o tunisino fez quando chegou a seu lado foi dizer-lhe uma coisa que andava havia dias a martirizar-lhe a consciência. Precisava que o ouvisse da sua boca.

– Como sei que vais enfrentar um descomunal empreendimento, ficar-te-ei eternamente grato quer o consigas ou não. Podes ir tranquilo quanto a isso.

Trocaram um aperto de mãos.

– Anda, deixa-te de tolices e vem comigo ajudar-me a escolher uma mula. Quando ela me trouxer de volta, verás como consegui a tua liberdade e o dinheiro necessário para comprar essa mina de sal.

– Se o conseguires, havemos de iniciar uma grande aventura que gostaria muito de partilhar contigo. Mas, acima de tudo, nunca esquecerei a tua generosidade. Procurarei maneira de compensá-la, isso posso prometer-te. E pensei que antes de pisarmos solo africano podíamos passar por Burgos, para que visses Berenguela.

– Gostaria muito.

Enquanto falavam, tinham chegado a uns estábulos onde se alugavam animais de transporte. Depois de avaliar os poucos exemplares disponíveis, Azerwan decidiu-se por uma feia azémola, à qual inspeccionou os dentes. Teria à volta de quinze anos, mas parecia forte e de bom carácter. Hugo colocou os seus poucos pertences sobre o arqueado lombo do animal, apertou bem a cilha e montou a mula numa brumosa manhã que seria a primeira das cinco jornadas de que ia precisar para chegar à cidade de Bruges.

Antes de se pôr a caminho, apertou a mão do amigo e escutou o seu último conselho:

– «Age com paciência, porque aquele que o faz consegue sempre o que deseja.»



A meio da tarde da última segunda-feira de Março, Hugo entrou na cidade de Bruges. Não era a primeira vez que o fazia. Poucos anos antes tinha ali estado com o pai para ver como e onde se trabalhava a apreciada lã que vendiam.

Percorreu as ruas principais, chegou à praça do mercado e recordou sem dificuldade como chegar ao palácio da família. Diante da bela fachada de Schildpad Thuis sentiu-se estranho, nervoso e sobretudo intimidado pela violenta situação que ia enfrentar. Na realidade, havia dois dias que arrastava consigo aquele cúmulo de sensações, e por causa disso tinha perdido o apetite e o sono. Ao cabo de quase dois anos a desejar reencontrar-se com o pai, sentiu-se como quando tivera de entrar naquelas enormes tinas cheias de água a ferver onde as

lãs eram lavadas. Só que naquela ocasião, em vez de lã, era a sua consciência que ia lavar, para desterrar de uma vez por todas algumas sombras do passado.

Inspirou fundo três vezes seguidas, esvaziou os pulmões sem pressa, relaxando todo o corpo. Não sabia qual ia ser a atitude do pai, mas as notícias que levava não eram nada cómodas de dar. Desmontou da teimosa mula, à qual tinha dedicado infinitos esforços até se habituar a ela, com a sensação de ter passado muito mais tempo do que os vinte e dois meses que o separavam da sua saída de Burgos. Sentiu uma vertigem ao pensar naquilo. Tinha mudado muito, talvez mais do que nos seus vinte primeiros anos. Mas de todas as experiências e perigos que vivera, ficava com as pessoas, com aqueles que tinha conhecido, com a influência que tinham tido nele.

De súbito, os nervos vieram à tona.

Ia reencontrar-se com o pai, viver um momento do qual esperava muito; muito mais do que revelar-lhe a escura trama que afectava os seus interesses comerciais, por muito grave que fosse. Como reagiria? Teria tido ao menos um pouco de saudades dele? Como teria Policarpo explicado a sua fuga?

Avançou para a porta.

Bateu três vezes com a aldraba e esperou. Segundos depois, viu-a abrir-se.

– Em que posso ajudá-lo, senhor?

Um criado que Hugo não reconheceu, de aspecto sério e semblante seco, mirava-o da cabeça aos pés.

– Venho ver o meu pai, Don Fernando de Covarrubias.

O criado arqueou as sobrancelhas, surpreendido, e não soube o que responder. Quando o fez, passados três ou quatro segundos, meio a gaguejar, pediu-lhe que esperasse ali antes de lhe fechar a porta na cara. Hugo ficou desconcertado, sem perceber que diabo se passava.



Damián estava no seu gabinete e a preparar-se para deixar o trabalho quando o seu criado principal entrou para o informar. Ao ouvir o nome do irmão, uma descomunal surpresa desencadeou uma avalanche de perguntas que se lhe atropelaram na cabeça. Por que teria vindo? Onde se teria escondido durante todo aquele tempo? Que queria? Mandou o criado sair do gabinete.

Antes de lhe dizer fosse o que fosse, precisava de ordenar as ideias. Deu várias voltas pela divisão, de mãos atrás das costas, cabisbaixo e muito nervoso. As

dúvidas esmagavam-no. Viria reclamar um acordo? Hugo tinha com certeza conhecimento dos negócios entre Policarpo e o feitor do pai de Berenguela, pois fora esse o motivo da sua fuga; Policarpo tinha-lho contado. Mas imaginaria também a sua participação? Em que atitude viria?

Tinha tanto em que pensar e que decidir que até estava agoniado.

Precisava de se acalmar.

E de repente lembrou-se da mulher. Com verdadeiro susto, imaginou um encontro entre os dois, momento que Berenguela aproveitaria para falar das tensões do seu casamento, das infidelidades com a dama de companhia, ou da forçada reclusão em que vivia desde que regressara a casa, depois de ter tentado fugir. Se aquilo acontecesse, só de verificar a sua extrema magreza e o ar ausente e depressivo que mostrava desde então, Hugo alarmar-se-ia. Viu isto com tanta clareza que resolveu fazer tudo para o evitar. O problema era que naquele instante ela estava na divisão contígua ao gabinete; demasiado perto.

Avaliou as possibilidades que tinha e optou pela que lhe pareceu mais razoável: levá-la para outro lado. As divisões mais afastadas eram os quartos dos criados, no antigo sótão. Pediria ao seu criado principal, de absoluta confiança, que a levasse de imediato para lá e não a deixasse sair até nova ordem, antes de mandar Hugo entrar.

A segunda coisa que tinha de fazer era ouvir o irmão, para perceber que motivos trazia. Uma vez sabidos, escolheria uma das soluções que tinha pensadas havia já tempo, com a vantagem de tê-las revisto cem vezes. E o terceiro passo tinha a forma de uma garrafa, e como conteúdo uma forte bebida alemã. Serviu-se de uma generosa dose, despejou-a de um trago, sentou-se com o aprumo necessário e tratou de tudo antes de mandar subir a visita.

Não podia parecer nervoso e sim feliz por saber por fim dele.

Era a estratégia adequada, a que devia utilizar, concluiu antes de ouvir passos na escada.

Hugo entrou no gabinete a pensar que ia ver o pai.

– Damián...?

– Mas que formidável surpresa! – Fundiram-se num prolongado abraço.– Quanto tempo sem saber de ti! E essa barba?

Puxou por ela com fingido afecto.

Hugo, sem responder à pergunta, sentiu um estranho mal-estar. Escolheu uma cadeira e deu uma rápida vista de olhos em redor. Apesar dos anos, o gabinete não parecia ter mudado muito, excepto que o recordava ocupado por outra pessoa.

– O pai está em casa? Preciso de vê-lo com urgência.

Damián ofereceu-lhe um copo de bebida e serviu-se de outro, mais generoso, enquanto respondia:

– Está em Burgos. Desde o teu desaparecimento, não voltou a Bruges. Agora sou eu que dirijo os negócios aqui – disse com uma certa arrogância. – Mas antes de continuar a contar-te o que aconteceu, diz-me onde diabo te meteste.

– Ouvi bem? – disse Hugo, evitando responder à pergunta. – Está em Burgos? Sentiu uma enorme frustração.

Aquilo mudava tudo. Para começar, as esperanças de retomar em Bruges uma convivência dolorosamente perdida com o pai. Aquela ausência obrigava-o a refazer todos os seus planos, depois de ver desbaratados os objectivos da visita. Olhou para o irmão adoptivo. Não tinha vontade nenhuma de dizer-lhe ao que ia, quando nunca se tinham dado bem.

Damián, no entanto, facilitou-lhe a tarefa.

– Quando Policarpo nos comunicou o que tinha acontecido em Portugaleta e a tua subsequente fuga, o pai ficou destroçado. E foi ainda pior quando soube que o tinhas roubado... – Hugo quis falar, mas não teve oportunidade. – Primeiro amaldiçoou-te e depois renegou-te: deixou de considerar-te seu filho a partir daquele instante. A tua vilania afectou-o tanto que jurou não esquecer o que tinhas feito e fechou-se na sua decisão de não querer voltar a ver-te.

Hugo abriu muito os olhos, espantado.

Não tinha calculado o género de argumento que o sátrapa de Policarpo podia ter usado para justificar o que na verdade tinha acontecido; agora sabia. Com vontade de desmontar tanta mentira, julgou chegado o momento de explicar em todo o pormenor as suas descobertas, de modo que iniciou uma narrativa que começava nos lavadouros de Pineda de la Sierra e acabava no porto de Ruão, cinco dias antes. Damián não abriu a boca enquanto escutava a assombrosa relação de aventuras e lugares que tinha conhecido; em parte surpreendido, mas sempre com o receio de que aquilo chegasse aos ouvidos do padraсто.

– E então, quando pudeste vir vieste, para dizer ao pai quem estava a enganá-lo, claro... A tua atitude honra-te – mentiu. – Fica tranquilo, eu denunciarei Policarpo e esse outro patife que trabalha para Don Sancho Ibáñez. São ladrões! Faremos que expiem a sua traição perante a justiça. Agora compreendo os enormes prejuízos que temos tido e a fuga dos nossos melhores clientes. Por fim sei quem estava por trás de tudo. Acredita que vão pagar por isto!

O discurso estava a sair-lhe muito credível, achou Damián, mas com ele limitava-se a tapar a ferida. A sangria viria mais tarde, se não conseguisse evitar que Hugo voltasse a falar com o pai. Mas como fazê-lo?

– Com efeito, foi para isso que vim, mas também para pedir-lhe um dinheiro de que preciso com urgência.

Damián julgou ver um pouco de luz naquele pedido. No entanto, queria mais pormenores antes de tomar uma decisão.

– Para que precisas de dinheiro?

Hugo explicou os motivos da sua dívida e os planos que tinha feito com Azerwan. A ideia de explorar uma mina de sal no Norte de África entusiasmou Damián. De súbito, compreendeu que, se apoiasse o irmão financeiramente, conseguiria o seu desterro voluntário para muito longe do pai, dos seus negócios e de Berenguela. Animado por esta possível solução, perguntou a Hugo de quanto dinheiro precisava.

– Para comprar a liberdade do meu amigo, preciso de duzentas e sessenta e cinco dobras de ouro. Para começar uma nova vida em Ifríquia e fazer uma boa compra, calculo que duas mil.

– É muito dinheiro, Hugo. Mas é para isso que serve a família, não é verdade?
– disse, e sorriu.

– Podes ajudar-me?

– Claro. As duzentas e sessenta e cinco posso dar-tas já. Com as outras duas mil... – coçou o queixo – talvez também possa ajudar-te, mas não tenho bem a certeza. Preciso de ver o estado das minhas contas. Não te preocupes, terás uma resposta ainda hoje.

Hugo estranhou tanta generosidade, dadas as péssimas relações que sempre tinham tido, enquanto o via ir buscar o dinheiro. Damián juntou as duzentas e sessenta e cinco dobras depois de despejar duas das seis bolsas que escondia dentro de uma secretária, com pena de não poder cobrir o total para afastar o

irmão da sua vida durante muito tempo. Enquanto contava o dinheiro, o seu cérebro trabalhava a toda a velocidade. Teria um grave problema se Hugo decidisse passar por Burgos para completar a quantia que não podia dar-lhe antes de partir para África. Mas também o teria se ficasse muitos dias em Bruges, onde poderia encontrar-se com Berenguela. Não lhe ocorreu outra forma de atacar em ambas as frentes senão pensar em quem poderia emprestar-lhe o dinheiro que lhe faltava rapidamente e ali, na Flandres. Se conseguisse ultrapassar aquele escolho, só lhe restava ajudar a que a estada do irmão no seu destino africano fosse o mais definitiva possível.

– Lembras-te de Martín de Soria?

– Claro que sim. Já vejo aonde queres chegar. Além de bom comerciante, se bem me lembro era também banqueiro.

– Exacto, e tem-lo muito perto, em Antuérpia. Se há alguém capaz de emprestar-te o que te falta é esse homem. Conhece a família e sabe que podemos pagar.

– Não me parece má ideia, mas talvez fosse melhor ir a Burgos e pedi-lo ao pai. Assim resolveria a minha situação com ele e aproveitaria para ver Berenguela. Há demasiado tempo que não sei nada dela.

Ante o risco de ver desbaratado o seu plano, Damián pôs em jogo a sua carta mais contundente, a que ia provocar uma verdadeira comoção em Hugo.

– Se é por ela, esquece Burgos. Não a encontrarás lá.

– Que dizes?

Hugo agitou-se na cadeira, estupefacto.

– Casámos! – anunciou Damián, de chofre.

A notícia deixou Hugo desconcertado. Talvez devesse alegrar-se, mas aconteceu o contrário. Ficou mudo, a olhar para o irmão adoptivo, sem saber o que dizer, com a cabeça entupida de perguntas. Como era possível, se Berenguela nunca se tinha sentido atraída por ele? Não conseguia compreender. Depois de terem repudiado juntos os seus vis manejos dentro da família Covarrubias, de ter criticado a sua desmedida ambição, a sua maneira de ser interesseira, as artimanhas que tinha usado desde pequeno para conseguir o que queria... O simples facto de recordar aquelas conversas fazia-o sentir-se traído por ela. O anúncio daquela união acabava de fazer em pedaços a profunda cumplicidade que sempre tivera com a sua melhor amiga. Era como se

Berenguela tivesse quebrado o último vínculo que o ligava ao passado e de súbito se sentisse só, muito só. Não encontrava maneira de compreendê-la. E sentiu que a notícia acabava de destruir o respeito que até então tivera por ela. E sem esse respeito, nada mais valia a pena.

Tais foram os efeitos daquelas terríveis conclusões que se sentiu abatido e invadido por um profundo desgosto. E foi tal o seu desgosto que não soube dissimulá-lo diante de Damián, para quem ficava verificada a suspeita de que entre a esposa e Hugo tinha havido mais do que uma simples amizade. Daí aquela longa, excessiva pausa na conversa; um doloroso silêncio que o encheu de alegria.

– Está então aqui? – conseguiu Hugo perguntar.

– Neste momento, não. Saiu – ocorreu-lhe como desculpa imediata. – Mas se queres vê-la, como voltará antes de anoitecer, podes passar cá a noite e ceamos juntos.

Hugo achou a proposta impossível de aceitar.

Não se via com as forças necessárias. Não naquele momento, sob os efeitos da enorme decepção que sentia. Se já fora duro que bastasse saber que o pai o tinha repellido para toda a vida, os vínculos com Berenguela acabavam de ir pelos ares, tal como Damián calculara; por isso tinha arriscado a possibilidade de ele aceitar o convite. O risco que corraera fora enorme, mas quando ouviu a resposta do irmão soube que tinha acertado.

– Felicito-te pelo teu casamento e agradeço a oferta – conseguiu Hugo dizer, apesar de naquele momento mal ser capaz de articular os seus pensamentos. –

Mas noto os efeitos da longa viagem e prefiro descansar num alojamento qualquer que me recomendes. Gostaria de ficar sozinho. Talvez amanhã venha vê-la. Tenciono ficar dois ou três dias por cá, a menos que decida ir a Antuérpia falar com Martín de Soria. Ainda não sei o que vou fazer. Estou um pouco confuso.

Damián sugeriu-lhe a Peacock, uma confortável hospedaria perto da grande praça do mercado, aonde lhe enviaria o resto do dinheiro que pudesse dar-lhe naquela noite depois de rever os seus saldos. Fá-lo-ia logo que estivesse sozinho, explicou-se antes de se despedir à porta de casa.

Viu-o descer para a praça, cabisbaixo.

Quando voltou ao gabinete, sentia-se em parte satisfeito, só lhe faltava impedir que Hugo quisesse voltar no dia seguinte para ver Berenguela. Para que aquilo não acontecesse, resolveu apostar forte. Fez as suas contas em menos de meia hora, pegou em papel e pena e, depois de pensar bem, redigiu uma carta que lhe ocupou um tempo. Releu-a duas vezes, a sentir uma onda de prazer interior, antes de metê-la num sobrescrito no qual incluiu uma ordem de pagamento com a sua assinatura.

Em seguida chamou o seu criado principal para que levasse aquele correio, com toda a urgência e em pessoa, a uma direcção próxima.

Hugo ia ter uma agradável surpresa.

Capítulo 2

Hospedaria Peacock. Bruges. Março de 1476

Os saltos de uns sapatos de mulher ressoaram no empedrado da Wollestraat. A bela proprietária tinha tido de sair de casa já bem entrada a noite por causa de um correio que o marido acabava de receber, apenas uma hora antes, com surpreendentes indicações que deviam ser cumpridas com extrema urgência.

Ia aturdida e cansada.

Protegida por um excelente casaco de pele, caminhava a passo estugado para contrariar o frio da noite. No seu olhar viajava um halo de tristeza e frustração, embora nada daquilo fosse novidade. A sua desgraçada vida não tinha fim.

Se os primeiros anos em Bruges já tinham sido cruéis, os seis meses seguintes à sua gorada tentativa de fuga não podiam ter sido piores. Até ao quinto mês não soube nada de Berenguela e não pôs uma única vez o pé na rua. A partir de então voltou a fazê-lo, mas só para retomar as relações com o banqueiro Cris van der Walle. Pelos vistos, aquele tipo tinha tantas saudades dela que conseguira convencer o marido, e não só com palavras, também com uma substancial melhoria das suas condições creditícias.

Durante o sexto mês, começara a combinar uma visita semanal ao banqueiro com outra ao regedor da cidade, num anexo do jardim da sua residência particular; o mesmo com quem tinha recusado estar antes da fracassada tentativa de fuga.

O marido estava a fazê-la pagar o único anseio de liberdade que demonstrara desde que viviam juntos. Mas não só a ela; também a sua família vira descontado um décimo do dinheiro que recebia, como compensação pelo que ela tinha tirado da caixa, embora esse tivesse sido devolvido.

Um justo e merecido castigo, segundo Don Lope de Gracia.

Ao chegar à luxuosa hospedaria Peacock passou, não sem fazer das tripas coração, pela incontornável necessidade de dirigir-se à recepção e perguntar qual

era o quarto de um cliente recém-alojado e chamado Hugo, pois na nota não aparecia o apelido. Obtida a informação, começou a subir a escada com a dignidade ferida, a sentir nas costas o olhar desdenhoso do porteiro, que de certeza a classificara de imediato como uma mulher da rua.

Suspirou com resignação frente à porta marcada com o número dois.

Beliscou as faces para lhes dar um pouco de cor, desabotoou o casaco e olhou para as pontas dos pés antes de bater. Com que estranha espécie de homem ia encontrar-se desta vez para passar a noite com ele? A sua presença a horas tão intempestivas ficaria explicada quando lhe desse aquilo que levava: um sobrescrito lacrado que recebera do marido ao mesmo tempo que a morada aonde se dirigir. Depois teria de seduzi-lo. Seria capaz de aguentar? Conseguiria dissimular a enorme repugnância que sentia cada vez que aqueles homens a beijavam e manuseavam?

Bateu três vezes.

Ouviu passos e a seguir a voz de um homem que protestava; o que era lógico às onze da noite.

Quando abriu a porta, Hugo teve de se afastar para deixar entrar no seu quarto uma mulher tão decidida como inesperada.

– Senhora? Receio que vos tenhais enganado – conseguiu dizer enquanto a via atirar o casaco para cima de uma cadeira e deixar-se cair num cadeirão com a evidente intenção de ficar.

– Penso que não – respondeu ela. A sua grande beleza deixou-o impressionado.
– Trago uma coisa para vós.

A mulher procurou dentro da bolsa, tirou dela um sobrescrito e entregou-lho com um sorriso capaz de derreter um daqueles enormes blocos de gelo que Hugo vira flutuar nos frios mares do Norte.

Abriu-o apressado, para entender o que se passava.

Continha uma ordem de pagamento por um total de seiscentas dobras, assinada por Damián, e com ela uma nota manuscrita que dizia:

Estimado Hugo

No próximo correio que enviar ao pai pô-lo-ei ao corrente de tudo o que me contaste. Fica certo de que quando ele o ler recuperarás o seu apreço e esquecerá todas as prevenções que até agora tinha em relação a ti. As finanças familiares não vão nada bem, é importante que o saibas. Por isso reitero o meu pesar por não ter podido cobrir o total de que precisas, acredita que lamento muito. Não o vejas como

um empréstimo do teu irmão, o dinheiro não é meu. Considera-o um empréstimo que te faz o teu pai, embora tanto ele como eu tivéssemos preferido oferecer-to. Como vês, o nosso negócio de lãs vive más horas.

Junto com esta ordem de pagamento, envio-te os meus mais sinceros desejos de que se realizem esses sonhos que esta tarde partilhaste comigo.

O meu conselho é que partas amanhã para Antuérpia, não vá dar-se o caso de Martín de Soria ter de viajar, como faz constantemente, e não o encontrares. Sei que estará lá até depois de amanhã, pois falei há pouco tempo com ele.

Lamento que não tenhas podido ver Berenguela esta tarde, ela teria ficado encantada. Quando voltar a casa dir-lhe-ei que estiveste comigo e onde te alojas, para o caso de querer ir cumprimentar-te. Verás como está bonita. O casamento fica-lhe bem.

E por fim, quero que aceites a portadora desta carta como uma atenção especial do teu irmão para festejar o nosso feliz reencontro. Não perguntes. Nem queiras saber quem é nem por que está aí. Verificarás que é uma verdadeira senhora, que isso te baste...

Teu irmão Damián

Enquanto voltava a guardar a nota no sobrescrito, olhou para a mulher.

Não tinha aspecto de criada nem de prostituta; tinha classe. Ainda que a maneira como entrara no quarto e depois se sentara pudesse fazer pensar o contrário. O irmão deixara-o bem claro na sua nota: a inesperada visita não terminava com a entrega do sobrescrito, era a antecipação de mais qualquer coisa.

Ao pensar nisto, sentiu-se estranho.

Tinham passado cinco horas desde a sua conversa com Damián, mas entretanto o seu pesar não fizera outra coisa senão crescer. Cinco horas a pensar no que tinha ficado a saber sobre Berenguela e o pai, a tentar encontrar uma saída para o confuso estado emocional em que se encontrava. Sentia-se mal, esgotado, afectado no mais profundo do seu ser, incapacitado de fazer outra coisa que não fosse deitar-se na cama e tentar dormir, ou se não, esquecer.

Mas agora não ia poder fazê-lo, porque estava ali uma mulher que esperava qualquer coisa.

– Posso fazer alguma coisa por vós, senhora? – disse, insinuando que dava por terminada a visita.

– Posso eu fazer alguma coisa por vós? – respondeu ela, cravando nele os magníficos olhos negros enquanto cruzava as pernas, sem se preocupar com o facto de mostrá-las, e eram belíssimas.

– Não saberia como.

– Eu sim...

Renata levantou-se e avançou para ele. Longe de como costumava acontecer nos encontros a que o marido a obrigava, com aquele jovem sentiu-se muito mais à vontade. A sua evidente correcção, aliada a uma bela presença física, estava a desencadear nela sensações diferentes. Tinha-lhe agradado mal entrara no quarto. E bastara-lhe observá-lo durante alguns minutos para dar-se conta de que não tinha nada a ver com os homens com que estava habituada a lidar. E como se isso não fosse o suficiente, era difícil não se sentir atraída por aqueles maravilhosos olhos verdes.

Deteve-se diante dele a ostentar uma serena beleza, relaxada e descontraída.

– Chamo-me Renata.

– E eu Hugo, mas não compreendo o que vos leva a continuar aqui.

– Que precisa um homem de entender quando tem à sua frente uma mulher disposta a tudo? – Os seus pómulos brilharam com o reflexo do candelabro próximo. Por baixo deles surgiu um encantador sorriso.

Ele ficou calado, a olhá-la, descobrindo umas feições tão perfeitas que tinha dificuldade em recordar outras mais belas. Sob os efeitos daquele poderoso atractivo, pensou um tanto envergonhado nas poucas oportunidades que tinha tido para estar com uma mulher. Apenas um par de vezes, e nenhuma delas o fizera sentir-se bem. Talvez por serem meretrizes, pela falta de paixão que mostraram, ou por ambas as coisas. Mas, claro, nenhuma tivera os encantos daquela dama, e muito menos o seu olhar ardente.

Ela abandonou as palavras e fugiu do improdutivo silêncio em que tinham caído ao pousar os rosados lábios nos de Hugo sem se sentir forçada, querendo-o. Ele provou-lhe a boca e gostou do sabor. Depois descobriu a suavidade da pele do pescoço. Renata deixou-se abraçar sem sentir a mais pequena tensão, nem quando as mãos dele lhe encontraram os seios.

Hugo quis ver na italiana um inesperado refúgio para o seu pesar, um alívio para a sua dolorosa solidão, ou uma interessante desculpa para esquecer aquele dia fatídico. Enquanto escutava os suspiros dela, decidiu deixar-se levar pelas sensações que despertavam; talvez ela soubesse guiá-lo para um mundo de prazeres até então desconhecido.

Pegou-lhe na mão e encaminharam-se juntos para a cama.

Renata, a reter a respiração, sentiu como os dedos do jovem começavam a desapertar os atilhos do corpete, soltavam depois os fechos da saia e levantavam a camisa interior em busca da fina faixa de algodão que lhe cobria os seios. Seminua, voltou a beijá-lo, agora com mais ardor, e decidiu despi-lo. Apareceu um corpo forte e jovem, admirou-o, e deixou-se cair em cima dos lençóis para o receber.

As mãos de Hugo começaram a percorrê-la com imperícia, sem saber como fazer vibrar aquele belo corpo. Acariciava-a sem ordem e não conseguia concentrar-se. Era inexperiente em amores, desajeitado, mas ela não se importou. Deixou-o fazer.

Só quando começou a sentir da parte dele uma excessiva urgência lhe murmurou ao ouvido:

– Não tenhas pressa... e desfruta.



Enquanto os dois jovens corpos se enlaçavam debaixo dos lençóis da Peacock, no palácio dos Covarrubias desenrolava-se uma estranha conversa.

A Berenguela parecia-lhe inexplicável que o marido estivesse a exortá-la a vestir-se para sair já de madrugada. Insistia em perguntar-lho, mas a única coisa que conseguia era ver-se mais incitada, sem qualquer explicação. Face a esta desconcertante situação, as suas perguntas chocavam uma e outra vez com os silêncios do marido. Ela olhava-o, intranquila, a imaginar alguma armadilha, e ele ouvia-a, mas só pensava na melhor maneira de rematar o seu plano.

– Ou me explicas mais alguma coisa, ou nego-me a sair.

– Não te preocupes, saberás pouco antes de saíres de casa. Vais ver que é uma bela surpresa.

Damián tinha tudo calculado.

Sem ter esquecido que o seu principal objectivo era tirar Hugo do seu caminho, e melhor ainda se fosse para sempre, viu possível uma segunda vantagem com Berenguela. Porque depois de ter visto os efeitos da notícia do seu casamento no irmão, agora era a vez dela.

Como tinha imaginado, Berenguela subiu para a carruagem muito animada minutos depois, mal soubera que o amigo estava alojado em Bruges. Quase não perguntou a Damián como tinha sabido, nem estranhou que a deixasse ir sozinha, quando de certeza imaginava do que iam falar. Não quis saber, ou na

realidade pareceu-lhe muito melhor assim; tinham sido muitos meses de separação e saudade.

Quando a carruagem meteu pela Wollestraat, nada conseguiria fazê-la perder a enorme emoção que sentia, e menos ainda quando parou em frente da hospedaria Peacock.

O encarregado não conseguiu dissimular o seu assombro quando aquela mulher lhe perguntou em que quarto poderia encontrar o senhor Hugo de Covarrubias. Sem dúvida invejou o seu hóspede, ao ver que duas mulheres estavam interessadas nele.

Berenguela deteve-se diante da porta do quarto indicado, sacudiu os braços para descontrair, compôs o corpete, arrumou uma madeixa que tinha escapado da rede, endireitou as costas e ostentou no rosto o seu melhor sorriso. A vontade de ver Hugo era tão grande que transbordava.

Tremia-lhe a mão quando bateu duas vezes.

No interior, Hugo, espantado por receber uma nova visita, levantou-se da cama, tapou a sua nudez com uma almofada e dirigiu-se à porta para ver quem ousava perturbar-lhe a noite. Antes de abrir olhou por cima do ombro. Sobre a cama estava o corpo nu da italiana com que tinha passado as duas últimas horas; continuava a dormir. O barulho não a tinha acordado. Correu o ferrolho, entreabriu a porta para espreitar e a sua surpresa foi total.

Berenguela abriu-a com um empurrão para se abraçar a ele, a chorar de emoção, sem se ter apercebido de que estava meio nu, nem de quem mais ocupava o quarto. Hugo engasgou-se com as palavras.

– Mas... Que sur... que surpresa mais...!

– Meu querido Hugo... Como desejei que chegasse este momento! – Cobriu-lhe a cara de beijos. – Temos tanto de que falar...

O barulho das vozes acabou por acordar Renata. De costas para eles, sem a mais pequena vontade de mudar de posição e com a voz ensonada, perguntou o que se passava.

Mal as suas palavras flutuaram pelo quarto, a expressão de Berenguela mudou. Afastou-se de Hugo, voltou-se para procurar a origem daquela voz que lhe parecera familiar, e ao ver a amiga ficou paralisada.

Olhou para Hugo, abalada, quis falar, mas não conseguiu.

Deu meia volta e fugiu a correr pelo corredor.

– Berenguela! Espera! Por favor, espera! – gritou ele uma e outra vez, sem resultado.



As rodas de uma carruagem voltaram a ressoar no empedrado da Wollestraat, para logo a seguir o abandonarem quando o coche virou para a praça do mercado, a caminho da residência dos Covarrubias.

Berenguela mal conseguia respirar entre os contínuos soluços que a sufocavam.

Ia desfeita pela dor e profundamente decepcionada. Ver Hugo entregue a outra mulher era um verdadeiro martírio para o seu coração, uma coisa impossível de superar. Mas que Renata fosse a destinatária do seu afecto parecia-lhe ainda mais cruel. As duas pessoas que mais amava e respeitava no mundo tinham-lhe falhado. Apesar de convencida de que a presença da amiga respondia às escuras intenções do marido, não deixava de lhe doer o facto de ter-se deitado com Hugo. Ela falara-lhe mil vezes dele, de Hugo de Covarrubias, do único amor da sua vida. Algo que Renata bem sabia.

À traição da amiga juntava-se a amargura de saber-se enganada. Tola que era, como pudera pensar que um dia Hugo havia de amá-la? Ele acabava de destruir para sempre as suas esperanças, mas Renata tinha rasgado em mil pedaços o tecido da sua vida.

Ao chegar a casa, não quis ver o marido. Sentia um tal desprezo por ele que nem o merecia.

Mas também nunca mais queria voltar a ver Hugo.

Nem Renata.

Capítulo 3

Bruges. Ducado da Borgonha. Abril de 1476

Hugo não conseguiu ver Berenguela quando, às primeiras horas da manhã seguinte, se apresentou na residência dos Covarrubias. O criado principal da casa explicou-lhe, três vezes, que não obstante a sua insistência a senhora não fazia a menor tenção de recebê-lo. E como o patrão tinha saído, também não podia pedir a sua intercessão. Tudo o que obteve foi uma nota manuscrita, seca e dura, uma hora depois de ter decidido esperar à porta sem se dar por vencido pelas anteriores negativas.

Nessa nota, Berenguela expressava-se com cruel contundência.

Hugo

Até ontem eras tudo na minha vida, mas estava enganada...

A partir de hoje não sobra espaço para ti.

Desaparece!

Quando viu fechada a porta do palacete e com ela a amizade de Berenguela, que tinha julgado imorredoura, deu meia volta tão zangado como desolado. O céu, como cruel testemunha do que tinha acontecido, resolveu pôr qualquer coisa da sua parte para completar o seu pesar e fez desabar sobre a cidade toda a água do mundo. Em poucos segundos, Hugo estava tão encharcado que a roupa lhe pesava o dobro e até tinha dificuldade em mover-se. Montou com dificuldade a mula, deu-lhe uma palmada no pescoço para lhe ganhar as boas graças, fez estalar a língua e o animal, contra o que era costume, pôs-se a caminhar à primeira. Passadas duas ruas, a mula voltou a cabeça para ele, surpreendida. Estava a notar algo de estranho na maneira como a dirigia, e ao procurar uma razão nos seus olhos não encontrou resposta; estavam apagados, quase mortos. Ela, no entanto, sentia-se bem. Gostava da chuva, relaxava-lhe os músculos e o temperamento, mas sobretudo gostava de senti-la cair entre as orelhas e escorrer-

lhe depois pela testa até lhe humedecer os beijos. Continuou a avançar feliz, agora a um trote ligeiro, até deixar para trás o último canal e pouco depois as muralhas de Bruges, consciente de que era ela que conduzia o seu cavaleiro e não o contrário.

Hugo ia sem norte.

Não entendia nada, mas doía-lhe tudo.

Da boca da mulher com quem passara a noite ficara a saber que ambos partilhavam uma grande amizade. E como não conseguia compreender que outras razões poderiam levar Berenguela a apagá-lo da sua vida como tinha feito, atribuiu o motivo à sua repentina fuga.

Olhou por cima do ombro e, frente às centenas de chaminés que desenhavam o perfil da cidade, amaldiçoou a sorte que Bruges lhe tinha trazido. Dos três objectivos com que chegara, partia com dois fracassos. Não só não se tinha reencontrado com o pai, como perdera a segunda mulher mais importante da sua vida. A única coisa boa que conseguira na sua breve estada tilintava dentro de uma bolsa suspensa do cinto junto com uma ordem de pagamento assinada pelo irmão adoptivo, de quem levava uma melhor impressão do que tinha tido até então, apesar de não perceber muito bem que papel podia ter desempenhado nas fatais consequências do aparecimento de Berenguela.

A chuva acompanhou-o todo o dia, e como parecia não querer parar e ainda lhe faltavam três horas para chegar a Antuérpia, ao anoitecer decidiu descansar numa pequena povoação à beira da estrada. Mas tão modesta era que não tinha pousada, e acabou por dormir num estábulo com a mula e o saco do dinheiro bem protegido contra o ventre.

Nem estômago teve para cear. E também não pôde dormir tranquilo. Aquela nota de Berenguela queimava-lhe a alma e o bolso, onde acabou por guardá-la depois de a reler cem vezes. Recordava o rosto dela, o intenso abraço com que o tinha recebido mal abrira a porta, e a sua expressão amarga ao ver Renata na cama. Mas com aquelas imagens vieram muitas outras de quando eram pequenos, das mil vezes que se tinham olhado, lutado, rido e até dormido agarrados um ao outro depois de esgotantes correrias. Cada uma daquelas recordações doía-lhe como se já não tivesse o direito de senti-las suas, e não conseguia imaginá-la casada com o seu irmão adoptivo. Nunca conseguiria entendê-lo.

A mula, deitada nas suas costas, relinchou incomodada pelas constantes mudanças de posição do seu cavaleiro enquanto procurava o sono.

– Desculpa, amiga. Se soubesses como dói vermo-nos repelidos pelos nossos, compreenderias por que não consigo dormir.

A mula levantou a cabeça, bufou duas vezes a reiterar o seu protesto e esteve à beira de esmagá-lo ao mudar por sua vez de posição. Quando se aquietou, Hugo fez-lhe uma festa no pescoço e abraçou-se a ela com a necessidade de sentir o seu calor, ou talvez consolo na sua infelicidade.

Aquele foi um momento de profundas reflexões.

Podia afundar-se nas suas desgraças ou olhar para o futuro.

No fim, acabou por escolher a segunda opção, depois de assumir que em Bruges se encerrara um longo capítulo da sua vida, um capítulo que tinha sido escrito com demasiados desacertos, próprios e alheios, incompreensões familiares e amizades desfeitas. Mas também o fez sabendo que estava prestes a iniciar um novo, cuja primeira paragem era em Antuérpia.

Adormeceu abraçado a essa esperança e a uma velha mula que roncava.



A pouco mais de vinte léguas do estábulo, em Bruges, Berenguela não conseguia dormir ao recordar a conversa que tivera com Renata nessa tarde, depois de a amiga ter conseguido vencer as suas reiteradas recusas em recebê-la.

A italiana, avassalada pelos remorsos, não encontrara melhor maneira de expiar a sua culpa do que revelando com a maior prontidão possível como chegara a encontrar-se com Hugo e quem montara a armadilha, deixando muito claro que não fazia a mais pequena ideia de quem era o sujeito que tinha de seduzir.

Naquele longa e tortuosa noite, com a porta do quarto fechada à chave para evitar o indesejável do marido, Berenguela pôs-se a recordar pela enésima vez a conversa que tivera com a amiga.

– O teu marido planeou tudo com tão má-fé que evitou escrever o apelido no sobrescrito para que eu não soubesse quem era, Berenguela. Acreditas de verdade que teria feito o que fiz se soubesse que era o teu Hugo? Por Deus bendito, nunca! – argumentara Renata, sem parar de chorar.

– Quero pensar que não. Mas, ainda que não o tenhas feito de má-fé, não imaginas o horrendo martírio por que estou a passar só de saber que tiveste

dentro de ti o meu amor, o meu único amor, que recebeste os seus beijos e carícias – reconhecera ela, com inveja.

Renata sentira-se ainda pior.

– Lamento e compreendo-te. Mas peço-te, por favor, que me perdoes. Se não o fizeres, odiar-me-ei para sempre.

Tinha prendido entre as trémulas mãos as da amiga, e Berenguela soubera que havia verdade nos seus olhos e acabara por aceitar as suas desculpas.

– Tenho de te ajudar – declarara Renata, decidida. – Sabes para onde poderá ter ido, para poder contar-lhe toda a verdade? Porque às primeiras horas da manhã voltei à hospedaria com essa intenção e ele já lá não estava. Tinha pagado o quarto e partido.

– Talvez Damián o saiba, mas não serei eu a rebaixar-me a perguntar-lhe para lhe dar a oportunidade de desfrutar ocultando-mo. Além disso, e em relação a Hugo, depois do que lhe escrevi esta manhã quando veio procurar-me, não acredito que queira voltar a ver-me. Talvez me tenha excedido no que lhe disse.



Comparada com Bruges, Antuérpia era uma cidade menos importante, mas com um maior futuro comercial. Como o seu porto ficava muito perto do centro urbano, não apresentava os mesmos perigos que a outra quando o rio Zwin via crescer em excesso os sedimentos do seu leito, impossibilitando a navegação.

Antuérpia tinha uma imponente fortaleza, próxima da praça mais bonita que Hugo vira em toda a sua vida, onde também se erguia uma soberba catedral em obras, quase tão bela como a da sua Burgos natal. Mal pôs o pé no centro da cidade, Hugo esteve tentado a entrar naquele templo, mas decidiu adiar a visita para se encontrar primeiro com o seu contacto, Martín de Soria.

Perguntou por ele no Consulado de Castilla em Antuérpia, uma delegação do de Bruges, e lá disseram-lhe que tentasse encontrá-lo em casa, a dois quarteirões apenas de onde estava. Hugo deixou a mula numa cavalaria, para proporcionar-lhe descanso e alimento, enquanto tentava recordar como era Martín de Soria, um velho conhecido do pai que vira uma ou outra vez.

O homem vivia num dos palacetes que faziam esquina com a praça do mercado. A fachada da casa ostentava um grande brasão de Castela, como recordação da origem do proprietário, por baixo do seu escudo. Bateu à porta com uma aldraba em forma de garra de leão e teve sorte.

Quem abriu confirmou a presença do dono da casa.

A biblioteca do palacete desfrutava de uma magnífica iluminação graças a uma grande janela mainelada que ocupava toda uma das paredes. Observou a sala com todo o pormenor, impressionado pela sua riqueza. A fabulosa janela estava dividida em oito painéis de vidro transparente, emoldurados por mainéis de pedra e rematados por arcos ogivais, com laços e filigranas esculpidas a descer pelas colunas. Em frente, destacava-se uma enorme estante de caju com dezenas de tomos nas prateleiras. E, espalhada por elas, uma interessante colecção de relógios de bronze. Hugo tinha-se detido a observá-los quando ouviu passos nas suas costas.

– O senhor de Covarrubias?

Uma voz rouca fê-lo voltar-se. Pertencia a Don Martín de Soria, como ele se apresentou.

– Sou Hugo de Covarrubias, filho de Don Fernando de Covarrubias, que bem conheceis. Antes de expor os motivos da minha visita quero agradecer-vos a vossa amável disposição e também pedir desculpa por apresentar-me em vossa casa sem prévio aviso.

O anfitrião tirou importância ao caso com um gesto enquanto trocavam um aperto de mão. Hugo aproveitou aquela proximidade para dar-lhe uma rápida vista de olhos.

Não se lembrava da sua excepcional presença.

Poderia ter cinquenta anos, mas passava por menos dez. Cabelos escuros, algumas cãs nas patilhas, pele morena, olhos castanhos e vivos, nariz bem proporcionado e um impecável estilo no vestir. Sentiu-se mal ao olhar para a sua roupa, e pior ainda ao receber os primeiros cheiros que a mula deixara nela. Quando se sentou, decidiu mexer-se o menos possível para evitar os pestilentos eflúvios que o assaltavam cada vez que o fazia.

– Dizei-me então em que posso ajudar-vos, meu caro compatriota – disse Don Martín, com um amável sorriso.

– Venho de estar com o meu irmão Damián, que como sabeis reside em Bruges. Procurei-o para partilhar a natureza de um projecto que tenho entre mãos, e ele aconselhou-me a procurar-vos quando lhe falei dos dinheiros de que necessito para pô-lo em marcha.

– Fazeis bem, porque com efeito dedico-me a emprestar dinheiro, além de comerciar.

Fazia-o com lãs, ferros, azeite, pigmentos e tecidos.

Cruzou as pernas e coçou o queixo, cheio de curiosidade. Um Covarrubias precisar de dinheiro não era coisa habitual, tendo em conta o poderio económico da família, pelo menos até havia bem pouco tempo, pensou. Por isso aguardava com expectativa saber que destino seria dado àquele dinheiro antes ainda de saber quanto seria necessário. O jovem não lhe deu esse gosto.

– Preciso de mil e quatrocentas dobras de ouro.

– É muito o que pedis. Estamos a falar de seiscentos e vinte mil maravedis. Posso saber em que pensais utilizá-los? Talvez construir novos armazéns de lãs nesta cidade, além dos que já tendes em Bruges?

A palavra amável e o ar amistoso do homem estavam a conseguir que Hugo se sentisse à vontade. Talvez por isso não lhe custou muito responder com sinceridade à pergunta.

– Hum, muito interessante – disse Martín de Soria. – A venda de sal é sem dúvida uma excelente oportunidade de fazer dinheiro. E suponho que será de excelente qualidade e baixo custo de extracção, como deduzo pela sua localização a céu aberto. Podereis competir com o da mina, cuja exploração é muito mais cara... A ideia agrada-me. Pode funcionar.

– Parece-vos então possível?

– Possível sim, mas vejamos primeiro como pensais avalizá-lo.

Hugo contorceu-se na cadeira, pouco à vontade. Tinha previsto aquela pergunta, mas não dispunha de nenhuma resposta concludente. Tentou a única coisa que tinha.

– Pensei que dos lucros que obtivermos, além de vos pagarmos o empréstimo reserváramos para vós uma quinta parte. Penso que não seria um mau negócio. Não vos parece?

Martín Soria sorriu ao notar a inexperiência do jovem.

– Não, não é o suficiente. Quem me garante que ides ter êxito? – Deixou a pergunta no ar. – Que aconteceria se não tivésseis?

Hugo reconheceu a manha do seu interlocutor ao levar a conversa para onde a ele menos convinha. Não sabia que além de ter escritórios em Antuérpia e Bruges, Martín de Soria tinha-os também em La Rochelle, Florença, Londres e

Bordéus. Aquele homem, excelente negociante, tinha aprendido a dissimular qualquer género de emoção nas suas expressões. E ele não estava à altura de o imitar.

– Claro, acho muito razoável que tenhais dúvidas. Mas conheceis a minha família e sabeis que é solvente.

– Quereis dizer-me que, se por qualquer motivo as coisas corressem mal, o vosso pai pagaria tudo o que vos emprestasse? Mostrai-me então algum documento em que fique certificada essa possibilidade, com o beneplácito e a assinatura de Don Fernando.

Hugo sentiu-se encurralado, entre outras coisas porque não sabia que Martín estava muito mais ao corrente das suas relações familiares do que podia imaginar. Optou por dizer a verdade, consciente de que com aquela personagem não havia nada a fazer.

– Don Martín, não tenho esse documento. Na realidade, há já algum tempo que não falo com o meu pai. Mas isso não significa que num momento de necessidade ele não respondesse por mim.

Aquele argumento era o seu último recurso antes de se dar por vencido.

O banqueiro levantou-se da cadeira e foi buscar papel, pena e tinteiro.

Ao voltar, fez a sua proposta.

– Vou dar-vos o dinheiro de que necessitais, jovem – declarou, sem mover uma sobrancelha.

– A sério?

Hugo abriu muito os olhos, dessa vez muito mais que surpreendido.

– Sim. Mas avalizareis o empréstimo com a vossa herança.

Hugo teve um acesso de tosse nervosa que só conseguiu acalmar com um gole de água que o banqueiro lhe ofereceu.

– Como é isso possível estando o meu pai vivo?

– Muito fácil. Deixais-me assinada essa vontade, registamos o documento no primeiro tabelião que encontrarmos, e no caso de não me devolverdes as mil e quatrocentas dobras mais os respectivos juros no prazo que combinarmos, no momento em que o vosso pai faleça eu cobrarei o que vos corresponda em herança.

– Estamos a falar do que me emprestais e vinte vezes mais! – exclamou Hugo, irritado.

– Dizeis bem, talvez um pouco mais. Porque calculo que, apesar de não estar nos seus melhores momentos, o vosso pai poderia legar-vos uma quantia não inferior a sessenta mil dobras, trinta mil para cada um dos irmãos. O que no vosso caso resultaria... – fez um rápido cálculo mental – umas vinte e uma vezes mais do que a quantia que me pedis.

– Parece-me um roubo.

– Não, jovem, não vos enganeis. Este negócio é muito simples e não tem nada a ver com roubar seja o que for a ninguém. Vindes pedir-me dinheiro, e como vos disse ao princípio, eu dedico-me a emprestá-lo; até aqui tudo normal. Mas, claro, ninguém dá nada sem ter uma garantia de que vai recuperar o investimento. E convosco não a tenho, não nos enganemos. Mas, vede, a sorte está do vosso lado graças ao conhecimento que tenho da vossa família. Só por isso vou arriscar mais do que é hábito. Primeiro, porque pode dar-se o caso de não voltar a ver o meu dinheiro por muitos anos, se Deus tiver por bem manter o vosso pai de tão boa saúde como até agora. E segundo, porque também pode deserdar-vos. E pelo que ouvi, já percorrestes uma boa parte do caminho para consegui-lo. – Não disse que mesmo assim não seria problema, tinha tudo bem calculado: a Hugo caberia sempre uma parte da herança, a obrigatória por lei, suficiente para cobrir um pouco mais do que o emprestado. – Não me alongo mais porque tenho pressa, mas depois de tudo o que foi dito entenderéis, meu querido amigo, que o desejo com que viestes tem um alto custo: no vosso caso, toda a herança.

– Tenho de pensar... – conseguiu Hugo dizer, num fio de voz.

Reconhecia que o argumento era inatacável, mas ao mesmo tempo provocava-lhe uma inusitada vertigem. Até àquele instante nunca tinha pensado na sua herança, mas, agora que tinha de dá-la como garantia, não tinha a certeza de que valesse a pena. Conservá-la ou perdê-la dependia da ideia de um escravo contador de lendas, de uma mina no deserto que nunca tinha visto e da promessa de um lucrativo comércio muito diferente do que até então conhecia, o da lã. *E se todo aquele sonho mais não fosse do que o fruto da imaginação de um tipo como Azerwan, cuja única ocupação na vida tinha sido atravessar desertos e mares?*, perguntou-se de repente e para seu maior desassossego.

Limpou com um lenço o suor que lhe inundava a testa, sentiu que o coração lhe batia mais depressa e as mãos lhe tremiam. Compreendeu que, se continuasse

a dar voltas àquele pensamento, ia entrar num território perigoso e que, se não lhe pusesse travão, as suas actuais convicções iam começar a desmoronar-se.

Martín de Soria percebeu a ansiedade do jovem e tentou minorá-la.

– Hugo, não penseis nisso agora. Aproveitai esta noite para lhe dar todas as voltas que precisardes, e, se vos parecer bem, amanhã voltamos a ver-nos. Considero razoável que tenhais de meditar no assunto.

Levantou-se da cadeira e apontou a porta da biblioteca.

– Encontramo-nos aqui? A que horas?

– Não, aqui não. Procurai-me na catedral por volta do meio-dia. Antes de partir para França amanhã à tarde, tenho de supervisionar umas obras no interior. Não vos parece um bom sítio para esclarecer dúvidas sobre a vossa nova vida?

Capítulo 4

Catedral de Nossa Senhora. Antuérpia. Abril de 1476

Era difícil Hugo deixar-se impressionar por uma catedral depois de ter vivido a maior parte da sua vida frente a uma das mais belas erigidas na Europa. No entanto, nunca tinha visto como se construía, e a de Antuérpia estava a ser ampliada para juntar mais duas naves às cinco que já tinha.

Chegou bastante antes da hora marcada para o encontro com Martín de Soria, com a intenção de visitá-la.

Em frente da fachada principal, surpreendeu-o a riqueza do pórtico, mais adornado com arquivoltas e esculturas do que o de Burgos, mas sobretudo a leveza que a edificação aparentava. Recordou como era a da sua cidade, e descobriu as diferenças. Naquela, centenas de perfis rectos verticais sulcavam a fachada e conseguiam que o edifício parecesse flutuar, enquanto a de Burgos, com uma fachada mais despida, de pedra descarnada, dava a impressão de constituir um bloco sólido, como se fosse mais pesada.

Começou a contorná-la pelo lado oriental e embrenhou-se em pleno no fascinante espectáculo da sua construção. Contou seis enormes guias de roda accionadas por pelo menos uma dezena de homens cada: uma, levantava do chão arcos de silharia; outra, um arcobotante que apesar do seu peso parecia flutuar no ar, e as restantes enormes baldes de argamassa que elevavam até às alturas, onde calculou haver mais de uma centena de operários distribuídos por uma rede de andaimes a diversos níveis. Uns enchiam o interior das paredes com alvenaria, outros transportavam a pulso aduelas e secções de colunas ou cravavam peças de madeira nos cimbres que sustentariam os arcos. Também viu um pequeno grupo de operários a montar pedestais que serviriam de suporte a esculturas ou outros motivos decorativos. Junto à base do edifício iam e vinham carroções carregados de pedra e madeira, ordenava-se os materiais, e entre uns e outros havia uma infinidade de curiosos atentos à evolução da obra.

Hugo percorreu o exterior das absides e deu a volta ao conjunto até chegar à porta principal. Um homem deteve-o.

– Não se pode entrar!

O seu gesto era explícito e a expressão a de quem estava farto da constante chegada de curiosos que queriam aceder ao interior.

– Fiquei de encontrar-me aqui com Don Martín de Soria – justificou-se Hugo.

– Esperai um momento. Vou ver.

Minutos mais tarde o homem voltou, afastou a barreira e deixou-o entrar. O interior do templo pareceu-lhe só por si grandioso. Mas, graças ao dia de sol, a luz brilhante que entrava pelas grandes janelas embelezava-o ainda mais. Cheirava a incenso, a cera consumida e sobretudo a humanidade, porque ao longo de todo o vasto recinto havia uma vaivém de homens a empurrar carros de mão cheios de pedras, as que sobravam da antiga parede, demolida para se poder acrescentar as duas novas naves.

Um barulho ensurdecador envolvia tudo. Era uma louca mistura de martelos a bater, vozes e gritos, a que se juntava uma entrecortada melodia procedente de um velho órgão que alguém tocava apesar das obras. Hugo começou a percorrer o novo perímetro da catedral e fez uma pausa junto às primeiras capelas, antes de chegar ao transepto. Ouviu o seu nome, e ao voltar-se viu Don Martín de Soria

– Bons dias, jovem. Que tal passastes a noite?

Enquanto perguntava, convidou-o com um gesto a atravessar o templo em direcção a uma capela ainda em construção. De caminho, Hugo foi-lhe contando.

– Dormi bem, porque antes de me meter na cama já tinha tomado uma decisão. E sim, quero esse dinheiro.

– Fico contente. – Apareceu no rosto do banqueiro a mesma expressão amável que Hugo lhe tinha visto no dia anterior. – Esta tarde deixarei preparados os papéis para que os assineis amanhã às primeiras horas, apesar de eu não estar. Imagino que será melhor dar-vos uma ordem de pagamento em vez de levardes o dinheiro convosco.

– Com certeza. Teria de arranjar uma mula só para o transporte, e com tanto meliante que há por essas estradas chegaria ao meu destino sem uma dobra.

Resolvido este assunto, Don Martín explicou-lhe o que fazia ali.

– Não sei se sabeis que uma parte do investimento necessário para a construção destes templos é custeado pela aquisição de capelas por particulares. No nosso caso, como membros do Consulado de Mercaderes de Castilla, encomendámos a que pisamos neste momento, com a intenção de decorá-la mais tarde. Colocaremos um altar digno, e no centro da parede uma escultura em mármore da Virgem Maria, que já temos em nosso poder. Mas falta o melhor; neste vão que aqui vedes – apontou-o com um dedo – poremos um grande vitral com a imagem do apóstolo São Tiago, a família da Virgem e a efígie da nossa rainha Isabel com o escudo de armas de Castela.

– Vi poucos vitrais nesta catedral, ao contrário da de Burgos. Se não estou enganado, só na abside.

– É verdade. Até agora eram os únicos, mas está previsto colocar muitos mais nas novas paredes e nos transeptos. Estou convencido de que as cores vivas do vidro, e a maestria dos desenhos, conseguirão embelezar este templo até transformá-lo. Alguma vez vistes como se colocam e restauram?

Hugo negou com a cabeça.

– Pois se tendes tempo e vontade, acompanhai-me para que vos apresente um artesão de vitrais, a quem encomendei o nosso. Neste momento está a restaurar os da abside. Ides gostar. Se estou aqui, é por ele. Chama-se Hendrik van Diependaal.

Hugo seguiu Martín de Soria até ao deambulatório, ao fundo do qual um grupo de operários montava uma grua de eixo giratório atrás de um grande tabuleiro de madeira horizontal onde um sujeito com o nariz quase colado ao que fazia esfregava com uma escova um pequeno fragmento de vitral.

Enquanto se aproximava para ver melhor, o homem levantou o pedaço de vidro para observar o resultado do seu trabalho, e o que aconteceu nesse momento deixou Hugo sem palavras. Diante dos seus olhos atónitos, um feixe de luz proveniente de uma das janelas atravessou o vidro e decompôs-se em mil lampejos de cor que salpicaram e correram pelo tabuleiro, pelas mãos e pelos punhos brancos do artista. Além disso, e ao mesmo tempo que esta catártica sensação, notou um penetrante cheiro a fruta azeda vindo de uma tigela de tinta em que o homem pegou depois de ter pousado o pincel. Aquele cheiro despertou o resto dos seus sentidos. Ficou imóvel, com os olhos muito abertos e fixando o que o homem fazia.

Viu-o molhar uma brocha naquele líquido pardacento e espalhá-lo sobre a superfície do vitral. O artista estava tão absorto no que fazia que não se apercebeu da presença de Hugo e de Martín. O vidro que acabava de limpar, até então translúcido, escureceu com a pintura sobre o que parecia ser a cabeleira de um anjo; não se conseguia distinguir bem por se tratar de uma pequena parte da imagem. Hugo estranhou que usasse aquela cor castanha, quando na maioria dos vitrais os anjos eram louros, mas não se atreveu a perguntar. O mestre, depois de espalhar bem a tinta, voltou o vidro para a luz e assentiu, satisfeito.

Nem o tossicar de Martín para fazer-se notado nem as primeiras palavras que lhe dirigiu conseguiram que aquele homem desviasse o olhar um centímetro que fosse do seu trabalho.

– Mestre Hendrik, podeis atender-me por uns minutos? – repetiu Martín de Soria, elevando o tom da voz.

O homem voltou a cabeça com tanta energia que uma comprida madeixa de cabelos brancos acabou por lhe tapar um olho. Ao tentar pô-la no lugar, manchou a face com aquela tinta castanha, e esteve quase a acontecer o mesmo com a testa, mas apesar disso sorriu ao vê-los.

– Que novas me trazeis, meu querido Martín? – Limpou a mancha da cara com um pano e apertou a mão de Martín com o afecto próprio de dois velhos conhecidos.

– Venho perguntar-vos pela encomenda que voz fiz. Comos tereis visto, a capela onde vai ficar o vitral continua em obras e não sabemos quando acabarão, pode faltar ainda algum tempo. Mas como sei que não vos falta trabalho, prefiro ser insistente e recordar-vo-la.

Pela expressão que fez, foi evidente que o mestre tinha esquecido o assunto.

Antes de responder, ordenou a um jovem ajudante que levasse a peça para o forno.

– Não mais de quinze minutos, o suficiente para fixar a tinta – disse-lhe. Tinha montado no exterior da catedral uma oficina provisória com todos os elementos imprescindíveis, dado que a sua se situava em Lovaina. – Queríeis ver o esboço, claro... – continuou, dirigindo-se agora a Martín.

– É verdade, mestre – respondeu Martín, a temer o pior.

– Não vou mentir-vos. Ainda não o comecei. Este restauro está a levar mais tempo do que o previsto e o vosso assunto varreu-se-me da cabeça. Lembro-me

de me terdes falado de um vitral que tivesse a Virgem como protagonista. Estou enganado?

– Não, não estais. Queremos que seja uma homenagem a Nossa Senhora nesta catedral que lhe é consagrada.

– De acordo, então. Prometo mostrar-vos qualquer coisa em breve. Não há-de passar muito tempo, vereis...

De repente reparou em Hugo, e ao vê-lo tão absorto noutro fragmento de vitral que acabavam de levar-lhe, olhou para Martín e apontou o jovem com o queixo.

– Desculpai, não vos apresentei. Este jovem chama-se Hugo de Covarrubias e é filho de um bom amigo, o actual prior da Universidad de Mercaderes de Burgos, Don Fernando de Covarrubias. – Voltou-se para Hugo. – Quero apresentar-vos o mestre Hendrik van Diependaal, que é o encarre... – Martín interrompeu a apresentação ao notar que o jovem burgalês continuava absorto. – Hugo?... Hugo?

O olhar do jovem parecia viajar por mundos muito distantes daquele onde estavam. Martín deu-lhe uma cotovelada.

– Sim? Dizíeis?

Van Diependaal interveio antes que Martín respondesse.

– O que se passa convosco, jovem, tem um nome: chama-se feitiço dos vitrais. Não vos sentistes possuído por eles?

Hugo voltou a fixar os olhos do artista, de um azul quase transparente, e tardou alguns segundos a responder, mas quando o fez foi concludente:

– Completamente! – Suspirou. – De que é feita essa tinta?

Apontava para a tigela que o mestre ainda segurava.

– É amarelo de prata: uma mistura de sais desse mineral com ocre e um pouco de goma-arábica, tudo diluído em água. Trata-se de um pigmento que mudou o nosso trabalho. Desde que dispomos desta fórmula, a cor que conseguimos nos vitrais não tem nada a ver com os que se faziam há dois ou três séculos para as velhas catedrais. Graças a esta tinta conseguimos efeitos sublimes no interior dos templos, até agora inimagináveis.

– Mas o que aí tendes é castanho, não amarelo.

Van Diependaal percebeu a estranheza.

– Será o calor do forno a acabar de transformá-lo em amarelo. Quando for retirado, o que acabo de pintar terá adquirido um belo tom dourado.

Surpreendente, não é verdade?

– Sim, muito... Como tudo o que estou a ver. Como conseguis que a luz actue dentro desses fragilíssimos vidros para se transformar em tão vivas cores?

Van Diependaal recebeu a pergunta com uma expressão de surpresa, Não estava habituado a ter um interlocutor com a sensibilidade nem a capacidade de percepção que aquele jovem demonstrava. Por isso optou por dar-lhe uma resposta com substância suficiente para alimentar o seu interesse.

– Quando cozemos no forno os componentes do vidro, formam-se milhares de bolhas que, com alguns resíduos minerais, ao serem atravessadas pela luz produzem as mais inesperadas tonalidades. Algumas são absorvidas, mas outras alteram-se e criam surpreendentes gamas cromáticas. Para conseguir tons diferentes a partir da mesma cor, precisamos de jogar com a espessura do vidro ou variar a quantidade de pigmento. Mas também temos em conta que esses tons não são iguais ao longo do dia; dependem da incidência da luz solar no vitral, e também da intensidade luminosa. – Deixou a brocha encostada a um tabuleiro e olhou para o vitral mais próximo. Fechou os olhos e suspirou antes de retomar a palavra. – Nós, os vitralistas, somos como tradutores de todos estes factos, temos de conhecê-los para nos servirmos deles.

O rosto de Hugo não poderia reflectir mais fascínio pelo que acabava de ouvir.

– Compreendo – limitou-se a dizer.

– Para obter um vermelho, um azul ou um malva, acrescentamos diferentes óxidos minerais à massa vítrea incandescente até conseguirmos o tom desejado. Mas o mais interessante vem depois, quando se trata de decidir a coloração geral do vitral conforme o lugar onde vá ser colocado.

Martín olhava espantado para o artesão. Nunca o tinha ouvido falar com tanta emoção.

– Avaliamos a altura a que os vidros vão ficar, como serão vistos da perspectiva dos fiéis, a sua orientação em relação ao Sol e as horas de luz que vão receber. Mas sobretudo, como a sua finalidade última é elevar o espírito até Deus, as mensagens evangélicas também influenciam a gama cromática que vamos usar, porque a paixão de Cristo não pode ter a mesma tonalidade que o seu nascimento. Por outras palavras, a cena também importa. Por tudo o que acabo de contar-vos, há quem chame a este nosso trabalho *a nobre arte dos vitrais*.

– É maravilhoso... – expressou-se Hugo de forma sucinta.

Naquele momento não se sentia capaz de alongar mais as suas frases nem de traduzir em palavras a infinidade de pensamentos que lhe buliam na cabeça. Estava a experimentar, sem a mínima dúvida, o feitiço de que o mestre falara.

Van Diependaal, também satisfeito com a reacção do jovem, convidou-o a visitar quando quisesse a oficina que tinha em Lovaina, onde poderia conhecer o processo de fabricação de um vitral do princípio ao fim. Não acabara de explicar-se quando o seu jovem ajudante se interpôs, de uma maneira um tanto canhestra, entre os dois, com a intenção de recolher os vasos de argila depois de ter levado o fragmento de vitral até ao forno. Van Diependaal apresentou-o como seu discípulo e cunhado. Tinha mais ou menos a mesma idade que Hugo e chamava Niclaes Rombouts.

Os dois jovens trocaram um aperto de mão.

– Posso ajudar-vos? – perguntou Hugo, a apontar para os três recipientes em que o outro acabava de pegar.

– Por que não – respondeu Niclaes, um esquelético jovem de cabelos louros apanhados num rabicho, pómulos e queixo proeminentes e olhos cor de anil.

Pousou tudo o que carregava em cima do tabuleiro, entregou a Hugo um morteiro e um pilão de mármore e começou a deitar no seu escamas de prata, medindo a quantidade com uma colher. Sobre elas, derramou um líquido de cheiro ácido. Hugo imitou-lhe os gestos.

– Cuidado com os dedos porque é muito corrosivo – recomendou Niclaes.

Van Diependaal e Martín dirigiram-se à grua para ver de perto a operação de descida do painel maior do vitral em restauro.

Hugo, sem deixar de pisar com o pilão o conteúdo do morteiro, observava tudo o que acontecia à sua volta. Foram precisos seis homens para mudar o enorme painel para o tabuleiro de trabalho de mestre Van Diependaal. Apesar da deterioração, ainda se distinguia o desenho: três anjos a transportar uma coroa de ouro cuja destinatária era a Virgem Maria. O seu rosto, o mais esbatido dos quatro, recebeu as cerdas do pequeno pincel com que o mestre deu início ao seu laborioso restauro. Ergueu por um instante o olhar, encontrou o de Hugo e sorriu ao verificar que o jovem não tinha perdido a sua expressão de assombro. Voltou a dar atenção ao seu trabalho e explicou.

– Os anos só conseguem manchar a essência dos vitrais sob uma camada de sujidade e pó, mas por sorte quase nunca o apagam. A nossa tarefa consiste em ressuscitar o brilho que tiveram, a alma que possuíram, as cores originais com que foram concebidos. Em sumo, extrair deles a beleza primigénia que o tempo só deixou um tanto adormecida. Respeitamos a mão que os fez, a sua arte e a emoção que provocam. Somos os seus melhores guardiões.

Hugo escutou aquela bela definição do trabalho, saboreando cada palavra que Van Diependaal acabava de pronunciar; desfrutou, memorizou, viveu, sentiu.

Talvez se devesse à solenidade do lugar, à magia do momento ou à fascinante experiência vivida – ou talvez a uma mistura de todas estas coisas –, mas o certo foi que, quando um pouco depois saiu da catedral e olhou para a abside, frente aos vitrais que a ocupavam de alto a baixo, soube que alguma coisa de importante acabava de se agitar no seu íntimo.

A cor, a luz e a pintura tinham-no embriagado.

Capítulo 5

Ruão. França. Abril de 1476

Tinham passado dezasseis dias desde a partida de Hugo e mestre Orti não perdoara um só deles sem proclamar em público que não iam voltar a vê-lo. Azerwan, pelo contrário, tinha a certeza de que o amigo voltaria, com o dinheiro ou sem ele.

Estavam ambos conscientes de que só a viagem de ida e volta a Bruges exigiria dez dias, e que aquilo que Hugo tivesse de fazer por lá poderia ocupar mais um par de dias. Mas só a partir do décimo terceiro os ácidos comentários de Orti começaram a fazer mocha no ânimo do escravo, e três dias depois a sua confiança vacilava perigosamente. Orti estava tão certo do fracasso como do avanço das obras de reparação da *Santa Ana*, e acabava de anunciar-lhe que dentro de dois dias zarpariam rumo a Bermeo.

Daí que o coração de Azerwan batesse como um louco quando, a meio dessa noite, ouviu o eco de cascos de cavalo no molhe, e depois passos no convés que fizeram ranger as madeiras da nau. O tunisino agitou-se no catre, os seus olhos adaptaram-se à escassa iluminação proporcionada por uma qualquer fonte de luz exterior ao navio, e esperou para ver quem entrava. Na empinada escada que dava acesso ao porão apareceram primeiro umas botas de couro, depois um jaquetão escuro, e por fim um rosto de olhos verdes e cabelos encaracolados com um sorriso que não lhe cabia na cara. Não valia a pena perguntar como tinham corrido as coisas porque Hugo levava a resposta no olhar.

– Vamos agora acordar Orti! – proclamou o jovem em altos gritos, ante os protestos dos marinheiros a que tinha perturbado o sono.

Azerwan fez-lhe gestos para que baixasse a voz.

– É muito tarde. Deixa-o. Não se perde nada por esperar até amanhã.

– Estás louco? Nem pensar. Nego-me a esperar. Há anos que vives e dormes como escravo; amanhã levantar-te-ás como um homem livre. Vamos procurar

Orti!

Quando o mestre os ouviu entrar no seu camarote resistiu a abrir os olhos, e até protestou com veemência, mas a sua atitude mudou quando começou a sentir no corpo o peso de duzentas e sessenta e cinco moedas de ouro.

– Se nos deixardes assinada a carta de alforria, podereis retomar o sono onde o deixastes. Mas mais rico do que antes – declarou Hugo.

O homem, sem hesitar, pôs-se a remexer entre os seus papéis. Como ainda estava meio a dormir, caíram-lhe ao chão num descuido, espalhando-se por todos os lados, e teve de perder algum tempo a apanhá-los e a revê-los um a um, até que pareceu dar com o que procurava.

Azerwan aguardava, expectante.

Orti sentou-se à mesa e procurou tinteiro e pena. Molhou a ponta, deixou escapar um longo suspiro e começou a escrever no rodapé do escrito. Os dois amigos, emocionados, observaram o traço rápido com que desenhou a sua primeira inicial, seguida por um tímido *R* e um *T* em arabesco, virando depois a escritura para apor um *I* de onde saía um arco que acabava por cobrir a palavra. Deitou areia para secar a assinatura e derreteu um pedaço de lacre para estampar o seu selo. Quando acabou, olhou para Azerwan e estendeu-lhe o papel com uma expressão fria, de pura formalidade.

O tunisino apertou-o contra o peito, ainda sem acreditar. Olhou para Hugo e fundiram-se num longo abraço, mudo de palavras mas cheio de sinceridade, de gratidão e de futuro.

Ao regressar ao porão, Hugo abriu a torneira de um barril de sidra e encheu dois púcaros, depois de saber que naquela noite Azerwan estava disposto a saltar todas as regras. Enquanto brindavam, recordou uma das suas sentenças:

– Antes de eu partir para Burgos, disseste-me: «Age com paciência, porque aquele que o faz consegue sempre o que deseja.» Meu querido amigo, conseguiste! Sê bem-vindo à liberdade!



Hugo não conseguiu ver Obeko antes de saírem de Ruão. O capitão da *Santa Ana* preferira viajar até Paris para comprar novas cartas náuticas e alguns instrumentos de navegação a ficar a amaldiçoar a todo o instante os operários que a reparavam; entre outras coisas porque não suportava ver estranhos a mexer-lhe nas entranhas.

Pagaram duas passagens numa caravela com destino a Cádis, onde teriam de arranjar outra que os levasse a Halq al Wadi, o porto da cidade de Tunes, capital administrativa de Ifríquia. Hugo desistira da passagem por Burgos: já tinha visto Berenguela em Bruges e Damián encarregar-se-ia de alertar o pai para a suja trama de traições urdida por Policarpo. Notava no fundo de si uma sensação estranha, e quando pensava na sua viagem a Bruges sentia que havia qualquer coisa que lhe escapava, mas pouco depois deixou de lhe dar importância. A cadeia de emoções dos últimos dias levava-o em bolandas em direcção ao futuro, como que empenhada em que voltasse de uma vez por todas as costas à sua vida passada.

O porto de Halq al Wadi estava situado na embocadura de um enorme lago e era sem dúvida uma das jóias económicas mais apreciadas pela dinastia haféssida, cujos dirigentes governavam havia mais de duzentos anos os destinos das terras que tinham visto Azerwan nascer.

Depois de saírem de Ruão e de percorrerem o tortuoso curso do rio Sena, chegaram a mar aberto. Dali demoraram quinze dias até à cidade de Cádis, mais quatro a encontrar outra embarcação e outros nove a avistar as costas de África, quando o mês de Abril chegava ao fim.

Durante aqueles vinte e oito dias de viagem, Azerwan escutara com interesse o relato de tudo o que Hugo tinha vivido em Bruges e Antuérpia. Partilhou a profunda decepção que sentira ao saber que Berenguela tinha casado com o seu irmão adoptivo, bem como a grande dor que sentira ao descobrir que o pai o tinha apagado do seu coração, embora esperasse melhores resultados quando soubesse a verdade dos factos através do irmão. Também reconheceu a generosa atitude de Damián com os dinheiros, tão inesperada como bem-vinda. Sorriu ao escutar a história do ardente encontro com Renata e do fatal aparecimento de Berenguela, lamentando o que significara. Mas sobretudo impressionou-o a maneira apaixonada e vibrante como descreveu a sua experiência na catedral de Antuérpia.

Tanta emoção pôs Hugo naquele relato que tornou vivos os seus melhores momentos. Como quando sentira na carne a passagem da luz por aquele vitral em restauro, para depois se transformar em mil cores, ou o que experimentara ao ouvir as apaixonadas explicações da boca do mestre Hendrik van Diependaal, ou

quando ajudara a preparar uma das tintas usadas nos vitrais, misturando prata, ocre, ácido e água.

Tal foi a paixão que pôs na descrição do que tinha conhecido que Azerwan recordou os desenhos que fazia e que queimava e acabava por deitar ao mar para que ninguém os visse, e aquilo reafirmou-o na sua ideia de procurar em Quastiliya o afamado mestre Mustafá ibn al-Baitar, para que Hugo aprendesse com ele e completasse o objectivo inicial daquela longa viagem. Porque, se tudo corresse como esperava, com o comércio do sal ganhariam dinheiro suficiente para poder pagar-lhe. Seria a melhor maneira de retribuir a maravilhosa oferta da sua liberdade.

A travessia do Mediterrâneo em demanda da terra de que tinha tantas saudades pareceu-lhe eterna. No entanto, no dia em que avistou a quente e exótica costa de África, mistura de areias brancas, rochas cor de canela e tímidos penachos verdes, o seu olhar mudou.

Hugo notou-o e não precisou de perguntar porquê.

O seu amigo voltava à terra que o tinha visto nascer sem as cadeias da escravidão, em busca de uma recordação mágica com nome de mulher e de uma imensa mina de sal que podia acabar por fazer dele um homem rico. Ele, ao contrário de Azerwan, não tinha um amor a que agarrar-se; era livre, mas arrastava o pesado lastro de um desprezo paterno que lhe feria profundamente o coração, e só lhe restava encontrar naquela terra o significado da sua vida e do seu futuro. Iria encontrá-lo com aquele mestre de pintura?



A 1 de Maio de 1476, Hugo e Azerwan assistiram da proa no navio às complicadas manobras de atracação num molhe do concorrido porto de Halq al Wadi. Dali partiam todos os dias dezenas de navios carregados de trigo, azeite, hortaliças e fruta, e chegavam outros tantos repletos de mercadorias provenientes de Génova, Barcelona, Veneza ou Pisa.

Enfiaram os seus escassos pertences em sacos que puseram às costas e começaram a percorrer as ruas da tumultuosa cidade de Tunes, um lugar que impressionou Hugo desde o primeiro momento. Pouco depois, tinham-se internado no maior *souk* da cidade. O ambiente buliçoso e a aparência caótica ficavam a um mundo de distância do mercado de Medina del Campo que Hugo conhecia. Sob toldos de todas as cores possíveis e no meio de tortuosas vielas,

cruzaram-se com centenas de homens e mulheres que andavam num vaivém a comprar galinhas, carne, verduras ou especiarias. Eles vestidos com compridas túnicas de algodão branco, a que Azerwan chamou *jebbas* – por vezes também roxas, azuis ou verdes –, e cobriam a cabeça com um peculiar turbante. Mas de toda a sua vestimenta, o que mais chamava a atenção era o calçado: umas botas de couro encarnado. As mulheres envolviam-se numa enorme peça de pano, o rosto tapado, muito perfumadas e decoradas com brilhantes adornos como colares, pulseiras e compridos brinços.

Azerwan, que conhecia bem a cidade, rumou a oeste, em direcção a uma colina onde se erguia a alcáçova; uma cidadela muralhada em cujo interior se situava o palácio e residência dos governantes, além de uma velha mesquita, os edifícios que alojavam a guarda privada do sultão e alguns outros ao serviço da administração do sultanato, entre eles a alfândega. Que era o seu verdadeiro destino.

Quando se viram diante da única porta que dava acesso à alcáçova, a Hugo sobrava-lhe metade da roupa. Do tempo húmido e nublado de Ruão ao luminoso e quente de que naquele momento desfrutava havia uma enorme diferença. Despiu o colete, sentiu a força do sol na cabeça e compreendeu a utilidade do turbante.

O acesso à alcáçova fazia-se por uma porta tão estreita e baixa que se tinha de passar agachado e de lado, para desembocar depois num vasto espaço de terreno muralhado cujo tamanho enchia de assombro o viajante mais curtido. Um dos lados do recinto estava salpicado de pequenas casas, algumas de dois pisos, guardadas por soldados. A norte e no fim de uma longa subida, destacava-se uma imponente fortaleza rodeada por palmeiras e oliveiras, com duas torres ameaçadas onde adejava a bandeira da dinastia reinante: um cavalo negro a galope.

– Esse belo minarete que vês, antes dos muros do alcácer, faz parte da mesquita de Zitouna, a mais bonita e antiga da cidade – explicou Azerwan. –

Esta cidade, mais do que religiosa, é sobretudo culta. Por isso tem tantas escolas distribuídas pelas suas ruas, escolas a que chamamos *madraçal*, onde se ensina o Livro e as restantes disciplinas e saberes técnicos e científicos. Só aqui, na mesquita e no alcácer, há cinco. E esses dois edifícios que vês à tua esquerda, mais ornamentados e com alguns azulejos na fachada, são os escritórios da chancelaria, aonde vamos.

Hugo não perdia um único pormenor, espantado com as grandes diferenças com o seu mundo. Surpreendeu-o, por exemplo, o azul intenso de que estavam pintadas as portas e janelas de muitas casas, em contraste com o branco das paredes. Mas também o espantou a organização daquela pequena cidade dentro de Tunes. As ruas contorciam-se sobre si mesmas, transformando o interior num autêntico labirinto, sobretudo para quem as pisasse pela primeira vez. Mas como não era esse o caso de Azerwan, ao cabo de dez minutos de caminho por entre muros cobertos de jasmins e buganvílias, passando por um grande quartel e algumas pequenas casas com as mais variadas formas e dimensões, meteram por uma rua onde os portões de madeira eram cravejados por umas curiosas e afiadas pontas de ferro e que sem dúvida davam acesso a belos pátios interiores ou armazéns. Passados uns concorridos banhos públicos, chegaram por fim aos escritórios a partir dos quais eram geridas as finanças do sultão, a cobrança de impostos e de taxas alfandegárias.

A porta do edifício, pintada de um anil forte e guardada por dois soldados negros, abriram-se para lhes dar passagem. Depois de atravessarem um estreito vestíbulo, desembocaram num pátio onde viram pelo menos um vintena de homens das mais variadas condições, sobretudo estrangeiros, à espera de serem recebidos pelo funcionário encarregado daqueles trâmites. Azerwan fez uma rápida contagem e calculou duas horas de espera. Hugo fez o mesmo, mas, ao ver que muitos se faziam acompanhar por um intérprete, achou que seria menos tempo.

– Tens algum conhecido entre estes funcionários? Alguém que possa acelerar as coisas?

– Não, e tenho pena. O actual sultão, Abumar Uthman, é mascuda, tal como os seus predecessores; uma dinastia de origem berbere que a dada altura rompeu com os Almóadas, mas que vive em confronto com a minha gente desde que invadiram as nossas terras. Nunca gostaram muito dos beduínos e, embora nos tolerem, para as tarefas de governo e administração empregam a sua gente.

Nesse momento saía do escritório um homem que protestava em altos gritos, com uma expressão de fúria no rosto. Estava tão zangado que agitava os braços como as pás de um moinho e pouco faltava para que deitasse espuma pela boca. A um passo de se cruzar com eles, ouviram-no referir a mãe do funcionário, mas numa língua familiar.

Hugo dirigiu-se-lhe:

– Que se passou ali dentro?

O homem deteve-se de repente, olhou para o jovem e teve dificuldade em responder. Em parte devido à exaltação que o dominava, mas também um pouco pelo pouco habituado que estava a ouvir falar castelhano.

– *Castellà, no és així?*

– Sim, de Burgos – disse Hugo, e estendeu-lhe a mão que o homem apertou.

– *Jo de Terrassa. Aqueix hom només sap posar obstacles i demanar diners. Si voleu que sigui ràpid, prepareu la borsa... Que tingueu sort!*

Voltou-lhes costas e afastou-se a amaldiçoar os berberes, os seus piolhosos camelos, o calor que fazia e até as tâmaras que era obrigado a comer a todas as refeições, incluindo o pequeno-almoço.

Hugo sorriu antes de se dirigir a Azerwan.

– Receio que a tua ideia de resolver num só dia a compra dos terrenos onde fica a salina, obter autorização para explorá-la e as licenças necessárias para vender o sal fora do país seja uma quimera, depois de ouvir aquele tipo.

Tinham encontrado apoio no muro de um poço e Hugo deixou deslizar as costas por ele até ficar sentado no chão.

– Por aqui é sabido que os mais altos funcionários e encarregados de administrar as contas do sultanato são familiares de Uthman. E isso leva à corrupção. Não deve ser fácil ver passar diante do nariz tanta riqueza e não se deixar tentar por ela. Mas não te preocupes, tenho tudo previsto. Sei como abrandar qualquer exigência que nos possa fazer. Vais ver. Talvez o catalão tenha sido pouco generoso na quantia que ofereceu. Que sei eu! – Deixou-se também cair no chão. – Confia em mim.

– Não tenho outro remédio.

– Duvidas de mim?

– Não. Quero dizer que, como não falo árabe, não me resta outra opção.



Tinham passado não duas mas três horas quando chegou a vez deles. Hugo teve de massajar as nádegas dormentes quando começou a andar, e quase ao mesmo tempo sentiu um ardor no estômago. Recordou que não comiam nada desde a noite anterior, ainda embarcados, e nesse momento desejou estar perto das bancas de fruta por que tinha passado ao atravessar à pressa o *souk*.

O funcionário não ergueu a cabeça nem para indicar o sítio onde deviam sentar-se. Hugo estranhou aquilo, mas imitou o amigo e acabou sentado no chão, de pernas cruzadas, em cima de um tapete. Azerwan tomou a palavra, e como a partir daquele momento não percebeu palavra do que era dito, Hugo dedicou-se a observar. Primeiro o sujeito, que não tinha aspecto de nativo, e depois a sala. Para sua surpresa, não havia qualquer outra decoração além dos dois tapetes, o que partilhavam com o funcionário e outro onde se sentava um segundo indivíduo que servia de escrivão, armado com uma pena e uma resma de papéis. O cheiro era desagradável, e disse para si que se aqueles dois homens passavam ali tantas horas e a única janela era a que tinha à sua frente, estreita e com vista para um muro interior, os motivos estavam à vista.

Voltou a sua atenção para Azerwan ao notar uma inflexão no seu tom de voz, como que de preocupação. Não tardou a perceber a que se devia, porque, de repente, o funcionário se lhe dirigiu em castelhano.

– Diz-me o vosso amigo que sois de Burgos.

– Com efeito. E vós?

– Nasci em Archidona, numa família que durante quinhentos anos considerou que aquelas terras eram suas. Mas nem há dez tivemos de abandoná-las, e com elas a nossa casa, os gados e tudo o que tínhamos amealhado quando os calatravos tomaram a cidade a mando do vosso anterior rei de Castela. Roubaram-nos tudo... absolutamente tudo. Entendeis?

A pergunta ficou a flutuar no ar, carregada de maus presságios.

A palavra «Castela» tinha-lhe saído da boca como se lhe queimasse os lábios, como se arrastasse consigo um ódio macerado e profundo por tudo o que viesse daquele reino. Um sério problema. E a situação não melhorou quando, no seguimento da conversa com Azerwan, se definiu como inimigo do sufismo, ao saber que a cidade natal do tunisino era o berço daquele movimento islâmico. Azerwan esquivou-se bem ao não admitir as suas convicções religiosas, mas mesmo assim a atitude do funcionário piorou cada vez mais.

Hugo lamentou as más coincidências porque iam trazer-lhes problemas.

Como aconteceu.

Para Abu ben Mussaf, que assim se chamava o funcionário encarregado de tramitar a compra das salinas e de autorizar a sua exploração, de nada valeram qualquer dos argumentos que ouviu a seguir. Porque tratando-se de um negócio

entre um beduíno e um cristão de Castela, a sua autoridade não bastava: tinha de ser aprovado pelo sultão.

– Poderíamos fazer alguma coisa para evitar esse trâmite? – perguntou Azerwan, e pousou no tapete a bolsa onde levava uma parte das dobras que traziam. Não lhe ocorreu outro modo de influenciar aquele homem.

O funcionário calculou o conteúdo e os olhos brilharam-lhe. Nunca ninguém lhe tinha oferecido tanto dinheiro junto. Aclarou a garganta e sentiu-se tentado a pegar na bolsa. Mas de repente recordou as penas a que se sujeitava se assinasse qualquer coisa que violasse as normas do sultanato e decidiu que não merecia que arriscasse a cabeça.

– Se fosse por mim, passaria agora a autorização, mas não posso. Darei seguimento ao vosso pedido hoje, e além disso tratarei de que seja bem visto; até aí posso fazer. Quanto ao dinheiro, guardai-o de momento, porque, se obtiverdes a aprovação, aceitá-lo-ei. Esse ou mais, depois veremos. Voltai dentro de dois dias. E agora podeis ir...

Fez um gesto explícito com a mão, a indicar a porta.

Hugo e Azerwan abandonaram a alcáçova com uma sensação amarga.

Estavam conscientes de que o seu destino tinha ficado dependente da vontade do homem que detinha o poder máximo naquela terra e que não tinham modo algum de influenciar a sua decisão. Só lhes restava esperar que a sorte os ajudasse. Uma coisa difícil de assumir quando tinham lutado tanto para chegar onde estavam.

Comeram dois pedaços de pão branco com queijo de cabra numa banca do *souk*, e noutra uns deliciosos doces, após o que atravessaram a cidade em busca da porta leste da muralha. Do outro lado encontrava-se o único bairro onde podiam residir cristãos e estrangeiros, naquilo a que ali chamavam *caravançarais*. Tratava-se de umas grandes edificações rectangulares, fechadas e protegidas por altos muros, sem janelas para o exterior e com um único acesso, que serviam como lugares de descanso para os viajantes de passagem. Um grande portão permitia a entrada de carros e animais e através dele acedia-se a um espaçoso pátio rodeado de alojamentos, estábulos e silos de feno para os bois e cavalos, uma casa de pasto e uma ou outra loja.

Tomaram posse de uma pequena divisão depois de efectuarem o respectivo pagamento, e esperaram que caísse a noite para ir cear a uma pousada. O

ambiente no interior fazia lembrar qualquer dos lugares que Hugo costumava frequentar em Burgos, excepto a variedade de línguas que ali se falava. Localizaram numa mesa o catalão em animada conversa com outros dois, dando boa conta de uma perna de cordeiro. Noutras ouvia-se falar italiano, francês e até árabe, pois entre os presentes Azerwan reconheceu vários egípcios e até um grupo de iemenitas.

Encontraram uma mesa livre e avançaram para ela decididos.

Gostaram do lugar logo desde o princípio, pois ainda antes de tomar nota do que queriam o criado levou-lhes uma pequena fogaça de pão branco e azeitonas, que atacaram sem dizerem uma palavra, cheios de fome. Depois foi a vez de um delicioso estufado de ovelha com verduras, que Hugo acompanhou com uma jarra inteira de vinho. E coincidindo com a aparição do prato, tiveram de acolher à sua mesa um comensal que não encontrara outro lugar livre. Ou foi o que disse.

Apresentou-se num castelhano bastante decente.

– Chamo-me Enzo e sou veneziano. Com quem tenho o gosto?

Hugo declarou os nomes dos dois sem se alongar em mais explicações, ocupado como estava a molhar o pão no saboroso molho que acompanhava a carne.

– Sou um frequentador assíduo deste caravancharai e não vos recordo de outras ocasiões...

Pediu um prato de *lablabi* e uma jarra de vinho, mas ao ver vazia a de Hugo, chamou o criado para que lha enchesse. Hugo não quis saber em que consistia a comida que tinha pedido, à espera que lha levassem.

– É a primeira vez que cá estamos – respondeu Azerwan, depois de ter acabado de cear. Parco no comer, pois com dois pedaços dava-se por satisfeito, em contrapartida dedicava-se a pensar. Depressa percebeu que a presença daquele estrangeiro podia ser-lhes útil, pelo que, descontando a lógica prudência entre desconhecidos, resumiu ao que vinham, o que tinham feito e o travão que se opunha aos seus objectivos ao ficar tudo dependente da assinatura do sultão.

O veneziano compreendeu o problema. Com o prato que tinha pedido em cima da mesa, uma sopa de pão com ervilhas, cominhos e uma pasta feita de pimenta encarnada, afirmou ter a solução.

– Alguma vez passastes pelo mesmo? – interessou-se Hugo, um tudo-nada toldado pela jarra de vinho já bebida e pela que já ia a meio.

– Mais de três, e em todos os casos consegui a assinatura.

– Se nos explicardes como, convidar-vos-emos a comer isso que pedistes, desde que não morrais antes.

O cheiro a picante era de fugir.

O veneziano riu da brincadeira, provou duas colheradas e se lhe queimou a garganta não o manifestou mais do que molhá-la com dois grandes tragos de vinho.

– Em Ifríquia, como em qualquer outro lugar, toda a gente tem o seu preço.

– Estais a propor-nos comprar o sultão?

– Não, não o sultão. O vizir. O velho Uthman confia nele como em mais ninguém. E acreditai, sem a ajuda dele não há nada a fazer. O ódio que o sultão professa pelos beduínos é mais do que conhecido. Mas o meu amigo o vizir é de outra massa. Gosta da boa vida e sabe que o seu tempo na corte está em contagem decrescente. Por isso tem de amealhar uma fortuna suficiente para permitir-se o elevado ritmo de caprichos e despesas a que está habituado.

– E como podemos chegar a esse vizir? – perguntou Azerwan.

– Disso encarrego-me eu. – O veneziano pousou a colher no prato, limpou os lábios e olhou para os dois. – Conheço o procedimento, sei que fios mover e sobretudo como movê-los. Dai-me cem dobras e amanhã à tarde tereis o vosso documento assinado por Abumar Uthman – concluiu com um sorriso.

Hugo olhou para Azerwan e Azerwan para Hugo, ambos a perguntarem-se o que deviam fazer sem trocar uma palavra. O veneziano parecia muito seguro das suas possibilidades e eles precisavam daquele papel. Por isso, apesar de se tratar de uma quantia avultada e de Hugo estar a ter dificuldade em pensar sob os efeitos das duas jarras de vinho que tinha bebido, no fim foi ele que tomou a palavra.

– Combinado!

Azerwan não acabava de confiar naquela personagem, mas preferiu calar-se.

O homem fez chocar o copo com os deles e celebrou o encontro chamando o taberneiro para que voltasse a enchê-los.

– E traga-nos um desses doces de amêndoas e mel. Põem-me louco – rematou, a lamber os lábios.

Capítulo 6

Num caravançarai nos arredores de Tunes. Ifríquia. Maio de 1476

Não souberam nada do veneziano em toda a tarde do dia seguinte, nem no princípio da manhã do outro, pouco antes de terem de ir ao encontro marcado na alfândega.

No fim, as suspeitas transformaram-se em certezas e as cem dobras de ouro voaram levadas por um aldrabão que se cruzara com dois tipos com mais sonhos do que precauções. Quando perguntaram por ele no caravançarai, não podiam ter recebido piores referências. Mas já era demasiado tarde.

Já era mau terem perdido cem dobras, mas a situação podia piorar ainda mais se o pedido feito ao sultão fosse recusado. Porque o primeiro era dinheiro, muito, mas só dinheiro. O segundo obrigá-los-ia a abandonar o projecto sem o terem iniciado. Significaria desbaratar de uma forma fatal um sonho, o seu sonho, e terem de voltar não sabiam aonde.

Como estavam os dois conscientes disto, evitaram falar no assunto.

Só calculava, para fazer qualquer coisa, quanto dinheiro lhes poderia restar depois de pagar a comissão ao funcionário e do investimento falhado em Enzo, para comprar os dromedários de que precisariam para a longa viagem até a um deserto onde os esperava uma imensa quantidade de sal por explorar.

Quando a meio da manhã atravessaram a cidade para acudir ao encontro com Abu ben Mussaf, Azerwan fazia a relação de tudo o que iam precisar, dando por certo o êxito das suas providências. Teriam de comprar uma *jaima* para dormir à noite ou para se resguardarem do calor do meio-dia quando enfrentassem os rigores do deserto. E também utensílios de cozinha, peneiras para triar as partículas de sal, picaretas e pás para o apanhar, roupa nova para os dois e um turbante para que Hugo passasse mais despercebido, além de comida suficiente para os dias que iam demorar a chegar. E ainda contratar dois primeiros ajudantes, uma vez que Azerwan não estava muito seguro de encontrar outros

possíveis candidatos naquele solitário destino. Além de tudo isto, cada animal carregaria um grande odre de água e cordas para os deixar peados durante as paragens. Decidiu também trocar algumas dobras por dinares de ouro, para evitar enganos nos câmbios.

Hugo escutava os preparativos com a tranquilidade de saber que o seu guia tinha tudo previsto, acostumado a viver entre caravanas e a enfrentar as longas travessias pelo deserto. No entanto, a sua preocupação manter-se-ia latente até conhecerem o resultado do requerimento.

Quando chegaram à alcáçova e depois ao escritório da alfândega, não havia tanta gente como na vez anterior, o que significou um primeiro alívio. De facto, uma hora mais tarde estavam a ser chamados.

– Podeis sentar-vos. – Dessa vez Abu ben Mussaf não evitou o contacto visual, ainda que a sua expressão neutra não ajudasse a adivinhar o que lhe ia pela cabeça. Mandou o seu ajudante buscar o documento que lhes respeitava.

Durante a espera, os seus olhares cruzaram em mais de uma ocasião para aumentar o nervosismo dos solicitantes, porque as expressões do funcionário passavam do sorriso ácido ao franzir do sobrolho como se sentisse afectado, até terminarem em suspiros cheios de fastio. Incapazes de deduzir daqueles gestos alguma pista sobre o seu pensamento, esperaram com o coração na garganta e os maxilares em tensão.

– Finalmente! – exclamou o homem em castelhano quando lhe entregaram o papel. Leu-o em voz baixa, reviu pelo menos três vezes o conteúdo e por fim comunicou-lhes a decisão: – O sultão acedeu ao vosso pedido. Estais com sorte. Graças às recomendações que juntei, não o esqueçais. – Hugo e Azerwan cerraram os punhos num gesto de contido júbilo antes que o funcionário continuasse, a lambar-se de satisfação com o que faltava ler. – Mas a sua conformidade exige certas condições...

Dobrou o papel e fez uma deliberada pausa, como se quisesse ordenar as palavras do modo mais duto possível, ou talvez só para martirizar ainda mais os seus interlocutores.

– Por Alá, acabai de uma vez! – exclamou Azerwan mostrando o seu lado mais abrupto, uma faceta do seu carácter que Hugo aprendera a prever porque era sempre antecedida por três beliscões no queixo. E Azerwan acabava de o fazer.

– Não me levanteis a voz! – disse o funcionário, erguendo um dedo ameaçador.

– Perdoai ao meu amigo. Deveis entender que estamos há muito tempo à espera deste momento e...

– Calai-vos, cristão!

A ordem surgiu num tom tão furioso que o mais prudente era obedecer-lhe, pensaram os dois ao mesmo tempo. Foi o que fizeram, e em poucos segundos as faces do funcionário recuperaram a cor normal.

– Como dizia, o nosso sempre justo e sapientíssimo sultão decidiu pôr-vos duas condições. A primeira, devido ao facto de lhe ter interessado o negócio, foi a sua participação em vinte por cento. Isto significa que, desde o primeiro dinar que ganhades, tereis de reservar-lhe essa parte.

Azerwan adivinhou que o sultão não estava a pensar entrar com capital mas apenas em reservar para si uma percentagem do lucro. Competir-lhes-ia a eles comprar as terras e fazer o trabalho.

– A segunda tem a ver convosco – continuou o funcionário, dirigindo-se a Hugo. – O sultão atendeu à recomendação que juntei ao vosso pedido para que a salina nunca ficasse em nome de um estrangeiro, e menos ainda de um castelhano. – Sorriu com um olhar cáustico. – E tanto gostou da ideia que no seu ditame se explicita que no título de propriedade dessa mina de sal só pode constar um nome – olhou para Azerwan –, o vosso. Bem, e o do sultão também, claro, nessa pequena percentagem que referi na primeira condição. Vedes algum inconveniente, ou passamos adiante?

Hugo estava furioso. Acabavam de eliminá-lo com um traço de pena e aquele indivíduo ainda tinha o descaramento de perguntar se viam algum inconveniente. Bufou, cerrou os dentes, contou até dez a conter a vontade de se pôr de pé e estrangulá-lo ali. Azerwan apercebeu-se disto e antes que Hugo protestasse em voz alta respondeu pelos dois.

– Adiante.

Hugo trespassou-o com o olhar, mas ficou calado.

– Perfeito, então. – Abu ben Mussaf bateu com as mãos nos joelhos. – O meu ajudante vai redigir o acordado com a autorização necessária para que possais vender sal fora do sultanato. Resolvido tudo o anterior, já só resta o último: os meus duzentos dinares. Ainda que se desejardes darmos em dobras, também não me importo.



Uma hora mais tarde e de volta ao caravançarai, Azerwan tentava aplacar a indignação de Hugo justificando a sua decisão. Para ele não havia acordo assinado que valesse mais do que a sua palavra, e seriam sempre parceiros iguais no negócio. Mas para o que não encontrava argumentos era para a enorme quantia que lhes tinha custado: incluindo as cem de Enzo, já tinham gastado mil e seiscentas dobras das duas mil de que dispunham. Com as quatrocentas que lhes restavam teriam de fazer face a uma infinidade de despesas imprescindíveis para explorar a mina, o que os deixava com um mínimo para viver até receberem os primeiros lucros. Mas além daquela séria contrariedade, a posição de Hugo ficava muito mal parada. Não duvidava de Azerwan, mas quem devia mil e quatrocentas dobras a Don Martín de Soria com o aval de uma herança era ele. Em contrapartida, quase todo o dinheiro fora investido numa mina sem que a sua participação constasse de qualquer papel.

Não revelou estes pensamentos a Azerwan, mas soube-se vulnerável.

A partir daquele momento, o seu futuro ficava nas mãos de um homem que, além dos seus anteriores trabalhos, nunca demonstrara a sua valia nos negócios. A ausência da sua assinatura naquele papel não ia significar um problema entre eles, mas deixava-o desprotegido. Teria de esperar muito tempo para saber se a decisão tinha ou não sido acertada.



Quatro dias mais tarde, Hugo montava pela primeira vez um dromedário, incapaz de encontrar uma posição cómoda. O balançar do corpo para a frente e para trás e da esquerda para a direita, a que achara uma certa graça na primeira légua, tornara-se insuportável. Fechava uma caravana de seis animais, dois com os ajudantes que tinham enfim contratado, o de Azerwan e outros dois carregados com o que tinham comprado.

Vestia um confortável *jebba* branco e calçava umas babuchas castanhas, depois de ter recusado as encarnadas. Parecia mais um habitante daquelas terras ardentes que pisavam, com um sol que a partir do meio da manhã começava a ser um castigo e tendo pela frente um horizonte quase plano.

Os dromedários tinham um caminhar lento sobre a terra seca e pedregosa. Iam sem pressa, como quem não sabe para onde vai mas nem por isso altera o seu empenho. Era assim que ele se sentia. Tinham pela frente muitos dias de

caminho e estava tudo por descobrir, ainda que ver-se num cenário tão diferente da sua Burgos natal estivesse a parecer-lhe interessante.

Tinha consciência de que a sua nova vida começava num lugar inóspito e desconhecido, um destino onde teria de pôr à prova todas as suas capacidades para forjar um futuro, ao contrário do que alguns por ali desejavam. A única pena que tinha era fazê-lo demasiado longe de Burgos, o que eliminava qualquer possibilidade de o pai poder abençoar o seu empenho e sentir-se por uma vez orgulhoso dele.

Quando pisaram o verdadeiro deserto, passados já seis dias de viagem, Hugo sentiu uma emoção profunda. Em qualquer direcção para que olhasse só se via areia e nada mais que areia; milhares de dunas que o vento ardente deslocava, conseguindo que os seus serpenteantes perfis moldassem a paisagem numa quantidade infinita de formas. Pensou que não podia haver um espectáculo tão fabuloso como aquele: vida e morte no mesmo lugar.

Tapou-se com o turbante, semicerrou os olhos, e com o olhar posto naquele horizonte tingido de ocres por um sol abrasador, prometeu a si mesmo receber com a melhor disposição tudo o que a vida lhe deparasse, sem por isso deixar de procurar respostas para as suas incertezas.

E decidiu que voltaria a desenhar.

Pintaria aquele mundo de secas solidões, os homens de pele cor de azeitona e olhos de carvão que tinha conhecido desde que estava em África. Pintaria Azerwan, o seu outro irmão, o verdadeiro. E pintaria aquele céu quase translúcido, que por vezes via vibrar em ondas.

Naquele lugar, com um calor sufocante que abafava até a consciência, soube de que cor ia pintar a sua próxima vida: com o branco do sal e as quentes tonalidades da sua profunda amizade com Azerwan.

Capítulo 7

Bruges. Ducado da Borgonha. Maio de 1476

Os dias de Berenguela eram ainda mais amargos do que as noites, mas não só por serem mais compridos. Isso quando conseguia dormir.

Nos últimos oito meses, desde a sua tentativa de fuga com Renata, vivia entre três emoções: a primeira, frustração por ver desbaratados os seus planos; a segunda, rebelião, resultado do enclausuramento a que Damián a tinha sujeitado, e a terceira, a mais dura de todas, resignação, quando se sentira impotente para mudar aquele estado de coisas.

Resignação depois de ter-se perguntado cem vezes para onde poderia ir, se tinha a certeza de que no caso de escolher Burgos seria de imediato devolvida a Bruges, não fosse estragar os planos e negócios do pai ou afectar o bom-nome da família Ibáñez na cidade, além de não ter recebido uma única carta deles desde que vivia em Bruges. E era o mesmo quando pensava em Hugo: também não saberia onde encontrá-lo, com a dor acrescida de ela própria o ter afastado.

De todos os modos, também não tinha quem a ajudasse naquele hipotético empenho. Don Lope mantinha Renata enclausurada, como Damián lhe fizera a ela, e procurar um novo aliado entre as poucas pessoas que a rodeavam, por exemplo entre os criados, fazia-a recordar a experiência com María, a sua dama de companhia.

Sob este estado de resignação, a sua actual existência consistia numa mera sucessão de rotinas sem substância com as quais preenchia as suas horas, embora não fossem as suficientes para deixar de ver-se encerrada numa prisão; sem grades, mas com as mesmas consequências. Um retiro em que o seu único consolo era peludo e terno, caminhava a quatro patas e se chamava *Canelilla*. Naqueles intermináveis meses, *Canelilla* tinha sido o seu confessor, a sua principal companhia, o centro de todo o seu interesse e a fonte do único afecto que recebia.

Mas de todos aqueles factos não tinha sido ela a única afectada.

A sua tentativa de fuga deixara seriamente ferido o orgulho de Damián, ao julgar-se alvo dos jocosos comentários dos seus conhecidos, numa cidade muito cruel face àquele género de notícias. As suas suspeitas viram-se confirmadas pela esposa do regedor, Grundeda, que além da delicada informação que lhe facultava – incluindo nomes e apelidos – o levou a conhecer os seus lençóis, entre os quais a partir de então o esperava com todo o agrado e sem ponta de pudor.

Berenguela, sem o saber, beneficiou disto ao sentir-se menos acossada por um Damián que não deixara de entrar no seu quarto, não obstante a tensão que imperava nas relações entre os dois e de ter feito saltar três vezes a fechadura da porta quando ela tentara evitá-lo. Ante aquele ambiente lamentável e com os ânimos bastante feridos, foi lógico que recebesse com agrado quem mostrasse para com ela amabilidade, interesse e respeito.

Foi o que sentiu quando viu pela primeira vez aquele homem que trabalhava para o marido. Recém-chegado de Burgos, tratou-a como um cavalheiro em todas as ocasiões, e não tardou que ela comesse a esperar as suas ocasionais visitas à Casa da Tartaruga.

E também ele as esperava.

Entraram em Junho e a cidade foi uma explosão de cores. Milhares de flores começaram a adornar varandas, palácios e jardins, e por todo o lado respirava-se vida. Uma vida que surgia aos borbotões em todas as suas formas: na vontade de sair à rua, na alegria dos rostos ou até nas carpas que saltavam nos canais à passagem das barcas, de certeza mais felizes por nadarem em águas mais quentes do que nos meses anteriores. Mas de todas as manifestações possíveis, era sem dúvida o céu que mais ajudava a ver tudo com outras cores, ao pôr de lado o seu manto de nuvens para permitir a passagem do cálido sol.

Aquele homem tornou-se uma grata descoberta para Berenguela, sobretudo quando soube que tinha a intenção de ficar mais alguns meses na cidade por desejo expresso de Damián, para que o ajudasse num qualquer negócio comum. Talvez por isso, ou pela sua insistência em que abandonasse a reclusão em que vivia e saísse para a rua, um dia conseguiu. E fê-lo na companhia dele. Não pediu licença a Damián. Em vez disso, aproveitou uma daquelas tardes em que

ele desaparecia, imaginava que para ir ter com alguma amante, pois já sabia da existência de Grundeda graças à sua nova dama de companhia.

E o passeio foi muito agradável.

O homem tinha mundo, era afável, atraente e, sobretudo, inexcedivelmente correcto e gentil. A sua conversa era agradável, por vezes profunda. E as atenções que tinha com ela iam crescendo à medida que os passeios se tornavam mais frequentes.

Para proteger a reputação de Berenguela – depois de terem ido por três vezes ao mesmo parque, vizinho do Beatério do Vinhedo que ela tão bem conhecia –, um dia ele propôs mudar o cenário dos seus passeios. Além disso, ofereceu-se para ir buscá-la na sua carruagem a dois quarteirões de distância da casa, para não dar lugar a falatórios. Aos criados, ela justificava as saídas como visitas a uma ou outra amiga. E eles ou acreditavam ou guardavam segredo, apiedados da sua dura existência.

Visitaram juntos algumas povoações próximas. E quando já as conheciam todas, descobriram, a sul, uma pequena e escondida lagoa, a vinte minutos a cavalo, que se tornou o seu destino preferido; um recanto cheio de vida onde o risco de serem vistos era mínimo. Berenguela gostava de caminhar pelas margens cobertas de flores, com o agradável concurso de uma temperatura que convidava a deitar-se na erva, sob o reconfortante calor do sol.

Graças a estas novas experiências, Berenguela estava a renascer. E notava-se. De facto, passava meio dia a decidir que roupa vestir, como seria o seu penteado e que jóias usaria, e outro meio a desejar ver chegada a hora de sair.

Até ao momento, isso só acontecia duas tardes por semana, as mesmas que Damián dedicava a Grundeda. Mas chegou o dia em que Berenguela começou a sentir que precisava de mais – mais tempo com ele e mais vezes – e perguntou-se se não estaria a apaixonar-se. Para responder à sua pergunta, tratou de procurar no fundo do coração com o objectivo de estabelecer a verdadeira medida dos seus sentimentos. Foi depois disto que concluiu que não era o amor que a levava a encontrar-se com ele, apesar de todos os dias o fazer com renovada vontade. Os seus motivos tinham muito mais a ver com sentir-se admirada por alguém, respeitada e escutada, além de receber de outro homem algo que o marido não lhe dava havia muito tempo: ternura. Em suma, voltar a gostar de si e de passagem vingar-se de Damián.

No dia em que chegou àquela conclusão o sorriso voltou ao seu rosto e a partir de então todo o seu ser se abriu para ele, sabendo-se mais livre do que antes para receber o que lhe oferecia: cordialidade, confiança, esperança, muita cumplicidade e em mais de uma ocasião até um pouco de sensualidade.

Ele tinha conhecido muitas mulheres na sua vida, tantas que não saberia dizer um número, mas com quase todas ganhara o seu amor pagando. Da mesma classe que Berenguela, só conhecera duas, e graças a elas ficara a saber o que mais apreciavam num homem. Atitudes que agora utilizava com ela, uma mulher deliciosa, sensível e feminina, bela como poucas, mas ao mesmo tempo tão frágil que por vezes tinha medo de que se partisse quando partilhava com ele os seus pesares.

Desde a primeira vez que pusera os pés na casa do patrão em Bruges, o olhar dela tinha-o tocado. Por baixo da suave cor avelã dos seus olhos descobrira uma espessa nuvem de tristeza que mal deixava ver o que havia por trás, e propusera-se averiguá-lo. Durante os primeiros encontros rezeira que Damián o descobrisse, mas quando obtivera dela a cumplicidade suficiente, e sobretudo quando soubera como o marido a tratava, esquecera as cautelas e começara a aumentar a frequência das visitas e sentir cada vez mais vontade de vê-la. Um desejo que dissimulara e doseara com requintado cuidado para não a assustar nem oprimir fosse de que maneira fosse.

Numa daquelas escapadelas conheceram uma enorme praia a poente do porto de Damme, ao qual chegavam todos os navios que comerciavam com Bruges. Deixaram a carruagem à sombra de um pequeno bosque, descalçaram-se e caminharam pela areia até sentirem nos pés a carícia do mar. Percorreram a margem em direcção oeste, batida por grandes ondas que de vez em quando os obrigavam a correr para não se molharem, num agradável passeio que convidava a partilhar confissões.

E fosse pela reconfortante brisa marinha, pelo suave roçar da água na sua pele ou pela agradável companhia, naquela tarde Berenguela sentia-se particularmente bem. Olhou-o de soslaio. Tinha dificuldade em compreender como conseguia aquele homem vencer todas as reservas interiores com que até então se tinha protegido até conquistar a sua confiança absoluta. E embora não fosse a primeira vez que se fazia esta pergunta, chegava sempre à mesma conclusão: tinha a ver com o sincero interesse que mostrava pelos seus assuntos,

ou talvez porque nunca a julgava. Vistas as causas em separado ou todas juntas, a verdade era que aquele homem tinha conseguido que desejasse abrir-lhe o coração. Teria querido falar-lhe de como se sentia desleal para consigo, de como era cobarde, uma pessoa incapaz de reagir em defesa dos seus princípios, de dar o passo necessário para mudar a sua vida. Não o fez; sabia que ele teria protestado, que lhe diria que era muito maior do que ela se julgava, como já dissera outras vezes, sempre tão gentil, tão cavalheiro... Em vez disso, falou-lhe da sua infância. De Burgos, dos pais. Partilharam recordações da cidade, de lugares que ambos conheciam.

– Como é possível que nunca nos tenhamos encontrado? – perguntou Berenguela no instante em que soavam os primeiros trovões num céu que começava a escurecer.

– Talvez porque eu trabalhava no campo e tu eras uma menina. Basta olhar-te para as mãos – disse ele enquanto as tomava entre as suas.

Ela baixou a cabeça, um pouco perturbada, e olhou para as mãos dos dois entrelaçadas. Sentia o calor da pele dele, mas também paz e confiança, como quando os seus olhares se encontravam. Era a mesma paz que facilitara o diálogo entre os dois desde que se conheciam, e que com a passagem de algumas semanas acabara por transformá-lo no amigo a quem podia contar tudo.

E «tudo», para Berenguela, sempre tinha sido Hugo.

Foi assim que ele começou a infiltrar-se naquelas recordações da sua infância e adolescência em Burgos. Falou dele sem mencionar o seu nome: de como estivera apaixonada durante anos pelo seu melhor amigo, do que significara para ela desde menina até à última vez que se tinham visto, das saudades que tinha dele. Não chegou, claro, a confessar que o seu amor continuava indomado, dolorosamente vivo, e que era o verdadeiro motivo da sua dor, não o que o marido lhe fizesse. Mesmo assim, a maneira como se lhe perdia o olhar ao recordá-lo, ou até ao silenciar o seu nome, ou ao chamá-lo amigo revelava o que havia por trás como se o gritasse.

A seu lado, e ainda de mãos entrelaçadas, ele recebeu as suas confidências com enorme frustração e enfado. E mais ainda por julgar conhecer aquele «amigo».

– Vês, Berenguela? Este é um claro exemplo de como o passado nos afasta muitas vezes da felicidade. Tens de começar a esquecer, porque a recordação desse teu jovem amigo a única coisa que consegue agora é não te deixar viver.

Pensa bem. Não te parece que chegou o momento de apagá-lo do teu coração e deixar espaço para outros... sentimentos?

– Talvez tenhas razão.

– Claro que tenho!

– Tens – riu ela.

– Então repete comigo: «Adeus...», e depois diz o seu nome.

Berenguela suspirou. Ia ser agora.

– Hugo. Chamava-se Hugo – disse, confirmando as suspeitas iniciais do companheiro.

Não chegou a dizer-lhe adeus porque nesse instante um gigantesco trovão paralisou a conversa, ao mesmo tempo que começava a chover; uma brutal corrente de água que os deixou desconcertados e sem saber o que fazer. Estavam muito longe da carruagem. E na direcção oposta, para a esquerda, ia meia légua até a umas casas de pescadores que se adivinhavam no horizonte.

Olharam-se, primeiro aturdidos e depois divertidos pela absurda cena. Encharcados da cabeça aos pés, procuraram uma alternativa, que ela acabou por localizar. A pouca distância do sítio onde estavam e já fora da praia viu uma pequena cabana de madeira que parecia albergar uma embarcação. Apontou-a e correram para lá atravessando a praia enquanto sentiam a areia pegar-se-lhes às roupas e aos pés.

Por sorte, a porta não tinha fechadura. No interior da cabana, além de uma barca partida ao meio, só havia um monte de redes num canto, algumas madeiras espalhadas e uma lona bastante deteriorada que talvez tivesse servido em tempos para proteger a embarcação.

Depois daquela rápida inspecção, voltaram a olhar-se, e ante o seu deplorável aspecto romperam ambos a rir. Berenguela tinha o penteado colado à cabeça, como se tivesse desinchado, e os cabelos tapavam-lhe metade da cara. Tinha a roupa encharcada e metade da saia coberta de areia, o que a fazia pesar o dobro. Ele descalçou as botas e despiu o capote sem mangas que lhe cobria o corpo, pousando-o em cima da barca na esperança de que secasse. Desapertou as presilhas do gibão e também o tirou, ficando só com as calças e uma camisa seca. O que permitiu a Berenguela descobrir que conservava uma mais do que aceitável forma física, apesar de dever rondar os cinquenta.

Berenguela teria gostado de imitá-lo, mas só vestia uma saia franzida na cintura e um corpete com decote em bico, debaixo do qual se adivinhava uma camisa transparente, e decidiu continuar como estava para não acabar em trajes menores.

A chuva não parava de cair, mas por sorte o tecto mantinha o interior bastante seco.

– Se não parar de chover vamos ter de sair de todos os modos. Não posso chegar a casa muito de noite... – disse ela, a sentir um arrepio.

A temperatura era amena, mas a sua pele começava a sentir os efeitos da humidade da roupa. Ao vê-la tiritar, ele aproximou-se e abraçou-a sem perguntar, com a intenção de aquecê-la. Berenguela recebeu o abraço com alguma inquietação, mas uma vez que não esperava da parte dele outras intenções, também não se opôs.

– Obrigada, és um cavalheiro.

– Não sabes com que gosto o faço...

Depois daquela confissão, abraçou-a com mais força, mas sem chegar a incomodá-la. Berenguela suspirou, relaxada, olhou-o nos olhos e acabou por apoiar a cabeça no peito dele, onde escutou o acelerado bater do seu coração. Sentia-se segura e o trato dele agradava-lhe. Não queria pensar noutra coisa.

– Se te incomodar por pouco que seja, diz-me de imediato e vou a correr até onde deixámos os cavalos, trago a carruagem até ao mais perto que puder desta cabana e levo-te a casa.

– Não te preocupes, ainda podemos esperar um pouco que a chuva amaine. Agora não te separe de mim.

Ele sentiu um formigueiro interior ao ouvir aquilo e decidiu dar mais um passo, um passo que estava mais do que calculado nos seus planos.

– Gostaria muito de poder beijar-te.

Berenguela estremeceu e hesitou.

– Não sei... Espera... não creio que...

Deixou a frase a meio, a perguntar-se o que fazer e consciente de que aquela relação não estava equilibrada. Se tivera as suas dúvidas de que ele não a visse como uma simples amiga, agora já não eram só suspeitas. Ele acabava de expressá-lo e o seu desejo era evidente.

Num segundo, a sua cabeça foi invadida por um turbilhão de pensamentos que iam e vinham sem a ajudarem a decidir que caminho tomar. Porque embora não partilhasse o mesmo género de atracção, não pudera impedir que entre os dois nascesse um enorme carinho. E nesse sentido, não era estranho sentir uma certa necessidade de afecto, por que não na forma de um beijo? No entanto, perguntava-se se consentir tornaria as coisas melhores ou piores.

– Esquece o que disse... e perdoa-me. – Ante o incómodo silêncio que se instalara, ele recorreu à sua habitual cortesia, ainda que sem perder a esperança de produzir o efeito contrário. – És uma mulher excepcional, única, sensível e feminina, com um grande coração... Mas também és bela por fora. E ao ter-te tão perto, senti-me irresistivelmente atraído por ti. O teu perfume, o contacto do teu corpo... Despertaste os meus instintos, e talvez eu não tenha sabido canalizá-los de uma forma...

Ela tapou-lhe a boca com uma mão.

– Não continues a falar.

– Estou a incomodar-te de verdade, bem vejo – voltou ele a desculpar-se.

– Não, não. Nada... Na realidade, também a mim me apetece esse beijo.

Berenguela pôs a cabeça de lado e ofereceu-lhe os lábios. E ele, depois de estreitá-la entre os braços, pousou neles os seus em busca de uma sensação tão desejada como gostosa. Porque os sentiu quase a arder, carnudos, por fim disponíveis, mal os roçando ao princípio, exercendo depois uma ligeira pressão, quase a deixar passar entre eles uma fina cortina de alento. Ela estremeceu dos pés à cabeça, incapaz de acreditar no que estava a sentir. Por isso não se afastou nem uma polegada dele, sem se importar que começasse a explorar-lhe o interior da boca, a descobrir o sabor da sua língua, a brincar com ela. Aproveitou até ao mais pequeno roçar das suas bocas para exprimir as sensações que aquilo estava a produzir-lhe, e que ele sem dúvida partilhava.

Porque também ela notava os seus tremores.

E assim, com as bocas coladas num longo beijo de amargo terminar, Berenguela explorara limites regra geral alheios a uma simples amizade. E ele sabia que acabava de abrir a primeira porta para a conquista definitiva da sua intimidade.

Não a forçou mais, para não a assustar.

Ainda que o desejasse, e tivesse de refrear as mãos para não lhe percorrerem o corpo, respeitou-a. Sabia que ela precisava de mais tempo, e ia dar-lho. Um passo de cada vez, pensou ao saírem da cabana à procura da carruagem, quando parou de chover. Sabia quando ia acontecer o segundo, porque na sua cabeça já tinha previsto o dia, o lugar e o ambiente necessários.

Uma hora mais tarde, pouco depois de tê-la deixado perto de casa, reflectiu sobre o que estava a acontecer e riu de si. Tinha de reconhecer que na maneira como se comportava com aquela mulher estava a transparecer uma pontinha de romantismo, um sentimento que tinha muito pouco em comum com o seu verdadeiro modo de ser. Porque Policarpo Ruiz, feitor de Don Fernando de Covarrubias, tinha ficado fascinado por Berenguela à primeira vista, e sonhava com conquistar até ao último recanto da sua pele. Aquilo tinha-se transformado no seu formidável desafio pessoal. Tinha consciência de que o seu comportamento podia acarretar sérias consequências na sua relação com Damián, ainda que o visse menos interessado na esposa do que noutras mulheres. Mas tanto podia o desejo e a necessidade de estar com ela que até a prudência ficava para trás.

Ter-se-ia apaixonado por uma mulher pela primeira vez na sua vida?

Não tinha a certeza de ter uma resposta concludente, pois, se na verdade a amava, fazia sentido ansiar possuí-la depois de tê-la ouvido confessar o seu amor por Hugo de Covarrubias?

Capítulo 8

Quastiliya. Ifríquia. Junho de 1476

Mal pisaram a povoação de Quastiliya – ou Castilla na língua de Hugo –, nas margens do lago salgado de Djerid e ainda a mais de seis jornadas daquela que seria a sua nova possessão, Azerwan contou a Hugo uma velha lenda sobre as suas origens. Segundo a lenda, Quastiliya teria sido fundada por uma mulher de pele morena e olhos intensamente azuis, num tempo muito remoto, na época dos primeiros povoadores do deserto.

– Diz-se que foram uns tuaregues que ao atravessarem esta região desabitada encontraram um estranho dromedário branco, um animal de que logo se apossaram ao provarem as suas enormes qualidades. Entre elas, a capacidade de localizar os oásis mais recônditos e desconhecidos, aqueles que nunca ninguém tinha pisado. Mas não era essa a sua única virtude. O animal parecia nunca se cansar. Tinha uma resistência surpreendente, e não gritava a pedir água ou comida. Tantos eram os seus dons que pouco depois de o encontrarem aqueles tuaregues consideraram que se tratava de uma divindade, e a partir de então chamaram-lhe Mehari.

«Com aqueles homens viajava o melhor dos seus guerreiros, um príncipe chamado Amulanek. E este, numa bela noite de céu estrelado e com uma brilhante lua cheia como testemunha, fecundou Mehari. Daquela infame união nasceram, no entanto, duas formosíssimas *huris*...

– O que são as *huris*? – perguntou Hugo enquanto observava duas bonitas jovens vestidas com túnicas azuis que se tinham detido perto deles.

– São as mulheres que vivem no paraíso à espera dos muçulmanos que tenham morrido fiéis ao credo islâmico, para oferecer-lhe todo o tipo de prazeres.

– Ou seja, como a tua Ubayda, mas celestiais? – Fez estalar os dedos para dar a entender que a sua dedução não era fútil. – Espera, não respondas. Gostaria de perguntar-te uma coisa antes. Agora que falamos de mulheres, há já algum

tempo que ando a dar voltas a uma coisa. Não são infiéis às vossas esposas ao desejarem encontrar-se com essas outras mulheres no paraíso?

A pergunta arrastava consigo a lógica de uma visão cristã.

– Não, porque Alá nos dá Ubaydas na terra e *huris* no céu. E portanto não há nenhum mal nisso.

Hugo olhou para ele pouco convencido, mas preferiu ficar a saber o fim da lenda.

– Como dizia, aquelas duas *huris* que nasceram de tão horrendo pecado eram as mulheres mais belas da terra. A que tinha uma pérola na testa, de pele branca e túnica da mesma cor, foi quem fundou a vizinha cidade de Neftá, a sudoeste daquela onde agora estamos. A outra, morena como os odres dos beduínos, mas com uns olhos muito azuis, fundou Quastiliya. Por isso todas as mulheres com que nos cruzamos vestem túnicas azuis, como deves ter reparado.

Sim, aquilo tinha-lhe chamado a atenção. Tanto como aquelas casas brancas em cujo interior fluía a vida e a luz, quando no exterior nada havia senão um horrível calor que só produzia vazio e morte. «Não deixam de ser um reflexo do nosso carácter, Hugo», dissera-lhe uma vez o amigo. «Nós, os beduínos, somos gente de viver para dentro, esperando pouco do que acontece fora.»

Estavam a almoçar à espera de se encontrarem com um homem que ia proporcionar-lhes a equipa necessária para começarem a trabalhar. As salinas que tinham comprado situavam-se demasiado longe daquela cidade, a última antes de se internarem noutro deserto, onde lhes seria impossível encontrar mão-de-obra. Em frente deles estendia-se uma lagoa de mil cores a que chamavam Chott el Djerid. Conforme se olhasse numa ou noutra direcção, por vezes parecia púrpura, outras verde-claro; mas também azul, encarnada, e quase sempre branca. Aquele gigantesco lago era alimentado pelas chuvas de Inverno que lavavam as montanhas levando consigo uma enorme quantidade de sal e outros minerais. Depois, no início da Primavera, devido às altíssimas temperaturas, a água evaporava-se e deixava o produto cristalizado, e consoante o mineral que tivesse arrastado das montanhas, adquiria aquelas cores peculiares.

– No nosso caso, dispostemos de sal de duas proveniências. Um parecido com o que estás a ver, à flor do solo, mais cómodo de recolher mas que nos custará muito mais trabalho. Porque depois é preciso metê-lo em água e aquecê-la para separar os cristais mais puros. Com eles faremos o mesmo que tem vindo a ser

feito desde tempos imemoriais: moldá-los na forma de barras com cinco palmos de comprimento, envoltas depois em esteiras de palha para serem transportadas. É um sal de excelente qualidade e muito bem pago. Mas nas proximidades do sítio onde este lago termina, a muitas léguas daqui – apontou um dedo para sul –, descobri uma mina subterrânea da qual poderemos extrair grandes blocos de sal: um lugar que ninguém conhece.

Anos antes de dar com a mina, Azerwan tinha ouvido falar de umas grandes grutas subterrâneas e brancas a um comerciante de dromedários com o qual de vez em quando partilhava uma caravana. Mas em especial de uma, a ocidente do deserto, de tal tamanho e riqueza que das suas entranhas fora possível construir uma cidade inteira chamada Taghaza. As suas casas eram feitas de blocos de sal em vez de pedra e tijolos de argila. Uma coisa insólita.

Hugo perguntou como poderiam transportar esses tão grandes blocos de sal.

– Com dromedários, não há outra maneira. À primeira vista, estes animais parecem frágeis, mas já os vi carregados até não caber mais uma arroba nos seus alforjes e depois percorrerem cem léguas sem problemas.

Mal tinha acabado de explicar-se quando viu avançar para eles, a passo estugado, um sujeito com uma túnica enrolada até aos joelhos. Quando os alcançou, dobrou-se como um junco, e com as mãos apoiadas nos quadris precisou de alguns segundos para recuperar o fôlego. Ao ver o seu estranho aspecto, Hugo não pôde evitar um sorriso: o homem tinha um nariz enganchado, olhos globulosos e um queixo exageradamente proeminente. Por baixo da *jebba* adivinhava-se um corpo desproporcionado, de ombros estreitos e ancas enormes, e uns pés tão grandes que correspondiam muito pouco à sua pequena estatura.

Azerwan já tinha explicado a Hugo que se tratava de um imã, um pregador sunita, do qual tinha sabido graças a um dos seus conhecidos na cidade, depois de perguntar por alguém que pudesse fornecer-lhes trabalhadores.

– Chamo-me Abdulah, tudo bom que receber-me. – O sujeito falava um estranho castelhano. – Vós precisar dez hómimes, e Abdulah tem.

O seu sorriso revelou a ausência de todos os dentes excepto dois. Sorveu um fio de saliva que estava a escorrer-lhe de um canto da boca e lançou a Azerwan um olhar carregado de animosidade, por saber que se tratava de um sufi.

– Perfeito – disse Hugo. – Podemos vê-los?

– Venho comigo, venho.

Perceberam que queria que o seguissem mais graças aos gestos do que a qualquer outra coisa.

Foram atrás dele por uma estreita viela, subiram uma comprida encosta que parecia não ter fim, e atrás de um muro meio derruído encontraram uma dezena de homens dentro de um curral de ovelhas, como se fossem animais.

– Os hómimes que vos procurando! – proclamou Abdulah, com uma evidente expressão de triunfo.

Hugo e Azerwan entreolharem-se sem quererem acreditar. Depois de uma rápida vista de olhos, dos dez salvavam-se cinco. Dois eram quase crianças, com pouco mais de doze anos. Sentado no chão, e com ar de ir morrer a qualquer momento, havia um velho de idade indeterminada, e mais perto outros dois que no mesmo instante recordaram a Hugo as gárgulas empoleiradas nos telhados da catedral de Burgos, mas não qualquer uma: as mais disformes e horríveis.

– Com certeza não pretendeis que fiquemos com este bando de aleijados – pronunciou-se Azerwan.

– Abdulah ter os melhores hómimes. Não haver outros em Quastiliya. Não desprezas, tu, não...! – O seu rosto contorceu-se numa careta que até fazia medo. Pretendia parecer indignado e estava a conseguir. – Cem dinares por capita, e vossos sempre! Bom fortes! São!

Hugo sussurrou ao ouvido do amigo se não estariam a comprar escravos. Pediu a Azerwan que esclarecesse aquilo na sua língua, para evitar uma má interpretação. Enquanto o fazia, recebeu um olhar directo de um dos homens. Um mais ou menos da sua idade e sem dúvida o que melhor aspecto tinha. Não conseguiu entender que mensagem tentava comunicar-lhe com aqueles seus olhos escuros, mas soube que estava a tentar. Desviou o olhar, um pouco incomodado, e prosseguiu com o resto.

– Abdulah diz que não são escravos. Mas que nesta região e tendo em conta o trabalho que vão fazer, sob temperaturas insuportáveis e em duríssimas condições de vida, é costume pagar essa quantia às famílias como garantia no caso de não voltarem. O que deve ser bastante comum.

Hugo achou o argumento razoável e o preço pedido também não era excessivo. Decidiu-se pelos cinco melhores e assim o fez saber ao tal Abdulah.

– Abdulah não aceito. Não. Abdulah é imã, não tonta, e sabe de negócios.

Entenderam em parte o que dizia, mas não tanto o argumento em que baseava a sua negativa.

Azerwan voltou ao árabe.

– Diz que os dois rapazes e o velho são família daqueles dois – apontou para um par de homens abstraídos pelos desenhos que traçavam na areia, cada um com o seu pau – e que temos de levá-los também.

– E como defende as duas gárgulas com pernas e cabelo?

Azerwan achou a comparação não só adequada, mas também engraçada, e rompeu a rir ante o desconcerto do imã, que não tinha percebido bem o que Hugo dissera. Traduziu-lho, mas evitando a parte cómica.

– Garante-nos que, ali onde os vemos, as suas costas arqueadas se devem ao muito que conseguem carregar, quase como o melhor dromedário.

– Ou pagas todas ou Abdulah leva hómimes, e não procure outras, não haver mais.

As retorcidas palavras do imã foram interrompidas pelo inesperado chamamento à oração de uma mesquita próxima. Azerwan, como os restantes presentes, ajoelhou, aproximou as mãos das orelhas, abençoou Alá e começou a recitar um capítulo do Corão dobrando as costas a intervalos regulares para bater com a testa no chão. Hugo, que os olhava de pé, voltou-se para observar o jovem que lhe tinha lançado aquele olhar de significado incompreensível. Na sua concentração, o outro notou-o e sorriu.

Horas mais tarde soube que se chamava Omar, quando estavam a preparar-se para completar a caravana de dromedários com que se poriam a caminho antes de anoitecer. Disse-lho ele, antes de lhe apresentar os outros nove trabalhadores, um a um. Com os dois que tinham trazido de Tunes, completariam a mão-de-obra com que pretendiam montar o novo negócio.

Antes que o chamamento à oração soasse pela quarta vez naquele dia, Azerwan empurrou com o ventre a corcova do seu dromedário, e, quando este arrancou, os outros seguiram-no. Uma coluna de vinte animais começou a percorrer a margem do lago sulcado por rios vermelhos. Aos seis dromedários em que tinham chegado, tiveram de somar mais dez para os novos trabalhadores, e outros quatro para transportar víveres, ferramentas e mantas para as frias noites do deserto.

Abdulah viu-os partir enquanto contava e recontava o dinheiro que tinha recebido antes de guardá-lo num bolso da *jebba*. Tinha feito negócio. A vida não era fácil para um imã que quase não recebia para comer outros rendimentos além do *zakat*, mas guardou na memória a cara daquele sufi e o lugar para onde ia. Odiava a apostasia e havia muitos anos que lutava contra ela com todas as suas forças: em cada uma das suas prédicas, na denúncia dos seus membros, a combatê-los.

Recitou a abertura do Corão:

– «Em nome de Deus compassivo e misericordioso. Todo o louvor pertence só à divindade, dono e senhor do universo. Sustentador de todos os seres e de todas as formas de vida, que é infinitamente benéfico e misericordioso. Só a ti adoramos. Em ti nos refugiamos. Guia-nos pelo caminho direito, o caminho dos amantes benditos do amado supremo, e não pelos caminhos errantes daqueles que se desviaram desta realidade e daqueles que ainda não conhecem esta realidade...»

Capítulo 9

Hughu Alssahra. Ifríquia. Julho de 1476

Quando não existe qualquer povoação nas imediações, nem caminhos traçados ou uma montanha a que alguém tenha dado um nome, não resta outro remédio senão pensar em como vai chamar-se o lugar onde decidimos viver.

Foi o que aconteceu aos integrantes da caravana formada por vinte dromedários e catorze homens quando chegaram ao seu destino. Um lugar ermo, desabitado e nunca nomeado. Foi Azerwan que remediou isto, e fê-lo como uma forma de desagravo à recusa do sultão em permitir que Hugo figurasse como proprietário. Assim, aquele lugar que se estendia por duas léguas a oeste e seis a sul, a partir dos limites do lago Djerid, acabou por chamar-se Hughu Alssahra, em castelhano, «o deserto de Hugo».

Ergueram seis grandes tendas no único palmeiral da zona, a um quarto de légua do lago. Foi uma sorte, porque o oásis era uma autêntica ilha vegetal com centenas de árvores e arbustos, alimentados por uma generosa torrente subterrânea de água doce, a que conseguiram dar saída através de um poço. Foi esta a primeira tarefa a que se dedicaram, por ser a mais importante se queriam ver assegurada a sua sobrevivência.

Com água suficiente, boa sombra para o descanso e muitas horas de sol por dia para trabalhar, aquele estranho grupo formado por dois rapazinhos, um ancião, duas gárgulas humanas e outros sete sujeitos um pouco mais normais, tratou de distribuir entre si as diferentes tarefas, cumprindo-as bastante melhor do que Hugo e Azerwan tinham esperado. As pequenas mãos dos dois rapazes revelaram-se essenciais para recolher os frágeis cristais de sal que atapetavam o lago seco durante os meses de calor. E também se provou que as costas dos dois corcundas suportavam sem demasiados problemas os grandes blocos de sal que encontraram na base de uma colina, a leste do palmeiral e apenas a cinquenta pés de profundidade: a mina que Azerwan tinha descoberto anos atrás.

O velho, a que todos chamavam Trumaj, o *Seco*, foi o único dos trabalhadores a quem custou arranjar uma ocupação. Até ao dia em que tomou a seu cargo as caçarolas e o lume e dali não saiu.

Quatro semanas depois de chegarem, conseguiram juntar a primeira carga de sal para levar a Quastiliya. Disso encarregar-se-ia Azerwan, com outros dois homens. Uma viagem com um triplo propósito: primeiro, tentaria assinar um acordo de venda com um comerciante europeu que conhecia havia já algum tempo, para desse modo ver garantido um rendimento regular; segundo, abastecerem-se de víveres, difíceis de encontrar no lugar onde residiam, e, por último, tencionava aproveitar a estada para investigar o possível paradeiro de Ubayda. Estava disposto a perguntar por ela a cada viajante com que se cruzasse. Logo se veria se tinha sorte.

Minutos antes de se pôr a caminho, Azerwan foi falar com Hugo. Encontrou-o na sua tenda, sentado num cómodo almofadão, com um desenho nas mãos. O jovem aceitou com agrado a água de coco que lhe ofereceu, mas quase ao mesmo tempo começou a sentir-se pouco à vontade com a sua atitude, entre contemplativa e silenciosa.

– Olhas para mim como se não nos víssemos há dez anos. Aconteceu alguma coisa?

Azerwan estava a pensar que com o tom acobreado que a sua pele adquirira, faltava muito pouco a Hugo para parecer um beduíno.

– Estava a preparar o meu dromedário quando me apercebi de que pouco pudemos falar estas últimas semanas; tem sido só trabalhar e trabalhar. E com o cansaço com que chegamos à noite, nem te perguntei como estás.

– À parte o insuportável calor que faz, estou bem. Nunca teria imaginado em que condições extremas se pode viver no meio do deserto depois do que passámos entre gelos, mas acho que estou a adaptar-me.

– Alegra-me sabê-lo. Irás descobrindo como a dureza do deserto ajuda muito a alma. A sua infinita solidão ajuda-nos a encontrarmo-nos.

Pedi-lhe para ver o que desenhava. Hugo estendeu-lhe o papel, e sem esperar que lho perguntasse explicou-se.

– Não há poentes mais fascinantes do que os que aqui se vêem; são maravilhosos... Estava a tentar reproduzir um deles em contraste com a silhueta

de um dos nossos homens ao cair do dia, quando classificam o sal. Como vês, ainda está a meio.

Azerwan admirou a execução e reconheceu-o uma vez mais, antes de se despedir.

– Se tudo correr como é de esperar, estarei de volta dentro de duas semanas.

– Cá estaremos – sorriu Hugo, consciente das poucas alternativas que o lugar oferecia.

– Queria dizer-te mais uma coisa antes de ir. Devíamos concentrar as recolhas de sal apenas na lagoa, agora que não está alagada, e deixar as extracções na mina para a estação das chuvas. Além disso, ocorreu-me que podíamos construir uma espécie de tanques para acelerar a evaporação da água antes que o lago volte a encher entre Dezembro e Fevereiro. No primeiro tanque conseguiríamos salmoura. E se o ligássemos a mais outros dois ou três, de menor altura, conseguiríamos uma secagem mais rápida. Foi assim que vi fazer nas proximidades de Quastiliya e pareceu-me um sistema bastante acertado.

Hugo assentiu, de acordo, enquanto prometia a si mesmo ter aqueles tanques acabados antes do regresso do amigo.

Foi a isso que se dedicaram em Hughu Alssahra nos dias seguintes, numa rotina perfeita. Levantavam-se cedo, pouco antes de amanhecer, para aproveitar as horas mais amenas do dia. Depois de um frugal pequeno-almoço, composto por uma pasta seca de trigo misturada com leite de uma das dromedárias, carregavam grandes cestas vazias até ao lago. Enquanto uns levantavam com pedras os muros do primeiro tanque e enchiam o interior com mais terra para baixar a altura da água quando esta entrasse, outros iam varrendo as áreas delimitadas de antemão, recolhendo os cristais de sal mais puros.

Era um trabalho duro, com as costas sempre dobradas, a sentir com a passagem das horas que a pele dos dedos começava a gretar por causa do sal, sob um sol de castigo, e sem poderem olhar para mais longe do lugar onde estavam a recolher os cristais, para não ficarem cegos pelo reflexo do sol no salitre.

Ao meio-dia paravam. O sol queimava tanto que apesar de terem todo o corpo coberto por turbantes, túnicas ou *jebbas*, a pele parecia ferver por baixo. Comiam o que Trumaj, o *Seco*, lhes preparava e descansavam nas tendas o resto da tarde, até que quando o Sol começava a pôr-se voltavam ao trabalho, classificando e juntando o produto recolhido em pequenos montículos que

depois transformavam nas barras embrulhadas em esteiras de palha com as quais carregavam os dromedários quando se organizavam as expedições.

Hugo aproveitava aquelas horas de quietude para desenhar, pensar ou conversar com um qualquer voluntário no árabe incipiente que queria praticar. Vinha a fazê-lo com Azerwan desde a partida de Ruão, e agora tentava-o com o mais disposto de todos: Omar.

Omar tinha menos dois anos que Hugo, a bondade escrita no olhar, uma inesgotável capacidade de sacrifício, duas cicatrizes nas faces e uma permanente predisposição para agradar. Trabalhava como ninguém, transmitia uma alegria contagiosa, e apesar de ser objecto do mais cruel julgamento por parte dos companheiros devido à sua invulgar sensibilidade, nunca perdia a boa disposição. Talvez por tudo isto, Hugo gostava da sua companhia. Como estava a acontecer naquela tarde, dez dias depois de Azerwan ter partido com o primeiro carregamento de sal.

– Não te rias de mim – protestou Hugo depois de ter dito uma frase que devia ter ficado muito longe do significado inicial, a julgar pela gargalhada que provocou em Omar.

No seu mau castelhano, Omar explicou-lhe que em vez de «a comida está boa», se tinha enganado numa palavra e dissera «a comida está podre». Repetiu cinco vezes a frase em árabe até se certificar de que Hugo a pronunciava bem. Depois disso, pediu-lhe que dissesse «boas tardes», palavras que já tinha ouvido uma infinidade de vezes. Mas também não lhe saiu bem à primeira.

– Muito mau estudante, *syd*.

Para vergonha de Hugo, Omar começava a fazer-se entender em castelhano, um tanto rudimentar, sem dúvida, mas em comparação muito melhor do que o seu árabe. Estava visto que a sua capacidade de retenção e o empenho que punha em aprender eram superiores aos dele.

– Não sei por que têm uma língua que complica tudo. Palavras com várias formas de plural, outras que só fazem sentido ao escutar o resto da frase, uma língua para rezar, outra para falar... Vais dar comigo em doido!

– Não brusco, *syd*. Nunca. Nós, árabes, sempre tudo suave. Conversa amigável, sempre gostai isso.

– Deixa-te de suave e amigável! – agitou as mãos num gesto de irritação. – Acabou a aula! Vou desenhar.

Pegou numa folha de papel, nos lápis de carvão, e saiu com eles da tenda rumo à orla da lagoa.

Todas as tardes, quando o Sol procurava o céu a oeste, aquele horizonte salgado passava por um inesperado rodopio de cores. De um branco ofuscante à partida, a lagoa seca transformava-se numa espécie de bosque de diminutas sombras projectadas pelas diferentes acumulações salinas. Havia dias em que parecia a Hugo ver naquela imagem um fabuloso escrito cheio de vírgulas e pontos, pontos de interrogação e hífenes, num mar de partículas de sal.

Sentou-se numa rocha que pela forma parecia um cadeirão e, da boa altura que lhe proporcionava, foi varrendo uma vez mais a paisagem com o olhar, sem pressa. Tinha chegado a temer que com o tempo aquele cenário deixasse de surpreendê-lo, dada a sua aparente monotonia, mas não fora assim. De uma maneira inexplicável aquele lugar mostrava todos os dias uma nova cara, um matiz até então inexplorado, uma mudança de vento que mudava tudo, ou a imprevista sombra de uma nuvem solitária, de certeza perdida daquelas outras que frequentavam as terras do Norte.

Sob o efeito daquele silêncio esmagador, memorizou o que naquele momento via. Suspirou, e com um lápis de carvão entre os dedos começou a riscar os primeiros traços no papel, apenas um fragmento daquele estranho mar de cristais. Deixou-se levar pelas caprichosas formas dos minúsculos montículos de sal, jogou com as suas curvas e saliências, e com o reflexo de uma diminuta gota de água que não se evaporara, como se só ela fosse um mar à beira de uns rochosos alcantilados brancos. Hugo desenhava com a boca entreaberta, a sussurrar, a contar a si mesmo o que o papel lhe roubava a cada traço. De vez em quando fechava os olhos para descansar, ou a preparar-se para receber uma nova fonte de inspiração, como se antes de abordá-la tivesse de apagar a anterior. Os músculos do braço com que desenhava acabavam inchados, muito mais visíveis do que durante o seu descanso, depois de os obrigar a trabalhar sob uma grande tensão.

Naqueles momentos adorava a solidão.

Pensava muitas vezes que sem a companhia do silêncio nunca seria capaz de desenhar. Era o seu necessário companheiro de viagem.

Um bater de asas despertou-o deste devaneio criativo.

Ao olhar, Hugo viu pousada sobre uma pedra, perto dele e à sua esquerda, uma ave. Era um gerifalte, um falcão-branco. Como o outro que tinha conhecido no pesqueiro das Terras Novas. A majestosa ave não se perturbou ao sentir-se observada. Nem se mexeu. Os seus olhos negros tinham um brilho límpido e as penas pareciam reflectir a branca superfície do lago. Hugo julgou ver uma certa cumplicidade na sua companhia, e agradeceu-lhe com um sorriso que convidava a uma relação entre os dois. O falcão abriu o bico como se fosse falar, mas só emitiu um grito. Olhou para o homem, abriu as asas e tomou impulso para levantar voo.

Enquanto observava como se ia afastando, viu correr para si um dos rapazes.

– Syd, corra! Grande problema!

Hugo desceu da pedra e correu para o palmeiral sem saber o que tinha acontecido. Quando chegou, viu todos os homens a formar um círculo a fazer grandes gestos com as mãos. No centro daquele círculo estava Omar, caído por terra, com os olhos em alvo e muito pálido. Um dos corcundas explicou:

– Serpente, syd.

Hugo viu dois pontos de sangue num dos tornozelos do jovem e apercebeu-se da gravidade. Ordenou que o levassem para a sua tenda. Uma vez no interior, retirou à pressa tudo o que estava em cima do catre e levantou-o para o deixar em posição perpendicular ao solo. Mandou que colocassem Omar nele. Procurou uma faca afiada e sem perder um segundo fez-lhe um fundo corte na pele, por cima das marcas dos dentes da serpente. O sangue jorrou.

– Há quanto tempo foi mordido?

Lançou a pergunta para o ar.

– Pouco, syd – respondeu o rapaz que o tinha ido chamar.

– Tragam água, preparem muita infusão e cortem um pedaço de pano comprido.

Deu as ordens sem saber se o entendiam até que viu chegar tudo o que tinha pedido. Atou o pano à volta do joelho de Omar, apertando com força, e obrigou-o a beber água. Como o jovem tinha perdido os sentidos, não engolia com facilidade. Hugo insistia uma e outra vez, dando-lhe pequenos goles. Perguntava-se com angústia se teriam chegado a tempo de travar a acção do veneno. Olhou para a ferida e depois para um dos rapazes que o observava.

– Aperta-lhe a perna com as duas mãos e vai empurrando do joelho até ao pé, sem parar.

Quando ao cabo de algum tempo apareceu o velho com a infusão, pediu-lhe que tentasse dar-lha para poder substituir o rapaz no esforço de empurrar para a ferida qualquer resto de veneno. Levantou a túnica até à cintura, atou-a e meteu mãos à obra. Da primeira vez começou pela coxa, passou o joelho e continuou até ao tornozelo, pondo todas as suas forças no movimento. Fê-lo cem vezes, talvez duzentas. Não as contou. Mas continuava a insistir quando, passadas três horas, mandou os outros dormir. Omar continuava sem dar acordo de si, amarrado ao catre para que o seu corpo não escorregasse, com a cabeça tombada para o lado e um fio de respiração. Hugo pensou mais de uma vez que estava a morrer. Sobretudo quando lhe encostava o ouvido ao peito e sentia um bater muito fraco.

Mas não desistiu de tentar tudo.

Continuou com as massagens, a água e as infusões. A dada altura decidiu falar, como se com isso pudesse atraí-lo para este mundo e convencê-lo a deixar o paraíso e as suas belas *huris* para mais tarde.

Contou-lhe a sua vida, os seus problemas em Burgos, a enorme incompreensão da sua família. Explicou-lhe quem eram Berenguela e Obeko, como se caçava baleias nos mares frios do mundo e tudo o que tinha acontecido depois, durante os últimos anos. Falava sem parar, como se Omar estivesse a ouvi-lo e pudesse compreendê-lo, numa tentativa de recuperá-lo para a vida, animando-o a lutar contra o veneno que lhe invadira o corpo.

Bem entrada a madrugada, viu como o corpo do jovem tinha os primeiros espasmos, e sentiu tanta pena dele que se lhe encolheu a alma. Havia mais de seis horas que lutava contra a morte e notava os braços desfeitos de cansaço e o ânimo de rastos. Nada do muito que fizera parecia ter funcionado.

No entanto, superou aquela hora, e mais outra, e por fim Omar abriu os olhos, muito devagar. Soltou um sonoro e longo suspiro, como se com aquele ar, retido durante tanto tempo nos pulmões, expulsasse os últimos restos da venenosa mordedura.

Olhou para Hugo.

Ouviu o que tinha acontecido e soube o tempo que ele passara a tentar reanimá-lo. Alegrou-se por continuar vivo e tentou dizer qualquer coisa. Tinha

os lábios tão secos e colados que não conseguiu.

Hugo chegou-lhe um pouco de água, encantado por tê-lo de volta.

O jovem bebeu um pequeno trago, passou a língua pelos lábios para os humedecer, olhou uma vez mais para o seu *syd* e conseguiu dizer:

– *Shukran*. Obrigado.

Capítulo 10

Bruges. Ducado da Borgonha. Setembro de 1476

Jacob Grosenberg tinha conhecido os vinte meses mais complicados da sua vida.

Em Janeiro do ano anterior, Cris van der Walle, o seu banqueiro, exigira, de um dia para o outro e sem um motivo justificado, a devolução antecipada do crédito com que suportava o seu negócio. O comerciante burgalês, Damián de Covarrubias, tinha enriquecido à custa de comprar-lhe por um preço ridículo e com urgência trezentas sacas da sua melhor lã, que tinha vendido para poder fazer face a algumas das dívidas mais prementes. E o seu pior inimigo comercial, Edgar Hossner, acabara por ficar com aquela lã e fora o principal beneficiário do funesto imbróglio.

E tudo isto tinha acontecido em menos de um mês, naquele fatídico Janeiro.

Porque a partir de então tinham chegado as consequências.

Ao não poder satisfazer as encomendas dos seus clientes, também não pudera cuidar dos mais importantes, pelo que começara a receber queixas de Paris, tivera uma séria reclamação do ultrapoderoso comerciante veneziano Barbieri e seis anulações de contrato das suas melhores contas romanas. O desastre adquirira dimensões tais que entre os que tinham jurado nunca mais voltar a comprar-lhe fosse o que fosse encontrava-se um dos seus primeiros clientes, o mais leal até então, a família Puig de Barcelona.

Das suas cinco oficinas tivera de encerrar três, e as outras duas continuaram a trabalhar a meia produção. Apesar de todos estes gravíssimos factos, o seu pesadelo não terminara ali. Ainda piorara mais quando se soubera do descrédito que o seu apelido começava a ter no mercado europeu de tecidos devido aos reiterados incumprimentos. As consequências para as suas finanças foram insuportáveis, tanto que só em meados de 1476 começara a ultrapassar a nefasta situação graças à sua tenacidade, ao seu amor-próprio e sobretudo à ajuda do clã

familiar Grosenberg. Porque fora um dos seus primos, consciente dos injustos golpes que o destino lhe tinha desferido, que decidira avalizar com os seus bens as compras de lã para o ano em curso. Deste modo, em Junho pudera comprar velos da campanha anterior mas de excelente qualidade, com os quais tinha voltado a pôr em marcha as suas máquinas. E em Julho conseguira lã nova.

Passara o Verão a percorrer meia Europa com um único objectivo: recuperar a confiança dos seus clientes. Tinha visitado Roma, Milão, Colónia e Paris. Já perto do fim de Agosto, regressara a Antuérpia com a carteira cheia de encomendas e o ânimo bastante restaurado. Iniciado o mês de Setembro e com o negócio bem encaminhado, Jacob Grosenberg soube que chegara o momento de agir contra os culpados pelo seu descalabro. Já em Maio enviara dois homens da sua confiança: um a Bruges para espiar o comerciante burgalês e outro a Gante para que seguisse Edgar Hossner. Deste último não descobrira nada que o pudesse prejudicar, mas do outro sim. Damián de Covarrubias era infiel à mulher. E esta pagava-lhe possivelmente na mesma moeda, pois tinha-a visto muitas vezes com outro homem, ainda que não tivesse provas. De todos os modos, resolveu tirar partido da turbulenta descoberta, mas sobretudo da doentia ambição que o castelhano provara ter. E como cada doença exige o seu remédio, pensou que para vingar-se dele tinha primeiro de aumentar-lhe o orgulho como comerciante.

Por isso, quando no fim do mês de Setembro chegou a Bruges, não o incomodou a chuva torrencial que inundava as ruas, nem ver a cidade quase deserta por causa de um desagradável vendaval, porque só pensar na ideia que ia pôr em prática bastava para lhe alegrar a existência.

Durante o trajecto pelas ruas, cada vez que abandonava a protecção das casas e enfrentava a intempérie, nas zonas mais despejadas de edifícios, os fechos que prendiam a lona da carruagem à armação rangiam como se não fossem capazes de resistir à força do vento. Bruges não era uma cidade difícil para alguém se orientar, mas depois de reconhecer pela terceira vez a praça que estava a atravessar, mandou o cocheiro parar.

– Apeia-te e pergunta em qualquer dessas casas. Em alguma te hão-de abrir a porta – disse, e apontou um grupo de seis casas à sua direita.

Enquanto esperava, com o intenso matraquear da chuva no tejadilho e uma desagradável sensação de humidade por todo o corpo, pareceu-lhe ouvir

aproximar-se uma carruagem. Olhou pela janela. Entre os serpenteantes regueiros de água que escorriam pelo vidro, deformando a visão, avistou uma carruagem puxada por dois grandes cavalos negros. Os seus cascos quebravam o pouco silêncio que a tempestade permitia, e pouco depois teve os dois cavalos a seu lado, a deitar bafo pelas narinas. Como o cocheiro quase parou ao chegar à sua altura, quando as janelas ficaram a par teve ocasião de ver uma mulher de cabelos negros e olhar triste, de lenço na mão a limpar as lágrimas.

Jacob abriu a portinhola da sua carruagem e bateu na da outra, para a deter. A desconcertada ocupante perguntou o que se passava.

O judeu reconheceu o sotaque italiano.

– Perdoai, senhora, procuro a residência de Don Damián de Covarrubias e estou um pouco perdido. Podeis ajudar-me?

Por trás da belíssima mulher apareceu o rosto de outra, quase tão atraente como a primeira, que lhe respondeu.

– É meu marido e é para lá que vamos. Quereis seguir-nos?

– Sois muito amáveis, mas primeiro tenho de recuperar o meu cocheiro.

Emitiu um forte assobio e o homem voltou-se para eles. Atravessou a praça, pisou todas as poças e saltou para a boleia com grande agilidade. Antes de entrar na carruagem, Grosenberg observou de novo as duas mulheres e perguntou-se que fundos desgostos suportariam para que nos seus olhares viajassem tanta tristeza.



A residência dos Covarrubias erguia-se, imponente, numa pequena praça a que chegaram pouco depois. Quando se detiveram, Jacob correu solícito para ajudar as duas mulheres e protegê-las da chuva com o seu capote.

– Chamo-me Jacob Grosenberg. Com quem tenho o gosto de falar?

Antes de se apear, Berenguela apresentou-se e apresentou Renata, que de imediato se desculpou por não poder acompanhá-los. Jacob despediu-se da italiana com a sua habitual cortesia e esperou que a segunda mulher descesse, estendeu o capote para protegê-la e correram os dois para a porta da casa. Quando entraram, o homem deixou o encharcado capote nas mãos de um criado e ela fez o mesmo com a capa.

– Julgo entender que o meu marido vos espera.

– É o que creio. Solicitei-lhe este encontro há dois dias.

Grosenberg admirou a bela cor dos seus olhos e as covinhas que se lhe formaram nas faces quando esboçou um educado sorriso antes de lhe pedir que a seguisse. Ao entrar no espaçoso gabinete de trabalho, teve o pressentimento de que a mulher sairia mal ele se sentasse, mas não o fez. E ele aproveitou o momento para esclarecer uma dúvida.

– Desculpai-me se pareço um tanto intrometido, mas pareceu-me ver-vos um pouco entristecidas, e perguntei-me se a causa seria alguma desgraça pessoal. Espero que não.

Berenguela, pouco habituada a que alguém além de Renata e Policarpo se interessasse por ela, não se importou de responder, ainda que com a prudência de saber-se diante de um desconhecido.

– Não, não se trata disso. Mas agradeço sinceramente o vosso interesse – disse com um amável sorriso em que Jacob quis ver uma certa aproximação.

– Era o menos que podia fazer.

Berenguela mudou de ideias e decidiu averiguar mais alguma coisa a respeito do visitante.

– Não creio ter-vos ainda visto por aqui, senhor... Grosenberg, dissestes?

– Sim, é esse o meu apelido. E com efeito é esta a primeira vez que venho a vossa casa. Como proprietário de várias oficinas têxteis em Antuérpia, trago a intenção de fazer um acordo com o vosso esposo. As pessoas dizem muito bem dele, e são poucos os que não louvam a sua seriedade nos negócios, algo que para mim é essencial. Por isso aqui estou. Mas não vos conto nada que não saibais – disse, a apalpar o terreno com evidentes intenções.

A careta que Berenguela fez disse-lhe que não estava muito de acordo com a avaliação. Aquele gesto, somado ao que Jacob sabia da deterioração do seu casamento, levou-o a pensar que com um pouco mais de convivência talvez pudesse fazer dela uma aliada.

– Deveis estar orgulhosa do vosso marido – insistiu, com vontade de provocar.

Berenguela hesitou antes de responder a esta pergunta. Nada sabia daquele homem, mas parecia-lhe boa pessoa e sentiu a necessidade de preveni-lo.

– É o meu esposo, claro... Mas por vezes as pessoas comportam-se de um modo diferente quando estão com outros, tende-o presente – sentenciou sem pretender dissimular o sentido das suas palavras. Apesar de nesse instante se

arrepender de as ter dito. – Desculpai-me, tenho de vos deixar. Tenho coisas que fazer.

Estendeu-lhe a mão.

– Terei em conta o que acabais de dizer-me, senhora. Agradeço-vos muito.

Berenguela ia a sair quando se cruzou com o marido, e Jacob foi testemunha do seu olhar de aversão. E de repente ocorreu-lhe uma ideia que talvez pudesse funcionar.

– Senhor Grosenberg, é um prazer receber-vos em minha casa – dizia nesse momento Damián de Covarrubias, avançando para ele.

Apertou a mão a Jacob com alguma prevenção. Desde que tivera conhecimento da sua visita não parara de especular sobre os motivos. Estava consciente de que o homem não podia estar muito satisfeito depois dos acontecimentos do ano anterior. E, além disso, os Covarrubias nunca tinham mantido relações comerciais com aquela família e, ainda por cima, custava-lhe dissimular a sua repulsa pelos judeus.

– Agradeço a vossa amável disposição.

Jacob fez menção de procurar um assento.

– Podeis usar esse cadeirão. – Apontou-o com a mão. – Em que posso ajudar-vos?

Grosenberg deixou passar uns segundos antes de falar.

– Alguma vez trabalhastes com lã egípcia?

Damián negou com a cabeça.

– Vede como é. – Jacob tirou um punhado de velos do bolso do gibão e mostrou-lho. Damián apertou-o entre os dedos, desfiou um pedaço e avaliou a grossura e a qualidade das fibras; foi mais que óbvio que lhe agradara. – Um dos meus melhores clientes romanos falou-me dela. Há poucas semanas conheci um homem que a vende no Egipto, e tive uma grande surpresa.

– Por alguma coisa em especial? – perguntou Damián, sem perceber a que propósito lhe estava a explicar tudo aquilo.

– Por duas coisas: o preço é três vezes mais baixo do que o da lã de ovelha merina, e aquele homem não tem interesse em vendê-la muito mais a norte que Florença. Pelo que a possibilidade de trazê-la do Egipto para Antuérpia está em aberto. Se vos interessar, posso facilitar-vos o contacto egípcio. E, em princípio,

estaria disposto a comprar a carga de seis navios para alimentar as minhas oficinas nos próximos dois ou três meses. Que vos parece?

Damián guardou uns segundos de silêncio, cada vez mais desconcertado.

– Devo confessar que me agrada muito a vossa proposta – disse por fim –, mas também que a recebo com estranheza. Quando no ano passado nos conhecemos, foi óbvio que não vos agradou muito o arranjo a que chegámos, e agora vindes propor-me um interessante e muito lucrativo negócio como se nada tivesse acontecido. Precisaria de alguma explicação da vossa parte antes de vos dar uma opinião. Espero que a minha sinceridade não vos incomode.

– Pelo contrário, agradeço-a. E além disso, compreendo-vos. Não vos escondo que até há pouco tempo cada vez que ouvia o vosso nome ficava doente. Mas antes de mais nada sou um homem de negócios, como vós também sois. E é de negócios que quero falar, não do efeito anímico de afrontas passadas. A verdade é que ganhastes uma pequena fortuna à minha custa e agora pretendo que me compenseis. Não quero enganar-vos.

Damián gostou do facto de não andar com rodeios, tornava-o mais credível. Mas também ele foi claro e perguntou-lhe como.

– Nenhum dos comerciantes que hoje vendem lã em Bruges ou em Antuérpia sabe da existência da lã egípcia, e vós podeis ser o único a vendê-la. Como vos digo, muitos fabricantes tirá-la-iam das vossas mãos, se a pusésseis um pouco mais barata do que a castelhana. Calculai o volume que hoje vendeis e pensai que multiplicaríeis por dois os vossos actuais lucros. – Grosenberg encheu-se de gozo ao ver o interesse no rosto do seu interlocutor. – Mas deveis continuar a perguntar-vos onde está o truque para que vos ofereça tamanhos ganhos em vez de propô-los ao meu actual fornecedor, por exemplo. Estou enganado?

– Não.

– Já ides entender. Dos seis barcos que vos poderia encomendar, não me cobraríeis dois. Esse seria o meu lucro nesta campanha, que se repetiria pelo menos nas três seguintes. E, por outro lado, o motivo que me levou a pensar em vós tem a ver com uma coisa que fiquei a saber pela boca do meu actual banqueiro, que parece estar bem ao corrente da vossa solvência. Diz-se que as coisas vos correm mais do que bem, e isso tem de significar que gozais de uma grande disponibilidade de crédito, o que é necessário para tirar a lã do Egipto, pois lá cobram antes de embarcar. Se estou a falar convosco é porque nem todos

desfrutam dessa vossa capacidade económica, incluindo os que até agora me têm vendido a lã. Como vedes, todos ganhamos, o que sem dúvida favorece que façamos um acordo consistente. Não vos parece?

Apesar de não perder uma palavra, Damián não tinha deixado de pensar na proposta, tanto nas suas objecções como nas vertentes positivas que tinha, e que eram muitas. A premissa básica era que a lã comprada tivesse a mesma qualidade que a da amostra. Porque se isso ficasse assegurado, o seu lucro podia ser estonteante. Calculou o número de navios que podia contratar para cobrir a próxima campanha, e não baixavam de vinte. Os ganhos seriam descomunais.

Olhou para o judeu.

Os argumentos que estava a dar-lhe eram mais do que convincentes. Sabia quanto tinha custado a Grosenberg recuperar o seu prestígio, e deduziu que não se atreveria a pôr isso em risco utilizando lã de pior qualidade nas suas oficinas. Mas faltava decidir uma coisa, uma coisa imaterial; a confiança que ainda não conseguira inspirar-lhe.

– Não nego que a proposta me parece francamente interessante, é verdade. Pode ser uma dessas oportunidades que só acontecem uma vez na vida. Mas talvez por isso, ou por não nos conhecermos muito bem, ainda não estou de todo convencido. Talvez se visse mais algumas sacas dessa lã acabasse por decidir-me.

Grosenberg convidou-o a fazê-lo com o carregamento que ele tinha visto em Roma e Damián gostou da ideia. Não iria ele, e sim Policarpo, que mandaria de imediato, dado que em breve teria de começar a satisfazer as encomendas dos seus clientes, de acordo com as datas combinadas.

– Não se fala mais nisso, avancemos.

Grosenberg ofereceu-lhe a mão enquanto sorria para dentro, já a pensar no passo seguinte; ninguém se ria de um Grosenberg. Quando se preparava para sair, lembrou-se da mulher de Damián, e veio-lhe à cabeça uma ideia que tinha tido antes de se despedir dela.

– Quero felicitar-vos pela vossa maravilhosa esposa. Tive o prazer de vê-la antes de falar convosco e pareceu-me encantadora.

– Obrigado, sois muito amável. É muito formosa, sim.

Damián não percebia ao que vinham aqueles elogios.

– Talvez pareça estranho, mas gostaria de ter uma pequena atenção para com ela para agradecer-lhe a amabilidade com que me recebeu, e também para convosco, como prova da minha vontade de ver estreitada a nossa relação. Suponho que sabeis que nós, os Grosenberg, comerciamos com diamantes desde há várias décadas, e pensei que não existe melhor destinatária do que ela para um deles, engastado num anel. Mas insisto, desde que acheis apropriado e não penseis que a oferta tem outra intenção que não seja ganhar-vos como sócio e amigo.

Damián aceitou a proposta agradecido, enquanto se dizia que talvez aquele judeu não fosse um mau contacto, ao fim e ao cabo.

Capítulo 11

Hughu Alssahra. Ifríquia. Fevereiro de 1477

Depois de ter aguentado seis meses naquele deserto e as extremas condições de vida, com um sol que não dava tréguas e sem o consolo de um único dia de chuva, Hugo sentia-se satisfeito com os resultados obtidos.

Cada mês e meio completavam um envio de sal e deste modo tinham já juntado mil dobras de ouro. Àquele ritmo, Hugo calculava que em menos de ano e meio poderia saldar as dívidas que contraíra junto do irmão e de Martín de Soria, e a partir de então começariam a ganhar dinheiro. Ante tão esperançosas expectativas de negócio, as limitações que sofriam eram bem compensadas conforme crescia a sua satisfação anterior.

Mesmo assim, Hugo era de vez em quando assaltado por certas dúvidas, que o levavam a perguntar-se se não estaria a desperdiçar demasiado tempo naquele lugar tão afastado do resto do mundo, tão isolado. Porque a possibilidade de aprender com aquele mestre de que Azerwan lhe tinha falado continuava a ser uma quimera. Não dispunham de dinheiro suficiente para isso e agora as prioridades eram outras; uma coisa de que não se queixava.

Havia já dois meses que não viviam em tendas e sim numas modestas casas que tinham conseguido erguer usando os blocos de sal que extraíam da mina e da pedra que encontraram nos arredores do oásis. Aproveitavam o regresso das caravanas para trazer madeiras, alguns móveis e tecidos com que faziam lençóis e toalhas. Com a ajuda destes escassos materiais construíram três casas: duas para os trabalhadores e uma para eles, um pouco mais cuidada nos pormenores interiores.

Três semanas antes, no início de Fevereiro, Azerwan tinha deixado o oásis para ir em busca de Ubayda, porque na última viagem encontrara um conhecido que afirmava tê-la visto numa ilha distante chamada Djerba, a leste e a dez dias de jornada do lugar onde viviam. Hugo compreendia, apesar de as ausências do

tunisino não serem boas para ele. Ainda lhe custava comunicar em árabe, e além da pouca convivência com Omar, passava dias inteiros sem falar com ninguém, e isso entristecia-o. Os dias pareciam-lhe eternos. Só desejava que o amigo regressasse para lhe contar os incidentes da viagem, os seus provérbios ou algumas daquelas recordações que tanto gostava de reviver com ele.

Ao contrário do seu sócio, mais acostumado àquela maneira de viver e cheio de esperança e emoção face a um possível reencontro com Ubayda, Hugo não conseguia encontrar a mesma paz. Talvez se devesse à falta de uma mulher como Ubayda na sua vida, pensava por vezes, ou às saudades que tinha de certos episódios da sua existência que agora lhe pareciam tão longínquos como a distância que o separava dos seus protagonistas. Fosse por um motivo ou por outro, o certo era que se deixava invadir por aqueles acessos de insatisfação com alguma regularidade. Ainda que isso não significasse que a decisão que tomara num deserto de gelo nas margens de um oceano cheio de baleias tinha sido errada. O desafio de superar tantas e tantas dificuldades, antes e depois da sua chegada a África, mantinha-se vivo nele.

Mas mesmo assim, não era suficiente.

Faltava-lhe qualquer coisa, como se no seu íntimo houvesse um enorme compartimento vazia de cujo preenchimento dependia sentir-se plenamente feliz.

Pensava e repensava e não conseguia descobrir o que era. A maior parte das vezes quando desenhava em cima da sua rocha, e havia quatro meses na companhia do gerifalte que, sem que compreendesse o motivo, aparecia sempre a meio da tarde e fazia-lhe companhia até ao cair do dia.

Foi Omar quem lhe deu um nome, *Aylal*, que significava «pena branca» na língua antiga do deserto. Hugo gostara tanto que o aceitara de imediato. No entanto, ainda não se tinha atrevido a desenhá-lo. Achava que aquela ave era como uma reprodução viva da liberdade, uma liberdade que temia diminuir se a capturasse numa folha de papel.

A sua relação com *Aylal* era estranha.

Olhavam-se sem se sentirem constrangidos. Mantinham as distâncias, mas mesmo assim sentiam-se próximos. E muitas vezes partilhavam sensações idênticas; por exemplo, quando recebiam o alívio da brisa do anoitecer, que a um entunava as penas e ao outro aplacava o sufoco do dia.

De vez em quando, *Aylal* ausentava-se para voltar com uma pequena serpente ou um pombo entre as garras. Hugo gostava de ver a energia com que devorava as suas vítimas, destroçando-as com o bico. Naqueles instantes, julgava ver no olhar profundo e negro do falcão um esboço de felicidade.

Sempre que ia e vinha, a ave emitia o mesmo som que Hugo interpretava como uma saudação, e fazia o mesmo despedindo-se com o seu nome. Muitos dias, enquanto o observava, pensava que a relação especial entre os dois não era fruto do mero acaso, e sim a única fórmula possível quando duas almas gémeas se encontram num lugar que é alheio a ambas. Porque, segundo Azerwan lhe explicara, aquela espécie de falcão era mais habitual nas regiões frias do Norte da Europa ou das que tinham conhecido com Obeko para lá dos mares. No deserto, as rapaces eram mais pequenas e tinham uma plumagem pardo-acinzentada, com uma ou outra mancha no pescoço e no peito. *Aylal*, pelo contrário, só não era todo branco devido à presença de umas pequenas manchas cinzentas nas asas.

Numa dessas tardes, Hugo resolveu aproximar-se do falcão sem oferecer-lhe nada em troca, desejando apenas a sua proximidade. Ao vê-lo, a ave abriu as asas, fixou o olhar no dele e contraiu as garras, pronta para fugir à mais pequena ameaça. Mas Hugo não era uma ameaça, só desejava descobrir a sua plumagem aveludada e partilhar as suas dúvidas sobre a idoneidade do destino em que ambos se encontravam. *Aylal* não fugiu, estremeceu ao ver aquela mão aproximar-se do seu corpo, e resistiu sem se mover ao contacto desconhecido, quando os dedos de Hugo lhe percorreram com delicadeza o peito e as asas, e depois a cabeça. Tratava-se de uma fêmea. Se antes já adorava aquela ave, ao acariciar a sua plumagem e ao cruzarem os seus olhares a tão curta distância, acabou rendido. E *Aylal* também.

A partir de então, os seus encontros mudaram.

Um dia, Hugo aproximou o braço protegido por um pedaço de pano e o falcão não hesitou em empoleirar-se nele. Depois caminharam juntos pela margem do lago, com um horizonte de água salgada e relações para explorar. Olhavam-se pelo canto dos olhos, sabendo-se companheiros de uma curta viagem que não durava mais de uma hora, ou talvez menos. Sentiam-se à vontade, sem mais nada que fazer do que permanecer algum tempo fundidos na paisagem, entendendo-se melhor, descobrindo o significado de cada gesto que um oferecia ao outro. *Aylal*

não parecia olhar para nada em concreto enquanto caminhavam, mas não era assim: distinguia o mais pequeno movimento no seu horizonte visual, em busca de caça. Hugo notava no braço a mudança de pressão das garras sempre que *Aylal* localizava uma presa. Então parava e deixava-a agir, via como as penas da nuca se eriçavam, como crescia a tensão nos seus músculos e como nos seus olhos surgia um brilho especial.

Até que um dia a viu caçar.

Primeiro *Aylal* ganhou altitude, descrevendo no ar círculos cada vez mais amplos, sem dúvida a ver alguma vítima alapada no chão. E então, num dado momento, mergulhou em voo picado a uma velocidade assombrosa para um ponto próximo do oásis até que, a pouca distância de tocar no solo, saiu de um matagal uma ave de pescoço comprido e corpo cor de areia um pouco mais pequena do que ela. Na sua curta fuga recebeu o violento impacte do falcão, que a fez rolar pela areia. Hugo correu até ao lugar onde se erguia uma pequena nuvem de pó e penas. Ao chegar, viu *Aylal* em cima de uma ave que parecia uma abetarda, a cravar-lhe o bico no pescoço.

Não se intrometeu.

Aylal começou por depenar a presa, olhando para ele de vez em quando, como se quisesse dizer-lhe como era saborosa aquela carne. Hugo viu-a fartar-se de comer, talvez por a peça ser demasiado grande. Mas ali continuou, até só restar uma coxa, que separou do resto do corpo e segurou no bico, sem intenção de a comer. Olhou para Hugo, e quando o Sol lhes enviou os seus últimos raios antes de esconder-se para lá do horizonte, emitiu um grito e levantou voo com a habitual despedida até ao dia seguinte.



Azerwan tardou uma semana mais do que o previsto a voltar, mas não chegou sozinho: trazia consigo uma mulher, e Hugo soube nesse instante de quem se tratava.

Quando entraram no acampamento, produziu-se um imediato rebuliço entre os trabalhadores, tão pouco habituados a uma presença feminina, e menos ainda com aquela formosura. Porque Ubayda era tudo o que Azerwan lhe tinha contado quando navegavam na *Santa Ana*. A pele era de um tom castanho-escuro e o corpo transportava toda a beleza do deserto. Era cálida e terna, com olhos de azeviche e longos cabelos de um negro quase azulado. Mas também

pôde verificar, logo que lhe foi apresentado, que era pura doçura. Recebeu o seu primeiro abraço como os que recordava de Berenguela, tão sentido como caloroso, e sem perceber mais de uma terça parte do que ela dizia, não lhe foi difícil deduzi-lo. Quando se separaram, ela ficou parada a observá-lo. E ele fez o mesmo, no seu caso a admirar-lhe a esbelteza do corpo, o sorriso límpido e cativante.

Depois de conhecer um a um todos os presentes, Ubayda pegou na mão de Hugo e quis ver a casa onde ia viver. Azerwan caminhava à sua direita, tão feliz que parecia dez anos mais novo.

– Por fim tenho-a comigo! Que mais posso pedir à vida? – disse, e passou um braço pelo ombro do amigo.

– Já me contarás o que aconteceu – respondeu Hugo, desejoso de saber todos os pormenores.

– Claro, mas agora é altura de nos conhecermos melhor. Vais ficar encantado.

Aquela casa de sal e madeira deixou Ubayda surpreendida, e de imediato empenhada em melhorá-la. Notava-se que era habitada só por homens e em poucos minutos decidiu que ia ter de transformá-la num lar, e começou a partilhar as suas ideias enquanto percorriam as três divisões. Hugo cedeu-lhes o seu quarto por ser o maior e dispôs-se a recolher os seus parques pertences para passá-los para o contíguo. Ubayda não parava de falar, e embora ele mal a entendesse, a sua voz era tão suave como a brisa do entardecer. Azerwan traduzia de vez em quando.

– Diz que não vai permitir que fiques mais tempo sem uma mulher a teu lado. E também que tem uma prima que é do mais bonito que se tem visto em Ifríquia desde que é Ifríquia, e que podíamos ir buscá-la em breve, para que se fossem conhecendo. E também diz que cuidará de nós os dois até essa altura, que estamos muito fracos e...

Hugo fez um gesto expressivo com a mão.

– Pára. Estás a esgotar-me.

Azerwan riu com tanta vontade que contagiou Ubayda e depois Hugo. Olhavam uns para os outros e não conseguiam parar de rir. Hugo observava-a, agora abraçada a Azerwan, uns segundos mais tarde dobrada sobre si, quase a faltar-lhe a respiração, num ambiente de absoluta familiaridade. E chegou à

conclusão de que o tempo naquele lugar acabava de ser iluminado pela presença e a alegria de Ubayda, e que a partir de então ia correr tudo pelo melhor.

Infelizmente, não seria assim e não tardou a ficar claro; em concreto, quinze dias.

Estavam a trabalhar na construção de uma segunda grua para extrair mais blocos de sal e acelerar os envios quando o drama chegou sem avisar. Uma impetuosa tempestade de areia atingiu-os com tal ferocidade a meio da manhã que em poucos segundos o céu tingiu-se de creme e deixaram de ver-se uns aos outros. A força do vento lançava as finas partículas que trazia em suspensão contra as suas caras, braços e corpos, provocando em todos uma dor intensa. Azerwan, mais habituado àqueles fenómenos, agarrou Hugo por um braço e obrigou-o a estender-se no chão, protegendo-se com as tábuas que tinham sobrado da construção da grua. E assim, meio ocultos debaixo delas, viram como à sua volta a areia começava a invadir tudo. Hugo fechou os olhos e a boca para não sufocar e cerrou os punhos, assustado. Muito pouco tempo depois começou a ter uma sensação de asfixia, ao sentir o peso da areia que ia cobrindo as tábuas. Mas, sobretudo, ao notar que o pequeno espaço pelo qual respirava estava a diminuir pouco a pouco. Agatanhou-o com os dedos para o alargar, mas o resultado foi quase nulo. A tempestade produzia além disso um uivo agudo, quase humano, que gelava o sangue. Sentiu com espanto que aquilo não amainava.

Ouviu Azerwan tossir, o que por um momento o tranquilizou, mas o alívio durou pouco ao notá-lo cada vez mais distante, como se se tivesse erguido entre eles uma grossa parede que neutralizava os sons, quando não estavam a mais de cinco palmos um do outro. Abriu os olhos por um instante para verificar o espaço que lhe restava para respirar e alarmou-se. Voltou a escavar, agora com as duas mãos, para alargá-lo. O esforço não melhorou a situação, pelo contrário, antes a piorou quando puxou toda a areia para a cara.

A angústia começou a torturá-lo. Pensou que se aquilo não parasse em menos de cinco minutos ficaria sem ar e estaria tudo acabado. Tentou abrandar o ritmo da respiração e assim aguentou não cinco mas dez minutos; os últimos dois contendo-a. A areia tinha-o tapado de tal maneira que havia já algum tempo só ouvia os seus arquejos e o lento bater do coração. Fez um último esforço quando lhe parecia impossível aguentar mais, e de súbito sentiu um empurrão no flanco

e um segundo depois umas mãos que tentavam abrir caminho para lhe fazer chegar ar fresco.

Calculou que era o amigo e rezou para que se apressasse, pois cada segundo estava a parecer-lhe uma eternidade. Quando não pôde mais e teve de inspirar, sentiu como o ar lhe chegava carregado de areia, o que de imediato o fez tossir. Nesse instante Azerwan acabou de abrir um espaço pelo qual começou a entrar um pouco de luz. Hugo continuou a tossir até conseguir expulsar o que tinha inalado, enquanto Azerwan tratava de lhe tirar de cima areia e tábuas.

O resultado da tempestade foi um verdadeiro desastre.

Seis dos doze trabalhadores tinham morrido, metade deles enterrada na areia. A má sorte atingiu um dos corcundas e os dois contratados em Tunes. Os três restantes morreram dentro da mina, onde o medo os fizera entrar em busca de refúgio e que acabara por tornar-se a sua sepultura quando a areia tapou a boca do túnel subterrâneo. Trumaj, o *Seco*, tinha como sempre ficado no acampamento, a preparar a comida, dessa vez com a ajuda de Ubayda, e os cinco restantes tinham feito como Azerwan e Hugo. Só graças a isso se tinham salvado.

Durante as horas seguintes, e sob os efeitos de uma imensa dor, praticaram os rituais do islão para a despedida de um falecido. Lavaram os corpos, e depois de secos amortalharam-nos com as túnicas, à falta do tradicional *kaftan*, envolvendo-os da direita para a esquerda. Junto às sepulturas que cavaram fora do oásis, Azerwan assumiu o papel de imã. Colocou-se de frente para as cabeças dos mortos e começou a recitar as quatro orações – a primeira a sura que abre o Corão – intercalando entre elas as exclamações habituais num enterro. Terminadas as orações, depuseram os corpos nas respectivas covas, sobre o lado direito e com a cabeça orientada para Meca. Depois de os cobrirem de terra, colocaram sobre as sepulturas uma grossa camada de pedras, para que os animais não pudessem escavá-las e comer os restos.

Desde o princípio, Omar mostrou-se muito mais afectado do que qualquer dos outros, pois era sobrinho de um dos falecidos. Durante a cerimónia, e apesar de sentir-se desfeito, moderou as suas expressões como era de rigor, e não houve espaventos nem prantos exagerados, como era obrigatório para um bom muçulmano. Mas acabado o funeral, e quando começou a receber os primeiros pêsames, chorou, ansiando o abraço de cada um deles, em particular o de Hugo,

de quem não queria separar-se, mesmo depois de passado um tempo mais do que o normal. A Ubayda – que como mulher não tinha podido assistir ao enterro e os tinha esperado no acampamento – evitou-a deliberadamente, e chegou até a dizer a Hugo que «a tempestade tinha vindo por mão dela», culpando-a em parte pelo dramático acontecimento.

Naquela noite, e apesar de esgotados pelo extenuante dia, Hugo e Azerwan falaram um pouco a sós.

A situação tinha-se complicado muito.

Se não queriam faltar aos seus compromissos, tinham de arranjar mais gente, e depressa. O que obrigava a fazer uma viagem a Quastiliya o mais breve possível para contratar novos trabalhadores e de passagem substituir o velho Trumaj antes que lhes morresse nas mãos de um dia para o outro.

– Não temos blocos de sal suficientes para completar um envio, vais ter de levar menos desta vez.

– O nosso único comprador não vai gostar, mas tentarei aplacá-lo. Terei de ver como o consigo, porque os Barbieri são de temer...

Azerwan ainda não tinha conhecido em pessoa o poderosíssimo veneziano chamado Luccio Barbieri, chefe do clã e um verdadeiro colosso no comércio do sal, uma lucrativa actividade que partilhava com a família Habsburgo. Estas duas famílias, dominavam quase todo o negócio do ouro branco na Europa, com uma grande parte da sua produção, transporte e posterior comercialização, controlando os preços e partilhando o mercado. Quem conhecia era o representante dos Barbieri em Quastiliya, e não era um sujeito de trato simples.

– Terá de compreender, e se não, que venha ver o trabalho que fazemos para os satisfazer – protestou Hugo, consciente da dura penalização no preço que cobriam se não satisfizessem as quantidades contratadas, bem como os prazos de entrega.

– Acredita que vou tentar, mas veremos como reagem.



Bem entrada a noite, Hugo ouviu através da parede do quarto como os dois se amavam; os gemidos de Ubayda e de Azerwan, os rangidos e as palavras que diziam um ao outro enquanto uniam os seus corpos. Sentiu-se constrangido por estas demonstrações. Mas teve de reconhecer que, depois do ambiente de dor e

medo que acabavam de viver, havia quem tentasse compensá-lo amando-se com absoluta intensidade.

Era como se estivessem a pôr um grão de felicidade num armazém cheio de sustos e desgostos.

Um armazém onde ele não encontrava o amor.

Capítulo 12

Bruges. Ducado da Borgonha. Fevereiro de 1477

Damián de Covarrubias sabia que se encontrava à beira da ruína e que pouco podia fazer para evitá-la. Os últimos cinco meses não podiam ter sido mais nefastos para o seu negócio, e cada vez que pensava no judeu Grosenberg atirava pelos ares a primeira coisa que apanhava à mão. Aquele homem tinha-o ludibriado e ele, como um idiota, caíra na armadilha sem o menor cuidado.

Tal como tinham combinado, Policarpo, o seu feitor, viajara até Roma em Setembro para avaliar a qualidade da lã egípcia, verificando dois ou três sacas escolhidas ao acaso, para evitar enganar, e regressara convencido e entusiasmado. Quem podia imaginar que os vinte navios fretados para levar a lã a Bruges iam transportar a pior lã jamais vista em toda a Flandres? Eles não, claro. Mas acontecera.

Ao cabo de várias noites de vigília, Damián deduzira que Policarpo não tinha visto a lã egípcia e sim uma lã merina de excelente qualidade; e nem descartava a hipótese de ser deles, dos Covarrubias. O maldito judeu despejara as sacas de lã boa e voltara a enchê-las com aquela lã péssima, marcando-as com letras egípcias e um selo especial. Como o carregamento vinha bem acondicionado, passaram vários dias antes que recebesse as primeiras queixas. E quando quisera reagir, já tinha dez navios descarregados em Bruges e os restantes a caminho ou prestes a soltar amarras no porto egípcio. Nem Grosenberg aceitara a parte que lhe cabia, alegando que aquela não era a lã que lhe tinha mostrado e encomendado, num alarde de cinismo à prova do mais empedernido dos aldrabões.

Dada a péssima qualidade que estava a entregar-lhes, todos os seus clientes começaram a fazer fila para citá-lo a comparecer ante o Consulado de Mercaderes de Castilla. Alguns exigiram-lhe outras entregas – de melhor qualidade e com importantes descontos – se quisesse conservá-los no futuro. A

maior parte mudou de fornecedor, sem outro benefício do que ficar à espera das indemnizações que com toda a probabilidade iam conseguir na justiça.

O montante do que Damián tinha pagado no Egipto ascendia a vinte e quatro milhões e meio de maravedis, ou o equivalente a cinquenta e seis mil dobras de ouro; uma fortuna incrível que tinha passado de estar nas suas mãos a transformar-se no mais humilhante dos seus fracassos, e que o obrigara ainda por cima a contrair junto do seu banqueiro Cris van der Walle uma dívida de vinte e três mil dobras e tornar-se o alvo de todos os rumores em Bruges.

A péssima lã tinha chegado entre Outubro e Novembro, e o consequente estado de desconcerto mantivera Damián tolhido durante todo o mês de Dezembro. Só em Janeiro começara a tomar as primeiras decisões; entre elas, viajar até Burgos para falar com o pai e o sogro, necessitado como estava da sua ajuda.

Muito ao contrário de Damián, Berenguela tinha vivido aquele episódio com grande alvoroço. Depois de saber quem tinha sido o artífice do engano, aceitara encontrar-se com Jacob Grosenberg e revelara-lhe a profunda comoção em que o marido vivia. Pela maneira como o contou, para ele ficou claro que não o desaprovava; pelo contrário, parecia contente, o que confirmou as suas suspeitas de que naquele casamento os laços não eram de amor e sim de rancores e alguma espécie de conveniência.

Quase a terminar a conversa, Grosenberg perguntou-lhe se tinha recebido de Damián um anel de ouro com um grande diamante, o que ela negou.

– Mas imagino em que mão estará – murmurou, a pensar na tal Grundeda, a esposa do regedor. Não sabia que por aquela altura também já não era ela que o tinha.



Damián partira para Burgos em Fevereiro, e não levava a mulher consigo. Aquilo significara para Berenguela uma enorme frustração, que aprofundou ainda mais a aversão que sentia pelo marido. Entendia os seus medos, porque sabia que se falasse com os pais acabaria por revelar-lhes a verdade a respeito do genro, da mesma maneira que tinha a certeza de que a sua correspondência tinha sido sequestrada desde que estava em Bruges; um facto desesperante, frustrante e impossível de vencer, porque depois das suas reiteradas tentativas de comunicar com a família usando todo o género de meios, incluindo Renata, não conseguira nada. Chegara até a perguntar-se se os pais também estariam a ser

controlados, talvez por alguém às ordens do marido. Porque, não sendo assim, não havia outra explicação.

As últimas léguas que Damián percorreu antes de chegar a Burgos serviram-lhe para justificar os diferentes objectivos que tinham determinado a viagem, pois não só ia ter de admitir a sua nefasta situação económica diante do pai, com a conseguinte humilhação que isso significava, como também ia ter de visitar os seus fornecedores habituais de lã para desculpar-se, depois de tê-los substituído pelos egípcios, se queria que voltassem a vender-lhe. Além disso, sentia-se obrigado a ir ao plenário da Universidad de Mercaderes de Castilla para explicar aos cônsules por que razão lhes chegavam tantas queixas e reclamações de Bruges, com a agravante de a instituição ser presidida por Don Fernando de Covarrubias.

Mas, com tudo isto, o mais importante era conseguir as trinta mil dobras necessárias para voltar a pôr o negócio à tona. Sem elas, estava tudo perdido. Na realidade, passava por uma situação tão penosa que para financiar a viagem a Burgos tivera de visitar na Flandres os seus devedores mais pequenos, indo de porta em porta a reclamar as quantias que lhe deviam, por vezes apenas meia dobra.

Como tinha consciência da enorme quantia que ia pedir, decidiu dividi-la em cinco partes. A maior – na realidade metade das trinta mil dobras – tentaria obtê-la dos seus fornecedores atrasando os pagamentos o mesmo tempo que tardasse a cobrar as sacas vendidas aos clientes, o que podia significar uma demora de seis meses em relação ao que vinha sendo habitual. A outra metade ficava por sua vez dividida em quatro partes: as duas maiores, de seis mil dobras cada uma, corresponderiam ao pai e ao sogro, os quais esperava conseguir convencer. Hugo devia-lhe oitocentas e sessenta e cinco, e para recuperá-las, antes de sair de Bruges, enviara-lhe uma mensagem urgente para a cidade de Quastiliya, para a morada que o irmão lhe dera como contacto. E por fim, as duas mil e poucas que completariam as suas necessidades encontravam-se dentro de um saquinho de feltro, num dos bolsos do capote, sob a forma de um anel.

Grundeda não achara graça nenhuma a desfazer-se dele, tratando-se de uma oferta, mas dada a insistência do amante, acabara por ceder. Damián lembrava-se do nome do joalheiro que fizera o anel de noivado de Berenguela, e a sua oficina era a primeira paragem que tencionava fazer para vender-lhe o de Grosenberg.

Esperava conseguir uma boa maquia, da qual usaria uma pequena parte para custear a sua estada na cidade. Não tinha querido pô-lo à venda em Bruges nem em Antuérpia para evitar rumores e o risco de a sua deteriorada situação económica se tornar do conhecimento público.

Entrou na cidade de Burgos no dia 1 de Março, e a primeira coisa que fez foi dirigir-se à judiaria de Arriba, a mais próxima do castelo. Noutras épocas, aquele bairro tinha sido bastante mais importante em população e influência do que era agora. Mas enquanto percorria a Calle Tenebregosa e depois a de las Armas, tendo deixado para trás a igreja de Santa María la Blanca, continuou a notar o poderio económico dos seus habitantes, por exemplo, na nobre aparência de algumas das suas casas. A do joalheiro era das últimas, quase pegada à muralha do castelo real.

Bateu à porta.

Passados uns intermináveis segundos, esta entreabriu-se e uma mulher de meia-idade e expressão fechada espreitou pela fresta.

– Em que posso servir-vos?

Damián tirou do bolso o anel com o enorme diamante e mostrou-lho.

– Gostaria de vendê-lo, mas se o vosso marido não está posso voltar noutra altura.

A mulher abriu a porta e convidou-o a entrar.

– O meu marido morreu ainda não há dois meses e desde então sou eu que me ocupo do negócio. Entrai e sentai-vos onde vos aprouver. – Apontou várias cadeiras dispostas à volta de uma mesa coberta por um pano de feltro preto e com uma pequena balança. – Vou dar-lhe uma vista de olhos.

Damián sentou-se um tanto afectado, não pela morte recente do homem e sim pela desconfiança; sempre tratara com o marido e não confiava na mulher para fazer a avaliação, mas à falta de melhores alternativas pousou o anel no feltro, e viu como ela o segurava entre os dedos e, com extremo cuidado, tirava a pedra do engaste e a examinava detidamente.

– Estou a ver. Uma talha ovalada... interessante... – Aproximou o diamante da chama de uma vela para verificar a pureza e qualidade do polimento. – Curioso... sim... Deixe-me verificar mais uma coisa.

Damián observava-a sem saber o que pensar.

A mulher levantou-se e dirigiu-se a um canto da sala. Abriu um armário de onde tirou um frasquinho de vidro e um pequeno prato. Quando voltou a sentar-se colocou o grande diamante no prato e pegando numa vareta de vidro deixou escorregar por ela o conteúdo do frasco. Um cheiro desagradável fez Damián inclinar-se para trás.

– Mas que porcaria é essa? Não ireis estragar-me a pedra?

– Ficai descansado, trata-se de vitríolo, um ácido. Se a pedra for boa, não acontecerá nada.

– Acaso duvidais?

Damián teve um mau pressentimento.

– Saberemos dentro de segundos.

O ácido actuou sobre a jóia desfazendo uma parte da sua brilhante superfície, o que significava que não passava de uma falsificação, como afirmou ante o assombro de Damián.

– Quem vo-lo vendeu fez um grande negócio, mas vós um muito mau – disse a mulher, sem a mais pequena vontade de ofender.

Ao ouvir este duro ditame, Damián levantou-se, furioso, largou um chorrilho de impropérios, e a única coisa que a mulher percebeu, além dos palavrões, foi o nome de Grosenberg. Calculou que seria o burlão. Damián deixou a judiaria e dirigiu-se ao centro da cidade fora de si, raivoso por não poder partir a cara ao judeu se naquele momento o tivesse à sua frente. E isso só para começar. A dois quarteirões de casa pensou que se a sua primeira providência em Burgos corresse mal, a que o esperava também não ia ser um passeio quando tivesse de se explicar ao padraсто.

Foi pôr os pés no vestíbulo do palacete familiar e ver a mãe, Doña Urraca, descer a escada aos dois degraus de cada vez, emocionadíssima por saber que o filho tinha chegado. Mais do que abraçá-lo, lançou-se com tanta energia nos seus braços que pouco faltou para acabarem os dois no chão.

– Que alegria tão grande, meu filho! Não sabíamos que vinhas a casa. – As mãos da mãe percorreram-lhe os cabelos, as faces, o queixo e as orelhas, como que a certificar-se de que não estava a sonhar. Olhava-o com a toda a ternura que cabia no seu coração e notou com desgosto a sua evidente magreza. – Onde está Berenguela? – Fez o gesto de procurá-la atrás dele, como se esperasse vê-la

entrar a qualquer momento. – Vai ouvir-me por ter-te deixado chegar a este estado – ameaçou, e esticou-lhe a casaca, comprovando o muito que lhe sobrava.

– Ficou em Bruges. Tenho lá tanto trabalho que não posso ficar muitos dias em Burgos. Pensei que não valia uma tão longa viagem para ela.

– Acabas de chegar e já falas de partir?

Doña Urraca franziu os lábios, zangada.

– Ainda vos cansareis de ver-me, não duvideis.

Deu o braço à mãe e encaminharam-se para o salão principal, depois de ordenar a um criado que lhes servisse uns doces e duas chávenas de chicória.

Durante um pouco mais de duas horas, passaram em revista quase tudo o que acontecera de um lado e do outro das suas vidas separadas. Ela mostrou-se particularmente interessada no futuro dos negócios dele, sem perder a oportunidade de transmitir-lhe o seu protesto por aquilo que considerava uma excessiva demora em fazê-la avó. Damián evitou referir o encontro com Hugo, embora também não esperasse que a mãe mostrasse demasiado interesse em conhecer a sorte do enteado. Quando chegou a altura de confessar a grave situação económica que atravessava, ela não deixou de recriminar-lhe a sua falta de cabeça e zelo. Na realidade, acresceu aos males do filho quando lhe disse que, se vinha pedir dinheiro, pouco poderia esperar do padrasto.

– Continua a enterrar centenas e centenas de dobras nessa caríssima obra que ninguém sabe quando chegará a ser um hospital, e por mais que tente não consigo que recupere a sensatez. Se queres falar com ele, encontrá-lo-ás em Santa María de Gamonal, a ouvir missa com os restantes membros da Universidad de Mercaderes. Sei que depois da celebração litúrgica tencionavam ir almoçar juntos. Se te apressares, ainda o apanhas lá. Grande surpresa vai ter.

Damián não pensou duas vezes. De uma só penada podia tirar de cima dos ombros a incómoda sessão que de todos os modos o esperava com aqueles cônsoles e deputados para justificar a fraude da lã egípcia e a inadiável conversa com o pai. Pediu que lhe selassem um cavalo e, quando o avisaram de que estava pronto, saiu depois de beijar a mãe e combinar com ela continuarem a contar as suas vidas nessa tarde.

Enquanto percorria as ruas da cidade que o tinham visto crescer a partir dos oito anos, embriagou-o a saudade de uns tempos mais fáceis, quando o seu único problema era decidir entre brincar, estudar ou dormir. Agora, com os seus vinte e

três anos recém-cumpridos, ia ter de enfrentar uma humilhante sessão em que seria reprovado, questionado e com toda a certeza vilipendiado. Se a caminho de Burgos não se tinha imaginado cem vezes naquele transe e decidido outras tantas como justificar-se, era porque o tinha sonhado. E para sua desgraça, não fora o que acontecera.



A igreja de Santa María de Gamonal era um templo sóbrio e antigo. Erigido quatro séculos antes, uma vez por ano acolhia no seu interior os vinte e quatro representantes da Universidad de Mercaderes: o prior, dois cônsules e vinte e um deputados, entre os quais se contavam o regedor e os chefes das principais famílias dedicadas ao comércio da lã, para celebrar uma missa de acção de graças pela campanha passada.

Quando espreitou para o interior do templo de uma das suas portas laterais que estava entreaberta, Damián verificou que a cerimónia estava prestes a terminar. Esperou fora, revendo uma vez mais os seus argumentos, consciente de que não eram tão sólidos como gostaria, mas não tinha outros.

O encontro com o pai não foi tão efusivo como teria desejado nem tão difícil como tinha temido. Não, não se abraçaram, ficaram-se por um aperto de mão, e as boas-vindas que o pai lhe deu foram entre o hesitante e o protocolar.

– Fico muito feliz por voltar a ver-te, filho, mas não sabes como lamento que só me cheguem más notícias de ti – disse quando começaram a caminhar atrás do cortejo de deputados a caminho da pousada onde iam almoçar.

Damián encaixou mal o golpe.

– Meu pai, suponho que vos referis àquilo da lã.

– Claro.

– Reconheço o desastre, mas fui alvo de uma terrível trapaça que nem Policarpo, com toda a sua experiência, conseguiu ver.

– Não te escudes com outros! Não é digno!

– De acordo, assumo a minha culpa. Mas quem nos levou até tão perto da ruína foi Grosenberg. Esse judeu de Antuérpia que decerto recordais.

Don Fernando deteve-se, olhou-o nos olhos e quis deixar uma coisa clara.

– Não me incluas nesse «nos levou» porque o único levado foste tu. Se nos afundares, a culpa será só tua, vai-te habituando a essa ideia. E além disso, para minha desgraça, a história dessa maldita lã não foi o teu único fracasso. Nos dois

anos desde que estás em Bruges só perdemos clientes, alguns deles importantíssimos, e não vejo que tenhas conseguido muitos novos. Damián – adoptou um tom de voz mais grave –, ainda não me deste uma única razão para pensar que fiz bem ao confiar-te a responsabilidade da empresa familiar.

Damián não esperava tantos golpes, nem tão duros, naquele primeiro encontro, e para justificar as carências da sua gestão passou ao ataque.

– Confiastes-ma, é verdade, mas o dinheiro continuastes a controlá-lo vós. Tendes de reconhecer que isso não foi muito leal da vossa parte, porque para compensar essa carência económica tive de fazer todo o género de malabarismos, muitas vezes assumindo mais riscos do que os desejáveis, como é o caso que vinha explicar-vos.

Damián tinha consciência de que acabava de ultrapassar um daqueles limites que podem afastar para sempre um pai do seu filho, mas tinha de fazê-lo. E ainda mais face à imperiosa necessidade de obter dele uma parte do dinheiro com que sair daquele atoleiro.

– Ainda bem que o fiz. Se tivesses tido o controlo do dinheiro, a esta hora não nos restava uma única dobra. Lamento, Damián. Estou profundamente decepcionado. Acabo de te dizer que devias assumir as tuas responsabilidades sem procurar culpados e tu continuas a fazê-lo. Ou mudas de atitude, se é que queres continuar a dirigir o negócio, ou obrigas-me a fazê-lo eu e ir instalar-me em Bruges uma temporada, uma coisa que não me apetece nada.

A possibilidade de a presença do pai em Bruges pôr em perigo todas as suas máquinas comerciais começou por revolver-lhe as tripas, e depois as ideias. Ficou aturdido, sem qualquer argumento com que convencê-lo da desnecessidade da medida. De todos os modos, Don Fernando não lhe deu muito tempo para procurá-lo.

– Calculo que vens pedir dinheiro, ou estou enganado? – disse, voltando à carga.

– Não estais enganado.

– Quanto?

– Oito mil dobras. – Decidiu acrescentar às seis mil que lhe tinha atribuído as duas mil que não conseguira pelo diamante. – Mas não vim só por isso. Deduzo que vou ter de me explicar diante da Universidad de Mercaderes, tenciono visitar os nossos melhores fornecedores para pedir-lhes desculpa e assegurar as

compras da nova campanha. E, sobretudo, desejava estar uns dias com a minha família, embora comece a duvidar que tenhais o mesmo desejo.

Don Fernando conhecia demasiado bem o enteado para entrar naquele jogo.

– É demasiado dinheiro.

Coçou o queixo, sem acrescentar mais comentários.

Acabavam de chegar à pousada, e depois de cumprimentarem o proprietário encaminharam-se para a mesa à qual os outros já estavam sentados. Como prior, Don Fernando ocupou a presidência e fez Damián sentar-se à sua direita.

– Dá-lhes a tua explicação e depois veremos – foi a última coisa que disse antes de voltar a atenção para o seu outro vizinho de mesa.

Damián foi cumprimentado pelos mais próximos, mas em todos detectou a mesma expressão de reprovação. Ordenou as suas ideias enquanto começava a ser distribuído o primeiro prato, à espera que o pai lhe cedesse a palavra. Tinha duas opções: desviar a sua culpa em relação aos factos ou assumir a responsabilidade. Influenciado pelo pai, hesitou sobre que caminho escolher até chegar a sua vez.

Don Fernando de Covarrubias anunciou a sua intervenção sem desvalorizar a gravidade das notícias que tinham chegado de Bruges, numa breve exposição dos factos e como preâmbulo ao que o filho tivesse de explicar. Quando Damián tomou a palavra, fez-se um profundo silêncio entre os comensais.

– Por respeito a vossas senhorias, e ao meu pai, aqui presente, não quero ocultar o enorme desastre de que fui o único responsável. Desmereci a confiança que um dia depositou em mim. E só posso explicar o que aconteceu com a minha insensatez e inexperiência, às quais se juntou uma ambição desmedida que acabou por ocasionar uma tão amarga factura.

As suas palavras provocaram um primeiro coro de rumores pouco elogiosos e Don Fernando reclamou silêncio para que pudesse continuar.

– Seria demorado, e talvez aborrecido, pôr-me agora a explicar os pormenores do que aconteceu. Parece-me mais oportuno partilhar com vossas mercês quais foram os meus primeiros passos, já dados, e como pretendo resolver o problema.

– Olhou de soslaio para o pai e pareceu-lhe ver que aprovava o discurso. –

Assumirei todas as reclamações económicas feitas junto do Consulado de Bruges; na realidade, já saldei algumas. Visitei alguns dos comerciantes mais importantes que operam em Bruges para desculpar-me em pessoa, assumindo em

exclusivo o dano que possa ter causado à honorabilidade do conjunto, assunto sobre o qual também aqui peço perdão. Além disso, resolvi fazer uma considerável contribuição financeira para a decoração de uma capela na catedral de Antuérpia, até ao momento sufragada pelo nosso consulado naquela cidade. –

Fez uma curta pausa, passando os olhos pelos presentes. – Por fim, se depois de terdes escutado esta declaração me considerardes merecedor de indulto, desejaria obter de vossas senhorias uma nova oportunidade para continuar a representar o nome de Castela, e o da minha família, juntando-me de novo ao honorável grupo de comerciantes castelhanos que não só prestigiam o nosso reino como também lutam para defender a melhor lã do mundo, a nossa.

Mal acabou de falar, sentou-se à espera das reacções.

Não as houve, pelo menos durante os primeiros segundos, salvo uns tímidos elogios que surgiram do fundo da mesa. Os outros cochichavam entre si para decidir o que fazer. Don Fernando também não falou, mas uma inesperada pressão da sua mão no pulso de Damián significou muito para ele; uma grande alegria que de súbito se viu referendada pelo aplauso de todos os presentes. Sem necessidade de o expressarem por palavras, acabavam por dar como resolvido o assunto. Don Fernando pôs-se de pé, tossicou e sentenciou:

– Damián de Covarrubias, como acabais de verificar, esta Universidade de Comerciantes aceita as vossas desculpas em relação aos graves factos de que vos haveis confessado único responsável. E dá-vos essa nova oportunidade que solicitais. Ficais convocado para comparecer no próximo ano nesta mesma data, depois da tradicional celebração na igreja de Santa María de Gamonal, para nos dizer se cumpristes as vossas promessas. Também vos avisamos, e eu como vosso pai o mesmo faço, que esta será a vossa última oportunidade. – Olhou para o dono da pousada, que se aproximava com um fumegante tacho em cada mão. –

E agora, senhores, chegou a vez do delicioso cordeiro que mestre Facundo nos preparou.



Nessa noite, Damián foi a casa dos sogros para conseguir de Don Sancho as seis mil dobras que lhe tinha atribuído, comentar algumas das novas ideias que tinha e cumprimentar a mãe de Berenguela. Nenhum dos dois entendeu os motivos da ausência da filha. Em especial a mãe, que saiu do salão furiosa, o que

significou que Damián não voltasse a vê-la até que abandonou a casa. Uma coisa que, por outro lado, lhes conveio para poderem falar com mais liberdade.

– Recebi os teus correios com pontualidade – disse Don Sancho, referindo-se às cartas que Damián lhe enviava e em que o punha ao corrente dos negócios que tinham em comum e lhe dava notícias de Berenguela. – Agradecemos-te, porque se fosse pela nossa filha não teríamos sabido nada nestes últimos dois anos. Um doloroso esquecimento para uns pais.

Mal podia Don Sancho imaginar que era o genro quem se encarregava de destruir todas as cartas que Berenguela tentava enviar-lhes, como as que eles lhe tinham escrito. Isso obrigara-o a tornar-se o único porta-voz do casal, entre outros motivos para impedir que tivessem a tentação de viajar até Bruges, preocupados com o inexplicável silêncio da filha.

– Já sabeis como estão as coisas por lá. Temos mais de metade dos clientes dispostos a voltar a comprar, mas ainda temos de pagar mais algumas moléstias – era assim que chamavam à necessidade de investir algum dinheiro neles –, para que voltem a fazer parte do nosso negócio e devolver os lucros ao ponto em que os tínhamos há apenas um ano.

Don Sancho bufou.

– Comportaste-te como um perfeito idiota, Damián. Quem se lembra de fiar-se num judeu? E não me venhas agora explicar os lucros que tivemos quando, para ajudar Edgar Hossner, ganhámos um dinheirão com as lãs de Grosenberg. Devias ter calculado que quando te apareceu meses mais tarde a propor-te um negócio não devia vir com as melhores intenções.

No rosto de Don Sancho não cabia mais fúria.

Damián conhecia demasiado bem o sogro para saber que discutir fosse o que fosse com ele quando as faces dele chegavam ao roxo depois de terem passado o vermelho seria uma imprudência da sua parte. Por isso nem o tentou.

– Não tenho mais desculpas a dar-vos, tendes toda a razão.

– Eu sei, porque parece ter esquecido que se deixei tudo nas tuas mãos foi para que conseguisses multiplicar por dez o meu negócio na Flandres. Mas parece que decidiste meter pelo caminho contrário. – Foi dominado por um acesso de tosse que pareceu parti-lo em dois. Quando se recompôs, voltou à carga. – E agora quem tem de pagar a asneira sou eu. Porque imagino que ao teu pai não conseguiste sacar nada, estando tão mal de dinheiros.

– Desta vez estais enganado. – Explicou como tinha conseguido convencê-lo, mas mentiu na quantia. – Vai dar-me dez mil dobras, muito mais do que vos pedi por carta. Não podeis queixar-vos.

Damián jogou com a eterna rivalidade de Don Sancho para com o pai, e a ideia resultou, porque só por saber que tinha de entrar com menos dinheiro que o compadre, mudou-se-lhe a cara, e o que antes parecia obscuro tornou-se claro, e o impossível viável. Damián desfrutou do seu êxito por dentro. O sogro era um hábil manipulador, mas ele estava a aprender.

– De acordo, dar-te-ei as seis mil dobras que me correspondem, mas não te perdoarei outro erro. Sabes bem o que arriskas. Imagino que te lembras muito bem do que te disse naquele dia, quando fechámos o nosso acordo para passares para mim a maior parte dos clientes do teu pai e tornar-me um dos três comerciantes mais importantes de Bruges e que o apelido Ibáñez alcançasse o prestígio que merece. Em troca, como te disse então, por minha morte herdarás três quartas partes do meu património, desde que cuides bem da minha filha e tenhas descendência com ela. – Deu-lhe uma palmada no ombro de uma forma estranhamente afectuosa, o que apanhou Damián de surpresa. – Por isso não quero receber mais notícias como as que me tens enviado nos últimos tempos. Apostei em ti, pus toda a minha gente à tua disposição, além da minha filha, e dei-te total liberdade de acção, sem me intrometer em como fazes as coisas. Demasiado investimento se não me deres um bom retorno, que por sinal continua sem ter nascido.

Damián entendeu por onde ele ia.

– Perdoai-me se vos pareço demasiado directo, mas não imaginais o muito que temos tentado. Desconheço a razão, mas Berenguela não engravida.

Don Sancho não temperou a resposta.

– Não creio que seja a minha filha a culpada. Todas as mulheres da minha família mostraram ser férteis, e as da família da minha esposa também. Não tenho a mínima dúvida de onde vem a falha.

– Não acredito – disse Damián, saindo em defesa da sua honra.

– E eu insisto. Devias ir a um médico ou a uma curandeira, tanto se me dá. A ver se um ou outra te receitam qualquer coisa que te torne mais homem. Porque suponho que não andarás a desgastar-te com outra? Lembro-te que a minha filha

é sagrada. Ter-ta dado como esposa, para bem dos nossos negócios, não significa que possas faltar-lhe ao respeito.

A sua expressão fechou-se de tal maneira que não restou a mínima dúvida do que aconteceria se soubesse do contrário.

– Os meus princípios são firmes nesse sentido – mentiu Damián. – Descuidai, que isso não acontecerá.

Don Sancho serviu-lhe um cálice de licor.

– Depois de todo este tempo que nos conhecemos, não vais tentar fazer-me querer que a tua honestidade está acima de toda a suspeita. – Damián teve de lhe dar razão, mas não no referente à sua fidelidade conjugal. – Só digo que se um dia tiveres um deslize, como jamais te perdoaria se fizesses sofrer a minha filha, espero que sejas suficientemente discreto para que nunca ela ou nenhum de nós o saibamos. Deves-lhe respeito e a mim também. Estamos entendidos?

– Com certeza.

– Pois então está tudo dito. Recupera os lucros a que tínhamos chegado, desconfia dos judeus e sê melhor amante do que tens sido até agora. Se precisas de alguma ajuda para ganhar fogueira, trata disso. E que seja a última vez que vens pedir-me dinheiro. Como te disse um dia, há já muito tempo, o caminho que as dobras têm de percorrer entre nós os dois, até que caíam finalmente nas tuas mãos, só pode ter um sentido: de Bruges para os meus cofres.



Cinco dias mais tarde, fechados os contratos com os melhores fornecedores e aceite por quase todos a nova forma de pagamento, sob pena de custar-lhe dez por cento mais do que o preço do mercado a lá contratada, Damián abandonou a cidade muito satisfeito e com uma renovada confiança em si mesmo. Tinham resultado as tácticas usadas para convencer uns e outros, e conseguira superar a situação mais extrema que conhecera em toda a sua vida. O que, sem dúvida, o ajudaria a superar muitas outras no futuro. Tanto o pai como o sogro lhe tinham dado uma nova oportunidade, era certo que a última. Mas ia aproveitá-la. Sentia-se com o moral em alta, um vencedor, com muito mais fé nas suas possibilidades.

Chegara a Burgos meio arruinado e agora partia exultante e feliz; era assim que resumia a sua estada naquela cidade.

A única exceção aos êxitos da sua visita a Burgos viajava a seu lado arrastando um monte de dúvidas sobre a oportunidade da sua presença em Bruges. Olhou para ela, suspirou e respondeu à pergunta que fizera:

– Minha mãe, tende paciência porque a viagem vai demorar pelo menos duas semanas.

Capítulo 13

Hughu Alssahra. Ifríquia. Abril de 1477

Havia duas semanas que Ubayda estava sem Azerwan. Ao anoitecer, podia-se vê-la sentada numa duna nos arredores do acampamento, com o olhar posto no horizonte e o coração inquieto, esperando o regresso do seu amado. Por vezes, Hugo fazia-lhe companhia. Mas muitos dias observava a sua silhueta de longe, respeitando o seu desejo de solidão.

Com Azerwan tinham ido os seis sobreviventes da tempestade de areia. Uns para levar os pêsames aos familiares dos falecidos, outros para se encontrarem com os seus ao cabo de tantos meses de ausência. No caso do velho Trumaj, para não voltar e poder passar os últimos anos de vida entre a sua gente.

Na quietude do acampamento, e com a recolha de sal parada até ao regresso da caravana, Hugo desfrutava da fascinante personalidade de uma mulher com a alma mais pura que alguma vez conhecera. Na singular natureza de Ubayda não havia sombra alguma, nem recônditos inacessíveis a quem tentasse conhecê-la, como ele fazia. Era tão transparente como disposta a dar-se aos outros à mais pequena oportunidade. E fazia-o sempre.

Dedicavam as manhãs a tarefas diferentes que os levavam a passar a maior parte do tempo separados. Ela passava a desgastada roupa de trabalho de todos e cozinhava, quando não confeccionava lençóis e cortinas. E Hugo construía nas margens do lago uma nova plataforma de terraços para acelerar a evaporação da água, ou visitava o lugar da mina à procura de um novo sítio onde esconder os dinheiros que ganhavam e evitar qualquer tentação por parte dos trabalhadores. Ao meio-dia juntavam-se para almoçar, e era o que estavam a fazer naquela manhã particularmente quente, já inaugurada a segunda quinzena do mês.

Quando Hugo entrou em casa, encontrou Ubayda a preparar *garum*.

A partir do peixe seco que traziam de Quastiliya – uma vez deixado de molho várias horas, separadas as tripas, as cabeças e as brânquias –, enchia uma tina

com os restos camada a camada, alternando-as com sal. Daquela mistura, depois de mantê-la três dias em repouso, pressionava-se o conteúdo sobre uma cesta de vime e o líquido espremido era deixado ao sol até secar. Os restos que ficavam eram prensados até se obter uma papa. Era isto que Ubayda estava a fazer quando Hugo entrou na cozinha.

– Deixa-me fazer isso – disse, ao ver como suava.

– Todo teu.

Ubayda passou-lhe a vasilha, foi procurar um vaso que continha o mesmo produto já macerado e com a ajuda de um coador filtrou-o para extrair o famoso *garum* com que ia cozinhar.

Hugo começou a pressionar o aromático conteúdo contra o fundo da tina com a ajuda de uma maça de madeira, esmagando espinhas e restos de peixe, enquanto lhe falava dos progressos dos seus trabalhos matinais. Mas Ubayda, naquela manhã, estava com vontade de falar de outras coisas, animada pelo melhor nível de árabe que Hugo já conseguira alcançar. Depois de várias perguntas sem importância, quis que lhe contasse como tinha vivido o seu primeiro encontro com Azerwan. Ele assim fez, com grande cópia de pormenores para satisfação de Ubayda. Mas terminado o relato, e aproveitando aquele momento de intimidades partilhadas, perguntou-lhe como tinha sido no seu caso.

– Foi há oito anos – começou Ubayda. – Também eu percorria o grande deserto ao amparo de uma caravana, mas em vez de sal transportávamos ouro: de Tombuctu para o Egipto, para depois regressarmos ao Mali com livros e centenas de papiros que o nosso rei comprava para enriquecer as suas bibliotecas.

Explicou que o monarca o fazia para o bem do seu povo e com o objectivo de engrandecer a sua cultura. Contou que nessa altura viajava como filha de um alto funcionário real, encarregado das contas e pagamentos da viagem, e que era uma jovem cheia de sonhos por cumprir, que esperava havia muito a chegada do verdadeiro amor, porque o que recebia da parte de um dos soldados que escoltavam a caravana não era o que desejava, por mais que ele estivesse disposto a torná-la sua noiva e andasse até a negociar o dote com o pai.

– Mas num daqueles dias, a nossa caravana cruzou-se com a de Azerwan. Atravessávamos uma região próxima da dele, de onde o teu amigo tinha saído com o mesmo destino que nós: o Cairo.

Interrompeu o relato para diluir uma colher de *garum* em água quente antes de verter o resultado numa marmita posta ao lume, onde tinha a cozer uma talos de couve e alhos-porros partidos aos pedaços. Provou e pareceu-lhe que estava bem de sal. Deitou um fiozinho de azeite, salpicou a superfície com umas pitadas de cominhos, coentros e pimenta, mexeu tudo muito bem antes dar a provar a Hugo. Depois de vê-lo fazer todo o género de gestos de aprovação, retomou a narrativa.

Explicou que entre os frequentadores do deserto era bastante comum juntar caravanas para se defenderem melhor de certas tribos hostis, quando não de bandidos e salteadores. Assim reunidos numa só expedição, viajavam juntos de dia e à noite separavam-se em dois acampamentos.

– Desde o primeiro dia do nosso encontro, invejei as fogueiras que acendiam ao anoitecer e os cantos e risos que vinham do acampamento deles. No nosso recolhíamos às tendas mal acabávamos de cear, e quase não falávamos, de modo que na terceira noite a curiosidade levou a melhor e escapuli-me para ver o que faziam. Caminhei até às imediações da fogueira, mas antes detive-me para olhar, escondida atrás do tronco de uma palmeira. Foi então que o vi. Estava suficientemente perto para ouvir bem o que dizia, mas invisível.

Parou de mexer a marmita, suspirou, e Hugo notou como de repente o seu olhar se perdia nalgum lugar do seu distante passado. Ao ver que se calava, decidiu partilhar com ela uma coisa que o amigo lhe tinha contado.

– Quando estávamos embarcados, Azerwan explicou-me que, naquelas noites no meio de coisa nenhuma, muitos lhe pediam que contasse uma lenda, como os seus antepassados tinham feito mil vezes à luz de fogueiras parecidas. Algumas daquelas histórias eram tão bonitas que só de recordá-las ainda fico com pele de galinha.

Ubayda desceu do seu limbo privado e voltou às recordações.

– Nessa noite, a primeira noite da minha verdadeira vida, ele contava uma história comovedora que ainda recordo. Dizia assim:

«No vale de Kadisha, por onde corre um majestoso rio, encontraram-se duas pequenas correntes de água que iam convergir nele, mas antes de o fazer conversaram. “Como chegaste até aqui”, perguntou uma, “e como foi o teu caminho?”

«A outra respondeu: “O meu caminho foi do mais embaraçoso possível. A roda da azenha partiu-se e o agricultor, que primeiro me fazia cair pelas suas pás para

depois regar os seus cultivos, morreu. E eu tive de mudar, e de descer forcejando e infiltrando-me através da sujidade de novas terras até que reencontrei o meu leite normal. E como foi o teu caminho, minha irmã?”

«“O meu caminho foi diferente”, respondeu a outra corrente. “Desci das colinas entre flores cheirosas e tímidos salgueiros; homens e mulheres bebiam de mim com taças de prata, e as crianças molhavam os pezinhos rosados nas minhas margens, e tudo era risos à volta das minhas doces canções. Que pena que o teu caminho não tenha sido feliz!”

«Nesse momento, o rio para o qual corriam falou com a sua voz poderosa: “Vinde, vinde, iremos para o mar. Vinde, vinde, pois em mim esqueceréis os vossos caminhos errantes, tristes ou alegres. Vinde, vinde. E vós e eu esqueceremos tudo quando alcançarmos o seio da nossa mãe, o mar.”

Ubayda calou-se uns segundos, à espera que o relato assentasse.

– Quando acabei de escutá-lo – disse então, retomando a conversa –, o significado daquela história penetrou de tal maneira no meu íntimo que saí do meu esconderijo e me dirigi sem vergonha para o grupo, sentado em círculo à volta da fogueira. Procurei um espaço entre os homens e sentei-me. Mas só olhei para Azerwan, durante um tempo que não sei quantificar, sem pronunciar uma única palavra, a perscrutar nos seus olhos o que me parecia ter descoberto, a percorrer uma a uma as suas feições. E de repente comecei a chorar de emoção, porque acabava de saber que naquele homem tinha encontrado o único amor que ia ter em toda a minha vida.

«Ele também o soube, porque antes que os outros se levantassem para ir para as suas tendas, disse-me que o esperasse no alto de uma duna vizinha. E eu fui, segura dos meus sentimentos, a sentir-me como a corrente de água de que falava a lenda, a que tinha perdido a sua trajectória habitual para percorrer tortuosos caminhos antes de se unir à outra e alcançarem juntas o mar. – Estendeu os braços, como se quisesse abarcar o horizonte de um oceano imaginário. –

Esperei, como me pediu, enquanto as estrelas brilhavam na noite. E quando veio sentou-se a meu lado, perguntou-me o meu nome, disse-me o seu, pegou-me na mão e fugimos num dromedário, abandonando durante trinta dias as duas caravanas, o nosso passado e qualquer vestígio de sensatez.

Acabou o relato e sentou-se numa cadeira, como que perturbada pelo enorme peso daquela recordação, tão importante para a sua vida que não lhe permitia

continuar de pé mais tempo. Saltava à vista que estava profundamente emocionada e Hugo compreendeu por fim a razão por que todos os dias, ao anoitecer, ia para as dunas esperar o regresso do seu amado.

– Em mim não há nada fora dele – dizia agora Ubayda. – O seu sangue é o meu sangue, sem a sua respiração não vivo. Senti-me desde o primeiro instante tão unida a ele que julguei morrer quando, dias depois de voltarmos às nossas caravanas, me falou da sua vontade de partilhar-me com Alá. Porque eu não era capaz de partir o meu coração em dois, e não entendia que ele o fizesse. Disse-lhe que só tínhamos dois olhos, e se os dele iam olhar com amor infinito para Alá, não poderiam estar dedicados a mim. E eu queria-os por inteiro. Porque inteira me tinha dado a ele. De que outra maneira se pode amar senão assim? –

Fechou os olhos e ficou calada uns segundos, como se estivesse a saborear os seus pensamentos. Quando voltou a abri-los, olhou com tristeza para Hugo. – Por isso tive de deixá-lo, por isso me fui embora.

Hugo deu por conseguida aquela massa de restos de peixe, acrescentou-lhe uns raminhos de orégãos e acabou de misturar tudo muito bem. Sentia no íntimo uma melancolia atroz ante aquela comovente história de amor. Onde iria encontrar essa outra corrente à qual unir-se? Não o disse em voz alta, mas ela adivinhou-o.

– Hugo, sofres por não encontrares a tua mulher, não é verdade?

Aproximou-se tanto de Hugo que ele sentiu o calor da sua respiração. Afastou-se, por respeito.

– Sim. Nunca ninguém me fez sentir o que acabas de contar.

Ubayda pousou uma mão no seu peito, afastou uma madeixa de cabelos que lhe tapava meio olho e olhou-o com a confiança que só se oferece a um ente querido.

– Não duvides de que um dia essa mulher vai aparecer, e quando isso acontecer saberás que é a pessoa certa. – Procurou as mãos de Hugo e apertou-as nas suas. – Nunca sabemos que surpresas nos tem preparado o destino. Compreendo a tua frustração, mas em algum sítio que nem tu nem eu podemos imaginar essa mulher está a preparar-se para se encontrar contigo, para fazer de ti o mais feliz dos homens. Também ela não está consciente de que assim será, mas oxalá sejam as areias do deserto a unir-vos um dia, como me aconteceu a mim. Tens ainda muitas surpresas para viver, muitos mundos para conhecer e muitos gozos para

desfrutar. Espera-os com paz, porque quando chegarem vão revolucionar a tua vida. E eu espero vê-lo.

Hugo respondeu a estas palavras beijando-lhes as mãos com gratidão, com todo o respeito que lhe merecia a mulher do seu amigo.

– Esperarei que assim seja sentado numa duna, como tu fazes; na minha actual vida ou na futura. Quem pode saber?



Depois de saborearem uma deliciosa refeição, voltaram às suas diferentes tarefas; ela dentro de casa, Hugo a desenhar junto ao lago uma estrutura de madeira que tinha imaginado para prensar a salmoura e fazer com ela placas de sal com menos humidade que acabariam de secar ao sol.

A meio da tarde apareceu *Aylal*, mas dessa vez não pousou na pedra habitual e sim no seu braço. Olharam-se, e a ave começou a arrumar as penas com o bico. Hugo observou o que fazia e pareceu-lhe que tinha muitas semelhanças com o que lhe acontecia a ele. Perguntou-se se aquela longa estada no deserto não seria um parêntesis necessário antes de empreender o seu voo definitivo, uma paragem que aproveitaria para pôr em ordem as suas ideias e conhecer-se a si mesmo, tal como *Aylal* fazia com as suas penas. Tivesse ou não razão, a companhia daquela ave compensava muitas das suas solidões interiores.

Estava a acariciar o dorso do falcão quando Ubayda apareceu com duas ofertas que andava havia algum tempo a confeccionar às escondidas: uma luva de couro e um caparão para *Aylal*.

– O meu pai foi um dos maiores falcoeiros de Tombuctu, e por isso na nossa casa havia sempre dezenas de falcões. Aprendi bem pequena a confeccionar algumas peças de couro que se usam com estas aves. Como vês, este caparão tem uma abertura larga para o bico de *Aylal*: impedi-la-á de ver, mas sem danificar a cera, que é essa membrana mole à volta do bico. – Colocou-o na ave, com gestos delicados. – E a luva, a que os peritos chamam *lúa*, talvez seja demasiado rija, mas só tinha à mão a pele daquele dromedário que morreu.

Hugo examinava os dois objectos, impressionado pela sua excelente feitura. Ela explicou que os dedos não estavam cosidos para poder segurar o chamariz e o jesse, a tira de couro que se atava a uma das patas da ave para mantê-la sujeita. Hugo observou que a luva tinha uma dupla camada de couro no sítio onde o falcão devia pousar, para evitar as suas afiadas garras. Além disso, Ubayda tinha

decorado os bordos com um couro mais fino, bordado a fio negro e letras árabes, além de enriquecê-lo com belas gregas e arabescos. Hugo perguntou-lhe o que significavam aquelas palavras.

– «O que observa vê, o que vê medita, o que medita aprende» – respondeu ela.



Hugo saiu a caçar com *Aylal* pousada na sua nova luva e a intenção de conseguir alguma boa peça para a ceia; talvez uma daquelas abetardas. Uma brisa seca levantou as penas do peito da ave no momento em que começou a voar. Em poucos minutos, *Aylal* tinha ganhado uma grande altitude, e começou a desenhar círculos à procura da sua primeira vítima. Passou um bom pedaço antes que se apresentasse uma oportunidade. Mas, quando começava a escurecer, uma perdiz saiu a correr de um grupo de arbustos, a esvoaçar atarantada, depois de se ter mantido escondida ao notar a sombra que a ave de rapina projectava no chão. Hugo olhou para *Aylal*. A ave bateu as asas com força até que de súbito as fechou e se deixou cair na vertical com um silvo agudo. Ganhou tanta velocidade no seu voo que parecia impossível não acabar esmagada na areia, mas, quando a perdiz viu, mudou de direcção e altitude para tentar despistá-la. *Aylal* travou em pleno voo, virou estendendo uma das asas, esticou as garras e chocou com a presa. Caíram as duas no chão. A coragem daquela perdiz ficou patente numa derradeira tentativa de fuga, quando instantes antes parecia meio morta. Retomou o voo, com uma asa aleijada mas com uma energia vinda de um instintivo desejo de sobrevivência. Mas não teve muito êxito, porque em dois segundos *Aylal* assestava-lhe uma bicada mortal na nuca. A perdiz caiu no solo e o seu corpo recebeu o do falcão, e também as primeiras e famintas bicadas.

Hugo correu para ela, arrancou-lhe a perdiz das garras e reservou-lhe uma coxa, pendurando o resto no cinto.

A ave levantou voo e mais uma vez separou-se dele sem olhar para trás.

Talvez no lugar para onde se dirigia houvesse um companheiro a esperá-la disposto a partilhar com ela a noite, depois de lhe ter oferecido uma boa parte do dia, concluiu agradecido.

Capítulo 14

Quastiliya. Ifríquia. Abril de 1477

Na mesquita principal de Quastiliya, o imã Abdulah dirigia a terceira oração do dia, como fazia todas as sextas-feiras, alcandorado num antiquíssimo *minbar* decorado com belos desenhos geométricos, antigas caligrafias e motivos vegetais, de costas para a *quibla*, a parede sagrada orientada para Meca.

Da sala colunada e ajoelhado num chão de tapetes, Azerwan ouvia-o recitar de memória a sura 63, com os seus onze versículos, referida aos hipócritas. O imã tinha-o reconhecido antes de dar início à oração, e talvez por isso não tivesse sido casual a escolha daquela sura em particular. Pelo menos foi o que Azerwan pensou quando o ouviu proclamar, num tom de voz exagerado, o quarto versículo, com os olhos fixos nele.

– «Quando os vemos, admiramos a sua presença. Se dizem alguma coisa, escutamos as suas palavras. São como madeira encostada. Pensam que qualquer grito é contra eles. São eles o inimigo. Tem, pois, cuidado com eles! Que Alá os amaldiçoe! Como se desencaminharam!»

O imã recitou os restantes versículos, detendo-se depois para comentar algumas das suas conclusões sobre as teorias erradas que certos irmãos professavam na fé. Em concreto, os que abraçavam o sufismo e também os xiitas, momento que Azerwan aproveitou para pensar em tudo o que lhe faltava fazer antes de regressar à mina, farto dos ataques verbais a que estava a ser sujeito; como se o Profeta tivesse escrito aquela sura a pensar exclusivamente nele.

No dia anterior tinha-se reunido com o representante do único comprador que tinham, o comerciante veneziano chamado Barbieri que conseguira dominar o mercado europeu do sal em todos os países banhados pelo Mediterrâneo. O homem chamava-se Carlo, e percebia-se que gozasse da confiança do todo-poderoso Barbieri, porque, cada vez que Azerwan conseguia uma pequena

vantagem numa das suas negociações, o outro devia ver em tal perigo o negócio do patrão que de imediato dava a volta aos seus argumentos e acabava sempre por ganhar.

Carlo tinha-lhe pagado mil e novecentas dobras pelas duas últimas entregas. Quantia a que descontou oitocentas e sessenta e cinco depois de ter aberto um correio recebido no seu escritório poucos dias antes e cujo destinatário era Hugo de Covarrubias. Pelos vistos, a missiva, assinada por Damián de Covarrubias, percorrera meia cidade em busca do destinatário e acabou nas mãos do veneziano, que reconheceu naquele nome um dos seus fornecedores de sal.

Apesar daquela inesperada quebra nos seus rendimentos, a quantia cobrada tinha sido muito superior ao que esperavam, dado que o sal vira triplicado o seu valor naquele ano, e sobretudo o que eles entregavam, de especial qualidade. Graças a isso, Azerwan saíra da reunião com mais de mil dobras de ouro. Uma soma que em breve minguardia quando passasse pelo escritório de colecta que o sultão Abumar Uthman tinha aberto em Quastiliya. Fora lá naquele dia para pagar os vinte por cento dos rendimentos tal como tinha sido acordado em Tunes para obter a concessão e as licenças de exploração da mina, e com as oitocentas dobras restantes comprara os primeiros víveres, algumas ferramentas para substituir as que se tinham desgastado, uma vintena de pergaminhos em branco para os desenhos de Hugo e uma bonita saia de seda roxa para Ubayda. Também tinha perguntado pelo mestre Mustafá ibn al-Baitar e tinha decidido visitá-lo naquela tarde, quando acabasse de falar com o antipático imã. Deste último precisava de ajuda para contratar novos trabalhadores para a mina, como já fizera uma vez, e do mestre para poder cumprir a promessa que fizera a Hugo, agora que já dispunham de dinheiro para pagar.

Esperou pelo imã fora da mesquita, bastante depois de todos os fiéis a terem abandonado, mas começou a inquietar-se quando viu sair um homem que tinha na mão um molho de chaves e a intenção evidente de fechar as portas. Perguntou-lhe pelo imã.

– Se vos apressardes, ainda podereis encontrá-lo do outro lado da mesquita; costuma sair pela porta das traseiras.

Azerwan dirigiu-se a correr para o lugar indicado, e graças a isso, mal dobrou a esquina do edifício, identificou a peculiar figura do religioso. Estava a falar com um homem. Esperou que acabassem enquanto avançava para eles. Foi então

que ouviu uma estranha frase de despedida; uma frase que na boca do imã soou particularmente dura.

– Ajam, e façam-no sem a menor clemência!

Quando o religioso ficou sozinho, foi cumprimentá-lo.

– *Salam aleykum*.

– *Wa aleikum salam*. Que vos traz a Quastiliya?

Os globulosos olhos de Abdulah fixavam-no com animosidade.

Azerwan falou-lhe dos terríveis efeitos da tempestade de areia, para a seguir lhe comunicar as suas novas necessidades.

– Pedis-me com urgência sete homens. Estou a ver. – Coçou o enganchado nariz enquanto calculava as possibilidades de atender o pedido. Começou a contar pelos dedos, e parou na primeira mão. – Não vai ser fácil. De momento, só me ocorrem cinco nomes. Mas, dado o perigo que os vossos trabalhos acarretam, como está visto, vai custar-vos mais dinheiro: cento e cinquenta dinares cada um.

Azerwan fez contas de cabeça. Com o que o veneziano lhe tinha pagado, podia cobrir essa quantia, e ainda lhe sobrava algum dinheiro, além do que trouxera consigo. Mas aquilo que o imã pedia era um autêntico roubo. Hesitou pouco; não tinha muitas mais alternativas.

– Posso vê-los?

– Agora?

– Quero partir o mais depressa possível. Pelo que tenho de dizer-vos que sim.

Abdulah pensou a toda a velocidade. Viu, não muito longe do sítio onde se encontrava, o homem com que acabava de falar.

– Segui-me, e apresentar-vos-ei o primeiro.

Correram pelo caminho que o homem levava até que respondeu aos gritos de Abdulah e se deteve à espera. Chamava-se Aos. Tinha uma barba tão comprida que lhe tapava metade do ventre, um olhar duro e uma voz tão rouca que parecia fazer vibrar as pedras quando falava. Azerwan decidiu que não ia encontrar ninguém melhor para o trabalho, pois nunca tinha visto um homem com uma musculatura tão desenvolvida.

Contratou-o sem hesitar.

No que não reparou foi na peculiar relação que Aos tinha com o imã; ignorava que era um dos seus mais leais *mujahedines*, e que como um bom soldado estava

preparado e treinado para cumprir qualquer ordem que Abdulah lhe desse em defesa da verdadeira fé.

Nessa tarde completaram a lista dos outros candidatos; deste vez com melhor presença do que os anteriores, sem corcundas nem rapazinhos como tivera de levar. De todos os modos, estranhou a atitude do imã quando se despediu dele depois de lhe ter pagado. Porque se entre aquelas gentes os acordos se selavam sempre com um aperto de mão, a única coisa que obteve dele foi um mau gesto seguido de uma frase que o deixou bastante inquieto:

– Cada Sol tem o seu ocaso...

Foi um velho que disse a Azerwan onde encontrar Mustafá ibn al-Baitar, ainda que não falasse dele como artista e mestre de pintura e sim como alveitar, «curador de animais». Pela boca daquele homem ficou a saber que Mustafá não era conhecido só pela sua habilidade para a pintura mas também como filho do mais famoso alveitar que houvera em toda a história de Quastiliya, sendo ele um dos mais afamados curadores de dromedários, cavalos e animais em geral de toda a zona.

Não tardaria a vê-lo em acção, pois antes que batesse à porta de Mustafá ibn al-Baitar esta abriu-se para deixar sair o proprietário, que parecia estar cheio de pressa. Se um resumiu em menos de seis palavras ao que vinha, o outro justificou noutras seis a urgência que tinha em visitar um cliente naquele preciso momento.

– Espera-me um dromedário que enlouqueceu – disse. – Acompanhai-me se quereis falar-me pelo caminho.

– Um animal pode enlouquecer?

– Não da maneira como nós os humanos o entendemos, mas sim. Há doenças que transformam o seu comportamento – explicou, enquanto selavam os cavalos.

– Temos de apressar-nos, não dispomos de muito tempo antes de anoitecer.

Depressa deixaram Quastiliya com o Sol a poente e procuraram a margem do lago salgado de Djerid para rumarem a sudoeste em direcção à vizinha cidade de Neftá. Bateram com os calcanhares as ilhargas dos cavalos para acelerarem o passo.

Pelo caminho, Azerwan contou a Mustafá o que o levara até ele, apesar de não perceber muito bem como podia alguém nas suas circunstâncias ensinar fosse

quem fosse. Parecia-lhe assombroso que aquele homem se dedicasse também a desenhar.

– Perdoai se vos pareço demasiado intrometido, mas pergunto-me como dividis o vosso tempo para pintar, ensinar essa disciplina e ao mesmo tempo curar animais. E tudo isto entre o amanhecer e o pôr do Sol.

– Responderei ao que julgo que mais vos importa. O vosso amigo teria de vir ver-me. Dadas as minhas circunstâncias, como vedes, é-me impossível deslocar-me ao lugar onde tendes fixada a vossa residência. E para resolver a vossa segunda dúvida, confesso que não me é fácil dividir o tempo. Mas como as minhas três actividades me apaixonam de igual maneira, costumo encontrar remédio para dedicar-me a tudo.

– Parecem tão diferentes que custa imaginá-las numa só pessoa.

– Tendes razão, mas é possível. Como pintor, exploro o que existe à minha volta, trato de senti-lo como meu e depois ponho a emoção necessária para traduzi-lo num desenho. No resultado final, como vedes, têm de concorrer paixão e método, muito ao contrário do que acontece no tratamento de animais. Com eles precisa-se de método como ajuda no diagnóstico, mas a paixão não é o animal que a põe, e eu também não, aparece pela mão do cliente. Já vereis quando chegarmos – concluiu, com uma gargalhada.

O dromedário, se não estava louco, pouco lhe faltava, pensou Azerwan ao vê-lo correr de um lado para o outro sem parar de agitar a cabeça. À sua direita tinha Mustafá, e colado a ele um homenzinho mais magro do que uma cana e com mais angústia no olhar do que sujidade na roupa, que era muita.

– Foi um dos meus melhores sementais e receio que morra antes de tempo – disse-lhes o proprietário. – Por Alá, fazei-o voltar à razão! Só tem trinta e um anos, um mês, três semanas e dois dias de vida.

Mustafá estudou com atenção os movimentos, o olhar e o aspecto geral do dromedário. Não tinha estranhado a declaração tão exacta da sua idade, ao contrário de Azerwan, que olhava de um para o outro sem perceber nada.

– Não vos dizia há pouco que, quando se trata de curar animais, a paixão são os outros que a põem? – Lançou um olhar cúmplice na direcção do cliente, que acabava de afastar-se deles para ir buscar o animal doente. – Há quem jure a pés juntos que um dromedário só vive trinta e um anos, um mês, três semanas, três dias e três horas. E tanto acreditam nisto que quando um dos seus animais chega

ao dia em que há-de ocorrer a sua suposta morte, têm a certeza de que não voltará do campo. E se volta, decidem que de todos os modos tem as horas contadas.

– Por isso disse que temia uma morte adiantada. Agora compreendo.

– É apenas uma das muitas conjecturas que fazem a respeito dos seus animais. Ainda vereis mais algumas.

O homenzinho, sem que se entendesse aonde ia buscar a força, arrastou o dromedário até ao sítio onde estavam. O animal abanava a cabeça, furioso, quando Mustafá tentou abrir-lhe a boca para verificar o estado das mucosas. O curador assentiu com a cabeça e em seguida apalpou o ventre do dromedário, observou as suas recções e parou para observar como defecava. Pegou num pau, desfez uma das bostas, e deve ter encontrado qualquer coisa que o deixou convencido.

– Mostrai-me o lugar aonde costuma ir comer. Já podeis soltá-lo.

O animal afastou-se aos pulos e aos pinotes, e o proprietário aproveitou para lhes dar o seu diagnóstico particular, baseado na tradição dos mais velhos.

– Esticou o pescoço mais do que o normal, e só fazem isso quando têm vermes nos testículos – declarou.

– Não me parece – respondeu Mustafá. – Vejamos o que comeu.

Num extremo do curral onde o homem guardava os dromedários havia umas pequenas ervas rasteiras de folha verde e peluda. Mustafá apanhou um punhado e esmagou-o entre os dedos. De umas pequeníssimas vagens saíram várias sementes.

– Aqui está o problema! – asseverou, ante a atónita expressão dos seus interlocutores. – Isto é astrágalo. Quando comem uma quantidade excessiva das suas sementes, os animais ficam intoxicados e manifestam-no como faz o vosso neste momento. Levai-o ao lago e obrigai-o a beber toda a água que puder.

Azerwan perguntou por que recomendava aquilo.

– Quando bebem muita água salgada, acabam por ter uma diarreia tão intensa que lhes limpa as tripas dessas sementes tóxicas. Não há melhor solução.

Mesmo assim, o cliente não parecia convencido.

– O meu pai explicou-me que, quando se fartam de beber água do lago, primeiro encolhem-se-lhes os olhos e depois deixam de montar as fêmeas. Ides estragar-mo...

Mustafá riu do comentário, verificou a pouca altura do Sol e animou o companheiro a voltar a Quastiliya sem mais demora, para que a noite não os apanhasse no caminho. Quando, uma hora mais tarde, começaram a avistar as primeiras casas da cidade, Azerwan quis verificar a sua disposição para aceitar Hugo como aluno.

– Se sois tão eficiente como mestre de pintura como quando trabalhais como alveitar, não tenho a mais pequena dúvida de que o meu sócio ficará em boas mãos. Quando o conhecerdes, ides gostar dele. Creio que tem um bom dom para o desenho, mas nunca ninguém o ensinou, e bem sabeis o que diz o provérbio das gentes do deserto: «Alá não impôs aos ignorantes a obrigação de aprender sem antes ter recebido o juramento dos que sabem ensinar.»

Mustafá assentiu, sorridente.

– Conheço-o. De acordo, dissei-lhe para vir no fim do Verão. Se depois de vê-lo trabalhar não encontrar nele capacidade suficiente, dir-vo-lo-ei. Será melhor que se entregue a outras tarefas que não exijam tanta observação, emoção e paixão como a boa pintura. Ide em paz. E recordai o ensinamento de hoje – disse, enquanto apertavam as mãos na despedida. – Se o vosso dromedário apanhar uma barrigada de astrágalo...

– ... esquecer-se-á de trabalhar e de montar as fêmeas, e ficará com uma coceira nos testículos cheios de vermes!

Capítulo 15

Bruges. Ducado da Borgonha. Agosto de 1477

Os únicos refúgios emocionais que mantinham Berenguela viva eram a sua gata *Canelilla*, Policarpo – com quem continuava a partilhar confidências, passeios e um ou outro beijo sempre que ele aparecia em Bruges, duas vezes no último ano –, assistir à missa diária na igreja de la Santa Sangre de Cristo e, sobretudo, Renata, que voltava a ser a sua grande amiga. Via-a todas as manhãs desde que, havia oito meses, começara a ajudá-la na pequena loja que tinha aberto depois de se separar do marido.

Renata tinha saído de casa em fins de Setembro do ano anterior depois de ter sofrido a última afronta que esteve disposta a suportar: um daqueles violentos arrebatamentos, demasiado habituais no marido, que terminara com uma maçã do rosto aberta, uma costela rachada, várias nódoas negras e a irrevogável decisão de que já bastava. Com o pouco dinheiro que poupara durante os anos de casamento e o apoio económico de Berenguela, tinha-se instalado numas modestíssimas águas-furtadas onde tardara duas semanas a ver curadas as suas feridas; bastante mais lhe custou superar o desastre anímico a que o marido a tinha levado. Mas conseguiu, e graças à sua habilidade como doceira, ao dinheiro que obteve de Van der Walle como compensação final dos seus forçados encontros amorosos e à licença que o regedor assinou para evitar que a italiana pudesse um dia tornar públicas as suas recordações, a 16 de Janeiro tinha conseguido abrir a sua pastelaria numa rua central da cidade.

Don Lope tinha levado tanto a mal aquela separação que desde o primeiro dia pusera todo o seu empenho em causar-lhe o maior dano possível. Como era de esperar, deixara de enviar dinheiro para os pais dela na Sicília e em troca fizera-lhes chegar uma carta em que explicava a sua versão dos factos e dava a entender que fora obrigado a expulsar a esposa de casa depois de ela lhe ter sido infiel em numerosas ocasiões e com diferentes amantes. Mas não se ficara por aí:

quando soubera que género de negócio ela queria montar, movera todas as suas influências para que ninguém lhe vendesse açúcar, farinha ou manteiga. Renata sofrera um rude golpe quando, prestes a abrir a loja, se vira sem ingredientes com que confeccionar os seus doces. Ajudada por Berenguela, percorrera todos os povoados entre Bruges e Bruxelas à procura de pequenos agricultores a que pudesse comprar trigo, ganadeiros que lhe vendessem manteiga e um contrabandista que lhe prometeu todo o açúcar de que precisasse, ainda que a um preço exorbitante.

Depois de dar por falhada aquela estratégia, Don Lope de Gracia falara com todos os seus amigos para que nenhum fosse comprar à pastelaria, e também se dedicara a espalhar pela cidade de que eram já vários os clientes que tinham adoecido com gravidade depois de comerem os seus pastéis. Mas no fim, e por mais que tentasse, aquele homem não conseguiu vergar o amor-próprio de uma siciliana de sangue bravo, valente e decidida, e sobretudo curtida em maldades, as que ele lhe tinha feito desde que se tinham conhecido.

Para o êxito final da pastelaria La Siciliana – pois assim lhe tinha chamado –, muito tinham também contribuído as vinte melhores receitas que recordava da mãe, uma autêntica apaixonada por doces; o apoio de Berenguela, que desde o princípio a ajudara no seu empreendimento, e a presença de um primeiro empregado que, além de pôr todo o seu esforço e interesse em levar o negócio para diante, também acabara por lhe acalmar os ardores em cima da mesa onde se amassava a farinha. O jovem chamava-se Antonio e era o seu antigo moço de cavaliça, a quem pedira ajuda na sua fracassada fuga com Berenguela. Aparecera um dia na loja a pedir trabalho, e ela não só lhe abrira as portas do estabelecimento como, de passagem, também as da sua vida.

Berenguela encontrava todos os dias na pastelaria um ambiente de optimismo e paz, entre aromas a biscoito, creme e morangos, que não tinha em casa. E menos ainda desde que a sogra aparecera para se intrometer na sua vida. Porque Doña Urraca não se limitava a dar-lhe conversa, partilhar um ou outro passeio e viver intermináveis sessões de costura juntas. Uma semana depois de ter chegado a Bruges, começara a interessar-se por assuntos mais íntimos que a nora tentara evitar até onde pudera. Sobretudo quando notara que o casal não partilhava o quarto havia já tempo, por mais que o filho tentasse dissimulá-lo entrando no de

Berenguela todas as noites para depois sair pela porta interior que comunicava com o dele.

A mulher podia ser irritante, sem dúvida mal-intencionada e bastante arisca para com ela, mas não era tola. Por isso, poucas semanas depois de chegar a Bruges, suspeitou de que o filho tinha uma amante e propôs-se verificá-lo antes de lhe dirigir quaisquer censuras. Quando confirmou as suas suspeitas e descobriu que a mulher parecia uma espécie de vaca quase vinte anos mais velha do que ele, além de admoestá-lo com toda a severidade – e dizer-lhe que não conseguia compreender por que motivo enganava a sua jovem e belíssima esposa com aquela outra, «e não quero saber que seja a bem dos negócios» –, decidiu agir, convencida de que, se não fizesse qualquer coisa depressa, nunca seria avó.

Em meados do mês de Abril, Doña Urraca conseguiu que Damián deixasse de visitar aquela mulher depois de ter mantido uma longa conversa com a dita, a quem deixou bem claro que haveria consequências negativas se persistisse em encontrar-se com o filho. E em relação a Berenguela, esforçou-se para que a visse como uma aliada. Embora isso estivesse a custar-lhe um pouco mais.

Berenguela tinha consciência do empenho que a sogra punha em reconstruir o seu casamento, e era inegável que tivera algum êxito nesse aspecto, porque, ao pôr fim às infidelidades do marido, pelo menos evitava-lhe andar nas bocas do mundo. Mas conseguir que o filho lhe conquistasse o coração era uma tarefa quase impossível, sobretudo depois de ele a ter enganado com a sua dama de companhia primeiro e com a mulher do regedor depois, entre outras.

Quase todos os dias, enquanto ajudava Renata a confeccionar as suas tartes e pastéis, ouvia o mesmo conselho, motivado pelo carinho que tinham uma pela outra. A amiga dizia-lhe que fosse viver com ela, que deixasse Damián de uma vez por todas e se permitisse a oportunidade de ser feliz. Mas Berenguela não conseguia ver aquilo como uma solução.

Por vezes desculpava-se com o facto de não querer que a amiga antepusesse a sua amizade à intimidade com Antonio, com quem vivia há mais de um mês numa casa demasiado pequena para três pessoas. Mas o motivo era muito pior, talvez o mais doloroso de todos: não se atrevia a fazê-lo.

Tardara muito tempo a dar-se conta disso, e ainda mais a assumi-lo. Mas a única realidade era que se tinha tornado cobarde, algo de inimaginável nos seus

tempos de adolescente. Se fizesse o que a amiga lhe dizia passaria a viver uma vida à mercê da caridade alheia e teria de enfrentar a rígida sociedadebrugense, pouco habituada a aceitar esse género de iniciativas da parte de uma mulher, e ela não se julgava tão forte como a italiana.

Embora lhe custasse assumi-lo, no dia em que enfrentou esta crua verdade começou a perguntar-se quais seriam os motivos. E depois de pôr tudo em causa, chegou a uma única conclusão: os três anos passados em Bruges tinham modificado tão profundamente a sua forma de ser que agora não se reconhecia. Os alicerces da sua personalidade, ou a valentia necessária para enfrentar uma vida, tinham-se esfumado na mesma medida em que deixara Damián transformá-la em menos que nada: um ser encerrado numa rotina insonsa, um simples objecto para exhibir nas recepções, uma batalha ganha ao invejado irmão, ou de vez em quando um sopro de prazer.

Desfolhada como uma flor, sentia-se agora tão frágil como incapaz de tomar decisões difíceis; só queria deixar-se levar pelos factos de cada dia, ajudar a amiga, respirar aquele ar novo que Policarpo lhe oferecia de longe em longe, como recordação de que continuava a ser mulher, ou partilhar as suas muitas horas de solidão com *Canelilla*.

Por vezes perguntava-se se não estaria a enlouquecer e se seria capaz de sair daquele mundo de fraquezas em que se tinha metido. Porque era tão profundo o seu mal que a cada dia que passava lhe era mais difícil encontrar uma saída. Era nesses momentos de completa anulação que pensar em Hugo se transformava na sua única tábua de salvação. Apesar dos dezassete meses passados sem saber nada dele e da dor do seu último encontro, não havia um só dia em que a saudade não a atormentasse. Hugo estava tão presente no seu coração que, mesmo nos momentos em que tinha o moral mais em baixo, o simples facto de recordar o que tinham vivido em Burgos, além de ocupar-lhe horas e horas, fazia-a sentir-se melhor. Perguntava-se onde estaria e imaginava sempre um destino exótico, algum pequeno recanto do mundo de que ela nunca tivesse ouvido falar.

Talvez por isso, quando naquela manhã se encontrou à porta de casa com um emissário que trazia qualquer coisa importante para o seu esposo, vinda de uma cidade chamada Quastiliya, respondeu ao impulso e ficou ela com o correio e,

uma vez despedido o portador, quebrou o lacre com que vinha selado e leu-o a sós no seu quarto.

O documento, assinado por um tal Barbieri e datado de Veneza, fazia referência a uma dívida saldada desde uma cidade desconhecida por alguém cujo nome teve de ler três vezes antes de acreditar: Hugo de Covarrubias. O sobrescrito continha ainda uma nota de pagamento da referida quantia.

Berenguela apertou o escrito contra o peito com o coração a bater muito depressa, cheia de emoção. Por fim tinha nas suas mãos uma prova do destino de Hugo; tinha só um emissário desconhecido para começar a procurar, mas era a primeira pista depois de não ter sabido nada durante muito tempo. Guardou a nota de pagamento, memorizou o nome do veneziano e o daquela estranha cidade de origem, e queimou tudo o resto para ocultá-lo a Damián. Enquanto via o fogo consumir os papéis, sentiu despertar em si uma nova energia, até então excessivamente larvar, que a levou a tomar a primeira decisão: averiguar tudo o que pudesse descobrir a respeito do tal Barbieri e pedir-lhe por carta qualquer informação que tivesse sobre o paradeiro de Hugo.

Pensou em conseguir a informação através de Policarpo, embora tivesse de procurar a melhor maneira de o fazer, pois sabia o que o feitor dos Covarrubias sentia por ela. Ia ter de arriscar, já que não tinha outra pessoa, e talvez Policarpo conhecesse o veneziano. Como a sua chegada a Bruges estava prevista para o fim do mês e já só faltava uma semana, decidiu que lho perguntaria, esclareceria algumas das suas dúvidas e de caminho voltaria a saborear um dos escassos momentos de felicidade que a cidade de Bruges lhe tinha oferecido.

Um miado a seus pés exigia a sua atenção.

Canelilla olhou para ela, expectante. Roçou o dorso pelas meias da dona e depois arqueou-o, ansiosa pelas suas carícias. E quando as recebeu, pagou-as com um ronronar de puro prazer.



Policarpo chegou num dia mau para Berenguela, porque a sogra tinha decidido que o passassem juntas numa interminável visita a Gante, o que tornou impossível falarem. Marcaram encontro para a manhã seguinte, em que trocou a sua habitual presença na pastelaria de Renata por uma escapadela até a um lugar especial para ambos, ainda que talvez mais para Policarpo do que para ela. Porque fora naquele casinhoto de pescadores, na margem de uma praia por onde

um dia tinham corrido acossados por uma inclemente tempestade, que provara pela primeira vez os lábios de uma mulher que desejava por inteiro.

Havia quatro meses que não se viam.

Mal se encontraram, ele procurou-lhe os lábios, cheio de ansiedade, com a esperança de conseguir o seu amor completo naquela cabana, algo que até então ela tinha evitado com uma ou outra desculpa. Berenguela sentiu as mãos dele, pressurosas, em busca das suas intimidades, e travou-as a tempo. Não sentia por ele verdadeiro amor, e ainda que aqueles encontros aliviassem a monotonia da sua vida e a fizessem sentir alguém por um dia, surgia sempre uma força interior que a impedia de entregar-se-lhe.

– Respeito a tua vontade – disse Policarpo, incomodado –, mas não imaginas as saudades que tive do teu cheiro, dos teus lábios, das tuas carícias.

Voltou a beijá-la.

Quando os seus lábios se separaram, Berenguela olhou-o com ternura, pegou-lhe nas mãos e tentou justificar-se.

– Mereces muito mais do que um amor furtivo, e quando sentir que chegou esse dia entregar-me-ei a ti por inteiro e sem nenhuma limitação. Não serão então necessárias palavras entre nós; os nossos corpos falarão. Compreendes-me? Antes disso, tenho de desejá-lo com toda a minha alma.

Acariciou-lhe o queixo com ternura, ansiosa por trazer à baila o assunto do correio e sem saber como fazê-lo sem lhe ferir o coração.

– Que faz aqui a tua sogra?

– Sobretudo incomodar, de modo que bem podias levá-la para Burgos. Quanto tempo vais estar em Bruges?

– Só hoje – disse Policarpo, antes de o lamentar e justificar as razões da sua breve estada na cidade. – Noto-te mais desanimada, como há muito tempo não te via – acrescentou, em resposta à série de sentidos suspiros de Berenguela.

Sentaram-se na escaqueirada barca.

– Tens razão. Estou. – Olhou para as unhas das mãos, enquanto reflectia. – Vejo Renata feliz, depois de resolver a sua vida, e eu continuo sem encarar a minha. No entanto, aqui há dias tive uma enorme alegria ao receber notícias de Hugo.

Os seus olhos brilharam como archotes na penumbra da cabana.

Policarpo sentiu um calafrio, mas dissimulou-o fingindo um inocente interesse. Ela contou-lhe a maneira como a informação lhe tinha chegado às mãos e declarou a sua firme vontade de entrar em contacto com o remetente daquele correio.

– Sabes quem são os Barbieri?

– Sim, são uns comerciantes muito conhecidos. Mas nem o teu marido nem o pai tiveram alguma vez relações comerciais com eles, e o teu duvido. Só sei que vivem em Veneza.

– Tenho a direcção. Ao princípio pensei enviar-lhe uma carta, mas suspeito que todos os meus correios acabam por chegar às mãos do meu marido. Por isso pensei em ti.

Ao deduzir de que género de tarefa ela ia encarregá-lo, Policarpo viu o céu aberto. Se lhe pedisse que enviasse uma carta, a resposta do veneziano chegaria primeiro às suas mãos. O que lhe permitiria tratar depois do assunto à sua maneira. Porque quando soubesse onde encontrar Hugo, terminaria o que não conseguira em Portugalete e em Bermeo: fazê-lo desaparecer para sempre. Já sabia, através de Damián, que Hugo tinha ido viver num qualquer lugar do deserto africano e que a única referência que tinham para o localizar se encontrava nessa cidade de Quastiliya. Se não tinha ainda ido procurá-lo, fora porque Damián lho desaconselhara, dando por garantido que no lugar onde estava não voltaria a incomodá-los. Mas tudo podia complicar-se se Berenguela tentasse dar com ele.

– Vou escrever-lhe uma carta, fica descansada – disse de imediato.

– Não, não me entendeste – replicou ela, para sua surpresa. – Não pretendo que lhe escrevas. O que quero é que me acompanhes a Veneza. Prefiro falar em pessoa com esse homem, mas sobretudo quero aproveitar a viagem para procurar Hugo nessa tal cidade de Quastiliya... Achas que fica perto de Veneza?

Policarpo ficou mudo. A menos que tivesse enlouquecido, não conseguia compreender como fora possível ocorrer-lhe uma ideia tão peregrina. Era evidente que Berenguela não sabia onde ficava Quastiliya, mas, à parte isso, teria pensado em como justificar perante o marido uma tão longa ausência? Não precisou de perguntar, porque ela respondeu adiantando-se ao seu pensamento.

– E não tenciono pedir autorização a Damián. Há demasiado tempo que adio decisões e esta não vai ser mais uma. Chegou o meu momento.

– Queres fugir e pretendes que seja teu cúmplice? Não sei se te lembras de quem me paga.

Policarpo pôs-se sério. Não achava graça nenhuma à ideia de tê-la pelo meio numa entrevista com o tal Barbieri, e muito menos como acompanhante numa posterior viagem a África. E também não achava graça nenhuma à possibilidade de Don Fernando ou Damián de Covarrubias suspeitarem do género de relações que mantinha com a nora e esposa.

Berenguela procurou-lhe os lábios. E depois de um delicado beijo, tentou-o, maliciosa, perguntando-lhe se não se julgava capaz de vencer as suas já débeis reticências carnaís com todos aqueles dias em que iam estar juntos. A simples possibilidade de aquilo acontecer deixou Policarpo ofuscado. A oferta velada pareceu-lhe tão apetecível que venceu as suas anteriores objecções. Teria sempre tempo de resolver a situação quando e conforme se apresentasse. Além disso, quem ia saber, se ninguém conhecia a relação entre eles?

– Já vejo que tens tudo pensado. Quando teríamos de ir?

– Que te parece amanhã?

Capítulo 16

Hughu Alssahra. Ifríquia. Setembro de 1477

Aos não tardou a ganhar a inimizade de toda a gente. Desde o primeiro dia, tinha evitado qualquer contacto com os restantes trabalhadores, e estes lamentavam a sua excessiva força. Enquanto uns carregavam às costas seis arrobas de sal, ele carregava oito, o que fazia que o trabalho dos primeiros parecesse menos eficaz aos olhos de Azerwan. Mas quem pior tolerava a sua presença era Ubayda.

Desde a sua chegada, meses atrás, aquele homem tinha conseguido despertar nela todo o género de prevenções, apesar de o contacto entre os dois ser mínimo. Tanto se lhe dava que fosse o melhor no trabalho, que nunca lhe tivessem ouvido uma má palavra, que o vissem rezar todo o dia e que vivesse o islão com uma atitude irrepreensível. Ubayda suspeitava que Aos escondia qualquer coisa atrás daquele seu olhar, entre o duro e o intimidante. Um olhar que por vezes lançava a um dos companheiros por motivos menores, mas sobretudo a Azerwan e, claro, a ela. E não só o pressentia, tinha a certeza de que ele sabia o que pensava.

Azerwan não partilhava o seu parecer e mais de uma vez tinham discutido por sua culpa. Não aprovava a sua maneira de ser nem a maneira áspera como lidava com os outros, mas o ritmo de extracção da mina tinha aumentado graças sobretudo a ele, e desde a sua chegada tinham podido organizar uma viagem a Quastiliya por mês, em vez dos quarenta e cinco dias de antes. Era incansável no trabalho, ainda que um tanto obscuro, sem dúvida. Mas quem não tinha alguma estranheza na vida, argumentava Azerwan sempre que Ubayda abordava o assunto.

Hugo estava mais de acordo com Ubayda do que com o sócio. De facto, apesar de mal ter trocado duas palavras seguidas com Aos, notava nele a aversão que a sua condição de cristão lhe inspirava, fosse por ser um fanático religioso, fosse por ser um tipo estranho.

Aquele mês de Setembro estava a ser particularmente quente e nem com o avançar da noite a temperatura descia por aí além. Por isso, muitos preferiam dormir fora das casas depois de terem partilhado conversas e risos à luz da fogueira. De vez em quando, Azerwan encerrava o serão com uma lenda, ao calor das brasas. Ainda que, por causa de Aos, tivesse começado a espaçá-las para evitar as azedas discussões que ele provocava, não ter de aguentar os seus gestos de reprovação quando Ubayda se juntava a eles ou as ferozes críticas a qualquer conclusão diferente daquela a que tinha chegado.

Ia Setembro a meio quando, uma noite, Azerwan recordou uma história que dificilmente podia desencadear uma reacção negativa naquele homem. Ou foi o que pensou.

– Vinda do campo chegou à feira uma menina muito bonita – começava o seu relato. – No seu rosto havia um lírio e uma rosa. Havia ocaso nos seus cabelos e o amanhecer sorria nos seus lábios. Mal a formosa menina estrangeira apareceu ante os seus olhos, os rapazes rodearam-na. Um desejava dançar com ela e outro cortar uma torta em sua honra. E todos desejavam beijar-lhe a face. Ao fim e ao cabo, não era uma beleza incomparável? Mas a menina surpreendeu-se e zangou-se, e pensou mal dos jovens. Repreendeu-os e ainda chegou a dar um estalo na cara de um deles. Depois fugiu.

«A caminho de casa, naquela tarde, dizia no seu coração: “Estou desgostada. Que grosseiros e mal-educados são aqueles homens! Não há paciência para eles.”

«Passou um ano, durante o qual a menina pensou muito em feiras e homens. E então voltou à feira com o lírio e a rosa no rosto, o ocaso nos cabelos e o sorriso do amanhecer nos lábios. Mas dessa vez os jovens, ao verem-na, voltaram-lhe as costas. E ficou todo o dia ignorada e sozinha.

«Ao entardecer, enquanto caminhava de regresso a casa, chorava no seu coração: “Estou desgostada. Que grosseiros e mal-educados são aqueles homens! Não há paciência para eles.”

Como costumava acontecer sempre que Azerwan acabava uma das suas histórias, fez-se silêncio entre os presentes. Uns aproveitavam para meditar, outros acabavam por pedir uma explicação. Naquela noite, foi Omar que se animou a fazê-lo. Estava sentado ao lado de Hugo.

– Não compreendo por que as conclusões da menina são iguais quando as causas mudaram...

Aos tomou a palavra sem que Azerwan pudesse evitá-lo, embora temesse assistir a mais um dos seus violentos arrebatamentos.

– Acontece o mesmo com o nosso Livro. A interpretação do Corão é sempre idêntica, ainda que as circunstâncias ou os tempos mudem. – Todos olharam para ele, sem adivinhar o que ia dizer a seguir. – Tu, Omar, és um bom exemplo disso: as tuas boas obras não te servirão de nada quando conheceres o inferno. Porque, como reza o Livro: «Por concupiscência vos chegais aos homens em vez de às mulheres.» No teu olhar está escrita a maldição de Lot, e tal como os seus habitantes, também tu serás aniquilado.

A dureza das conclusões deixou todos sem palavras.

As faces de Omar enrubesceram e ele tapou-as com as mãos, envergonhado com o que acabava de ouvir. A maior parte dos companheiros tinha consciência das suas tendências, mas nenhum o tinha molestado. Hugo passou-lhe o braço pelos ombros para o consolar, enquanto Azerwan respondia:

– Tudo o que existe na criação é a luz do seu Ser. Ao amar Alá, amamos também todas as suas criaturas, servindo-as a todas. – Apontou-lhe um dedo acusador. – E tu, Aos, por que falas se só vives a prática devocional? Se não és capaz de ver que o tapete da oração deve ser tecido com o serviço dos outros, com o respeito a todos? Estás cego? Não te dás conta de que todos somos criaturas d’Ele?

– Repudio os vossos falsos ensinamentos que tanto ofendem Alá! Sois um falso profeta que vive para confundir os bons crentes com essas teorias sufistas que só praticais por metade.

Ubayda saiu em defesa do seu homem e acusou Aos de ser um mau muçulmano, farta da sua intransigência. Mas ele, exaltado, fez dela o objecto do ataque seguinte.

– Maldito seja aquele que se deixa levar pelas palavras de uma mulher e despreza as dos sábios! E maldita seja ela, quando nem respeita a vestimenta com que devia honrar o marido!

Um murmúrio de reprovação percorreu todo o grupo.

Nenhum tinha Azerwan por um sábio, e embora nem todos aceitassem a liberdade que dava à mulher, e também que Ubayda não cobrisse a cabeça como

faziam as suas mães e irmãs, acharam que aquele homem se tinha excedido nos seus juízos. Azerwan respondeu à provocação de Aos expulsando-o do grupo, com tanta contundência como fúria nas suas palavras.

– Se não nos respeitas, não te queremos aqui. Vai-te agora!

Aos obedeceu com os punhos cerrados e um olhar cheio de rancor.

Enquanto o via afastar-se, Azerwan recordou as últimas palavras do imã Abdulah em Quastiliya. *Cada Sol tem o seu ocaso*, pensou, preocupado.

Nessa noite, Ugo, Ubayda e Azerwan juntaram-se para falar sobre o sucedido. Ela era partidária de mandar Aos de volta a Quastiliya, mesmo que isso lhes custasse um dromedário.

– Podias levá-lo contigo depois de amanhã – sugeriu, a olhar para Hugo: o jovem ia enfim iniciar a sua formação com o mestre Mustafá na primeira semana de Outubro, depois de tê-la adiado meses por causa do trabalho.

– Prefiro ir sozinho.

– Compreendo. Não te preocupes – adiantou-se Azerwan, antes de propor uma alternativa. – Só faltam duas semanas para organizarmos a próxima caravana. Levá-lo-ei eu com o próximo envio de sal. Com tantos que vamos, estranho seria se não conseguíssemos resolver qualquer problema que pudesse arranjar.

Ubayda não gostou da ideia. Desconfiava tanto das intenções daquele tipo, e mais ainda depois da desagradável confrontação, que não achava graça nenhuma a continuar a vê-lo tantos dias. Mas aceitou a solução.

– Não vejo erro algum naqueles que decidiram viver as normas islâmicas com absoluto rigor – disse. – Mas sim nos que são como Aos, que se atrevem a julgar e condenar quem não pisa o único caminho que eles dizem que se deve percorrer. Foi muito injusto com Omar.



Naquela noite cearam um caldo cozinhado com a perdiz que *Aylal* tinha caçado na tarde anterior. Quando acabaram, Hugo decidiu dar um passeio antes de se deitar. Os outros dois não o acompanharam, esgotados como estavam pelo dia de trabalho.

Quase a cair a noite, dirigiu-se ao palmeiral. Procurava descalço as zonas sombrias, onde a areia se tinha mantido mais fresca, e quando as encontrava enterrava nelas os pés e depois arrastava-os, desfrutando da agradável sensação.

O dia, como tantos outros, tinha sido duríssimo, e continuava a sentir os músculos entorpecidos pelas extremas condições de trabalho na mina.

Reflectia sobre o extremismo de Aos em contraste com a bondade de Ubayda ou o profundo saber de Azerwan. Ubayda abraçava uma fé diferente, antiquíssima, própria da sua terra, mas os outros dois partilhavam a mesma. No entanto, cada um vivia-a de uma maneira distinta. A posição de Aos parecia-lhe tão reprovável que não conseguia compreender como era capaz de compaginar o seu amor por Alá, como fim último das suas crenças, com o ódio que impregnava cada fibra do seu ser e que dirigia a todos os que não partilhassem a sua visão. Azerwan tinha-o deixado bem claro: se todos eram criaturas do mesmo Deus, não havia outra possibilidade para um bom crente senão o respeito.

Recordou a expressão humilhada de Omar e mais uma vez teve pena dele. Pensava nisso quando notou os passos de alguém que também não conseguia dormir sem primeiro encontrar o alívio da noite, e ouviu as primeiras palavras:

– Há pouco não pude agradecer-te.

Voltou-se e viu Omar.

– Agradecer-me... O quê?

– O teu gesto de apoio quando me passaste o braço pelos ombros. Foi importante para mim.

– Esse tipo é desprezível, e foi muito cruel contigo.

– Para minha desgraça, há muitos anos que me dou conta de que nem todos reagem como tu quando me vêem.

Hugo olhou-o de soslaio e reflectiu no que ia dizer.

– Quem não é diferente? Na realidade, não há dois seres humanos iguais. Eu vivi toda a minha vida com esse estigma. Entre os meus, sempre fui o esquisito, o díscolo, o inconformista, aquele de quem não se podia esperar nada de razoável. Quanto mais diferente é possível ser?

– É possível, sim, se além de tudo isso gostares de homens e fores muçulmano.

Estavam a subir uma duna de onde se avistava uma bela panorâmica. Quando chegaram ao ponto mais alto, sentaram-se na areia, olharam em redor e as palavras sobram. Metade da paisagem brilhava em tons cinzentos e prateados graças ao intenso reflexo da Lua. Mas, além disso, quando o vento percorria as

dunas e levantava as suas cristas, parecia um banho de areia cristalina, salpicada por belíssimas cintilações.

Ali estavam, dois grãos de areia mais num deserto que parecia infinito, e o luar a banhar tudo. Que importância tinha quem ocupava um coração, homem ou mulher, se o sentimento fosse puro? O jovem Omar não merecia viver como uma sombra, pensava Hugo. Conseguia imaginar a sua história: o rapaz teria tido de aprender a assumir a sua condição, depois a disfarçá-la, a ocultá-la na medida do possível, e no fim até a renunciar a ela, porque naquelas terras o amor entre dois homens era uma questão de vida ou de morte conforme os sítios. Teria tido de esconder-se de si, com a asfixia vital que isso significava.

Num sentido muito diferente, também ele tinha passado demasiado tempo escondido em si mesmo, recusando fazer frente ao pai e ao destino, a quem era e ao que queria, só por medos absurdos.

Recordou um provérbio de Azerwan, ao sabor do que estava a pensar. Não podia ser mais apropriado: «Onde não há luz, mais vale acender uma vela do que amaldiçoar a escuridão.» Recitou-o.

– Não te parece que há muita verdade nesta reflexão?

O jovem guardou silêncio, dobrou as pernas para abraçar os joelhos e suspirou profundamente enquanto meditava naquelas palavras. Pareciam-lhe belas e ao mesmo tempo desafiadoras, mas sobretudo únicas. Compreendeu a que se referia Hugo e emocionou-se porque até então nunca ninguém o encorajara a ser o que era, sem disfarces. A garganta apertou-se-lhe e não foi capaz de falar durante algum tempo. Mas o que disse, quando pôde, além de vir do mais íntimo do seu coração, obedecia ao conselho que Hugo acabava de lhe dar.

– Deixas que te dê um beijo?

Hugo acedeu, e ao recebê-lo na face sentiu uma enorme torrente de carinho. Omar sabia que Hugo não era como ele, mas nunca esqueceria aquele momento nem aquele homem que numa noite estrelada lhe abria as portas da sua dignidade.

Capítulo 17

Lucerna. Confederação Suíça. Setembro de 1477

Em nove dias a cavalo tinham deixado para trás algumas cidades importantes como Metz, Estrasburgo e Basileia, mas nenhuma lhes tinha parecido tão bonita com Lucerna, aos pés de um enorme lago rodeado por montanhas cujos cumes continuavam nevados apesar de se estar em fins do Verão.

A apenas oito jornadas de Veneza, Policarpo decidiu descansar todo o dia na acolhedora cidade, depois de uma fatigante viagem quase sem paragens e na companhia de uma pessoa não prevista inicialmente.

Porque tinha deixado Berenguela plantada em Bruges.

Policarpo passara quase sem dormir a noite que separara o encontro na praia da madrugada em que deviam fugir juntos. No seu íntimo travava-se uma feroz batalha entre os seus desejos e a loucura que significava fugir com ela, dado o alto risco de que Damián acabasse por descobri-lo. As possibilidades de isso acontecer não eram poucas, e só de imaginar as consequências que poderia acarretar-lhe tinha começado a diminuir o desejo de estar com Berenguela e a aumentar a necessidade de agir com mais cabeça. E assim passara meia noite, assaltado por mil hesitações, num difícil equilíbrio entre a sensatez e o influxo da ardente paixão que sentia por ela, umas vezes de um lado, outras do contrário. O que no fim acabou por ajudá-lo a decidir-se foi pensar nos Barbieri. Pensou que, se conseguisse falar a sós com eles e descobrir onde se escondia Hugo, ser-lhe-ia muito mais fácil resolver de uma vez por todas aquele problema do que tendo Berenguela pelo meio, a complicar tudo.

Até pouco antes da hora marcada para o encontro tinha pensado em ir ter com ela para justificar-se de alguma maneira, mas acabara por decidir não o fazer, temendo-se fraco, cativo como estava dos encantos dela. Por isso, à hora a que deviam estar a encontrar-se, Policarpo saía da cidade acompanhado por uma personagem que lhe tinha servido em mais de uma ocasião para resolver certos

assuntos importunos que exigiam qualquer coisa mais do que palavras. Como sabia muito bem onde vivia aquele homem, entrara em casa dele e atrevera-se a despertá-lo na sua cama e com a mulher ao lado. Teve de ouvir uma primeira série de maldições e depois outra que implicou o mais sagrado, depois de ter referido a sua família de uma ponta à outra, antes de conseguir acalmá-lo com o tilintar de uma pequena bolsa de couro que pousou sobre os lençóis ao alcance da senhora. Quando a abriu e examinou o conteúdo, deu-se por satisfeita, mandou calar o esposo e ordenou-lhe que se vestisse e acompanhasse o visitante sem mais demoras.

A presença daquele sujeito fora-lhe mais do que útil quando, à saída de Estrasburgo, lhes saíram ao caminho um par de bandidos, o que parecia ser habitual naqueles bosques. O bom uso que dera à navalha, com o terror que provocara nos assaltantes o potente e rouco rugido que lhe saiu da garganta antes de saltar para eles, tinham bastado para pô-los em fuga; um só com uma espetadela numa perna, o outro com um desalmado pontapé nas partes baixas.

Agora que o tinha à sua frente, a comer como um autêntico porco numa das pousadas junto ao caudaloso rio que dividia ao meio a cidade de Lucerna, explicou-lhe o que na realidade queria dele.

– Em Veneza vão dar-nos a direcção de um homem que gostaria de deixar de ver para sempre, se me faço entender...

O tipo devolveu ao prato o seu meio entrecosto de porco, tão limpo que era impossível encontrar uma única febra de carne. Com os dedos cheios de gordura, passou a mão pelo colarinho: tinha captado a mensagem.

– Mas como esse homem me conhece e sabe de há muito que lhe desejo tudo menos algo de bom, fugiria mal me cheirasse por perto, e voltar a encontrá-lo poderia eternizar-se. Em contrapartida, se vos vir a vós não suspeitará de nada, e se fizerdes aquilo para que vos paguei poderei regressar em breve a Bruges.

– Não ides acabá-lo?

Os olhos do sequaz não se desviavam uma polegada do mais de meio entrecosto que Policarpo tinha deixado no prato.

– É todo vosso.

Dito e feito: as duas mãos do homem voaram para o entrecosto como se tivesse passado dois meses sem comer. Tantas eram as ganas que primeiro lhe escorregou de entre os dedos, e depois saiu a voar em direcção à casaca de

Policarpo. Por sorte, se outra coisa não fosse, o homem era ágil, e conseguiu apanhá-la a um triz de atingir a seda da indumentária do patrão. Policarpo agradeceu, dado o bom gosto com que sempre vestia.

– Espero que trateis do que vos encomendei com a mesma eficácia e que sejais tão rápido com a navalha como com o entrecosto. Ainda que me desiludísseis se com as mulheres respondêsseis da mesma maneira. Quero dizer, com a mesma rapidez que acabais de demonstrar – brincou, indicando com o olhar o sugestivo busto da rapariga que estava a encher-lhes as canecas de vinho.

O sujeito fez um sorriso tão rasgado que, além dos poucos dentes que lhe restavam, mostrou uma enorme bola de carne, pão escuro e restos de saliva prestes a saltar-lhe boca fora. Engasgou-se e tossiu até que, recuperado o fôlego, se animou a falar com a mulher.

– Se todas as carnes que aqui se oferecem fossem tão boas como a que estou a comer, pagaria com gosto por prová-las todas.

Beliscou-lhe uma nádega, e a única resposta que recebeu dela foi um bofetão na cara com a mão bem aberta.

Policarpo riu com vontade. E o homem também, depois de recuperar da inesperada reacção.

– Pelo que se vê, estas mulheres são tão frias como as suas altas montanhas.

– É o que parece, amigo. Vamos ter de experimentar com as venezianas. Se aquilo a que vou me correr bem, eu vos arranjarei um par delas; claro que mais abertas do que as daqui.

– Fareis bem. – Apontou com um dedo o segundo entrecosto, que começava a ficar tão pelado como o primeiro. – Porque, como pudestes confirmar, só com uma não fico satisfeito.



A cento e sessenta léguas de Lucerna, em Bruges, tinham passado nove dias e Berenguela continuava sem saber nada do seu cúmplice. Escondida num improvisado refúgio, revivia mais uma vez o enorme fiasco causado pela ausência de Policarpo e as duas horas que esperara antes de se ir embora. Decepção que ainda mais se agravava quando, ao perguntar por ele, soubera que tinha deixado a hospedaria de madrugada com todos os seus pertences. Fora o momento em que o céu acabara de cair-lhe em cima.

Com aquela funesta notícia, acudira de imediato a casa de Renata, desconcertada, arrasada e sem saber o que fazer. Tinha consciência de que durante a espera fora vista por muita gente, o que ao princípio pouco lhe importara. Mas quando, passado algum tempo, Policarpo continuara sem aparecer, o facto de ter consigo a sua bagagem suscitara, nos mais conhecidos, as perguntas lógicas sobre se ia viajar e para onde. Perguntas a que não soubera responder, consciente de que mais cedo do que tarde o rumor chegaria aos ouvidos de Damián. Esmagada por tamanho enredo, pensara que a única pessoa capaz de lhe dar solução era Renata. Quando a pusera ao corrente, a italiana perguntara-lhe se tinha consigo a nota de pagamento que viera junto com a carta dos Barbieri, e, ao saber que sim, pensara com rapidez nas opções de que a amiga dispunha.

Voltar a casa como se nada tivesse acontecido seria sem dúvida a pior de todas, porque o marido lhe exigiria todo o género de explicações. Ficar com ela também não parecia a melhor ideia, pois seria o primeiro lugar aonde Damián iria procurar quando desse pela sua falta. Pelo que a única saída razoável que lhe ocorrera fora escondê-la noutro lugar, cobrar a ordem de pagamento e, passados alguns dias, deixar a cidade rumo a Veneza em busca de informações sobre Hugo. Para vencer o primeiro escolho, decidira contar com o seu melhor fornecedor de farinha, que vivia no campo, a duas léguas de Bruges, e cujo silêncio não lhe seria difícil comprar. Para ultrapassar o segundo, procuraria o favor do banqueiro Van Cliff. Sabendo o género de negociante que era, e ainda que contasse com um desconto de pelo menos quarenta por cento, resolveria o assunto com ele. E para que pudesse viajar até Veneza, não lhe ocorrera melhor opção do que fazê-la acompanhar por Antonio, que saberia defendê-la dos perigos do caminho.

Incapaz de pensar, ainda aturdida pela incrível desfeita de Policarpo, Berenguela concordou com todas as três soluções, tanto que apressou Renata a pôr em prática a primeira pedindo-lhe que a levasse até casa do moleiro onde ia esconder-se.

Ali estava havia nove dias, acolhida por um casal sempre carinhoso e amável, à espera que a amiga ou Antonio aparecessem com a notícia da sua imediata partida para Veneza, e com muito tempo para pensar no que tinha acontecido. Um exame dos factos cuja conclusão não podia ser outra senão a de que fora,

uma vez mais, dolorosamente enganada por alguém em quem depositara toda a sua confiança. Doída e humilhada, o único refúgio que encontrara para sair da sua amarga tristeza fora a firme decisão de encontrar Hugo, como se naquele objectivo se encontrassem todas as soluções para os seus problemas, ou como se a vida começasse a correr de novo para ela só pelo simples facto de voltar a vê-lo.

No décimo dia da sua reclusão teve uma visita, a de Renata, que lhe contou como estava a ser vivida a sua ausência na residência dos Covarrubias e lhe comunicou a data da partida. Como compensação da solidão em que vivia, levava-lhe a sua gata *Canelilla*, o que foi uma grande alegria para Berenguela.

O animal saltou-lhe para o regaço mal a viu, ansiosa e terna.

– Não sei quem está pior, Damián ou a tua sogra. Parecem ter enlouquecido, e não imaginas de que maneira.

Berenguela sorriu, encantada por saber os efeitos que a sua decisão estava a causar, enquanto acariciava o dorso da gata.

– Quando alguns dos que te viram naquela noite lhes contaram que parecias querer fugir, vieram a minha casa interrogar-me. Não sabiam por quem esperavas, nem que motivos podias ter para abandonar o teu marido sem deixar uma nota. Fiz-me surpreendida e, como podes imaginar, da minha boca não saiu uma palavra. Mas é preciso serem muito cegos para não saberem como estavas, não é?

– Tens toda a razão, e repara que comigo acontece o contrário. Estou a saldar uma dívida que tinha para comigo há demasiado tempo. Embora isso não signifique que não tenho medo, porque tenho cada vez que questiono a possibilidade de me encontrar com Hugo depois de todo este sarilho sem saber como ele vai reagir. Sei que assumo riscos, mas não podia suportar por mais tempo a minha vida. Ainda que tenha de reconhecer que uma das coisas que me impediram de fazê-lo antes foste tu. Dava-me muita pena pensar que a nossa amizade ficasse em perigo no caso de eu não poder voltar a Bruges. Sempre que penso nisso, vê o que acontece.

Apontou para os olhos, que começavam a ficar húmidos.

Renata abraçou-a cheia de amor, partilhando idêntico pesar com as suas lágrimas.

– Amanhã será o dia. – Deixou escapar um suspiro de pena. – Antonio virá buscar-te antes de amanhecer. Tem tudo pronto. Vou preparar-lhes comida para que não tenham de parar pelo caminho antes de bem entrada a noite, para poderem afastar-se o mais possível daqui.

Berenguela tomou as mãos de Renata entre as suas e começou a chorar de uma forma incontível, consciente de que estava prestes a viver uma horrível despedida. A amiga, para não a emocionar ainda mais, beijou-a nas faces com carinho e decidiu pôr fim ao encontro.

– Vou-me embora. Oxalá encontres depressa o teu amigo ou consigas o amor que mereces, minha querida amiga. E se isso não acontecer, sabes sempre onde procurar-me. Porque estarás no meu coração para sempre. Partilhámos demasiados desgostos, agora é a altura de desfrutares do outro lado da vida. Que tenhas muita sorte!



Enquanto esperava ser recebido, Policarpo observava o surpreendente tráfego de gôndolas e embarcações de todos os géneros que sulcavam as águas do Grande Canal de Veneza de uma das três janelas ogivais do fabuloso palácio dos Barbieri. Situado à esquerda de uma belíssima ponte, o edifício tinha três andares de tectos altos, e por uma escada de mármore negro subira de um para outro até chegar ao terceiro, onde os irmãos Barbieri recebiam os seus clientes e fornecedores.

Segundo lhe contou o criado que o tinha acompanhado, chamavam *Il sesto senso* à sala onde estava: um enorme espaço cujas quatro paredes obedeciam a diferentes estilos. Os frescos que cobriam a maior pareciam mudar de cor conforme a posição do observador: predominavam os tons malva, mas com menos luz mudavam para roxo. Tratava-se de uma composição floral tão bem executada que os ramos e as plantas desenhados pareciam reais. Outra parede apresentava uma superfície rugosa, com riscas de diferente espessura que subiam e viravam em todas as direcções, num tom castanho, por vezes esverdeado. A terceira brilhava como se tivesse sido patinada com um óleo que, quando a pessoa se aproximava, exalava um cheiro peculiar. E a última, a que incluía as três janelas, tinha sido perfurada por dezenas de orifícios de diâmetro diferente que, à passagem do ar exterior, produziam um som estranho. O tecto era branco, mas observando-o com mais atenção notava-se apreciáveis diferenças nos

reflexos que produzia, como se fosse feito de milhares de pequenos cristais, alguns dos quais, minúsculos, se tinham soltado e estavam espalhados pelo chão.

Policarpo não saía do seu assombro ante a curiosa sala enquanto aguardava a entrada de Luccio Barbieri, o mais velho dos irmãos, e revia os argumentos com que pretendia alcançar o objectivo último da sua visita.

– Sede bem-vindo a nossa casa, senhor. – A voz surgiu nas costas de Policarpo que, ao voltar-se, viu um homem de idade avançada, ar cansado e aspecto impecável, que se dirigia para ele de mão estendida. Apertou-lha. – Antes de conhecer os vossos motivos, peço-vos que me desculpeis por ter-vos feito esperar dois dias desde que solicitastes este encontro. Mas compreendei que não sabíamos nada a vosso respeito.

– Com certeza. Agradeço a vossa amável recepção e espero não vos roubar demasiado do vosso valioso tempo – respondeu Policarpo.

O anfitrião convidou-o a aproximar-se de uma das janelas, junto à qual se sentaram.

– Cada vez vejo pior, e seria um pecado não aproveitar esta maravilhosa luz que Veneza tão poucas vezes nos oferece. Sois castelhano, não é verdade?

Policarpo estranhou o facto de o homem reconhecer tão depressa o seu sotaque, considerando que falava bastante bem italiano e as poucas palavras que até ao momento dissera.

– Com efeito.

– E além disso vendeis lã.

– Como adivinhastes?

Piscou os olhos três vezes, incrédulo.

– Disseram-vos como se chama esta sala?

– Com certeza, como esquecê-lo... *Il sesto senso*.

– São cinco os sentidos que o homem possui. E os cinco estão presentes nesta sala onde nos encontramos. O tacto, na parede rugosa nas vossas costas. O olfacto, na que lhe fica em frente, envernizada com óleos provenientes de uma infinidade de plantas aromáticas. Se vos aproximardes da que fica à vossa direita, escutareis um coro de assobios: o ouvido. A visão encontra-se representada na parede mais extensa, cujas cores mudam conforme a vossa posição ou a luz que receba. E por fim o paladar. Se apanhardes algumas dessas

brilhantes partículas que há pelo chão, notareis o seu sabor salgado, dado que o tecto desta sala está coberto de sal.

– Que curioso – comentou Policarpo de uma forma sucinta, incapaz de compreender a que vinha aquela explicação.

– Com certeza estareis a perguntar-vos que coisa estranha terá dado à minha família para decorar esta sala de um modo tão peculiar, ou por que vos conto tudo isto. Responderei às duas perguntas ao mesmo tempo. Faço-o porque ao chegar vi em vós uma qualidade que me agrada: a curiosidade. E por esta altura espero que, movido por ela, estejais a perguntar-vos onde está o sexto sentido que lhe dá o nome.

Policarpo confirmou com um gesto de cabeça, a dissimular a vontade que tinha de dar por terminada aquela inesperada dissertação, que parecia não levar a parte alguma, quando ele estava ali à procura de algo muito concreto.

– O nosso sexto sentido é a intuição. A intuição é a ferramenta mais valiosa para um comerciante. Uma capacidade que tem sido o selo da actividade dos Barbieri desde que nos dedicamos aos negócios. Quem ama a arte de mercadejar tem de saber alimentar, cuidar e fazer crescer essa virtude. Tal como se deve fazer a uma árvore para se obter frutos dela. Com paciência, podas bem dirigidas, sol e muito tempo, no fim acaba por recompensar-nos com deliciosos frutos.

– Já... – foi a única coisa que Policarpo soube dizer.

– Se ainda não vedes o interesse do tema de que vos falo, receio que a sala não tenha exercido em vós o efeito suficiente. Para os Barbieri, o lugar onde nos encontramos é como um templo onde quisemos venerar esse espírito que desde sempre tem acompanhado a nossa família, e a que chamámos *sexto sentido*: essa intuição a que me referia há pouco; um conceito que não pode ser visto, nem tocado, nem ouvido, nem saboreado, nem escutado. Portanto, uma entidade a que é impossível atribuir uma forma material.

«Mandámos construir esta sala para nos ajudar a recordar que só se chega a esse sexto sentido depois de percorrer os outros cinco. – Fechou os olhos e estendeu as mãos, como que a querer captar qualquer coisa. Quando voltou a abri-los, voltou-se para Policarpo e a sua voz soou mais profunda. – Falemos então de vós. Em que podemos ajudar-vos?

– Trabalho para um nobre comerciante de Burgos de momento estabelecido em Bruges, a quem há pouco tempo enviastes um correio...

– Se antes vos disse que sois castelhano e comerciante de lãs, agora digo-vos que gostais de ir direito ao assunto. Portanto, não me convém perguntar para que quereis a informação que vos trouxe até aqui... Estou enganado?

Policarpo ouviu de boca aberta estas últimas deduções.

Acabava de precatar-se do seu erro ao subestimar aquele homem. A verdade era que se encontrava na presença de um dos maiores comerciantes de toda a Europa, mais rico do que muitos reis e com mais poder e influência do que eles. Mas sobretudo possuía um dom, o da perspicácia.

– Reconheço que não. Captastes muito bem as minhas intenções. O que não deixa de surpreender-me.

– Não penseis que foi por qualquer motivo fortuito que vos fiz esperar dois dias. Disponho de muitos mais olhos do que podeis imaginar a observar o que acontece por todos os lugares onde negoceio. Por isso sei que trabalhais para os Covarrubias de Burgos, que o vosso patrão esteve à beira de perder todo o seu negócio por causa de um logro e que as suas finanças passaram por um momento tão delicado que até teve de pedir dinheiro emprestado ao irmão. Vindes pela sua direcção, talvez para pedir-lhe mais!

Tirou do bolso um papel dobrado, que manteve entre as mãos.

Policarpo teve tanta dificuldade em falar como em disfarçar a perplexidade da sua expressão.

– Pois, sim... – limitou-se a dizer.

– Custar-vos-á três mil dobras de ouro. Estais interessado?

– É uma quantia exorbitante... Receio que seja impossível.

– E se vos cobrasse só trinta?

Policarpo sentiu-se ainda mais perdido.

– Em troca, pedir-vos-ia para pordes os vossos olhos à minha disposição, atentos aos meus interesses... Fiz-me entender, não é verdade?

– Com toda a clareza.

– Quereis então a direcção do meu representante em Quastiliya?

– Por isso vim.

Policarpo quis saber onde ficava aquela cidade, que até ao momento só pudera situar em África. Luccio Barbieri foi buscar um pergaminho, desenrolou-o e

pousou o dedo num ponto do mapa. O lugar assinalado ficava num país chamado Ifríquia. Policarpo pagou as trinta dobras e em troca o seu anfitrião entregou-lhe o papel dobrado.

– Permitis-me uma última opinião?

Barbieri mostrou-se interessado.

– Faz falta nesta sala mais uma parede, uma que reflecta como se alimenta esse sexto sentido que tanto vos caracteriza. Estou a pensar num sétimo sentido: a informação. Acabais de mostrar-me que sem ela a intuição é apenas um jogo de magia.

– Gosto de trabalhar com pessoas inteligentes. Cuidai-me de Hugo de Covarrubias; trata-se de um dos meus melhores fornecedores de sal.

– Descuidai, assim farei...

Minutos mais tarde, Policarpo Ruiz subia para uma gôndola e pedia ao barqueiro que o levasse até à Praça de São Marcos, onde deixara o seu homem. Acomodado na confortável embarcação e apesar de o incansável gondoleiro não parar de falar, o seu pensamento voou para aquele remoto destino em África. Empreender aquela viagem ia atrasar o seu regresso a Burgos e todos os seus trabalhos. Mas não podia subestimar o risco de Berenguela conseguir encontrar Hugo e trazer a lume toda a verdade. Dispunha de uma pista muito fiável para encontrá-lo e ao cabo de três anos não estava disposto a desaproveitá-la. Com os olhos postos no Palazzo Ducale, decidiu que apanharia o primeiro navio que partisse para Ifríquia.

Poucas horas depois, conseguia contratar passagem numa carraca que tinha partida prevista para o dia seguinte, e apesar de ter sido obrigado a pagar uma quantia exagerada pelos dois lugares, decidiu assumi-lo com vontade de dar por encerrado um assunto que estava há demasiado tempo por resolver.



Um dia antes, Berenguela e Antonio tinham deixado para trás a cidade de Lucerna e iniciavam a cavalo a parte mais difícil do caminho que ainda os separava de Veneza; a passagem de São Gotardo. Quase acabado o mês de Setembro, na segunda etapa da viagem, a temperatura começou a descer de tal maneira que, enquanto subiam para a pequena povoação de Wassen, passaram pelos primeiros gelos em charcos e pradarias. Mas a situação piorou muito mais depois de a terem deixado para trás, quando se abateu sobre eles um descomunal

nevão para o qual não estavam preparados. Devido a isso, antes de se internarem nas gargantas de Schöllenen e atravessar a chamada ponte suspensa do diabo, decidiram esperar que o mau tempo amainasse num pequeno povoado próximo da difícil passagem.

Berenguela agradeceu, porque andava há já dois dias com um pouco de febre e uma tosse preocupante. Contrataram alojamento numa casa particular, puderem comer uma ceia quente para alívio dos seus corpos enregelados e dormir numa cama ao calor de uma boa lareira em cada um dos quartos que a dona da casa lhes preparou. O que nenhum deles chegou a imaginar, quando o sono os venceu esgotados pela viagem, foi o que iam ver na manhã seguinte ao olharem pela janela. A neve tinha coberto meia casa e parecia não fazer tenção de parar. Mas, além disso, Berenguela tinha-se levantado a queixar-se de um pulmão e num estado febril que se manifestava num constante tiritar, e naquela manhã os intestinos juntaram-se aos seus outros males, deixando-a numa debilidade tão extrema que acabou por cair à cama, com a sua gata, à espera que viesse uma curandeira que a anfitriã mandara chamar à falta de médico.

Enquanto esperavam, Antonio ouviu com preocupação o comentário da dona da casa sobre a anormal precocidade daqueles frios e a sua previsível duração, consciente de que, se a mulher não se enganava, iam ter de ficar naquele povoado não menos de três ou quatro meses, até ao degelo. Mas angustiarão-nos ainda mais as conclusões da curandeira antes de se retirar, quando os alertou para os riscos que Berenguela corria se não conseguissem baixar-lhe a febre em menos de dois dias. Face à impossibilidade de fazer outra coisa, durante os dois dias seguintes Antonio dedicou-se de corpo e alma a cuidar de Berenguela, com a raiva de não poder fazer chegar uma única notícia a Renata e o único empenho de recuperar a amiga dela antes que fosse demasiado tarde.

Mas Berenguela não parecia reagir aos tratamentos e a febre continuava a subir.

Capítulo 18

Schildpad Thuis. Bruges. Outubro de 1477

O furioso murro que Damián desferiu no tampo da sua mesa de trabalho fez saltar pelos ares quase todos os papéis que tinha em cima. Gritou, cheio de raiva. Nem as contas lhe saíam certas, nem tivera uma única notícia da mulher em semanas.

Apanhou do chão o livro principal, onde apontava de um lado todas as entradas de dinheiro com o nome do cliente, origem, quantidade e qualidade da lã vendida, além de algumas observações especiais sobre a operação, como pagamentos a intermediários, a funcionários, ou incidentes notáveis. Do outro lado, dando-lhe a volta, anotava as despesas que tinha, como os pagamentos aos criadores, aos lavadores, os transportes por terra, os fretes e seguros, os armazéns, consulados e aos seus dois feitores.

Num ano bom, as páginas com os registos das receitas chegavam mais depressa ao meio do livro do que as das despesas.

Mas o ano que corria, até ao momento, não era dos bons.

Alarmada pelo barulho, Doña Urraca entrou no gabinete.

– Mas, filho, pode-se saber o que se passa?

A mulher viu a barafunda que ali estava e dispôs-se a apanhar alguns papéis do chão.

– Deixe-os, minha mãe... – disse Hugo, a puxar os cabelos para trás com ambas as mãos. – Não vá dar-vos algum jeito nas costas.

– Há alguma notícia dessa harpia? – perguntou a mãe, sentando-se diante dele.

Damián olhou para o relógio da parede.

– Espero para dentro de dez minutos a visita do meu homem. Veremos o que conta.

Desabotoou o gibão e procurou o fio de onde pendia uma chave, tirando-o pela cabeça. Com a chave na mão dirigiu-se a uma estante, retirou três livros,

introduziu-a na fechadura de um cofre de ferro encastrado na parede de cuja existência só ele e a mãe tinham conhecimento. Do cofre tirou um livro de menor tamanho e levou-o para a mesa depois de deixar tudo como estava. Pousou-o em cima do maior e apontou com os dois indicadores a última entrada de ambos. Ao comparar as quantias anotadas num e no outro, levou as mãos à cabeça.

– Não ganhamos o suficiente – queixou-se.

A mãe levantou-se para ir ver. Naquele segundo livro, Damián apontava o dinheiro que desviava dos lucros para a sua bolsa, descontando as quantias que tinha de enviar cada trimestre ao sogro e, em menor volume, ao pai. Reviu os últimos números anotados e depois o total.

– Estou a ver... – murmurou ela. – As contas não são boas, mas nem quero falar-te do que nos acontecerá se Don Sancho souber que a filha desapareceu ou, pior ainda, se ela aparece em Burgos. Esquecer-se-á para sempre do acordo que fez contigo e ficaremos sem nada, como quando o teu pai morreu. Vais ver... voltaremos a conhecer a miséria.

As suas faces empalideceram de súbito e teve de sentar-se, afectada por um desmaio.

Damián ofereceu-lhe um copo de água. Depois de bebê-lo, Doña Urraca sentiu-se logo melhor.

– Infelizmente, não vos falta razão, minha mãe. E como me assusta a possibilidade de Berenguela estar a caminho de casa, preciso de vós em Burgos, já. Tendes de partir para lá; hoje melhor do que amanhã. Precisamos que esse homem que conseguiste infiltrar entre a criadagem dos Ibáñez saiba o que aconteceu e faça tudo para impedir Berenguela de falar com os pais, sobretudo com Don Sancho. Se o conseguir, é o desastre!

Desde que tinham dado a mulher por desaparecida, não conseguia deixar de recordar a conversa que anos atrás tivera com Don Sancho, antes do casamento, cujo conteúdo marcara todas as suas acções posteriores. Porque já então o pai de Berenguela deixara tudo claro. Só se conseguisse colocar o apelido Ibáñez entre os três maiores do comércio de lãs com a Flandres, além do controlo do negócio, ganharia três quartas partes do património do sogro quando este morresse. Isto desde que tratasse a filha como Deus manda e lhe desse um sucessor.

Tinham sido aquelas as condições do acordo e Damián estava consciente de que ainda não podia presumir de ter alcançado o primeiro objectivo – embora calculasse que não ia tardar muito –, e muito menos as outras duas premissas; e uma levava a outra. Estava claro que sem Berenguela não havia nada. Não tinha futuro.

Bateram à porta.

– Podeis entrar! – disse Damián, erguendo a voz.

Apareceu uma personagem que pareceu estranha a Doña Urraca desde o primeiro instante. Vestia com uma pretensão que tudo mostrava descabida. Ostentava uma barba de dois ou três dias, um gorro de feltro mal escolhido pela sua cor amarela e cheio de nódoas, que não tinha tirado apesar de se encontrar na presença de uma dama, e um andar feio e indeciso.

Fez uma longa pausa antes de abrir a boca.

– Meu senhor, venho comunicar-vos o pouco que conseguimos saber sobre a vossa esposa.

Damián pôs-se de pé, esperançado.

– Dizei-me depressa o que averiguastes!

– Quando me contratastes, pus em campo os meus doze melhores homens, e desde então posso assegurar-vos que a procuraram por todo o ducado, perguntando em pousadas, postas e estábulos, se alguém se lembrava de tê-la visto. Experimentaram também nos conventos mais próximos, como me dissestes que fizesse, não fosse ter tido a ideia de refugiar-se num deles. Mas também aí não obtivemos a mais pequena pista. Ninguém a viu. Parece ter-se esfumado...

Damián não aguentou mais e exigiu que lhe desse a informação, se acaso a tinha, e não tudo o que fizera.

– Encomendastes-me que vigiasse com especial cuidado a tal pastelaria italiana. E pode ser que aí tenhamos alguma coisa, porque...

Engasgou-se com a saliva e começou a tossir como se estivesse prestes a afogar-se.

Damián acudiu a ajudá-lo, e com a palmada que lhe deu nas costas para o desengasgar quase o atirou contra a parede.

– Pelo amor de Deus! Falai de uma vez! – disse Doña Urraca, juntando-se às exigências.

– De acor...do. – O homem teve dificuldade em arrancar de novo. – Tivemos ocasião de verificar que em data parecida com o desaparecimento de Doña Berenguela, o marido, ou amante, ou lá o que for da italiana também se esfumou. E ninguém nos deu uma razão para isso.

– Fomos perguntar por Berenguela no dia em que ela desapareceu, e eu sabia que essa Renata tinha alguma coisa a ver – disse Damián, e as palavras saíram-lhe da boca cheias de raiva.

Doña Urraca lembrou-se de uma coisa.

– Não foram dela as três cartas dirigidas ao teu pai, na realidade escritas pela tua mulher, que eu consegui neutralizar a tempo?

– Foi o que me contastes, sim.

Damián despediu o homem logo que soube que não tinha mais nada que contar-lhes, exortando-o a não desfalecer na busca, e quando ficaram sozinhos partilhou com a mãe as duas decisões que acabava de tomar.

– Mandarei que vos levem ao porto esta tarde para que possais embarcar no primeiro navio que saia para casa. Minha mãe, confio em vós e nesse homem que conseguistes infiltrar. Depende de ambos o futuro da nossa família. – Beijou-a na face. – Eu vou agora falar com essa prostituta...



Renata assustou-se ao vê-lo entrar.

Não era a primeira vez que o fazia desde que Berenguela tinha fugido. Mas daquela vez a sua expressão não era a mesma. Como a primeira coisa que fez foi gritar diante dos clientes que esperavam para ser atendidos, pediu-lhe que baixasse o tom da voz e levou-o para as traseiras da loja. E uma vez ali, aconteceu o que menos podia esperar.

Foi fechar a porta e sentir duas mãos à volta do pescoço, a apertar sem misericórdia. Não pôde protestar; a força dele afogava qualquer som. Arrastou-a até a uma das mesas onde trabalhavam e deitou-a em cima dela sem afrouxar a pressão com que lhe apertava a garganta.

– Diz-me já onde está a minha mulher!

Renata não podia responder, só lutar por ar.

Damián largou-lhe o pescoço, mas plantou-lhe de imediato as duas mãos nos ombros, sujeitando-a contra a mesa.

– Onde! – repetiu.

– Tu saberás! – respondeu ela.

– Não... sabe-lo tu e esse amante que tens. Onde está ele? Mandaste-o com ela, não é verdade?

A referência a Antonio deixou Renata preocupada. Perguntou-se como teria ele sabido da sua ausência, mas preferiu aproveitar aqueles escassos segundos para pensar na melhor resposta.

– Antonio foi a Siena, de onde é a sua família. Tem o pai muito doente...

– Sei que estás a mentir, cadela! – gritou Damián, e tornou a deitar-lhe as mãos ao pescoço.

Ela procurou qualquer coisa com que defender-se. Esticou as mãos abrindo os braços em arco ao longo da mesa, arrastando alguns restos de farinha e manteiga. Lembrava-se de ter deixado um rolo de madeira à mão, mas não conseguia encontrá-lo. Por sorte Damián não apertava tanto como antes.

– Tu é que mentes, à tua mulher e a todos os que têm a desgraça de fazer negócios contigo! – atirou-lhe.

Damián, enfurecido, levantou-lhe as saias com más intenções.

– Ou falas ou...!

– Já te disse que não sei nada de Berenguela. Deixa-me em paz, canalha! E pediu ajuda aos gritos.

Ele rasgou-lhe o saiote, decidido a provar os seus encantos, mas Renata encontrou enfim o rolo de madeira e bateu com ele com toda a força que tinha na ténporas de Damián, e teve a sorte de fazê-lo perder os sentidos. Caiu em cima dela.

Renata empurrou-o para o lado e saiu a correr para pedir ajuda.

Os que a viram aparecer assustaram-se ao reparar que tinha meio vestido rasgado, os cabelos em desalinho e os braços cheios de farinha.

– Que alguém chame os aguazis!

Capítulo 19

Quastiliya. Ifríquia. Novembro de 1477

Durante as semanas que já passara com Mustafá ibn al-Baitar, Hugo tinha aprendido muito, mas o mais importante fora no instante em que se conheceram, quando o mestre lhe dissera que, para sentir a arte de verdade, a primeira coisa que tinha de fazer era fugir das regras.

Porque era o que ele fazia. Por exemplo, ignorando as que o islão impunha no referente à representação de seres humanos ou de animais. Mustafá alternava a sua prática como alveitar com outras três actividades: a pintura geométrica com que tinha decorado mesquitas e edifícios públicos, o desenho de miniaturas para ilustrar uns maravilhosos livros que lhe encomendavam do Egipto e a feitura de pormenorizadíssimos esquemas anatómicos do cavalo.

Com a primeira ganhava dinheiro, com a segunda enchia a alma e a terceira ajudava-o no seu trabalho.

Hugo tinha compreendido o emprego simbólico daquelas formas poligonais, repetidas até ao infinito em paredes, tectos e cúpulas, no interior das mesquitas e em alguns edifícios públicos, quando Mustafá lhe fez ver que na realidade todas elas nasciam de uma forma central que representava Alá, o Único. Vistas desta maneira, as posteriores sequências geométricas, enlaçadas umas nas outras, não eram outra coisa senão cadências deliberadas que ajudavam o crente a dirigir a sua oração para o eixo, para o seu Deus, através de uma reza organizada, com a repetição das frases que formavam as suras.

Mas onde Mustafá se sentia mais livre era na ilustração de livros. Neles desenhava cenas de caça, domésticas e de brincadeiras, em que a única regra era deixar-se levar pela imaginação. E foi assim que Hugo aprendeu a fazer um género de tinta a que o seu mestre chamava *guasch*, à base de goma-arábica como espessante, pigmentos minerais e uma pedra muito frágil chamada *talq* e cujo pó branco dava uma textura especial ao desenho e um curioso efeito mate.

Mustafá explicou-lhe que desenhava as miniaturas de um plano superior, por cima das figuras, porque estas eram fruto dos seus sonhos, pelo que tinha de libertar-se delas. Como também lhe ensinou a usar cores diferentes das reais quando pintava céus ou outros objectos conhecidos, procurando não representar as coisas tal como eram e sim na sua forma simbólica.

Hugo absorvia cada ensinamento com o mesmo empenho que Mustafá punha em transmiti-lo. Observação, emoção, paixão: eram estas três palavras que lhe tinha ouvido repetir sempre que explicava que método se podia usar para plasmar uma ideia, uma imagem ou uma vivência íntima em forma de desenho. Na sua opinião, se não estavam presentes estas três coisas, pintar transformava-se numa simples execução, uma tarefa sem alma.

Até quando o acompanhava nas suas visitas de trabalho Hugo aprendia. Porque começou a olhar para os cavalos e os dromedários de uma maneira diferente do que tinha feito até então, memorizando as suas silhuetas e pormenores corporais, estudando os seus movimentos e a expressividade dos seus olhares, como se quisesse armazenar tudo na mente para poder ser resgatado a qualquer momento.

– Hugo, hoje gostaria de ver como farias um desenho que concorde com o texto deste novo capítulo.

Estavam sentados à mesa de trabalho, com um pergaminho em branco, e a seu lado a última encomenda que Mustafá tinha recebido: um livro de poemas.

– Tereis de ajudar-me, porque não sei ler árabe.

Mustafá pegou no livro e fez o que ele pedia.

O texto versava sobre as virtudes necessárias para enfrentar as vicissitudes da vida. A história tinha como personagens um jovem que queria atravessar um grande deserto e um velho ao qual perguntava como empreender tão ambicioso objectivo. O ancião explicava-lhe que para conseguir realizar o seu desejo teria de conservar sempre consigo três pedras: um topázio, uma esmeralda e um rubi, os símbolos das virtudes de que ia precisar para chegar ao outro extremo das perigosas areias, a um oásis onde seria feliz. O jovem partia muito animado, disposto a ultrapassar qualquer prova que se lhe deparasse. Um dia, já avançado no caminho e esmagado por um calor insuportável, perguntava-se pela primeira vez se o ancião lhe teria dito a verdade, e nesse preciso instante o topázio caía no chão. O jovem apanhava-o, querendo acreditar: se conservasse as três pedras, atravessaria o deserto. Várias jornadas mais tarde, era a esmeralda que caía ao

chão, quando ele perdia toda a esperança de alcançar o seu objectivo, mas também a apanhava com vontade de prosseguir a sua caminhada. E quando num outro dia via um charco, e uma palmeira a seu lado, em vez de beber deixava que bebesse primeiro o seu dromedário, que via muito mais sedento. O animal morreu porque a água estava contaminada e ele entendeu que a sua decisão lhe tinha salvado a vida. Quando, dias mais tarde, chegava ao ansiado oásis, via à sua espera o ancião, que depois de festejar a sua chegada lhe explicava que as pedras representavam a fé, a esperança e a caridade. E que só graças a não ter perdido nenhuma das três conseguira alcançar a sua meta.

Depois de ouvir o poema e meditar durante uns minutos, Hugo pegou num fino pincel, molhou-o num vaso com tinta cor de laranja, feita com cinábrio, e traçou várias linhas para representar uma paisagem desértica. Passou um dedo por elas e foi espalhando a tinta para baixo, com diferentes pressões, produzindo um curioso efeito esbatido. Mustafá, atento ao que fazia, viu como em seguida desenhava no centro da composição, como se estivessem a flutuar, três pedras, umas a seguir às outras, que pintou de azul, verde e vermelho. À esquerda do pergaminho desenhou a figura de um jovem sem rosto, e no extremo direito a de um ancião sentado à sombra de uma palmeira de folhas verdes e húmidas, oculto sob uma capa. Completou o conjunto com um céu presidido por um Sol de meio da tarde. Demorou mais de uma hora, mas quando pousou o pincel na paleta e olhou para Mustafá, antes que este dissesse qualquer coisa soube que o tinha convencido.

– A maior parte das pessoas não sabe ler, Hugo. Por isso é tão importante que os pintores, arquitectos e escultores lhes traduzam as mensagens através de símbolos, como muito bem acabas de fazer. Qualquer pessoa que visse este desenho seria capaz de interpretar o sentido do poema sem necessidade de o ler, bastando que alguém a ajudasse a percorrer as pautas da tua pintura. É aí que está a chave do nosso dom, e digo *nosso* porque sem dúvida tu também o possuis.

«Põe-no ao serviço dos outros... Cria com os teus desenhos simbologias que ajudem a entender ideias profundas, emociona-os com a tua mão, consegue neles as mesmas sensações que sem dúvida experimentas enquanto crias.

Hugo guardou estes conselhos, consciente de que eram muito mais transcendentais do que o facto de ter aprendido uma ou outra técnica. E alegrou-

se por ter passado três semanas com o mestre, porque o pouco tempo investido tinha bastado para aperceber-se de que na sua vida ainda faltava descobrir qualquer coisa, e que essa qualquer coisa lhe viria pela mão do desenho e da pintura. Mas, além disso, Mustafá tinha-o ensinado a deixar de ver o acto de pintar como um simples gozo privado para transformá-lo num maravilhoso meio de comunicação com os outros.

Uma via para transmitir as suas emoções.



Terminada a quarta semana da sua estada em Quastiliya, começou a crescer em Hugo uma certa inquietação ao ver que a caravana de Azerwan não chegava, o que atrasava o seu regresso à mina. Segundo ficara combinado, duas semanas depois da sua partida devia ter saído a caravana com um novo carregamento de sal e a companhia de Aos. Mas tinha passado mais tempo do que o previsto e nada se sabia dela.

Esperou mais quinze dias, sem deixar uma única vez de passar por casa do agente que os Barbieri tinham em Quastiliya, e de todas elas voltou sem notícias, de modo que decidiu empreender a viagem de regresso com a confiança de cruzar-se com eles no caminho.

Tardou oito dias a chegar às imediações do oásis, preocupado por não ter-se cruzado com Azerwan. Montado no seu dromedário, avistou desde o extremo do lago a última légua que o separava das primeiras casas sem notar quaisquer sinais de actividade. Bateu com os calcanhares no flanco do animal até pô-lo a trote, e, quando estava a menos de cinquenta jardas, viu a figura de um homem estendido no lago, em contraste com a brancura do sal. Obrigou o dromedário a pisar a estaladiça superfície salgada, atormentado pelos mais negros pressentimentos. Saltou do animal em andamento e correu para o corpo, apavorado. Depois de várias tentativas para afastar a nuvem de moscas que o rodeava e quase sem conseguir respirar, voltou o cadáver e verificou que se tratava de um dos novos trabalhadores. Tinham-lhe cortado o pescoço de um golpe.

Aquela espantosa imagem foi um choque tão grande que começou a tremer, angustiado pela sorte dos amigos. Agarrou a cabeçada do dromedário e puxou por ele para se dirigir a toda a pressa para a primeira casa. Antes de chegar encontrou outro corpo, caído de cara para baixo e crivado de punhaladas.

Chamou por Azerwan aos gritos, aturdido, sem receber resposta. O silêncio absoluto que envolvia o acampamento fazia-o pressagiar o pior.

Entrou na casa em busca do amigo e de Ubayda, mas não encontrou ninguém.

Ao sair, olhou em todas as direcções antes de se encaminhar para a mina. Pelo caminho viu outros três corpos estendidos na areia, aos quais se dirigiu dominado por uma angústia insuportável. Um deles era o de Omar, degolado e com os genitais horivelmente mutilados. Os olhos encheram-se-lhe de lágrimas, espantado ante tanta brutalidade. Sentiu uma enorme pena daquele jovem que despertara nele um carinho especial: professor de árabe, companhia agradável durante muitas tardes e bom conversador, Omar tinha chegado a confessar-lhe os seus segredos mais íntimos. Voltou-o de modo a ocultar com pudor a mutilação de que fora vítima, sem saber muito bem para onde ir a seguir. Tal era o pânico que sentia naquele momento que ao voltar a pôr-se de pé os joelhos lhe falharam e pouco faltou para cair na areia. Afogado em angústia, dirigiu-se aos outros corpos. Pelas suas posições, e pela maneira como a areia estava revolvida à volta deles, deduziu que tinham dado luta antes de morrer. Não tinha dúvidas sobre quem fora o autor daquela matança: Aos. Mas não imaginava como conseguira vencer tantos.

Olhou em redor, aterrorizado, com medo de encontrar os dois últimos corpos, os de Azerwan e Ubayda. Não viu mais cadáveres. Perguntava-se o que teria sido feito deles, movendo-se pelo palmeiral como se estivesse perdido no interior de um labirinto. Até que de repente pensou que talvez estivessem dentro da mina.

Sem perder um segundo, correu para a face norte do morro, pelo caminho que tantas vezes tinha percorrido com o sócio. Deixou para trás o palmeiral e procurou a entrada.

Foi ali que encontrou Azerwan.

Caiu de joelhos em frente dele e, sem poder conter-se, começou a chorar dominado por um desgosto inconsolável. Faltava-lhe o ar, a vontade de viver, tudo, vencido por uma dor profunda que lhe trespassava o coração de lado a lado. Ali estava o seu melhor amigo, com o pescoço aberto e empapado no seu sangue já seco. Com a vida quebrada e os seus sonhos desfeitos, ao pé de uma mina de sal pela qual tanto tinha lutado; uma meta que deveria ter mudado o

rumo da sua vida, num lugar onde tudo devia ter começado e que agora se tinha transformado num indesejado fim.

Apesar da maneira horrível como morrera, Hugo viu no rosto de Azerwan uma expressão doce, como se tivesse deixado este mundo sem guardar rancor a ninguém, ou talvez com a sensação de ter alcançado tudo a que um dia tinha anelado. Embora não houvesse vida neles, mantinha os olhos abertos. Ao olhá-los, Hugo quis entrever uma última mensagem dirigida a ele, talvez um conselho póstumo. E recordou naquele instante um provérbio que lhe ensinara quando andavam embarcados na *Santa Ana*, nas margens do fim do mundo, e que mais tarde ele tinha usado contra Aos naquela fatídica noite em que revelara a sua verdadeira personalidade. Ao contemplar os lábios secos de Azerwan, quis imaginar que o ouvia dizer mais uma vez:

«Hugo, o passado fugiu, o que esperas está ausente, mas o presente é teu...»

Num último abraço ao corpo inerte de quem tinha sido tudo, Hugo compreendeu que o seu presente tinha deixado de estar ali, e que a partir de então ia ter de procurar o ausente... Qualquer coisa no seu novo futuro a que ainda não podia pôr nome nem lugar.

Fechou-lhe os olhos, uma vez que já tinham cumprido a sua obrigação, com a intenção de não roubar mais tempo ao seu ansiado destino como bom muçulmano: contemplar com eles as muitas *huris* que iam acolhê-lo nos jardins do céu, cheias de glória. Depois de cobrir-lhe o rosto, adiando a obrigação de proporcionar-lhe uma sepultura digna, pôs-se a procurar Ubayda com um intenso desespero. Primeiro no interior da mina, depois nas proximidades do oásis, por fim nas margens do lago seco, sem encontrar rastro dela. Pensou que Aos devia tê-la levado, além da totalidade dos dromedários, pois tinham desaparecido da cerca onde os guardavam.

Pelo estado dos corpos, calculou que tinham morrido dois ou três dias antes da sua chegada, os mesmos que Aos levava de avanço se queria ir em busca de Ubayda. E fá-lo-ia, decidiu, mas não sem antes enterrar todos, de ir buscar o dinheiro ao lugar onde o escondiam e preparar-se para uma longa viagem que não teria regresso.

Demorou um dia inteiro a cavar as sepulturas dos seis homens, chorá-los e desesperar-se pelo pouco dinheiro que recuperou, o que ia obrigá-lo a parar em Quastiliya para cobrar dos seus compradores o último carregamento de sal

enviado. Seria esse o seu único legado, pois ao não constar como proprietário da mina não poderia pô-la à venda. Era mais uma infelicidade, somada a outras ainda piores, que ia complicar muito a sua nova situação, pois ainda devia muito ao banqueiro Martín de Soria.

Quando o interminável dia parecia ter chegado ao fim, antes do anoitecer recebeu a inesperada visita de *Aylal*, aquele surpreendente falcão que não via há mais de um mês. Pousou-lhe no braço, fechou as asas e olhou-o de uma forma diferente. Os seus profundos olhos escuros não se fixavam apenas nele, procuravam-no, como se tivesse consciência da enorme desgraça que tinha vivido.

Hugo quis ver afecto no seu comportamento e em resposta acariciou-lhe as asas.

– Quem me dera voar como tu, para poder escapar a este inferno!

Aylal dirigiu a sua atenção para um ponto no horizonte, com essa majestade que só os da sua nobre classe possuem, sem o compreender, ausente, mas talvez ao mesmo tempo presente. Emitiu três longos gritos, dobrou a cabeça para trás, enfunou as penas e, como que em resposta a um instinto de algum lugar do seu curto entendimento, soube que nunca ia abandonar aquele humano.

Quando o Sol desapareceu atrás do horizonte, Hugo, surpreendido pelo facto de o gerifalte continuar com ele, passou-lhe um dedo pelo dorso e acabou por abençoar a sua companhia: a única que aquele recôndito lugar lhe ia deixar. Incapaz de dormir numa casa cheia de recordações, deitou-se na areia com o céu como tecto e a reconfortante companhia de uma ave que, por algum inexplicável motivo, continuava a seu lado pousada numa pedra.

Na manhã seguinte madrugou para cobrir a maior distância possível, com a ideia de evitar o calor do meio-dia. Deixava para trás metade de si, um querido contador de lendas que lhe abria as portas do seu ser, um jovem Omar que acabara por abalar os seus princípios e um enorme sonho em forma de sal. Levava consigo a sua escassa bagagem, um dromedário e, no braço, um falcão-branco.

Muito mais a norte dois homens, montados em dromedários, faziam o mesmo, dirigindo-se a Quastiliya em busca da mesma pessoa: o agente dos Barbieri. Iam em busca de Hugo, e Hugo em busca do dinheiro com que encerrar aquele malogrado capítulo da sua vida.

Terceira parte

Luzes de vidro e paixão

«Se a paixão, se a loucura não passasse de vez em quando pelas almas... que valeria a vida?»

JACINTO BENAVENTE

Capítulo 1

Quastiliya. Ifríquia. Dezembro de 1477

A presença de *Aylal* atraiu uma multidão de curiosos que decidiram acompanhar Hugo desde que pisou a primeira rua de Quastiliya até casa do seu mestre e amigo Mustafá ibn al-Baitar. Ouvia-os falar. Diziam nunca ter visto um falcão-branco, e no entanto todos tinham ouvido maravilhas sobre o seu valor. *Aylal* olhava-os desconfiada, agarrada ao braço de Hugo. Da altura que o dromedário lhe proporcionava, começou a dar os primeiros sinais de inquietação, momento em que Hugo decidiu pôr-lhe o caparão.

Ao contrário da ave, ele examinava todos os rostos em busca do de Aos, sem o encontrar. Esteve várias vezes tentado a perguntar por ele, mas absteve-se de o fazer. Se decidira ir a casa de Mustafá antes de experimentar outras vias, fora para pedir conselho e ajuda sem querer expor-se demasiado num território que considerava hostil.

Um dos ajudantes do alveitar abriu-lhe o portão e mandou embora os curiosos antes de voltar a fechá-lo.

– Está em casa?

– Tendes sorte, *syd*, acaba de chegar de uma visita. Está a mudar de roupa. Esperai-o aqui, não vai tardar. Quereis um copo de água fresca?

– Agradecer-vos-ia muito.

Hugo desmontou do dromedário com *Aylal* no braço. Localizou um sólido arbusto e deixou o falcão num dos ramos. A ave, a que retirou o caparão, examinou os arredores e, sem pressa, pôs-se a alisar as penas do peito.

Não passaram muitos minutos, os poucos que Hugo dedicou a contemplar os vários maciços florais que coloriam os arcos e colunas do pátio, antes que Mustafá aparecesse com uma expressão risonha. Ao avistar *Aylal*, aproximou-se com curiosidade.

– O que temos aqui?

– Encontrei-a no deserto. Ou melhor dizendo, foi ela que me encontrou a mim.

Hugo apertou a mão do seu mestre com tanta força que conseguiu chamar-lhe a atenção. A angústia que viu no rosto do seu discípulo pressagiava más notícias.

– Aconteceu alguma coisa?

Hugo descreveu com palavras atropeladas o que tinha sucedido na mina, mais interessado em chegar ao desaparecimento de Ubayda e às suas certezas sobre a autoria da matança do que em deter-se nos pormenores. Mustafá manteve um silêncio estupefacto. Conhecia Aos desde que eram crianças. Tinham partilhado escola e juventude e, embora soubesse do seu extremismo religioso, não o imaginava capaz de cometer uma tão vil acção. A sua imediata indignação transformou-se em irrefreável ira ao saber que entre os assassinados se contava um dos seus primos mais queridos, enviado para trabalhar com Azerwan e Hugo por sua intercessão directa.

– Não sabia o que fazer... – continuou Hugo. – Desconheço as vossas leis e também não sei a quem denunciar o que esse assassino fez. Talvez esteja em Quastiliya, ou pode ter-se escondido em qualquer outro lugar. Não sei. Mas o seu crime não pode ficar impune. Por isso vim até vós. Para que me ajudeis a encontrá-lo, resgatar a mulher e conseguir que se faça justiça. Ocorre-vos alguma coisa?

Mustafá chamou o seu ajudante e ordenou-lhe que lhe preparassem um cavalo. Recomendou a Hugo que o esperasse em sua casa enquanto não encontrasse o assassino, mas, face à determinação demonstrada pelo castelhano, acabou por compreender o seu desejo e ordenou ao mesmo criado que preparasse outra montada. Durante a espera, explicou o seu plano.

– Iremos primeiro a casa dele, para nos certificarmos de que não está lá. Se não o encontrarmos, talvez eu saiba onde pode ter-se escondido, porque... Não sei, talvez se tenha refugiado num sítio... – Não terminava nenhuma frase. Parecia hesitante, cauteloso. Até que a pressão de Hugo o obrigou a expressar-se com mais clareza. – Quando éramos pequenos, costumávamos esconder-nos numas grutas que tínhamos descoberto por acaso no sopé de um monte, a menos de três léguas a oeste da cidade. Agradaram-nos porque eram impossíveis de localizar para quem não soubesse da sua existência. Talvez Aos se tenha lembrado delas. Não deixam de ser um bom lugar para desaparecer durante uns tempos, desde que se disponha de víveres e água suficientes. Se estiver lá, temo pela sorte da

vossa amiga. São demasiadas horas juntos e sem testemunhas. Ainda que tratando-se de um *mujahedin*, talvez isso a livre... Não sei.

– O que é um *mujahedin*?

Acabavam de levar-lhes os cavalos.

– Aquele que está comprometido com a guerra santa... – Mustafá montou com agilidade o seu. – São homens devotados ao islão. Agem como soldados, às ordens de um imã ou outra autoridade religiosa. São muito considerados no seio da sociedade muçulmana. Se há alguma coisa que os caracteriza é o facto de agirem sempre num escrupuloso respeito pelos ensinamentos do Livro, e também pelo celibato: este último não acontece em todos os casos, mas sim na maioria. Se Aos estiver entre os primeiros, a mulher que procura não estará em tão más mãos, nesse sentido.

Hugo montou a cavalo, deixou que *Aylal* lhe pousasse no braço, cerrou os punhos e olhou para o céu, prometendo vingança.



Noutra parte da cidade, Policarpo e o seu esbirro caminhavam com dificuldade por entre o formigueiro de gente. Procuravam a casa do correspondente dos Barbieri no meio do *souk*, seguindo as indicações que lhes tinham dado para encontrá-la. Tinham-se perdido uma e outra vez entre as tortuosas vielas, repletas de visitantes. Precisavam de localizar um estreito beco entre duas lojas: uma de calçado e outra uma conhecida ourivesaria. Mas não conseguiam dar com nenhuma delas.

Pelo caminho, notaram que as pessoas os olhavam com expressões pouco amistosas.

O seu aspecto ocidental chamava demasiado a atenção entre os transeuntes. Mas foi ainda pior quando, passada uma hora, fartos de terem de afastar-se para dar passagem a uns e outros, esqueceram a necessária sensatez de estrangeiros e começaram a abrir caminho sem o menor cuidado e com ares de superioridade que muito depressa suscitaram protestos.

Perguntaram aqui e ali, mas ninguém os entendia.

– Tenho tanta fome que se não procuramos já um sítio onde comer, paro e daqui ninguém me arranca. Ficais avisado.

Policarpo voltou-se para o seu acompanhante, e se não lhe rebentou o nariz com um murro foi porque o outro lhe travou o gesto a tempo.

– Compreendo que estejas cansado e farto; eu também estou. Ora bem, juro-te que enquanto não falarmos com esse tal Carlo, não te deixarei encher esse insaciável estômago que tens... – Franziu o cenho. – Quanto menos tempo estivermos por aqui melhor. – Esta gente não gosta de nós; basta olhar-lhes para a cara para perceber.

Nesse preciso instante, Policarpo viu aparecer entre a multidão três homens de ar zangado acompanhados por três mulheres que os apontavam. Desconhecia as razões, mas como ainda se encontravam a certa distância, exortou o seu homem a correr, deram meia volta e lançaram-se a toda a velocidade pelas vielas mais próximas, pondo ainda menos cuidado com as pessoas. Umas caíam ao serem empurradas, outras afastavam-se a tempo para os deixar passar. E mais de uma banca de fruta acabou tombada com o seu conteúdo a rolar pelo chão.

Policarpo não estava a gostar nada daquilo.

Além de ter consciência do lugar perigoso onde se encontravam, não tinham feito outra coisa senão chamar a atenção, quando a ideia inicial era passarem despercebidos.

Depois de contornarem como puderam um rebanho de ovelhas, meteram por uma larga rua e a sorte acabou por lhes sorrir quando avistaram o acesso à casa do veneziano, entre as tais duas lojas. Correram para o beco e esconderam-se atrás de uma saliência de pedra até verem passar ao largo os seus perseguidores. Em frente deles havia um portão de madeira chapeado, suficientemente grande para se entrar a cavalo. Policarpo aproximou-se e bateu com os nós dos dedos.



Carlo Fetranni não era um Barbieri, mas pouco lhe faltava. Além de ter trabalhado toda a sua vida para aquela família, quando lhe perguntavam pela sua relação com eles começava a desbobinar uma longa litania de nomes que acabavam por transformá-lo em primo em terceiro grau. Foi o que fez quando Policarpo se sentou à sua frente no escritório.

O seu acompanhante ficara à espera num pátio interior, agarrado a uma água com limão à falta de coisa mais sólida que levar à boca.

– ... mas aposto que não viestes para conhecer a minha genealogia. – Fetranni ofereceu-lhe um prato com amêndoas torradas. Policarpo tirou duas. – Que vos traz por estas terras tão distantes das vossas?

– Trabalho para uma família de Burgos, os Covarrubias, há tanto tempo que agora não saberia dizer quanto... – Desviou o olhar para o tecto, como se a resposta estivesse a pairar algures entre a sua cabeça e o engessado. O gesto ocupou-lhe apenas uns segundos e voltou à conversa. – Como vós com os Barbieri, não é verdade? Toda uma vida ao seu serviço.

Carlo esboçou um sorriso complacente. Se os motivos daquele sujeito eram monetários, até ia gostar, pensou.

– Bom, explico-me – continuou Policarpo. – Venho em busca de um Covarrubias, Hugo, que segundo julgo saber conheceis. – O veneziano assentiu com a cabeça. – Tenho de transmitir-lhe da parte do pai uma mensagem importante para fazer-me vir em pessoa. A família sabe que reside nos arredores desta cidade, mas ignora onde. Obtive a direcção do vosso escritório graças a Don Luccio Barbieri, que visitei depois de Damián de Covarrubias, o irmão de Hugo, ter recebido uma ordem de pagamento que vós assinastes para saldar uma dívida que tinham entre eles. Pouco mais vos posso contar. É tudo o que sei. Só preciso que me digais onde encontrar Hugo para lhe fazer chegar um importante recado.

Carlo, confiado na explicação, contou o que sabia.

Policarpo ficou decepcionado.

– Ou seja, não conheceis o local exacto da mina, uma vez que vos limitais a pagar os carregamentos de sal... Bem. E não saberíeis dizer-me a quem posso perguntar?

– A única pessoa que pode dizer-vos alguma coisa é o imã Abdulah. Sei que em mais de uma ocasião lhes arranjou trabalhadores. Se não ele, algum dos que lá estiveram saberão dizer-vos o que quereis saber. O imã podereis encontrá-lo na mesquita principal, à saída do *souk*. Não tem que enganar.

Policarpo agradeceu-lhe a informação e a amabilidade antes de se despedir à porta do edifício.

Uma vez no interior do labiríntico *souk*, seguiu as indicações que o veneziano lhe tinha dado para sair dele no ponto adequado e chegar à mesquita. Na sua cabeça, enquanto caminhava, buliam várias ideias. Se encontrar Hugo estava a revelar-se mais complicado que o previsto, também não lhe agradava nada ter de procurá-lo fora da cidade, num lugar onde poderia estar acompanhado e protegido pelos seus homens. Mas se tinha feito toda aquela viagem com o único

objectivo de acabar com ele, não ia agora voltar atrás por muito adversas que fossem as circunstâncias.

A presença do seu esfomeado acompanhante e as suas exigências para que parassem para comer acabaram por fazê-lo descer à realidade. Pararam num banca onde se vendia doces e compraram meia dúzia antes de retomar a marcha à procura do imã. Como ia falar com ele se não sabia uma única palavra de árabe? Com estas e outras incertezas seguiu o seu caminho a morder o único doce que o seu acompanhante tinha deixado no pacote.



Nesse instante, quatro homens cavalgavam a galope pela árida vertente de uma montanha a pouca distância de Quastiliya na esperança de encontrar Aos nas grutas que Mustafá ibn al-Baitar conhecia. Tinham passado primeiro por casa do *mujahedin*, mas lá ninguém sabia dele havia meses.

Hugo, montado numa égua, recordava bem a propósito as imagens dos amigos mortos para encher-se de coragem, como se desse modo alimentasse a ira necessária para enfrentar aquele monstro no caso de o encontrarem nas grutas. *Aylal* agarrava-se-lhe ao braço cravando as garras para não perder o equilíbrio durante a galopada. Fazia-o com tanta força que Hugo decidiu deixá-la voar e a ave agradeceu, batendo primeiro as asas com força para ganhar altitude e procurando depois uma corrente quente para subir sem tanto esforço. Mustafá retirou o lenço com que protegia o rosto para dizer a Hugo que abrandasse a marcha, enquanto apontava um lugar a cerca de duzentas braças do sítio onde estavam. Deixaram os cavalos num palmeiral e caminharam encosta acima em silêncio, evitando fazer ruído.

Sessenta metros mais acima, a montanha parecia rasgar-se numa larga fenda, delimitada por uma cascata de grandes rochas que, amontoadas umas sobre as outras, ocultavam a boca de uma gruta com altura suficiente para permitir a entrada de animais. Bordejaram a parece rochosa pondo especial cuidado em evitar que as pequenas pedras que pisavam rolassem encosta abaixo. Dois dos homens, seguindo as instruções de Mustafá, subiram pelos lados da abertura para a verem de cima, não fosse Aos estar a vigiar dali. Hugo e o seu mestre esperaram meio escondidos até terem essa certeza.

Hugo respirava muito depressa. Empunhava uma cimitarra com a mão direita e na outra tinha uma adaga, com os olhos fixos na boca daquela gruta onde podia

estar o seu pior inimigo. Mustafá fazia o mesmo, mas sem perder de vista o alto da entrada e os seus homens. Até que a surpresa e o susto os sobressaltaram quando viram um deles cair perto do sítio onde estavam.

– Procura a mulher na gruta! – gritou Mustafá a Hugo. – Eu encarrego-me desse assassino.

Hugo entrou na gruta com tanta pressa que tropeçou nas várias pedras espalhadas pelo chão antes que os seus olhos se habituassem à ausência de luz. Gritou o nome de Ubayda, encontrou os dromedários atados a uma ponta rochosa e deteve-se uns segundos para ver melhor.

– Ubayda! Sou eu, Hugo! – gritou, fazendo uso de toda a potência da sua voz.
– Ubayda!

Além do eco dos seus gritos, pareceu-lhe ouvir uma débil voz vinda de um dos extremos da gruta. Dirigiu-se para lá a correr, sem ter em conta o que podia estar a acontecer lá fora. Teve de se agachar para aceder a uma primeira câmara e acabou por avançar de gatas pelo interior de um estreito túnel. No fim deste distinguiu um pouco de luz, à direita de um pequeno cotovelo. Quanto mais avançava mais ouvia a voz de Ubayda. O tortuoso percurso terminou numa câmara bastante grande onde a viu, amarrada e estendida no chão, de costas para uma parede.

– Hugo... Hugo... – conseguiu ela dizer antes de começar a chorar.

– Calma, já passou tudo.

Ajoelhou-se para cortar as cordas. Ao ver-se livre, Ubayda abraçou-se a ele, aliviada mas desfeita de dor, com uma profunda pena acumulada. Depois chegaram as palavras, entrecortadas, difíceis, dolorosamente duras.

– Matou-os todos... todos... Foi tão horrível... Tão assustador!

– Eu sei. Vi quando voltei à mina. Enterrei os seus corpos para que ao menos tivessem um justo descanso.

– Hugo... Quero vê-lo morto! – disse ela, cerrando os punhos com infinita raiva.

Depois de examinar os pulsos e os tornozelos feridos pelo roçar da grossa corda, Hugo procurou-lhe os olhos. Nos olhares que se cruzaram viajaram perguntas que ele não se atreveu a fazer e que ela compreendeu negando com a cabeça.

– Só conseguiu fazer-me sentir asco, ódio e repugnância.

– Esse cão pagará por tudo o que fez...

Hugo cerrou os punhos indignado pelo que acabava de saber, para em seguida a pôr ao corrente do que estava a acontecer lá fora.

Estudou as possibilidades da gruta. Ao ver que só tinha um acesso, pediu a Ubayda que ficasse quieta, onde tinha estado até então, como se continuasse amarrada. Acabava de ouvir um ruído. Por precaução, procurou uma saliência de rocha junto da entrada, com a cimitarra erguida e em absoluto silêncio. Segundos depois ouviu passos, seguidos de um arquejar, depois uma tosse seca, um gemido. Receou o pior. Suspirou, fechou os olhos, pediu forças a Deus e retesou todos os músculos do corpo à espera de ver quem vinha, com medo, com muito mais medo do que alguma vez tivera em toda a sua vida. Os passos soavam cada vez mais perto, até criarem um estranho eco que acabou por lhe gelar o sangue.

Olhou para Ubayda e soube que estava tão aterrada como ele.

O que aconteceu a seguir pode ter durado poucos segundos ou muitos, foi incapaz de calcular. Porque, quando viu aparecer uma babucha, colou-se o mais que pôde à parede, na esperança de que fosse Mustafá. Mas quem entrou foi Aos. Ao identificá-lo, agiu como *Aylal* teria feito: num gesto fulminante brandiu a adaga e atravessou-lhe o pescoço de lado a lado. O *mujahedin* já estava ferido num flanco. Hugo pôde vê-lo antes de receber o seu olhar, carregado de ódio, e o cintilar de outra adaga que o procurava. Por sorte conseguiu evitá-la e cravar a cimitarra no ventre de Aos até ao punho, a recordar Azerwan, Omar e os outros que tinha assassinado.

Antes que Aos caísse morto, Ubayda dirigiu-lhe umas últimas palavras.

– Olha para mim! Porque sou a última mulher que vais ver antes de entrar no inferno! Amaldiçoo-te, Aos! Nunca te deitarás com uma das setenta e duas *huris* que Alá reserva para os seus, porque tu não és d’Ele... Tu és filho do diabo!

Ubayda abraçou-se a Hugo e sentiu a presença de Azerwan nos seus braços, no seu hálito. Talvez por isso se aconchegou mais a ele enquanto abandonavam a gruta. Hugo encontrou Mustafá apoiado a uma das enormes pedras, ferido mas vivo. Tentava tapar um profundo golpe no flanco e mal conseguia respirar ou falar. Embora o tenha feito ao ver a mulher com Hugo.

– Morreu?

– Graças a Deus, está tudo acabado – respondeu Hugo, enquanto avaliava a gravidade da ferida. – Precisas de um médico com urgência. Deixa-me ajudar-te

a montar. Consegues cavalgar? Que é feito do resto dos teus homens?

– Receio que estejam todos mortos.

Tossiu, e um fio de sangue deslizou-lhe pela comissura dos lábios.

Ubayda rasgou a túnica, arrancou dela uma comprida tira de tecido e tomou a iniciativa. Enrolou-a à volta do peito do ferido e atou-a com força. Mustafá sentiu um alívio imediato, ainda que lhe custasse respirar. Hugo conseguiu levantá-lo e sentá-lo na sela do seu cavalo, não sem um grande esforço, e subiu para a garupa do animal. Esperou até ver Ubayda montada e sem perder um segundo arrancou a galope em direcção a Quastiliya. Abraçado ao ventre do seu mestre para não o deixar cair, sentiu-o meio morto.

Às perguntas de Hugo, num fio de voz e com extrema dificuldade, Mustafá conseguiu explicar onde encontrar o médico: em frente da grande mesquita.

Para lá se dirigiram.

Capítulo 2

Quastiliya. Ifríquia. Dezembro de 1477

Policarpo esperou que o imã da mesquita terminasse as suas orações para cair-lhe em cima à saída do templo com uma ânsia desmedida. Estava tão obcecado com a ideia de localizar Hugo que não pôs cuidado algum na escolha das suas primeiras palavras, o que provocou uma expressão de profundo assombro da parte do religioso. De pouco serviu a pletora de gestos que usou a seguir, e o empenho que pôs em falar mais devagar também não. No fim, parecia estar a conversar com uma parede. Frustrado pelo escasso efeito das suas perguntas, Policarpo experimentou formulá-las de diferentes maneiras, até que numa delas referiu o nome de Hugo de Covarrubias. Mal o fez, e como que por artes de magia, as anteriores dificuldades de comunicação desapareceram, para descobrir que o homem, ainda que mal, falava um pouco de castelhano.

– Conheço esse Hugo.

– Conheceis? – Policarpo limpou a testa com um lenço. Tinha suado para fazer-se entender e ainda não acreditava no que acabava de ouvir.

– Falo pouca... Por que procura Hugo?

O imã Abdulah examinou o estrangeiro, desconfiado. Sem saber ainda se o seu fiel Aos tinha conseguido levar a cabo o plano de eliminar o herege beduíno e o seu amigo cristão, como lhe tinha ordenado depois de ter obtido quaisquer informações sobre possíveis acólitos, não ia permitir que aquele tipo metesse o nariz nos seus assuntos. E menos ainda tratando-se de um possível amigo do castelhano.

– Trabalho para o pai dele e levo-lhe uma mensagem...

Policarpo tentou economizar as palavras, em consideração pelo seu interlocutor, que em vez de lhe agradecer reagiu da forma mais inesperada.

– Ide-vos embora! Não sei onde está esse *hómine*!

A firmeza com que o disse, bem como a atitude que tomou logo a seguir, dando por terminada a conversa, excedeu a paciência de Policarpo. Decidiu não aceitar uma negativa assim sem mais. Agarrou o braço do imã e travou-o em seco.

– Não sei nem quero saber o motivo da vossa negativa. Mas garanto-vos que daqui não saís se não me disserdes agora onde posso encontrá-lo!

Policarpo expressou-se com bastante contundência, e, como se isso não fosse suficiente, marcou-lhe o pescoço com a ponta do punhal.

O imã, ao sentir o aço, olhou o estrangeiro nos olhos e soube que falava a sério. Hesitou, tardou uns segundos a decidir-se e, quando estava prestes a explicar onde poderia encontrar Hugo, viu-o do outro lado da estrada. Piscou os olhos três vezes, sem querer acreditar. Não havia a mais pequena dúvida. Tratava-se de Hugo de Covarrubias a cavalo, acompanhado por outros dois cavaleiros, uma mulher e um homem ferido.

Aturdido, contemplava a cena de boca aberta, a apontar um dedo para eles. Policarpo, surpreendido pela reacção, voltou-se para ver o que era que tanto o atraía, e qual não foi a sua surpresa quando identificou Hugo sob um turbante e uma curiosa vestimenta, com um falcão no braço e a menos de cem passos do sítio onde se encontravam. Tardou a reagir. Viu como Hugo lançava o falcão para o céu, desmontava do cavalo e ajudava o seu acompanhante, ao que tudo indicava gravemente ferido, a desmontar e acabava por carregá-lo ao ombro. Nem queria acreditar na sorte que estava a ter. Três anos e meio depois de o ter perdido em Bermeo, via enfim próxima a possibilidade de conseguir que aquele mequetrefe deixasse de ser a sua pior ameaça.

Interrogado pelo seu agressor, o imã identificou a casa onde iam entrar como sendo a do médico. De tão longe não conseguia identificar os seus acompanhantes, ainda que o ferido tivesse uma razoável parecença com o alveitar. Policarpo observava a cena um tudo-nada aturdido. Assobiou ao seu homem para que se aproximasse e apontou-lhe o alvo pelo qual ia pagar uma fortuna antes de o ver entrar na casa. A mulher negra, de bonitas feições, ficou a guardar os cavalos. Devia ser a escrava de Hugo, ou talvez do outro homem, imaginou. Largou o braço do imã, que fugiu a correr sem pensar duas vezes, e a partir desse instante os dois estrangeiros começaram a caminhar lado a lado em direcção ao objectivo, sem mostrarem demasiada pressa, com calculada firmeza.

Ubayda viu-os chegar.

Estranhou a sua forma de vestir, o seu aspecto, mas sobretudo o seu olhar. E pressentiu que ia acontecer qualquer coisa.

Os homens estavam cada vez mais perto. Olhou através da janela para a casa e só viu sombras. Não sabia o que fazer. Quando os viu mais perto, leu-lhes a maldade nos olhos e as suas dúvidas dissiparam-se: levavam más intenções. Por um instante pensou em correr e bater à porta para avisar Hugo e refugiar-se no interior, mas os homens estavam tão perto que não teria tempo. Desviou o olhar para não atrair mais do que a conta a atenção deles e começou a acariciar o cavalo com demasiado empenho.

O mais alto deteve-se, mas o outro continuou a avançar para a casa do médico. Ubayda via-os pelo canto do olho. O mais tosco hesitou entre bater à porta e esperar, e, como o cúmplice lhe indicou que ficasse quieto, colocou-se de um lado do umbral, de costas para a parede. Ubayda começou a tremer. Como podia avisar Hugo?

Procurou nos alforjes e encontrou uma adaga. Escondeu-a na faixa da cintura, a tentar encontrar uma maneira de avisar Hugo para não ser apanhado de surpresa. E de súbito a presença do seu cavalo deu-lhe uma ideia. Se conseguisse incomodá-lo o suficiente, talvez os seus relinchos chamassem a atenção no interior e alguém decidisse espreitar pela janela. Começou a beliscar o focinho, os beiços, as orelhas e o pescoço do animal. O cavalo agitou-se, olhou para ela com um ar desconfiado, surpreendido, mas não relinchou. Ubayda resolver ser mais expedita. Pegou na adaga e picou-o no flanco, sem pretender feri-lo mas com alguma firmeza, o que fez que o animal comesse a relinchar de uma forma exagerada. Ubayda escondeu a lâmina e olhou para a janela com ansiedade, mas não houve qualquer reacção. Por isso, quando dois minutos mais tarde a porta se abriu e Hugo apareceu, os acontecimentos precipitaram-se. O que parecia mais distinto fez um sinal ao outro, que respondeu tirando da roupa um comprido punhal e saltando para o seu alvo. Não havia tempo e Ubayda gritou ao amigo, a apontar para o atacante, ao mesmo tempo que corria para ele de adaga na mão.

Hugo conseguiu esquivar a primeira punhalada, mas com a segunda não teve tanta sorte e a lâmina cortou-lhe o braço. Policarpo correu para eles sem perder de vista a mulher, adivinhando as suas intenções. Mas também não chegou a

tempo e viu como cravava três vezes a adaga nas costas do seu homem, à altura dos rins, antes que tivesse tempo para reagir. Quando a alcançou, desferiu-lhe um brutal murro na cara e Ubayda tombou sem sentidos.

Hugo saltou para ele mal o reconheceu.

– Maldito sejas! – gritou, sem reparar na arma que empunhava.

Policarpo respondeu com mais habilidade do que o seu esbirro, do que resultou uma punhalada na coxa de Hugo. Apesar da dor, o jovem conseguiu reagir com rapidez suficiente para acertar um forte murro no ventre do seu atacante que o deixou dobrado durante alguns segundos, os suficientes para encaixar mais um nos rins e outro no pescoço que lhe cortou o alento. Quase sem conseguir respirar, ouviu como Hugo o acusava de traidor, ao mesmo tempo que recebia um fortíssimo murro no peito. Mas para surpresa do mais jovem dos contendores, o feitor dos Covarrubias refez-se com extrema rapidez e cravou-lhe a ponta do punhal no flanco direito. A ferida deixou Hugo momentaneamente incapacitado, oportunidade que o seu atacante decidiu aproveitar. Ergueu o punhal, calculou o melhor ângulo para lhe cortar o pescoço, e quando estava prestes a desferir o golpe fatal recebeu uma violenta pancada na cabeça, procedente de uma sombra que acabava de surgir do céu a uma velocidade vertiginosa. Apesar de ter ficado um pouco atordoado, percebeu que se tratava de uma ave. Mas foi a última coisa que viu, porque ao tentar tirá-la de cima da cabeça brandindo o punhal, *Aylal* cravou-lhe as afiadas garras nos olhos, enterrando-as até ao fundo.

Hugo olhou para *Aylal*, que acabava de lhe salvar a vida. O falcão soltou um longo grito, mas não afrouxou a pressão das suas garras sobre um Policarpo que pedia aos gritos que lhe tirassem aquela fera de cima. Uma multidão de curiosos começou a acudir, entre eles o médico, que saiu alarmado da sua casa. Hugo arrastou-se até alcançar Ubayda e começou a abaná-la para a despertar.

– Estás bem? Ele fez-te alguma coisa?

Ela recuperou a consciência, mas ficou paralisada ao ver o estado do amigo. Hugo sangrava com abundância da coxa e ainda mais do flanco. Além disso, respirava com dificuldade. Pareceu-lhe, no entanto, notar no seu rosto uma expressão de alívio ao vê-la sã e salva, e, no momento seguinte, outra de satisfação ao ver como Policarpo tentava fugir, chocando com as pessoas que o impediam de escapar, cego e com *Aylal* em cima da cabeça.

– Quem é aquele homem? – perguntou Ubayda, depois de chamar o médico para que acudisse ao amigo.

Com a cabeça apoiada no seu regaço, Hugo só conseguiu falar uns segundos antes de perder o conhecimento.

– Um traidor à minha família... E a pior sombra do meu passado.



A recuperação de Hugo foi lenta, mas Ubayda fez daquele tempo de repouso um dos mais gratificantes da sua passagem por África, um autêntico regalo para a sua alma. Não só lhe cuidou das feridas com o maior dos carinhos, como o ajudou a dar sentido à sua existência.

Recolhido em casa do seu mestre Mustafá, com quem partilhou cuidados, remédios e as visitas do médico, assistiu à descoberta de um ser muito maior do que até então tinha imaginado. Muitas tardes, sentados à sombra de uma gigantesca buganvília num canto do pátio da casa, surgiam conversas tão íntimas que não se recordava de as ter tido nem com Berenguela. A naturalidade com que aquela filha do deserto abordava qualquer tema tornava tudo fácil. Também falaram das respectivas infâncias. Ele, um dia, da mãe.

– Quando morreu, eu tinha só oito anos, mas sei que nesse momento morreu também a minha infância. Decidi naquele instante apagar para sempre tudo o que com ela tinha sido, feito, aprendido e vivido. Era uma criança e na altura nem soube por que o fazia, limitava-me a responder a uma força interior que me levava a mudar, a tornar-me outro; foi uma maneira de não trair o que ela tinha conhecido de mim.

Nessa tarde contou-lhe também como e quando tinham aparecido a madrastra e Damián, e como as suas poucas boas recordações cessaram quando tinha nove anos, um depois de ficar órfão, quando começara para ele uma longa e amarga etapa em que o irmão adoptivo só vivia para atrair os elogios e carinhos de um novo pai, e a madrastra para convencer o marido do inútil que o seu primeiro filho era. Ubayda escutou algumas das artimanhas que aquela mulher tinha usado para limitar e anular Hugo, e pareceram-lhe detestáveis.

Numa outra daquelas tardes, já perto do anoitecer e passadas duas semanas da agressão de Policarpo, Ubayda quis falar das máscaras que as pessoas usavam para se protegerem das suas verdadeiras realidades, dos seus sentimentos e anseios, numa tentativa de ajudá-lo.

– O significado da nossa vida fica gravemente ameaçado quando nos empenhamos em parecer diante dos outros aquilo que não somos... – Juntou as mãos e cravou o olhar de ébano nos olhos verdes do amigo. – Com Azerwan descobri que a verdadeira felicidade está em sermos nós, mas também nas coisas mais corriqueiras: nas maravilhosas e por vezes pequeníssimas sensações que os nossos sentidos nos proporcionam, em aceitar o mais depressa possível as misérias que carregamos, como seres humanos que somos, em conseguir saborear uma bela recordação que vivemos, ou uma conversa como a que neste momento estamos a ter.

Aquele raciocínio fez com que Hugo pensasse na sua atitude.

– Já descobriste quais são as minhas máscaras?

– Até hoje, não. Eram difíceis de ver... Mas, depois de saber como foi a tua infância, penso que sim, e até compreendo porquê.

Bebeu um gole de infusão, ordenou as ideias, bebeu um pouco mais e começou a falar.

– Desde que te conheci houve uma coisa que me chamou muito a atenção: nunca falavas do teu passado. Dava a impressão de que não existira nada antes de conheceres Azerwan, como se te magoasse olhar para trás. Uma atitude que nunca compreendi muito bem, porque, se pensares nisso, todos somos numa boa parte aquilo que fomos, vivemos e sentimos em pequenos, nos nossos mundos, com a nossa família. Construímos o futuro com fragmentos do passado... Falaste da tua mãe e agora sei até onde te afectou. Mas, que se passou com o teu pai? Não me falaste dele.

Hugo retorceu as mãos, pouco à vontade.

– O meu pai quase não acompanhou o meu luto, de certeza teria o seu, e sobretudo muito trabalho e pouco tempo para mim. Eu precisava dele, mas não o tinha. Depois, quando apareceu com a minha madrasta, acabei de perdê-lo. Começou a ser feliz com ela, e eu, mais desafortunado, com saudades do que não voltaria a ter. Foram anos difíceis, de exigência, de estudos, a sentir falta do seu apoio e sobretudo sem nunca o ver orgulhoso de mim, talvez porque eu fracassava em tudo o que esperava da minha parte. Suponho que foi por isso que resolvi isolar-me de tudo e de todos, excepto da minha mãe quando pintava às escondidas. Tanto se me dava que me considerassem um desastre, na realidade queria falhar, frustrar todas as expectativas que tinham. Era a minha maneira de

rebelar-me. Cheguei a detestar a minha má sorte, a minha vida, a minha casa. Talvez por isso nunca consegui encontrar os fragmentos com que construir o meu futuro e não goste de falar do meu passado...

Estes motivos entristeceram Ubayda, embora não deixasse de compreendê-los. Decidiu ajudá-lo. Se não podia fazê-lo em relação ao passado, pelo menos em relação ao futuro.

– Que vais fazer quando estiveres curado?

– Tinha pensado, depois de cobrar os últimos carregamentos de sal, ir a Antuérpia saldar a dívida que tenho para com quem me emprestou o dinheiro para comprar a mina. Depois, não sei muito bem o que farei.

A referência a Antuérpia recordou a Ubayda o dia em que Azerwan lhe falara do profundo impacto que causara em Hugo a visita à catedral, bem como da sua intenção de procurar em África um bom pintor com quem aprender. Mas também recordava o peso que carregava a consciência do seu amado ao pensar que, por causa do negócio do sal, talvez lhe tivesse cortado a possibilidade de explorar na altura aqueles outros caminhos.

– Não foi nessa cidade que te sentiste atraído pelos vitrais?

Hugo assentiu e Ubayda decidiu dar voz ao que tantas vezes ouvira da boca de Azerwan: a sua profunda convicção sobre o que o amigo devia enfrentar.

– Se nasceste com o dom da pintura e vais para Antuérpia, por que não tentas aproximar-te desse mundo?

– Pensei fazê-lo antes de vir com Azerwan para Ifríquia. Agora duvido que me aceitassem como aprendiz, com vinte e quatro anos. Mustafá fê-lo porque lhe pagámos, mas agora não teria com quê... Depois de pagar o empréstimo, só me restará dinheiro para viver algum tempo.

– Que te diria a tua mãe?

Ubayda sabia que aquela pergunta o encaminharia na boa direcção, como de facto aconteceu. Hugo abriu muito os olhos e o seu olhar dirigiu-se para um ponto indefinido naquele oceano de estrelas.

– Dir-me-ia que tentasse.

Ubayda sorriu.

– Então?

Só com ponderar a ideia, as recordações encheram-lhe a cabeça. A primeira tinha como protagonista Mustafá, quando o encorajava a usar o seu dom para

transmitir emoções aos outros. Outra relacionava-se com Azerwan, no dia em que tinham falado sobre a essência das lendas, de como transportavam consigo certos conhecimentos que ajudavam as pessoas a serem melhores, mais felizes, ou apenas a compreenderem melhor as suas vidas. E de súbito viu-se como que transportado até à abside daquela catedral, em frente das suas paredes de luz e cor, a fazer o mesmo que Van Diependaal. Por que não, a traduzir o testamento de Deus em vidro...

Olhou para Ubayda e ela percebeu a sua emoção. Lia-se-lhe nos olhos uma gratidão em que sobravam as palavras, mas mesmo assim quis dizê-las.

- Acabas de mostrar-me uma bela porta que talvez abra.
- Abre-a, então. Pode ser que do outro lado encontres o teu verdadeiro des...
- Quero que venhas comigo – disse ele, cortando-lhe a palavra.
- Meu querido Hugo... Não posso. Depois de perder Azerwan preciso de regressar a Tombuctu, estar com os meus, voltar a pisar uma terra reconhecível; pode ser que lá volte a encontrar-me. Se não me foi permitido desfrutar do homem que tanto amei, não me resta outro destino senão acabar no lugar de onde saí. Tentarei encher a minha solidão com as pessoas que de algum modo acompanharam a minha infância e juventude.

Hugo não se conformou com estes argumentos.

- Se o destino juntou as nossas vidas, não sei por que havemos de separá-las agora. Não quero perder-te. Além disso, prometi-o a Azerwan depois da tempestade de areia: ao ver a morte tão perto, obrigou-me a jurar que cuidaria de ti se alguma vez ele faltasse.

Ela baixou a cabeça entristecida, segura da sua decisão.

- Hugo, não... Não acredito que fosse o melhor. Tens de procurar o teu destino sem a minha presença para te estorvar. Precisas de outra companheira para percorrer esse caminho, uma mulher que está à tua espera num lugar qualquer...
- apontou ambas as mãos para um sítio imaginário –, um ser que o teu Deus escolheu entre milhões de almas para que um dia te ame para sempre.

Com o eco destas palavras, *Aylal* apareceu no pátio e pousou no braço de Hugo. Procurou comida na sua mão, e quando não a encontrou expressou o seu desagrado com um estalar do bico, levantou voo e desapareceu da vista dele, com tanta pressa como tinha chegado.

- Também tu vais abandonar-me? – perguntou ele, dirigindo-se à ave.

Ubayda deu-se por aludida.

– Eu não vou abandonar-te. Vou permitir-te voar livre.

– Em toda a minha vida só conheci três mulheres que me amaram: a minha mãe, Berenguela e tu... Cada uma de uma maneira diferente, mas todas encheram de algum modo o meu coração. E sendo assim, pergunto-me por que tenho de ver-vos desaparecer uma atrás da outra.

Ubayda juntou o cabelo na nuca, puxou-o com força para o esticar bem e prendeu-o com uma fita. No seu silêncio, estava a escolher que palavras usar, mas a sua determinação não vacilou.

– Hugo, aprecio-te tanto que já fazes parte de mim. Acredita que nunca deixarei de sentir isto. E embora tenha a certeza de que hás-de percorrer este novo caminho sozinho, prometo-te que não me perderás. Voltaremos a encontrar-nos.

Hugo voltou a insistir, suplicou-lhe que mudasse de opinião e fosse com ele, mas recebeu mais uma vez a mesma resposta. Frustrado pela falta de êxito, mas necessitado como nunca dela, procurou-a num abraço de confidente, de amiga, de irmã e de mãe. Abrigado no seu regaço, sentiu-se por um momento reconfortado pelo palpitar do coração dela, pela ternura das suas palavras e a bondade dos seus desejos. E pensou que aquela mulher de pele tostada, coração brilhante e generoso, bela por fora mas ainda mais por dentro, seria a melhor recordação que levaria daquelas terras.



Dez dias depois chegou a despedida.

Ao longo da tarde anterior tinham evitado falar do assunto, mas, apenas uma hora antes que a caravana que ia levá-la até Tombuctu passasse para a recolher, surgiu o doloroso momento. Naquela última conversa voaram os desejos de felicidades de uma boca para a outra, enquanto o nome de Azerwan pairava entre os dois sem ser dito, e a sua imagem percorria os olhares como um fiapo de fumo, porque a sua recordação se fez presente até aos derradeiros suspiros. Naqueles últimos instantes, o profundo afecto que sentiam um pelo outro acabou por traduzir-se em carícias, mãos unidas e beijos. Foi um afogo de carinho tão fundo que o sentiram atrás da pele, dos olhares, das poucas palavras que trocaram, nos silêncios que acompanharam a separação definitiva, quando a caravana se pôs em marcha.

Ubayda não quis voltar a cabeça, com tantas lágrimas nos olhos como pena no coração. Deixava para trás um ser bom, vindo do outro lado dos mares; o melhor amigo do único homem que soubera encher a sua vida como nenhum outro. Chorava de dor, pois sabia que com Hugo perdia a última prova viva de um passado que nunca mais voltaria.

Ele, passado um pedaço, sem ter superado o tormento da despedida, selou um cavalo e galopou em busca da caravana. Anoitecia quando localizou a esteira de pó que o numeroso grupo deixava atrás de si. O sol cor de laranja, prestes a desaparecer para lá do horizonte, recortava a silhueta de cada dromedário, de cada viajante. Entre elas, Hugo distinguiu a de Ubayda. Deteve-se, olhou para o céu para agradecer ao seu amigo Azerwan ter-lhe dado a oportunidade de partilhá-la e dirigiu-se a *Aylal*:

– Queres despedir-te dela?

O falcão inchou as penas desejoso de abrir as asas e impulsionou-se do braço de Hugo para ganhar altura. No entanto, não procurou as nuvens nem a habitual distância do solo. Voou baixo, rumo à caravana de dromedários. E quando a alcançou emitiu três gritos que atraíram de imediato a atenção de um dos seus membros. Ao reconhecê-lo, Ubayda ergueu uma mão profundamente emocionada e voltou a cabeça. Ali estava Hugo. Foi então que descobriu uma coisa que fez vacilar as suas anteriores decisões. Porque também viu o amigo do seu amado, que tinha tirado da escravatura, que tinha seguido até a uma terra estranha deixando tudo para trás, um ser desprendido e íntegro que precisava dela. Pensou-o, sem deixar de olhar para ele, mas dessa vez escutando o coração e não só a cabeça, como tinha feito até então. Puxou as rédeas, separou o dromedário do cortejo e levou-o na direcção contrária à da marcha. A menos de dez metros do sítio onde Hugo esperava, dirigiu-lhe um sorriso. Ele gritou o nome dela e galopou ao seu encontro, transbordante de felicidade porque a terceira mulher da sua vida não ia abandoná-lo.

Capítulo 3

Nos arredores de Quastiliya. Ifríquia. Fevereiro de 1478

Hugo e Ubayda abandonaram a cidade depois de se terem despedido com grande pena e eterna gratidão de mestre Mustafá, já recuperado dos seus ferimentos, e de visitarem o agente dos Barbieri para cobrar o preço das últimas entregas de sal. Receberam mil e novecentas dobras. Graças a elas, Hugo ia poder saldar a dívida que contraíra junto do banqueiro Martín de Soria, incluídos os juros, e ainda lhe sobrariam trezentas. Com elas pagaria as duas passagens para Veneza, porto que, segundo Mustafá, era o que mais tráfico mantinha com Tunes e a entrada mais comum na Europa, e ficaria com cento e setenta dobras para viajar até Lovaina, onde procuraria a oficina de Hendrik van Diependaal.

Depois de ter matado um *mujahedin*, ser cristão e ter Ubayda a seu lado – que além disso matara um estrangeiro em plena rua –, ficar em África teria sido uma verdadeira temeridade. Nesse sentido, Mustafá fora o primeiro a aconselhá-los a sair de Quastiliya o mais depressa possível, consciente dos perigos que corriam.

As mortes de Azerwan e Aos, a agressão de Policarpo e a impossibilidade de continuar a explorar a mina, não sendo oficialmente seu proprietário, tinham obrigado a reformular a sua vida. E graças a Ubayda entrevira um possível caminho; um caminho vinculado à pintura e à arte como chaves do seu destino. Depois de ter conseguido que Ubayda quisesse partilhar a sua nova aventura, durante os dias que os separaram da partida de Quastiliya não deixara de pensar naqueles frágeis pedaços de vidro colorido que o tinham fascinado. E perguntou-se se os vinte meses passados no deserto, o saber e as técnicas aprendidas com Mustafá, ou os conselhos do seu inesquecível amigo Azerwan – todos juntos ou por separado – se teriam conjugado para o colocar naquela alternativa, ante um possível ofício muito afim das suas capacidades e anseios.

Não sabia se o aceitariam na oficina, tinha consciência de que os seus recursos económicos quando chegassem a Lovaina não lhes permitiriam manterem-se

mais que duas ou três semanas, e também previa a rejeição que a pele negra de Ubayda ia provocar numa sociedade tão conservadora como a flamenga, e mais quando se soubesse que ia conviver com ela. Mas acima de todas aquelas incertezas e dos problemas que iam sem dúvida surgir, uma enorme vontade começou a incendiar-lhe o coração de tal maneira que se sentia capaz de superar qualquer contrariedade. Ainda que, na previsão de não o conseguir, pensou que poderia sempre recorrer ao irmão adoptivo para lhe pedir emprestado algum dinheiro com que procurar outra oficina, talvez noutro lugar, com outro mestre, sem abandonar aquele fascinante mundo na companhia de Ubayda.

Com este ânimo, dois cavalos e os alforjes cheios de comida para contornarem a escassez de pousadas no caminho até Tunes, a 16 de Fevereiro de 1478 Ubayda e Hugo tomaram a em direcção do Norte com a intenção de atravessar a cidade de Quastiliya, e não tinham deixado para trás as últimas casas quando se encontraram com Policarpo.

O homem vagueava por uma rua na companhia de um cão que levava preso por uma corda. Tinha perdido muito peso e o seu aspecto era lamentável, muito diferente do porte distinto que sempre o caracterizara. Estendia uma das mãos para a frente para evitar chocar com as pessoas e as coisas e pedia aos gritos uma esmola, num mau árabe aprendido de urgência para evitar morrer de fome.

Detiveram os cavalos à espera de o ter mais perto.

Ele ouviu o relincho dos animais e também se deteve.

– Quem está aí? – perguntou, e incitou o cão a adiantar-se para explorar.

– Hugo de Covarrubias – respondeu Hugo, numa voz potente.

– Hugo! És tu? Ajuda-me, pelo amor de Deus. Estou desesperado e não tenho mais ninguém a quem acudir. Roubaram-me o pouco que tinha, e nesta cidade até um cão é mais bem tratado... – Atropelava as palavras, consciente de que aquela podia ser a sua última oportunidade de falar com alguém conhecido. – Leva-me para onde fores. Por favor. Prometo compensar todo o mal que fiz.

Ajoelhou no chão e juntou as mãos num pedido de clemência.

Quando Ubayda olhou para Hugo, já ele estava a remexer nos alforjes à procura de algumas moedas, de costas para Policarpo. O homem, ao ouvir o tilintar, pôs-se de pé e caminhou para eles de mãos estendidas, e ao chocar com o pescoço de um cavalo, o de Hugo, procurou a sela para receber a esmola. Em vez disso, e sem que o esperasse, encontrou o punho de uma adaga. Sacou-a a

toda a velocidade, e se Ubayda não tivesse sido mais rápida e encabritado a sua montada antes de deixá-la cair em cima dele, aquele canalha teria procurado com o aço o pescoço do amigo para lhe dar a morte. Vistas as suas intenções, Hugo lançou-lhe um olhar de profundo desprezo e retomou a marcha abandonando-o à sua sorte, sem gastar mais palavras. Mas Policarpo, ao sentir que se afastavam, caído no chão e consciente do seu lúgubre destino – cego, com um braço deslocado pela pancada do cavalo, dorido, a sangrar da cabeça e sem a mais pequena esperança de receber mais ajuda na sua nova e miserável vida –, pediu que o escutasse uma última vez.

– Compreendo que não mereço a tua compaixão nem o teu favor, e menos ainda depois de ter tentado ferir-te. Mas peço-te um último favor, ainda que seja apelando à tua humanidade.

Hugo freou o cavalo e perguntou-lhe o que queria.

– Mata-me! Prefiro-o a ter de passar por todo o sofrimento que me espera.

– Não mereces nada, nem esse alívio – respondeu Hugo, implacável. – Não vou matar-te. Terás de pagar neste inferno toda a maldade que praticaste na tua vida e fá-lo-ás pouco a pouco. Será essa a tua penitência... Adeus, miserável!

Ubayda viu como *Aylal* voltava a cabeça e dirigia um gélido olhar ao homem que tinha reconhecido, como que contagiada pela ira do dono.

Policarpo, depois de receber aquela negativa e a revolver-se no seu ódio, dedicou-lhe umas últimas palavras envenenadas.

– Vai-te! Vai-te embora e deixa que passe o tempo que me resta a reviver a doce recordação da tua querida Berenguela, de quem desfrutei durante este último ano. Saborearei na minha memória aquela pele suave que as minhas mãos percorreram com prazer, e voltarei a provar o seu mel...

Soltou uma cruel gargalhada, que feriu o coração de Hugo.

Não se voltou porque Ubayda lhe deitou mão às rédeas do cavalo, antecipando-se à sua reacção. O amor que havia no seu olhar serviu-lhe de âncora. Hugo não sabia se o que acabava de ouvir era verdade ou apenas mais uma infâmia vinda daquele homem, mas o simples facto de imaginar Berenguela nos braços de Policarpo provocou-lhe uma tal sensação de asco que sentiu piorar, ainda mais, a sua já deteriorada relação com ela.

E assim, em silêncio, Hugo partiu de Quastiliya. Com o seu melhor amigo enterrado num lugar aonde nunca voltaria, o sonho do seu negócio desfeito por

obra de um fanático louco, depois de ter estado à beira de morrer por culpa da ganância de um miserável, traidor ao seu pai e levando no coração uma notícia que tinha acabado de apagar, talvez para sempre, o carinho que em tempos sentira por Berenguela.



Em Veneza fazia frio, muito frio. Um frio húmido, muito diferente do de Burgos, numa cidade que vibrava com as festas do Carnaval. Berenguela tinha ouvido alguns amigos do pai falar delas, mas nenhum relato, por mais preciso que fosse, se aproximava do que estava a descobrir naquelas ruas, à beira dos canais.

Caminhava com *Canelilla* ao colo junto do seu amigo e protector Antonio, em busca de um palácio, o dos Barbieri, impossível de localizar apesar de dispor da direcção. Aquela cidade era um autêntico labirinto. As pessoas a que perguntavam – na maioria mulheres escondidas atrás de máscaras e leques – não respondiam; só riam ou cercavam-nos, incluindo-os nas suas danças. Detiveram vários foliões, e apesar de lhes mostrarem o nome do comerciante, agora escrito num papel, ninguém mostrou o mais pequeno interesse. Não conseguiram saber que caminho tinham de tomar, uma única pista que os orientasse naquela estranha cidade. Toda a gente ia a caminho de uma festa, ou regressava de uma festa, saltava de um grupo para o outro para celebrar qualquer coisa ou vagueava sem objectivo. Um ou outro mascarado, aproveitando o facto de se cruzarem, certamente cheio de vinho e sem nenhum pudor, atreveu-se a beijar Berenguela, sem dar tempo a que Antonio o evitasse. Um deles chegou inclusive ao ponto de agarrá-la pela cintura e puxá-la para si com tanta força que a deixou quase sem respiração, o que lhe mereceu um furioso bufo da parte de *Canelilla*. Berenguela, muito nervosa e cada vez mais incomodada, pediu a Antonio que as tirasse dali o mais depressa possível, que procurasse um lugar mais sossegado onde pudessem decidir o que fazer.

Antonio pegou-lhe na mão, pôs-se à sua frente e abriu passagem por entre a multidão, indiferente aos protestos. De passagem, teve de arrancar Berenguela das patas de mais dois ou três atrevidos, aguentou os insultos de duas mulheres furiosas e levou inúmeros pontapés nas canelas. Mas apesar de tudo isto, ele cheio de resolução e escassas contemplanções e ela, deixando-se levar,

conseguiram deixar para trás o ruidoso formigueiro das estreitas vielas até que se viram no meio da praça mais famosa da cidade.

Era enorme, belíssima, mas também apinhada de gente.

Berenguela colou-se a Antonio, ainda angustiada, até que viu a basílica de São Marcos. Apontou-a com o dedo e suplicou ao seu acompanhante que a levasse para o interior, fosse como fosse. Entre gargalhadas, vestidos de todas as cores possíveis, chapéus e sapatos de formas inauditas, mais empurrões e asfixias, conseguiram chegar ao adro. Das três portas que havia, só a da direita estava aberta. Foi entrar e de repente a situação mudou. A tresloucada multidão do exterior transformou-se em não mais de uma centena de fiéis, uns sentados e outros espalhados pelo templo. Mas todos num respeitoso silêncio que convidava à oração.

Berenguela suspirou aliviada, pediu a *Canelilla* que parasse de miar e se portasse bem e procurou onde sentar-se. Tremiam-lhe as pernas e até parecia faltar-lhe o ar nos pulmões, em conformidade com a agitação do seu peito e dos longos suspiros que tentava dissimular. Olhou maravilhada para a esquerda e para a direita, mas quando descobriu o tecto ficou sem fala. Ali, por cima da sua cabeça, estava projectado um céu feito de milhões de pequenas peças de azulejo azul, salpicado por centenas de estrelas douradas.

– Que belo...! – sussurrou a Antonio.

– Como te sentes?

Berenguela ouviu a pergunta com um sorriso, cheia de gratidão.

– Melhor. Estava só um pouco angustiada.

Antonio não acreditou.

Continuava muito preocupado com a saúde dela. Se a estada forçada naquele pequeno povoado de montanha lhes custara um pouco mais de três meses, completar o caminho até Veneza demorara o triplo do esperado devido à debilidade dela. Mal saíram do povoado, Antonio apercebera-se de que montar a cavalo não lhe fazia bem. Era incapaz de aguentar três horas seguidas na sela sem ficar agoniada. E a dada altura estivera à beira de cair devido a um ligeiro desmaio que durara apenas alguns segundos. Felizmente, ele conseguira evitá-lo. A partir de então, decidira que fariam etapas pequenas, descansando três horas antes de retomarem a marcha.

A preocupação de Antonio tinha a ver com a inquietante doença de que Berenguela padecera. Como ninguém fora capaz de lhe dar um nome nem se lhe conhecia a causa, também não fora possível prever as suas consequências. Porque, de facto, no primeiro mês da sua convalescença tinha ficado meio inválida, com a fala entaramelada e uma respiração tão cansada que angustiava ouvi-la. Antonio tinha estado sempre tão pendente dela que não se podia pedir-lhe mais. Dava-lhe de comer. Levantava-a da cama pegando-lhe pelos braços para obrigá-la a andar, centenas de vezes, com infinita paciência. E de seis em seis horas dava-lhe reconfortantes massagens nas pernas, nas costas e nos braços, com as quais tentava fazê-la recuperar a sensibilidade perdida e um melhor tónus muscular.

A dona da casa recordava-se de ter havido no povoado uma mulher com males parecidos, que segundo ela tinham sido causados por um conjuro. Antonio não acreditara. Pelos sintomas e apesar do seu desconhecimento, deduzira que era preciso procurar a causa do mal de que Berenguela padecia na coluna vertebral, e mais exactamente à altura do pescoço. Soubera-o enquanto lhe fazia massagens, quando os seus dedos chegavam à base da cabeça. Além de sentir os músculos muito mais tensos do que o normal, várias vezes ao apertá-los provocara uma súbita perda de consciência, muito ligeira, de só alguns segundos. Os suficientes para compreender que precisava de ser tratada por alguém que soubesse mais do que uma simples curandeira.

– Não estás bem... Devíamos voltar a Bruges. Precisas de descanso, repouso, e sobretudo de ser vista por um médico.

Berenguela sabia que ele tinha razão, e era por isso que lhe ocultava metade das dores que sentia. Claro que não estava bem... Mas depois de ter fugido de Bruges, de ter-se sentido morrer, de ter superado quatro meses a desejar que a neve derretesse e a saber-se mais perto de Hugo do que nunca, agora que estava em Veneza não ia voltar atrás.

Começou uma missa, e ela ficou grata.

Concentrou-se de tal maneira na cerimónia que durante algum tempo não houve carnavais, nem dores, nem nenhuma outra coisa; só a sua oração recolhida, uma soma de confidências a Deus, e também de gratidão por ter-lhe oferecido a vida depois de ter estado à beira de perdê-la.

Quando comungou, precisou do braço de Antonio para não perder o equilíbrio. No regresso, já sentada, acariciou a sua gata, que a tinha esperado calada debaixo do banco. Fechou os olhos, e com o coração cheio da graça de Deus, depois de ter rezado por todos rezou por si. Pediu a Deus que iluminasse a sua vida, o seu destino, sabendo-se afundada num mar de sombras e de dúvidas. Fora demasiado tempo a sentir que a sua vida não era outra coisa senão um remoinho de incertezas sem saída aparente. Tinha vinte e quatro anos e desses dedicara pelo menos vinte a Hugo. Porque o seu coração não conhecera outro destinatário senão ele. Tanto tempo obcecada com o mesmo homem sem a mais pequena correspondência da parte dele não fora motivo suficiente para esquecê-lo. Não era capaz. Tinha-o tentado de todas as maneiras possíveis, por exemplo procurando encontrar um sentimento semelhante no marido, e havia pouco tempo com Policarpo. Mas no fim nenhum deles conseguira esvaziar a sua alma de Hugo, apagá-lo dela, fazê-la desejar outros braços, morrer por outro homem.

Faz sentido o que estou a fazer?, perguntava ao Senhor na intimidade do seu pensamento. *Que acontecerá se o encontrar? Amar-me-á como preciso? E se estiver com outra mulher?*

Ergueu o olhar e viu à sua frente uma talha de madeira que representava a descida da cruz, com um Cristo dobrado sobre si, coberto de feridas e de chagas, já morto. E chorou. Chorou por Ele, mas também por ela. Porque se encontrava irremediavelmente perdida, desorientada, sem norte, afogada em perguntas. Que vida a esperaria se não encontrasse Hugo? Como explicaria ao marido aquela nova fuga? Que futuro a esperava sem voar nos céus do seu amado? Por que não fora capaz de mudar o destinatário dos seus anseios?

Sem deixar de olhar para o Crucificado, sentiu-se de repente muito só, com a amarga convicção de que, uma atrás de outra, tinha errado na maior parte das decisões mais importantes que tomara na sua vida. Mas também se perguntou o que significava ela para os que a tinham partilhado, sobretudo nos últimos anos, com medo de saber a verdade. Andara demasiado tempo aos tombos emocionais, a deixar-se arrastar pelos desejos dos outros. E ao pensar em tudo isto, ali, naquele templo erguido para adorar quem dissera de si mesmo que era o caminho, a verdade e a vida, chegou à conclusão de que grande parte do seu passado e a sua actual situação mais não tinham sido que uma soma de mentiras.

Tirou o lenço do bolso e secou as lágrimas, agora a pensar em Policarpo.

Um bom amigo, o melhor dos seus amigos até que a tinha abandonado numa rua de Bruges depois de terem planeado juntos a viagem. Ainda achava tão incompreensível a sua atitude que continuava a desculpá-lo sem imaginar outro motivo para a sua descortesia que alguma coisa muito grave que um dia saberia explicar-lhe.

Antonio olhava-a pelo canto do olho, e, como conhecia as causas da sua dor íntima, respeitou a sua privacidade. *Canelilla*, que não entendia o que se passava, enroscou-se-lhe no colo ansiosa de sentir-se por um momento o centro da sua atenção.

Quando o sacerdote que oficiava a cerimónia pronunciou o *Ite missa est*, um coro de crianças entoou um cântico belíssimo que num instante encheu o interior da basílica. Aquela melodia reconfortou de tal maneira o coração de Berenguela que de repente se sentiu melhor, quase como nova. Olhou para o seu acompanhante, pegou-lhe na mão e deu-lhe um carinhoso beijo na face.

– Obrigada por estares comigo... – O seu olhar parecia ter-se enchido de paz. – Não sei o que teria sido de mim sem a tua proximidade, a tua ajuda e o teu apoio. Nunca o esquecerei, nunca... E agora vamos procurar de uma vez por todas esse tal Barbieri.

Antes de saírem do templo, detiveram-se a falar com uma anciã cuja amabilidade lhes foi muito útil. Explicou-lhes, com todos os pormenores, que caminho tinham de fazer para chegar ao famoso palácio, dando-lhes como última referência a proximidade de uma bonita ponte de madeira que atravessava o Grande Canal para ligar o centro da cidade ao bairro de San Polo.



Luccio Barbieri recebeu-os pouco antes do meio-dia na sala do seu palácio com vista para o Grande Canal chamada *Il sesto senso*. Berenguela não teve paciência para ouvir as explicações com que iniciou a conversa para justificar a estranha decoração.

– Perdoai-me, senhor, acho a vossa conversação muito interessante, mas o meu coração arde em desejos de obter uma informação que só vós possuís.

– Perguntai, então... Não quero ser o responsável por tamanha ânsia – disse, enquanto lançava um olhar pouco amistoso ao gato, um animal que detestava.

– Procuo Hugo de Covarrubias. Sou a esposa do irmão, Damián, a quem há meses enviastes uma carta sobre uma dívida que...

– Que tem esse homem para ser tão solicitado nos últimos tempos? – interrompeu-a Barbieri.

Berenguela abriu muito os olhos.

– Veio mais alguém perguntar por ele?

– E tenho de ser eu a dizer-vo-lo? – perguntou o outro, dirigindo-se a Antonio.

– Não vos compreendemos.

Berenguela subiu o tom da voz numa tentativa de recuperar a atenção dele, mas não o conseguiu.

Um curioso conjunto de silvos brotou de repente de uma das paredes da sala, a que dava para o Grande Canal. Os visitantes entreolharam-se, espantados, sem perceberem muito bem de onde vinha, e Berenguela aproveitou aquela oportuna pausa para pedir a Antonio que assumisse o protagonismo da conversa, dada a evidente recusa de Barbieri em tratar com ela. *Canelilla* saltou-lhe do colo e correu para a estranha parede. Aproximou o focinho de um dos sonoros orifícios, explorou-o com uma pata, e sem ter encontrado nada de especial agachou-se para esquadrinhar o interior, cheia de curiosidade.

– Podemos saber quem mais perguntou por ele? – interveio Antonio. – E sobretudo como e onde poderíamos encontrar Hugo de Covarrubias?

Barbieri pegou num comprido rolo de pergaminho e estendeu-o em cima de uma mesa. Berenguela e Antonio aproximaram-se para examinar aquilo que parecia ser um plano.

– Desde há um pouco menos de dois anos, Hugo de Covarrubias tornou-se um dos meus melhores fornecedores de sal, graças a uma mina a céu aberto que possui com outro sócio numa região mais ou menos próxima desta cidade.

Pousou o dedo num ponto do mapa chamado Quastiliya, no extremo norte de África.

Berenguela recebeu a notícia como uma pancada.

Hugo estava muito mais longe do que esperara, nada menos do que em África. Procurá-lo implicaria uma longa viagem, muito mais dinheiro do que tinha e abusar da paciência de um amigo que imaginava desejoso de voltar para junto de Renata. Mas não foram esses os únicos raciocínios que a levaram a dar-se conta do erro de uma posição arrastada havia demasiado tempo. Damián desencadeou o resto. Tinha sido ele o único responsável por todos os seus infortúnios, por

sentir-se anulada como pessoa, humilhada por todas as suas infidelidades e de certeza afastada para sempre de Hugo, que não tinha esperança de voltar a ver.

Uma sombra de tristeza velou-lhe os olhos, e compreendeu o que tinha de fazer a partir de então. Pediu ao Senhor que lhe desse forças para resolver a sua situação de uma vez e, ao regressar ao diálogo que Antonio e Barbieri tinham continuado a manter, ouviu o primeiro perguntar de novo pela identidade de quem se tinha interessado também por Hugo.

– Pois por estranho que pareça, lembro-me muito bem, apesar do nome difícil. Ainda que, como disse há pouco, me pareça estranha a vossa pergunta tratando-se de um empregado da família Covarrubias... – Berenguela apurou o ouvido. – Chamava-se Policarpo Ruiz. E reconheço que gostei do homem, essa é a verdade.

– Policarpo esteve aqui a perguntar por Hugo? Disse-vos por que queria encontrá-lo?

Berenguela não saía do seu assombro.

O veneziano respondeu, mas uma vez mais sem se dirigir a ela.

– Passou por aqui há quatro ou cinco meses. Se bem recordo, disse que levava um recado para Hugo da parte da família. Seguramente sabereis melhor do que eu do que se tratava, porque não chegou a contar-me...

Dessa vez sim, olhou para Berenguela, mas não nos olhos, para um ponto indeterminado do vestido. Ela não entendia nada. As perguntas atropelavam-se-lhe na cabeça. Por que a teria Policarpo abandonado em Bruges para ir procurar Hugo sozinho? Que motivos teria quando o tinham planeado juntos?

– Uma última pergunta – interveio de novo Antonio. – Sabeis se acabou por viajar para essa cidade? Como se chamava? – Olhou de relance para o mapa. – Quastiliya?

– Estou seguro de que sim. Na realidade, facilitei-lhe o nome do nosso agente no local e ele pareceu determinado a ir procurá-lo. Mas é tudo o que sei... A partir de então, não recebi nenhuma notícia deles. Não sei se chegaram a encontrar-se, mas presumo que sim.

Desviou por um segundo a atenção para a saia de Berenguela, continuando a evitar o seu olhar, e deu a entrevista por terminada.

Levantou-se da cadeira.

– Gostaria muito de dedicar-vos mais tempo, mas tenho à espera outros negócios...

Dirigiu-se à porta e despediu-os a toda a pressa, sem se alongar em demasiadas cortesias.

Uma vez na rua, Berenguela não tardou a partilhar com Antonio a sua decisão.

– Voltamos a Bruges. Já investimos demasiado tempo e sacrifícios numa busca sem fim, separei-te de Renata mais do que o previsto, e pela minha parte entendo que chegou o momento de renunciar ao absurdo empenho que nos trouxe até aqui. Estou demasiado cansada.

– E Hugo? – perguntou ele, desconcertado.

– Hugo continuará a fazer a sua vida onde quer que esteja e com quem quer que esteja. Eu vou tratar de resolver a minha.

Escapou-se-lhe uma lágrima, afectada pelas suas conclusões.

– Tens a certeza de querer encerrar assim esta história?

– Tenho.

Agarrou-se ao braço de Antonio e começou a andar apoiando-se a ele para aliviar a dor que tinha nas costas. *Canelilla* miou, cansada de estar ao seu colo, e saltou para o chão para segui-la a passo. Durante alguns minutos caminharam em silêncio. Ele, a pensar nos preparativos necessários para empreender a viagem na manhã seguinte. Ela, a tentar imaginar como ia justificar a sua reaparição em Bruges e quais seriam os seus próximos passos, enquanto sentia o coração desfeito.

Meteram-se numa gôndola para percorrer como menos esforço a distância que os separava do alojamento, logo que Antonio se apercebeu dos seus males. E de caminho, enquanto navegavam por aqueles maravilhosos canais, afastados do bulício e tendo como única companhia o suave roçar do remo na forquilha, Berenguela sentiu necessidade de partilhar as suas penas e medos, mas também as suas convicções.

– Apagar Hugo da minha mente vai ser a tarefa mais difícil de toda a minha vida, porque só de imaginá-lo sinto-me destroçada por dentro. Também não sei se Damián me aceitará em casa e em que condições o fará, e além disso tenho medo dele; vou ter de pedir-vos abrigo. Mas apesar de tudo isto sinto-me bem, porque assumi com renovada esperança a realidade de que o meu futuro vai de

agora em diante depender do que eu consiga fazer e não do que os outros queiram que faça.

– Vais conseguir – disse Antonio, para a animar.

– Oxalá, porque se de alguma coisa tenho a certeza é de que vou ter de reescrever tudo.

Capítulo 4

Luxemburgo. Abril de 1478

Ubayda chamava a atenção por onde passava.

Hugo tentava tirar importância ao facto, mas eram poucos os que não voltavam a cabeça para olhá-la sempre que atravessavam uma povoação a caminho da Flandres.

A maior parte das noites dormiam ao ar livre, em vez de numa pousada, graças à agradável temperatura de uma Primavera acaba de estrear. Faziam-no não só para poupar dinheiro mas também para evitar os comentários desagradáveis de um ou outro estalajadeiro sempre que Hugo pedia um quarto para ela e não as cavaliças, como era costume para os escravos, pois era assim que todos a consideravam. Ubayda guardou silêncio nas duas primeiras ocasiões, mas quando os gestos de repúdio se repetiram na terceira pousada, convenceu Hugo a não tentar mais.

A ela não lhe importava que a olhassem por cima do ombro. Hugo ficava doente. Em Estrasburgo, decidiram comprar roupas ao estilo europeu e abandonar as túnicas que até então tinham usado, com a intenção de passarem mais despercebidos. Mesmo assim, era difícil que a pele escura de Ubayda não continuasse a chamar a atenção.

Passaram doze dias antes que avistassem a cidade de Luxemburgo, onde decidiram deter-se para substituir as desgastadas ferraduras dos cavalos. A cidade, pertencente, como Bruges e mais outros quinze grandes burgos, ao ducado da Borgonha, recebia um intenso tráfego de carroções e cavalos. Ubayda alegrou-se ao saber que iam procurar um lugar onde haveria calor, ainda pouco habituada às temperaturas do Norte.

Passadas as primeiras casas, perguntaram a um velho onde poderiam encontrar um bom ferrador. O homem disse-lhes que na margem do rio. Era lá que se

juntavam os ofícios mais modestos, aos pés da imponente fortaleza erguida sobre um afloramento rochoso de onde se dominava a cidade e os arredores.

Desceram por um serpenteante e estreito caminho de terra e deixaram os cavalos na primeira ferraria que encontraram, mediante um pagamento adiantado de meia dobra. O proprietário, um sujeito volumoso de cabelos louros, olhos pequenos e braços de aço, depois de informar Hugo de que tardaria uma tarde a fazer o trabalho, olhou para Ubayda. No entanto, e para surpresa de ambos, não deu quaisquer sinais de rejeição.

Compreenderam quando, dois minutos mais tarde, viram aparecer uma mulher de pele ainda mais negra. As duas olharam-se, e quando souberam que partilhavam não só a cor da pele como também a língua – a do reino do Mali, onde o acaso fizera que ambas tivessem nascido –, abraçaram-se sabendo-se irmãs de raça em terras muito distantes da sua. No instante seguinte, desapareceram no interior da casa e Hugo ficou a falar com o ferrador.

– É vossa esposa?

– Oficialmente, não. Veio ter-me às mãos como pagamento de uma dívida. Como escrava, se me faço entender. – O homem tirou do lume uma peça de ferro e pousou-a na bigorna. As marteladas no metal abafaram qualquer possibilidade de conversa até que obteve a espessura desejada e a devolveu à forja. – Buzaina conquistou-me em apenas dois dias: é a mulher mais doce e boa que conheci em toda a minha vida. – Limpou o suor da testa com um pano que voltou a enfiar no cinturão. – Pouco depois de estar comigo, devolvi-lhe a liberdade, mas ela ficou a meu lado, e já lá vão seis anos. Por ser muçulmana, não podemos casar. E, claro, eu nunca lhe pedirei que renuncie à sua fé. Não sei se estais na mesma situação.

– Não, não. Ubayda não é minha mulher e também não é muçulmana. É só uma boa amiga.

A Ladislao – que assim se chamava o ferrador – aquilo pareceu-lhe estranho, mas não comentou nada e mudou de assunto.

– Como ganhais a vida?

Olhou para *Aylal*, pousada no peitoril de uma das janelas e aparentemente tranquila. Antes de deixar falar o dono, elogiou-lhe a beleza.

– Tendes razão, é uma ave muito bela, e também nobre – asseverou Hugo. – Deu-me companhia, caça, momentos de intensa beleza e salvou-me a vida uma

vez, defendendo-me de um homem que queria tirar-ma. Podeis imaginar o muito que a aprecio. Conheci-a, como Ubayda, quando explorava uma mina de sal no Norte de África, para responder à vossa pergunta. Mas devido a uma grande desgraça tivemos de abandoná-la depois de perdermos tudo, incluindo a vida de seres muito queridos. É uma história longa e dolorosa.

Ouviram risos vindos do interior da casa, grandes gargalhadas, estrondosas, felizes, cheias de cumplicidade.

– Parece que estão a divertir-se. Deixemo-las. Quereis ajudar-me, entretanto?

Entregou-lhe um martelo, indicou-lhe onde podia encontrar um avental de couro e apontou para a forja, onde ainda havia três peças de ferro à espera de serem moldadas.

– Por que não?

Hugo seguiu as instruções e pouco depois estava a rebaixar os bordos irregulares de uma ferradura. O cheiro peculiar a madeira queimada e ferro quente que enchia a oficina acompanhou-o até meio da tarde, quando decidiram deixar o trabalho e entrar em casa para comer qualquer coisa, considerando a pouca tenção que as mulheres mostravam de dar por terminada a conversa. Encontraram-nas a preparar a ceia. Cada uma do seu lado da mesa e sem parar de falar, nem quando os viram entrar.

Ladislao procurou dois copos e uma jarra de vinho e sentaram-se à mesa.

Ubayda sorriu a Hugo quando os seus olhares se cruzaram. O seu rosto transmitia uma felicidade comparável à que vira nela quando chegara à mina pela mão de Azerwan. Havia muito tempo que não a via assim.

– Nem pensem em ir tão de noite – disse Buzaina terminada a ceia. – Podem dormir em nossa casa.

– Falta ferrar um dos cavalos, de modo que terão de esperar até amanhã, de qualquer maneira – acrescentou Ladislao. – Façam como diz a minha mulher. Quando se lhe mete uma coisa na cabeça, consegue ser muito teimosa.

Buzaina lançou-lhe um olhar de censura sem acrimónia antes de continuar a falar com Ubayda na sua língua comum.

Ubayda era dois anos mais velha do que Buzaina, mas não mais vivida, a julgar pelas experiências que esta quis partilhar com a sua convidada durante a ceia e depois dela, até que chegou a hora de irem para a cama. Pormenores que tinham muito a ver com a sua origem africana, com desprezos que de ora em

diante ia receber da parte das pessoas, com a necessidade de combater a dolorosa sensação de estar onde não devia, com a força que iria ser preciso ter para não acabar por sentir-se menos que nada, pois era assim que a maioria a ia considerar. Explicou-lhe como enfrentara todas estas provações, em parte graças ao apoio do seu homem, em parte por amor-próprio. E ofereceu-se para a ajudar no que fosse preciso.

– Lamento dizer-te isto de uma forma tão crua, mas as pessoas não vão entender essa vossa relação. – Franziu a testa a lamentar a sua análise. – Mesmo assim, compreendo a tua decisão. Mas vais ter de lutar o dobro para te fazeres respeitar.

Ubayda reconheceu as dificuldades que enfrentava, mas estava firme na sua decisão.

– Hugo é meu amigo. Depois da maneira como se comportou com Azerwan, de ter dado tudo por ele e da sua absoluta generosidade, como podia negar-lhe a minha ajuda?

– Talvez aquilo a que hoje chamas *amizade* acabe por mudar com o tempo... Não pensaste nisso? São os dois ainda muito jovens. E se vão viver juntos, pode ser que um dia surja outra espécie de sentimentos.

Falavam na sua língua, protegendo a conversa dos ouvidos dos homens, que mantinham um diálogo muito menos íntimo. Mesmo assim, Ubayda observou Hugo pelo canto do olho, para ter a certeza de que não escutava.

– Claro que pensei, mas parece-me impossível. Não creio que possa voltar a amar como amei.

Depois da morte de Azerwan, sentia que o seu coração ficara selado para qualquer outro homem.

Prolongaram o serão falando das aventuras de Hugo na nau *Santa Ana*, das diversas fugas a que se vira obrigado e do fascinante negócio do sal. Apesar do seu cuidado em evitar referir o nome de Azerwan, para não entristecer Ubayda, acabou por fazê-lo quando justificou os motivos que o tinham levado a pisar o deserto, ou a horrenda tragédia que acabara por escurecer as suas vidas para sempre. Enquanto escutava as façanhas do seu convidado, Ladislao bebeu mais do que o razoável, e talvez Hugo também. Porque entrada a noite acabaram a cantar velhas canções num tom de voz exagerado, até que, no fim, as mulheres os obrigaram a dar por terminado o serão e ir descansar.

A casa tinha apenas dois quartos, o dos proprietários e um outro, mais pequeno, onde havia só uma cama. Quando a viram, apesar de ser ampla e confortável, Hugo decidiu dormir no chão. Ela não protestou. Despiu-se a toda a velocidade enquanto Hugo lhe voltava as costas e enfiou-se entre os lençóis apenas com uma camisa. Como estava calor, Hugo decidiu dormir sem outra roupa além das calças. Preparou uma fofa cama com o que encontrou no quarto e usou um alforje como almofada.

– Que sorte tivemos ao encontrar estas pessoas, não é verdade?

Ubayda estava com vontade de falar.

– Tens toda a razão. Não é fácil encontrar tanta hospitalidade por estas terras.

Acabavam de apagar as velas, e entre a escuridão e o silêncio que reinava na casa criou-se um ambiente propício à conversa.

– Oxalá voltemos a vê-los.

– Quem sabe. Não viveremos muito longe.

– A três dias a cavalo, já me informei. – Mudou de posição procurando a beira da cama, para ficar mais perto dele. – Hugo...

– Diz.

Ela inspirou fundo, como que a ganhar coragem.

– Continuo a ter muitas saudades de Azerwan. Não passa um único dia em que não pense nele, e quando isso acontece custa-me respirar, pensar...

As últimas palavras soaram quebradas pela emoção.

Ele procurou-lhe o rosto, e apesar da escuridão sentiu a humidade das lágrimas nos seus olhos.

– Eu também não consigo esquecer-lo. Sei que não encontrarei ninguém que mereça a minha amizade e respeito como ele. É normal que nos sintamos assim.

– É verdade. – Fez uma sentida pausa antes de continuar a falar. – Hugo, quero confessar-te uma coisa que talvez te magoe.

– Estou preparado seja para o que for.

– Há dias em que penso que só pelo facto de estar a teu lado estou a trair a sua memória. E não imaginas como estes pensamentos me torturam.

– Tanto o imagino, Ubayda, que muitas vezes, quando olho para ti, ou quando escuto o teu riso ou noto a tua felicidade, lembro-me dele. E nesses momentos sinto-me desleal, como se estivesse a roubar-lhe uma parte daquilo que teve e que tanto amou. E vejo-me como um impostor.

Ubayda começou a soluçar e Hugo respeitou aquele pranto com o seu silêncio, até que ela voltou a falar.

– Somos uns tolos.

– Talvez também ele o ache se nos está a ver, lá de onde Deus tenha querido colocá-lo. Não sei, posso estar enganado, mas não acredito que lhe pareça mal o que fazemos.

– É verdade, com certeza que não. – A sua voz voltou ao tom normal. – Mas de certeza parecer-lhe-ia mal que te deixasse aí em baixo. Não é muito incómodo? Anda, sobe para a cama e dorme em condições. Amanhã espera-nos outra longa viagem a cavalo, e se continuas deitado no chão não vais aguentar.

– Talvez tenhas razão, mas não sei... Depois do que acabamos de dizer.

– Precisamente, depois do que acabamos de dizer, não pensarás que procuro outra coisa – brincou. – Vamos, não hesites mais e vem.

Hugo enfiou-se na cama, agradecido.

Poucos minutos depois desejaram-se uma boa noite, a sentir no corpo todo o peso do extenuante dia.



O amanhecer inundou o quarto de luz e acordou Hugo. Tentou abrir os olhos, mas a excessiva claridade incomodava-o. Quando o fez, descobriu uma cabeleira negra espalhada sobre o seu peito e o corpo de Ubayda abraçado ao seu. Ainda dormia. Num primeiro momento, não soube o que fazer. Se se mexesse, ela acordaria e afastar-se-ia dele. Preferiu não o fazer. Ficou quieto e observou-a. Devido ao excessivo calor da lareira, a dada altura da noite deviam ter-lhes sobrado os lençóis. E sem eles a camisa com que Ubayda se deitara tinha subido até deixar a descoberto uma boa parte das pernas. Hugo viu como eram bonitas. Tinha uma atravessada sobre a dele, a mostrar meia coxa. Sentiu no pescoço a respiração dela, quente e agradável.

E tudo aquilo perturbou-o.

A pele dela era apetitosa, parecia suave e cálida. Viu-se tentado a tocar-lhe e conhecê-la, até que pensou em Azerwan, e quase ao mesmo tempo no que os dois tinham dito antes de adormecerem.

Decidiu sair da cama antes de fazer qualquer coisa de que tivesse de se arrepender.

Libertou-se do corpo dela com todo o cuidado, sem fazer ruído. Ubayda deixou escapar um fundo suspiro, deitou-se de bruços e continuou a dormir. Hugo observou-a, sentiu o seu cheiro, percorreu com os olhos as costas e o pescoço, e voltou a sentir-se atraído. Pegou nas roupas e vestiu-se com rapidez, para sair dali o mais depressa possível, um tanto sufocado.

Na cozinha, encontrou Buzaina a cortar fatias de pão e a aquecer no lume um pouco de leite de cabra.

– Bom dia, Hugo. Por que te levantaste tão cedo? Ainda mal amanheceu.

Pela janela entrava um potente jorro de luz solar.

– Não conseguia dormir mais. Apesar de não descansar numa cama desde há dias.

Logo que o disse, arrependeu-se. Acabava de dar a entender que partilhara o leito com Ubayda. Buzaina não quis averiguá-lo. Calou com prudência a primeira pergunta que lhe acudiu à cabeça, mas aproveitou a oportunidade de tê-lo a sós para falar de Ubayda.

– Apetece-te um pouco de leite e uma fatia de pão frita em banha?

Hugo sentiu como se lhe remexiam as tripas só de ouvir a proposta. Aceitou, oferecendo-se para ajudar. Mas ela mandou-o sentar.

– É o pequeno-almoço preferido do meu marido. É estranho não o ouvir na ferraria. Há já um bom bocado que foi para lá. – Cortou um pedaço de banha e levou-o para a frigideira que tinha ao lume. Em poucos segundos começou a amolecer até tornar-se líquida. Esperou que aquecesse mais. – Viajas com uma mulher muito especial – disse.

– Sem dúvida. Sou um privilegiado.

Buzaina pôs quatro fatias de pão na frigideira e esperou que tostassem.

– Posso dar-te um conselho sobre ela?

– Claro!

Hugo voltou-se para a olhar nos olhos.

– Como Ubayda parece ser pura bondade, e a generosidade que mostra para contigo não corresponde à lógica, faz tudo o que puderes para que se sinta protegida. Sei bem o que a espera. Evita que sofra, porque muitos vão fazê-la sofrer. Faz com que se sinta importante na tua vida, e sobretudo cuida bem dela.

Começou a tirar as torradas da frigideira e pô-las num prato, à frente dele. Deitou leite quente numa caneca e sentou-se a vê-lo comer.

– Farei como dizes. Tentarei compensar o muito que ela está a fazer por mim. Devo-o a Azerwan e ela merece-o.

– Farás bem. Pareces ser um bom homem. – Buzaina pegou numa torrada e começou a mordiscá-la, sem deixar de o olhar nos olhos. – Ah, uma última coisa! Se a vires fraquejar, já sabes onde estamos. Sei como ajudá-la.

– Tê-lo-ei em conta. Ontem à noite expressou-me o desejo de voltar a vê-los de vez...

– É verdade... – Ubayda entrou na cozinha, esticou os braços ainda meio adormecida, sentou-se ao lado do amigo e roubou-lhe de imediato uma torrada. – De que estavam a falar?

As suas palavras misturaram-se com o estalar do pão.

– De nada em especial – fingiu Hugo. – Dormiste bem?

– Dizer *bem* é pouco. Há tempo que não sonhava com Azerwan depois da sua morte, e foi fantástico.

Hugo voltou a arrepender-se das suas tentações.

– Além disso, tinha tantas saudades de uma cama que nem sei como agradecer-te, Buzaina.

– Contento-me com um abraço – respondeu a anfitriã.

Hugo resolveu ir procurar Ladislao para ver se já tinha acabado de ferrar os cavalos. Antes de sair da cozinha, olhou para Ubayda.

– Está preparada dentro de uma hora. Não me parece que demoremos mais a partir.



Nove dias e meio depois Hugo e Ubayda chegavam a Lovaina extenuados. Tinham parado primeiro em Antuérpia para saldar a dívida contraída junto de Martín de Soria, o que lhes custara dois dias, sob péssimas condições atmosféricas. Não tinha parado de chover um minuto, a estrada estava tão enlameada que os cavalos quase não conseguiam percorrê-la sem escorregar, com o grave perigo que isso supunha para as suas extremidades. Nas oito noites que tiveram de passar no caminho para dar por concluído aquele martírio, dormiram mal, encharcados, sem poderem fazer uma triste fogueira para se aquecerem.

A conversa com Martín de Soria fora muito breve, porque o homem estava cheio de pressa para sair. Hugo mal tivera tempo para resumir como acabara o

negócio do sal antes de se ver quase empurrado para fora do escritório, antes até de poder contar-lhe que ia encontrar-se com o seu amigo Van Diependaal em Lovaina. A conversa fora tão acelerada que o seu anfitrião não lhe perguntara onde tencionava passar a viver, nem quem era aquela mulher que o acompanhava. Limitara-se a ir buscar o documento em que Hugo garantia o empréstimo com a sua herança, rasgara-o e queimara-o à sua frente, para logo a seguir, muito apressado, acompanhá-los até à porta do palacete sem se dar ao incómodo de fingir uma despedida meio formal.

Quando, um dia e meio mais tarde, entraram em Lovaina, estavam tão esgotados que escolheram a primeira estalagem que anunciava quartos disponíveis. Hugo teria preferido um lugar mais definitivo onde pudesse deixar as suas coisas, mas era tão tarde que decidiram passar a noite naquela estalagem, cear e adiar para o dia seguinte a busca de uma morada.

Deixaram os cavalos na cavalaria e dali subiram, por uma escada interior, até ao primeiro piso do edifício. Hugo teve de discutir com o estalajadeiro quando este lhe recusou os dois quartos que pedia, defendendo um argumento ainda mais miserável do que os que já ouvira em ocasiões anteriores: disse que o seu estabelecimento perderia prestígio se deixasse dormir num dos quartos uma mulher negra, em vez de na cavalaria como faziam os da sua cor, e que teria um excessivo a limpar o quarto a fundo antes de poder lá instalar outro cliente, não fosse ficar com esse cheiro que os da raça dela exalavam.

Como falavam em flamengo, Ubayda não os entendia. Mas alguma coisa imaginou só de olhar para a expressão furiosa de Hugo.

– Não sei o que te está a pedir, mas aceita. Preciso de comer e de uma boa cama. Ou desmaio aqui.

Hugo conteve a raiva e aceitou um único quarto, tendo em conta o elevado preço pedido, e para lá se dirigiram levando todos os seus pertences. Depois daquele último contratempo, pensou que pelo menos tinham chegado a Lovaina. Por fim, ao cabo de quase dois meses de viagem.

O quarto tinha uma só cama e era muito mais estreita do que a da casa de Ladislao. Mal olhou para ela, Hugo soube que dessa vez não daria ouvidos a Ubayda e dormiria no chão. Não estava disposto a voltar a pôr-se à prova.

Deixaram tudo no quarto e desceram para cear.

Hugo pediu a Ubayda que o esperasse à mesa enquanto ia perguntar ao estalajadeiro a morada da oficina de Van Diependaal. Uma vez localizada, a sua ideia era apresentar-se lá às primeiras horas da manhã para falar com o mestre, pedir-lhe trabalho, e se com sorte fosse aceite, procurar uma casa barata o mais perto possível. Estava bem consciente de que lhes restava muito pouco dinheiro; para duas ou três semanas, quando muito, desde que reduzissem ao mínimo as despesas. Tinham os dois cavalos que também podiam vender, mas antes de o fazer precisava de pensar muito bem, porque no caso de as coisas se porem muito complicadas, iriam precisar deles para se deslocarem a Bruges em busca de um abrigo temporário, ainda que fosse um último recurso. Tinha a certeza de que Damián o receberia bem, e além disso tinha de lhe contar a história de Policarpo.

Quando voltou à mesa, percebeu que Ubayda estava incomodada.

– Sinto-me observada. O mesmo do costume, não é nada de grave – disse ela, a tirar importância ao assunto. – Então, tiveste êxito?

– Não tinha a certeza, sugeriu que perguntássemos num beatério que há a sul da cidade; acha que é por ali.

Fez gestos a chamar a criada, a sonhar com uma caneca de cerveja.

A rapariga despejou de jorro a lista dos pratos que tinham. Decidiram-se por uma sopa de rabanetes e um estufado de coelho como segundo prato.

– O que é um beatério?

Ubayda concentrou toda a sua atenção em Hugo, ignorando os persistentes olhares dos vizinhos de mesa. Dois deles tinham-lhe feito um gesto obsceno quando ficara sozinha.

Hugo explicou-lhe em que consistiam aqueles recintos fechados pensados para mulheres, sem entrar em grandes pormenores, só os que se lembrava de ter ouvido referir uma ou outra vez: que era um lugar que recebia viúvas, órfãs e solteiras sem vocação religiosa que desejassem isolar-se do mundo e dedicar-se aos outros. E a Deus, claro.

– Agrada-me a ideia. – Ubayda lambeu os lábios ao ver passar uma fumegante terrina de verduras com carne guisada. – Iria encantada, se me aceitassem.

– Com essa estranha religião que professas, duvido que te deixassem entrar. Por isso é melhor que te consoles com a minha companhia, porque eu não estou disposto a renunciar à tua.

A ceia foi abundante, e a noite muito mais tranquila para Hugo, que recusou ficar na cama apesar das insistências de Ubayda, obrigando-a além disso a voltar ao colchão depois de a ter deitada no chão, a seu lado, por uma questão de solidariedade. Na manhã seguinte, depois de pagarem a hospedagem e irem buscar os cavalos, encaminharam-se para sul. Perto da entrada do beatério perguntaram pela famosa oficina de vitrais, e encontraram por fim quem os orientasse.

Situava-se numa viela, não muito longe do sítio onde tinham perguntado, por baixo de uma tabuleta que na realidade era um pequeno vitral montado num bastidor de ferro preso à parede. De fora, não parecia muito diferente das outras casas de tijolo à sua volta, a não ser pela presença de duas altas chaminés que expeliam um abundante fumo esbranquiçado.

Ubayda ficou com *Aylal* a guardar os cavalos num extremo da ruela enquanto Hugo, acicatado pelos nervos e condicionado pela transcendência do momento, procurava a entrada.

Bateu à porta e esperou.

Passado uns minutos, ao ver que ninguém atendia, entreabriu e perguntou se estava alguém. Não obteve resposta. Viu-se no extremo de um amplo pátio. À sua frente havia uma descomunal montanha de lenha e outra de areia, mas o que mais lhe chamou a atenção estava encostado a uma das paredes: uma dezena de vitrais acabados, supôs que à espera de serem transportados para o seu destino. Aproximou-se deles. Tinha-os tão perto, tão anormalmente perto, quando o habitual era vê-los a grande altura, nas paredes das igrejas, que aproveitou para examiná-los com atenção. Impressionaram-no. Sobretudo um que reproduzia a imagem de um santo rodeado por um grupo de anjos. Atraiu-o a precisão com que estava pintado o rosto da personagem principal, o seu olhar. Ao contrário dos vitrais que tinha visto até então, a execução daquele desenho comungava muito mais com as técnicas de um retrato pintado sobre tela do que com as comuns na feitura de vitrais. A boca estava traçada com inusitada perfeição, tal como as maçãs do rosto, o queixo e o sombreado geral. O colorido era surpreendente, mais rico e variado do que o dos vitrais da sua catedral de Burgos. Era evidente que tinha sido pintado pela mão de um mestre, a mão de um verdadeiro artista.

– Vindes buscá-los? Não me lembro de vós de outras vezes.

Hugo voltou-se e viu um jovem de cabelos louros e emaranhados, olhos proeminentes e um lábio inferior exageradamente caído.

– Não, não, receio ter-vos confundido. Venho só procurar o mestre Hendrik van Diependaal.

O jovem descalçou uma luva meio queimada, empurrou para trás uma mata de caracóis que quase o impedia de ver e respondeu da forma mais cortês que foi capaz.

– Espero que não tenhais vindo de muito longe com essa intenção, pois lamento informar-vos de que o mestre Van Diependaal só estará de regresso dentro de três ou quatro meses. Encontra-se em Inglaterra, a fazer os vitrais de uma enorme abadia. E como vos digo, não esperamos tê-lo de volta antes de fins de Julho, se não for mais.

Hugo ficou petrificado. Embora estivesse dentro do possível, a notícia apanhou-o pouco preparado para a receber. Apertou os lábios e deixou escapar um fundo suspiro. Acabava de cair-lhe o mundo em cima. Que ia fazer em Lovaina quatro meses, sem trabalho, sem dinheiro, e sem ter a certeza de que passado esse tempo seria aceite na oficina? A decepção devia notar-se tanto que até o rapaz se sentiu mal por ter sido ele a dar-lhe a notícia.

– Acreditai que lamento – repetiu. – Vínheis acaso para encomendar um trabalho? Se quiserdes, posso mostrar-vos alguns cartões para poderdes fazer uma primeira ideia. E se dispondes de tempo, não me importaria de levar-vos a ver algumas obras do mestre aqui na cidade. Ou até nos arredores, na cartuxa. Como preferirdes.

Hugo olhava-o sem olhar, sem quase ouvir o que dizia. Sentia-se esmagado, desconcertado, mas sobretudo desolado. Hesitou sobre como responder àquela proposta, mas era tal a desordem mental que sentia naquele momento que tudo o que ocorria era absurdo ou caótico. De todos os modos, tentou.

– Não, não vim por esse motivo. Conheci o vosso mestre... Gostei muito da catedral de Antuérpia... Já lá vão dois anos, não sei... Ofereceu-se para me mostrar a oficina... E sonhei muito. Quero trabalhar, sim... aqui. Mas talvez ele nem se lembre de mim. Fiquei maravilhado... E depois no deserto... Mas agora já...

Uma vez claro que não era um cliente e não parecia capaz de libertar-se da confusão que lhe ia pela cabeça, o jovem encheu-se de pressa de acabar com a

conversa. Sem mais contemplações, convidou-o a voltar em Julho. Deu meia volta para regressar à oficina, momento em que Hugo recordou mais um nome: o daquele ajudante de Van Diependaal com o qual tinha confeccionado um pouco de amarelo de prata. Fez-se ouvir erguendo a voz de uma maneira exagerada:

– Poderia ao menos falar com o aprendiz do mestre, Niclaes Rombouts?

O rapaz enfiou a cabeça pela abertura da porta para responder.

– Também não está. Niclaes acompanhou o mestre a Inglaterra. Também tereis de esperar até Julho.

Hugo, de cabeça baixa e o moral de rastos, abandonou o edifício a arrastar os pés. Perguntava-se por que tinha de ser tudo tão difícil na sua vida e por que não conseguia levar a termo nenhum dos projectos com que tinha sonhado.

Ao vê-lo avançar ao seu encontro, Ubayda imaginou o pior.

Aylal, que à sua maneira notou qualquer coisa estranha na expressão do amigo, fez um curto voo, pousou no ombro dele e tentou dar-lhe ânimo com um variado coro de sons. Hugo, que não estava com vontade para nada, continuou a caminhar em busca da sua montada. Recolheu as rédeas das mãos de Ubayda e quase nem olhou para ela. Subiu para a sela e com muita dificuldade conseguiu dizer qualquer coisa, em resposta ao inquieto olhar da amiga.

– Tenho de encontrar trabalho.

– Não te aceitaram?

Ubayda montou o seu cavalo com agilidade e aproximou-o do de Hugo.

– Só saberemos dentro de quatro meses, porque Van Diependaal está a trabalhar em Inglaterra. E nós aqui, sem dinheiro. – Arrancou um ramo de uma árvore e atirou-o ao chão com raiva. – Precisamos de encontrar o lugar mais barato de Lovaina para dormir esta noite. Não podemos permitir-nos outra estalagem.

– Encontrá-lo-emos, descansa. – Acariciou-lhe a mão, preocupada com a profunda tristeza que se lhe reflectia no rosto. – E eu também posso trabalhar; quero ajudar... Não foi para isso que vim contigo?

– Nem pensar. – Hugo pôs-se sério. – Quando nos instalarmos tentarei encontrar qualquer coisa, seja o que for, no que quer que for.

Capítulo 5

Schildpad Thuis. Bruges. Abril de 1478

Ano e meio depois do golpe de Grosenberg com a lã egípcia, os negócios de Damián de Covarrubias começavam a recuperar. Mais de metade dos seus antigos compradores tinha voltado a fazer encomendas, ainda que a maioria de menor volume, e acabava de fechar um prometedor contrato com um dos maiores fabricantes de Bruxelas, cujas necessidades superavam em muito as comuns dos restantes. Tratava-se de uma nova conta para as famílias Covarrubias e Ibáñez, ou melhor dito, Ibáñez e Covarrubias, pois era sempre o sogro que levava a maior talhada do negócio.

Era certo que os seus recentes êxitos tinham sido ajudados pelos baixos preços a que o mercado voltara, o que motivara mais de uma queixa contra ele em Bruges, no Consulado de Mercaderes de Castilla, por parte da concorrência. Mas não queria saber disso. Precisava de vender, recuperar a credibilidade entre os grandes nomes da indústria têxtil flamenga e gerar dinheiro para pagar o que ainda devia ao sogro e ao pai.

Os seus proventos não eram os de antes. No entanto, calculava que em mais dois anos poderia igualá-los. Tinha tratado bem os seus fornecedores, aproveitando a sua estada em Burgos no ano anterior, e desde há cinco meses também o fazia com os seus actuais clientes em Bruges, investindo muito tempo e dinheiro para melhorar o seu nome na cidade. Para isso organizava sumptuosas festas no seu palacete, e mais recentemente começara a dar valiosas prendas às esposas dos homens mais poderosos de Bruges, o que estava a ser compensado com a abertura de portas que antes lhe estavam fechadas.

Estranhava não ter tido notícias do seu feitor Policarpo nos últimos meses, longe do fluxo de correspondência a que o tinha habituado, e além disso havia muito que não punha os pés em Bruges, embora o imaginasse ocupado em Burgos a otimizar os futuros envios, ou a aumentar a frequência das visitas aos

principais fornecedores com o objectivo de reforçar com eles as renovadas relações comerciais, tal como lhe tinha pedido.

O caso da mulher sim, era preocupante. Tinham decorrido seis meses desde o seu desaparecimento e não conseguira obter uma única pista que o ajudasse a saber onde estava. Para Burgos não tinha ido; tê-lo-ia sabido pelo sogro ou através da mãe, e de nenhum deles recebera correio, coisa de que muito se felicitava. Mas não o bastante para deixar de temer que um dia, fosse de que maneira fosse, chegasse aos ouvidos de Don Sancho a notícia do desaparecimento da filha. Se isso acontecesse, todo o seu projecto poderia desmoronar-se, e para o evitar não tinha desistido da sua busca.

Depois de ter contratado aquele grupo de homens que até as pedras tinham removido a procurá-la por todo o ducado da Borgonha, mobilizara todos os seus conhecidos para perguntarem noutras cidades vizinhas, mas o resultado fora o mesmo. E quanto a Renata... apesar de ter tido de explicar-se diante de um juiz por uma suposta agressão na pastelaria, e depois de ter saído airoso da situação mediante o pagamento de uma multa de cem dobras, não pudera falar com ela nem aproximar-se do seu estabelecimento devido aos termos da sentença. Berenguela parecia ter-se esfumado.

Passaram os meses, e à falta de ter a mulher em casa, descobrira um novo consolo: o que lhe dava uma viúva que conhecera numa das suas festas. Uma mulher com mais necessidade de homem que de manter as aparências. De facto, havia já mês e meio, Berta, que assim se chamava ela, tinha fechado a sua casa no centro da cidade e mudara-se para a de Damián, de onde quase não saíam. Como a cama lhes bastava, era tanto o seu ardor que pareciam não precisar de mais nada.

A puritana Bruges censurava o seu comportamento, mas, vista a inexplicável fuga da esposa e o tempo decorrido desde então, começava pouco a pouco a mostrar-se mais condescendente para com aquela relação. E Berta ajudava a que assim fosse. A sua permanente simpatia, energia e inesgotável sociabilidade, aliada à disposição para festejar aniversários e todo o género de celebrações em sua casa e sem olhar a despesas, conseguiram em pouco tempo que o nome de Berenguela fosse desaparecendo das conversas habituais entre as classes mais influentes da cidade, ao ponto de se chegar a duvidar que alguma vez tivesse existido.



– Amor, lembra-te de que hoje vêm merendar as minhas amigas francesas, essas de que não gostas nada. Digo-te para o caso de queres desaparecer durante um par de horas.

Era assim que Berta chamava às esposas dos cinco enviados do ducado da Borgonha para controlar o governo de Bruges e de caminho arrecadar os impostos. Despiu a camisa com que tinha dormido e passeou-se nua pelo quarto à procura da roupa interior. Escolheu um conjunto novo de duas peças, de seda, um modelo desconhecido entre as damas da alta sociedade de Bruges que tinha comprado em Antuérpia. Com elas na mão, aproximou-se da cama onde Damián estava sentado, meio despido, e plantou-se diante dele.

– Queres... vestir-mas?

– Um dia hás-de matar-me, Berta... Ainda que, que queres que te diga, adoro que o faças.

Ela beijou-o com ardor, admitindo entre murmúrios que estava ansiosa. Damián pegou na peça superior, apreciou a suavidade da seda com que tinha sido confeccionada e cobriu com ela os generosos seios da amante. Começavam os dois a acalorar quando bateram à porta do quarto. Primeiro uma vez, e ao não obter qualquer resposta, com mais insistência. Irritado pela inoportuna interrupção, Damián foi ver do que se tratava. Entreabriu a porta e pôs a cabeça de fora.

– Que pode ser tão importante para virdes importunar-nos antes das dez?

Olhou para o seu camareiro com um ar de reprovação.

– Peço que me desculpeis, mas a senhora voltou e está à espera lá em baixo, no salão.

– Berenguela? – disse Damián, erguendo a voz.

– É como ouvis, senhor – respondeu o criado, com uma expressão comedida.

– Que grande surpresa! Muito bem. – Coçou o queixo. – Muito bem. Diz-lhe que desço dentro de minutos, os que demorar a vestir-me.

Fechou a porta e voltou-se para Berta, desconcertado.

– Não posso crer que voltou.

Ela saltou da cama e apanhou do chão a blusa, apressada. Vestiu-a. Procurou por todo o lado a saia que usara na noite anterior, para acabar de vestir-se. Movia-se pelo quarto a toda a velocidade, nervosa. Até que de súbito se deteve e

reconsiderou. Sair da casa às escondidas seria o expectável dada a embaraçosa situação, mas não era a única opção que tinha. Podia defender outra.

– Manda-a embora depressa, meu amor! E volta para mim. – Enfiou-se na cama. – Esperar-te-ei ansiosa para terminarmos o que mal tínhamos começado.

Damián, ainda mais desconcertado por esta atitude, acabou de vestir-se sem saber como ia lidar com a louca situação. Sentiu-se furioso ao verificar que, mais uma vez, não era ele que empunhava as rédeas. Desde que Berenguela saíra de casa tinha perdido mais do que uma esposa: perdera também o controlo e o futuro dos acontecimentos, o que o tinha levado a sentir-se numa posição frágil, uma coisa que odiava profundamente. Que significaria o regresso dela naquele momento? Em relação aos seus interesses económicos não era uma má notícia, pensou. Sem dúvida muito melhor do que a incerteza passada e do que o medo permanente de perder a confiança do sogro. Mas a sua vida tinha mudado bastante desde então, e isso estava bem à vista. Havia outra mulher a ocupar o lugar de Berenguela, e ainda por cima ele sentia-se profundamente atraído por ela.

Pensava em tudo isto, baralhando os possíveis cenários que de certeza iam surgir ao longo da conversa, calculando as suas respostas ou decidindo que perguntas faria a Berenguela, sem conseguir esquecer as últimas palavras de Berta: «Manda-a embora depressa e volta!»

Mandá-la embora como, se era ela o principal alimento do seu negócio?

Cerrou os punhos, furioso. O aparecimento de Berenguela era no mínimo incómodo, mas antes de tirar mais conclusões tinha de saber ao que vinha, pensou quase a chegar ao salão.

Sentada num cadeirão, com as mãos pousadas no regaço e a fingir uma serenidade que não sentia, Berenguela viu-o entrar. Esperou que se aproximasse para se levantar e dar-lhe um beijo. Damián evitou-o.

– Com certeza não pensas que aqui não aconteceu nada e que a vida, eu e a nossa relação continuam tal como as deixaste – atirou-lhe, sem contemplações.

– Claro que não. Venho explicar-me. E não vou ocultar-te nada.

Ela voltou ao cadeirão, escondeu as mãos entre as dobras do vestido para que não tremessem, suspirou e começou a falar.

– Um dia chegou às minhas mãos uma carta enviada de Veneza que trazia uma ordem de pagamento. O remetente, um tal Barbieri, relacionava aquele

documento com uma dívida que o teu irmão tinha para contigo.

– Que ordem de pagamento? Nunca vi esse correio – interrompeu-a Damián, que já tinha dez perguntas para lhe fazer. Tentou, mas ela não o permitiu.

– Sentia-me tão desprezada, tinhas-me enganado tantas vezes, que quando recebi a carta resolvi cobrar o dinheiro para financiar a minha viagem em busca de Hugo. Queria esclarecer com ele o que tinha acontecido naquela pousada e talvez mais qualquer coisa, confesso. Pensei que esse Barbieri devia saber onde ele estava e que não me seria muito difícil arrancar-lhe a informação.

Damián roía as unhas a desejar saber mais, falar. Mas ela não parecia disposta a ceder-lhe a palavra. Sem deixar de olhar o marido nos olhos, falou-lhe da passagem de São Gotardo, da doença que a retivera meses na cama, da viagem a Veneza, da conversa com Barbieri e do que tinha averiguado sobre o paradeiro de Hugo.

– ... e no fim dei-me conta do absurdo das minhas intenções – concluiu, após uma longa pausa. – Soube-me incapaz de superar as dificuldades daquela longuíssima viagem. Por isso decidimos voltar a Bruges.

– Decidimos?

Berenguela apercebeu-se de que ainda não tinha referido o nome do seu acompanhante. Fê-lo sem temor, e Damián viu confirmada a implicação de Renata e esperou que continuasse com o seu relato, mas, como não o fez, começou a falar.

– A julgar pelas tuas palavras, deduzo que só abordaste uma parte das explicações, porque com certeza há mais. Enquanto não mas dás, e se não te impostas, recapitulo o que disseste, para ver se percebi bem.

– À vontade.

– Roubas o meu dinheiro, saís de casa sem deixar uma miserável nota, empreendes uma viagem na companhia de outro homem, e prefiro nem pensar no que mais partilhaste com ele, além de amizade, e tudo isto para encontrar o teu saudoso, desejado e nunca alcançado amor de juventude: o meu irmão. E como não o conseguiste, porque te pareceu uma empresa impossível, agora voltas à tua antiga casa e ao teu casamento como se nada fosse.

– Poder-se-ia explicá-lo com menos crueza, mas é isso, sim – respondeu Berenguela, sem perder a calma.

Damián agitava-se na cadeira, assombrado. Não conseguia imaginar como ia justificar o regresso dela, mas também não queria mostrar-se demasiado ansioso. Inspirou fundo, aguentou o olhar de Berenguela à espera que ela o desviasse, e deixou passar uns segundos antes de fazer a pergunta que estava a queimar-lhe a boca.

– Por que vieste, então?

– Para me apaixonar por ti...

Aquela afirmação desconcertou-o de tal modo que, além de deixá-lo de boca aberta, travou-lhe a língua, de modo que tardou vários segundos a conseguir articular uma palavra. Quando o fez, foi para pedir uma explicação.

– Durante esta longa separação que eu provoquei, tive tempo para pensar. Sobretudo enquanto regressava de Veneza.

Fez uma pausa e Damián notou como a partir desse momento a sua expressão começava a mudar, como que a encher-se de determinação antes de enfrentar o que queria dizer. E chamou-lhe a atenção o olhar dela: transmitia uma serenidade que não parecia casar com as actuais circunstâncias.

– A conclusão a que cheguei é que vivi demasiado obcecada com o teu irmão, tanto que impedi que os meus sentimentos se abrissem para outra pessoa. Por fim compreendi que não tinha sido justa para contigo, Damián; é essa a verdade. Hoje quero, preciso, que saibas tudo. E com *tudo* refiro-me a nunca ter sentido por ti, nem ter querido sentir, o mesmo que por ele. Na realidade, traí-te durante todos estes anos porque nunca deixei de pensar nele. – Procurou na expressão do marido o impacte das suas palavras, e ficou surpreendida ao não encontrar quase nada. – Lamento ser assim franca, mas se o faço é para que tenha em mim, e desejaria que também em ti, um efeito curativo, imprescindível para o que desejo a partir de agora, depois de ter reconhecido o estado de destruição das nossas vidas. Fui-te infiel com Hugo desde que nos casámos, só em pensamento, mas é essa a verdade. E tu também o fizeste, e não uma só vez.

A imagem mental de Berta travou qualquer comentário da parte de Damián.

– Proponho-te que ponhamos tudo isso de lado. – Berenguela cruzou uma perna sobre a outra, inspirou e retomou o fio do seu argumento. – Temos os dois razões mais do que suficientes para termos levantado um muro intransponível na nossa relação, mas gostaria de o derrubar. Sinto-me outra mulher, mudada, decidida a começar de novo. – Os seus olhos expressavam franqueza, segurança.

– Ainda não posso prometer-te que conseguirás o mesmo espaço que ele ocupou, mas sim que vou tentá-lo por todos os meios, com toda a minha energia, com toda a minha vontade. Estou disposta a esquecer as tuas aventuras, a perdoar-te tudo. Voltei com essa única intenção, para lutar pelo nosso casamento – concluiu, e ficou à espera que ele falasse.

Damián compreendeu que a ideia lhe convinha, e muito, ainda que não acreditasse nela.

Aquela proposta, tendo em conta os antecedentes da relação, parecia ilógica. No entanto, ele não a media com a mesma vara que ela podia estar a usar. Estava mais do que encantado por poder jogar as novas cartas que lhe eram oferecidas, antes de se arriscar a perder a partida; no seu caso, o negócio da família Ibáñez, que graças a Berenguela deixaria de estar em perigo. E como o que estava em jogo era muito mais do que um casamento, decidiu agir com inteligência. Dar-lhe-ia uma primeira aprovação, mas tímida, para que ao vê-lo hesitante ela tivesse de esmerar-se e lutar com mais empenho. Desse modo talvez conseguisse outros benefícios, ainda não alcançados, que lhe eram tão necessários como a estabilidade matrimonial.

– Preciso de tempo – disse, por fim.

– Claro.

– Tendo isto em conta, não gostaria que te instalasses já aqui em casa. Espero que compreendas. Em troca, prometo dar o devido valor à tua compreensão.

Nesse instante, a porta do salão abriu-se e Berta entrou como um torvelinho, disposta a fazer-se ver. Estava só meio vestida, para que não restassem dúvidas sobre qual era o seu papel naquela casa.

– Como estavas a demorar muito a voltar para a cama, resolvi vir ver o que se passava.

Tinha uns cabelos tão compridos que lhe chegavam quase aos quadris. Recolheu-os com o antebraço e nem se deu ao incómodo de abotoar a camisa, mostrando sem pudor boa parte dos seios que, de generosos e túrgidos, não tinham demérito algum.

Berenguela não precisou de perguntar a Damián. Bastou dirigir-lhe o olhar para que ele se explicasse.

– Apresento-te Berta. Vive comigo há pouco mais de um mês. Já não esperava que voltasses e confesso que me ajudou a superar o desânimo que me fizeste

viver durante este tempo.

– Imagino que já te ias embora.

Berta, tesa como um poste, olhou-a com uma expressão de desprezo.

– O lógico seria que fosses tu. Mas fica tranquila, já podes voltar para a cama. Dentro de alguns minutos tê-lo-ás contigo. – Berenguela levantou-se do cadeirão, foi pôr-se diante de Berta, quase nariz com nariz, e sem perder uma ponta de dignidade, despediu-se desta maneira. – Voltei!

Damián interveio na tensa situação.

– Espera-me lá em cima, Berta. Vou acompanhá-la à porta.

A mulher voltou a olhar com desprezo para Berenguela, e antes de sair disse-lhe em voz baixa, mas bem audível:

– Não mo tirarás. Agora é meu!

Enquanto percorriam a casa, Berenguela espreitou os olhos de Damián e pareceu-lhe ver um certo ar de vaidade. Tinha a sua lógica: duas pretendentes a lutar por ele justificava-o. Talvez por isso lembrou-se de Policarpo. Decidida a confessar tudo, quase a pisar o empedrado da praça, revelou a relação que tinha mantido com ele, a sua cumplicidade na fuga para Veneza, a sua inexplicável ausência à hora combinada e a notícia de que tinha viajado para África à procura de Hugo.

Damián teve dificuldade em assimilar tudo o que acabava de ouvir.

Agora entendia a falta de notícias do seu feitor e imaginou os seus motivos para procurar Hugo. Sentiu-se traído, mas também espantado com ela. Nunca a tinha imaginado a enganá-lo com outro homem, e muito menos um da sua confiança. Mas assim tinha sido; desconhecia durante quanto tempo. Levado por tão surpreendente revelação, imaginou algo parecido com o tal Antonio. Preferiu não aprofundar a questão, e menos ainda naquele momento. Berenguela, antes de sair, beijou-o na face.

– Obrigada por não teres perguntado. Para que saibas, nunca me deitei com ele.

– Não posso dizer que tenha feito o mesmo.

– Claro que não. Como também não podes dizer que não voltarás a fazê-lo. –

Ergueu os olhos para as janelas do piso superior, onde ficava o seu quarto, e dentro dele uma nova inquilina. – Amanhã, depois da missa do meio-dia, irei dar um passeio pelo parque do lago. Tu sabes, o que fica ao pé do beatério. Só se quiseses falar comigo...

E afastou-se, sem perder a calma em momento algum.



A reacção de Berta foi violenta mal o viu aparecer no quarto, e até na cama. Na realidade nas costas de Damián ficaram as marcas do seu feroz arrebatamento, sob a forma de três compridos arranhões.

Durante a ceia, uma ceia bastante mais silenciosa do que o habitual, ele não quis ocultar as suas intenções e anunciou que tinha combinado encontrar-se com Berenguela na manhã seguinte. De início, Berta opôs-se a este encontro, ameaçando-o com uma ruptura imediata, até que ouviu o relato do que ele pretendia fazer com a mulher. Ouviu-o sem a intenção de ceder uma polegada que fosse de espaço no coração daquele homem, mas mudou de atitude quando Damián começou a falar da sua nova relação com a mulher como de um projecto de negócio, ou como o melhor seguro para proteger os seus dinheiros, sem que isso significasse qualquer diminuição dos seus verdadeiros sentimentos para com ela. O que acabou de convencê-la foi a lista de promessas que ele lhe fez acto contínuo, tão convincentemente expressas e de tão excitante conteúdo que não pôde erguer mais obstáculos à iminente mudança que a relação entre os dois ia sofrer, sobretudo face à sociedade.

– Teremos de ser muito discretos – propôs Damián.

Foi então que, dominada por um acesso de ardor, correu para ele, atirou ao chão pratos, talheres e copos, tomou posse do espaço da mesa que tinham ocupado e lhe disse que era um desavergonhado.

Mas disse-o um pouco antes de subir as saias e morder-lhe os lábios.



Só de ver a cara de Berenguela quando entrou na cozinha da pastelaria, sobravam as perguntas. Mas Renata estava ansiosa por saber tudo.

– Que aconteceu?

– O que esperávamos.

Berenguela sorriu e procurou as roupas de trabalho para as vestir, mas Renata tirou-lhas das mãos, desejosa de ouvir qualquer coisa de mais concreto.

– Explica-te melhor. Como reagiu?

– Engoliu tudo! – respondeu a amiga, radiante de felicidade.

– Tens a certeza?

– Penso que sim... Tive de aguentar a vontade de mandá-lo para o inferno

quando apareceu a tal Berta, apesar de já me teres avisado. Precisei de repetir para mim cem vezes cada argumento para não me desviar do objectivo. E quase me engasguei com a bília quando, a dada altura, ele se mostrou tão condescendente comigo que parecia estar a oferecer-me o céu pelo simples facto de voltar a estar com ele. Foi duro, muito duro. Mas está feito.

Berenguela pegou numa colher de madeira e começou a bater umas claras de ovo.

– Perfeito, então, não é verdade? Estás contente?

– Muito. Foi apenas o começo, mas não podia ter corrido melhor. Que queres que faça com estas claras?

Renata apontou para uma tigela com natas para que as misturasse enquanto ela tratava de encher uma bandeja de formas com massa folhada para confeccionar uma das suas melhores especialidades: as tartes de geleia de cereja. Pô-las no forno e limpou as mãos sem conseguir afastar da cabeça o que acabava de ouvir.

– E em que ficaram?

– Amanhã vou esperar por ele no parque do lago. Se aparecer, como calculo, continuaremos a ver-nos mais vezes, e então poderei pôr em marcha a segunda fase do meu plano.

Capítulo 6

Lovaina. Ducado da Borgonha. Abril de 1478

A igreja de São Pedro, no centro da cidade, foi o primeiro lugar aonde Hugo se dirigiu de manhã muito cedo, depois de tê-la visto no dia anterior rodeada de andaimes. Contornou o perímetro até chegar à fachada sul, onde descobriu um grupo de homens a fazer fila. Juntou-se a eles e olhou para a frente.

Não perguntou o que faziam ali porque o adivinhou: conseguir um dia de salário.

Enquanto esperava, contorceu a coluna numa tentativa de apaziguar as chicotadas de dor que lhe subiam e desciam pelas costas desde que se levantara. Aquilo não tinha outra causa que não fosse a noite horrível que passara no único lugar disposto a acolhê-los pelo preço que podiam pagar. Depois de percorrerem meia cidade, de terem entrado em alguns casebres onde os cães pareciam viver melhor do que os donos, a única coisa que se adaptara às suas possibilidades fora um alpendre dentro de um estábulo que o proprietário alugava a duas dobras por mês. Aquele humilde recanto, meio coberto por tábuas de refugio, malcheiroso e com um colchão quase a desfazer-se, parecera-lhes lamentável, mas o suficiente para se alojarem de momento. Quando chegara a hora de dormir, Ubayda insistira em deixar-lhe a cama para que pudesse descansar, mas Hugo preferira o duro chão de terra. Por isso passara a noite às voltas à procura de uma posição mais confortável, o que se revelara uma tarefa impossível. E entre sonos e vigílias ponderara a possibilidade de trocar Lovaina por Bruges, onde poderiam esperar até Julho sem tantas privações, em Schildpad Thuis. Mas só de se imaginar no escritório daquela casa, em frente do irmão adoptivo, a pedir-lhe mais uma vez ajuda e dinheiro, e inclusive pensar em ver-se de novo diante de Berenguela, com as palavras de Policarpo ainda nos ouvidos, descartara a ideia.

Por aquela altura da manhã, já a tinha esquecido, enquanto observava o pórtico da soberba igreja.

A partir de uma construção anterior, estavam a remodelar o templo de alto a baixo para adaptá-lo ao estilo arquitectónico que imperava na maior parte das catedrais europeias erigidas nos últimos dois séculos: a arte francesa que um século mais tarde a Europa renascentista começaria a chamar *gótico*. Para isso fora preciso derrubar paredes e tectos e reconstruí-la quase de novo. O interior parecia quase terminado, só faltava dar altura a uma das torres que emolduravam o pórtico principal, frente ao sítio onde se encontrava.

A fila começou a avançar.

Lá à frente, um homem com um avental de couro escolhia trabalhadores entre os que esperavam como ele. Mandava uns para a direita e outros para a esquerda. Decidiu que os segundos eram os escolhidos, tendo em conta a sua constituição física. Olhou para si e tentou dissimular a sua magreza inchando o peito. Havia algum tempo que comia menos do que o normal e o seu corpo começava a mostrá-lo.

Faltavam dez ou doze homens para que chegasse a sua vez.

Esperou, impaciente.

Quando por fim chegou diante do encarregado, o homem perguntou-lhe de onde era.

– Sou castelhano, tenho vinte e quatro anos e uma vontade enorme de trabalhar no que me disser – respondeu em flamengo, a língua que aprendera em criança.

O homem apalpou-lhe os braços, avaliou-lhe a grossura das pernas sem as tocar.

Pediu-lhe que despisse a camisa. A cicatriz que lhe atravessava o flanco direito, recordação de Policarpo, não lhe chamou tanto a atenção como a sua extrema magreza. Mandou-o para a direita, mas Hugo não se conformou com essa decisão e logo que pôde passou para o outro grupo. Quando chegou ao fim da fila, o encarregado mandou embora os da direita e ordenou aos escolhidos que enchessem de argamassa uma enorme pilha de cestos, e que depois os levassem, subindo os andaimes, até ao alto da torre. Por sorte não reparou em Hugo, embora ele também não se tenha deixado ver. Tentou mover-se dentro do grupo, e quando chegaram até onde estavam os cestos, também não quis ser o primeiro.

Encheram-lhe o dele, agarrou-o pelas asas, conseguiu levantá-lo com dificuldade e levou-o até a uma daquelas estruturas de madeira. Olhou para cima e ficou paralisado. Esperava-o uma compridíssima escada em ziguezague com

uma infinidade de degraus. Dois homens adiantaram-se-lhe. Por um instante duvidou que conseguisse fazê-lo, mas ao ver que o encarregado se aproximava, inspirou fundo, levantou o pesado cesto e começou a subir. No segundo lanço de degraus tropeçou e julgou que a carga lhe caía, o que só não aconteceu graças à ajuda do que ia atrás e que a segurou a tempo. Foi buscar forças nem ele soube onde e continuou a subir até que, depois de oito níveis, chegou ao seu objectivo. Largou a carga ao lado de uns homens de pele quase tão escura como a de Ubayda, que usavam de imediato a argamassa para assentar os blocos de pedra com que faziam crescer a torre. Observou a cidade daquela altura, localizou o estábulo e o alpendre nos arredores, e se não pôde ver mais foi devido ao empurrão de um dos encarregados para que deixasse de perder tempo. Apressou-se a descer, com lógico alívio.

A meio da manhã tinha carregado vinte e cinco cestos.

Cada vez que tinha de enfrentar mais um, parecia-lhe uma tarefa impossível. No entanto, foi conseguindo, um atrás de outro, até que os sinos da igreja bateram as doze badaladas do meio-dia. A um grito do encarregado, cessaram todos os trabalhos. Alguns dos operários baixaram das alturas, outros juntaram-se em grupos para comer. O pão com queijo soube-lhe a mil maravilhas, e congratulou-se com a oportuna ideia que Ubayda tivera ao ir comprar-lho nessa manhã antes de ele sair em busca de trabalho. Devorou-o em três dentadas, apanhou até à última migalha que lhe caíra na roupa, recostou-se contra a parede do templo e fechou os olhos com necessidade de repousar um pouco. Mas o seu descanso não durou nada, porque passados poucos minutos o desalmado capataz pôs-se a chamar-lhes madraços, gritou vários impropérios e mandou-os de novo para a argamassa.

Hugo levantou-se com dificuldade. Doíam-lhe todos os músculos do corpo. Arrastou os pés pelo chão até chegar à renovada pilha de cestos, pegou no primeiro que acabavam de encher, e depois de soltar um fundo suspiro começou a percorrer um novo calvário em forma de escadas, a desejar que aquele extenuante dia acabasse depressa.

Quando nessa noite chegou ao alpendre mal conseguiu contar a Ubayda como tinha sido o seu dia. Ia tão desfeito de cansaço que se deixou cair em cima do colchão, pareceu-lhe bem tudo o que ela tinha feito, aprovou os seus esforços para tornar um pouco mais habitável aquele tugúrio, soube que tinha encontrado

um lavadouro ali perto, aceitou um copo de água e depois de o beber adormeceu tão profundamente que não deu por mais nada. Nem se mexeu quando ela lhe despiu a roupa, suja e suada, como também não apreciou a massagem que lhe fez aos doridos braços e pernas, nem o calor que lhe transmitiu com o seu corpo ao ficar toda a noite deitada a seu lado.

Na manhã seguinte, com o nascer do Sol, Ubayda teve de esforçar-se por acordá-lo. Continuava mergulhado num sono tão profundo que nem abaná-lo ou beliscar-lhe as bochechas surtiu qualquer efeito. Acabou por ter de lhe atirar um copo de água à cara.

– Desculpa, mas vais chegar tarde. Tens de apressar-te, ou mandam-te embora. E não te preocupes com o almoço, eu levo-to lá.

Hugo despiu a camisa de dormir – não se lembrava de tê-la vestido – e preparou-se num abrir e fechar de olhos. Saiu do alpendre, quase sem se despedir de Ubayda, o mais depressa que lhe permitiram as pernas, rígidas e martirizadas por câibras. A caminho da igreja, ao passar pela oficina de Van Diependaal, perguntou-se se aguentaria os três meses que ainda faltavam ou se antes disso morreria de esgotamento naquela obra. Ainda não tinha lá chegado, e só de pensar em carregar mais um daqueles cestos contorciam-se-lhe as entranhas.



Quando, ao meio-dia, Ubayda apareceu com o almoço, estranhou o rebuliço que se formara junto à obra. Aproximou-se para ver, e deparou-se-lhe Hugo caído no chão, rodeado por uma vintena de homens incapazes de tomar uma decisão. Ao vê-la, Hugo pediu que a deixassem passar e pediu-lhe numa voz calma.

– Caí dali – apontou um dos andaimes –, e devo ter partido uma perna, senão as duas. – O seu olhar reflectia uma mistura de imensa raiva, frustração e dor. –

Receio que não possa voltar a trabalhar durante uns tempos. Não sei como vamos resolver isto – lamentou-se, a sentir de quatro em quatro ou cinco segundos umas chicotadas de dor que o deixavam sem fala.

Ubayda impressionou-se ao ver a ponta do osso assomar da perna, mas sentiu-se morrer quando começou a dar ordens aos que a rodeavam para que chamassem um médico e ninguém a entendeu. Desesperada pela escassa reacção dos presentes, pôs-se a gritar, a gesticular de uma forma exagerada, e depois a

empurrar alguns dos homens para que levantassem Hugo do chão. A sua insistência e determinação foram tão contagiantes que conseguiram convencer dois deles. Levantaram, carregaram-no aos ombros e levaram-no a uma casa próxima, onde vivia um médico.

Ubayda, agarrada à mão de Hugo, não conseguia impedir que a preocupação se lhe reflectisse no rosto. Queria pensar que aquela fractura seria fácil de compor, porque caso contrário... Empalideceu.

O médico encaixou o osso no lugar sem a mais pequena consideração e começou de imediato a coser a ferida, indiferente aos gritos do paciente. Quando achou satisfatório o resultado da sua costura, limpou o sangue e foi buscar duas cataplasmas que tinha mandado coser com um punhado de ervas. Colocou-as sobre a ferida e Hugo sentiu um alívio imediato. Enquanto trabalhava, o homem não parava de falar. Mas como Ubayda não percebia nada, de vez em quando Hugo traduzia.

– Diz que não me queixe, que só parti uma.

– Ainda bem.

Embora parecesse de alívio, o comentário de Ubayda não correspondia em nada à sensação de pânico que a percorria de alto a baixo, desde as pontas dos cabelos até aos dedos dos pés.

O físico continuou com a sua explicação, e Hugo a traduzir o que ele dizia.

– Dentro de uma hora tirar-me-á tudo isto para me imobilizar a perna com não sei o quê; pareceu que disse cordas, tiras de pano e duas tábuas. Não ouvi bem. Mas o pior é que só poderei tirá-las daqui a dois meses.

Ubayda levou as mãos à boca, horrorizada pela notícia, mas no momento seguinte estava a tentar desvalorizar o problema.

– Havemos de sair desta, vais ver.

– Calculo que sim, mas não vai ser fácil.

O médico deu por concluído o tratamento e passou ao doloroso tema do dinheiro.

– São dez *stuivers*.

– Posso pagar em dobras? Acabamos de chegar à cidade e ainda não tive tempo para trocar dinheiro.

– Claro! Nesse caso são... quatro dobras.

– Quatro dobras! – exclamou Hugo. – Isso é um autêntico roubo!

– Bom, se preferis, deixo-vos como estais, sem as cordas que ia pôr-vos, e podeis ir para casa de rastos. Nesse caso cobraria só duas – respondeu o médico, com a certeza do que ia ouvir a seguir.

Hugo tinha contado nessa manhã o dinheiro que lhes restava, e não passava de dez dobras. Aceitou a primeira importância de má vontade, mas desculpou-se com não ter o dinheiro consigo.

– Não há problema. Mandarei um dos criados acompanhar-vos a vossa casa e pagar-lhe-eis lá. Além disso, disponho de uma carreta para vos levar. E ficai descansado, não vos cobrarei mais por isso – disse o médico, com uma inesperada amabilidade.



Quando, duas horas mais tarde, chegaram ao estábulo, Ubayda e o homem deixaram-no estendido em cima do catre. Ubayda foi buscar o dinheiro e alarmou-se ao ver o pouco que tinham. Pagou as quatro dobras ao homem e agradeceu-lhe a ajuda antes de despedi-lo. Quase ao mesmo instante, apareceu o proprietário do estábulo. Ao ver o lamentável estado do inquilino, e a sua evidente incapacidade para trabalhar, pediu adiantado o pagamento do mês, não fossem eles gastar esse dinheiro noutras necessidade. Hugo, já entregue ao seu infortúnio, indicou a Ubayda que o fizesse. Custou-lhes mais uma dobra, para pagar o espaço que os cavalos ocupavam.

Quando ficaram sozinhos, na tristeza daquele estábulo e só com três dobras para viver os próximos dias, Hugo sentiu-se tão culpado por Ubayda ter de viver aquela situação que lhe pediu perdão. E não só uma vez, foram tantas que a palavra pareceu encher o alpendre.

– Tu não mereces isto. Lamento muito. Deixei-te ficar mal.

Ouvi-lo dizer aquilo causou em Ubayda ainda mais angústia do que a situação em que se encontravam. Fez uma cara séria.

– Hugo, pára com isso. Não continues a martirizar-te.

– Mas...

– Sem mas – cortou ela. – Sabia ao que vinha e não me importo de passar fome ou miséria. Não me faz diferença. Além disso, posso trabalhar até que recuperes. Vistas as coisas assim, até dá mais sentido à minha presença.

– Não me agrada nada que tenhas de trabalhar.

– Não temos outro remédio, Hugo. – Pegou-lhe nas mãos. – «Se não és o que queres, quer o que és.» Aceitemos o que há. O que tiver de passar serão simples recordações daqui a uns tempos.

– Podia pedir outra vez dinheiro emprestado ao meu irmão adoptivo. – Mal o disse, arrependeu-se. – Ainda que, não sei, também não lhe têm corrido bem os negócios, segundo me explicou, e não sei se...

Ubayda interrompeu-o.

– Esquece o teu irmão. Repito, vamos resolver esta situação sem precisar de ninguém. Tenho a certeza disso. Não vais poder andar durante uns tempos, mas quero ver aquele Hugo que conheci no deserto, decidido e firme. Prometes?

Hugo beijou-lhe as mãos.

– Prometo.

Capítulo 7

Lovaina. Ducado da Borgonha. Abril de 1478

Era negra, estrangeira, não sabia falar francês nem flamengo nem podia dar qualquer referência que a ajudasse a encontrar trabalho. Nestas condições, e depois de calcorrear a cidade de uma ponta à outra, com as palavras que tinha de dizer aprendidas de memória e sem pôr qualquer objecção ao que lhe oferecessem, ao terceiro dia de viver frustrantes tentativas, Ubayda conseguiu trabalho numa actividade imprescindível para a indústria têxtil, mas de péssima reputação: uma tinturaria.

O proprietário – um indivíduo escuro, de origem meio judaica e meio persa – preferia ter mulheres para tingir as lãs porque trabalhavam com mais delicadeza, mas era difícil encontrá-las entre a população cristã de Lovaina porque os trabalhos de tinturaria tinham má fama e as pessoas quase os comparavam às manigâncias de bruxas e feiticeiros. Pensava-se assim porque com a mistura de pigmentos e cores manchava-se a natureza das coisas, violando a ordem estabelecida por Deus. Era tal o ambiente de hostilidade contra os tintureiros que não era estranho ouvir um sermão dominical qualificar o negócio como infernal, e os seus proprietários como autênticos transgressores contra a criação. Por culpa da ideia que se tinha daquelas misturas, moralmente impuras, as tinturarias acabaram por trabalhar com uma só cor. Os que tinham licença para trabalhar o encarnado e os seus tons não podiam tingir de azul ou amarelo, e por isso era muito raro encontrar um tintureiro que oferecesse duas ou mais cores, dada a estrita regulamentação imposta pelo grémio.

Nestas circunstâncias, Ubayda encaixou especialmente bem nos padrões de selecção do proprietário logo no primeiro dia em que se apresentou a pedir trabalho: africana, mulher, de uma religião com um nome impronunciável e a conviver com um homem que não era seu marido. Quando Isaac Ajmed soube o suficiente sobre ela, só encontrou vantagens. Anos atrás contratara outras duas

negras e não tivera de que se arrepender. Além de serem mais fortes do que as mulheres locais, tivera menos problemas com a Igreja, e também com o seu grémio, por serem consideradas de uma raça inferior. Sem essa pressão, pudera contornar uma ou outra regra experimentando novas misturas de pigmentos, e agora vendia mais cores a certos clientes que faziam vista grossa.

Mas, além disso, Isaac Ajmed tinha outro segredo.

Inventara uma fórmula que melhorava a fixação da cor na lã. Ao pó de alúmen, uma vez diluído, misturava um ácido cuja composição só ele conhecia e que permitia reduzir a dose de pigmento necessário sem prejudicar o resultado final. E os pigmentos, como o vermelho de *kermes*, custavam uma fortuna. Aquele era o seu grande arcano, a vantagem com que superava os seus concorrentes. Mas tinha um problema, um único problema: manejar o ácido implicava um alto risco, porque as queimaduras por contacto eram terríveis. *Embora talvez se vejam menos numa pele negra*, pensara Isaac.

Ubayda começou a trabalhar naqueles enormes barracões, nos arredores de Lovaina, e calculou que com o que ia ganhar poderiam permitir-se uma morada melhor, longe das incomodidades do estábulo. Desde que além disso vendessem os cavalos.

O processo para tingir a lã não tinha nada de complicado, ainda que exigisse grandes instalações. As lãs deviam vir bem lavadas de origem, mas, como isso nem sempre acontecia, os tintureiros viam-se obrigados a repetir o processo. Uma vez limpas, passavam-nas para uns grandes depósitos onde ficavam algum tempo de molho na mistura de alúmen e do famoso ácido. O alúmen funcionava como mordente para ajudar o pigmento a fixar-se melhor às fibras. Aquele era, sem dúvida nenhuma, o lugar mais perigoso para trabalhar, e por isso Isaac tinha ali os mais novatos, os estrangeiros e os ímpios, e Ubayda encaixava em todas estas categorias. Dali, a lã era levada para a zona de tingimento, onde fora de antemão preparada uma diluição do pigmento em água, respeitando escrupulosamente as quantidades da valiosa substância. De todas as instalações, aquela era a que concentrava mais gente. Porque sentados na borda das enormes tinhas e armados com compridas varas, uns quinze trabalhadores, quase todos homens, remexiam uma e outra vez o conteúdo, batiam-no e agitavam-no, para que a coloração fosse o mais homogénea possível.

A Ubayda arderam-lhe as mãos desde o primeiro dia.

Isaac tinha-lhe dado umas luvas para verter o ácido nas cubas. Mas estavam tão gastas e esburacadas que o couro mal lhe protegia a pele. Ela levava-as à tarde, para as coser no alpendre, mas a deterioração era tão grande que o que arranjava num dia desfazia-se no seguinte.

Pediu umas novas, e o homem não lhas recusou, só que nunca chegaram a aparecer. Por isso, quando numa daquelas noites Hugo descobriu como ela tinha a mão direita, alarmou-se.

– Agora percebo por que tens usado essas ligaduras. Não me disseste que te tinhas cortado?

Contou doze queimaduras, quase todas pequenas, embora algumas apresentassem um aspecto mais feio e começassem a ulcerar. Ao ver estas últimas, assustou-se.

– Não queria preocupar-te. Ainda me falta prática para evitar que aconteça. A culpa é minha. – Retirou a mão, embaraçada, e envolveu-a com uma ligadura untada com banha. – Mas não falemos de mim. Como correu o teu dia? O comerciante de cavalos apareceu?

Doíam-lhe as mãos e tinha os olhos a arder por efeito dos vapores que o ácido exalava, estava cansada e com vontade de se deitar. Mesmo assim esforçou-se por ouvir Hugo, dando-lhe toda a sua atenção.

– Sim, veio esta manhã. Encontrou problemas em tudo: pareceram-lhe velhíssimos, famélicos, sujos e de péssima raça. Razão não lhe falta, porque também não pagámos muito por eles em Veneza, mas o que começou por oferecer não chegava à décima parte do que custaram e só queria um. Bem, no fim consegui que levasse os dois por trinta e dois *stuivers* e doze *mites*. Ou, o que é o mesmo, mil quinhentos e quarenta e seis *mites*.

Dado o péssimo momento económico que atravessavam e apesar dos novos rendimentos de Ubayda, Hugo calculou que teriam o suficiente para se manterem até Julho no estábulo, à espera do regresso de Van Diependaal. Era o que tinha pensado antes de saber a opinião de Ubayda.

– Recuso-me. Vivemos entre mulas e moscas, quase sem espaço para nos mexermos e com um fedor que por mais que abramos a janela durante o dia não diminui. Até hoje não podíamos permitir-nos outra coisa, mas agora podemos. Temos de procurar outra casa, claro que a mais barata que conseguirmos encontrar, uma casa com paredes em vez de tábuas partidas como esta, digna, e

um pouco mais cómoda para ti. Mais perto do centro, para que possas passear ainda que seja com a ajuda de bengalas, e com vizinhos em vez destas bestas que temos como única companhia.

Hugo voltou a defender que era preferível continuarem onde estavam, mas ela mostrou-se tão inflexível que ele, além de recordar os avisos de Azerwan nesse sentido, acabou por assumir a impossibilidade de convencê-la. Entre outras coisas porque, a um dado momento da discussão e sem lhe dar oportunidade de replicar, Ubayda lhe disse que ia preparar a ceia, que não era outra coisa senão a caça que *Aylal* lhes levava todos os dias. Graças às virtudes e generosidade daquela ave, comiam carne, e mais de uma vez esse fora o seu único alimento do dia.

Apenas cinco dias mais tarde, uma carroça transportou-os do estábulo até a uma modesta casinha, a quatro quarteirões da igreja de São Pedro, que Ubayda tinha apalavrado depois de ter visto uma dezena de outras, depois de recusar as mais caras e de ter tido de ouvir os proprietários de umas tantas dizerem que não queriam uma negra em sua casa, circunstância que tinha pesado mais do que tudo o resto.

Um quarto na nova casa custava seiscentos *mites* por mês, o dobro do alpendre. Calcularam que com o dinheiro dos cavalos poderiam pagar um pouco mais de dois meses, e entretanto sobreviveriam com o que Ubayda ganhava. Hugo continuou a achar que era uma decisão irreflectida, mas dada a sua situação de dependência não teve outro remédio senão calar-se e fazer boa cara quando pisou a nova casa pela primeira vez.

Em todo o caso, teve de reconhecer que oferecia certas vantagens.

O quarto tinha muita luz, bastante amplo, e dispunha de duas camas. A partir dele acedia-se a um jardim privado com uma pequena horta onde podiam cultivar legumes, e uma zona tapada por um alpendre onde Hugo ia poder descansar ao ar livre. Havia uma pequena lareira para cozinhar e uma casinhota ao fundo do jardim para fazerem as suas necessidades, muito mais à mão do que o leito do arroio a que tinham tido de recorrer no estábulo.

Ubayda experimentou o colchão e pareceu-lhe uma jóia comparado com o catre onde até então tinham dormido.

– Pensei que, como vamos estar apertados de dinheiro até Julho, podia pedir a Ajmed mais trabalho. Não me importo de ficar mais tempo. Amanhã falo com

ele.

Hugo apoiou-se à beira da cama e, a resmungar, atirou a bengala ao chão.

– Devia ser eu a sustentar-te – disse, irritado consigo.

Ubayda, que continuava deitada, espreguiçou braços e pernas, contorceu-se na cama e deixou escapar um gemido de prazer. Só então respondeu.

– Não vejas as coisas dessa maneira. Pensa em como vamos poder dormir bem de agora em diante, na oportunidade de olhar para um tecto branco em vez de teias de aranha, e que o melhor está para chegar. Julho está à porta, muito mais perto. – Sentou-se a seu lado. – Hugo, em Quastiliya duvidei se devia ou não acompanhar-te, mas agora não me arrependo. Compreendes como é importante para mim poder ajudar-te?

Hugo deitou-se, e as suas costas e rins agradeceram-lhe nesse instante.

As palavras de Ubayda fizeram-no reconsiderar.

Compreendeu a posição dela e acabou por aceitar as suas razões.

– Gostas mais de rabanetes ou de aboborinha?

A pergunta deixou Ubayda desconcertada, mas respondeu que de ambos, com uma simpática expressão de espanto.

– Perfeito, então, porque agora disponho de tempo, de uma horta, de água e de sol. Muito em breve vais provar as melhores verduras que é possível encontrar em Lovaina!

Aquela reacção, somada ao sorriso que lhe iluminou o rosto, significou para Ubayda uma batalha ganha. E talvez por isso, e apesar do cansaço, despertou nela a vontade de cantar e dançar. Hugo assistiu, a partir daquele momento, a uma curiosa sucessão de intermináveis rodopios, umas vezes com os braços no ar, outras com as costas arqueadas e quase a varrer o chão com os dedos; depois pulou, fingiu que dançava com ele, até terminar saltando para cima da cama. Hugo regozijou-se ao contemplá-la; Ubayda ostentava um maravilhoso sorriso e parecia radiante e feliz. E aquela contagiante alegria conseguiu que também ele começasse a rir, com uma vontade que não se lembrava de ter tido em muito tempo.

No dia seguinte, Ubayda conseguiu ampliar o seu trabalho até às cubas de pigmentação. Continuou a ter o máximo cuidado na manipulação daquele ácido, mas era raro o dia em que não voltava com uma nova queimadura, ou se lhe ulceravam as anteriores, o que lhe provocava uma dor tão insuportável que por

vezes acabava a retorcer-se no chão, a morder os lábios para não gritar, até que uma companheira lhe levava um pouco de água e uma pasta de ervas de efeitos miraculosos.

O trabalho com os pigmentos foi sem dúvida menos perigoso, mas em contrapartida voltava todas as tardes a casa com as mãos vermelhas, sem ser capaz de perceber se a cor se devia ao sangue das suas feridas ou às tinturas que manipulava. Trabalhava três horas extras todos os dias para ganhar apenas um pouco mais, uma miséria em relação ao tempo gasto, e ainda por cima chegava a casa mais tarde. Só aquela hora de caminho, entre a tinturaria e o quarto, acabava muitos dias por transformar-se num autêntico calvário. Mas quando se reunia com Hugo, só de saber que todos os seus esforços serviam para o aproximar um pouco mais do seu sonho, sentia-se suficientemente recompensada.

Ele cuidava-lhe todos os dias das mãos, descobria alguma queimadura nova, ralhava-lhe e preocupava-se. E ela fazia o mesmo com a perna dele: lavava-a como podia entre as tábuas e ligaduras, introduzia palitos para aliviar a comichão, aplicava uma pasta de flores naturais para combater o mau cheiro.

Ubayda desvalorizava os seus problemas e nunca se queixava, escondendo-lhe outras coisas que aconteciam na tinturaria. Porque, além das feridas, muitos dias tinha de suportar as propostas obscenas dos colegas de trabalho, era desprezada e insultada pelas outras operárias – todas elas brancas –, e na última semana tivera de fazer frente à indecente oferta de Ajmed, que consistira em arranjar-lhe substituta nos ácidos se lhe abrisse as coxas. Oferta que não era a primeira vez que tinha tido de ouvir e que, claro, recusara uma e outra vez.

Assim era a sua vida, dura e amarga em muitos momentos, mas ao lado de Hugo; a tentar fazer por ele tudo o que podia.

Capítulo 8

Schildpad Thuis. Bruges. Junho de 1478

Estava tudo pronto para o regresso da senhora a casa.

Havia flores frescas nos jarrões, as antigas cortinas, colchas, toalhas de mesa e lençóis tinha sido substituídos por peças novas, de cores mais vivas. Até os móveis do salão tinham sido renovados conforme as instruções de Damián, que se estenderam ao resto da casa numa tentativa de torná-la mais bonita do que nunca.

Quando a carruagem que transportava Berenguela se deteve diante da porta de Schildpad Thuis, não havia ninguém à espera. O que ela agradeceu. Apeou-se com a ajuda do cocheiro e ficou a olhar para a fachada do edifício, tal como tinha feito quatro anos antes. Sentia-se muito melhor do que na altura. Agora não ia entrar naquela casa como então fizera, forçada por um casamento que não desejava. Agora estava ali por outros motivos muito diferentes que amadurecera com tempo, muito consciente de que estava a fazer não o que era melhor para os dois mas o que era melhor para ela.

Deteve o olhar na tartaruga.

Nunca tinha pensado nisso, mas via certas parecenças entre ambas. Porque agora que ia voltar a viver naquela casa, precisaria de muito mais protecções do que as habituais para resistir e teria de criar uma couraça, tal como as tartarugas se valiam das duras conchas que carregavam às costas.

Berta abandonara a casa um mês antes e, pensando bem, não passara um dia sem que Berenguela estivesse com Damián. Era como se tivessem voltado a ser noivos: passeios a cavalo, encontros no parque ou longas excursões. As conversas começaram a fluir, os factos mais turvos do passado foram-se diluindo na memória e algumas emoções esquecidas regressaram com relativa naturalidade.

E assim, com um Damián diferente na aparência e uma Berenguela cada vez mais receptiva, um dia decidiram partilhar de novo casa, mesa e vida pelos próximos anos.

E ali estava ela; tinha chegado o dia.

Levantou a bainha da saia azul para subir os degraus do pórtico.

Antes de bater, ajustou o corpete, organizou as pregas da saia e puxou com dois dedos a camisola interior para fazê-la assomar um pouco pelas fendas das mangas. Atestou a perfeição do penteado, uma trança alta que fazia o seu rosto parecer mais redondo, e adoptou um olhar que já não expressava a frustração de outras épocas e sim uma mistura de travessura e malícia.

Suspirou, descontraída, sentiu-se satisfeita consigo e bateu à porta.

Atrás de si tinha quatro baús com todas as suas coisas e *Canelilla*, a gata, ao colo do cocheiro. Lá dentro esperava-a uma renovada vida juntos, que para ele se prometia muito feliz e para ela apenas proveitosa se conseguisse alcançar os seus objectivos.

Mas tudo isso estava para ver.

Capítulo 9

Oficina de Hendrik van Diependaal. Lovaina. Julho de 1478

Desde o princípio do mês de Julho que Hugo passava todos os dias pela oficina de vitralista, na esperança de que o proprietário já tivesse chegado.

O acidente que sofrera na igreja de São Pedro três meses antes tinha-o deixado com um ligeiro coxear que ainda não conseguira corrigir de todo, apesar dos longuíssimos passeios que dava com essa intenção. Durante as primeiras oito semanas, enquanto tivera a perna entre talas, os músculos tinham enfraquecido muito e perdido tonicidade. Para devolvê-los à normalidade, uma vez livre das talas, a única coisa que lhe ocorrera fora caminhar, e fizera-o horas seguidas.

Nessas caminhadas recuperara *Aylal*, voltara a desfrutar da sua companhia, a vê-la caçar, e graças à destreza do falcão e à abundância de coelhos nos bosques que percorriam, saborearam bons guisados pelo menos quatro vezes por semana. Mas, além da comida, Hugo recuperara uma leal companheira que meio abandonara desde que chegara a Lovaina. *Aylal* fez-lhe recordar os seus melhores momentos no deserto, com Omar, ou o seu inesquecível Azerwan. Durante aqueles dias, *Aylal* convertera-se numa ponte com o passado, uma testemunha dos sacrifícios que tinham tido de fazer para estar ali, numa cidade que ainda não lhes trouxera demasiada sorte. Estava não só a ser a melhor companhia possível, como também era um exemplo vivo de como alcançar objectivos difíceis. Sulcava os céus desde a privilegiada atalaia das alturas, distante da sua eventual presa, com uma capacidade de cálculo tão exacta que atacava no momento adequado e com o ângulo e a velocidade necessários. A sua sagacidade permitia-lhe adivinhar o comportamento da vítima e corrigir o ataque, e era perseverante se não o conseguia à primeira, nem à segunda, nem por vezes à terceira tentativa. O conjunto destas atitudes e sobretudo a sua tenacidade serviram de exemplo a Hugo para não desanimar quando passava

todas as manhãs pela oficina, em busca da sua oportunidade, e lhe diziam que ainda não havia nada.

A longa espera terminou no último dia do mês, quando Van Diependaal apareceu montado num cavalo negro e seguido por dois carroções carregados de ferramentas, restos de vidro, cartões, modelos usados e toda a sua roupa.

Hugo soube-o no dia seguinte, quando encontrou Van Diependaal a alimentar um dos três fornos de que a oficina dispunha. O ruído era tanto que o mestre não o ouviu quando se lhe dirigiu.

– Mestre! Mestre! – chamou, erguendo a voz.

Van Diependaal voltou-se e Hugo reconheceu a sua cabeleira branca e sobretudo aqueles olhos de um azul tão claro que eram quase transparentes. O seu rosto tinha emagrecido tanto como o resto do corpo. Parecia esgotado.

– Conheci-vos na catedral de Antuérpia, há-de haver dois anos e meio.

– Lembro-me muito bem, mas não do vosso nome.

Trocaram um aperto de mãos e Hugo apresentou-se fazendo referência a Martín de Soria, para que acabasse de situá-lo. Depois disso não foi capaz de encontrar as palavras necessárias para explicar o que fazia ali, e a culpa foi de um dos operários, ao pousar numa mesa próxima do lugar onde estavam um vitral meio acabado. Olhou para ele e ficou mudo, com a atenção perdida nos esplêndidos desenhos. Van Diependaal, surpreendido por este comportamento, recordou como se tinha mostrado impressionado quando se tinham conhecido na abside da catedral de Antuérpia.

– Vejo que continuais a sofrer do feitiço dos vitrais, como então.

– Perdoai-me, senhor. Reconheço que o vosso trabalho me parece tão incrível que me deixa abstraído e incapaz de pensar noutra coisa. – Sorriu, a imaginar que a sua explicação não desagradaria, como pareceu a julgar pela expressão do mestre. – Confesso-vos a minha atrapalhão, desejei muitas vezes aceitar o convite que me fizestes para conhecer a vossa oficina, e agora que o faço faltam-me as palavras e não consigo explicar ao que vim.

– Pois tentai, mas permiti que entretanto continue a trabalhar. Passei demasiado tempo fora e as novas encomendas apertam-me como se estivesse a usar sapatos de criança.

Calçou uma grossa luva de couro e por trás da porta que fechava o forno abriu outra de menor tamanho, através da qual introduziu um longo tubo de metal.

Espetou-o numa massa amolecida pelo fogo dentro de um crisol e tirou para fora uma bola de um material muito brilhante e cor de mel. Procurou o bordo de um pequeno fosso, ao lado do forno, inclinou-se para ele, pousou a extremidade do tubo de soprar lá dentro e fez balançar a bola vítrea como se desenhasse círculos, umas vezes para a esquerda, outras para a direita, ao mesmo tempo que soprava com força pela outra ponta do tubo.

– Bem, a verdade é que... o que eu gostava era... – Aquele procedimento estava a deixá-lo tão perplexo que lhe custava falar. – O que tentava dizer-vos é que...

– Alguma vez tínheis visto soprar vidro?

– Nunca, senhor. – Os olhos assombrados de Hugo estavam fixos na ardente pasta, oscilante e viva, a ver com se inflava e estendia ao mesmo tempo.

– Afastai-vos de mim – ordenou o mestre, enquanto devolvia ao forno o resultado, uma espécie de ampola alongada.

Hugo viu como voltava a tirá-la menos de um minuto mais tarde e repetia o procedimento, uma vez mais inclinado para o fosso, a soprar e a rodar aquela espécie de cilindro até que ganhou a forma de uma garrafa, mais larga do que o normal. Quando viu que estava bem igualada, apoiou-a sobre dois cavaletes. Usou uma pinça para recolher um pouco daquela massa incandescente e deixou que se esticasse por acção do seu peso até formar um fino fio com o qual rodeou a união entre a extremidade do tubo de soprar e o cilindro. Deu-lhe uma ligeira pancada e conseguiu separá-los. Procurou no forno uma comprida vara de ferro e introduziu a ponta, ao rubro vivo, na boca do objecto de vidro, aparentemente já solidificado, passando-a ao longo da parte superior, de um extremo ao outro, para conseguir um rasgão longitudinal. Retirou o cilindro dos cavaletes e, com extremo cuidado, meteu-o noutro forno. Pegou noutra vara metálica, rematada em forma de pêra, e graças aos efeitos do calor e à pressão que fez com ela sobre os bordos do cilindro, afastando-os pouco a pouco, conseguiu deixá-lo plano. Examinou o resultado e voltou a passar a barra de ferro pela superfície do vidro, para alisá-la.

Quando se deu por satisfeito, apoiou-se a um murete de pedra, soprou fatigado e voltou-se para o jovem. Encontrou-o empoleirado numa coluna, de boca aberta e olhos de mocho. Riu à gargalhada.

– Bom, vais contar-me ao que vieste ou vou ter de te tapar a boca com um pano húmido para evitar que se te queime a língua? – disse, pondo de lado o tratamento formal.

Hugo fechou a boca, envergonhado.

– Perdoai. Tendes razão. – Aproximou-se dele, mas o intenso calor que vinha do forno obrigou-o a recuar. – Se hoje estou aqui, além de para responder ao convite para conhecer a vossa oficina que me fizestes na catedral de Antuérpia, é porque gostaria muito de trabalhar convosco. Foi por isso que vim: pedir-vos trabalho.

Antes de responder, Van Diependaal tirou outra bola de massa ígnea do crisol, disposto a repetir o processo para obter uma segunda chapa de vidro. Soprou, mantendo o tubo perpendicular ao fosso, e quando se formou uma nova ampola meteu-a no forno para que não endurecesse antes de tempo.

– Um vidro, como o que acabas de ver fazer, tem de ter a superfície o mais lisa possível, mas não com a mesma grossura em toda a sua extensão. Isso ajuda a conseguir diferentes efeitos luminosos quando a luz o atravessa.

Chamou um dos operários e pediu-lhe que o substituísse no acabamento da segunda peça que deixara no forno. Tirou a chapa acabada do outro, de uma forma rectangular quase perfeita e muito fina, e fez-lhe um minucioso exame.

– Acabas de assistir à fabricação de um vidro; o primeiro passo do processos de criação de um vitral. Dizes que queres trabalhar comigo para te tornares um vitralista, mas não creio que saibas o que isso tem de transcendente, tal como ignoras que é uma coisa que nos escolhe, vem até nós...

– A que género de transcendência vos referis?

– À mais elevada, rapaz. Pensa que qualquer acto de criação supõe a conjugação dos quatro elementos básicos: água, terra, fogo e ar. Os vitrais são um bom exemplo disto. Da terra sai a base fundamental de que são feitos, e que só o fogo será capaz de transformar. Com a água diluem-se os pigmentos para pintá-los e dotá-los de vida, e o ar permite que a luz os atravesse, os acaricie, para que ganhem o seu sentido último nas paredes das catedrais. – Sondou o olhar do jovem, à procura de mais algum motivo para aceitá-lo na sua oficina, e pareceu-lhe ver qualquer coisa. – Como te disse há pouco, esta vida não se escolhe, escolhe-nos ela a nós.

– Não sei se me escolheu, desconheço. Mas quanto mais vejo o que fazeis, mais atraído me sinto pelo vosso trabalho. Porque vos imagino a tocar o céu com os dedos quando instalais um desses vitrais no vão de uma catedral. E também vos vi sentir a força da luz e da cor cada vez que atravessam as vossas obras, com as quais dais alma aos templos. Para vos ser sincero, desde aquele encontro na catedral ficou em mim uma espécie de rescaldo que não soube interpretar, talvez até hoje.

Van Diependaal gostou tanto do que ouviu que decidiu dar mais um passo para terminar de avaliá-lo.

– Pensa nesses quatro alimentos que referi. Achas que algum deles poderá ter-te trazido até aqui, influenciando a tua pretensão de te tornares um dia um mestre vitralista?

Hugo assim fez e recordou os recônditos mares que tinha sulcado a bordo da *Santa Ana*, entre baleias e gelos. E como depois se atravessara no seu caminho o sal do deserto: a terra. Água e terra, dois dos quatro elementos necessários para qualquer criação, segundo acabava de afirmar Van Diependaal.

– Talvez sim. Não tive consciência disso até agora, mas é possível que dois deles me tenham trazido até aqui, porque a água e a terra marcaram sem dúvida os meus últimos anos.

– Faltam-te então o fogo e o ar – apontou Van Diependaal, sem acreditar que se tratasse de uma simples coincidência. – O que te leva a pensar tudo isto?

O rosto de Hugo iluminou-se. Fez estalar os lábios, convicto do que naquele momento sentia, e traduziu em palavras as suas conclusões.

– Acabo de ver com toda a clareza qual vai ser o meu destino. Hei-de incluir o fogo e o ar! O fogo, através dos fornos. E o ar será o dos templos para onde os vitrais forem viver.

A sua entusiástica emoção comoveu o mestre de tal maneira que pediu a um dos operários que pegasse no seu trabalho e fez sinal a Hugo para que o seguisse. Saíram para o pátio e agradeceram a frescura. Hugo pensou que era ali que tudo ia acabar. Que o ia despedir no sítio onde estavam, em frente do largo portão que dava para a rua.

Mas não era essa a ideia de Hendrik van Diependaal.

Dirigiu-se a um dos vitrais que estavam apoiados contra uma parede. Passou um dedo sobre o desenho recortado a chumbo com verdadeiro carinho. Chegara

a hora de perguntar uma coisa que precisava de saber.

– Em Antuérpia, os teus olhos brilharam de emoção, e hoje voltaram a fazê-lo. A sensibilidade que manifestaste na altura pareceu-me evidente, e não a perdeste. Vi que os teus olhos destilavam paixão sempre que estiveste perto de um dos meus trabalhos, como estes. – Apontou com a mão para a dezena de vitrais que esperavam para ser embalados. – Mas agora quero que me respondas a uma pergunta com absoluta sinceridade e sem gastar mais de um segundo a pensar na resposta.

– Dizei.

– De acordo. – Sacudiu um grão de cinza antes que lhe entrasse para um olho enquanto perguntava: – Se tivesses de decidir o que mais se aproxima da tua maneira de ser, sentir-te-ias mais reflectido na forma de agir de um perfeccionista ou na de um pragmático?

Hugo compreendeu que aquela pequena pergunta ia decidir tudo. Foi só uma intuição, mas como não tinha tempo para pesar as duas opções, respondeu com o que lhe saía da alma.

– Na de um perfeccionista.

Van Diependaal sorriu. Estendeu-lhe a mão e aceitou-o na sua oficina.

– Começarás como aprendiz, a meu lado. Será assim nos próximos seis meses. Aprenderás todos os processos necessários para fazer um vitral. Viajarás comigo às obras que me contratem e às que já temos. E se passado esse tempo vir que tens talento, continuarás a meu lado como oficial. Caso contrário, já sabes...

A Hugo não lhe cabia o coração no peito. Estava eufórico, feliz, cheio, a só um passo de tocar o seu recém-descoberto sonho, mas de modo nenhum sozinho. Porque nesse preciso instante sentiu presentes a mãe, Azerwan e Ubayda. A transbordar de felicidade, não pôde todavia esquecer a sua péssima situação económica, e apesar de não lhe parecer muito oportuno, acabou por perguntar qual ia ser o seu salário.

– Salário? – Van Diependaal agitou as mãos, meio escandalizado. –

Os aprendizes não ganham nada. Mas terás direito a cama e comida dentro da oficina. Temos um lugar livre, o do meu jovem cunhado Niclaes Rombouts, que também conhecestes. Em Inglaterra anunciou-me que queria tornar-se independente para abrir a sua oficina, aqui em Lovaina. Não sei quanto tempo demorará a consegui-lo, mas é fácil que o encontres por aí um destes dias.

– Mas é que eu vivo com uma mulher e...

– Nesse caso esquece a dormida aqui. Terás de suportar as tuas despesas até que sejas meu ajudante e eu comece a pagar-te.

O rosto de Hugo ensombreceu, mas ele disfarçou o seu desapontamento, não fosse o mestre notá-lo e arrepende-se da sua decisão. Van Diependaal deu a entender que terminava ali a conversa para voltar ao trabalho. Mandou-o apresentar-se na manhã seguinte antes das sete e desejou que a sua presença na oficina acabasse por ser uma decisão frutuosa.

Hugo apertou-lhe a mão, mas quis saber uma última coisa antes de ir.

– Disse-vos que sou perfeccionista. Foi isso que vos decidiu a aceitar-me?

– Claro, rapaz. A arte do vitral exige perfeição em todos os seus passos; vais vivê-lo na primeira pessoa. Os que são meticolosos, como é o meu caso e segundo dizes também o teu, toca-nos sofrer como não podes imaginar. Perguntarás por que digo isto e a minha resposta é só uma. Ainda não consegui fabricar o vitral perfeito. É tão duro como isso. No entanto, percebi que sem este espírito insatisfeito que me corrói as entranhas a cada trabalho, não teria conseguido produzir centenas de belos vitrais. Por isso me decidi por ti.



Quando, nessa tarde, Ubayda voltou do trabalho, não precisou de perguntar como tinham corrido as coisas na oficina. Hugo correu para ela e abraçou-a com tanta força que quase a deixou sem respiração. Não parava de dizer: «Conseguimos! Conseguimos!»

– Vês, Hugo? Apesar de termos tido de passar por tudo, no fim valeu a pena. Conta-me, em que condições te aceitaram? Começas amanhã? Levantou-te algum problema? Sabes quanto vais ganhar?

Às três primeiras perguntas, Hugo respondeu com todos os pormenores. Mas à quarta o seu semblante mudou.

– Só daqui a seis meses começarei a ganhar qualquer coisa – disse. – Um aprendiz não tem salário.

Baixou a cabeça, abatido. Bem compreendia quais eram as consequências para Ubayda.

Ela agitou-se na cadeira, afectada. Tinha tanta vontade de que o aceitassem como ele, mas também de deixar os ácidos e as tinturas. Decidiu, no entanto, que

não era o momento de pensar nos seus problemas e que não devia ensombrar a alegria de Hugo.

– Não te preocupes; continuarei a trabalhar até que te paguem. Não há problema.

– Também eu vou tentar. No pátio da oficina havia muita madeira armazenada para alimentar os fornos. Alguém terá de carregá-la e descarregá-la. Vou perguntar. E quando terminar o meu horário com Van Diependaal começarei com esse outro trabalho. É o que vou fazer.

Ubayda notou como a ideia não bastava para diminuir a angústia que se tinha instalado na expressão de Hugo, e decidiu mudar de ambiente e de conversa. Abraçou-o com força e pediu-lhe que esperasse no jardim. Hugo saiu, procurou o banco e depois de se sentar e esticar as pernas, recostou-se satisfeito.

Ubayda apareceu pouco depois, com qualquer coisa escondida atrás das costas e um generoso pedaço de queijo na outra mão. Plantou-se em frente dele, muito misteriosa, e desafiou-o a adivinhar o que era. Hugo experimentou três ou quatro coisas, mas como não acertava agarrou-a pela saia e puxou para ver o que escondia. Ubayda lutou, gritou, mas, apesar de ter perdido o equilíbrio e acabado sentada nos joelhos dele, conseguiu manter a salvo o que tão ciosamente protegia. Hugo, decidido a descobri-lo de uma vez por todas, lançou as duas mãos em busca do que fosse, e quando lhe tocou respondeu com um radioso sorriso.

– É vinho?

– Sim. Eu sei que é um luxo. Comprei-o há dias e tinha-o escondido para o abrir numa ocasião como a de hoje.

Aquele pormenor fez Hugo sentir-se o mais afortunado dos homens.

Era apenas uma garrafa de vinho e um pedaço de bom queijo, mas pareceram-lhe os melhores manjares do mundo. E sobretudo na melhor companhia possível.

Por isso, quando acabou de deitar o vinho nos únicos dois copos que tinham e olhou Ubayda nos olhos, naqueles olhos profundos e muito negros onde qualquer homem que lá se aventurasse podia dar-se por perdido, disse-lhe pondo toda a alma na voz.

– Gosto muito de ti.

– E eu de ti, Hugo.

Ambos guardaram silêncio enquanto o ar se tingia de saudades de Azerwan.

Capítulo 10

Nos arredores de Lovaina. Ducado da Borgonha. Setembro de 1478

Dois meses depois de Hugo ter começado a trabalhar na oficina, os dias eram tão extenuantes que mal lhes restava tempo para falarem um com o outro. Na realidade, chegavam os dois a casa tão cansados que muitas vezes, depois de uma frugal ceia, se deitavam e adormeciam nesse instante.

Dos sete dias da semana, Hugo dedicava quatro a descarregar carroções de lenha e outros dois a moer os restos de vidro que, reduzidos a pó, serviam de base para o fabrico de grisalha. Tudo isto depois do dia de trabalho normal com Van Diependaal. Uma vez que como aprendiz não ganhava nada, usava o dinheiro que recebia daquelas outras tarefas para pagar uma parte das despesas da casa, evitando que fosse Ubayda a única a assumir essa responsabilidade.

Ao domingo, que era o único dia de descanso, aproveitavam para passear pelo campo com *Aylal*, preparar uma boa refeição, desfrutar de uma longa sesta e, sobretudo, para conversar.

Ubayda não queria perder um único pormenor dos progressos do amigo. Adorava ouvir as suas explicações e ver o maravilhoso brilho de emoção que se lhe instalara nos olhos. Como estava a acontecer naquela sobremesa do último domingo de Setembro.

– Com tudo o que vi até agora, percebi que para ser um bom vitralista é preciso aprender a amar o fogo. Porque tudo começa nele. Quando entrei para a oficina, pensava que não havia diferenças entre os vários fornos, mas claro que há.

E explicou que os que trabalhavam a temperaturas mais baixas não coziam o vidro, só ajudavam a moldá-lo uma vez soprado ou usavam-se para acrescentar cores à primeira massa. Havia outros que alcançavam temperaturas incríveis, capazes de fundir a mistura de areia e cinzas de faia que constituía a base do vidro. E ainda havia outro para o chumbo, que exigia menos calor.

– Descobri o poder criador do fogo, Ubayda! – exclamou, erguendo os braços num gesto de triunfo. – No forno do vidreiro o fogo não destrói, transforma, prepara, joga com as diferentes substâncias que lhe são apresentadas para extrair delas as suas essências mais puras, evaporando as menos aproveitáveis. – Guardou uns segundos de silêncio, e quando voltou a falar a sua voz soou mais solene. – Tenho de aprender a ler o fogo como vi Van Diependaal fazer, e educar o meu ouvido para interpretar os seus sons. Porque as chamas falam com quem sabe escutá-las. Não se limitam a lamber o carvão ou a madeira, podem tornar-se tuas aliadas conforme a intensidade do seu crepitar ou o brilho que emanam. Cheguei a uma dupla conclusão: que ainda não sei nada e que tudo o que me falta saber é absolutamente excitante.

Hugo não podia pôr mais emoção nas suas palavras, nem Ubayda ao ouvi-las. Para ela, aquela era a melhor prova de que o amigo encontrara enfim o seu caminho.

– E que mais aprendeste a fazer?

Ele contou-lhe que sem sair dos fornos tinha visto fabricar os bastidores de ferro com os quais assentavam os vitrais nos vãos, nas paredes dos templos, bem como umas barras transversais a que chamavam *chavetas* para melhorar a armação do painel, e os moldes para fundir o chumbo.

– Agora sei que tipos de areias e óxidos são necessários para produzir uma ou outra cor na massa vítrea que depois cozerá dentro dos crisóis. E também como conseguir as diferentes tonalidades dando mais ou menos espessura ao vidro final. Mas aquilo de soprar ainda não domino muito bem. O meu mestre diz que vou precisar de anos.

Apesar de pressentir o grande talento de Hugo com os pincéis, Van Diependaal quase não o deixara sair dos fornos até ter a certeza de que dominava aquela parte da produção. Não tardou a ver como o jovem se destacava entre os outros operários. Apanhava tudo à primeira. E quando o punha em prática, era raro enganar-se. Descobrira nele uma virtude que nenhum dos outros possuía: decifrava como ninguém as chaves da cor. E cada vez que o tinha visto conseguir uma nova tonalidade – algumas muito belas – ou jogar dentro da pasta de cozimento com uns ou outros materiais como se roçasse a magia, o rapaz tremia da cabeça aos pés, emocionado, a vibrar ao som das chamas.

Quando naquele domingo a noite os alcançou, fazia tanto calor dentro de casa que decidiram dormir fora, na erva do jardim. Viveram-no como recordação de outras vigílias no deserto, à luz da Lua, quando Ubayda esperava a chegada do seu amado e ele abria os olhos ao impressionante céu estrelado, parecido com o que estavam a desfrutar naquele momento. Sob os efeitos da agradável frescura que a erva transmitia às suas costas, da copiosa ceia e da temperatura amena, Hugo não conseguiu manter-se acordado, muito ao contrário do que se passava com Ubayda. Porque desde há algumas semanas, não sabia quantas, tinha a percepção de que se lembrava cada vez menos de Azerwan e que, pelo contrário, Hugo começava a ocupar mais espaço no seu pensamento, e pior ainda, no seu desejo, o que a preocupava.

Algumas noites, na sua cama, enquanto o ouvia respirar profundamente adormecido, ficava um pedaço a observá-lo. Devido ao calor, Hugo costumava dormir com umas calças que só o cobriam da cintura aos joelhos, ficando o resto do corpo a descoberto. Fora numa daquelas longas e deliberadas contemplações, repetidas noite após noite, que a tentação a assaltara, ao princípio contida, insólita até então. Fora assim que crescera o seu desejo, enquanto olhava o corpo dele desejosa de acariciá-lo. Observava-lhe a boca e em mais de uma ocasião sentira a tentação de prová-la furtivamente. E quando isso se tornara mais frequente, sem sentir que estava a trair a memória de Azerwan nem a compará-los, começara a viver aqueles impulsos como se fossem novos.

Até que dera mais um passo.

Naquela noite abandonara a sua cama e aproximara-se da de Hugo sem fazer ruído.

De joelhos em frente do colchão de lã e com os dois braços apoiados no lençol, esperara que mudasse de posição para o ter mais perto. E quando isso acontecera, as suas bocas ficaram tão próximas que os lábios se roçaram, sendo isto suficiente causa de excitação para não se conter como fizera de outras vezes. Por isso, naquela noite, acariciara-o com estudada delicadeza, carinho e extremo cuidado para não lhe interromper o sono. Os seus dedos contornaram o queixo, subiram depois pelas faces até à testa, depois de experimentarem a aspereza da barba. Dali saltaram para o peito até se deterem no musculoso ventre. Quando notava que ele se ia mexer, escondia-se até que voltava a senti-lo quieto; então chegava-se de novo à cama e continuava a sensual exploração. E assim, através

das pontas dos dedos, começara a comunicar com a pele dele, a absorver a sua temperatura, a descobrir a firmeza dos seus músculos ou o contorno do seu ventre, a desfrutá-lo.

Naquela noite, ao voltar para a sua cama, apesar de ter conseguido reprimir o intenso ardor que a queimava por dentro, recordara uma das muitas vezes que se tinha fundido com Azerwan e imaginara Hugo como amante. Tremera só de pensar nisso e custara-lhe afastar o pensamento da cabeça. Mas quando conseguira, naquela longa noite que acabara por passar em branco, sentira-se horrorizada. Não só aproveitara o sono de Hugo para dar rédea solta aos seus instintos, sem o respeitar, como também não tivera em conta a possibilidade de ser descoberta e os efeitos que o seu comportamento naquele que fora o melhor amigo de Azerwan, e que podia chegar a odiá-la por causa daquilo.

Por isso, a sentir-se meio afogada no furioso torvelinho de emoções em que se tinha metido, com o gosto amargo de um momento de paixão contida e influenciada pelo medo de ter de abandonar o seu amigo se não fosse capaz de travar aquelas tentações a tempo, decidira pensar noutra coisa. E fora então que recordara um dos primeiros provérbios que ouvira a Azerwan:

– «O início da guerra é uma queixa, o seu decorrer é uma incógnita e o seu fim uma tragédia» – recitara num murmúrio.

Pensara naquilo e chegara à única conclusão possível: não ia deixar que aquela guerra se iniciasse.

E aquilo trouxera-lhe paz, e a partir de então aquela decisão firmara-se de tal modo na sua mente que nunca mais repetira as suas furtivas aproximações, ainda que o desejo continuasse latente no seu corpo.



Afectada por tão turbulentas recordações, naquela agradável noite de Setembro ao ar livre, Ubayda soube que tinha de falar com a única pessoa capaz de compreendê-la e ajudá-la.

Notou que Hugo estava acordado.

– Que será feito de Buzaina? – disse, traduzindo na forma de pergunta o que estava a pensar.

Hugo mudou de posição e deitou-se de lado, de frente para ela.

– Agora que falas nela, tinha pensado no Ladislao para me fazer um tubo de soprar, pinças, tenazes, colheres e mais algumas ferramentas. Quem melhor do

que ele, não achas?

– Isso significa o que estou a pensar?

– Claro.

Hugo sabia que Ubayda tinha saudades daquela mulher e recordou as suas últimas palavras: «Se precisares, traz-ma.»

– O problema de viajar até Luxemburgo é que precisaremos de uma semana entre ida e volta. Isso significa que os nossos patrões teriam de aprovar a viagem. Achas bem que o tentemos para a semana?

Ubayda sorriu como se acabasse de receber a melhor notícia do mundo, e prometeu falar com Ajmed nessa segunda-feira.

– Ver-te assim feliz enche-me de alegria. – Hugo pegou-lhe nas mãos e levou-as aos lábios. Ela não ofereceu resistência. – És uma mulher tão especial que... que... – continuou, intercalando as palavras com beijos – nunca saberei como agradecer-te o muito que estás a fazer por mim. Lembras-te do que um dia te disse? Que as mulheres que amei de verdade, por uma razão ou por outra, tinham desaparecido da minha vida? Só tu não o fizeste, pelo contrário, continuas a oferecer-me uma boa parte da tua sem pedir nada em troca, fazendo todo o género de sacrifícios, incluindo a tua saúde. E tudo para que eu possa um dia ser aquilo que desejo.

– Faço-o com prazer.

– Agradeço-te, mas preciso de saber como vou poder compensar esse carinho que me mostras todos os dias, ou como desagrar as humilhações que tiveste de suportar.

Acariciou-lhe a face, continuou para a testa e acabou por enfiar os dedos nos alvoroçados cabelos, detendo-os na nuca, têmporas e pescoço. Aquilo entrecortou a respiração de Ubayda e fez brotar sem remédio o desejo que tentava apaziguar. Ficou muito quieta, a saborear ao máximo a sensação que aquelas mãos desencadeavam na sua pele, sem se atrever a responder-lhes.

Hugo acabava de perguntar-lhe o que queria dele, mas decidiu não confessar o que na verdade necessitava; naquele instante era tudo um impossível.

– Não tens de fazer nada de especial por mim. Só com ver-te alegre, saber dos teus progressos e partilhar cada descoberta que fazes, sinto-me bem paga. –

Cruzou os braços sobre o peito e olhou para o céu, inundando-se dele. – Devo-te toda a minha vida, Hugo... Nunca poderei esquecer que compraste a liberdade

de Azerwan e que te endividaste para cumprir o descabelado sonho que tinha: uma mina de sal no meio do nada. E também o trouxeste do outro lado da terra e encorajaste-o a procurar-me, e libertaste-me de Aos. E perguntas o que podes fazer por mim? Já fizeste tudo!

Entre a intensidade das emoções partilhadas e o facto de a noite ter começado a refrescar, Ubayda acabou por reflecti-lo com um arrepio. Pôs um pano sobre os ombros e olhou para Hugo: estava bem desperto e a servir-lhe mais sidra. Bebeu um pequeno trago, não fosse acabar por dizer tolices.

– Hugo... talvez haja uma coisa que possas fazer por mim.

– Diz-me, e prometo fazê-la.

– Se um dia quisesse voltar a Tombuctu para ver os meus, ajudar-me-ias?

– Claro que te ajudaria.

– E se não fosse uma simples visita? Sabes que decidi vir contigo para ajudar-te a encontrar um futuro que não conseguias ver com clareza, mas por sorte a situação mudou e já não precisas de mim. E se eu resolvesse ficar lá?

O olhar de Hugo ensombreceu. Tardou em responder, teve dificuldade em articular os seus pensamentos e escolher as palavras.

– Não sei... É muito difícil para mim imaginá-lo, mas, se fosse esse o teu desejo, apoiá-lo-ia sem a mínima dúvida.

Ubayda recebeu a resposta como uma pancada.

Com aquela pergunta tinha querido sondar-lhe o coração, saber se havia alguma esperança de vir a ser mais do que uma irmã ou uma amiga.

E ele tinha-o deixado bem claro.

Capítulo 11

Luxemburgo. Dezembro de 1478

Nem Ajmed autorizou Ubayda a ausentar-se do trabalho durante uma semana nem estava nos planos de Van Diependaal que Hugo interrompesse a sua formação por um motivo menor. Foi o que respondeu quando o seu aprendiz lho pediu.

Tiveram de passar mais três meses para que as circunstâncias corressem a seu favor e conseguissem viajar até Luxemburgo.

Hugo não ficou na cidade e sim cinquenta milhas a oeste, em Orval, onde acompanharia o mestre para completar uma encomenda na abadia cisterciense do mesmo nome. Ubayda instalou-se na ferraria dos amigos à espera que ele acabasse o trabalho, dado que a intenção de Van Diependaal era permanecer naquela igreja, dia e noite, até ter decidido todo o programa de vitrais, além de aprovado pelos monges. Porque, segundo afirmava o mestre flamengo, para consegui-lo era necessário captar nos seus mais ínfimos pormenores a mensagem que o templo lhes enviava, e que só olhos pacientes e curiosos podiam entender. Porque sem esses ingredientes, os vitrais careciam de vida e transformavam-se em inertes pedaços de vidro colorido.

A primeira abadia de Orval tinha sido erguida trezentos e cinquenta anos antes e estava havia décadas sob a alçada da Ordem de Cister. O mosteiro e a igreja abacial situavam-se no meio de uma vasta planura, rodeados por um frondoso bosque na região das Ardenas, em terras que em tempos tinham pertencido a Godofredo de Bulhão, líder e principal promotor da Primeira Cruzada pela conquista da Terra Santa.

Quando Van Diependaal e Hugo chegaram à porta do mosteiro, saiu a recebê-los um monge de hábito branco e escapulário negro, de aspecto saudável, forte e sobretudo capaz. Levou-os primeiro aos quartos que lhes tinham sido destinados

para que deixassem os seus pertences e acompanhou-os depois ao gabinete do prior. Só quando verificou que eram recebidos se despediu deles.

O prior era um homem com menos de quarenta anos, excelente figura e esmerada educação. Recebeu-os com uma inusitada alegria que ao princípio não perceberam mas que ganhou sentido quando percorreram a igreja: não fazia nem duas semanas que os construtores tinham terminado e já podiam celebrar nela as suas missas e orações, ao cabo de dois anos de restauro em consequência do aparatoso incêndio que quase destruía o templo. Por esse lutuoso motivo, os vãos que teriam de revestir com os seus vitrais, as paredes, a rosácea e de um modo geral o resto do templo pareciam de obra nova.

Pouco depois de entrarem passaram por uma curiosa pia de água benta, redonda e não muito grande, que despertou a curiosidade de Hugo. O prior esclareceu-o.

– Diz-se que a origem do primeiro mosteiro teve muito a ver com a gratidão de uma viúva chamada Matilde. Durante um dos seus habituais passeios, a devota deixou cair ao rio o seu anel de casamento, que era de bom ouro. Ao dar por isso, pôs-se a suplicar a Deus com tanto fervor que a ajudasse a recuperá-lo que, em atenção às suas orações e para sua surpresa, viu uma truta saltar da água e cair a seus pés com o anel na boca. A dama, assombrada pelo milagre, exclamou: «Este é na verdade um vale de ouro!», que é o que significa a palavra *Orval*, «vale de ouro».

Mal acabou a explicação instou-os a atravessar a nave central para se dirigirem a um dos braços do transepto. Na parede norte, apontou-lhes as três janelas que tinham de fechar, e a rosácea de seis lóbulos.

– Queremos que comeceis por aqui. Se o resultado nos agradar, talvez vos peçamos que continueis com a da abside e as do braço sul do transepto. Logo se verá...

Van Diependaal observou as janelas nuas enquanto começava a imaginar como ia desenrolar-se a sua obra, absorto nessa tarefa. Mas Hugo, ao ver que o prior ainda ali estava à espera de algum comentário, tentou chamá-lo à realidade.

– Mestre, o prior continua aqui.

Van Diependaal, irritado pela interrupção, respondeu num tom abrupto:

– Aceitamos o trabalho, apesar de estardes a oferecer-no-lo castrado. Mas descuidai, não o faremos por vós; o templo está a pedir-mo. – O prior abriu

muito os olhos, apanhado de surpresa por aquela reacção, mas não teve tempo de dizer uma palavra, porque Van Diependaal continuou a falar. – Mas não espereis um resultado espectacular, dadas as absurdas e banais restrições que a vossa ordem impõe a este tipo de trabalhos. Conhecemos-vos muito bem...

Hugo ficou pasmado. Nunca o tinha ouvido expressar-se com tanta dureza. O monge nem respondeu. Deu meia volta e afastou-se, a fazer um barulho exagerado com as suas sandálias; talvez fosse a única maneira que tinha de dar vazão à sua ira sem roçar o pecado.

– Que restrições são essas? – interessou-se Hugo.

Van Diependaal convidou-o a sentar-se num dos bancos para contemplar o templo sem pressas.

– Os cistercienses têm como mentor espiritual São Bernardo de Claraval, um monge com uma cabeça privilegiada, cultíssimo e um grande asceta, mas um verdadeiro maníaco em se tratando de vitrais. A sua teoria era que tal como o Verbo de Deus tinha entrado e saído intacto do ventre de Maria, o mesmo tinha de acontecer com a luz divina ao atravessar o vidro das suas igrejas; sem modificá-la, sem permitir que a sua impalpável subtileza fosse manchada por outras cores. Por esse motivo, notarás que nas igrejas e mosteiros cistercienses os vitrais só têm um pouco de cor para evitar a transparência total. Mas também não admitem representações humanas, nem santos nem apóstolos, nem Jesus Cristo.

Hugo não conseguiu perceber que motivo podia justificar esta última imposição, e perguntou.

– A ordem de Cister tem como princípios básicos do seu corpo doutrinal a austeridade e a simplicidade na sua relação com Deus. Não quer nos seus templos nada que adorne a pedra. Tal como não quer figuras ou quadros que desviem o monge do que é verdadeiramente importante, a oração. Desta perspectiva, a luz e a claridade que atravessam os vidros são como evocações imperfeitas de um Deus que é em si a perfeição absoluta, e que se autodenominou a Luz do mundo. É essa a razão que os leva a não querer corromper a luz com cores, plantas, animais ou homens.

Hugo observou as janelas que tinham de fechar, não muito altas, talvez com menos de quatro varas, e perguntou que alternativas tinham então para dotá-las de algum efeito especial.

– A geometria – respondeu o mestre. – O primeiro passo que temos de dar para desenhar os vitrais que nos encomendaram implica decidir que forma geométrica tem uma maior sintonia com o perfil arquitectónico do templo. Para o conseguir, vamos precisar de muita observação. Teremos de visitar até ao último recanto da igreja, estudar com pormenor as suas paredes, colunas, capitéis, frisos, aduelas, janelas trilobuladas ou qualquer outra filigrana em abóbadas, trifórios, arcos ou qualquer outro elemento construtivo que tenha, em busca do pormenor que mais se repita. Fá-lo, percorre-a de uma ponta à outra. Dou-te só um conselho. Dada a minha experiência, repara nas abóbadas. Nelas encontrarás, entre os diferentes géneros que existem e conforme os nervos que as suportam, sequências triangulares ou circulares, estreladas, de cruzaria ou de berço, que podem ser-te úteis como fórmula repetitiva para o desenho do vitral.

– Assombroso... – disse Hugo de cabeça inclinada para trás, a olhar para o tecto. – No fim, conforme dissestes, são as pedras que têm de nos dizer.

– Assim é. – Van Diependaal bateu com a mão numa coluna. – Os construtores erguem os templos empilhando pedras umas em cima das outras com a aspiração última de tocar o céu, de chegar às alturas. Mas é aí que começa o nosso trabalho, nesses olhos que deixaram abertos nas paredes de pedra, na forma de futuras paredes de vidro. O vitralista tem de saber ler nas pedras para depois ser capaz de traduzir a linguagem da luz. Um belo desafio. Pelo menos, é assim que eu o vejo.

Hugo concordou, sem deixar de percorrer com os olhos o interior da igreja. A pensar nas últimas palavras do mestre, imaginou como seria o templo mais sublime para um vitralista: aquele que tivesse só paredes de vidro, quase sem pedras que as suportassem. Desconhecia se já existia algum assim em algum lugar. Mas, se não tivesse ainda sido construído, sonhou vê-lo um dia para depois poder vesti-lo.

– Além da geometria, há mais alguma condicionante nos templos dos cistercienses? – perguntou.

– Talvez o que vou dizer-te não se ajuste a esse adjectivo, mas é certo que os vitrais cistercienses têm de promover além disso um ambiente de ordem no interior das igrejas. Devem favorecer o recolhimento dos monges. – Levantou-se do banco de pedra onde estivera sentado até então. – E agora vamos dar uma primeira volta pela igreja; não esperes sair daqui antes que se faça noite.

Portanto, restam-nos oito horas de exploração. Talvez tenhamos sorte e um só dia seja suficiente para sabermos que vitrais merecerão estar na face norte, com menos luz e mais tangencial, ou na sul, com essa poderosa claridade que entrava por eles quando chegámos. Embora não tenhamos de preocupar-nos com estes últimos até que esse patego vestido de prior julgue o nosso trabalho.

Nas horas que se seguiram, Hugo apercebeu-se de que havia muitos outros critérios a ter em conta. Além da luz, tinham de conhecer os horários dos monges, quando iam à igreja para as rezas, que orações ocupavam cada hora...

– Nunca o esqueças, Hugo – repetiu-lhe o mestre depois de o incitar a meter o nariz por todo o interior do recinto sagrado –, nós, os vitralistas, somos os alquimistas da terra, capazes de tirar dela, através do fogo, as notas de que Deus precisa para compor uma música de luz e cor, uma música capaz de alimentar a nossa alma. Hás-de senti-lo.



A cerca de trinta milhas a sudeste da abadia de Orval, na cidade de Luxemburgo, num trilho que corria ao longo da margem do rio Alzette, caminhavam duas mulheres oriundas do reino do Mali, partilhando as suas alegrias, pesares e temores. Buzaina tinha escolhido aquele passeio para evitar o olhar das pessoas, devido a ser quase sempre um lugar solitário.

– Dás-te conta de que passámos oito meses sem nos vermos? Oito meses! – disse Buzaina. Apesar de a capa que tinha posto a tapar quase até ao nariz, continuava gelada.

A amiga, num descuido, pisou um banco de areia junto ao rio e os sapatos afundaram-se-lhe na água. Tirou-os e continuou descalça, sem ligar aos conselhos da companheira, que lhe augurou um princípio de congelação.

– Gosto de senti-los livres. Não te lembras de como desfrutávamos no nosso querido Mali quando pisávamos a areia do deserto ao anoitecer? Oxalá pudesse reviver essa e muitas outras sensações que não se apagaram da minha mente apesar dos anos. – As suas recordações voaram para longe de ali carregadas de saudade, durante alguns segundos, até que pisou uma zona de erva fresca e sentiu um arrepio de prazer. – Podia resumir estes meses com a sensação que se tem ao estrear uns sapatos: ao princípio parecem duros, dolorosos durante algum tempo, por vezes incómodos e até desesperantes. Tive de ouvir de tudo, como me preveniste. Mas, bem, depois de superados os difíceis começos foi tudo

melhor. Desde há cinco meses, Hugo trabalha como aprendiz para Van Diependaal. E a verdade é que o vejo muito feliz.

– Tenho uma grande notícia. Estou grávida! – anunciou Buzaina, com um grito de alegria.

– Que notícia maravilhosa! – Abraçaram-se, partilhando uma incontível emoção. – De quanto tempo?

Ubayda tocou-lhe o ventre, como se pudesse adivinhá-lo pelo tamanho da barriga.

– Três meses. Nascerá em Junho, se correr tudo bem. Está a dar-me alguns problemas de manhã, e passo o dia gelada e a vomitar.

– Vou cuidar de ti. É o que vou fazer. No fim de Janeiro, como Hugo passará a oficial e começarão a pagar-lhe, poderei deixar o meu trabalho e vir viver contigo. Assim não terás de ir buscar água ao rio nem de lavar a roupa, ou regressar do mercado carregada de comida. – Rodeou-lhe os ombros num gesto protector. – Obrigiar-te-ei a descansar.

– És um amor. Mas vais deixar Hugo sozinho?

– Se não o fizer eu, fá-lo ele. Tem de ir a Paris com Van Diependaal, o que lhes ocupará mais de três semanas em Março; creio que para conhecer uma nova técnica. Pensava vos pedir que me abrigassem durante esses dias, mas, agora que sei a grande notícia, a minha presença está mais do que justificada.

Acabavam de chegar a uma pequena ermida muito venerada pelas pessoas da cidade e sentaram-se a descansar sentadas sobre duas grandes pedras. Buzaina não estava capaz de dar mais um passo.

– Posso fazer-te uma pergunta um pouco mais delicada?

– Claro, o que quiseres.

Ubayda imaginou o que era, mas preferiu não se adiantar.

– Como fazes vida de casada sem o ser?

Ficou pensativa por uns segundos. Embora precisasse de partilhar as suas sensações, não deixava de custar-lhe falar do assunto.

– Nos últimos tempos, com alguma preocupação – começou, antes de ordenar as palavras seguintes. – Não me reconheço, sinto-me estranha, e Hugo tem toda a culpa. – Suspirou. – Depois de ter amado Azerwan como amei, pensei que nunca mais poderia voltar a sentir fosse o que fosse por um homem. Mas de uns tempos a esta parte tenho as minhas dúvidas. – Calou-se para olhar a amiga nos

olhos, como que a prepará-la para ouvir uma coisa importante. – Buzaina, só a ti posso confessá-lo: deixei de ver Hugo como um irmão, comecei a sentir-me atraída por ele, e ultimamente desejo-o com tanta intensidade que não sei se o que se passa comigo é fruto dos meus instintos femininos ou tem mais fundamento. Por isso, pressinto um momento perigoso.

– Perigoso? Não me parece que para o amor se deva ir com tantas cautelas, porque a palavra *perigoso* soa-me a isso.

– É perigoso. É muito perigoso. – Os seus olhos não se moveram um milímetro enquanto falava, fixos nos de Buzaina. – Cheguei a sentir tanto ardor por ele que uma noite me aproveitei do seu sono para satisfação dos meus desejos. E apesar de não ter sido nada de sério, senti-me mal depois de o ter feito.

Buzaina não compreendia por que razão Ubayda não acordara Hugo para saber se também ele a desejava.

– O que me contas era de esperar. Duas pessoas jovens, a viver juntas, a dormir no mesmo quarto noite após noite, por vezes até na mesma cama, a partilhar tudo, até a fome, era natural que um dia acontecessem essas coisas. Ou ele não te enviou nenhum sinal de querer mais alguma coisa de ti, além de partilhar conversas, refeições e sono?

– Não. Nunca o fez. É esse o problema. – Apanhou um galho do chão e atirou-o o mais longe que foi capaz. – Não me olha como mulher. Tenho a certeza. Não me tem como tal, eu sei, noto-o nele. – Baixou os olhos num gesto de frustração. – E como tu bem dizes, se depois do contacto íntimo que mantemos todos os dias não reagiu, ou é porque não o atraio o suficiente, ou porque respeita tanto a memória de Azerwan que não quer imaginar-me de outra maneira. E sendo assim, que é o que penso que acontece, não serei eu a levá-lo a quebrar os seus princípios de lealdade. Não importa, só vim para ajudá-lo, não para conseguir o seu amor.

– Foi o que me disseste, é verdade. No entanto, em momento algum duvidei que os dois acabariam por se apaixonar. Mas deixa-me perguntar-te mais uma coisa. Depois de saberes como te sentes e embora te afogues em dúvidas, tencionas manter a relação com ele dentro dos limites de uma amizade? Se me dizes que sim, pensarei que enlouqueceste. Porque está para lá da minha compreensão. Consegues resistir?

Buzaina procurou a verdade nos olhos da amiga.

– Um amor de verdade deve surgir sem qualquer ardil, de uma maneira natural e bela. E até agora não vi nele esse arrebatamento emocional que tu e eu conhecemos, esse que te leva a não pensar noutra coisa senão no outro, até anular-te, até fazer-te ferver de ansiedade cada vez que o tens a teu lado.

A expressão de Buzaina dizia tudo, não era necessário que as palavras confirmassem a sua concordância.

Depois desta pausa, Ubayda continuou com a sua declaração de intenções.

– Portanto, como ele não deu sinal algum do que necessito, pensei que o melhor é deixar as coisas como estão e pôr distância entre nós.

– Estar comigo em Luxemburgo é essa distância a que te referes?

– Não. Estou a pensar em qualquer coisa muito maior: voltar a Tombuctu. Sem datas, mas é o que vou fazer. Insinuei-o há uns meses e não julgues que levantou demasiadas objecções. Vês? Nem sabendo que pode perder-me para sempre é capaz de reagir. Está muito claro: não sou para ele o que gostaria de ser. Por isso, até ir-me embora, quero ter cuidado e refrear os meus instintos, pôr um cadeado no meu coração e evitar Hugo. Mas preciso que me aconselhes sobre como fazê-lo.

Buzaina sentiu que lhe doía o coração ao aceitar tão complicado encargo.

– Eu não seria capaz de fazer o que dizes. Mas está bem, se mo pedes e tens tanto a certeza de que é o que queres, ajudar-te-ei.

– Tenho.

– De acordo. Estudaremos a maneira de refazer a tua actual relação com Hugo, frear esses impulsos e tornar-te uma mulher impermeável ao amor. É assim que queres que seja?

– É assim que quero que seja.



Na abadia de Orval, depois de ter explorado até ao último recanto da igreja, Van Diependaal esperava a chegada da escada que tinha pedido aos monges: a mais alta que tivessem.

De frente para o cruzeiro que tinham o encargo de vestir, o mestre esperava uma conclusão qualquer da parte do seu aprendiz. Tinha numa mão um lápis de carvão e na outra um pergaminho em branco.

– Chegados ao momento da verdade, atrever-te-ias a propor-me um desenho para os vitrais? E além disso, como fecharias aquela rosácea?

Hugo deteve-se a observar o objectivo, pediu um pouco mais de tempo, e enquanto começava a comparar as várias soluções que lhe tinham ocorrido durante o dia, de súbito surgiu-lhe uma nova que o encantou.

– Na rosácea, molduraria com chumbo os seis círculos de pedra que formam o seu núcleo e acrescentaria mais um no centro, aquele que neste momento é invisível, suportado pelos outros – disse logo que o imaginou. – Deste modo, ficariam seis espaços intermédios de forma triangular, mas com as faces em arco. Por estar situada no mais alto da parede, utilizaria um vidro quase sem cor, um tom de palha muito suave, para deixar passar a luz sem que mal chegue a tamisá-la.

– Porquê?

Hugo teve dificuldade em responder. A sua proposta correspondia a uma intuição, não era algo em que tivesse meditado o suficiente para pô-lo em palavras. Mas tentou.

– Quanto mais alto esse vitral estiver, mais perto estará do céu, da luz, da divindade, da pureza da sua mensagem, da transparência do espiritual. Por isso convém usar tons muito subtis. – Olhou para o mestre e, ao ver a sua expressão risonha, teve vergonha. – Está bem, confesso que o que estou a dizer-vos acaba de me ocorrer.

Van Diependaal achou graça à sua sinceridade e também à sua espontaneidade, mas de todos os modos admoestou-o.

– A construção de vitrais exige técnica e um método preciso; nada mais distante de uma simples ocorrência, não o esqueças. Mas tenho de reconhecer que, se encararmos este ofício como uma arte, também precisamos de usar a inspiração, olhar o trabalho desde a alma, voar até ao lugar onde vai ficar colocado cada vitral e experimentar no teu íntimo o que esses fragmentos de vidro vão sentir depois. – Recuperou o fôlego e dirigiu a Hugo um olhar complacente antes de acabar de se explicar. – Desta segunda perspectiva a que me referi, a tua ideia é acertada. Agrada-me.

Hugo sentiu-se impante de satisfação. Talvez por isso respondeu mais confiante à segunda pergunta, quando o mestre lhe pediu opinião sobre os outros três vitrais alongados, por baixo da rosácea.

– Permitis-me que os desenhe?

– Desde que só uses um pequeno canto do pergaminho.

Enquanto os monges apareciam com uma compridíssima escada e a apoiavam à parede, Hugo pegou no lápis e traçou no pergaminho seis linhas verticais, que se iam alargando e fechando em forma de losango, sem respeitar uma sequência regular e sem qualquer outra forma geométrica, até completar o conjunto tal como ficaria. Depois, para mostrar que frisos tinha escolhido para emoldurar o vitral, e para aproveitar o papel, esboçou duas linhas paralelas à esquerda do desenho e encheu-a de pequenos círculos. Quando acabou, explicou ao mestre que cores e tons usaria.

Van Diependaal, sem dizer palavra, subiu a escada com o desenho numa mão e a sacola com várias amostras de vidro suspensa do ombro. Ao chegar ao primeiro vão, pegou num, quase transparente, e colocou o pergaminho sobre ele. A luz não era a melhor àquela hora do dia, mas conseguia-se prever bastante bem o efeito.

– Agora observa o que desenhaste, mas na sua localização definitiva. Que te diz?

Hugo sentiu que o seu desenho quebrava a estética do transepto. Não transmitia de maneira nenhuma a mensagem das suas pedras.

– É horrível! Não gosto.

Van Diependaal desceu a escada para deixá-lo subir.

– O bom vitralista, depois de ter memorizado até ao último pormenor do templo ao qual é chamado, deve tomar as suas decisões no sítio onde vão ficar os vitrais. Aí mesmo! Exactamente onde estás agora! – Ergueu os braços. – Porque é lá que as respostas se encontram, só é preciso saber ouvi-las, cheirá-las, senti-las. Procurá-las!

Capítulo 12

Pastelaria La Siciliana. Bruges. Natal de 1478

Renata escutava, amassava, olhava pelo canto do olho para o forno, e sobretudo revoltava-se face às dificuldades que Berenguela estava a ter para conseguir o que se tinha proposto, a julgar pelo que lhe contava e do facto de já terem passado seis meses desde que regressara a Schildpad Thuis.

– Quando estava em Veneza e decidi que ia investigar o meu marido, recordei a nossa tentativa de fuga.

– Foi uma pena terem-nos apanhado tão depressa.

Esmagou com os dois punhos a massa de farinha, água e mel, que acabaria por transformar-se num *panforte* quando lhe juntasse os pedaços de fruta que Berenguela estava a acabar de cortar. A receita, sienesa, fora-lhe dada por Antonio, que era daquelas terras.

– Pois foi. Mas embora tenham posto fim àquela fuga, não acabaram com todos os nossos planos.

Na altura, as duas tinham querido castigar os maridos atacando-os onde mais lhes doía: os seus cofres. Sabiam que levar uma boa parte do dinheiro que tinham lhes custaria mais do que a perda das esposas rebeldes, e isso não tinha mudado para Berenguela.

– Segundo me disseste quando voltaste de Veneza, andavas à procura de outra maneira de prejudicar o Damián de uma forma definitiva metendo o teu pai pelo meio. Mudaste de ideias e pretendes voltar ao que pusemos em prática para tirar-lhe todo o seu dinheiro?

– Continua a ser esse o meu objectivo, mas com um procedimento diferente. Como parto do princípio de que o meu marido é um aldrabão, não há-de sê-lo só com alguns, e sim com todos. E portanto com o meu pai também, apesar de ter depositado toda a sua confiança nele, uma coisa que desde sempre me custou a compreender.

– Mas não encontras a prova...

– É esse o problema, sim. – Recolheu os pedaços de fruta acabados de cortar e passou-os a Renata, que os juntou à massa continuando a amassar energicamente. – De momento, tive de engolir o meu orgulho e suportá-lo durante todos estes meses com o único objectivo de poder revistar-lhe os papéis, escritos, livros, arcas e armários, em busca dessa prova. Porque se a tivesse em meu poder iria com ela para Burgos para que o meu pai soubesse quem está a jogar com o seu dinheiro e tomasse a decisão de acabar com qualquer género de relação com ele. Isso seria a morte de Damián, porque quase toda a sua actividade comercial se apoia no nome do meu pai, e o prestígio que esse nome já alcançou entre os compradores significaria um travão inultrapassável nesse aspecto. Desmoronar-se-ia de repente todo o império que ergueu à custa de enganos e burlas.

– Há-de aparecer... É só uma questão de tempo – disse Renata, afastando uma madeixa de cabelos da cara servindo-se do braço, para não usar as mãos cheias de massa de *panforte*. – Tem de haver algum sítio onde esconde os seus segredos.

– Julgo saber qual é... Vi-o ontem, no escritório dele, atrás de uns livros numa das estantes; uma caixa de ferro embutida na parede. Mas está fechada à chave.

Ao ouvir aquilo, Renata viu a solução ao alcance da mão.

– Antonio teve um passado... digamos que não muito transparente. – Fez uma careta engraçada. – Pode ensinar-te a abri-la. Tenho a certeza.

– Isso seria estupendo, porque não podes imaginar como estou farta de partilhar a minha vida com Damián. Queres crer que prometeu levar-me a Roma em Janeiro porque, ao que parece, arranjou lá outro cliente? Como se pelo facto de eu viajar com ele fosse conseguir o que na verdade quer: que volte a aceitá-lo na minha cama.

– Que espere sentado...

Antonio entrou naquele momento na cozinha e quando soube do que Berenguela precisava prestou-se de bom grado a ensiná-la. Minutos depois voltava com uma pequena bolsa cheia de peças metálicas de diferentes grossuras, tamanho e cor.

– Uff! Há tanto tempo que não as uso! – Riu com uma expressão deliberadamente maliciosa. – Vou ensinar-te a trabalhar com as mais comuns.

Imagino que a fechadura que o teu marido poderá ter não deve ser muito complicada. Se for, terei de ir contigo.

Passaram mais de duas horas a experimentar nas fechaduras da pastelaria; Berenguela a entender como tinha de interpretar certos estalidos que aconteciam quando empurrava alguns dispositivos interiores, e de que maneira tinha de tirar partido disso.

A caminho de casa ia tão animada que lhe faltava largura de saia para alongar mais as passadas e acelerar a marcha. Levava a bolsa com as gazuas escondida na roupa, e no olhar a esperança de conseguir o que havia tanto tempo procurava.

Mas quando entrou em Schildpad Thuis não pôde fazer o que pretendia, pois avisaram-na de que o marido tinha uma visita e a esperava.

Foi ver do que se tratava, e ao abrir a porta do salão deparou-se-lhe o feitor do pai, Ramiro de Lerma.

– Ramiro! Há quanto tempo não nos víamos!

O homem beijou-lhe a mão com uma expressão estranha no rosto.

– Muito, senhora. Venho pouco a Bruges...

Tossicou várias vezes, nervoso.

– Querida, vem sentar-te a meu lado – interveio Damián. – Lamento muito, mas Ramiro está aqui para nos dar más notícias.

– Como? – Estudou o olhar do esposo e logo a seguir o de Ramiro. sentiu uma súbita vertigem. Sentou-se, enquanto Damián lhe pegava nas mãos. – Aconteceu alguma coisa aos meus pais? É isso...?

– Receio que sim, senhora, e lamento. Trata-se do vosso pai. Faleceu faz hoje trinta e dois dias; não pude chegar antes até vós.

Berenguela empalideceu nesse instante. Tremaram-lhe as pernas e as mãos. Os seus brilhantes olhos cor de avelã encheram-se de lágrimas, dominados por uma infinita pena.

– Não pode ser verdade! – gemeu, angustiada. – Contai-me o que se passou. – Pegou num lenço e limpou as faces. – Por favor, quero saber tudo... E a minha mãe? Como está? Por que não veio convosco?

Ramiro contou-lhe o que acontecera sem entrar em demasiados pormenores, dado que a morte fora consequência de uma aparatosa queda a cavalo que lhe fracturara várias costelas, com tanta infelicidade que uma delas se cravara no

coração. Revelou também que a morte de Don Sancho, talvez por ter sido tão repentina, tivera um grande impacte em Doña Elvira, que mal recebera a fatal notícia caíra num terrível silêncio ao qual não fora possível arrancá-la.

– Lamento, senhora, mas a vossa mãe perdeu o juízo. E com ele a fala e a consciência. De facto, duas semanas depois de o vosso pai falecer, tivemos de interná-la no mosteiro de Santa María la Real de las Huelgas para que as freiras cuidem dela, dada a sua absoluta incapacidade. Está como que perdida, não reconhece ninguém, nem parece viver neste mundo...

Berenguela saiu a correr e foi refugiar-se no seu quarto para chorar a sua dor, incapaz de aguentar mais tempo no salão. Sentia uma infinita tristeza, a que se somava a raiva de ver desfeita de um momento para o outro a justificação que a fizera voltar a casa.

Damián e Ramiro ficaram calados, afectados pelo funesto transe e sem saberem o que dizer. Até que Damián retomou a conversa.

– É terrível, simplesmente terrível... Mas temos de pensar no que vai acontecer a partir de agora.

– A que vos referis? – perguntou Ramiro, sem adivinhar o que estava por trás do comentário.

– Já ides compreender. Escutai. Desconheço se o meu sogro chegou a deixar registadas as suas últimas vontades, entre elas um acordo de extrema importância que estabeleceu comigo. É a primeira coisa que tendes de averiguar. Se não o fez, todas as suas posses e dinheiros irão para a esposa e, em menor parte, para a filha, coisa que não tenciono permitir. E vós ides ajudar-me...

– Dizei como.

Damián pensava a toda a velocidade. Se não fizesse tudo muito bem feito, podia acabar por perder o controlo da herança, sem os recursos necessários para juntar os dois negócios familiares num só, e com isso entrar por direito num selecto grupo formado pelas três casas de comerciantes mais importantes de Castela, como quisera o sogro, mas agora em seu nome. Sem esse dinheiro, cairia por terra o trabalho realizado durante todos aqueles anos, e teria de começar de novo e quase sem possibilidades, por ter deixado os cofres dos Covarrubias à beira da ruína. Só lhe restava uma opção.

– Como tudo vai depender da vontade do notário da família Ibáñez, ireis falar com ele. Para que vos atenda, levareis uma procuração da minha esposa que me

encarrego de conseguir, e com ela na mão examinareis todos os documentos que estiverem em seu poder. A partir daí, se não forem conformes aos meus interesses, fareis o que for necessário para que não os torne públicos. Não olheis a despesas para o conseguir. Antes da vossa partida, entregar-vos-ei um outro escrito para substituir o que Don Sancho deveria ter deixado assinado a meu favor, para o caso de não aparecer. Pedi ao notário que lhe dê forma oficial e copie a assinatura do meu sogro.

– Farei como dizeis, a menos que encontre um notário difícil...

Damián cerrou os punhos, endureceu o olhar e com ele a voz.

– Com o muito caminho que fizemos juntos, será preciso explicar-vos o que teríeis de fazer nesse caso? Usai a imaginação, dinheiro, sede insistente, coagi-o se for necessário ou batei-lhe; não sei, não quero saber do que tiverdes de fazer desde que resulte. Talvez não seja de mais dizer-vos que, se fizerdes o que vos peço, serei muito generoso... Tende-o por seguro.

Ramiro aceitou o encargo, esclareceu mais um par de pormenores sem importância e por fim interessou-se pelo futuro da mãe de Berenguela, por quem tinha um genuíno apreço.

– O vosso interesse faz-vos honra. Se conseguirmos resolver da melhor maneira esta junção de heranças, deixarei consignada uma quantia suficiente para garantir as suas despesas de manutenção no mosteiro de las Huelgas até ao fim da sua vida.

– Agrada-me a solução.

– Pois então não se fale mais. Como imagino que a minha mulher há-de querer ir convosco para ver a mãe, não poderíeis ser-me de mais oportunidade. Mas, uma vez em Burgos, evitai que veja ou assine qualquer escrito que possa prejudicar aquilo de que falámos. Para isso levareis a procuração. Dito de outro modo, não há qualquer razão para que ponha os pés no cartório. Falarei com ela para que não vos dê problemas nesse aspecto. Confio-a a vós, e estou a contar convosco, Ramiro.

– Assumo o delicado encargo que me fazeis, mas não resisto a perguntar-vos por que não ides vós a Burgos. Não seria mais eficaz?

– Impossível! Além de uma viagem inadiável em Janeiro, se fosse com a minha esposa não teria a liberdade de movimentos de que vós desfrutareis. E pensando no notário, se negociasse com ele em pessoa ver-me-ia obrigado a

expor-me demasiado, e sendo quem sou em Burgos não tenho a certeza do êxito final. Porque a experiência diz que, quando nos vemos na necessidade de mostrar o nosso verdadeiro jogo, com este tipo de gente é muito melhor guardar uma certa distância e ser cauteloso. – Levantou-se da cadeira com um gesto resolutivo. – E agora, se não tendes mais perguntas, gostaria de ir consolar a minha esposa.



Encontrou Berenguela estendida na cama, destroçada, sem vontade de falar e com *Canelilla* colada às costas. Empurrou a gata para arranjar espaço, mas o animal respondeu arqueando o dorso e mostrando as garras, num claro sinal de aviso. Sem que Berenguela visse, agarrou *Canelilla* pelo pescoço e, apesar dos seus protestos e de um arranhão no braço, acabou por pô-la fora do quarto, a miar.

Quando voltou à cama e tentou abraçar Berenguela, enfrentou uma firme recusa.

– Preciso de estar sozinha. Deixa-me em paz.

Damián, longe de atender aos desejos dela, insistiu. Passou-lhe um braço pelos ombros para a atrair para si.

– Já te disse que me deixasses em paz! – disse ela, erguendo a voz ao mesmo tempo que se libertava do braço dele.

– Calma. Compreendo como deves sentir-te e não te preocupes, demoro só uns minutos. Mas, como alguém tem de organizar certas coisas, temos de falar. Vou ver o que se pode fazer, mas a minha ideia é que embarques esta sexta-feira para poderes chegar a Burgos o mais depressa possível na companhia de Ramiro.

Berenguela resmungou a sua concordância sem se atrever a perguntar por que não ia ele com ela, sobretudo porque preferia assim.

– Calculo que quererás passar algum tempo com a tua mãe, de modo que vou preparar uma ordem de pagamento para cobrir com folga as tuas necessidades económicas durante as semanas que decidires ficar. Também não me parecerá mal se vires a necessidade de prolongar a tua estada por uns meses. – Berenguela escutava, sem saber a que vinha tanta amabilidade. – Em troca, pedir-te-ei um só favor: lembra-te de mim de vez em quando...

Deu-lhe um beijo na testa com a intenção de sair, mas ao apoiar a mão na cama para levantar-se sentiu qualquer coisa dura e olhou para ver o que era. Descobriu

uma pequena bolsa de feltro. Enquanto Berenguela continuava a esconder o rosto na almofada, sem querer saber dele, espreitou para dentro da bolsa e viu um estranho conjunto de gazuas. Saiu do quarto com elas, a tentar perceber para que precisaria Berenguela de gazuas, e pensou de imediato na caixa onde guardava os seus documentos mais comprometedores. Não era descabelado. Talvez o regresso dela a casa e o desejo de «fazer reviver o casamento» não fosse inocente e o tivesse planeado para conseguir provas com que atacá-lo depois de alguma maneira, elucubrou. Mas não conseguia ver Berenguela a fazer uma coisa daquelas sozinha, alguém mais devia tê-la ajudado.

– A maldita italiana – murmurou nesse instante. Continuava a odiá-lo depois daquela denúncia. Tinha de ser isso, decidiu.

A sua habilidade como farejador nos negócios acabava de ajudá-lo a detectar uma possível conjura, embora isso não o preocupasse por aí além dada a iminente partida de Berenguela para Burgos. De todos os modos, guardaria aquela bolsinha para o caso de vir a ser-lhe útil, além de mudar a localização da caixa logo que pudesse.

De momento, preferia desfrutar do doce gosto que a morte de Don Sancho lhe deixara. Porque, se tudo corresse bem com Ramiro, aquilo significava que ia por fim poder assumir o poder absoluto sem ter de responder fosse a quem fosse. Os lucros que até então tivera de repartir com Burgos doravante seriam só seus, e em poucos anos conseguiria amassar uma enorme fortuna, além de dispor de completa liberdade de movimentos, tanto nos negócios como na sua vida privada. Vantagens que lhe viriam do lado de Don Sancho, mas que não eram as únicas. Porque a incapacidade da sogra ia acrescentar outra: a tranquilidade de não temer que mãe e filha falassem quando se encontrassem, ao contrário do que teria acontecido antes.

Por tudo isto, celebrou com gozo uma morte que eliminava de uma só penada a dependência económica do sogro, tornava desnecessário dar-lhe descendência e abria caminhos até agora vedados, como o da sua fogosa Berta. Tudo o que tivesse de vir a partir de agora soava-lhe muito melhor...



Berenguela, ainda deitada na cama, apoiou as costas nos almofadões, inspirou pelo nariz e o seu olhar percorreu o quarto de uma ponta à outra. Observou as janelas, os quadros pendurados nas paredes, o espelho diante do qual todos os

dias se arranjava, os seus pentes de prata e nácar, a roupa que espreitava do armário, os seus livros, as cortinas que escolhera ao chegar, o resto dos móveis. Estava ali reunido o mundo dos seus últimos anos e soube que a partir daquele momento seria só passado.

Ouviu *Canelilla* arranhar a porta. Levantou-se da cama para a deixar entrar e a gata saltou-lhe para os braços, a ronronar de prazer.

Acariciou-a, voltou a olhar para o quarto e disse-lhe:

– Finalmente vamos sair daqui...

Capítulo 13

Paris. França. Março de 1479

Van Diependaal desejava obter as mesmas fórmulas de azul e encarnado que tinham sido usadas nos vitrais de uma capela parisiense, erigida duzentos e trinta anos antes. O mestre vitralista que na altura as tinha descoberto continuava a ser um ilustre desconhecido. Mas Van Diependaal sabia que havia na Paris actual outra pessoa que recebera o encargo de restaurar aqueles antigos vitrais. E que, segundo os rumores, conseguira repetir o mesmo tom de azul, único, definitivo e maravilhoso, e também aquela qualidade de encarnado, tão brilhante como límpida.

Só conhecê-lo e saber como o conseguira justificava a viagem.

Uma semana antes saíra de Lovaina acompanhado pelo seu novo oficial, Hugo de Covarrubias, nomeado como tal desde os inícios de Fevereiro, depois de ter dedicado todo o mês de Janeiro a ensiná-lo a soprar vidros cada vez mais finos.

Hugo tinha investido tantas horas nos fornos da oficina de Van Diependaal que era capaz de prever a qualidade e o brilho do futuro vidro só de olhar para a areia de sílica que lhes levavam, ou a cinza vegetal com que se misturava. Já dominava a obtenção das cores básicas – encarnado, verde e azul – acrescentando diferentes óxidos à areia: de cobre para o encarnado, de ferro para o verde, e de cobalto para o azul. Mas sabia, como todos os que de um modo ou outro viviam dos vitrais, que não eram aqueles tons primários que davam de verdade nome a um mestre. Cada vitralista tinha uma paleta de cores particular, como um pintor, que caracterizava o seu trabalho depois de ter sabido arrancar novos matizes à cor base, por vezes muito subtis, mas em última análise únicos. Esses mestres, que não todos, eram capazes de extrair novas gamas cromáticas aos materiais pétreos mais comuns. O que para muitos era pura magia.

No entanto, a nobreza de Van Diependaal levava-o a não esconder essas fórmulas como a maioria fazia. Tinha-as escritas com giz numa chapa de ferro

ou num canto de um tabuleiro de trabalho, ao longo de uma grossa trave de madeira ou num pedaço de papel espetado na parede. E assim, tendo em conta as proporções exactas de cada pó corante, Hugo tinha conseguido vidros com três tons diferentes de púrpura, vários castanhos, um verde tão intenso que imitava a cor da erva num dia de sol, ou um azul-celeste particularmente belo.

Também tinha aprendido a fabricar grisalha: uma pasta diluída com a qual se desenhava a pincel os rostos, mãos e os objectos que não eram rematados pelos encaixes de chumbo, usada também para sombrear os desenhos. A grisalha fazia-se com limalha de cobre queimado e vidro moído, sobretudo azul e verde, bem misturados e depois diluídos em vinho, urina ou diferentes resinas. A matéria resultante, castanho-escura ou por vezes negra, uma vez usada no desenho levava-se ao forno, e, como vitrificava a uma temperatura mais baixa do que o suporte, ficava fixada no vitral e produzia interessantes efeitos quando a luz a atravessava.

Antes de partir, Hugo mandara Ubayda, e *Aylal*, para Luxemburgo, para que acompanhasse a amiga grávida e assim evitar que ficasse sozinha em Lovaina. A sua nova categoria profissional permitia sustentar os dois só com o que auferia, e Ubayda deixara a tinturaria. Agradeceram-lho as mãos, livres de novas queimaduras, que recuperaram a sua cor normal e não aquele vermelho provocado pelas tinturas.

Hugo sentia-se bem, a aprender dia a dia um ofício de que não podia gostar mais, apesar de ainda não ter tido oportunidade de desenhar e planificar uma encomenda completa, verdadeira meta para qualquer aspirante a mestre vitralista ou artesão da luz, como Van Diependaal afirmava que se deviam chamar.

E agora em Paris, naquela bela cidade, estava a viver novas experiências umas atrás das outras, cada qual mais fascinante. Fazia-o em cada esquina, em frente de uma igreja, admirando a riqueza das suas construções ou o luxo com que vestiam os cidadãos. Nunca tinha conhecido um lugar tão grande ou com tanta actividade ou vida.

Tinham chegado no dia anterior.

Depois de passarem a noite numa modesta hospedaria na margem do Sena e de terem tomado um pequeno-almoço frugal, dirigiam-se agora, a bom passo, para a oficina de René Vinçon, próxima da Île de la Cité, onde se erguia, majestosa, a catedral de Notre Dame. Sem atravessar o rio, meteram por uma rua que lhe

ficava perpendicular, muito conhecida em Paris por ser lá que se situava o colégio dos Bernardinos, um prestigiado centro de educação criado pela ordem de Cister para dotar de estudos superiores os seus monges mais capazes. Depois de o deixarem para trás, depois de passarem o pórtico da igreja de Saint Nicolas, chegaram por fim ao seu destino.

Por fora, a oficina de mestre Vinçon pareceu-lhes, para dizer o menos, curiosa. O grande portão estava flanqueado por duas torres semicirculares ameadas. E no centro, a meia altura, tinha uma rosácea como a de qualquer catedral, só que mais pequena. Bateram. Quando o portão se abriu, saiu do interior um homenzinho de baixa estatura, cabelos brancos e emaranhados debaixo de um gorro de feltro encarnado, nariz aquilino e lábios escondidos por um magnífico bigode.

Apresentou-se com inusitada pressa, e eles fizeram o mesmo.

– Vinde comigo! Temos de ir já... O dia que faz merece-o... Não imaginais o muito que me custou conseguir autorizações para entrardes. Desde que recebi o vosso correio e soube quais eram as vossas intenções, não tivemos melhores condições do que as de hoje para visitar a capela. Já vereis. Não percamos mais tempo.

O homem fechou o portão e avançou em direcção ao rio. Voltaram a passar ao lado do colégio e percorreram depois um molhe a que chamavam de la Tournelle. Em frente deles avistavam-se as torres e o telhado da catedral de Paris.

Hugo e Van Diependaal tentavam acompanhar o passo de Vinçon, mas este caminhava tão depressa que estava a custar-lhes.

Atravessaram o Sena pela Petit-Pont para se internarem no verdadeiro centro de Paris, a Île de la Cité. Depois de percorrerem a ampla avenida que a dividia em duas, viraram na primeira rua à esquerda: uma estreita passagem a que Vinçon chamou Rue de la Lavererie, ao fundo da qual avistaram os portões do Palais Royal.

Quando chegaram, dois homens armados impediram-lhes a passagem.

Vinçon mostrou-lhes uns papéis. Estudaram-nos com atenção, bem como aos dois acompanhantes do vitralista, e só depois de uma segunda inspecção ao documento os deixaram entrar.

– Encontramo-nos num lugar vedado ao público. Só ides ver membros do tribunal, aguazis, juízes e alguns presos. Estes últimos porque a maior parte do que foi a residência real, antes de a corte se mudar para o novo palácio do Louvre, foi transformada numa prisão a que ainda hoje chamamos La Conciergerie, esses edifícios que podeis ver à vossa direita. Nós vamos na direcção contrária, a caminho da área mais privada do palácio. Mas antes disso passaremos pelo pavilhão da Guarda Real e depois pelo Grande Salão, onde agora se reúne o Parlamento.

O que iam vendo era muito belo, mas avançavam a uma velocidade tão exagerada que por muito que a merecesse quase não tinham tempo para dar atenção. O pavilhão da Guarda Real, transformado em refeitório, era simplesmente enorme. Constava de três naves rectangulares abobadadas, suportadas por centenas de colunas, onde, segundo Vinçon, podiam comer ao mesmo tempo mais de duas mil pessoas. Viram mais alguns salões, duas compridas galerias e um pequeno pátio, até que chegaram à área reservada à família real. Entraram por uma sala rectangular não muito grande, com duas portas; uma delas era um pequeno corredor ao qual se dirigiram. Logo à entrada, Vinçon deteve-se e explicou o que iam ver.

– A Sainte-Chapelle foi construída em 1242, por desejo expresso do nosso rei Luís IX, para albergar as duas mais fabulosas relíquias da cristandade: a coroa de espinhos e um grande fragmento da cruz. Ireis vê-las lá dentro. Desde o princípio, o templo tornou-se um verdadeiro paradigma arquitectónico, por ser uma das edificações que melhor representavam as técnicas da nova arte francesa, tal como a basílica de Saint-Denis. Sei que vós, Van Diependaal, as visitastes ambas uma ou outra vez, mas não imaginais com ficou esta depois do restauro dos seus vitrais; vai parecer-vos outra.

– Não fazeis ideia do muito que quero...

– Nesse caso, não vos conto mais. Conheçamos a capela superior da Sainte-Chapelle, a reservada ao rei e à corte. A inferior, que visitaremos a seguir, é a única a que o povo pode aceder. Portanto, o que ides contemplar, muito poucos olhos o viram.

Percorreram o corredor em silêncio, Vinçon abriu uma porta e afastou-se para os deixar entrar.

Hugo foi o primeiro, e o que viu pareceu-lhe tão incrível que começou por perder a fala e acabou por cair de joelhos no chão quando as pernas lhe faltaram. Impressionado até ao assombro, levou as mãos à boca e começou a percorrer com os olhos o surpreendente perímetro. A capela era uma enorme urna de vidro, azul e malva, atravessada de lado a lado por feixes de luz colorida que criavam um efeito único. Era uma só nave, cujas paredes pareciam subir para o céu sem a ajuda de uma única pedra, só com os vitrais que praticamente arrancavam do chão para alcançar um tecto abobadado azul-escuro, com centenas de estrelas douradas. A luz inundava tudo, até o esmagador silêncio que reinava ali dentro, o que provocou em Hugo a sensação de estar a flutuar, em uníssono com o templo. O edifício parecia não pesar, como se as suas abóbadas estivessem suspensas no ar, tão leves como a alma de quem as olhava. Consciente de estar a viver um momento irrepetível na sua vida, Hugo inspirou aquele ar tingido de cores, como se desse modo tentasse torná-lo parte de si.

A avassaladora soma de sensações que estava a receber impediu qualquer possibilidade de analisar um a um cada vitral, cada desenho. Ainda não era o momento para isso. Só para experimentar sensações.

Nas suas costas, os dois mestres observavam em silêncio.

Van Diependaal nunca tinha visto a capela com aquela luz. Na sua opinião, era um exemplo perfeito de como deviam ser os vitrais: obras de arte vivas, em constante mudança. Ao contrário da pintura ou da escultura, só os vitrais eram capazes de se transformar conforme o quisesse o céu. As suas cores misturavam-se, variavam logo que a luz do Sol as beijava, para permitir que o espírito divino as atravessasse em busca das almas que rezassem no interior.

– São quinze vitrais com cento e oitenta varas de altura e cinquenta e seis de lado – começou Vinçon a explicar, depois de ter respeitado os primeiros instantes de silêncio que o templo inspirava –, com mil cento e treze cenas emolduradas por medalhões de diferentes formas: ovalados, redondos e romboidais, que se devem ler da esquerda para a direita e de baixo para cima. A única excepção é o vitral que conta a história do percurso das santas relíquias, cuja leitura se deve fazer seguindo uma trajectória em forma de esse, como se fosse uma serpente. Tende-lo à vossa direita.

Ao voltar-se para vê-lo, Hugo descobriu primeiro uma complexa e belíssima rosácea que ocupava quase a parede oeste da capela. Mestre Vinçon, ao vê-lo

extasiado, explicou que relatava a história do Apocalipse. Do círculo central partiam noventa corações, que formavam grupos entre si e deviam ser lidos começando pelo central e seguindo em espiral.

– O número sete está presente em inúmeros lugares desta capela como símbolo de perfeição e plenitude. A rodear o centro da rosácea, onde está representado Deus como eixo da criação, notareis que há outros seis lóbulos, que no total somam esse número. Mas também o encontraremos nas paredes sul e norte, nos vitrais. Se reparardes, cada um deles é formado por quatro lancetas rematadas por flores com sete lóbulos; no total, sete grupos que se repetem nos vitrais mais largos.

Voltaram-se para admirar a nave em toda a sua extensão.

Nesse momento, toda a face sul foi atravessada por um potente feixe de luz que fez aparecer o famoso azul-safira que Van Diependaal procurava, em contraste com uns surpreendentes encarnados que pareciam labaredas de sangue, as duas razões que tinham levado o mestre flamengo até ali.

– É como uma grande Bíblia de cores – continuou Vinçon –, que vai desde o Génesis, na primeira lanceta da parede norte, até ao Livro dos Reis, na última da face sul. A abside é rodeada por sete outros grandes vitrais que têm como protagonista Jesus Cristo: os profetas que anunciaram a sua vinda, pormenores da sua infância, João Evangelista e o apóstolo João, e a Paixão no centro.

Percorreram por ordem cada vitral, concentrando-se nos pormenores técnicos, uma vez superado o impacte inicial. Estudaram as sanefas e os elementos contidos. Muitos deles eram flores-de-lis, o símbolo da realeza francesa. Mas também havia muitos castelos dourados sobre fundo encarnado, numa homenagem à mãe do promotor da capela, a infanta Branca, filha de Afonso VIII de Castela.

Hugo confessou em voz alta a sua estranheza face àquele pormenor, que Vinçon não tardou a explicar.

– A compra das relíquias significou um desembolso tão formidável que o rei Luís pediu ajuda económica a Castela. E como agradecimento pela generosa contribuição, mandou que a capela tivesse tantos escudos castelhanos como seus.

Continuaram a andar.

Hugo sabia, por explicações anteriores de Van Diependaal, que o uso de sanefas sobre os fundos geométricos que rodeavam os medalhões respondia a

um estilo mais próprio dos vitrais antigos, sobretudo daqueles que tinham sido instalados nos primeiros templos erigidos de acordo com esse novo estilo arquitectónico a que todos chamavam *francês*, como era o caso daquela capela. Mas, por mais que estudasse um ou outro vitral, não deixava de maravilhar-se com os mil pormenores que era possível encontrar neles: flores, folhas de acanto, feixes de cores e cruzes.

Pareceu-lhe um esforço tão enorme que teve dificuldade em imaginar quantos milhares de vidros teria sido preciso soprar para o levar a cabo. E quase conseguiu ver os seus criadores a conceber cores, brilhos e formas para erigir aquele fabuloso relicário de vidro. Calculava a quantidade de grisalha que tinham tido de utilizar para desenhar e sombrear as mil figuras ali representadas, e ficava zozzo só de pensar nisso. Mas mais do que a qualidade dos vitrais, cores, matizes ou chumbadas, a enorme admiração de Hugo concentrava-se no inquestionável génio do homem que tinha sido capaz de criar mil cento e treze cenas num conjunto harmónico que com o passar dos séculos continuaria a cativar todos os que tivessem a oportunidade de vê-lo.

E invejou-o.

Porque sonhava fazer um dia algo parecido, noutra lugar, de outra maneira; um projecto que o transcendesse no tempo, a sua obra...

Depois de passarem mais de três horas dentro da Sainte-Chapelle a estudar cada vitral, e de admirarem a assombrosa relíquia que tinha justificado a sua construção – a sagrada coroa de espinhos, protegida no interior de um enorme relicário –, voltaram à oficina de Vinçon para perceber como tinha conseguido obter aquelas invejáveis tonalidades de azul-safira e encarnado-rubi, nuns vitrais desgastados pela passagem do tempo.

Vinçon explicou o procedimento num dos fornos da sua oficina.

– Concordareis comigo que para rebaixar o escuro do encarnado produzido pelo óxido de cobre só há duas soluções: ou conseguimos vidro com uma espessura mínima, ou fabricamos vidro *plaqué*. E eu tendo para a segunda opção.

Van Diependaal concordou com esta opinião. Hugo, que desconhecia a técnica, confessou-o sem reboço.

Vinçon explicou que se chamava *plaqué* porque o processo consistia em acrescentar uma finíssima placa ou camada de vidro colorido sobre o vidro

normal, transparente, coisa que se fazia desde tempos remotos, como pudera observar em vários restauros de vitrais do século XII. A técnica não era complicada, mas exigia uma grande destreza por parte do soprador, dado que a placa colorida se aplicava em cima do cilindro já soprado e era preciso saber estendê-la muito bem e de forma homogênea, para conseguir uma tonalidade uniforme.

Quando verificou que Hugo tinha compreendido, dirigiu-se a Van Diependaal:

– Suponho que estareis a perguntar-vos por que, fazendo um bom vidro *plaqué*, o que não ponho em dúvida, não conseguis a cor que vistes na Sainte-Chapelle e que tanto vos interessa...

– Com certeza, foi esse o motivo que me trouxe a ver-vos.

Vinçon abriu a porta de um armário onde guardava os compostos minerais com uma grande variedade de sais para colorir os vidros. Do meio deles tirou um pote de cerâmica muito bem tapado. Pousou-o em cima da mesa e adoptou uma expressão triunfante.

– Aqui tendes a causa!

A curiosidade de Van Diependaal levou-o a destapar o pote e enfiar o nariz lá dentro. Mas foi obrigado a afastar-se no mesmo instante: aquilo fedia mais do que uma pocilga.

– O que é isso?

– É um ácido a que ainda não dei nome. Consegui-o depois de misturar e experimentar mil coisas e de estragar muitos vidros. Já vistes como resulta... – Tapou o pote com um terceiro espirro. – Uma vez aplicado com um pincel sobre a camada colorida, no nosso caso encarnada, faz maravilhas. Dar-vos-ei os produtos que utilizo e as respectivas proporções. Mas aviso-vos: todo o cuidado é pouco. Quando o ácido entra em contacto com o vidro, desprende uns fumos que não vos aconselho a respirar. Nós manipulamo-lo com uma máscara e sobretudo com muito cuidado. Mesmo assim, vale a pena...

– Excelente! Excelente! – repetiu Van Diependaal, entusiasmado, antes de perguntar se com o azul seguia o mesmo procedimento.

– Não. O caso desse azul pelo qual vos vi ainda mais interessado é diferente. A única coisa que fazemos é acrescentar à massa vítrea um pouco de óxido crómico, além de umas pitadas de estibina e litargírio. A soma desses três

produtos consegue esse poderoso azul que tanto vos atrai. Tão fácil como isso! – concluiu, orgulhoso.

Van Diependaal agradeceu a Vinçon a sua magnanimidade e perguntou se poderiam vê-lo usar a técnica, ao que o francês acedeu de boa vontade, embora tivessem de esperar dois ou três dias, dado que não tinham previsto fabricar vidros com aquelas duas cores antes disso.



Horas mais tarde, enquanto Hugo e Van Diependaal passeavam pela margem do Sena a trocar impressões, Hugo confessou sentir-se profundamente cativado pela experiência vivida.

– Não sei se existe algum outro lugar no mundo com a mesma magia que a Sainte-Chapelle. Logo que entrei, pensei que estava no céu; nunca conseguirei esquecer.

– Tanto quanto sei, não. Aquela capela constitui o zénite para qualquer mestre vitralista. Durante os meses que tens estado comigo aprendeste alguns dos passos necessários para fabricar um vitral, mas nunca serão o suficiente para conseguir uma obra tão grandiosa como a que viste. Para criar luz a partir da luz, ou visualizar na tua mente como as cores, os brilhos ou os reflexos vão flutuar num novo espaço; para escolher os protagonistas das sanefas que os vão rodear, ou para escrever cenas bíblicas em vidro, em vez de pergaminho, é preciso possuir um dom muito especial, atrever-me-ia a dizer que único. E esse dom, ou o tens de antemão, ou é impossível que o consigas, por mais anos que trabalhes na minha oficina ou em qualquer outra. Se possuis essa qualidade, Hugo, um dia ela virá à tona. Caso contrário, farei de ti um bom artesão do vidro, mas não mais do que isso. Sem esse talento, nunca conseguirás criar um conjunto harmónico com a força e a grandiosidade necessárias para arrastar os homens para Nosso Senhor, como acontece com o que acabamos de percorrer, tão majestoso que poderia ser obra da mão de Deus.

Como já caminhavam havia algum tempo, Van Diependaal decidiu que era altura de fazer uma paragem. Olhou para a esquerda e viu uma taberna bastante animada. Para lá se dirigiram.

– Quanto a ti não sei, mas depois de tantas impressões e conversas, deu-me um pouco de fome. Trocamos vitrais por vinho e oficinas por esse meio entrecosto de porco que estou a ver servir naquela mesa?

Hugo aceitou deliciado, a sentir como o estômago se lhe agitava.

Enquanto esperavam, continuou a amadurecer as reflexões do mestre. Teria esse tal dom? Seria capaz de maravilhar as pessoas como outros tinham conseguido? Chegaria o dia em que o pai deixaria de pensar que era um fiasco, depois de conhecer uma das suas criações?

Capítulo 14

Lovaina. Ducado da Borgonha. Julho de 1479

Ubayda regressou de Luxemburgo estranha, melancólica, quatro meses depois de ter saído de Lovaina, fugidia na hora de falar e esquivava até a um simples beijo da parte de Hugo; nem no momento do reencontro, em que esteve tão contida que parecia outra pessoa.

Ele procurou uma explicação para tão estranho comportamento – que se prolongou pelos dias e semanas seguintes –, embora por mais que tentasse não desse com ela. Mas havia. Ubayda tinha-se visto mergulhada numa tempestade de sentimentos tão desconhecidos que não sabia até onde a podiam levar, mas sabia, isso sim, como tudo tinha começado. A culpa fora do muro emocional que se propusera erguer entre ela e Hugo, e o choro do filho de Buzaina.

O filho da amiga tinha-a transportado até à sua juventude, quando ouvira chorar outra criança, o seu último irmão. E o irmão levava-a aos pais. E, como consequência, a lamentar os muitos anos que passara sem os ver, num ataque de saudade que viera somar-se ao seu desejo de separar-se de Hugo, até acabar por sufocá-la. Passara o resto da sua estada em Luxemburgo com os mesmos sintomas, até que, pouco antes de voltar a Lovaina, tomara a decisão de marcar data para a viagem de regresso a África e começara a poupar os primeiros dinheiros para a custear.

As semanas sucediam-se no calendário, a quantidade de *stuivers* que conseguia juntar ia crescendo, ainda que a um ritmo exasperantemente lento, mas a necessidade de empreendê-la não a abandonava. Para ela, Tombuctu representava a sua tentativa de reconciliação com uns pais que não voltara a ver desde o seu encontro com Azerwan, mas sobretudo fazia parte de um plano que tinha ideado com Buzaina para esfriar os seus desejos por Hugo, pois não havia melhor remédio do que pôr distância entre os dois.



– Digo-vos que está muito estranha... – Hugo partilhava as suas impressões com Van Diependaal no dia em que este tinha decidido ensiná-lo a trabalhar com a tábua de vitralista. – Talvez me tenha contagiado e por isso dizeis que ando estranho de há uns tempos para cá. Não sei... Mas, como vos digo, desde que voltou de Luxemburgo, parece outra.

– Que idade tem?

O mestre colocou em cima de uma grande plataforma de pedra a tábua sobre a qual iam trabalhar, à escala do vitral final.

– Penso que vinte e oito, mas não tenho a certeza. Por que perguntais?

Antes de responder, Van Diependaal explicou de uma forma sistemática como se devia trabalhar com uma daquelas tábuas.

– Uma tábua de vitralista é apenas o último passo de um processo que começa com a execução de um primeiro esboço em papel que tem de ser aprovado por quem paga o trabalho. Se isso acontece, o passo seguinte é encomendar a um carpinteiro um tabuleiro de madeira com dimensões e formas idênticas às do vitral definitivo. – Pegou num balde com gesso húmido, que começou a espalhar pela superfície da tábua. – Quando secar, desenharei com um punção o traçado dos chumbos, já estabelecido no esboço, o que significará deixar reproduzido na tábua o esquema básico do vitral. Com este simples procedimento, podemos saber a quantidade de vidro que é preciso usar, os seus tamanhos e cores, e calcular a quantidade de ferro necessária para fabricar o bastidor e os outros suportes horizontais que manterão a estrutura.

Van Diependaal começou a alisar a superfície branca, concentrando-se de tal modo na tarefa que o fez em absoluto silêncio.

– Perdoai-me, mas tínheis-me perguntado a idade de Ubayda...

– Ah... tens razão. Limitei-me a atar algumas pontas: acaba de viver a maternidade da amiga, ela nunca foi mãe, está em idade disso e tu não és o seu homem. Sabes, às mulheres é preciso interpretá-las, não basta ouvir o que dizem, porque quase sempre há muito mais no que calam. Ainda que não seja fácil averiguá-lo.

– Ou seja, segundo vós, está a desejar ser mãe. Pode bem ser...

Van Diependaal voltou à sua instrução.

– Repara bem no que vou fazer agora.

Pegou no esboço e, com um carvão, marcou várias vezes a letra *a* na superfície do gesso, no total em doze lugares diferentes.

– Assinalamos com letras o local de cada cor, para calcular a quantidade de vidros coloridos de que vamos precisar.

Hugo tentava concentrar-se nas explicações do mestre, mas não conseguia tirar da cabeça aquilo de Ubayda. E muito menos depois da importante proposta que Van Diependaal lhe fez quando estava prestes a sair da oficina essa tarde: um projecto de que Ubayda não ia gostar.

Propôs-se averiguá-lo nessa noite.



Ubayda tinha cozinhado com cenouras um faisão, caçado dois dias antes por *Aylal* e que Hugo devorou como se não comesse há dois meses. Quando acabou, recostou-se na cadeira e começou a resumir o seu dia na oficina. Ela ouvia-o com pouca vontade de comer. Tinha provado meia cenoura e agora brincava com uma coxa da ave sem conseguir decidir-se.

– Hoje aprendi como se trabalha com uma tábua de vitralista, que não é outra coisa senão uma plataforma de madeira à escala da obra definitiva sobre a qual se monta o vitral. Mas de tudo o que vi fazer hoje, dediquei-me a cortar vidro.

– Deve ser complicado... – comentou Ubayda com fingido interesse, nada concentrada no que ele contava e sim a fazer contas de cabeça ao que tinha poupado. Desesperou-se, porque àquele ritmo tardaria seis anos a juntar o dinheiro necessário. Angustiada por tão negra conclusão, ponderou a possibilidade de voltar à tinturaria.

Entretanto, Hugo continuava o seu relato.

– Para cortar vidro, tem de se marcar com um punção o desenho que se pretende conseguir, seguindo o desenho já gravado no gesso das tábuas de que te falei. Depois, com a ponta de um ferro ao rubro vivo, segue-se essa linha marcada até conseguir uma fenda.

O processo, conforme continuou a explicar, prosseguia com a passagem do vidro para uma bacia com água fria, a fim de quebrá-lo pelo desenho. Mas a tarefa não era fácil, pois muitas vezes partia-se onde não devia, o que obrigava a chumbar os fragmentos resultantes para não os desperdiçar. Depois de cortado, boleava-se os bordos com a ajuda de um brunidor e as peças resultantes podiam

colocar-se sobre a tábua, nos respectivos espaços, ainda sem as fixar com chumbo; só com pregos.

– É então que começa a tarefa mais excitante de todas: desenhar. É o momento de traçar as caras, as mãos, as roupagens com todas as suas dobras, as geometrias ou adamascados, decidir as sombras e as perspectivas. É a hora da grisalha, da sanguina, do pincel... Estás a ouvir-me?

Havia já algum tempo que Hugo a olhava nos olhos, a pressentir que a mente dela viajava por outros mundos.

– Claro...! Claro que estou a ouvir! – mentiu Ubayda.

Hugo não ficou muito convencido, mas continuou. Bastaram-lhe dois segundos para recuperar a mesma emoção que tinha mostrado até então.

– Hoje pude desenhar seis caras e uma dezena de mãos – olhou para as dela –, e não imaginas como gostei. Cada vez que pintava uns olhos e a expressão do olhar, parecia-me estar a dar vida às figuras. Tive a sensação de ser o seu criador. Foi muito bom...

Ubayda perguntou como conseguiam que a pintura não se esbatesse com o passar do tempo. Quando o fez, Hugo julgou-a mais atenta do que antes, pelo que respondeu com outro ânimo.

– Graças a uma pasta especial com que se cobre toda a superfície do vitral, feita com óleo de linhaça e cinza dos fornos. É ela que protege os vidros dos efeitos da humidade e do pó. Quando esta pasta seca, dá-se-lhe uma boa esfregadela e uma última passagem com serradura. A partir desse instante, o vitral está acabado e pronto para ser colocado no seu sítio, desde que o resultado coincida com o que se pretendia – concluiu tendo-o quase vivido –, porque por vezes há problemas no cozimento e o vidro de base deforma-se, ou a mistura de grisalha não está bem feita...

Levantou-se para ir buscar uma coisa à sua bolsa de couro. Quando voltou, levava na mão um pedaço de vidro onde estava desenhado um belo rosto de mulher, com a boca um tudo-nada franzida e torcida. Ubayda estudou-o com atenção.

– É muito bela, mesmo com esse pequeno defeito. – Apontou para a comissura direita da boca. – Inspiraste-te em alguém?

Hugo recuperou o pedaço de vidro.

– A verdade é que sim. Devia parecer-se mais com a minha amiga Berenguela.

O coração de Ubayda acusou aquele nome.

– Não a imaginava tão bonita. Continuas a pensar nela?

Nem a pergunta era casual nem o que desejava ouvir desinteressado.

– Mais do que gostaria depois da última vez que a vi em Bruges e de ter ouvido o que Policarpo disse...

Ubayda não quis insistir com outras perguntas, pareceu-lhe suficiente o que ele acabava de responder, mas fê-la pensar.

Hugo voltou à conversa anterior e começou a pormenorizar o processo de chumbar com a ajuda de uma ferramenta de osso com a qual se abria as abas das tiras de chumbo para ajustá-las à espessura do vidro, como era um cortante e como se soldavam as uniões daquelas tiras, uma mistura de estanho e chumbo.

Depois de terminada a ceia e enquanto descansavam no jardim, Hugo decidiu abordar o assunto que não lhe saía da cabeça desde que falara com Van Diependaal. Olhou para Ubayda e, como lhe pareceu descontraída, decidiu-se.

– Desde que voltaste de Luxemburgo noto-te diferente. Sentes falta de qualquer coisa que não me quiseste contar?

Ubayda, ao princípio surpreendida pela pergunta, viu chegado o momento de confessar os seus planos. Pouco a pouco, pelo menos.

– Já que perguntas, sim, é verdade. Sinto falta de certas coisas... – Mudou de posição para tê-lo de frente enquanto falava. – O que quero dizer-te não é de todo novo, já falámos disto há uns tempos. O que é novo é a urgência de realizá-lo. Custa-me dizer-to, Hugo, mas sei que preciso de mudar a minha vida.

Hugo, sem adivinhar os verdadeiros motivos dela, pensou que se referia ao que tinha discutido com Van Diependaal naquela manhã, mas ao fazê-lo recordou a surpreendente proposta que o mestre lhe fizera e resolveu revelá-la, acontecesse o que acontecesse.

– O meu mestre vai abrir uma nova oficina em Colónia, onde quer satisfazer as muitas encomendas que estão a chegar-lhe de algumas das cidades da Liga Hanseática. Parece que só com as que já tem confirmadas haveria trabalho para mais de dois anos.

– E que tem isso a ver contigo?

– Quer que vá com ele dentro de um mês, em fins de Agosto, e eu já comecei a pensar nisso. Se aceitasse, adquiriria uma enorme experiência, trabalharia em novos projectos desde o início e praticaria algumas técnicas que se usam mais lá

do que aqui. Não teríamos problemas de dinheiro. Prometeu pagar-me o dobro do que ganho aqui e o título de mestre vitralista quando voltarmos a Lovaina. Encurtando o prazo habitual que é de seis anos.

Sondou o olhar dela, e o que viu provocou-lhe uma imediata preocupação.

– Não sei... Tanto tempo? Estás a falar de outro país, com uma língua que desconheço e uma gente que de certeza também me rejeitará. E além disso estaria muito longe de Buzaina e do filho...

Recostou-se na cadeira e fechou os olhos para fugir à pressão do olhar de Hugo.

– Pensa que seria uma coisa boa para mim.

– Mas talvez não tanto para mim...

Endireitou-se, pegou-lhe nas mãos e decidiu que chegara o momento de abordar a sua ideia.

E então, sem lhe permitir que a interrompesse uma única vez, disse-lhe como tinha concluído que precisava de regressar à sua terra, escondendo os seus sentimentos para com ele.

– Há ano e meio que vivemos juntos, partilhámos penas e alegrias, nunca me arrependerei de ter-te acompanhado nesta aventura e não deves pôr em dúvida que fui muito feliz contigo. Mas prefiro ficar em Tombuctu pelo menos até que regresse de Colónia. Não o fiz na altura, mas agora preciso de ir, e além disso estou convencida de que a separação será boa para ambos.

– Não consigo perceber porquê. Mas antes de entrar nisso, quando há pouco dizias que sentias a falta de «certas coisas», estavas a pensar só em Tombuctu?

Ela assentiu com a cabeça e Hugo pensou que nesse caso a ânsia de ser mãe estava descartada.

– Sim, estava – mentiu Ubayda, dessa vez em voz alta. – Não imaginas como é importante para mim, e mais ainda neste momento da minha vida. Ajuda-me. Peço-te, por favor.

Hugo ficou sem muitos argumentos para lhe recusar o que pedia. Torceu a boca, num esgar de profundo desagrado, manteve-se calado alguns segundos, e engolindo a enorme tristeza que lhe provocava o facto de ir perdê-la todo aquele tempo, acabou por ceder aos seus desejos.

– De acordo. Entristece-me muito, mas não quero roubar a tua liberdade. Até agora deste-me tudo; chegou a tua vez.

– Far-me-ia muito feliz.

– Ajudar-te-ei, então. Mas em troca vais ter de cumprir três condições. E vais ter de jurar.

– Diz.

– Arranjarei alguém de absoluta confiança para te acompanhar até deixar-te em Tombuctu, em casa dos teus pais. Custará dinheiro, mas não posso permitir que te aconteça alguma coisa pelo caminho.

– A segunda?

A expressão de Ubayda tinha mudado. Dos seus olhos escuros jorrava agora uma luz de felicidade que iluminava o seu rosto.

– Levarás *Aylal* contigo. Em Colónia não poderei cuidar dela e sei que ficará bem contigo.

Ubayda olhou para o falcão. Brincava com a tira de couro que a atava ao poleiro. Aceitou com gosto.

– E a terceira... A terceira é que voltes! – O olhar dele reflectiu a mesma súplica que pôs nas palavras. – Se o não fizeres, juro pelo que há de mais sagrado que irei buscar-te.

– Não será preciso. Tens a minha palavra. Ou pensas que vou perder o dia em que te nomeiem mestre e ver a tua obra de estreia?

– É isso que espero.

Num arrebatamento, Ubayda pôs-se de pé, segurou a cara de Hugo com as duas mãos e beijou-o na face.

– Até que enfim! – brincou ele, enquanto a estreitava nos braços. – Desde que voltaste de Luxemburgo cheguei a pensar que tinhas esquecido como se davam...

– Nunca deixarei de sentir-me orgulhosa de ti.

– Nem eu de ti. Ninguém poderá superar a tua bondade nem o muito que te amo. Nunca encontrarei alguém que me dê tudo o que tu me deste.

– Espero que o tempo te prove que isso não é verdade.

– Também eu...

Calou o que pensava, porque não existia esse outro alguém: só a amava a ela.

Quando chegou Agosto, a pena viajava de um para o outro sem necessidade de palavras. Hugo pediu ao mestre que lhe adiantasse alguns pagamentos para

cobrir os custos daquela longuíssima viagem, e já encontrara a pessoa perfeita para acompanhá-la e protegê-la... um sobrinho de Van Diependaal.

Se ela estava nervosa, ele, uma semana antes do dia marcado, não podia sentir-se pior. Havia demasiados meses que enterrava os seus sentimentos à custa de uma frustrante e deliberada contenção, de refrear-se cada vez que tinha desejado beijá-la e de erguer todo o género de barreiras emocionais para se distanciar dela. E agora Ubayda ia-se embora. Por mais voltas que desse à cabeça em busca de outras motivações, o desejo de separar-se dele, tantas vezes expressado, que outra coisa podia significar? Uma pergunta que só tinha por resposta uma dolorosa realidade: ele nunca seria o que Azerwan fora para ela, ainda que um dia tivesse chegado a pensar que o tempo seria capaz de apagá-lo do seu coração. Enganara-se, não era assim. Ubayda não deixaria de ser de Azerwan... Vira-o naquele ano e meio que tinham vivido juntos.

Só de pensar nisso crescia a sua dor enquanto minguavam os dias de estar com ela.

Ficou de avisá-lo quando soubesse a data do regresso a Lovaina para que pudesse organizar a viagem, e pagou a casa onde tinham vivido apesar de não saber se voltariam a usá-la.

Viu Ubayda partir a 20 de Agosto, com um nó na garganta e uma profunda mágoa interior. Ela tentou sorrir para não deixar uma recordação triste na memória dele, e ele fez o mesmo brincando com a pelagem do cavalo, que mais parecia uma vaca, mas esse último adeus, que só ficou no ar uns segundos antes de cair como uma pedra sobre as consciências dos dois, desencadeou uma dor tão funda que nenhum voltou a olhar para o outro, não fossem morrer de pena.

Quarta parte

Luzes de emoção

«Enquanto tendes a Luz, crede na Luz, para vos tornardes filhos da Luz.»

EVANGELHO SEGUNDO SÃO JOÃO, 12-36

«Ao erguer os olhos numa catedral, surpreendem esses vitrais que te levam a considerar os sagrados mistérios...»

VÍCTOR NIETO ALCAIDE

Capítulo 1

Colónia. Março de 1482

Hugo de Covarrubias empacotava os seus poucos pertences para regressar a Lovaina ao cabo de dois anos e meio de ausência, quinze grandes trabalhos terminados e mais de uma vintena de outros de menor envergadura.

Uma hora antes tinha-se despedido do novo encarregado da oficina com tanta vontade de voltar à sua vida anterior como de ver Ubayda.

Tinha-lhes custado ano e meio construir os cinco fornos de que a oficina dispunha, os armazéns de arenito e minerais, as três salas de montagem final dos vitrais dotadas de uma iluminação estudada fornecida por seis clarabóias no tecto, uma sala dedicada à preparação de grisalha e amarelo de prata, os dois centros de sopragem e uma vasta nave anexa ao edifício principal para a armazenagem do vidro.

Na primeira metade do primeiro ano tiveram quatro encomendas de restauro e dois projectos novos, não muito grandes, que lhes serviram para medir as capacidades de uma oficina que ainda não funcionava bem. Erros que foram corrigidos antes da chegada dos trabalhos seguintes, quando Hugo e Van Diependaal precisaram de pôr as instalações a pleno rendimento dado o seu volume e dificuldade: com seis operários que ainda não tinham capacidade para se desenvencilhar nas tarefas menores, pressões contínuas por parte dos clientes, viagens para medir, montar ou recolher vitrais, discutir preços e lutar contra quase meio mundo. Um esforço mastodôntico para que o resultado final fosse não apenas do agrado de quem o pagava, mas que cativasse e maravilhasse o cliente.

Porque era esse o espírito que Van Diependaal queria dar à sua oficina e à sua gente.

Tinha-lhes repetido mil vezes.

– Se todos os que conhecerem o nosso trabalho acabarem por achar que somos bons vitralistas, fecho a oficina sem esperar mais um dia. Ou somos excelentes, e isso significa não darmos a mais pequena hipótese de sentirmo-nos comparados, ou recusarei qualquer outra encomenda que nos chegue... Só se conseguirmos tirar luz de onde antes não a havia, inspirar belas orações aos fiéis cada vez que virem os nossos vitrais, ou arrancar uma lágrima de emoção a esses clérigos tão ásperos que nos tocaram em sorte, só então mereceremos continuar a vestir igrejas com vidro.

As encomendas mais complicadas vieram das catedrais de Ratisbona e Colónia, às quais Van Diependaal dedicara seis meses em ambos os casos naquelas brumosas e frias terras. Hugo fez o mesmo com a catedral de Erfurt: o mais belo exemplo de vitrais antigos entre todas as cidades livres que formavam a Liga Hanseática, mas também os mais deteriorados e sujos.

Dedicara-se a eles sem reservas.

De facto, passadas as duas primeiras semanas em que o mestre restaurara um primeiro vitral para descobrir os segredos e os limites daquele trabalho, Hugo encarregara-se sozinho do resto do trabalho.

O templo não era dos maiores que tinha conhecido, mas recordava um pouco a Sainte-Chapelle de Paris no respeitante à superfície de vidro ganhada à pedra, embora não chegasse à sua grandiosidade. Os enormes vitrais em diferentes estados de deterioração da abside significaram para Hugo um desafio emocionante. Para os trabalhos de desmontagem, transporte e limpeza tinha contratado seis homens da cidade, e reservara para si a substituição dos vidros partidos e o desenho das cenas que o tempo tinha apagado ou esbatido.

Em Erfurt aprendera a copiar cores, imitar tons, igualar texturas e conseguir nos vidros espessuras idênticas às originais. Mas sobretudo pudera pintar. Por fim. Ainda que fosse sobre um trabalho anterior.

Tivera de desmontar todos os vitrais e trabalhá-los um a um, e alguns fragmentos estavam tão deteriorados que a única solução era fabricá-los de novo. Na realidade, era o que mais desejava, porque com eles podia deixar voar a sua imaginação, dando novos rostos e expressões às personagens que antes tinham ocupado as cenas. Fora nesses vitrais que pudera pensar, sonhar, gozar com o que fazia, aprender, respeitar os gostos e critérios dos primeiros criadores e viver com deliberada intensidade cada trabalho terminado. Dedicara-lhes tantas horas,

tantos dias e semanas, que tivera tempo para imaginar que novos rumos seguiria a sua vida, e também para ter saudades de Ubayda.

Por vezes, quando tinha de reparar um rosto feminino, quase sempre de alguma santa, a simples contemplação da sua cara, olhos e lábios bastava para lhe lembrar. Em mais de uma ocasião tentara medir o efeito que aquela recordação conseguia provocar no seu ânimo para acabar impressionado com o resultado. Porque o riso, o olhar, a ternura, a generosidade e até a pele escura de Ubayda transformavam-se em dolorosos punhais que se lhe cravavam no coração, por vezes só com evocar certos momentos vividos junto dela no deserto ou em Lovaina. Contava as semanas que ainda faltavam para voltarem a encontrar-se, quase sempre com algum desespero. Porque aquela viagem a Tombuctu ainda lhe doía, quando podia tê-la ali consigo.

Mas fora o que ela quisera.

As muitas saudades que tinha de Ubayda tinham-no levado a perguntar-se se o que estava ali em causa era apenas uma aflição causada por uma espécie de dependência emocional, por ter-se habituado a viverem tudo juntos, ou se era aquilo que o resto do mundo conhecia como amor.

Fosse por um motivo ou por outro, o certo era que a sua ausência lhe doía na alma, aliás como a solidão absoluta em que vivia em Erfurt. Estava há demasiado tempo naquela cidade sem ninguém com quem partilhar o seu dia-a-dia, os seus pequenos êxitos ou até as suas penas. Talvez por isso recordava ainda mais as longas noites no jardim da sua casa em Lovaina, quando, deitados na erva, falavam, riam e até faziam inocentes carícias um ao outro. Ou como quando revivia, ainda emocionado, aquela outra madrugada em Luxemburgo em que tivera o corpo seminu dela tão perto do seu, em casa de Ladislao e Buzaina.

Ia buscar aquelas recordações para contrariar a dor, ou poderia dever-se a qualquer coisa mais? Era só atracção física o que sentia por Ubayda, ou algo maior? Eram estas as perguntas que se fazia uma e outra vez.



Um dos vitrais que mais tempo e esforço lhe tinha custado representava a estigmatização de São Francisco. Procedente de outra das quarenta igrejas que havia em Erfurt, também ela rica em vitrais, como a catedral, chegara às suas mãos sem que o procurasse. Os monges tinham sabido da abertura temporária de uma oficina de vitralista na cidade, e como a referida cena não era restaurada

desde a sua criação, em inícios do século XIII, procuraram Hugo para que se encarregasse do trabalho.

Ele aceitara, apesar de, mal o vira entrar na oficina, ter sentido uma estranha animosidade para com aquele vitral.

Nos primeiros dias não soubera porquê, mas cada vez que o olhava ficava irritado.

Tratava-se de um trabalho com alguma complexidade, dado o estado de deterioração em que se encontrava. O vitral figurava um Cristo crucificado, abraçado por um anjo, diante da figura do santo de Assis ajoelhado que lhe mostrava as palmas das mãos com os estigmas.

À custa de esfregar a superfície com um pano humedecido e de dedicar horas e horas a repassar os desenhos com um pincel de cerdas grossas, limpando uma espécie de arenito ou óxido, começara a trazer à luz muitos outros pormenores que não eram evidentes num primeiro exame. Por exemplo, um confuso texto em latim – pois muitas palavras estavam ilegíveis e outras pareciam abreviaturas – escrito numa espécie de atril, que o santo parecia estar a ler. Para entender o que ali estava, chamara um dos monges mais velhos, na esperança de que o recordasse em melhor estado. E tivera sorte, porque o monge desvendara o segredo com inusitada rapidez. Dizia assim: «Partilha comigo os bons sinais da cruz», palavras de Cristo a São Francisco enquanto este experimentava nas mãos e no flanco os estigmas da crucificação. Deste modo pudera reescrevê-las, com pinceladas de grisalha negra sobre os traços anteriores, e com isto o trabalho continuara a avançar, mas a má sensação que o dominava também, até que compreendera porquê.

Tinha-o tido diante dos olhos todo aquele tempo e não conseguira perceber.

Tratava-se do rosto do santo, que tinha enormes parecenças com o de Policarpo. Mal se dera conta, começara a afastar más recordações. Mas entre todas, a última que tivera em Quastiliya e que mais dor lhe causara: a referente à suposta relação do homem com Berenguela, a sua melhor amiga. E aquilo levava-o a pensar na quantidade de voltas que a sua vida tinha dado desde aquele Maio de 1474, quando saíra de Burgos, porque excepto aqueles escassos três minutos na hospedaria de Bruges, tinha passado nada menos de sete anos sem a ver, quando nos vinte anteriores não deixara de fazê-lo um único dia.

A segurar o vitral com a mão esquerda e a direita preparada para repassar com grisalha nova as pregas do hábito do santo, decidira esquecer a partir daquele momento todas as dívidas que tinha em aberto para com ela e nunca mais voltar a atirar-lhe à cara fosse o que fosse: nem o seu casamento nem o que tivera com Policarpo. Amparado por esta posição, sentira-se livre de todos os factos que tinham conseguido separá-lo emocionalmente dela, e recordara a doçura do seu olhar, o perfil arredondado do seu rosto, a sua voz e sobretudo o carinho que sempre lhe tinha mostrado. E ao pensar que nunca mais se veriam, sentira a sua alma partir-se em duas.



O último semestre do segundo ano na Alemanha fora sem dúvida o melhor de todos.

Regressara a Colónia e Van Diependaal acabava de negociar um trabalho de colaboração com um dos mais reconhecidos mestres vitralistas de todo o continente, Peter Hemmel, nascido em Estrasburgo e com oficina aberta naquela cidade. Hemmel recebera meses antes uma grande encomenda do cabido catedralício da cidade de Ulm para vestir a abside com uma série de novos vitrais. Aquele templo era tão soberbo e a altura das janelas tão exagerada que se reconhecera incapaz de completar o trabalho no tempo exigido. E ainda que os cartões e esboços fossem seus, e o estudo dos temas também, soubera que ia precisar do apoio de outra oficina para a execução. O prestígio de Van Diependaal e a sua proximidade tinham feito dele a melhor opção.

Por isso, a partir de meados de Outubro de 1481, Hugo e o seu mestre tinham-se dedicado em exclusivo a criar um dos cinco vitrais daquele projecto cuja temática reunia os principais marcos da vida da Virgem Maria: a Anunciação, a Visitação à prima Santa Isabel, o Nascimento de Jesus, a Adoração dos Reis Magos, a Circuncisão e por fim a Apresentação no Templo. Como a igreja era tão alta, cada vão estava dividido em oito espaços separados por lintéis de pedra. Os quatro inferiores eram rematados por trifólios, como os mais altos, mas por cima destes ainda havia dois quadrifólios e um arrendado central polilobulado muito maior onde, segundo o desenho de Hemmel, ficaria representada a Santíssima Trindade por cima de dois músicos. Nas janelas mais baixas, ainda segundo o cartão do mestre vitralista, ficaria representada uma série de reis e profetas de Israel que tinham anunciado a vinda do Messias. E para separar cada

grupo de cenas horizontais, tinham tido de desenhar umas grandes sanefas que simulavam os remates exteriores das catedrais, com numerosas agulhas, pináculos, arcos, ogivas, florões e cristarias.

A enorme necessidade de vidro obrigara-os a manter os fornos acesos vinte e quatro horas por dia, além de uma descomunal quantidade de lenha para os alimentar. Houvera semanas em que tinha descarregado duzentos carroções, e mesmo assim chegara a faltar. O vidro obtinha-se a partir de uma areia de rio especialmente lavada e rica em quartzo, uma parte de pó de chumbo e uma elevada percentagem de cinza de fetos e madeira de faia como fundente.

Hugo vivera tudo aquilo emocionado.

No vitral empregaram os estilos e técnicas característicos da escola flamenga: abundância de fundos acinzentados, uso intensivo de amarelo de prata, cores mais límpidas na massa vítrea, e sobretudo a concepção do desenho final como se de uma pintura se tratasse, com a mesma precisão e qualidade de qualquer quadro dos que estavam pendurados nas paredes dos palácios reais ou nas residências da nobreza.

Nunca até então Hugo abordara um trabalho semelhante.

Desde a sua chegada a Colónia, dedicara-se a restaurar vitrais antigos, concebidos no seu tempo como elementos evocadores da luz divina para iluminar as orações dos fiéis, mas fabricados com os conhecimentos e as possibilidades técnicas de duzentos anos atrás. Por isso não pudera empregar os métodos de trabalho que a nova encomenda exigia. E assim aprendera que mistura de arenitos conseguia uma transparência quase perfeita nos vidros, e descobrira uma técnica chamada *têmpera*, que consistia na adição de pequenos cristais de cores sobre a chapa de vidro normal depois cozidos a baixa temperatura para evitar que se fundissem no conjunto. Usaram esta técnica para dar mais vistosidade às jóias presentes nas coroas de alguns reis hebreus, ou nas flores que a Virgem pisava na cena da Anunciação. Mas, com tudo isto, a descoberta das possibilidades do amarelo de prata fora sem dúvida a que mais o tinha fascinado.

Para um vitralista, aquela tinta era uma autêntica jóia. Consequia transformar as cores do vidro: os azuis em verdes e os encarnados em laranja. Mas sobretudo evitava ter de usar chapas de vidro amarelo para utilizá-las depois em cabelos, auréolas de santos e certas vestimentas, como se tinha feito até então, já que a

nova pasta conseguia o mesmo efeito, inclusive com os tons dourados mais brilhantes, aplicando-a sobre a superfície do vidro translúcido, o que implicava para a oficina menores custos por não ter de comprar os dispendiosos óxidos minerais que se usavam antes.

Enquanto trabalhava nestes vitrais, em meados daquele mês de Novembro de 1481, Hugo organizara um complexo sistema para fazer chegar a Ubayda a notícia do seu regresso, que estava marcado para Maio do ano seguinte. Depois de algumas tentativas falhadas, contactara um poderoso comerciante de vinhos de Colónia ao saber que vendia os seus produtos a uma companhia portuguesa que por sua vez comerciava com as cidades mais importantes da costa atlântica africana. De facto, havia já várias décadas que os portugueses tinham estabelecido uma colónia nessa área, numa ilha próxima da desembocadura do rio Níger, Formosa, que mantinha aberta uma rota fluvial com Tombuctu.

Tinha demorado algum tempo a descobrir estas coincidências e portanto a poder escrever a Ubayda para lhe dar os pormenores. Pagara o equivalente a três meses inteiros de salário para que a mesma empresa se encarregasse de trazê-la até ao porto de Antuérpia; um preço elevado mas imprescindível se queria garantir a entrega do correio a tempo e a segurança de Ubayda durante a viagem.

Em inícios de Dezembro viajara até Ulm para ver os primeiros vitrais colocados por Hemmel. Van Diependaal assim tinha decidido, dada a capacidade que Hugo tinha desenvolvido para captar os mais ligeiros matizes numa dada cor. Teria também de estudar a espessura e o brilho do vidro e compreender que densidade de grisalha tinha sido dada a tecidos, fundos e edifícios, para imitá-los nos vitrais que lhes competia fazer.

Hemmel passara pela oficina de Colónia em duas ocasiões para avaliar a evolução e a qualidade dos primeiros trabalhos de forno, e ficara muito satisfeito. Hugo tivera então de montar os vidros sobre as tábuas engessadas, e sobretudo esmerar-se no desenho dos rostos e outros pormenores distribuídos pelos oito segmentos da composição final, um trabalho que o fazia sonhar.

Van Diependaal funcionara ao longo daquela fase da execução não só como mestre mas também como uma espécie de guia espiritual, para que Hugo pudesse enfrentar pela primeira vez o rosto da Santíssima Virgem na cena da Visitação à sua prima Santa Isabel, bem como com o vestido, a capa e os

complexos caracóis dourados que lhe pendiam da cabeça tapada apenas por um pano branco e com os quais se estreou no uso do amarelo de prata.

A composição do seu vitral parecera-lhe de uma extrema complexidade.

De acordo com o cartão de Hemmel, a cena continha no canto superior direito, e sob um céu azul, uma cidade com três igrejas, cujos telhados eram rematados por uma cruz, uma pradaria verde-esmeralda, duas árvores num lateral, o perfil de um veado e três coelhos brancos. À direita ficava a casa de Santa Isabel, uma espécie de fortaleza ameaçada com uma torre que Hugo achara muito pouco compatível com os tempos bíblicos.

Santa Isabel vestia em tons de cinzento e capa encarnada, esta em tons de intenso vermelhão. E o vestido da Virgem era azul com capa branca e abundantes pregas. O rosto de Isabel tinha de acusar a avançada idade da Santa, e o da Virgem de reflectir a sua doçura e beleza, com ligeiras sombras nas faces e pescoço.

Hugo demorara três semanas a acabá-lo.

Mas quem pudera vê-lo a trabalhar durante esse tempo, concentrado nos seus pincéis – sem se lembrar de comer nem de qualquer outra necessidade ao longo do dia que não fosse a de dotar de forma, alma e vida umas personagens em tamanho natural –, e contemplara o resultado final dera-se conta de que estava na presença de um futuro génio, de um vitralista dotado de um talento especial. Porque, naquele vitral, Hugo de Covarrubias fora não só capaz de melhorar o desenho do mestre Hemmel, mas também de superar as qualidades artísticas de Hendrik van Diependaal.

Ao verificá-lo, longe de sentir inveja, o seu mestre ficara orgulhoso por tê-lo na sua oficina, e quando tivera de apressar o seu regresso a Lovaina, em Janeiro de 1482, movido pela urgência de outras encomendas, fizera-o com a tranquilidade de saber que ficava tudo em boas mãos.

Por isso fora Hugo que organizara o transporte das diferentes partes do vitral terminado até Ulm e também a sua montagem. Uma vez encaixado o bastidor de ferro no vão do templo começara, com uma grua de eixo rotativo e a ajuda de três homens, a colocar os diferentes painéis com os chumbados, reforçados por uma estrutura de grossos arames, até que, pouco a pouco, chegaram aos trifólios mais altos e à cena da Santíssima Trindade.

Quando, passados três dias, tinham acabado a montagem, Hugo procurara o centro do presbitério para avaliar o resultado final. Nesse preciso instante, a escuridão do dia oferecera a todos os presentes uma trégua sob a forma de um potente jorro de luz que atravessara os painéis de Hemmel provocando um enorme impacto, mas sobretudo no dele. Porque à volta daquela parede de chumbo e vidro em que tinha posto todo o seu ser, além das técnicas aprendidas com Van Diependaal e os azuis e encarnados descobertos em Paris, o ar tingira-se daquelas cores, as cenas pareceram ganhar vida, e até aqueles dois músicos metidos nos seus quadrifólios começaram a tocar cítara e harpa, numa melodia de luz, pedra e cor. Num avassalador momento de paz e intimidade que o fizera pensar que acabava de nascer na maravilhosa arte do vitral.

Capítulo 2

Lovaina. Ducado da Borgonha. Abril de 1482

Para a sociedade flamenga, os artesãos do vidro não gozavam da mesma consideração e prestígio que os construtores, apesar de estarem sujeitos a regulamentos, controlos e sanções parecidos por parte das suas confrarias, sempre muito exigentes.

As confrarias protegiam a actividade dos seus membros face a qualquer concorrência exterior, defendiam os preços mínimos, supervisionavam os contratos entre mestres e aprendizes, asseguravam o livre acesso às matérias-primas, regulavam o uso das ferramentas, protegiam viúvas e órfãos, proporcionavam aos seus membros um enterro cristão com um número mínimo de missas, limitavam o acesso ao ofício e mediavam litígios e pendências. Mas chegada a Páscoa, tornavam-se também nos principais promotores das respectivas celebrações.

Hugo voltou a pisar Lovaina em plena Semana Santa, o que o ajudou a encontrar casa muito depressa, pois dispunha de mais tempo para procurar uma vez que a oficina estava encerrada devido às festas. Viu bastantes, mas acabou por alugar a que o grémio lhe propusera: próxima da anterior e propriedade da viúva de um conhecido mestre vitralista. Como a casa era demasiado grande para ela e a pobre anciã deixava meio pulmão cada vez que tinha de subir ao segundo piso, arrendou-lha inteira e por um preço bastante razoável.

A vivenda dispunha de um amplo salão, dois quartos com varanda e uma cozinha, que por efeito da inclinação do terreno onde fora construída, gozava de um acesso exterior, no caso concreto para uma bela pradaria. Da primeira vez que a percorreu de uma ponta à outra, Hugo deu-se conta de que ele e Ubayda dormiriam em quartos separados, o que, apesar de lógico, não deixou de parecer-lhe estranho.

Poucos dias depois de ter tomado posse do seu novo lar, anunciaram-lhe a data em que o tribunal decidiria a sua possível aceitação como mestre vitralista, que o autorizaria a assinar as suas futuras obras: a sexta-feira seguinte à semana da Páscoa. Soube-o quando, a convite da confraria, assistiu aos actos religiosos da Sexta-Feira Santa, numa das capelas da igreja de São Pedro que tantas recordações lhe trazia, sobretudo das suas alturas.

Foi lá que encontrou Niclaes Rombouts, o jovem cunhado de Van Diependaal que conhecera na catedral de Antuérpia antes de viajar para África. Durante os ofícios ficou dois bancos atrás dele, mas à saída conversaram. Antes da sua estada em Colónia tinham-se cruzado uma ou outra vez na rua, mas quase sempre com pressa, de modo que naquela ocasião decidiram demorar um pouco mais.

Hugo verificou que Niclaes não tinha mudado grande coisa.

Tinha a mesma idade que ele, uns belos olhos azul-escuros, cabeleira loura presa num rabicho, e continuava magro, com belas feições, talvez um pouco demasiado marcadas, e oficina própria havia mais de três anos.

– Hugo de Covarrubias! Finalmente podemos falar... A propósito, e espero não estar enganado, pareceu-me ouvir dizer que vão nomear-te mestre vitralista em breve. Continuarás a trabalhar para o meu cunhado ou tencionas abrir uma oficina?

Num primeiro momento, a pergunta desconcertou Hugo, mas logo percebeu por que a fazia.

– Não te enganas. De facto, na semana que vem farei as provas. Quanto ao resto, por agora vou continuar onde estou; preciso de aprender muito mais antes de começar a trabalhar sozinho. Descansa, não vais ter mais um concorrente... – brincou.

– Desde que haja trabalho, não seria problema, e de momento não falta. Não param de chegar-me encomendas, e por sorte nem todas são de restauro. Embora não saiba se é esse o vosso caso.

Hugo reconheceu não estar ao corrente da situação na oficina de Van Diependaal, uma vez que acabava de chegar e ainda não se tinham visto.

– Esperava encontrá-lo hoje aqui.

– Está estranho, nestes últimos tempos. Não quer dizer-me o que se passa, mas desde que voltou de Colónia, e se bem me lembro foi há três meses, não é o

mesmo. Noto-o taciturno, esquivo. Já não aparece em nenhum acto social e emagreceu muito. Tem-me preocupado bastante.

– Muito me entristece o que ouço. Quando nos despedirmos irei procurá-lo.

Como gostava de falar e tinham dez minutos pela frente antes que os seus caminhos se separassem, Niclaes aproveitou até ao último segundo. Ainda não tinha dado dois passos e já estava a perguntar:

– Lembro-me de te ter visto anos atrás com uma mulher de pele negra com quem convivias, se não entendi mal. Aconteceu alguma coisa? Já não andas com ela?

Hugo actualizou a sua situação sem entrar em pormenores.

– É curioso. Ou seja, não estão casados mas parecem.

Hugo achou o comentário excessivo.

– Pois não estamos, não... – respondeu, com deliberada secura.

Niclaes continuou a perguntar-lhe mil coisas e só parou quando se despediram, como se estivesse decidido a conhecer cada recanto da sua vida. O seu interesse abrangia o profissional e o pessoal, saltando de um tema para o outro sem dar continuidade a nenhum. Era descarado, por vezes mordaz, e até insidioso. Hugo descobriu que a moderação não era a sua maior virtude, a julgar pelas inoportunas perguntas a que se viu sujeito. Como também não lhe pareceu que se destacasse pela paciência, porque antes de ouvir respondida uma pergunta já estava a fazer outra, sem no fim atender a nenhuma. Mesmo assim, Hugo foi dando resposta à sua curiosidade, sem nunca perder a cortesia, até que pôde recuperar a solidão quando seguiram por caminhos diferentes.

Poucas ruas mais adiante, chegou a casa de Van Diependaal.

Selaram o reencontro com um caloroso abraço. A primeira coisa que Hugo fez foi transmitir as felicitações do vitralista de Estrasburgo, Hemmel, pelo êxito conseguido na catedral de Ulm, e a segunda sentar-se e aceitar uma limonada. Quando viu o mestre regressar com ela, não pôde adiar mais a pergunta.

– Que vos aconteceu? Há apenas três meses estáveis com muito melhor aspecto.

– Tens razão, Hugo, estava. Mas quando voltei surgiram dois problemas que me trazem transtornado. Deves ter reparado que desta vez não foi a minha mulher a receber-te, como sempre fez.

– Foi-se embora? – perguntou Hugo, talvez a pensar em Ubayda.

Van Diependaal negou com a cabeça.

– Está em casa... – Apoiou-se ao peitoril de uma janela, num gesto de cansaço.
– Mas está doente... muito doente. Não quisemos dizer nada ao resto da família, até agora, para não os preocupar, entre outras coisas porque não sabemos o que tem. Se me achas magro, não podes imaginar como está ela. Pressinto que estou a perdê-la, Hugo...

Levou as mãos aos olhos, para esconder o efeito das suas palavras.

– Não imaginais como o lamento, mestre... Que posso fazer por vós?

– Nada. Infelizmente, não se pode fazer mais do que se está a tentar. O físico vem todos os dias sangrá-la e estamos a experimentar diferentes poções, mas sem o mais pequeno êxito. – Tossicou e teve dificuldade em falar. – Isto é o fim!

Estas quatro palavras acabaram afogadas num sentido pranto.

Hugo estava muito impressionado. Nunca o tinha visto com um ar tão derrotado.

– Deixai a oficina nas minhas mãos e ficai a cuidar dela. Não vos desapontarei.

Van Diependaal apreciou o gesto, mas ainda lhe faltava a segunda notícia.

– Essa é outra. Obrigam-nos a mudá-la para os arredores de Lovaina. O consistório alega que produzimos demasiado fumo e um tráfego de carroções que na maior parte dos dias impede a passagem à nossa volta. E do beatério também se queixaram. De modo que temos menos de dez meses para mudar de local. O problema é que não encontro nada perto e também não quero andar muito tempo fora de casa à procura, longe dela. Entendes-me?

Hugo comprometeu-se a ajudá-lo também nesse aspecto.

Van Diependaal, agradecido, perguntou por Ubayda.

– Deve estar a chegar. Virá por navio, de Lisboa. Averiguei que no porto de Damme atracam todos os meses dois navios vindos dessa cidade. De modo que, se não for depois de amanhã, espero tê-la comigo dentro de quinze dias.

– Excelente notícia! Sei o que te custou a separação e como essa mulher é importante para ti. – Deixou o apoio da janela e dirigiu-se a uma mesa carregada de pergaminhos, penas e tinteiros. – Ficar-te-ei grato se tomares conta da oficina por uns tempos, e mais ainda se começares o trabalho mais urgente que temos neste momento entre mãos: um vitral que devíamos ter terminado há já muito e de que sem dúvida te lembrarás.

– Não sei a qual vos referis.

– O que nos encomendou o Consulado de Mercaderes de Castilla para a capela que têm na catedral de Antuérpia. Foi por causa dele que nos conhecemos.

– Claro! Como não havia de me lembrar... O que Martín de Soria nos encomendou.

– Foi um dos motivos que me levou a apressar o meu regresso de Colónia, ainda que o que aconteceu à minha esposa se tenha sobreposto a tudo. O problema é que temos Outubro como data limite para o acabar. Encarrega-te disso.

– Com certeza. Calculo que o cartão com o vosso desenho já estará feito.

Van Diependaal procurou entre os pergaminhos que tinha em cima da mesa.

– Aqui o tens.

Hugo estudou-o e a primeira impressão não podia ser melhor: na realidade, entusiasmou-o. Aquela capela tinha sido crucial no seu futuro e agora ficava nas suas mãos; pareceu-lhe um maravilhoso desafio.

– Antes de começar com ela terei de passar o exame da confraria.

– Compreendo. Mas permite-me um só conselho em relação a esse vitral: quando começares a montá-lo sobre a tábuia, exige de ti as cores mais perfeitas e o brilho mais vibrante que fores capaz de conseguir. Faz com que a luz, quando o atravessar, o faça de uma forma suave, sem o mais pequeno atrito. Tu sabes como: trabalha com a menor espessura de vidro possível. Tem também em conta que será preciso respeitar o estilo dos outros vitrais da catedral. Devias ir vê-los antes de começar... – Acompanhou-o até à porta. – De todos os modos, ver-nos-emos em breve, pois penso assistir ao teu exame. Ser nomeado mestre é uma coisa muito grande que não tenciono perder.

E com efeito, não perdeu: lá estava quando Hugo de Covarrubias superou as provas e conhecimentos exigidos pela confraria e obteve o título de mestre vitralista no dia 6 de Maio de 1482, ante um exigente tribunal e um pequeno grupo de pessoas, entre as quais se contavam, além do seu mestre, Niclaes Rombouts e todos os aprendizes e oficiais da oficina. Sentiu-se orgulhoso, feliz, como se tivesse dado o passo definitivo ao cabo de tantos anos de busca, distrações e sacrifícios. Apesar de ter saudades dos seus, da sua defunta mãe, de Berenguela, de Ubayda, de Azerwan, e sobretudo do pai. Talvez, se ali estivesse, se sentisse por uma vez orgulhoso dele.



Na quarta quinta-feira de Abril tinha acudido ao porto de Damme na esperança de que o navio procedente de Lisboa lhe levasse Ubayda, mas não aconteceu. Como também não aconteceu na quinta-feira quinze dias mais tarde, nem em todo o mês de Maio. Gastava dois dias na viagem de ida e volta, mas a vontade de vê-la era tão grande que não se importava. Em Junho, depois de mais duas tentativas com fiasco incluído, começou a ficar nervoso de verdade e a hesitar entre duas possibilidades. A mais negativa, que Ubayda não pensasse em voltar ou lhe tivesse acontecido alguma coisa. A menos, que não tivesse recebido o seu correio. Falou com o capitão da nau que comerciava com Lisboa e deu-lhe por escrito o mesmo encargo que dera meses antes, em Colónia. E voltou a esperar, cada vez mais desolado.

Como responsável máximo da oficina na ausência do mestre, e acicatado pela necessidade de afogar a ansiedade que o dominava face à falta de notícias da amiga, dedicou-se de corpo e alma ao vitral encomendado pelo Consulado de Mercaderes de Castilla. Pediu a Niclaes Rombouts que colaborasse com eles na execução da lanceta superior, onde ficariam os escudos de armas dos reis Isabel de Castela e Fernando de Aragão, que tinham casado pouco antes e unido os seus reinos. O desenho de Van Diependaal continha uma representação da genealogia da Virgem junto a um apóstolo Santiago a cavalo, ameaçador, por cima das cabeças de uma infinidade de inimigos.

Entretanto, soprou e fabricou todos os vidros.

Encomendou uma tábua à medida onde montar o vitral, utilizou as melhores cores para o manto e o vestido da Virgem e desenhou o seu rosto sem exceder-se em pormenores, seguindo as indicações do seu mestre. Talvez por isso, o que lhe deu mais gozo a executar foi o cavalo do Apóstolo. A complexidade das crinas e da cauda foi um desafio. Teve de usar fragmentos de vidro muito pequenos para simular as ondas, enegrecendo-as depois com grisalha antes de as perfilar com chumbo.

Ainda lhe faltava a figura da Virgem e estavam a 20 de Junho quando um dos aprendizes o avisou de que tinha visita. Admirado, tirou o grosso avental de couro que usava nos fornos, pegou num trapo para limpar as mãos e dirigiu-se decidido à porta da oficina para ver de quem se tratava. Supôs que seria um fornecedor.

Mas enganou-se pois ali estava ela, risonha, carregada com três sacolas, com uma ave pousada no braço, um grande sorriso e o olhar mais feliz do mundo.

Ubayda esperava um pouco mais de emoção da parte dele, mas ao vê-lo tão paralisado e sem fala, aturdido, tomou a iniciativa e lançou-se-lhe nos braços, obrigando *Aylal* a empreender um curto voo.

– Meu querido Hugo... – Ele tinha medo de sujá-la e mal lhe tocava. – Esqueceste como dar um simples abraço?

O riso dela brotou límpido, tão ansioso como incontível. Sentia-se imensamente feliz, depois de uma atribulada viagem de dois meses e meio que esperava não ter de repetir na sua vida.

– As saudades que tive de ti! – Hugo acariciou-lhe uma face, com evidente ternura. – Não podes imaginar quantas... – conseguiu dizer, agora sim, a abraçá-la com tanta força que lhe cortou a respiração, antes de começar a beijar-lhe a cara, a testa, as orelhas e até os olhos. E recomeçar de novo.

Ela respondeu da mesma maneira, com tanta necessidade que nenhum dos dois reparou onde estavam, como também não se deram conta do grupo de transeuntes que acabara por se juntar à sua volta, primeiro a olhar, depois a benzerem-se escandalizados pela cena.

Até que Ubayda o notou.

– Leva-me para casa, por favor...



A tarde voou sem darem por isso, entre as mil coisas que tinham para contar e as perguntas que saltavam de um para o outro quase sem pausas. Hugo ficou a saber que dois meses apenas depois de chegar a Tombuctu ela tivera de enterrar o pai, com toda a dor mas também com o consolo de ter podido despedir-se a tempo. Também que, depois do óbito, a mãe fora viver para casa de um outro filho e se encontrava bem, dentro do luto natural, com a companhia e o afecto do resto da família.

Mas quando quis resumir em poucas palavras os seus dois anos e meio em Tombuctu, não lhe custou nada. Na realidade, fê-lo com apenas dezoito palavras, que Hugo recebeu como um grande tesouro:

– Recuperarei passado e família; a isso fui. Mas não podia ter mais vontade de voltar a estar contigo.

Ubayda desfrutou da primeira ceia com Hugo como nunca, enquanto o ouvia falar das suas experiências em Colónia, em Erfurt e nas outras cidades onde tinha trabalhado. Reviveu assim os seus momentos mais intensos. Pôde imaginar cada um dos vitrais que ele tinha restaurado avassalada pelo seu vibrante relato, e também teve tempo de chorar quando ele lhe falou do seu êxito definitivo, em Ulm. Mas a notícia que acabou por fazê-la transbordar de emoção foi a da sua nomeação como mestre. Os gritos de alegria encheram de súbito a sala. Ubayda começou a agitar os braços como se tivesse enlouquecido, a dar saltos à volta dele, para acabar por abraçá-lo com tanta intensidade como necessidade de partilhar a sua alegria. Porque para ela o facto de ele ter superado aquele passo justificava tudo: as muitas penúrias passadas, as queimaduras nas mãos, os desprezos e humilhações, a sua longa ausência e até as suas dúvidas.

– Se já podes assinar as tuas obras, quando verei o teu primeiro trabalho?

Olhou-o nos olhos, mas a resposta que esperava não era para aquela pergunta e sim para outra que não parara de fazer a si durante a longa separação.

– Ainda é cedo. Se continuar com Van Diependaal, a autoria dos vitrais que saírem da oficina continuará a ser dele. Não me importo. Está bem assim. Há quatro anos que conheço este maravilhoso ofício e ainda me parecem poucos. Tudo chegará no devido momento. Mas deixemos de falar de trabalho. – Os olhos dele brilharam com uma alegria especial ao vê-la ali, à sua frente. – Ainda bem que voltaste! – Suspirou com um ar solene. – Ubayda, quero que saibas uma coisa muito importante que não admite mais adiamentos.

– Estás a assustar-me... Aconteceu alguma coisa de grave?

– O que aconteceu, grave ou não, é que durante estes anos de separação precisei de ti muito mais do que alguma vez cheguei a imaginar. E o meu coração também...

Ela, com o eco das últimas palavras e o calor das mãos dele nas suas, notou como o olhar de Hugo tentava entrar-lhe na alma com a intenção de ficar. E nesse preciso momento soube que estava onde devia, que já não era necessário perguntar o que ele sentia; via-lho nos olhos, não eram precisas palavras. Por isso procurou-lhe a boca, impaciente por prová-la, pondo naquilo tanta vontade como antes pusera em não ceder ao desejo.

E não foi em resposta a um simples impulso, foi o fruto de uma convicção longamente amadurecida, desde uma separação que em vez de exercer um efeito

curativo, como pretendia, pusera em evidência que a sua doença só podia ser curado pelo amor do homem que tinha deixado em Lovaina.

E Hugo saboreou os seus lábios com infinita emoção, pela primeira vez sem nenhuma recordação do passado comum que pudesse turvar as sensações que naquele momento experimentava. Um beijo longo, ansiado, prólogo de muitos outros que trocariam a partir de então; ambos o sabiam.

E quando os lábios se separaram e os olhares se cruzaram, não foi como antes, e sim descobrindo-se novos, como se acabassem de abrir uma porta do outro lado da qual tudo parecia maior, melhor, mais vibrante...

E as dúvidas a respeito dos seus sentimentos dissiparam-se e desapareceram.

Depois daquele apaixonado encontro, as conversas voltaram a aparecer; agora sobre assuntos menores que acudiam à memória de um ou do outro. Levantaram a mesa e lavaram a louça. Ela desfez a bagagem no seu novo quarto e depois apanharam fresco numa das varandas, até que decidiram ir dormir.

Procuraram os respectivos quartos com uma sensação estranha, como de terem tomado uma má decisão depois de um pudico beijo de boas-noites. Nas suas camas, cada um pensava no outro. Hesitaram entre procurarem-se ou não. As paixões estavam à solta e a fome do outro era voraz. Mas a única coisa que aconteceu naquela noite de reencontros e alegrias foi que o cansaço acabou por vencer. No fim, pôde mais o esgotamento do que o desejo, e o sono mais do que iniciar uma guerra que Ubayda tinha um dia prometido a si mesma ganhar, e que agora só desejava dar por perdida.

Capítulo 3

Bruxelas. Junho de 1482

Berenguela continuava a ser uma mulher muito bela.

Os vinte e oito anos tinham conseguido acrescentar um toque de maturidade ao seu já reconhecido encanto, tornando-a quase mais desejável do que quando tinha vinte. Ainda que aquela beleza não reflectisse o seu verdadeiro estado de ânimo, em consequência de uma situação pessoal que tinha ido demasiado longe.

Esperava um homem com o qual tinha marcado encontro à porta do monumental consistório da cidade de Bruxelas. Os sinos da catedral acabavam de dar o quarto depois do meio-dia, quando tinham combinado ao meio-dia em ponto. Deu vários passos para a esquerda, e depois na direcção contrária, sem deixar de olhar para os transeuntes com que se cruzava, a desejar ver num deles o seu contacto. Fazia-o da maneira mais discreta possível, ao notar que um deles tinha interpretado mal o seu interesse.

Precisava de ajuda, e muita.

Tinha passado os últimos três anos em Burgos sem a mínima intenção de voltar a Bruges e menos ainda para junto do marido. Mas no fim pudera mais o desejo de não deixar ficar impune aquele canalha, saber-se a um passo da ruína e a necessidade de fazê-lo pagar por tudo do que continuar a sua nova vida ao lado da mãe.

Com a notícia ainda quente da morte do pai, logo que chegara à cidade que a vira nascer fora ao mosteiro de las Huelgas para ir buscar a mãe com a intenção de a partir de então cuidar dela em casa. Assim fizera, apesar de qualquer tentativa de relação entre as duas se ter revelado uma difícil tarefa, dado o seu estado quase permanente de ausência. Pelo menos, fizera-a sentir que desse modo cumpria a sua obrigação de filha, prodigalizando-lhe um carinho que talvez não tivesse tido em igual medida dentro do cenóbio.

Poucas semanas depois de se instalar na residência familiar, tomara conhecimento da penosa situação económica em que o sogro se encontrava, e também do esbanjamento que continuava a caracterizar a esposa, que não deixava de gastar a mãos largas.

Almoçara e ceia várias vezes com eles. No entanto, só pudera falar com Don Fernando com suficiente liberdade nos curtos intervalos em que Doña Urraca se ausentava da mesa. Custava-lhe compreender por que razão o sogro evitava comentar com a esposa a má situação em que se encontravam, e pensara que talvez não quisesse alarmá-la, porque ela continuava a manter um estilo de vida como se nadassem na abundância. Também a entristecera saber que se vira obrigado a interromper as obras do hospital e da escola para pobres por falta de dinheiro. De todos os modos, ficara muito espantada ao saber que Damián não tinha dito nada ao pai, quando era suposto conduzir o negócio a partir de Bruges. Parecera-lhe tudo muito estranho. Por isso, para evitar as constantes interrupções que a presença de Doña Urraca provocava, um dia convidara Don Fernando para sua casa, para poderem falar com mais tranquilidade.

Fora então que ficara a saber que nos últimos oito anos não tinha feito outra coisa senão perder clientes, um a um, pouco a pouco, sem uma única excepção. E que o filho adoptivo atribuía a culpa da situação à má qualidade das lãs que comprava. O pobre homem, ante a inexplicável ausência de Policarpo, tivera de assumir as funções do feitor e procurar novos fornecedores com rebanhos de merinas supostamente de maior prestígio. Mas nem mesmo assim conseguira inverter o funesto rumo que os seus negócios levavam.

Naquele dia, Berenguela sentira verdadeira compaixão ao vê-lo.

O sogro tinha emagrecido tanto que parecia consumido. Na sua expressão não havia o mais pequeno vestígio da antiga jovialidade; só as marcas de um prolongado calvário. E tivera mais uma prova disso quando, de forma deliberada, trouxera o nome de Hugo à conversa. Azedou-se-lhe a expressão, e a única palavra que lhe saíra dos lábios, num murmúrio, fora *traidor*. A partir daquele momento não quisera ouvir mais nada, nem quando ela lhe contara que o filho vivia agora em África nem ao que se dedicava; era como se o tivesse desterrado da sua vida para sempre.

Depois de descobrir aquela lamentável situação, decidira que havia qualquer coisa que não encaixava.

Sabia que Damián tinha conseguido superar a crise das lãs egípcias que estivera à beira de afundá-lo, e era evidente que as folgadas finanças do marido não coincidiam com a penúria do sogro. Em todo o caso, e não obstante o drama com que convivía todos os dias – o da mãe, a somar-se ao que afectava o pai de Damián –, aqueles três anos passaram para ela com muito mais paz do que os desastrosos seis de casada. Desse modo fora recuperando a sua antiga alegria, crescera em confiança em si, vira reforçada a sua determinação de seguir em frente, e sobretudo começara a apagar da memória as piores sombras de um passado demasiado recente.

No entanto, a sua relativa paz desaparecera de súbito quando os dinheiros que todos os meses recebiam no notário, provenientes da herança, se esgotaram antes do previsto. Fora então que descobrira que do total do património paterno só lhes coubera uma quarta parte, e a Damián o resto.

Depois daquela fatal descoberta, acusara-se de ingénua e descuidada por não ter estudado com mais atenção aqueles documentos quando chegara a Burgos. A tal ponto se dedicara a cuidar da mãe que todos os outros assuntos lhe tinham parecido menores, e as consequências estavam agora à vista. Como, por exemplo, que de nada lhe valia ir ao notário reclamar o que por justiça era seu. Porque depois de lhe ter mostrado de má vontade a escritura que justificava a repartição, o homem dera por terminada qualquer outra discussão, se bem que ela não tivesse saído de lá convencida.

E por isso, uma Berenguela Ibáñez informada sobre o seu infortúnio a partir daquela visita decidira descobrir a verdade, porque não tinha a mínima dúvida de que Damián estava por trás de tamanho esbulho.

Fora então, a dois meses de programar o regresso a Bruges, que escrevera à pessoa que naquele momento esperava em Bruxelas para pedir ajuda.

– Minha senhora...

Berenguela voltou-se e reconheceu o amável semblante do seu amigo Grosenberg.

– Senhor, agradeço-vos do coração terdes respondido ao meu correio e podermos ver-nos hoje.

Estendeu-lhe a mão, que ele beijou com cortesia.

– Com o belo dia que faz, não vos parece que seria um despropósito ficarmos debaixo de tecto em vez de aproveitarmos para um descontraído passeio?

Berenguela aceitou a sugestão, passou o braço pelo dele e começaram a caminhar, atravessando a Grand Place antes de meterem por uma das ruas laterais.

– A urgência do vosso pedido só pode significar más notícias – disse Grosenberg, depois de cumprimentar um conhecido. – Antes de me pordes ao corrente, permiti que vos expresse o meu pesar pela morte do vosso pai. Sei que foi há já alguns anos, e se não pude dizer-vo-lo na altura foi porque fugistes para Burgos, mas acreditai que tentei. Não fora a minha relação com o vosso esposo tão má como é... – Fez um esgar de aversão que dizia tudo. – Suponho que é dele que vamos falar e não do outro irmão que tanto apreciáveis. Hugo, julgo recordar que se chamava... Trata-se de um ou do outro?

– Do segundo sei que se instalou num qualquer remoto lugar no Norte de África, e infelizmente começa a estar cada dia menos presente nas minhas recordações. Mas não, não foi a necessidade de falar dele e sim do meu marido que me trouxe até vós; o que lamento de verdade, pois tive de vir de Burgos por esse motivo e só para pedir-vos ajuda.

Abriu um leque e agitou-o com energia, numa tentativa de combater um intenso sufoco que não era causado só pelo bom tempo.

– Alguma coisa terrível há-de ser para ter-vos provocado um tal transtorno. Tende por certo que vos ajudarei em tudo o que puder.

A partir daquele instante, Berenguela começou a contar-lhe tudo o que tinha acontecido desde o seu regresso de Veneza, incluindo as suas tentativas de encontrar provas que confirmassem a possível malversação de Damián contra o seu falecido pai, além do surpreendente resultado da herança e a atribuição da ruína de Don Fernando de Covarrubias às artimanhas do marido, sob suspeita de ter ido passando todo o negócio do sogro para as suas mãos.

– Ou seja, acreditais que ele está a espoliar o pai, enganou o sogro e para rematar vos roubou a vós e à vossa mãe...

– É disso que estamos a falar, sim. Enganou-nos a todos. De tudo o que vos contei, custou-me compreender que razões podiam tê-lo levado a roubar a família. No caso da minha era previsível, uma vez que tinha conseguido o controlo e considerando os acordos que fizera com o meu pai. Mas não Don Fernando. E só quando tentei meter-me na sua retorcida mente encontrei a

resposta: era a maneira de roubar ao irmão qualquer parte da herança que pudesse caber-lhe.

– Lamento que tenhais tido de conhecer tantos infortúnios e saber-vos em tão penosas conclusões. Mas infelizmente existem neste mundo pessoas que não se detêm ante nada, dominadas pela ganância. A necessidade de poder, junta ao desejo de controlar tudo, chega a ser tão obsessiva que as acções da pessoa ultrapassam qualquer comportamento normal e não há nada que as trave nesse empenho. É sem dúvida esse o caso de Damián de Covarrubias.

– Não podíeis tê-lo descrito melhor.

– Fui sua vítima, como sabeis, de modo que tratei de conhecer melhor o meu inimigo. E graças a isso consegui enganá-lo; porque alimentei a sua ganância. Dizem que é uma das melhores regras que se hão-de ter em conta numa batalha.

– Pousou a mão no braço de Berenguela para a fazer parar antes de atravessarem uma rua por onde vinham dois cavalos com demasiada pressa. Viram-nos passar de largo enquanto ele continuava a expor o seu raciocínio. – Fareis bem em considerá-la para travar a vossa, que imagino desejais empreender.

– Sem dúvida. Não pararei até vê-lo arruinado e preso.

– E em que posso ajudar-vos?

– Em muito. Ou isso espero... Preciso de provar tudo o que vos contei, porque só com a vingança não chegaria a parte alguma.

– Compreendo. Suponho que não tereis voltado a pisar a vossa antiga casa, não é verdade? Pergunto-o para saber de onde partimos.

– Claro que não. Vivo com uma amiga minha, italiana. Ainda não falei com ele.

– Comecemos então pela minha participação...

Berenguela deteve-se, e ao voltar para ele o seu doce olhar fê-lo duvidar que alguma vez tivesse existido uma mulher tão formosa.

– Preciso sobretudo do vosso conselho – começou ela. – Ainda que talvez também da ajuda de algum homem de leis que conheçais para que me defenda perante a justiça se chegar a ser necessário. Mais coisas: suspeito que continua a esconder os papéis mais comprometedores numa caixa de ferro a que não consegui aceder, porque o dia em que o ia tentar coincidiu com a notícia da morte do meu pai. E em relação à minha herança, ainda não sei como provar a

falsidade das escrituras que me mostraram, embora sejam de certeza falsas. Não me ocorre como...

Grosenberg tossicou, avaliou as possíveis soluções e acabou por recapitular as necessidades de Berenguela.

– Para descobrir se os vossos direitos foram falseados precisaremos de um bom rastreador. Tenho a pessoa certa! – Coçou o queixo enquanto saboreava o nome de um dos seus sobrinhos, o mais brigo de todos, mas com mais necessidade de dinheiro do que qualquer outro e mais talento natural para aquele género de tarefa. – Além disso, falarei com o meu advogado para que nos diga do que necessitaria para denunciar as manigâncias do vosso marido ante um tribunal. E com relação ao assunto dessa caixa secreta, talvez precise de vós.

– Não me façais participar. Fico a tremer só de pensar nisso.

– Descuidai, só precisaria que me dissésseis onde está. Disponho de uma mulher com as mãos mais hábeis do mundo. É capaz de resolver o mecanismo mais complexo que possais imaginar, como os relógios que a minha família vende nas suas lojas, além dos diamantes. Na realidade, contratam-na para as reparações mais difíceis. Muito estranharia se não conseguisse abrir essa fechadura que vos separa do vosso objectivo.

Berenguela achou perfeitas as três soluções, agradecendo com veemência a generosa disposição que Grosenberg estava a demonstrar em relação a ela. Mas faltava dizer-lhe uma coisa, algo que a fez ficar um pouco mais nervosa; as suas faces coloriram-se de súbito só de pensar nisso.

– O pior é que não disponho de dinheiro suficiente para vos pagar, pelo menos de momento, dada a minha situação.

– Não vos preocupeis com isso. Apesar de já ter ajustado contas com ele, a seu tempo, se puder voltar a prejudicar Damián de Covarrubias darei por bem investido o que me custar. Para já, vou falar com o meu sobrinho Klauss. Viveu com a minha irmã e o meu cunhado em Granada antes de se verem obrigados a abandoná-la, pelo que fala um castelhano tão bom como o vosso. Mandá-lo-ei a Burgos para que encoste aquele seu narigão ao chão e siga qualquer rasto que seja de interesse. Quando um dia o conhecerdes, dar-me-eis razão no respeitante ao nariz. – Sorriu. – Por outro lado, na próxima semana enviar-vos-ei a hábil Martina, para que lhe deis as indicações necessárias para chegar à casa e ao lugar

onde está a tal caixa. Quanto ao assunto legal, entrarei em contacto convosco logo que fale com o meu advogado.

– Não podíeis ser mais amável comigo...

Berenguela dedicou-lhe um olhar cheio de gratidão.

– Não é verdade, claro que podia...! Por exemplo, convidando-vos a provar um doce típico de Bruxelas antes que tenhais de partir. Tenta-vos a ideia?

– Por Deus, sim! Como poderia recusar uma oferta tão gentil?

– Vamos então. Estamos muito perto!

Berenguela voltou a dar-lhe o braço e recomeçaram a andar, agora em busca da melhor pastelaria de Bruxelas, próxima da Grand Place, satisfeita com o resultado da entrevista.

Porque a sua vingança acabava de entrar no melhor forno.

Capítulo 4

Lovaina. Ducado da Borgonha. Julho de 1482

Naquele dia, o primeiro do mês, Hugo chegou a casa mais cedo do que de costume.

Ubayda estava a tomar banho quando ele entrou no quarto. Fê-lo de forma tão decidida que ela não teve tempo de tapar-se nem de sair da celha, de modo que Hugo pôde contemplar pela primeira vez o seu corpo húmido e nu.

Sem uma palavra, foi em busca da boca dela. Beijou-a com incontível ardor, e Ubayda não lhe pôs o mais pequeno entrave. Aquele primeiro e longo contacto soube-lhes a sabão, a água fresca e aos óleos aromáticos com que acabava de ungir a pele. Foi um beijo desejado, havia demasiado tempo, mas nunca confessado.

Não passara uma só noite desde o reencontro em Lovaina em que não se tivessem sentido tentados a ir em busca do outro. Era tal o desejo que tinha crescido entre os dois, era tal a atracção que se tinha estabelecido naqueles primeiros dias, que aproveitavam o mais pequeno toque para imaginarem como seria terem-se. Houvera furtivas carícias sem outra justificação que desejarem-nas, e mais de uma vez os olhares tinham ficado presos, como se reclamassem arrebatamentos de amor que não chegavam a acontecer.

Mas naquela celha as suas bocas acabaram de conhecer-se, devagar, com uma afogada necessidade até então evitada, ocultada, dissimulada, agora desnecessária. A evidência daquela atracção mútua percorria já as suas línguas entrelaçadas, as primeiras carícias, o reconhecimento dos seus corpos. Ela pôs-se de pé para se deixar abraçar e Hugo recolheu-a nos braços, como se fosse um frágil fruto, tantas vezes evitado. Ajudou-a a sair da celha e provou a humidade do seu pescoço e depois do ombro enchendo-os de beijos. Quando voltou a olhá-la identificou nos seus olhos uma mistura de paixão, amor e desejo que o arrebataram.

Ubayda despiu-o sem pressa. Acariciou-lhe o peito. Os seus dedos enroscaram-se-lhe nos cabelos para depois o beijar ansiosa, a repetir o seu nome. Hugo sentia como o coração lhe batia mais depressa enquanto aqueles dedos lhe corriam pela pele, quando pousava as mãos nas ancas dela, quando recebia a frescura dos seus cabelos ainda húmidos. Viajou-lhe pelos seios, ventre e coxas, como os voos exploratórios que *Aylal* fazia antes de um ataque final. O contraste da sua pele com o castanho-escuro da de Ubayda cativou-o; as suas curvas, as marcas que o ácido lhe deixara nas mãos, nada ásperas em comparação com as suas, agora enrijecidas pelo trabalho.

Cheirou-a e embriagou-se dela.

Ubayda procurou-lhe o ouvido e sussurrou uma preciosa palavra.

– Amo-te.

– E eu a ti, Ubayda. Como nunca imaginei.

– Ama-me então... – propôs ela, enquanto lhe despia as calças e partilhavam a nudez.

Caminharam de mãos dadas até a um dos quartos e uma vez no interior fundiram-se num beijo até acabarem deitados sobre os lençóis. A partir de então as mãos de um e do outro percorreram-se em busca dos lugares mais íntimos. Hugo saboreou aquilo sem nenhuma aziaga recordação que pudesse empanar o momento mágico que estava a viver. E ela também; à sua cabeça não acudia nenhuma imagem comparável às que estava a conhecer. Para os dois, aquele jogo de ternuras e carícias estava a ser tão novo como pleno.

Ubayda começou a gemer quando sentiu o seu corpo unido ao de Hugo.

Olharam-se por um segundo, e sem a ajuda de uma só palavra deram-se conta de que aquela união ia fundi-los para sempre. E gozaram mais por isso. Os minutos seguintes passaram infinitos, explorando nos seus olhares cada sensação que experimentavam, as suas almas unidas.

– Beija-me – pediu Ubayda.

Hugo beijou-a com ardente paixão, a reconhecer naqueles lábios o único alimento de que precisava para viver.

Foi um longo beijo, um beijo com o qual quiserem compensar o muito tempo que tinham tardado a dá-lo, ao cabo de tantos anos juntos. Um beijo que só se deteve quando explodiram de prazer, ao mesmo tempo, entregando-se de corpo e alma. Depois não quiseram separar-se, porque o seu único desejo era

permanecerem juntos, partilharem o mesmo ar, fundirem os seus olhares para sempre e acariciarem-se sem descanso. O desejo manteve-se nas horas seguintes, durante as quais voltaram a ter-se até acabarem esgotados.

Quase ao anoitecer, Ubayda levantou-se para ir buscar qualquer coisa que comer. Quando voltou, encontrou Hugo com os olhos um tudo-nada humedecidos.

– Que tens?

– Acabo de me lembrar de Azerwan e sinto-me estranho.

Ubayda sentou-se a seu lado de pernas cruzadas, sem temer a recordação do seu outro homem. Não havia nela remorso algum, nem sensações contraditórias. Pediu-lhe que a abraçasse e ele fê-lo com tal entrega que parecia querer retê-la para sempre.

– Não deves sentir-te assim. A nossa felicidade já não viaja pelo passado, temo-la só tu e eu, de agora em diante, até ao fim, sempre juntos...



Dois meses mais tarde, o vitral para a capela do Consulado de Mercaderes estava acabado, faltando apenas a parte encomendada a Niclaes, do qual não tinham sabido nada.

Van Diependaal voltara à oficina muito animado e com renovada energia depois de a mulher ter recuperado da misteriosa doença cuja origem ninguém chegara a descobrir. A sua presença desencadeou um asfixiante ritmo de trabalho e voltaram a ouvir-se as suas constantes exortações a aperfeiçoarem cada execução, a serem moderados nos gastos e diligentes nas suas tarefas, instruções que lhes eram familiares. Houve quem opinasse que mesmo assim as exigências com que tinha voltado eram maiores que as do passado, se isso fosse possível. Nem a aprendizes nem a oficiais lhes teria importado que adiasse um pouco mais o seu regresso.

O mês de Setembro tinha chegado com muita chuva e Hugo decidiu ir à oficina de Niclaes Rombouts averiguar o que se passava. Olhou para o relógio da igreja de São Pedro e ao passar soltou um longo e sonoro bocejo, fruto do cansaço que arrastava havia algum tempo, consequência das apaixonadas noites de que desfrutava com Ubayda. Prometeu a si mesmo deitar-se cedo naquela noite para recuperar forças, tal como tinha feito muitas outras vezes sem o conseguir. A culpa era de Ubayda, com aquela necessidade que tinha de dormir

tão agarrada a ele. Porque num contacto tão íntimo, a mais pequena carícia, ainda que fosse fugidia ou ligeira, acabava por levá-los a amarem-se apaixonadamente, noite após noite.

Hugo tinha descoberto nela uma ternura tão profunda que lhe parecia impossível não a ter conhecido antes noutra mulher. O amor de Ubayda significava experimentar todos os dias um mundo de maravilhosas e surpreendentes sensações. Porque era tal o grau de comunhão a que chegavam que as mais das vezes não sabia se ao unirem-se só o faziam os seus corpos ou também as suas almas.

Tinha-a amado até morrer como amiga. Mas nunca a teria conhecido de verdade, nem teria podido desfrutar do resto das suas surpreendentes facetas, se a não tivesse sentido como amante. Porque Ubayda guiava-o todos os dias até a um mundo nunca antes percorrido. Abria as páginas do seu corpo para que ele as lesse, para que memorizasse os seus melhores parágrafos, os mais belos.

Ia tão absorto nestes pensamentos que passou o caminho de terra que levava à entrada da oficina de Niclaes, erguida num frondoso bosque nos arredores de Lovaina. Voltou atrás, percorreu o trilho sob um dossel de ramos e ao chegar ao primeiro portão entrou sem bater. Atravessou um armazém cheio de madeira para alimentar os fornos e chegou a outro, mais pequeno, onde recebeu no rosto o calor de três deles, a pleno rendimento. Contou seis homens a trabalhar à sua volta. Dois estavam a tirar bolas de vidro fundido dos crisóis para começarem a soprar, e os outros quatro alimentavam o fogo com carvão vegetal.

Procurou Niclaes, mas não o viu por ali.

Perguntou por ele.

– Passai por aquela porta ao fundo... – disse um dos jovens operários, apontando com o tubo de soprar. – Lá o encontrareis.

Quando Hugo entrou no luminoso estúdio, Niclaes estava sentado diante de uma mesa de trabalho a cortar vidros. No gesso que cobria a mesa tinha desenhado o escudo dos reis de Castela e Aragão, além de uns motivos ornamentais e duas figuras que não eram fáceis de reconhecer. Cumprimentaram-se, mas Niclaes não fez menção de interromper o que estava a fazer para falar com ele. Hugo aproximou-se para ver. Ao contrário do que ficara combinado em princípio, Niclaes só estava a usar vidros coloridos; os seus eram transparentes para serem pintados depois. Cortava o vidro com a ponta de um

ferro ao rubro vivo, e para bolear as arestas e eliminar imperfeições usava uma espécie de tenaz que dava como que pequenas dentadas no vidro. Ficou fascinado com a sua maestria nas figuras pequenas, algumas tão complexas como os leões do escudo, que resolvera com só três diminutas peças de vidro.

Hugo passou-lhe um punhado de pregos ao adivinhar a sua intenção de fixar os vidros na mesa para começar a pintá-los antes de serem chumbados.

– O que te traz por cá? – perguntou Niclaes.

– Como não tínhamos notícias tuas, vim dar-te pressa... – respondeu Hugo, com alguma ironia.

Niclaes mexeu com vigor o conteúdo de um pote. Molhou nele um grosso pincel de cerdas de texugo e passou-o pelos vidros superiores, conseguindo um belo tom pérola.

– Não sofram tanto... A minha parte estará pronta a tempo.

– Não acredito. – Hugo calculou que ainda não tinha feito uma décima parte do trabalho. – Ainda te falta muito, e só restam duas semanas para a data combinada.

– Ou dois meses...

Hugo não compreendeu por que falava com tanta certeza. Perguntou-lhe se tinha outras notícias sobre a encomenda.

– Claro que tenho. Não sei se tem a ver com um problema estrutural numa das abóbadas ou a qualquer outra razão. Mas ao que parece entra água na capela, e andam à procura de uma solução. Se fosses até lá, verias um enorme andaime que nos impediria de trabalhar. Estive lá a semana passada.

Explicado o atraso, Hugo estudou o trabalho de Niclaes, agora com olho de mestre.

Excepto os vidros encarnados e azuis, pigmentados na massa e minoritários, obtinha as restantes cores jogando com diferentes diluições de grisalha. Viu as que tinha feitas: uma negra e outras duas em diferentes tons de castanho, e até uma azul que nunca antes vira ninguém fazer.

Niclaes pegou num pincel muito fino, molhou-o na grisalha negra e começou a desenhar o rosto de uma das personagens do alto da tábua. Fazia-o sem hesitar, de um só traço, com uma rapidez invulgar e sem olhar uma única vez para o papel. Aquelas feições recordaram a Hugo o vitral que mais fama lhe tinha dado:

o da Última Ceia, na catedral de Antuérpia. A sua qualidade pictórica tivera um tal impacto que a partir de então toda a gente quisera conhecê-lo e contratá-lo.

– Admiro a tua destreza, Niclaes, e também essa técnica tão tua que transforma qualquer vitral que saia das tuas mãos num objecto único. É como se tivessem a tua assinatura sem necessidade de a pores. Mas se tivesse de destacar uma virtude entre as que tens, escolheria sem dúvida a expressividade que consegues nas tuas personagens; são tão perfeitas que parecem prontas a saltar do vitral e porem-se a passear pelo tempo. Gostaria muito de aprender mais contigo.

Niclaes apoiou o pincel no recipiente com grisalha, ficou em silêncio alguns segundos, a pensar, e por fim expôs a sua ideia.

– Por que não colaboras comigo num trabalho importante, um trabalho que pela sua complexidade requeira a tua ajuda? Tenho vários pendentes, mas são pouca coisa. Para o que te proponho teria de ser uma grande encomenda, que estou certo chegará mais cedo ou mais tarde...

– Uma coisa parecida com o que fizemos neste vitral?

Apontou para o que Niclaes estava a trabalhar.

– Não exactamente. Hendrik ensinou-te tudo o que sabe, e que é muito. Mas ainda não te permitiu expressar o que tens dentro. Até agora limitaste-te a seguir as instruções dele, a executá-las respeitando o seu estilo, é verdade que com grande qualidade, ao que consta. Mas onde está o Hugo artista? Onde está o criador de sonhos de vidro capaz de ofuscar o mundo?

– Se esse Hugo tem de aparecer, fá-lo-á mais adiante. De momento, preciso de continuar a aprender.

– A tua humildade engrandece-te, mas recuso esperar tanto. Quero que esse talento surja já! – Brandiu o pincel como se fosse um ameaçador sabre, a apontar as cerdas para ele. – Tu e eu somos muito parecidos, Hugo, mas também temos uma grande diferença: eu dei esse passo, e tu não. A minha proposta é que quando tiver essa encomenda, que não sei quando será, estejas comigo o tempo que levar a completar o trabalho, mas criando a tua forma de o abordar. Fala a respeito disto com o teu mestre e pede o seu beneplácito. Tenho a certeza de que aceitará!



Quando, naquela noite, Hugo tentou contar a Ubayda a sua surpreendente visita a Niclaes, foi mais do que evidente que ela não estava a dar muita atenção

às suas palavras. Também ele se alegrava por vê-la e adorava receber os seus beijos, mas não entendia por que razão não fazia outra coisa desde que entrara a porta, com tanta fome dele que não o deixava falar, selando-lhe os lábios uma e outra vez.

– Não estás a ouvir – recriminou-a entre dois beijos.

Ela rompeu a rir, agarrou-lhe a cara com as duas mãos, os seus olhos negros trespassaram-no, voltou a beijá-lo na boca, e quando se separou, antes que ele voltasse à carga com a necessidade de explicar o seu dia, disse:

– Estou grávida!

Capítulo 5

Medina del Campo. Reino de Castela. Outubro de 1482

Klauss Grosenberg tinha quatro características que o distinguiam do comum dos mortais e das quais nunca se envergonhara. A primeira, era ser albino. A segunda, o seu grande nariz, bem afilado e a fazer conjunto com as orelhas. A terceira, era o seu ar adoentado, objecto habitual das conversas de quem o via pela primeira vez. Em contraponto com o que fica dito e como quarta característica distintiva, Klauss possuía uma capacidade mental privilegiada e uma memória espantosa. Tanta era esta última que quando chegou a Medina del Campo era capaz de fazer a lista dos nomes de todos os povoados, vilas e cidades que atravessara na sua longa viagem desde Antuérpia.

Postas assim as coisas, era um sujeito tão peculiar que não podia passar despercebido na prestigiada feira a que acudiu mal pisou terras castelhanas, apesar de por ela passar muita gente das mais variadas condições e origens, vinda da Europa e de outros lugares mais distantes e exóticos, como a Pérsia e Damasco.

Se o seu aspecto físico já desconcertava, mais ainda o fazia o perfeito castelhano que falava e que surpreendia as pessoas que interpelava. Tirou partido deste facto para chegar à fala com alguns proprietários de rebanhos que estavam ali para vender as suas lãs e perguntar-lhes se tinham sido fornecedores de Don Fernando do Covarrubias: a primeira das suas missões.

No primeiro dia de feira, conheceu um que tinha oito mil ovelhas espalhadas pela serra de Cameros e que sem nunca ter vendido aos Covarrubias sabia de um outro que o fizera, natural da vila de Cuéllar, e que era esperado.

No dia seguinte, um cambista indicou-lhe um homem robusto, vestido como um príncipe, oriundo da cidade de Trujillo. Também este nunca tivera negócios com Don Fernando, mas um seu primo, de Plasencia, sim, e ofereceu-se para o levar à hospedaria onde àquela hora dormia a sesta e onde lho apresentaria.

– Não será má altura para falar com ele? Há quem considere a sesta sagrada...

Klauss seguia o homem com dificuldade. As suas passadas eram tão largas e rápidas que, se não se esforçasse mais, ia perdê-lo numa daquelas ruas. Cada passo que o outro dava equivalia a dois dos seus. E como tinha chovido, o solo transformara-se num autêntico lamaçal.

– Se tiver mau acordar, depressa lhe passará. Aqui vimos todos vender e comprar, e suponho que o vosso interesse se encaminha mais para a compra. Que tendes a ver com Don Fernando de Covarrubias?

Voltou-se para olhar para ele e achou-o patético. Às peculiaridades do físico somava-se uma maneira de andar que fazia lembrar um pato: os pés muito abertos para os lados e aos pulinhos...

– Vós conhecê-lo-eis melhor... – bufou, sem fôlego.

– A Don Fernando? Nem por isso. Devo tê-lo cumprimentado uma vez na minha vida.

– Não, não... referia-me ao vosso primo.

– Claro que sim, mas que ideia! Como não havia de conhecer o meu primo? – Juntou os dedos com as mãos apontadas para cima, num gesto que recordava o que os napolitanos faziam. – Que perguntas tão estranhas fazeis!

Klauss fugiu àquela absurda conversa interessando-se pelo preço a que a lã estava a ser vendida naqueles dias.

– A melhor, a de merina transumante, cobra-se a vinte e seis mil maravedis a saca. Entregue no destino. Uma pechincha, não vos parece?

– Pechincha ou não, dependerá da qualidade. Não me parece mau preço, mas haveria que vê-la.

O seu tio Jacob Grosenberg autorizara-o a fazer uma compra até cento e vinte sacas se visse que com isso beneficiava a investigação.

– Vê-la-eis... descuidai. Mas de momento entremos na hospedaria e falemos com o meu primo. Agora me lembro, não vos disse ainda o meu nome: Jacinto Matamoros... um apelido muito significativo. – Riu. – Penso que os meus antepassados o ganharam na luta contra os sarracenos. E o meu primo chama-se Fulgencio, também Matamoros.

Klauss alegrou-se por ser judeu.

Fulgencio, como não podia deixar de ser, aceitou mal que o acordassem. Atirou o urinol que encontrou debaixo da cama na direcção deles, por sorte

vazio, passou a insultar as mães dos dois acusando-as de exercerem a mais velha profissão do mundo e acabou a regougar escondido debaixo da manta.

– Fulgencio, acorda de uma vez, mandrião de merda.

A linguagem usada pelo seu acompanhante, que parecia um cavalheiro, surpreendeu Klauss, mas não tanto como a sonora bofetada com que mimou o primo, a quem logo a seguir puxou por uma orelha. Aquilo desencadeou uma tempestade de protestos, em que as únicas palavras que saíram da boca do ofendido, sem serem insultos ou palavrões, foram «vou esfolar-te vivo mal me levante».

– Deixaste-me meio surdo, filho-da-puta...

O sujeito acabou por sair da cama, a queixar-se do desagradável apito que o bofetão lhe deixara no ouvido.

Quando olhou para Klauss, começou a desenhar-se-lhe na boca um esgar que tanto podia ser de repulsa como o início de uma gargalhada.

– Quem demónios me trouxeste?

Jacinto apresentou-o como possível comprador, sem referir o seu interesse em Don Fernando de Covarrubias, o que calhou bem a Klauss para formular a sua pergunta.

– Não queria que a minha possível compra afectasse os vossos habituais negócios com Don Fernando de Covarrubias, a quem vendeis, segundo julgo saber. Entre outras coisas porque nós, os Grosenberg, temos por ele um grande respeito, e mais de uma vez nos forneceu lã quando não encontrávamos outras em parte alguma.

Fulgencio pensou que seria melhor não comentar em voz alta o que acabava de ocorrer-lhe ao ver o compridíssimo nariz e as orelhas em ponta do tal Klauss, além da pele leitosa e da ausência de pestanas, o que tornava difícil interpretar-lhe as expressões, porque lhe fazia lembrar um musaranho.

– Se chegarmos a acordo, não vos preocupeis com Don Fernando. Há seis anos que não lhe vendemos uma única saca de lã.

O homem chegou-se a uma bacia, verteu nela a água de uma jarra e molhou a cara, a ver se dissipava o sono.

Klauss decidiu indagar mais dissimulando as suas intenções.

– Interessa-me conhecer a vossa opinião sobre Don Fernando. Deixou de vos pagar? Não cumpria o combinado? Ou foi porque lhes destes lã de pior

qualidade...

– A nossa lã sempre foi de primeira! Se o pondeis em dúvida, racho-vos agora a cabeça!

Cerrou os punhos e avançou para ele. O primo travou-o desculpando o flamengo, ao mesmo tempo que acusava o parente de ser estúpido.

– Que grande animal me saístes! Responde ao que o homem perguntou. Por que deixaste de vender a tua lã aos Covarrubias?

Fulgencio corrigiu-o, pois continuava a fazê-lo.

– Na realidade, só passámos as vendas para outro membro dessa família. Veio procurar-me há-de haver cinco anos meio desesperado, depois de o pai nos ter deixado com uma grande quantidade de sacas da campanha anterior por comprar. Pediu mil desculpas, e sem que eu percebesse porquê, ofereceu-me um preço melhor que o do mercado na altura. Ao princípio não achei graça nenhuma, porque continuava muito irritado com eles. Mas como respondeu às minhas objecções subindo bastante mais o preço que já tinha oferecido, desde que o deixássemos pagar a seis meses, acedi.

– Referi-vos a Damián de Covarrubias, o mesmo que gere os negócios da família em Bruges? – perguntou Klauss com deliberada intenção, a tentar fechar o círculo.

– A esse me refiro. Mas não como filho de Don Fernando e sim como genro de Don Sancho Ibáñez, a quem na realidade vendi até que morreu. Sei que actualmente Damián gere o seu negócio e já nada tem a ver com o pai, ou pelo menos foi o que ouvi...

– Resumindo, a decisão de deixar de vender a Don Fernando teve muito a ver com o seu enteado, Damián de Covarrubias.

– Bem, sim. Nunca me interessaram os assuntos que tivessem lá entre eles. Só que fiquei a ganhar com a mudança. Que raio! – Calçou as botas e plantou-se diante de Klauss, farto de tanta pergunta e de não estar a falar das suas lãs. – Viestes para comprar, ou vamos continuar a coscuvilhar como duas velhas sobre as misérias dessa família? Sede sincero, agradecer-vos-ei...

– Estou a ser. Vim procurar-vos para saber coisas sobre os Covarrubias. Mas também vou precisar de uma centena de sacas de boa lã antes de regressar à Flandres. Se me mostrardes a vossa e se tiver um preço razoável, por que não havemos de chegar a acordo?

Fulgencio mostrou a sua satisfação por terem entrado no tema que na verdade lhe interessava, mencionando um primeiro valor para sondar o terreno.

– Vinte e sete mil e quinhentos maravedis por saca e deixo-as em Antuérpia, ou onde quiserdes.

– Mil e quinhentos mais que o vosso primo?

Fulgencio olhou para Jacinto, que estava a morder o lábio ao ver-se apanhado.

– Depois de verdes a lâ dele e a minha, não vos restarão quaisquer dúvidas...



Uma semana mais tarde, Klauss chegou a Burgos, depois de ter verificado com quatro criadores o mesmo comportamento de Damián de Covarrubias para com o padraço: o de Cuéllar que lhe tinham indicado, sem dúvida o mais importante de todos, com mais de dezasseis mil ovelhas, e outros três da chamada Tierra de Campos, mais concretamente nas proximidades da cidade de Palência. Também memorizara os nomes dos dois feitores envolvidos na transferência de clientes de um comerciante para o outro: um tal Policarpo Ruiz e Ramiro de Lerma.

Em Burgos, alojou-se numa pousada perto do rio, económica mas com bom serviço e limpa. O dono foi o primeiro a alertá-lo para a dificuldade da sua empresa quando Klauss lhe perguntou como poderia encontrar o notário que era suposto tratar dos papéis da família Ibáñez, da tal Berenguela amiga do seu tio. E não foi por culpa de não saber como se chamava e sim porque se tinha mudado havia pouco e o estalajadeiro desconhecia a sua nova direcção. Para seu alívio, o homem abriu-lhe quase ao mesmo tempo uma porta de esperança ao facilitar-lhe o nome e morada do principal notário da cidade, um tal Victorio del Caño, que saberia orientá-lo melhor.

Foi procurá-lo sem falta no dia seguinte a ter chegado.

Fazia frio, muito frio, quando se deteve diante de um nobre edifício próximo da catedral onde, segundo as indicações, encontraria o tal Victorio. Não teve problema algum em ser recebido, e até com bastante rapidez. O homem explicou-lhe que dos quarenta e dois notários que trabalhavam na cidade, mais de metade dedicava-se a dar forma legal às doações, compras ou vendas do bispado, bem como das diferentes ordens religiosas, conventos e mosteiros. Dos vinte restantes, cinco estavam ao serviço exclusivo da corte. O que significava que entre os outros quinze podia estar o que procurava. Sem entender a que propósito estava o homem a alongar-se em tantos pormenores, quando o que ele

pretendia era muito mais simples, Klauss acabou por compreender ao receber um pedaço de papel com o nome e morada do notário que procurava contra o pagamento de duzentos maravedis pelo serviço, uma quantia abusiva que o irritou.

Apenas uma hora mais tarde estava sentado em frente da mesa onde despachava um tal Santiago de Frías, que com efeito tinha em seu poder todos os documentos e registos da família Ibáñez. Até aí tudo bem. Mas nem tanto quando o homem respondeu com um rotundo não ao seu pedido de que lho mostrasse, e ainda mais rotundo ao de ver a resolução formal da herança do malogrado comerciante. Klauss não compreendeu porquê, quando lhe tinha mostrado a procuração da filha. Nem isso, nem o verificar o pouco efeito dos seus dotes de persuasão, porque ainda não tinham passado dez minutos de entrevista e já estava na rua, de mãos vazias e uma sensação de absoluta perplexidade. Mas ao menos tinha ficado com uma informação crucial: o número com que estava registado o documento, dado que o tal Santiago de Frías, talvez para rever com rapidez o seu conteúdo, o tivera nas mãos antes de lho negar, e ele tinha-o memorizado.

Calculou que havia conivência entre o notário e Damián de Covarrubias e, como suspeitava a herdeira legal, Berenguela, as últimas vontades do pai não tinham sido respeitadas, mas até adulteradas.

Só lhe restava um remédio: roubar aquele documento.

Nessa noite, ao abrigo de um desconjuntado portal, observou e estudou o perímetro exterior do edifício, os possíveis acessos, a dificuldade da escalada e as escassas alternativas que tinha para aceder ao interior. Analisou todos os pormenores aproveitáveis da fachada desde o chão até a uma janela no segundo piso. Esteve ali toda a noite até ao amanhecer, para verificar se ficava alguém de guarda. E a presença de uma candeia que se movia com alguma regularidade pelo interior e visível através dos cortinados das várias janelas levou-o a pensar que sim.

Na noite seguinte não parou de chover, pelo que adiou a sua missão. Nas duas que se seguiram aconteceu o mesmo. Não podia arriscar-se a trepar pela fachada com a pedra molhada. Por isso teve de esperar até à madrugada do quarto dia para se decidir a abordar a mais arriscada acção que empreendera em toda a sua vida.

Procurou a face lateral do edifício, verificou que não havia ninguém por perto e pôs o pé no peitoril de uma janela gradeada pela qual trepou até ver-se em cima dela. Para alcançar a seguinte teve de percorrer um estreito friso tendo como único apoio as biqueiras dos sapatos. Quando a teve por cima de si, esticou os braços para pendurar-se de uma cornija e, indo buscar forças nem ele soube onde, conseguiu içar-se a pulso até ficar de pé sobre ela. A janela não era gradeada como a inferior, mas estava fechada. Utilizou um gancho para forçá-la. A fechadura resistia. Espreitou para dentro, e como não viu sinais do vigilante, partiu um vidro, enfiou uma mão pela abertura e abriu-a. O barulho que a manobra provocou obrigou-o a entrar com rapidez e esconder-se atrás de um cortinado, não fosse ter sido ouvido. Permaneceu imóvel durante vários minutos até ter a certeza de que não havia qualquer ruído suspeito.

Ainda quieto, avaliou mentalmente a sua posição em relação ao gabinete do notário e calculou que se encontrava a três janelas de distância. Abriu uma porta que, segundo os seus cálculos, devia levá-lo ao corredor, pôs a cabeça de fora e olhou em ambas as direcções. Como não viu nada que o fizesse desconfiar, virou à esquerda e começou a contar as portas. Quando chegou à terceira verificou com alívio que não estava fechada à chave, abriu-a e entrou sem fazer o mais pequeno ruído. A escuridão inundava tudo. Pensou que tinha escolhido a pior noite, à falta de um pouco mais de luar, mas alegrou-se ao encontrar um candelabro a dois passos do sítio onde estava. Acendeu só uma vela e verificou que estava onde devia. Procurou a estante de onde vira o notário tirar o documento e, embora num primeiro momento se tenha alarmado ao ver que havia ali mais de três centenas de pastas, quando leu as lombadas viu que estavam não só numeradas como postas por ordem. Localizou sem problemas a que procurava, mas quando ia abri-la ouviu passos, o que o obrigou a esconder-se no primeiro lugar que encontrou: debaixo da mesa do escritório.

Com a respiração contida e o medo nos olhos viu iluminar-se a fresta debaixo da porta. Arrependeu-se de não ter levado uma arma, e o pouco que havia em cima da mesa de nada lhe serviria. A luz da candeia tornava-se mais brilhante à medida que se aproximava. Klauss não era demasiado amigo de igrejas, mas rezou para que quem quer que fosse não entrasse, e por sorte alguém lá em cima o ouviu. A intensidade da luz foi diminuindo, afastando-se pelo corredor. Suspirou aliviado, até que ouviu uma pancada numa das janelas do gabinete e o

coração por pouco não lhe parou. Ao olhar, viu um corvo pousado na grade de ferro exterior, a bicar o vidro. *Pic, pic, pic...* A ave tomou gosto ao som e continuou a quebrar o silêncio da noite, e de passagem os nervos de Klauss. A pensar que aquilo devia ouvir-se por todo o edifício, resolveu aproximar-se da janela para enxotar o corvo, antes que acabasse por atrair o vigilante.

Depois de o conseguir voltou à mesa do escritório, abriu o cartapácio e procurou entre os manuscritos que continha. Encontrou dois que lhe chamaram a atenção pela sua contradição. No primeiro estavam exaradas as últimas vontades de Don Sancho, que deixava toda a sua herança à esposa e à filha, em partes iguais. Mas havia outro, sem data, que deixava três quartas partes a Damián de Covarrubias e o restante à família. Memorizou ambos os conteúdos, para o caso de os perder ou de se estragarem pelo caminho por causa da chuva, enrolou-os como pôde e escondeu-os dentro do gibão com a intenção de escapar dali quanto antes. Mas a sua ideia caiu por terra quando uma das portas se abriu e por ela entrou um homem, de candeia na mão.

– Que andais a procurar por aqui? – gritou o sujeito a plenos pulmões.

Klauss decidiu não responder e sair a correr na direcção contrária à do vigilante, mas com tão má sorte que a porta por onde o tentou estava trancada. Voltou-se para procurar outra possibilidade, mas entretanto já o corpulento vigilante estava em cima dele e o agarrava pelo pescoço sem contemplanções. Como os dois legados sobressaíam do gibão, o homem viu-os e tirou-lhos sem lhe dar tempo a reagir.

– Apanhei-te a roubar! – exclamou a poucas polegadas de cara de Klauss. – Vejamos o que procuravas.

Tentou desenrolá-los com uma mão enquanto com a outra continuava a asfixiar o seu prisioneiro. Mas no meio da difícil tarefa não viu como o assaltante deitava mão a uma pequena escultura de ferro e lhe batia com ela na cabeça. Klauss safou-se quando as pernas do aturdido guarda começaram a fraquejar, mas não pôde evitar uma punhalada que este lhe assestou na coxa antes de cair no chão.

– Maldita seja a tua mãe! – urrou o homem, com um regueiro de sangue a escorrer-lhe pela cara.

Klauss avaliou as possibilidades que tinha de recuperar os manuscritos das mãos daquela besta, mas ao ver a adaga que brandia no ar compreendeu que arriscava a vida. Por isso correu para o corredor e procurou a divisão por onde

tinha entrado. O seu perseguidor demorou uns minutos mais a recuperar antes de dar-lhe caça, e quando o fez foi com passos lentos e cambaleantes, sem saber para onde tinha ido. Ameaçou estripá-lo quando o encontrasse, mas por essa altura já Klauss estava a passar pela janela. Pendurou-se da cornija até tocar o friso por onde caminhara nas pontas dos pés. Estava consciente de que da sua agilidade dependia escapar ou cair nas garras daquele tipo e concentrou-se em não errar um passo.

Quando deu o salto final para a rua, ouviu os seus gritos.

Olhou para cima e viu-o debruçado da janela. Vistas as dificuldades que a parede apresentava, e sob os efeitos da potente pancada que lhe tinha desferido, compreendeu que o homem não estava em condições de tentar descer por onde ele o tinha feito, de modo que largou a correr pela primeira rua que encontrou e só parou quando se soube suficientemente longe e a caminho da pousada.

Entrou veloz com uma gazela, sem reconhecer a sua agilidade, juntou as suas coisas a toda a pressa, deixou um punhado de moedas em cima da cama e foi à cavaliariça para recuperar o cavalo e sair de Burgos sem mais demoras.

Só uma hora mais tarde, a caminho de Vitoria, suspirou mais tranquilo.

Ao olhar para a perna deu-se conta de que ainda sangrava. Tinha a ferida suja e com pedaços da calça colados. Procurou a margem de um rio e deteve-se alguns minutos para lavá-la. Improvisou uma ligadura com uma tira arrancada à camisa interior e apertou-a com força à volta da coxa. Decidiu também mudar de roupa para não chamar a atenção, mas quando quis voltar a montar sentiu uma vertigem.

Ao princípio atribuiu o facto à pressa da fuga ou a não ter almoçado nem ceado naquele dia; em nenhum momento pensou que podia dever-se à abundante perda de sangue que sofrera. Pegou nas rédeas, bateu com os calcanhares no flanco do cavalo e voltou ao caminho que levava, mas não chegou lá.

Primeiro sentiu um fulminante suor frio, depois nublou-se-lhe a vista, perdeu o controlo das pernas e dos braços e acabou por tombar na erva, derrubado por um fatal desmaio.

Capítulo 6

Catedral de Nossa Senhora. Antuérpia. Novembro de 1482

Tinham tapado com cortinados a entrada da nova capela propriedade do Consulado de Mercaderes de Castilla para celebrar a sua inauguração, razão pela qual muitos dos assistentes aguardavam no deambulatório da catedral que se desse início ao acto. Entre eles estavam os três criadores do vitral que ia ser mostrado ao público pela primeira vez, e em especial os seus juízes do consulado que o tinham financiado.

Hugo de Covarrubias tinha Ubayda consigo, orgulhoso dela, como também da sua gravidez de quatro meses que já se começava a notar.

A única coisa que empanava a alegria do momento era não saber de *Aylal* havia já cinco dias, o que o preocupava. O falcão tinha liberdade para ir e vir à vontade, pelo que desconhecia até onde chegavam os seus voos e explorações. Tinha decidido tirar-lhe as correias ao imaginar como seria a sua vida se estivesse limitada a uma vontade alheia, no caso de *Aylal*, a dele. Este pensamento afectara-o de tal maneira que se sentira pior do que um carcereiro, e a partir de então deixara que o gerifalte voasse quando quisesse. *Aylal* aproveitava esta inesperada liberdade para desaparecer, por vezes durante horas ou, como naquela ocasião, dias.

Quanto aos outros dois mestres vitralistas, Niclaes Rombouts fora sozinho, pois continuava solteiro, enquanto Van Diependaal estava acompanhado pela sua belíssima mulher, com um aspecto tão saudável que nada fazia lembrar o estado crítico em que se encontrara meses antes. Falava com Ubayda, que já conhecia, para protegê-la dos olhares de rejeição dos cônsules e respectivas esposas.

Quando faltavam cinco minutos para se dar início ao acto, apareceu, muito apressado, o banqueiro de comerciante castelhano Martín de Soria. Cumprimentou uns e outros até que de súbito deu com Hugo. Sem perceber o que estaria ali a fazer, foi informar-se. De caminho reparou na mulher que estava

pendurada do seu braço e pareceu-lhe familiar: era a mesma com que Hugo tinha aparecido para saldar a sua dívida, pensou. Mas como na altura a julgara escrava, pareceu-lhe estranha a sua presença, e sobretudo o luxo do vestido.

– Mas que grande surpresa! Pergunto-me que razões podem ter trazido até esta catedral o meu bom amigo Hugo de Covarrubias – olhou para Ubayda, sem saber que nome dar àquela relação – e a sua... talvez criada?

Hugo rodeou com um braço a cintura de Ubayda.

– Receio que estejais enganado – respondeu orgulhoso. – É a minha esposa, Ubayda.

Não estavam formalmente casados, mas para eles era o mesmo.

– Senhora...

Martín de Soria pegou na mão de Ubayda e beijou-a com respeito, o que provocou um murmúrio de censuras em alguns dos assistentes, que não conseguiam perceber como fora permitida a presença daquela mulher semi-selvagem no meio deles.

– Não sei se recordais o que vos disse quando voltei de África, embora compreendesse se não. Não tem importância. Se me vedes aqui é porque participei na realização do vitral que ides conhecer dentro de minutos.

Face à expressão de perplexidade que se instalou no rosto de Martín de Soria, Hugo decidiu estender um pouco mais as suas explicações. Os olhares de assombro sucederam-se à medida que o homem foi sabendo com quem Hugo trabalhara nos últimos anos. Quando Hugo acabou, Martín resumiu a sua trajectória mal querendo acreditar.

– Ou seja, tornastes-vos mestre vitralista, dizeis que Van Diependaal foi o vosso principal mentor, que partilhais um ou outro trabalho com Niclaes Rombouts e que ainda por cima conheceis o famoso Peter Hemmel, com quem trabalhastes na execução dos vitrais da catedral de Ulm... – A simples relação daqueles nomes parecia impressionante. – Não há dúvida de que vos rodeastes dos melhores vitralistas que hoje é possível encontrar na Europa. Felicito-vos. Quem o diria quando viestes pedir-me dinheiro para uma mina de sal no deserto? Ou quando vos mostrei esta capela, ainda por construir, e vos falei do nosso projecto de instalar nela um vitral?

Hugo assentiu, a sorrir.

– Não queria cometer um erro, mas acaso esperais um filho? – acrescentou pouco depois Martín de Soria. Apontava para a barriga de Ubayda, que começava a notar-se debaixo da saia.

Foi ela que respondeu, como aquele sorriso mágico de que Hugo tanto gostava, tanto que se derretia só de vê-lo.

– Nascerá em Abril e não imaginais como estamos felizes. E vós, tendes filhos?

– Não tive essa sorte. Deus não o quis; como não quis dar-me uma mulher...

O som de uns sinos obrigou-os a voltarem-se. Viram sair da sacristia um cortejo de clérigos que de imediato se dirigiu para eles, encabeçado por três meninos de coro que transportavam um grande crucifixo e dois grossos círios. Atrás deles caminhavam seis homens ataviados com paramentos litúrgicos que entoavam um cântico em latim.

Detiveram-se diante dos cortinados, os rapazinhos afastaram-se para os lados, e o que parecia officiar a cerimónia pronunciou as três primeiras palavras de uma oração a que os restantes sacerdotes logo se juntaram. Uma vez terminado o cântico, foram rezados cinco pais-nossos em honra das cinco chagas de Jesus Cristo e sete ave-marias como veneração das sete glórias da Virgem. Com o último ámen, Martín de Soria foi convidado a abrir os cortinados, o que provocou um imediato coro de exclamações nos presentes, enfeitiçados pelo brilhante jorro de cores que lhes atingiu as retinas vindo do vitral. Era tal a intensidade luminosa que os vidros deixavam passar para o interior que mal permitia observá-los em pormenor, até que graças à passagem de uma nuvem a visão esfriou e puderam admirá-los mais detidamente.

Na lanceta superior encontravam-se as armas de Castela e Aragão integradas num só escudo suportado por dois leões, em homenagem aos reis Isabel e Fernando. Tinha sido realizado por Niclaes, cujo estilo peculiar se reflectia na maneira de trabalhar as cores e também no ligeiro tom de ocre que dera a todo o fundo. Chamava a atenção a delicada precisão dos mais pequenos pormenores de cada escudo. Por baixo da armação daquele vitral superior, organizava-se o resto da composição pensada por Van Diependaal e na sua maior parte executada por Hugo.

O oficiante continuava a dirigir as suas orações sem que os presentes lhe prestassem grande atenção. Uns contemplavam a árvore genealógica da Virgem,

outros o conjunto em geral, e uns poucos apreciavam a cuidada estética do cavalo do apóstolo Santiago, orgulho de Hugo quanto à sua execução. Entres estes contava-se Niclaes, que bem conhecia a dificuldade de desenhar com chumbo aquelas crinas e aquela cauda. Assombrou-se com a perfeição da cabeça, do olhar. Parecia estar vivo, como se quisesse cavalgar através do vitral.

Ubayda, agarrada ao braço de Hugo, apertou-se contra ele, emocionada e orgulhosa, e deu-lhe um longo beijo na face, e foi nesse instante que viu Damián de Covarrubias, recém-chegado à catedral de Antuérpia e uns escassos dez passos à frente de Berenguela.

Hugo tardou mais alguns segundos a vê-los. Reconheceu nesse instante o seu irmão adoptivo, depois reconheceu-a a ela, e sentiu-se de súbito estranho.

Damián olhava para Ubayda e Hugo olhava para Damián, e depois para Berenguela.

Que começava a achar divertida tanta atenção.

Se estava ali era graças ao aviso de Jacob Grosenberg. Fora ele que lhe dissera que um dos criadores do inaugurado vitral era Hugo de Covarrubias, e como estavam envolvidos numa investigação sobre a sua família e sabia, de conversas anteriores, o que aquele jovem significava para a amiga, enviara um correio a cavalo para a avisar. Tanta alegria lhe proporcionara a notícia que não hesitara em fazer a viagem desde Bruges e apresentar-se na catedral acontecesse o que acontecesse.

Alheio à importância daquele momento, o oficiante do acto começou a percorrer o perímetro da capela com um incensário na mão, detendo-se diante do altar, da formosa imagem da Virgem, depois do vitral, ao qual dedicou três baforadas de incenso: primeiro à direita, depois à esquerda e por fim ao centro, enquanto recitava uns salmos.

Para terminar, beijou o altar e olhou para a imagem da Virgem.

– *Salve Reginaaaa...*

Deu o tom para que os assistentes o seguissem, enquanto Damián não tirava os olhos do irmão.

Tinha-o dado como perdido nalgum deserto africano, a apanhar sal, ou pelo menos muito longe do seu mundo, quando não morto às mãos de Policarpo. Como não conseguia compreender por que razão ali estava, e tinha Martín de Soria muito perto de si, aproximou-se para lhe falar.

– Sabíeis que o meu irmão ia aparecer? Que diabo faz ele aqui? E quem é essa negra que o acompanha?

Irritado pela indesejável surpresa, quase lhe faltava o ar. Não queria imaginar Hugo a meter o nariz na empresa e na sua vida, a pedir-lhe explicações de tudo, ou até a exigir-lhe uma parte dos lucros. Agora que tinha tudo organizado e os seus negócios estavam a correr o melhor possível, tinha de aparecer aquele inconsciente.

Martín respondeu em voz baixa para não chamar a atenção.

– Foi uma surpresa tão grande para mim como para vós, podeis crer. Ao que parece, estive a aprender nestes últimos três anos com um dos mais afamados vitralistas europeus até tornar-se um deles. E se hoje está aqui é porque participou na realização do nosso vitral. – Apontou-o. – Ah...! E a negra de que falais é sua esposa, de quem espera um filho.

Damián não saía do seu assombro, como também não compreendia o que fazia ali Berenguela. Soubera da sua chegada a Bruges e imaginava-a a viver com Renata, mas não tivera uma única notícia dela. Por isso a sua presença naquele acto não deixava de o surpreender. Muitos meses antes fora informado das suas frequentes visitas aos pais em Burgos, notícia que o deixara inquieto, e não esquecia aquele conjunto de gazuas que tinha descoberto antes de partir para Burgos. E tanto então como agora interrogava-se. Que andaria a tramar para reaparecer em Bruges, quando pensara que não ia voltar a sair de Burgos pelo resto da sua vida? Não sabia, mas, também, como soubera da presença de Hugo na catedral quando nem ele, que custeara uma boa parte do templo, tinha sido informado? Quem lho teria dito? Porque era sem a mínima dúvida esse o principal motivo do seu aparecimento.

Muito longe das especulações do marido, Berenguela sentia-se imensamente feliz por voltar a ver Hugo e ansiava falar com ele. Mas quando se apercebeu de que não estava sozinho e reparou na mulher que o acompanhava, muito mais do que uma conhecida a julgar pela sua proximidade e atitude, apagou-se-lhe de súbito o sorriso e a partir de então tudo mudou.

Por um instante, foi por sua vez alvo da atenção de Ubayda, o que fez desviar o olhar para os oficiantes, afogada num mar de perguntas. Se se tratava da esposa, e era o que parecia, como tinha chegado à sua vida? E sendo africana e de uma cultura tão diferente, que vira ele nela para a transformar em sua amada?

Voltou a observá-la de soslaio e não pôde evitar uma imediata pontada de ciúmes.

A paz absoluta que aquela mulher transmitia levou-a, sem o pretender, a comparar-se com ela, e o resultado foi penoso, e ainda mais quando a outra mulher se pôs um pouco de lado e descobriu que estava grávida. Aquilo afectou-a muito. Hugo ia ser pai, mas não com ela, com outra mulher que via apaixonada por ele; não era preciso ser-se muito perspicaz para o ver no seu olhar. E sentiu-se mal, agoniada.

Quando os seus olhos encontraram os de Hugo, evitou-os e voltou a sua atenção para a cerimónia, sem conseguir concentrar-se, pois não era capaz de deixar de pensar nele. Talvez por isso, no meio de todos aqueles turbulentos pensamentos, o que julgava adormecido despertou. E a paixão por Hugo fez-se de novo realidade e provocou-lhe uma sucessão de suspiros tão fundos que receou ser ouvida acima das litanias dos clérigos. Lamentou como nunca não ter sabido conquistá-lo na altura própria e agora ter de ver outra receber a sua ternura, os seus olhares, o seu amor e as suas carícias.

– Passa-se alguma coisa? – Damián, com toda a sua má-fé, tinha notado o esgar na expressão dela e adivinhara a causa. – Afecta-te assim tanto?

Berenguela olhou através dele e afastou-se sem uma palavra.

Da sua nova posição, tinha a mulher que acompanhava Hugo de frente, a alguma distância, mas não tanta que cada uma não adivinhasse o que ia pela cabeça da outra. E Berenguela sentiu-se pior. Tanto que começou a desejar que o acto terminasse o mais depressa possível para poder desaparecer dali e ir morrer de desgosto; para chorar até secar a sua renovada dor.

Também Ubyda a olhava; tinha-a reconhecido graças ao pedaço de vidro que Hugo lhe mostrara certa vez e não lhe custou muito saber o que continuava a sentir por ele. As suas expressões, que mal dissimulava, diziam tudo. Tocou no ventre. Dentro dele crescia o fruto do seu amor com Hugo, um amor grande e definitivo. Um amor que naquele preciso momento a aliviou pensar que se tornara impermeável a Berenguela.

O oficiante, depois de entoar e *Pange Lingua* e o *Tantum Ergo*, procedeu à bênção da capela, da imagem da Virgem e do vitral, segurando um cálice nas mãos envoltas nas dobras de uma estola de seda e ouro. Todos os presentes assistiram à cerimónia de joelhos, incluindo Ubyda, por respeito. Cantaram o

Laudate Dominum antes de dá-la por concluída, e quando estavam na «glória» final foram-se pondo de pé à passagem do cortejo de regresso à sacristia.

Foi a partir de então que os encontros e os cumprimentos se tornaram obrigatórios, apesar de não desejados por todos.

– Berenguela... Há quanto tempo... – Hugo não encontrou melhor maneira de começar. Estranhou a exagerada distância que mantinha em relação ao marido, mas não lhe pareceu oportuno perguntar. – Apresento-te Ubayda, a minha esposa.

Cumprimentaram-se com uma inclinação de cabeça, sem deixarem de olhar-se.

– Vejo que esperam um filho... – Apontou para o ventre de Ubayda, mas a sua voz não soou natural, não como a que Hugo recordava, e sim tensa e um pouco forçada. – Dou-lhes as minhas sinceras felicitações.

– A verdade é que estamos encantados, sim – disse Ubayda, a olhar com ternura para Hugo, o que aumentou a frustração de Berenguela.

Damián também a felicitou, mas pegou num braço do irmão e afastou-se para falarem a sós.

– Tanto quanto julgo saber há já algum tempo que vives na Flandres, e no entanto não foste ver-me. Recordo-te que somos o mais parecido com dois irmãos de sangue.

Hugo não quis confessar-lhe os verdadeiros motivos e usou como desculpa as dificuldades económicas que tinham conhecido até Van Diependaal o ter nomeado seu ajudante. Uma situação que o levava a evitar qualquer despesa fora das necessárias para viver, categoria em que não se enquadrava viajar de Lovaina a Bruges. Como segundo pretexto referiu a sua posterior estada na Alemanha, referiu alguns dos trabalhos que por lá fizera e sobretudo como tinha sido feliz com a sua mulher.

– Não imaginas como é...

– Apesar da cor é bastante formosa, tenho de reconhecer.

O comentário denotava um sentimento de superioridade que Hugo reprovou de imediato, embora não quisesse envolver-se numa discussão que podia azedar depois de terem passado mais de seis anos sem se verem e apesar de não ter esquecido tudo o que de estranho acontecera entre a bela italiana e Berenguela. Pareceu-lhe um assunto antigo, tão afastado no tempo que não queria voltar a dar-lhe importância. Recordou, no entanto, uma outra questão bem mais grave.

– Para que saibas, o nosso querido Policarpo esteve perto de matar-me em Ifríquia.

– Policarpo? Mas como é possível ter feito uma coisa dessas?

Damián ergueu tanto a voz na sua fingida indignação que atraiu a atenção de Berenguela, na altura a falar com Ubayda de temas banais.

– Viste Policarpo? Que sabes dele?

Juntou-se a eles sem dissimular a sua inquietação, e Hugo recordou as últimas palavras que o patife lhe atirara à cara antes de o abandonarem à sua sorte em Quastiliya.

– Pouco faltou para o matar – confirmou Ubayda. – Se não fosse *Aylal*, tê-lo-ia feito.

– *Aylal*? – perguntou Damián.

– *Aylal* é o meu falcão – disse Hugo, sem mais explicações. – A meio da luta, atirou-se à cara dele, cravou-lhe as garras nos olhos e deixou-o cego. Mas nem mesmo assim... Um mês mais tarde Policarpo voltou a tentar o mesmo antes de abandonarmos a cidade. Por sorte, falhou mais uma vez. Foi a última vez que o vimos. Imagino que continuará a deambular pelas ruas, acompanhado por um cão e a pedir esmola.

Berenguela levou as mãos à boca, espantada. Por que teria Policarpo querido matar Hugo? Não entendia nada, mas as suas recordações viajaram no tempo e voltou a sentir aquele homem a seu lado, a partilhar pensamentos, emoções e mais de um furtivo beijo. E aquilo fê-la sofrer tanto que não conseguiu aguentar mais. O renascer dos seus sentimentos por Hugo, encontrar-se com o canalha do marido e a existência de Ubayda e a sua gravidez fizeram que se apagassem de um só golpe as poucas esperanças que lhe restavam de um dia o recuperar. E tudo o que se passara, somado ao fatal destino de um dos poucos homens que a tinham respeitado e considerado ao longo da vida, foi motivo suficiente para romper em pranto, fazer meia volta e sair da capela a correr, sem se despedir de ninguém nem olhar para trás.

Hugo viu-a partir com o coração confuso. Pareceu-lhe tão desprotegida que sentiu uma enorme pena dela, o que o levou a decidir que logo que pudessem lhe fariam uma visita em Bruges, ainda que isso significasse voltar a encontrar-se com o seu irmão adoptivo. Ubayda, agarrada ao seu braço, adivinhou o que estava a pensar e respeitou o seu silêncio. Mas quando minutos depois ficaram

sós, procurou-lhe o ouvido para dizer em confidência algo que não suportava guardar mais tempo no peito.

– Amo-te com todo o meu ser, desde o mais fundo de mim até ao último poro da minha pele, e quero que o saibas.

Estavam prestes a abandonar a capela quando Niclaes Rombouts se aproximou deles a correr. Tinha no rosto uma indisfarçada expressão de felicidade.

– Hugo, espera! Martín de Soria, a quem há pouco me pareceu que conhecias, acaba de fazer-me uma encomenda excepcional, algo de grande! E não há muito disse-te que quando tivesse um projecto como este pensaria em ti.

Hugo lembrava-se muito bem.

– Que género de encomenda é?

– Excepcional. Imagina: a sua promotora é a rainha Isabel de Castela, e o trabalho, dezassete vitrais para uma cartuxa em Burgos, numa nova igreja que acolherá o mausoléu do pai, o rei D. João II. E quiere-os instalados em menos de dois anos. O templo está a ser erigido por Simón de Colonia, um velho amigo e excelente construtor. Parece que foi ele que me escolheu, e que foram os reis que decidiram que Martín de Soria se encarregasse da contratação, pagamentos, transporte e organização do trabalho. – No seu rosto não cabia mais emoção. – Aceitas, então? Pensa que terias de ir a Burgos: tirar as medidas dos vãos, sentir a sua luz, as suas possibilidades.

Hugo não hesitou.

– Conta comigo. Mas só se me permitires assumir em exclusivo uma parte do trabalho para que tenha o meu selo, como me disseste há tempos. Se estás de acordo, tem-no por feito; eu convencerei Van Diependaal.

– Não vai ser difícil. Ontem à noite fiquei a saber que acaba de receber uma dupla encomenda: restaurar os vitrais da catedral de Milão e montar uns novos noutra cartuxa, a de Pavia. Não são trabalhos menores, são de longa execução, desses que o fascinam. Por isso conta com a sua bênção. Milão e Pavia vão mantê-lo muito ocupado e disse-me que por aqui não tinha nada.

– Então não falemos mais... Quando começamos?

– Amanhã.

Capítulo 7

Bruges. Ducado da Borgonha. Dezembro de 1482

Klauss Grosenberg morreu poucos dias depois de ter chegado a Antuérpia, depois de uma insofrível e interminável viagem desde Burgos. Com o passar dos dias, a ferida na coxa fora ganhando pior cor. Por altura de Tours foi atacado por umas terríveis febres que se agravaram quando atravessava Paris. Deixou de comer em Lille, e quando chegou a Antuérpia parecia um autêntico cadáver.

Jacob Grosenberg teve tempo de ouvir o que o sobrinho averiguara em Medina del Campo, a história da sua acidentada visita ao notário de Burgos e conheceu de viva voz o conteúdo dos documentos que memorizara relacionados com a herança de Berenguela Ibáñez de Covarrubias. Mas foi por milagre. Porque no dia seguinte a ter estado com ele, Klauss deixou de falar e doze horas mais tarde fechou os olhos e passou a melhor vida.

O tio chorou-o até ao dia do enterro e passou os seguintes esmagado por um profundo sentimento de culpa, agravado pelas duras recriminações dos pais de Klauss, que não hesitaram em acusá-lo do óbito. Ao princípio assim o assumiu e por isso decidiu passar o seu luto em solidão, o que lhe custou cair doente. Deixou de comer, sofreu febres e males de todo o género, até que purgou aquela profunda dor à sua maneira, voltou a comer como de costume, a dar os primeiros passeios e sobretudo a reduzir o tempo que passava a martirizar-se por causa de Klauss. Com tudo isto recuperou a cor e a sua anterior vitalidade e, quando se sentiu melhor, a obrigação de encontrar-se com Berenguela para pô-la ao corrente.

Na manhã seguinte à festa da Epifania do recém-estreado ano de 1483, Jacob Grosenberg contornou Bruges para dirigir-se a uma das eclusas do porto de Damme, depois de ter marcado encontro com ela através de um emissário. Tinha escolhido um local de encontro discreto: o castelo de popa da nau *Snel*, com que trabalhava habitualmente para o envio dos seus tecidos.

Chegou com tempo, quase duas horas antes de Berenguela.

Quando ela entrou no camarote do capitão, a sua expressão reflectia ansiedade.

– Que notícias trazeis?

Sentou-se apressada e achou-o muito abatido e triste.

– Más! Não, péssimas! Mas antes de vo-las dar, como correram as coisas em Antuérpia? A informação que me deram estava correcta? Conquistes ver Hugo?

Berenguela preferiu não aprofundar demasiado o assunto. Agradeceu o aviso e em seguida resumiu o encontro em duas pinceladas, sem mencionar os dolorosos efeitos anímicos que ainda arrastava.

– Falemos antes de vós, que me tendes muito preocupada.

Grosenberg baixou o olhar para lhe comunicar o falecimento do sobrinho.

– Que dizeis? – Além da notícia, afectava-a a evidente prostração do seu benfeitor. – Teve alguma coisa a ver com a viagem a Burgos?

– Sem dúvida, sim...

Grosenberg explicou-lhe onde e como Klauss fora ferido, para que entendesse por que razão não podia entregar-lhe os documentos, nomeou três dos antigos fornecedores do sogro com que Klauss conseguira falar e revelou a maneira como Damián conseguira passá-los primeiro para os Ibáñez e depois para as suas mãos.

– Em resumo, temos várias testemunhas das fraudes que cometeu contra o meu sogro e também da conivência do meu pai, uma coisa em que nunca quis acreditar apesar das suspeitas que tinha. Mas essa história dos documentos não bate certo. Se existia um testamento que nos beneficiava à minha mãe e a mim, que sentido faz o meu pai ter assinado outro em que deixa a maior parte do património familiar ao meu marido, e ainda por cima sem data? Trata-se de uma manipulação em toda a regra, e tem de ser obra de Damián. Mas dele pode-se esperar tudo – concluiu, num tom de voz mais acalorado.

– A quem o dizeis... – murmurou Grosenberg.

– Seja como for, uma vez que não conseguimos esses papéis, continuamos a não ter uma prova conclusiva para o denunciar. Porque não sei se a mulher que falou comigo para que lhe explicasse onde e como podia localizar a caixa de ferro no escritório do meu marido deu algum passo nesse sentido.

– Infelizmente deu, mas descobriram-na muito antes de tocar na caixa. Entrou pela janela do telhado que lhe recomendastes, através da qual acederia a um sótão que se supunha meio abandonado mas que estavam a arrumar naquele preciso momento. Foi presa.

Berenguela desviou a atenção para a desordenada mesa do capitão, onde não haveria menos de cinquenta pergaminhos espalhados sem qualquer ordem, afectada pelos maus resultados obtidos. Mas pareceu-lhe mal partilhar essa sensação com Grosenberg quando uma mulher tinha perdido a liberdade e um jovem a vida por causa daquilo.

– E agora, que fazemos?

– Cheguei à conclusão de que só há uma possibilidade: tendes de voltar a Burgos e apresentar-vos no cartório de Santiago de Frías acompanhada por um representante da autoridade. Como já sabemos que tem à sua guarda as últimas vontades do vosso falecido pai, as verdadeiras e as que supomos falsas, terá de entregar-vo-las, queira ou não, tenha ou não relação com os interesses do vosso marido.

– Viajar de novo a Burgos... Compreendo.

A ideia não lhe desagradava. A separação da mãe, que voltara a deixar no convento, estava a fazê-la sofrer. Mas também entendia que demandar o marido sem ter provas era uma insensatez, havendo o risco de ele se desfazer dos documentos mais comprometedores. E era óbvio que estava mancomunado com o homem que até agora os guardava.

Grosenberg, sem saber o que ela pensava, manifestou a mesma opinião.

– Precisamos de ter provas na mão para que um juiz possa sentenciar de forma definitiva contra Damián de Covarrubias. E para isso tereis de preparar-vos muito bem para que no dia em que vos apresentardes no cartório desse notário ele vos veja com uma atitude firme e não possa fugir às suas responsabilidades. Por isso sede muito discreta e não comenteis com ninguém as vossas intenções; sobretudo lá, mas aqui também. Nunca se sabe que ouvidos podem estar atentos ao que dizeis. Não sei se me faço entender?

– Iríeis comigo?

– Nada me agradaria mais, mas receio que não possa ser. Tereis de fazê-lo sozinha. Imagino que a vossa determinação seja absoluta, mas tende cuidado porque a empresa pode envolver alguns riscos. Por exemplo, que o tal Santiago

de Frías não reaja às vossas solicitações como deveria, e sabemos que tem gente violenta a seu soldo.

– Desta vez vou até ao fim! – Deu uma palmada nos joelhos. – Não estou disposta a permitir que me roube e leve a sua avante com total impunidade, como tem feito até agora. Quero que todos saibam o que é: um trapaceiro e um desavergonhado. Como marido foi um absoluto desastre, mas isso seria metermo-nos noutro assunto. De momento, preciso de convencer esse notário para voltar com o mais parecido com uma sentença nas mãos.

Grosenberg estava preocupado com a ideia de ela ir sozinha.

– Por que não pedis à vossa amiga Renata que vos acompanhe?

Berenguela nem hesitou.

– Já lhe pedi demasiados favores e tem muito trabalho. Impossível. Não vos preocupeis, não preciso de ninguém.

Grosenberg ofereceu-se para organizar o seu embarque nos primeiros dias de Fevereiro, para que tivesse tempo de preparar-se, e ela respondeu a mais esta prova de amabilidade beijando-o na face em agradecimento das suas impagáveis atenções.

– Não sei como agradecer-vos tantos favores.

– Já estais a fazê-lo. E não podíeis ter encontrado maneira melhor do que esta...

Tocou na face, a sorrir.

Capítulo 8

Porto de Damme. Mar do Norte. Janeiro de 1483

A meio mês de aceitar a encomenda, Hugo dirigiu-se ao porto de Damme para embarcar no navio que o levaria a Bilbao e dali a Burgos, com dois objectivos em mente: conhecer a cartuxa de Santa María de Miraflores e visitar finalmente o pai.

Tinha de medir todos os vãos da nova igreja em construção e recolher qualquer informação que lhes fosse útil para decidir com Niclaes as cores, a espessura dos vidros e a localização de cada uma das cenas encomendadas. E com o pai, precisava de resolver uma coisa tão imaterial como uma relação desfeita havia muito tempo e receber com verdadeira ansiedade um abraço seu.

A despedida de Ubayda fora dolorosa e dura, ainda que carregada de ternura e de mil declarações de amor. Ela dera-lhe tantos beijos como os dias que ia estar ausente para que, segundo dissera, os recolhesse um a um até que voltasse. E no último instante, antes de subir para a carruagem, ele procurara-lhe a boca e unira-se a ela com a mesma paixão do primeiro dia em que o seu amor florescera. *Aylal* parecera pressentir qualquer coisa. Tinha ficado pousada em cima da cabina do coche e ali se mantivera todo o caminho, até que Hugo chegou ao porto. Mal ele pisara o cais, tinham-se entreolhado. Ele acariciara-lhe a cabeça, pedindo-se que fizesse companhia a Ubayda, e a ave respondera com um olhar esquadrinhador, como se estivesse a tentar averiguar se aquela ausência ia ser como as suas, de horas, ou de um par de dias no máximo, ou se ele ia por muito mais tempo.

Quando a carruagem iniciou o caminho de regresso a Lovaina, *Aylal* fez o mesmo, depois de ter inspeccionado do ar o navio onde o dono embarcara. Ao vê-la ir, Hugo recordou as horas anteriores à sua partida.

Naquela manhã, enquanto acabava de arrumar as suas coisas num pequeno baú de viagem, Ubayda repetira-lhe cem vezes que fosse tranquilo, sem medos,

desvalorizando o facto de ir ficar sozinha em Lovaina durante os dois meses que ele podia demorar. Recordara-lhe que tinha gente para a ajudar em caso de necessidade, instara-o a pensar apenas em fazer bem o seu trabalho na cartuxa, a voltar o mais depressa possível e, sobretudo, em fazer as pazes com o pai. Ele insistira em que o acompanhasse, como já fizera outras dez ou doze vezes desde que soubera a data da partida, mas ela mantivera-se firme na sua negativa e lembrara-lhe que estava grávida de mais de seis meses antes de fazer uma rápida descrição das incomodidades de uma tão longa viagem em pleno Inverno. Argumentos que tinham sido suficientes para que ele desistisse das suas tentativas.

Doze dias mais tarde, o navio que transportava Hugo entrou na embocadura do porto de Bermeo com tudo pronto para atracar. A visão dos molhes, das bonitas casas e dos outros barcos amarrados provocou nele um agudo ataque de saudade ao recordar as intensas horas vividas naquele lugar poucos anos antes. Recordou Unai, que não só o ensinara a remendar redes e preparar aparelhos como, graças à sua cumplicidade, lhe permitira escapar a Policarpo e aos seus homens embarcando no último momento numa nau que soltava amarras pouco antes do anoitecer: a *Santa Ana*.

Mas Bermeo significava, além disto, recordar o nobre capitão Obeko e o seu querido Azerwan. Começara ali uma apaixonante aventura que o levava a conhecer os confins da Terra, dos mais frios aos mais secos, mudando-lhe a vida para sempre.

Estudou com ansiedade cada uma das seis naus que descansavam no porto de Bermeo, à procura da *Santa Ana*, mas nenhuma era parecida. A chegada ao porto coincidiu com o aparecimento de uma grande nuvem negra que decidiu despejar todo o seu conteúdo de uma só vez. O forte vento de norte e a baixa temperatura da época fizeram o resto, de modo que Hugo deu por si no meio do povoado encharcado e a tentar lembrar-se de onde tinha ceado com Unai, para conseguir comer qualquer coisa e já agora um quarto para passar a noite. Acabou por situar-se ao reconhecer a praça principal do povoado, e nela algumas das casas por cujos telhados tinha corrido durante a fuga. Numa esquina encontrou o que procurava: a taberna de Xabier.

A primeira lufada de cheiro a suor e a mau vinho foi-lhe tão familiar que não hesitou em procurar mesa e esperar que o servissem. Uma rapariga de poucas

carnes mas bonita de cara aproximou-se no mesmo instante e começou a cantar a lista do que podia cear.

– Se precisais de aquecer, tenho uma sopa de couve, cebola e alho-porro com banha que virá a calhar. Mas se estais com mais fome, pedi o porco assado: é um prato que inclui todas as suas carnes e vísceras picadas com ovo, sal, queijo velho, cebola, alho e uma pitada de cominhos. O animal é recheado com esta mistura e depois assado no forno até que a pele fique estaladiça. Uma delícia, podeis crer. Ou se preferis peixe, temos uma empada de congro com pinhões e amêndoas moídos que é de lamber os dedos.

Esperou o pedido armada com um generoso sorriso, mas a única coisa que obteve foi uma pergunta.

– Sabeis onde posso encontrar um pescador chamado Unai? Sabeis a quem me refiro?

Ela pensou por um instante.

– Desde que não estejais a falar de Unai Mozkorra... Unai, o Borracho, como as pessoas lhe chamavam. – A sua expressão ensombreceu de repente. – O pobre morreu há seis anos, ao cair à água da sua pinaça, com mais álcool do que força nos braços para sair dela. Era muito querido em Bermeo, apesar de toda a gente saber que acabaria mal. Foi uma verdadeira desgraça...

Hugo lamentou a perda daquele homem que entre arrotos de vinho e monumentais roncos tinha uma interessante filosofia de vida. Ainda recordava o seu conselho: «Rapaz, a um homem de verdade não há nada que lhe resista se puser no empreendimento suficiente esforço e empenho.»

– Trazei-me a sopa. Acho que fiquei sem apetite para coisas maiores.

A rapariga voltou com uma jarra de vinho e um cesto com pão de milho e bolota. Hugo provou o vinho, mas era tão mau que precisou de um bom pedaço daquele modesto pão para neutralizá-lo. Estava absorto nisto quando ouviu nas suas costas uma voz conhecida.

– Mas quem raios temos nós aqui?

Ao voltar-se, Hugo viu à sua frente o aparatoso físico do capitão Obeko.

– Capitão! Que alegria ver-vos! – Pôs-se de pé com a intenção de apertar-lhe a mão, mas acabaram fundidos num abraço que, pensou Hugo, ia custar-lhe pelo menos uma costela. – Como não vi a *Santa Ana*, imaginei-vos por aquelas Terras Novas, além dos mares.

– Pobre velha! Estava tão achacada e remendada que a perdi, há-de fazer três anos, com a barriga cheia de óleo de baleia. Amaldiçoei todo o seu cavername, aparelhos e mastreação por não ter aguentado até desembarcar a mercadoria, mas mesmo assim tenho saudades dela.

Hugo convidou-o a sentar-se e pediu à rapariga que lhes levasse uma garrafa de sidra e outros talheres. Anulou a sopa e trocou-a por dois pratos de porco no forno.

– Quer dizer que não tendes navio?

– Perder um navio não chega para abater um homem nascido no monte Aoiz e criado entre os carvalhais de Artzubi. Claro que tenho! Agora navego com a jovem *Santa Úrsula*. Tens de conhecê-la. Tal como aconteceu à santa do seu nome, que ao que parece resistiu à esmagadora força de Átila para defender a sua virgindade, a minha nova nau conseguiu sobreviver a uma das mais terríveis tempestades que enfrentei em toda a minha condenada vida. É sólida e rija como nenhuma outra, sim senhor... E que é feito de ti e do maluco do tunisino?

Hugo acusou a recordação do amigo, ao ponto de começar a reviver com Obeko um dos melhores episódios da sua vida, os três embarcados na *Santa Ana*.

Foi de cabeça baixa que deu a fatal notícia.

– Morreu ao pé das salinas que conseguimos comprar, às mãos de um fanático que decidiu acabar com o nosso sonho e de passagem com a vida de todos os trabalhadores que tínhamos. Um autêntico horror!

Em sinal de pêsames, Obeko deu-lhe uma palmada nas costas que primeiro o fez tossir e depois lhas deixou dormentes. Hugo pensou na bela nódoa negra com que ia ficar.

– O destino é um cão quando resolve torcer-se...!

A rapariga pousou em cima da mesa uma terrina de barro com um bom pedaço de assado. Trinchou-o com uma faca, provocando irreprimíveis desejos nos outros comensais que ouviram o estalar da pele bem tostada. Começaram a dar conta dos pratos, quase sem falarem, até que Obeko quis saber mais coisas a respeito dele.

– Regressei à Flandres em busca de um trabalho para o qual descobrira que estava talhado: a construção de vitrais.

– Quer dizer que agora te dedicas a pintalgar vidros para os padres?

A «subtileza» da análise fez Hugo sorrir.

– Mais ou menos, mas não imaginais o gozo que me dá. O meu trabalho é jogar com o fogo para fundir a terra e sacar dela emoção e luz. Desenho cenas do Antigo e do Novo Testamentos sobre fragmentos de vidro irregulares, para que quando a luz os atravesse as suas personagens vibrem e encham os templos de cor. As pessoas impressionam-se ao vê-los, há quem reze, outros nem reparam... Mas, de uma maneira ou de outra, foi a melhor coisa que me aconteceu na vida. Bem, isso e encontrar Ubayda, a minha mulher.

– Que merda de nome é esse para uma senhora?

– Um dos mais bonitos, e sem dúvida o melhor mar onde pude lançar as minhas redes... – Deixou aquela frase no ar. – Lembrai-vos de que foram estas as vossas palavras quando nos despedimos no porto de Ruão? – Obeko não as tinha tão presentes como ele. – Pois fiz tanto caso delas que espero um filho.

– Excelente notícia, rapaz. Pelo que vejo, as coisas não te correram mal. Fazes aquilo de que gostas, tens a companhia de uma boa mulher e esperas descendência. A que se deve então a tua visita a Bermeo?

Hugo explicou a natureza das suas encomendas em Burgos e a necessidade de conhecer o local onde os vitrais ficariam instalados antes de começar a fabricá-los. Obeko escutava, mas na sua cabeça persistia a amarga recordação de uma frase que Hugo lhe revelara uma noite quando estavam os dois no convés, uma frase dita pelo pai do jovem: «Hugo, és um fiasco.»

– Conseguiste compor as coisas com a tua família?

– Referi-vos ao meu pai, suponho... Vou tentar quando chegar a Burgos. Até agora não tive oportunidade de o fazer porque não nos voltámos a ver. Só vós sabeis o bem que isso me faria...

Obeko dedicou os minutos seguintes a roer um pedaço de entrecosto, que empurrava com frequentes tragos de sidra. Mantinha-se silencioso, mas a sua cabeça não parava de funcionar; tinha-lhe ocorrido uma ideia.

– Agora que penso nisso, suponho que vais precisar de um navio para trazer toda essa vidraria da Flandres. Como as imagino pesadas e delicadas, quem melhor do que a minha *Santa Úrsula* para protegê-las? Poderia servir-te para essa tarefa?

Hugo ficou surpreendido pela proposta, pois julgava-o ocupado nas artes da pesca. E assim o disse.

– Claro, nunca deixarei de viver a emoção de roubar ao mar uma baleia ou uns milhares de bacalhaus. Mas este ano precisamos de deixar descansar o pesqueiro das Terras Novas e neste momento tenho o barco parado. Vais então contar comigo?

– Com certeza! Acabais de tirar-me um problema de cima. – Deu uma palmada na mesa, encantado com a ideia. – Não sabia como nem com quem contactar para que os vidros chegassem sãos e salvos ao seu destino.

Selaram o acordo com um aperto de mãos e em seguida entregaram-se aos restos do assado de porco, que por aquela altura já estava bastante dizimado. Hugo voltou a pensar no transporte dos vitrais e lembrou-se do rapaz que tinha conhecido a caminho de Portugalete naquela caravana de carroções carregados de lã.

– Poderíeis localizar um amigo que suponho deve continuar a trabalhar para a Hermandad de Carreteros de Burgos y Soria? Chama-se Bruno. Se o conseguirdes, ficais desde já autorizado a contratá-lo para o transporte dos vitrais de Bermeo até Burgos.

– Tem-no por feito! – Fez chocar a sua garrafa de sidra com a de Hugo e beberam-nas de um trago. Obeko pediu outra rodada, e de repente lembrou-se de uma coisa. – Não estás a pensar dormir neste antro, pois não?

– Era o que tinha previsto, sim.

– Pois já podes agradecer-me, pois vou-te poupar aos famosos percevejos de Xabier. Vais comigo para a *Santa Úrsula*: recordaremos os velhos tempos e aproveito para apresentar-te uma boa amiga que reservo para os grandes momentos...

– Agora tendes mulheres a bordo?

– Que porra estás tu a dizer! Falo da minha valiosa barrica, uma que contém o melhor brande que provaste em toda a tua vida.

Capítulo 9

Cartuxa de Santa María de Miraflores. Burgos. Fevereiro de 1483

O jovem construtor Simón de Colonia continuava os trabalhos iniciados pelo seu pai Juan, falecido dois anos antes, que tinha levado para Castela as últimas tendências da arte de construção europeia, a que alguns começavam a chamar flamejante. Ambos instalados em Burgos, as suas obras eram admiradas tanto pelos entendidos como pelo povo comum, dada a perfeição dos trabalhos e o estilo peculiar que lhes conferiam. As agulhas da catedral eram um dos mais recentes exemplos disto. Erguidas em forma de pirâmide octogonal, os seus vértices confluíam a grande altura, quase no céu, com mil adornos de pedra ao longo do percurso, sobretudo folhas de cardo e frondes, que davam ao templo uma monumentalidade nunca vista.

Uma das encomendas que mais atrasos vinha somando, entre todas as aceites por aquela oficina de construtores, era sem a mínima dúvida a cartuxa de Santa María de Miraflores. A cartuxa era um projecto pessoal do rei D. João II de Castela, edificada sobre os restos de um pavilhão de caça e cujo desenho tinha sido encomendado em 1452 ao melhor construtor da época, Juan de Colonia. Em 1464 tinham ficado acabadas as vinte e quatro celas para os monges cartuxos, o refeitório e a cozinha, bem como os claustros e as capelas. Mas a igreja, o verdadeiro culminar do projecto, estava apenas começada. A morte do rei D. João deixara a obra sem o seu principal impulsionador até que, duas décadas mais tarde, a sua filha Isabel decidira retomar os trabalhos por respeito aos desejos do pai e sobretudo com o objectivo de tornar aquela igreja um digno mausoléu para os seus restos mortais, conforme com a grandeza do seu reinado. O desenho do sepulcro, com o do seu jovem irmão e infante de Castela, D. Afonso, fora recomendado pela rainha ao prestigiado escultor Gil de Siloé, embora nenhum dos dois tivesse sido ainda começado devido ao atraso na construção da igreja.

Por tudo isto, o empenho que a cidade de Burgos tinha em ver concluído aquele templo era muito maior do que uma simples dívida para com a Ordem da Cartuxa. Era ver cumprido o sonho de uma rainha: a de Castela.

Para torná-lo realidade, o jovem construtor Simón de Colonia tinha-se dedicado em pleno a essa tarefa a partir de 1477. Por isso, quando Hugo de Covarrubias apareceu pela primeira vez no estaleiro, mal teve tempo para o atender. A escolha do dia não podia ter sido pior: a primeira das cinco abóbadas com que pretendia fechar a nave rectangular acabava de desmoronar-se, devido à má qualidade dos cimbres que a sustentavam. Por sorte, acontecera de noite, e ao desastre material não se somara qualquer desgraça humana.

Mas Simón estava levado de mil demónios.

– Viestes demasiado cedo.

– Mas, meu senhor, eu limito-me a cumprir os planos de quem nos contratou – respondeu Hugo, impressionado pelo desenho da abóbada da abside, de uma complexidade assombrosamente bela, com oito arcos decorados com frondes e traceria trilobulada, cujas nervuras confluíam num florão central rematado com o escudo do reino de Castela.

– Adiantastes-vos mais do que a conta, insisto! Não pretendereis pôr-vos a medir agora as vossas janelas?

Hugo calculou que teria a sua idade, mas o seu aspecto era muito mais imponente: alto, de cabelos louros e desgrenhados, feições afiladas.

– A isso venho, sim. Mas não precisarei de ocupar o vosso valioso tempo; só vos peço que me empresteis uns andaimes. Trago comigo uma vara de medir e bastar-me-á uma semana para recolher todos os dados de que preciso. Quase não vos incomodarei.

– Duvido, porque já me incomodais e ainda nem começastes.

Voltou-se ao ver passar o seu encarregado, acusou-o do desastre da abóbada, insultou a sua inépcia e acabou por dar uma ordem que foi uma agradável surpresa para Hugo. Porque lhe disse que levantasse um andaime pelo qual aceder ao primeiro vão das dezassete janelas que a nave tinha.

– Obrigado.

– Não quero que me agradeceis. Por não querer, espero não ter de cruzar-me convosco durante a vossa estada, que confio não se alongará mais do que dissestes. Odeio ser observado, e não sei se não fostes vós que me trouxestes má

sorte... – Apontou para os destroços dos arcos, nervuras, vigas e traves espalhados pelo chão. – Como podeis ver, a nave continua a céu aberto e preciso de tapá-la com cinco abóbadas de cruzaria. Ainda que imagine que não percebeis nada do que estou a dizer.

Agitou as mãos, como quem dava o facto como dado adquirido.

– Não possuo os vossos conhecimentos, como é lógico. No entanto, é evidente que deixastes livres aquelas mísulas – apontou-as com o dedo – para apoiar as nervuras. Como é evidente que só com abóbadas de cruzaria seria possível fechar esses arcos ogivais erguidos das paredes.

Simón ficou surpreendido, mas não o suficiente para controlar o mau génio.

– Como demorará um pouco mais de duas horas a preparar-vos a plataforma, e para chegar aqui haveis de ter passado por um arvoredado perto do rio, aconselho-vos a ir para lá passear. Não suportaria ver-vos a dar voltas por aqui sem fazer nada. De modo que ala, ide andando!

Hugo fez o que ele queria, em parte farto da sua desagradável atitude, mas também para pensar em como ia organizar a sua semana. Antes de se encontrar com o mal-humorado construtor, tinha pedido alojamento na cartuxa, e embora o cenóbio não oferecesse grandes comodidades nesse aspecto, graças a um generoso donativo e às recomendações que levava acabaram por dispensar-lhe um pequeno quarto ao lado do refeitório onde podia dormir.

Tinha decidido assim depois de descartar a casa familiar.

Segundo informação de um criado da família que nem conhecia, o pai encontrava-se de viagem por terras de Plasencia e só o esperavam dentro de uma semana, pelo menos. Hugo teve de aceitar aquela má coincidência sem outro remédio, embora o preocupasse a estreita margem de tempo que iam ter para se encontrarem antes de adiar o seu regresso a Lovaina e perder o nascimento do filho.

Com o pai precisava de compreender muitas coisas e perguntar outras. Por exemplo, saber como tinha reagido ao conhecer as verdadeiras razões da sua fuga de Bermeo, uma vez que as explicara a Damián em Schildpad Thuis. Ou perguntar o que tinha feito com o seu suposto melhor empregado, Policarpo, depois de tomar conhecimento da sua detestável traição. Tinha-o denunciado? O homem tinha conhecido a prisão, pelo menos por uns tempos? Que explicação podia justificar o facto de que, nove anos depois de o ter perseguido pelas ruas

de Portugaleta e Bermeo com a intenção de o matar, lhe tivesse aparecido em África com o mesmo propósito?

Estava consciente de que muitas daquelas perguntas devia tê-las feito também ao irmão adoptivo, mas não lhe tinham ocorrido durante o encontro na catedral, só alguns dias mais tarde. A mais inquietante de todas: compreender como pudera Policarpo saber que ele vivia nos arredores de Quastiliya, se o tinha dito a muito poucas pessoas. E ainda outra, quase tão inexplicável como a anterior: como justificar a presença de Policarpo em Bruges, livre quando era suposto estar encarcerado, o que por outro lado lhe permitira aproximar-se de Berenguela de uma forma íntima.

Tinha, portanto, muitos assuntos importantes a tratar com o pai. Mas daquela conversa esperava muito mais: uma reconciliação definitiva. Assim o tinha prometido a si mesmo e a Ubayda, consciente de que talvez não tivesse melhor oportunidade em muito tempo.

Dada a ausência do pai, o amável criado oferecera-se para o anunciar à senhora, que essa sim, estava em casa, oferta que ele declinara. A simples ideia de ver a madrasta e dormir debaixo do mesmo tecto parecia-lhe péssima: mais depressa o faria debaixo de uma ponte do que partilharia uma só hora do seu tempo com aquela harpia.

Naquela noite, na penumbra do minúsculo quarto, Hugo ouviu os sinos anunciarem matinas, laudes e primas. Ouviu os passos dos monges a caminho da capela e de regresso às suas celas, o que significou que mal conseguiu dormir duas horas seguidas. Mas não se importou, porque tinha decidido ir à inacabada igreja antes do alvorecer para estudar o efeito da primeira luz do dia no interior. Por ter conhecido uma outra cartuxa, a de Lovaina, onde Van Diependaal trabalhara, sabia que aquela ordem religiosa erguia igrejas para seu culto, pelo que a presença de público era raríssima, e o seu uso coincidia com as orações das oito horas canónicas que faziam em comum com a missa.

Eram sete e meia da manhã quando empurrou a porta entreaberta da igreja e entrou. Não ouviu qualquer ruído além dos seus passos. No interior reinava um frio intenso, que tentou aliviar tapando-se até ao nariz com uma manta que levava por precaução. Atravessou o átrio e deteve-se na divisão seguinte da nave, onde ficavam as duas primeiras janelas. Faltava muito pouco para o amanhecer. Junto à parede sul havia um andaime. Subiu com muito cuidado, assegurando-se

de que estava bem preso, até ganhar altura e receber no rosto a gélida chicotada do vento da sua terra. Aquele primeiro vão, tal como os outros, tinha quatro arquivoltas que o emolduravam e dois finos colunelos que dividiam a luz em três altas lancetas, rematadas em cima por uma curiosa traceria calada. O que significava ter de fabricar doze diminutos vidros de diferentes formas e tamanhos só para preencher aquela pequena parte.

– Apesar de ontem me terdes dado a entender que sabíeis alguma coisa de construção, duvido que saibais como se denomina esse género de janelas.

Hugo surpreendeu-se ao ouvir a voz. Voltou-se e viu Simón de Colonia.

– Confesso que não sei. Mas gostaria muito que mo dissésseis.

Sorriu, a tentar estabelecer uma relação mais cordial que a do primeiro encontro.

– Chamamos-lhes tróforas: dividimos em três o que poderia ser uma só janela com esses finos mainéis de pedra. A fragilidade de formas que se consegue com isto, somada à traceria superior, dota o conjunto de uma especial beleza que vós acabareis de engrandecer com os vitrais. – Apertaram as mãos pela primeira vez.

– Desculpai o meu comportamento de ontem, não costumo ser tão mau anfitrião. Tive um dia difícil...

Hugo desvalorizou o incidente, mas devolveu a sua atenção ao vão quando notou uma primeira e tímida mudança de luz num céu cinzento e triste.

Simón de Colonia partilhou aquele momento sem parar de falar.

– Julguei que era Niclaes que vinha. Este trabalho poderia projectar o seu nome de uma ponta à outra de Castela. Suponho que o fará mais adiante. Dizei-lhe, em todo o caso, que se a encomenda lhe foi parar às mãos, foi por minha recomendação. O novo estilo que estais a dar aos vitrais no Norte da Europa fascina-me. É como levar a grande pintura para os vidros – concluiu antes de sofrer um ataque de espirros. – Estes frios vão acabar por matar-me! – Fungou para dentro. – Mas falai-me de vós. Suponho que sereis o seu melhor ajudante.

Ao resumir a sua trajectória, Hugo percebeu que Simón sabia muito bem quem eram Van Diependaal e Hemmel, o que elevou de imediato o seu prestígio. Explicou a sua presença com a necessidade de viver o projecto desde o início, uma vez que ia assumir uma boa parte dele, além de Burgos ser a sua cidade natal e de ter passado nove anos sem a pisar.

Ainda que a manhã não parecesse disposta a oferecer-lhe demasiada luminosidade, os primeiros raios de luz começaram a entrar na nave. Como a igreja estava orientada a noroeste, a primeira janela a recebê-los foi aquela onde estavam. Mas além daquele primeiro efeito, geraram-se curiosos jogos de sombras e subtis feixes de luz nas seguintes, à medida que o templo progredia para a abside. Hugo meditou sobre como associar aquela circunstância à temática que lhes fora encomendada, que não era outra senão o percurso da Paixão de Jesus Cristo, Ressurreição, Ascensão e Juízo Final. E nesse instante compreendeu que a cena ideal para a janela onde se encontrava só podia ser a mais brilhante e luminosa de todas.

– Os vitrais deste lado deveriam ser mais claros e com cores mais vivas para acolherem as cenas gloriosas como a Descida da Cruz, a Ressurreição, a Ascensão aos céus, o Pentecostes ou o Juízo Final, que é a que imagino aqui.

Apontou as mãos para o vão, como se já estivesse a ver o trabalho acabado.

– Parece-me acertada a localização. – Simón voltou-se para a parede oposta. – Imagino então que daquele lado poderiam ficar representadas as cenas da Paixão, que a julgar pelas vossas palavras realizareis em tons mais frios e escuros, de acordo com a luz própria das horas finais do dia.

– Pode ser essa a ideia: ajudar os monges a visualizar o sacrifício da cruz e a vitória sobre a morte de Nosso Senhor com um livro de vidro, que se deve ler seguindo o percurso da luz pelos vitrais. Esmerar-nos-emos com os pincéis para que sejam os protagonistas desses transcendentos eventos a guiar a oração dos monges. Faremos o possível para que reflectam as intensas emoções que os apóstolos tiveram de sentir enquanto assistiam à colocação da coroa de espinhos, à flagelação ou à crucificação do seu mestre. Como também a enorme alegria de voltar a vê-lo vivo depois de vencer o pecado.

Ao ouvi-lo falar, Simón de Colonia começou a confiar na sua capacidade, ainda que antes de o respeitar como mestre vitralista precisasse de ver primeiro aquilo que as suas mãos eram capazes de fazer.

Nos três dias seguintes, quase não falaram.

Dedicava-se cada um à sua tarefa, Hugo a tirar as medidas exactas de cada vão, vendo como eram montados e desmontados os andaimes que lhe permitiam chegar até eles, e Simón a supervisionar a colocação de cada tábuia dos cimbres, no desejo de roubar ao céu um pouco de espaço fechado com que cobrir a nave.



Na manhã do quinto dia de Hugo na cartuxa, Berenguela chegou a Burgos depois de uma longa, sofrida e incômoda viagem de barco, e outra não menos incômoda de carruagem. Partilhara esta última com duas mulheres palradoras incansáveis, que apesar de terem dedicado todo o caminho a passar em revista os defeitos de cada um dos membros das respectivas famílias, e a encarniçarem-se ainda mais contra as amigas comuns, pelo menos tinham ajudado a entreter a viagem.

Quando chegou à cidade e mal se despediu das companheiras, procurou transporte para se deslocar ao mosteiro onde a mãe estava acolhida. Tinham passado apenas dois meses e meio desde a sua anterior estada; demasiado pouco tempo para quase não conseguir reconhecê-la de magra que estava.

As três horas seguintes passaram cheias de carícias, silêncios e muita dor.

A mãe, desde que a vira entrar, fixara o olhar num ponto do seu vestido sem manifestar a partir de então a mais pequena emoção. Do canto da boca escorria um permanente fio de baba que a filha limpava com um lenço de pouco em pouco tempo. Não obstante a falta de reacção da mãe, Berenguela contou-lhe mil coisas que tinham acontecido entre Bruxelas e Bruges, evitando entrar nas penosas notícias relacionadas com o falecido marido, no receio de que no seu mundo de ausências pudesse entender alguma coisa do que ouvia.

Vê-la assim fê-la reviver aquele reencontro com uma amarga sensação de impotência, animicamente derrotada e incapaz de conter as lágrimas diante de uma mãe que sentia perdida ainda em vida.

Quando não lhe segurava as frias mãos entre as suas, acariciava-lhe os cabelos, os braços, enchia-lhe as faces de beijos na vã pretensão de fazê-la despertar daquele escuro sonho em que caíra logo após a morte do marido. Mas foi tudo inútil, frustrantemente inútil.

– Vai tranquila, Berenguela – disse-lhe a abadessa, soror Virtudes, quando ela saiu da cela e antes de abandonar o mosteiro de las Huelgas. – Como viste, a tua mãe está bem cuidada e pouco mais se pode fazer por ela, excepto rezar para que Deus lhe devolva a consciência quando se encontrarem no céu, o que espero aconteça daqui a muito tempo... Não te parece?

– Reverenda Madre, talvez tenhais razão, mas é muito duro vê-la neste estado. Custa-me assumir que perdi a pessoa da minha família que mais me amou e a

melhor conselheira nos momentos em que a vida não me levava pelo caminho esperado... – A emoção quebrou-lhe a voz. – Esta situação está a ser demasiado difícil para mim.

A freira, que conhecia Berenguela desde muito pequena, pressentiu que havia alguma coisa que não estava a contar-lhe.

– Passa-se mais alguma coisa contigo, e dá-me a sensação de que se trata de algo de muito grave. Estou enganada? Se quiseres contar-me, talvez te sirva de alívio. Ainda que não seja o mesmo consolo que com a tua mãe.

– Não vos preocupeis, de verdade. É só... – Pensou em contar tudo e aliviar a sua carga, e retorcia a saia entre as mãos mergulhada num contínuo tormento. No fim, limitou-se a dizer: – É só que me sinto sem raízes. – E não mentia. – O meu pai morreu e a minha mãe está como a vedes. E excepto eles, não tenho mais ninguém com quem partilhar uma nova vida: nem família e quase nenhuma amigas.

– Oferece então a tua vida ao Senhor. Conheço-te bem e penso que serias uma boa freira.

A Berenguela surpreendeu-a menos a proposta como a maneira como fora apresentada.

– Estive prestes a fazê-lo antes de casar para fugir dele. – Recordou a desculpa que alegara quando Damián a pedira em casamento na presença dos sogros. – Mas teria sido outro erro. Não devo tomar uma decisão tão importante como a que sugeris sem ter a certeza de que é Deus que mo pede. E não a tenho. Não sei se se deve ao facto de estar a cultivar muito pouco o meu amor por Ele ou ao meu estado de absoluta confusão. De momento, preciso de encerrar os capítulos amargos da minha vida antes de enfrentar outros novos. Veremos...

– A tua posição é a lógica, minha filha, mas deixa que Deus escreva no teu coração o que quiser. Não deixes a missa diária, a confissão e sobretudo a oração. Abre-lhe a porta e sê generosa.

– Tentarei, mãe, prometo-vos que tentarei.

Duas horas mais tarde, Berenguela entrava no quarto de uma hospedaria próxima da praça da catedral; não pudera entrar em sua casa ao descobrir, com enorme surpresa, que tinha sido posta à venda, segundo rezava um cartaz pendurado na porta: de certeza uma nova e cruel jogada do seu querido Damián.

Deixou-se cair em cima da cama sem tirar os sapatos, desfeita de cansaço e emocionalmente destroçada pela evidência de que, aos vinte e nove anos, ficara sozinha, com uma mãe transtornada, sem casa familiar para onde ir, um marido que detestava e que já não considerava como tal, com Hugo casado e à beira de ser pai, com o peso da morte do sobrinho de Grosenberg a esmagar-lhe os ombros e ninguém com quem poder chorar as suas penas.

Enrolada num novelo, com uma fome atroz depois de não ter comido nada todo o dia mas sem nenhuma vontade de sair para ir à procura de uma casa de pasto, passou em revista a curta lista daqueles a quem poderia pedir que a acompanhassem ao cartório de Santiago de Frías. Precisava de alguém com autoridade que apoiasse as suas exigências, tal como Grosenberg aconselhara. Depois de muito pensar, ocorreu-lhe a figura do seu antigo confessor, um homem da Igreja de que muito gostava. Continuaría a ocupar o cargo na igreja da vizinha paróquia de San Nicolás, a que costumava ir com a família desde muito pequena? Decidiu averiguá-lo no dia seguinte, antes de sentir que os olhos se lhe fechavam e de cair num profundo sono.



Hugo de Covarrubias levantou-se ao toque das primas, como tinha feito nos últimos seis dias, consciente de que aquele podia ser o último que passava na cartuxa, dado o bom ritmo a que decorriam as medições. Ao entrar na igreja viu o encarregado de obras de Simón. Estava a escolher madeiras para construir um novo cimbre, sobre o qual tencionavam apoiar um dos arcos do novo cruzeiro. Cumprimentaram-se.

– Montámos-vos um andaime corrido ao longo da abside, para que possais trabalhar com mais comodidade – disse o homem, e apontou-o com o dedo.

Hugo aproveitou para agradecer-lhe todos os esforços que fizera por sua causa, enquanto se perguntava se teria estado a trabalhar toda a noite, dada a sua expressão de cansaço.

– Acabais agora de montá-lo?

– Bem... quase, quase.

Hugo deu-lhe uma palmada nas costas num gesto de gratidão.

– Simón de Colonia não sabe a jóia que tem em vós. Dir-lho-ei quando aparecer, pois não tive de esperar uma única vez que acabásseis de montar um

andaime; encontrei-os sempre prontos, à minha espera. Estou-vos tão agradecido que gostaria de poder recompensar-vos de alguma maneira. Dizei-me como...

– Não é para tanto, senhor. Dar-me-ei por bem pago se conseguirdes criar os vitrais mais deslumbrantes de Castela. Se o fizerdes, este templo tornar-nos-á famosos a todos. Por isso ide para o vosso andaime, trepai a ele para estudar de que maneira ides tornar presente a nossa Santa Mãe nesses sete vãos. Porque me pareceu ouvir-vos dizer que lhe seriam dedicados. É verdade?

Hugo confirmou-lho, explicando que representariam as sete alegrias da Virgem.

– Seguirão a mesma ordem que o ofício que os cartuxos rezam todos os dias. Matinas e laudes ficarão representadas num só vitral, onde aparecerá a Anunciação da Virgem e a Visitação a Santa Isabel. As primas representarão a Natividade. A terça e a sexta mostrarão o Anúncio aos Pastores e a Adoração dos Reis Magos. A nona será a Apresentação de Jesus no Templo. E por fim, para terminar o relato iconográfico das alegrias da Mãe de Deus, a Coroação da Virgem ficará no vão mais a sul, coincidindo com as completas.

– Serão espectaculares! Não tenho a mínima dúvida – disse o encarregado da obra. – Deixo-vos então para que trateis disso; temos todos muito trabalho pela frente.

A meio da tarde, depois de ter registado no seu caderno as medidas dos sete vãos da abside com precisão suficiente para não precisar de voltar antes do dia da montagem, Hugo decidiu ir a Burgos para ver o pai. Como soubera que o seu regresso estava previsto para aquela manhã, passara todo o dia a procurar palavras com que contar como era a sua vida actual, falar-lhe da esposa, do filho que ia nascer. Nove anos sem se verem era muito tempo, demasiado. Mas a vontade de recuperar o seu amor tudo podia.

Precisava que assim fosse. O seu coração precisava que assim fosse, e a sua consciência também.

Atravessou ensimesmado a praça da catedral, a caminho de sua casa, com os olhos postos no portal que atravessara mil vezes quando criança. Abrandou o passo. Faltavam-lhe as forças e os nervos tolhiam-no. Deteve-se diante da porta, fechou os olhos, inspirou fundo duas vezes para relaxar, e decidiu-se a bater. Mas antes que os dedos tocassem na madeira ouviu uma voz familiar nas suas costas.

– Hugo?

Ao voltar-se, viu-a ali, ao alcance da mão. Berenguela.

– Tu por aqui?

Não soube o que mais dizer, desconcertado pela coincidência.

Ela aproximou-se e beijou-o na face. Não estava sozinha. Acompanhava-a um homem da Igreja bastante mais velho em quem de imediato reconheceu o seu antigo e comum confessor.

– Não tenho muito tempo para explicar-te as razões da minha presença em Burgos, porque preciso de ir com urgência a um cartório recolher certos documentos relacionados com o testamento do meu pai. – Ante o ar de espanto de Hugo percebeu que não estava ao corrente. – Claro! Não deves saber que morreu há anos. E também que a minha mãe perdeu o juízo em consequência disso e está recolhida no mosteiro de Santa María de las Huelgas...

– É a primeira notícia que tenho, e lamento-o de todo o coração. Quando te vi na catedral de Antuérpia, tive pena de te teres ido embora antes de podermos falar. Que te aconteceu? Vieste com Damián?

– O que me aconteceu é longo de contar. E não, não vim com o teu irmão porque já não vivo com ele – respondeu ela com deliberada brevidade, para lhe dar a entender que naquele momento não desejava aprofundar mais o tema. – E vocês, já são pais? Vieram apresentá-lo à tua família?

– Não, ainda não nasceu. Embora falte pouco. Por isso deixei Ubayda em Lovaina. Tive de vir por causa de uma encomenda, mas tenciono voltar amanhã, entre outras coisas porque está prestes a cumprir-se a data prevista para o parto. Antes disso queria cumprimentar o meu pai. Não o vejo desde que parti, já lá vão... Quem o sabe melhor do que tu?

Berenguela entendeu a importância daquele encontro para Hugo. Desejou que o conseguisse apesar das reticências que ia enfrentar da parte de Don Fernando, que lhe resumiu com base em anteriores encontros, e pensou com rapidez. Também ela poderia voltar a Bruges se conseguisse a documentação naquela tarde. Propôs-lhe partilharem a viagem.

– Talvez possa ir no mesmo navio que tu e aproveitar os dias de travessia para falarmos. Tenho muitas coisas que contar-te e não sei se dispostemos de melhor oportunidade.

Hugo ficou encantado com a ideia.

– Passo por tua casa por volta das oito da manhã? Dar-te-á tempo para te preparares?

– Claro que sim. Mas não me encontrarás lá, depois te explico... Procura-me naquela hospedaria, em frente da catedral. – Apontou-a. – Não imaginas como me alegra saber que vamos estar tanto tempo juntos, Hugo! – Os seus olhos expressavam o mesmo que sentia. – Até amanhã, então.

Ele viu-a afastar-se, alegrou-se pela feliz coincidência e voltou a olhar para a grande porta de madeira que continuava fechada à sua frente.

Bateu com força.

Capítulo 10

A caminho de Bermeo. Fevereiro de 1483

Para desgraça de Berenguela e Hugo, o coche que fazia a rota de Burgos a Bilbao levava mais passageiros, em concreto um par de inquiridores reais; funcionários da casa real castelhana encarregados de verificar a exactidão dos impostos cobrados pelos concelhos. Aquela circunstância levou-os a evitar qualquer conversa que envolvesse o nome de Damián de Covarrubias, nem por isso menos desejada, até que ficassem a sós.

Mas surgiram outras mais pessoais.

Primeiro num tom de voz normal, enquanto os outros tratavam dos seus assuntos, e depois em voz baixa quando os apanharam a escutar o que diziam. A partir de então, comunicaram quase por murmúrios. Foi assim que Berenguela ficou a saber da esmagadora reacção do pai de Hugo, que recusara recebê-lo ao fim de nove anos, aduzindo como única causa a absoluta ausência de interesse em saber dele; e tudo isto explicado através de um dos criados.

Incapaz de entender esta atitude, de nada lhe tinham servido as repetidas súplicas que transmitira através do criado, nem o facto de ter esperado à porta até à meia-noite na esperança de fazê-lo mudar de opinião. A única coisa que lhe ocorrera, em busca de uma justificação para uma tão incompreensível resposta, fora que Damián não contara a verdade ao pai na devida altura. Mas nem isso pudera verificar.

Consciente do terrível efeito que uma tal grosseria tivera em Hugo, Berenguela sentiu que se lhe partia o coração e esqueceu as suas desgraças, mais ainda ao ouvir-lhe a voz quebrada e o olhar afogado em desgosto.

Não encontrou palavras para consolar a sua frustração, nem argumentos que pudessem justificar a cruel reacção de Don Fernando de Covarrubias. Como também não soube de que maneira podia compensar aquela tristeza que o levava a falar num fio de voz. Sentiu-se impotente, inútil e duplamente mal por tudo

aquilo, e entendeu que não era o momento para pô-lo ao corrente dos aspectos mais sombrios da sua vida recente. Nem dos resultados da proveitosa visita que fizera na tarde anterior ao notário Santiago de Frías. O homem acabara por confessar a ocultação das últimas vontades do pai e a manipulação do documento que beneficiava Damián e que este lhe fizera chegar. Um êxito conseguido graças à firmeza do seu antigo confessor, que ameaçara denunciá-lo à justiça, ao facto de ela reconhecer a sua participação indirecta na incursão nocturna ao cartório e à promessa de não intentar qualquer acção contra ele desde que lhes fizesse uma cópia das escrituras originais.

Também não quis falar da sua situação com Damián, nem das suas dúvidas sobre uma possível entrada para o mosteiro de las Huelgas, dada a absoluta calamidade em que se tinha transformado a sua vida. Só queria saber dele, esquecer os seus males e descobrir o que tinha feito em todos aqueles anos. Mas antes de entrar nessa parte, queria esclarecer o penoso episódio daquela hospedaria em Bruges.

– Lamentei tantas vezes o que escrevi naquela nota depois de encontrar-te com a minha amiga Renata...

Cerrou os punhos, num inconsciente gesto de raiva.

– Trago-a comigo desde então.

Tirou do bolso da casaca um pedaço de papel desgastado e mostrou-lho. Berenguela ficou sem fala ao vê-lo. Pegou-lhe e as mãos tremeram-lhe quando o leu.

– Não penso de verdade o que aí escrevi...

Mordeu o lábio, mais arrependida do que nunca.

– Agrada-me sabê-lo, pois acredita que foi como carregar às costas uma pesada laje.

– Eu tinha-a rasgado ou queimado.

– Não quis destruí-la nem desfazer-me dela, como também nunca quis apagar a tua recordação de mim. Continuavas a estar presente num lugar qualquer do meu coração, ainda que não conseguisse compreender muitas coisas, sobretudo por que tiveste de casar com o meu irmão adoptivo.

As faces de Berenguela puseram-se de súbito vermelhas.

– Foi ele que organizou tudo para que Renata fosse ver-te naquela noite. Foi ele que me enganou para que depois os encontrasse e vos odiasse. Sempre foi

um manipulador, um trapaceiro e um canalha. – Retorcia a saia num reflexo da angústia que sentia. – Durante estes últimos anos só me humilhou e desprezou. Foi repetidas vezes infiel, cruel, e além disso é um embusteiro. E se casei com ele foi forçada pela minha família, ou melhor dito, pelo meu pai, de quem há pouco soube que partilhava escuros interesses económicos com Damián que prejudicaram muito o teu...

Tinham descurado a anterior descrição, e os dois inquiridores reais estavam embrenhados na conversa daqueles dois companheiros de viagem; ao notá-lo, Hugo e Berenguela pararam de falar daqueles assuntos, deixando-os para quando estivessem sozinhos. Embora aquela decisão de silêncio não significasse que deixassem de pensar no que acabavam de saber. Hugo começou a juntar pontas, e de súbito percebeu por que razão o pai continuava zangado com ele. E que por trás do infame comportamento de Policarpo estivera presente a mão do irmão adoptivo. Ao chegar àquelas primeiras conclusões, perguntou-se por que teria Damián agido daquela maneira, quando já tinha conseguido a predilecção do pai e todo o género de favores da parte de Berenguela. Que razões o teriam então levado a perpetrar tais malfetorias, favorecendo os negócios de Don Sancho Ibáñez em detrimento dos da sua família?

Não conseguia compreender, como não conseguia parar de dar voltas à cabeça, assaltado pelas mais diversas recordações. Não queria acreditar que o irmão estivesse por trás da tentativa de assassinio de Policarpo, mesmo de uma maneira indirecta. Tê-lo-ia desejado? Era demasiado duro responder que sim, mas estava à vista que Damián tinha muito que esconder, e que na altura ele tinha metido o nariz onde não devia no pior cenário possível.

Olhou pela janela do coche e contemplou os verdes campos do senhorio da Biscaia. Tentava acalmar-se, mas o nome do irmão continuava presente na sua cabeça. Como pudera deixar-se enganar ao ponto de vê-lo como um aliado quando lhe emprestara dinheiro para ir explorar as minas de sal? A resposta parecia-lhe evidente: queria tê-lo o mais afastado possível dos cenários das suas traulhices e mentiras. E continuando com as suas deduções, compreendeu como tinham conseguido dar com ele em África: bastara ter-lhes fornecido a pista dos Barbieri como intermediários da devolução do dinheiro emprestado. Policarpo seguira esse rasto com a ideia de matá-lo, numa nova tentativa de impedir qualquer possibilidade de um dia ele voltar à Europa e descobrir tudo.

Aquelas conclusões deixaram-no desolado.

– Como pudeste conviver tanto tempo com um monstro assim?

A pergunta saiu-lhe tanto da alma que não pôde evitá-la, apesar de renovado interesse que de imediato mostraram os seus companheiros de viagem.

– E tu, por que não me fizeste chegar uma única notícia, uma carta, um aviso a dizer-me onde estavas, o que fazias, ou ao menos que continuavas vivo? – Em vez de responder, Berenguela censurava-lhe o silêncio, primeiro de dois anos, até à famosa noite na hospedaria Peacock, e depois de mais quase sete. – Dei-te por morto, sabias? De que outro modo explicar que tivesses desaparecido para sempre da minha vida, sem nunca mais tentares um contacto, mesmo apesar dessa maldita nota?

Os olhos dos dois outros viajantes saltavam de um para o outro, seguindo as denúncias que trocavam. Nunca teria podido sonhar com uma viagem mais entretida do que aquela.

– Nos primeiros anos não pude fazê-lo. Tive de embarcar como clandestino numa nau baleeira, perseguido pelo teu amigo Policarpo e pelo feitor do teu pai de Portugalete a Bermeo. – Ao ver a reacção de Berenguela, teve de perguntar. – Foi teu amante?

Os olhos dos dois investigadores reais ficaram redondos como pratos e voltaram-se nesse instante para os da formosíssima mulher, a que faltava pouco para desfazer-se em lágrimas.

– Não chegou a ser... mas quase. – Baixou o olhar, envergonhada. – Imaginas como me sentia quando toda a gente à minha volta me enganava, me mentia, ou se servia de mim e me desprezava? – As duas primeiras lágrimas deslizaram-lhe pelas faces. – Policarpo foi um verdadeiro alívio num momento em que eu já não aguentava mais. Conseguiu arrancar-me a um profundo estado de abatimento provocado pelas insídias e maldades do teu irmão. Não tinha ninguém em Bruges, e então apareceu ele. Foi amável, cordial, sensível, protector; um verdadeiro abrigo. E eu deixei-me levar. Mas nunca chegámos a ser amantes, apesar de ele o desejar. – Tirou um lenço do interior do corpete e limpou as lágrimas que se seguiram. – Ainda me custa vê-lo como um assassino.

– É o que é. E como lhes contei quando nos vimos na catedral de Antuérpia, se não fosse a intervenção do meu falcão não estaria hoje aqui a falar contigo.

– Foi de verdade o falcão que vos salvou daquele meliante?

Hugo e Berenguela olharam com estupefacção para o homem que acabava de fazer a pergunta, espantados ao compreenderem que lhes tinham servido de entretenimento ao longo de toda a viagem.

– O vosso interesse é muito impróprio, se acaso pretendeis passar por um cavalheiro – acusou Hugo.

– Perdoai-nos... Tendes toda a razão – respondeu o homem, contrariado. – Passámos muitas horas juntos, e num espaço tão pequeno é até difícil não ouvir. Mas não pretendo que isto soe como uma desculpa e rogamos-vos que nos perdoeis. Sobretudo vós, senhora.

Berenguela tapou meia cara com o leque, sem responder, decidida a não voltar a falar com Hugo até chegarem a Bilbao.



A viagem seguinte demorou apenas duas horas.

Como não encontraram transporte terrestre de Bilbao a Bermeo, fizeram o caminho por mar, numa modesta embarcação que fazia aquela rota recolhendo marinheiros que regressavam das suas longas campanhas de pesca nos mares mais distantes, ou transportando outros de Bilbao até Bermeo, de onde embarcariam por sua vez.

Quando voltaram às confidências, certificaram-se de que não havia ouvidos ociosos à escuta, ainda que de tão desejadas parecessem queimar-lhes os lábios.

Hugo começou a contar as experiências vividas naqueles mares próximos dos confins do mundo, a dureza de um trabalho físico extenuante e como tivera de superar a rejeição do capitão e do seu mestre depois de ter embarcado na nau sem autorização. Mas quando chegou a altura de falar de Azerwan, o seu amigo Azerwan, o seu rosto sofreu uma profunda alteração. Dir-se-ia que só pronunciar o seu nome bastava para abrir nele uma represa de sensações contidas. Fora sem dúvida a pessoa que mais influência tivera na sua vida durante aqueles anos longe de Burgos, reconheceu. Descreveu-o por fora com todo o pormenor, mas não conseguiu a mesma precisão quando quis descrevê-lo por dentro, entre outras coisas porque era um ser inabarcável. Berenguela, agarrada à amurada da embarcação e a contemplar o belo perfil costeiro, escutava com profundo interesse a descrição de algumas daquelas mágicas vigílias no convés da *Santa Ana*, em que os dois homens partilhavam temores, vidas, traumas, desejos e

sonhos por realizar, entre lendas e ensinamentos como Hugo nunca tinha recebido de outra pessoa.

Escutou assombrada a experiência dele naquelas ignotas terras costeiras ricas em baleias e bacalhaus, onde entre restos de peixe, mares congelados, centenas de arrobas de sal e muito suor, descobrira duas coisas que marcariam para sempre a sua vida. A primeira, que tinha na pintura um caminho a explorar. E a segunda, que a amizade era uma das poucas coisas que a vida podia oferecer sem pedir nada em troca.

– Aqueles gélidos mares deram-me o nobre Obeko, mas também um contador de lendas que me seduziu com os seus sonhos de sal e que me levou a conhecer Ubayda, a quem agora amo profundamente. Uma mulher que, à força de ter vivido nos lugares mais inóspitos da Terra, fazia lembrar essas surpreendentes e belas pedras que aparecem entre dunas e areias: as rosas do deserto. Ubayda é a minha rosa do deserto.

– Que comparação tão bonita... – disse Berenguela, a lamentar não ter sido ela a descobrir a habilidade dele com os pincéis.

– Como vês, estes anos não me proporcionaram muitas coisas materiais, só pessoas. Mas nada menos que pessoas... Sobretudo Azerwan e ela, a guia que me fez conhecer os caminhos do verdadeiro amor entre um homem e uma mulher.

Berenguela ficou impressionada com a maneira como ele se expressava, mas também ferida, por não ter sido capaz, na ocasião certa, de mostrar-lhe esse caminho, quando nunca sentira por ninguém o que tinha sentido por ele.

– Ao ouvir-te sinto pena e alegria.

– Explica-te melhor – pediu ele, surpreendido.

– Alegria pela tua felicidade. Pena porque sonhei ter sido essa guia para ti... – disse, e os seus olhos nublaram-se de tristeza.

Ao aperceber-se das feridas que as suas palavras deviam estar a abrir, Hugo decidiu mudar de assunto.

– Gostaria muito de poder recuperar a cumplicidade que em tempos tivemos.

– Também eu, Hugo... Na altura não havia segredos entre nós. – Sorriu e assoou-se com um lenço. – Mas agora já não somos os mesmos.

A chegada ao porto de Bermeo e depois a necessidade de indicar ao cocheiro a que navio devia levá-los eliminou qualquer possibilidade de prolongar a

conversa.

Hugo encontrou Obeko a amaldiçoar até à terceira geração um dos marinheiros quando apareceu com Berenguela no convés da *Santa Úrsula*, sem saber que planos de navegação tinha. O rude capitão não olhou para o amigo, olhou para a mulher que o acompanhava com um ar de rendida admiração. A sua beleza avassalou-o ao ponto de lhe travar as palavras quando quis falar.

– Mas... não me di...sseste... – tentou acumular saliva, para impedir que a língua se lhe colasse ao céu-da-boca – que... que era negra?

Hugo riu ao vê-lo sucumbir aos encantos da sua amiga. A sua descomunal presença, com aquela hirsuta barba negra em que começavam a despontar as primeiras cãs, os braços musculosos e a emaranhada e suja cabeleira pareciam ter cedido o lugar ao mais cortês dos homens, dobrando-se à passagem de Berenguela enquanto colhia a sua pequena mão entre as suas, ásperas e sapudas.

– Não é Ubayda.

Ao ouvir aquilo, Obeko investigou por sua conta.

– Devo chamar-vos «menina»... ou «minha senhora»?

– Senhora, que por enquanto continuo casada com o irmão do vosso amigo.

Sorriu, e os seus olhos brilharam.

Obeko achou que tinham a mesma cor das folhas de faia no Outono. Olhou para Hugo, surpreendido. Nunca lhe falara daquela cunhada, e, vendo o que tinha diante dos olhos, não queria acreditar. Mas deixou as perguntas para quando estivessem sozinhos e continuou a lisonjear Berenguela.

– Minha senhora, não está o meu navio preparado para receber tão grácil pessoa. Mas ofereço-vos o meu camarote, caso queirais repousar ou talvez tomar um pequeno refrigerio.

Hugo não conseguiu resistir e explodiu em gargalhadas ao assistir à transformação daquele homem que nunca conhecera sem largar três obscenidades em cada quatro palavras que dizia.

– Sois muito amável.

Berenguela, agarrada ao braço do Obeko, deixou-se guiar pelo convés da nau, com Hugo a seguir-lhe os passos.

– Procurávamos transporte para Bruges e perguntava-me que planos tinha a *Santa Úrsula* – disse este, para explicar os motivos da presença dos dois no navio.

– Pensava ir pescar para Finisterra, mas acabo de mudar de opinião: Vou levá-los a Bruges!

Sorriu, a tapar com a mão os três feios buracos da dentadura.

– Não tendes por que alterar os vossos planos – interveio Berenguela, a tentar libertá-lo de qualquer compromisso. – Encontraremos outro navio.

– Nem pensar! Prefiro a vossa companhia a capturar seiscentos bonitos.

Berenguela gostou da espontaneidade daquele homem. Hugo falara-lhe nele e não poupou nos elogios, mas mesmo assim gostou mais dele em pessoa.

– Sois um autêntico cavalheiro.

O elogio fez Obeko inchar o peito. Pôs-se muito corado, ordenou a um dos seus homens que lhe levasse pão, queijo e presunto, e decidiu abrir aquela garrafa de vinho francês que reservava para uma grande ocasião. E que melhor poderia ser do que aquela...?

Hugo perguntou quando partiam, e Obeko, que o olhou sem disfarçar que achava a mais a sua companhia, segredou-lhe para que ela não ouvisse.

– Nunca tive uma mulher com tanta categoria e beleza em nenhum dos navios em que naveguei. Por isso não me venhas agora com pressas: quero aproveitar. Ou dito de outra maneira: iremos quando me der na bolha...

Pediu a Berenguela que fosse andando até ao camarote.

– Recordo-vos que é casada.

– E eu com o mar. Mas isso não significa que não me atraia conhecer novas águas... Mas descansa, não sou tolo ao ponto de pensar que tenho mais opções do que desfrutar da sua presença, da sua conversa, e quando muito de oferecer-lhe um prudentíssimo olhar de admiração depois de ter ganhado a sua confiança.

Hugo não se preocupou: conhecia bem de mais a nobreza daquele homem.

– Sei que não pode estar em melhores mãos... – acrescentou, com alguma ironia.

A que Obeko respondeu com outra:

– Não sei como será bonita essa tua negra, mas melhor do que esta duvido. – Deu-lhe uma jovial palmada no braço. – Agora já sei qual dos irmãos escolheu primeiro...

Capítulo 11

Nau Santa Úrsula. Mar do Norte. Fevereiro de 1483

Obeko passava todo o dia desaparecido dentro da nau.

Quase ninguém o via.

Só quando acompanhava a sua bela passageira pelo convés, para aproveitar a suave brisa de leste que costumava abençoar a nau ao meio-dia. Ou pouco antes de anoitecer, num passeio um pouco mais breve devido à frescura das noites própria da estação do ano.

Não só não convidava Hugo a partilhar estes momentos, como o evitava. Tinha decidido desfrutar em exclusivo da companhia daquela mulher e pouco mais se podia fazer, além de escutar os seus espantosos roncos todas as noites, pois tendo cedido o seu camarote a Berenguela, partilhava sono e liteiras com o resto da tripulação, incluindo Hugo. O jovem suportava este estado de coisas com alguma irritação; quanto mais não fosse porque isso o impedia de continuar as conversas que tinham mantido em terra.

Berenguela gostava da companhia do capitão; assim o dissera a Hugo. Garantia sentir-se fascinada e alheia à passagem das horas quando estava com ele. Ouvia-o falar das suas façanhas marítimas sem nunca se cansar, em apaixonados relatos que chegavam a apertar-lhe o coração ao imaginá-lo agarrado à roda do leme naqueles navios feitos de carvalho e faia face a ondas cinco vezes mais altas do que eles.

Em troca dos mágicos cenários que Obeko construía em cada uma das suas conversas, Berenguela ia-lhe revelando os principais momentos da sua vida com uma inusitada confiança, que se ia tornando cada vez mais sólida apesar de se conhecerem há tão pouco tempo. O que ia sabendo provocava no capitão uma curiosa gama de emoções: desde uma furiosa ira contra o canalha do marido dela e irmão adoptivo de Hugo, à mais absoluta compreensão pelo estado de profunda tristeza que o casamento falhado tinha de lhe ter produzido.

Aos olhos de todos os que o conheciam, durante aqueles primeiros dias de navegação Obeko transformou-se noutro. Envolveu-se tanto com ela que, depois de perceber o muito necessitada que estava de carinho, apoio e conselhos, tentou exercer em todas as frentes. Até que topou com alguns limites, sobretudo de índole física, quando, certa vez, tentou acariciar-lhe as mãos e recebeu da parte dela o consequente gesto de recusa.

Na sexta noite de navegação, durante a ceia que juntou os três, Berenguela aproveitou uma breve ausência de Obeko para pedir a Hugo que a procurasse no seu camarote nessa noite, antes que se fizesse demasiado tarde.

– Preciso de dizer-te uma coisa...

– Lá estarei! Veremos que desculpa me ocorre. Porque é capaz de dar alguma coisa ao teu capitão se o descobre.

Era verdade que quase não os deixava a sós.

Conversavam quando saíram para o convés e chocaram com outro passageiro.

Nenhum deles podia imaginar as intenções daquele homem, o último a embarcar na *Santa Úrsula* depois de, com muito dinheiro, convencer Obeko a deixá-lo viajar na nau. Porque, depois de zarparem, o sujeito mostrara um desmedido interesse em escutar as suas conversas, remexer nos seus pertences e observar tudo o que faziam sem que eles o notassem.

Nessa noite, por volta das onze, Hugo bateu à porta de Berenguela. Quando ela a abriu entrou o mais depressa que pôde para não ser visto.

– Deixei-o a roncar. Se está a tornar-se demasiado incómodo, diz-me que eu resolvo o assunto num instante.

– De modo nenhum. Obeko é um homem muito interessante e não podia tratar-me com mais respeito. Tem tanta vida às costas que tudo o que me conta me parece fascinante. E ainda por cima sabe ouvir uma mulher, algo pouco habitual nos homens...

– Custa-me a acreditar, porque bruto também é, garanto-te. Deslumbraste-o de tal maneira que se transformou. Mas tendo-te à sua frente a toda a hora, é natural que assim seja.

Ela sorriu ao elogio.

Sem o cingido corpete que usara todo o dia, a camisa interior era demasiado ligeira e deixava perceber as formas do corpo. Ao notá-lo, Berenguela pegou num pano e pô-lo à volta dos ombros.

– O que era que querias dizer-me? – começou Hugo.

– Mais do que dizer, o que quero é continuar a conversa que tivemos de interromper quando chegámos ao porto. Saber mais coisas de Ubayda, quando e como a conheceste e por que te apaixonaste por ela.

Previa que aquilo ia doer, mas alguma coisa no seu íntimo a levava a querer perceber o que tinha aquela mulher para ter-se apoderado do amor da sua vida.

Hugo estranhou aquele persistente interesse em Ubayda, depois de lhe ter expressado a sua pena por não ter sido ela a guia do seu amor, mas mesmo assim decidiu responder à pergunta sem esconder nada, com a ideia de que aceitasse o mais depressa possível aquela nova realidade e acabasse por integrar-se com normalidade nas suas vidas.

– Conheci-a quando apareceu pela mão de Azerwan. Era o seu grande amor...

– Ubayda foi casada com o teu amigo?

Aquela descoberta deixou-a perplexa.

– Nunca existiu um vínculo tão formal entre eles, embora a relação dos dois tenha sido firme desde o dia em que se conheceram. No deserto, o seu destino tinha ficado selado no grande livro da vida. Uma relação que por desgraça durou o que a providência quis: até ao assassinio do pobre Azerwan.

– E como encaixas tu com ela, depois de terem vivido uma história tão intensa?

Hugo respondeu que quando deixaram de olhar para o passado começaram a descobrir-se.

– Ubayda veio comigo para a Europa para ajudar-me a realizar os meus sonhos, como aconteceu. Mas com o tempo, e da maneira mais natural, primeiro apareceu a ternura, depois a cumplicidade, e por fim a atracção. E, depois de tudo isto, um amor incrível que nunca imaginei que pudesse sentir por alguém. Ela supriu as minhas carências. Faz que seja melhor do que sou. Estimula-me com a palavra, mas também com o corpo. E sobretudo faz-me sentir único, como se o que temos entre nós não pudesse ser maior nem mais belo. Não sei que mais poderia explicar...

– Pouco mais se pode dizer – concluiu Berenguela, desolada, a fazer um esforço para que as lágrimas não lhe saltassem dos olhos. – É tão bonito tudo o que me contas... Sempre sonhei viver uma coisa parecida, mas a vida não mo permitiu. A ti sim. Conheceste os mundos mais distantes e belos, viveste

experiências fascinantes, cruzaram o teu caminho pessoas incríveis. E sobretudo encontrei o que eu nunca consegui encontrar: o amor.

Bastava olhar para os olhos de Hugo para verificar a magnitude dos seus sentimentos: extravasavam dele. Algo que ela nunca conseguiria. Só lhe restava desfazer o casamento, apagar da memória os últimos e estéreis anos que lhe tinha cabido viver e esquecer para sempre os seus sonhos, uma tarefa tão pouco excitante como dura de enfrentar.

Mas Hugo, a quem não passava despercebida a desilusão que se lhe espelhava no rosto, decidiu falar de outra coisa.

– Só faltam seis dias de viagem antes de desembarcarmos... Que vais fazer quando regressares a Bruges?

Berenguela resolveu calar o que na verdade pensava. Como poderia dizer-lho, quando sonhava ser sua mulher desde os oito ou nove anos, senão antes? Amando-o quando estava, mas também quando desaparecera. Imaginando que lhe era dirigido o seu «sim, quero» enquanto casava com o irmão adoptivo e sendo ele o verdadeiro proprietário do seu corpo cada vez que o outro o possuía. Como podia confessar que não passara um único dia sem pensar nele quando se levantava ou se deitava?

– Que vou fazer? Não sei, Hugo. Não sei...

Nessa noite, quando ficou sozinha, Berenguela procurou a cama e chorou com uma enorme amargura.



Na manhã seguinte, Hugo e Obeko esperaram-na para o pequeno-almoço, e ao verem que não aparecia à hora habitual nem nas duas seguintes, decidiram ir ao camarote ver se estava bem. Bateram à porta. Berenguela tardou a responder. Quando o fez a sua voz não soou bem, parecia áspera e ensonada. Pediram autorização para entrar, mas só Obeko a recebeu. Fê-lo com um ar triunfal, a olhar para Hugo de soslaio.

Berenguela continuava deitada, com os cabelos em desalinho e os lençóis retorcidos. Havia uma garrafa de brande vazia a rolar pelo chão, ao sabor do balouçar do navio. Obeko sentou-se aos pés da cama e a primeira coisa que notou foi o forte cheiro a álcool que impregnava o hálito dela, e os sinais de ter passado uma noite dura: os olhos inchados e semiabertos, a fugir à dolorosa claridade do dia.

– Bem, bem... Parece que não dormistes muito.

– Nem por isso. Foi uma longa noite.

Pediu-lhe que lhe aproximasse a roupa.

Obeko assim fez e voltou-se de costas para a deixar vestir-se.

Foi buscar água, uma bacia e uma toalha.

– Quereis falar?

– De momento, agradeceria que me deixásseis acabar de acordar. Mas tenho a certeza de que depois me saberá muito bem a vossa companhia. Se entretanto me trouxésseis qualquer coisa quente para beber?

Obeko saiu do camarote para atender ao seu desejo. Quando voltou, tardou mais de três horas a tornar a deixá-la, depois de conhecer as razões que tinham motivado tão lamentável noite.

Quando, bastante mais tarde, encontrou Hugo no convés, não demorou nem dez segundos a manifestar-se.

– Pelo amor de Deus!

Hugo abriu muito os olhos, desconcertado.

– Como?

– Olha que para recusar uma mulher como esta é preciso ser maluco... –

Agarrou-se com tanta força à amurada que Hugo pensou que ia parti-la. – Julgava-te mais esperto.

– Recordo-vos que espero um filho de outra, que amo como a ninguém – disse, a defender-se sem saber do que tinham falado.

– Eu sei, já me disseste. Mas primeiro houve Berenguela. – Cuspiu para o mar.

– Na minha terra, não se respeita só a árvore que dá muito e bom fruto, também se respeita a que o deu no seu tempo ou anda mais escassa que a outra. – Fez um longo e deliberado silêncio. – Rapaz, compreendo a tua situação actual, mas não deves esquecer as tuas responsabilidades para com esta mulher. Continuaste a ser tudo para ela... Imagino que o sabes... Disse-te o que tenciona fazer depois de deixar o marido?

– Não, não me disse o que vai fazer.

– Quer ir para freira! – exclamou, aos berros. – Vais permitir que uma mulher com esta, com mil virtudes, e não ando lá perto, se esconda num convento? És fracalhote ao ponto de aceitar que isso aconteça? – Olhou-o como dois homens se olham poucas vezes, só quando têm a dizer coisas importantes. – Eu, se

estivesse na tua pele, não o permitiria. Apresentar-me-ia no convento, rebentaria todas as portas que fosse preciso para dar com ela e sacava-a de lá de rastos ou ao ombro. Fá-lo-ia tão certo como chamar-me Obeko.

– Compreendo...

– Pois então, se compreendes, é quanto me basta. Já sabes o que tens de fazer!

Capítulo 12

Porto de Damme. Mar do Norte. Março de 1483

Ubayda estava prestes a ver cumpridos os nove meses de gravidez e Hugo não conseguia disfarçar o receio de não chegar a tempo. Por esse motivo, Berenguela usou um transporte diferente, escusando-o de a acompanhar até Bruges. Como contrapartida, obteve dele uma promessa: assistir à denúncia e queda do irmão adotivo. Uma coisa que ele aceitou com agrado, para em seguida enfrentar um segundo objectivo não confessado: evitar que ela focasse a sua vida pelos caminhos de uma reclusão espiritual.

Berenguela chegou a casa de Renata ao meio-dia com uma enorme vontade de partilhar com ela o êxito da sua missão. Apeou-se do coche e entrou na pastelaria, onde se cruzou com vários clientes que esperavam ser atendidos. Um deles, na realidade uma jovem, mal a reconheceu abandonou dissimuladamente o local, e assim que dobrou a esquina começou a correr com exagerada pressa.



Hugo chegou a Lovaina ao anoitecer, e estranhou a presença de um coche diante da sua porta. Entrou em casa a chamar por Ubayda e cruzou-se com uma mulher que carregava dois baldes de água quente e toalhas lavadas.

– Começou a parir! Vem adiantado e as coisas não estão a correr bem! – explicou a mulher com uma expressão séria.

Hugo sentiu o pânico invadi-lo.

– Como? O que não está a correr bem? Quero vê-la!

– Subi ao quarto. Tive de chamar um físico, que está agora a examiná-la. Mas, como vos disse, não me agrada nada.

Hugo saltou os degraus aos três de cada vez até ao segundo piso. Correu para o quarto, de onde vinham queixosos gemidos. Quando entrou, o que viu deixou-o paralisado. Deitada na cama, banhada em sangue e de pernas abertas, estava

Ubayda. Suava por todos os poros e a sua expressão reflectia uma dor insuportável. Até que o viu; nesse momento o seu olhar iluminou-se.

– Vem para junto de mim, meu amor.

Hugo dirigiu-se à cabeceira da cama, pegou nas mãos de Ubayda e cobriu-as de beijos.

– Cheguei a tempo. Aqui me tens! Estarei a teu lado para ver nascer o nosso filho.

– Há qualquer coisa que não está bem – disse ela, e duas lágrimas deslizaram-lhe pelas faces.

Hugo procurou o médico, e nos seus olhos leu tudo.

– Estou a tentar que saia de cabeça, porque vinha de nádegas. Mas suspeito que durante a volta pode ter-se rasgado qualquer coisa por dentro. Preciso que nasça depressa para poder cosê-la. Animai-a a empurrar com todas as suas forças, agora!

Hugo compreendeu o problema e ficou sem fala. Se Ubayda aplicasse toda a sua energia para expulsar o bebé perderia sangue mais depressa. Mas, se não o fizesse, podia ser pior para ela e para o filho.

– É uma menina, de certeza – disse o médico, enquanto recolhia na mão a pequena nuca.

Hugo beijou os lábios de Ubayda e olhou-a nos olhos.

– És filha do deserto e carne de uma tribo valente e dura. Nunca te ouvi uma queixa nem vi que te deixasses vencer por dificuldades. E essa menina que quer conhecer a vida tem o teu sangue. Não podemos defraudá-la. Consegues fazê-lo! Confio em ti. Pensa na felicidade que nos espera. E agora empurra com todas as tuas forças. Vamos!

Ubayda pediu-lhe mais um beijo, em que pôs toda a alma.

Aquele beijo não foi o mais longo nem o mais intenso que tinham trocado, mas naquele momento significou tudo para eles: constituiu o melhor alimento possível e a chave definitiva para trazer ao mundo uma nova vida. Ubayda cerrou os dentes, fechou os olhos, agarrou a mão de Hugo, encheu os pulmões de ar e gritou com tanta força que à terceira tentativa a criança ficou por fim nas mãos do médico. Mas ao seu pequeno corpo seguiu-se uma escura torrente de sangue de nefastas consequências, tais que o físico ordenou à mulher que levasse o bebé e a Hugo que o deixasse a sós com ela.

Hugo intuiu a gravidade do momento e recusou.

– Fazei o que tiverdes de fazer. Eu fico.

Quis que lhe trouxessem a menina, para depois de recebê-la nos braços a pousar no peito de Ubayda. E choraram os dois de emoção. Tinha a pele um pouco menos escura do que a mãe e um choro que lhes pareceu maravilhoso. Ubayda beijou-lhe a cabeça, os olhos, a testa, as minúsculas faces. Olhava para ela vencida por uma dor intensa que não parava de crescer enquanto sentia os dedos daquele homem dentro de si e as picadas de uma agulha.

Sentiu-se zozna e olhou para Hugo.

– Tenho muito frio...

Ele procurou uma manta e tapou-a, alarmado pela quantidade de sangue e por vê-la como que desvairada, de olhos muito abertos e a respiração entrecortada. Olhou para o físico, e, ao entender a sua expressão de impotência e como negava com a cabeça qualquer possibilidade de recuperação, a alma partiu-se-lhe em duas.

– Continuai a tentar! – gritou, desesperado.

A sua voz arrancou Ubayda àquela espécie de letargo em que tinha caído, e ela estendeu uma mão trémula a procurá-lo.

– Quero dizer-te uma coisa...

Hugo apurou o ouvido para escutá-la, presa de uma pavorosa angústia, sem querer aceitar que estava prestes a perdê-la. Antes de deixá-la falar fundiu-se nos seus lábios, e quando se separaram disse-lhe um «amo-te» saboreado em cada uma das suas letras, pronunciado com o amor mais puro.

– Sinto que me vou de ti, meu amor. – Uma grande lágrima correu-lhe pela face. – Mas ter-me-ás nela.

– Não quero que seja assim. Quero-te a ti, comigo, para sempre.

Ubayda acariciou as costas da filha com infinita ternura, calada, como se já não lhe restassem forças para falar. Tossiu ao de leve e recuperou o pouco fôlego que ainda tinha.

– Hugo, quando fores muito velho, procura-me... Procura-me onde as dunas infinitas que conhecemos se confundem com o céu. Estarei lá à tua espera.

Ele não parava de acariciá-la, de sondar os seus olhos em busca de uma luz cada vez mais ténue. Bebia cada uma das suas palavras e sofria; sofria como

nunca antes tinha sofrido. Mas não queria chorar enquanto restasse um fio de esperança e de vida.

– Amo-te tanto que não tenho espaço no coração para mais amor... – Pôs-lhe uma segunda almofada debaixo da cabeça para que ficasse mais confortável. –

Os últimos anos da minha vida, aqueles em que te tive perto de mim, foram sem comparação os mais felizes. E tudo graças a ti, meu amor, minha pele, meu corpo, meus ouvidos, meu entendimento, minha palavra, meu sono, minha vigília... Todo eu preciso de ti; não posso viver sem ti.

– Cuida dela como fizeste comigo. – Ubayda passou um dedo pelas faces da menina. – Tínhamos pensado chamar-lhe Ubayda, mas dada... – inspirou fundo três vezes para recuperar a fala – ... dada a maneira como veio ao mundo deveria chamar-se Faíza, que na minha língua significa «vencedora», «vitoriosa». Porque... porque a minha menina venceu a batalha contra a morte. Ainda que a mãe não. – Soluçou ao saber que não ia poder vê-la crescer, brincar, falar, casar. – Abraça-me agora...! Pre...preciso de forças para a longa viagem a que o destino me obriga. Fá-lo agora...!

Hugo estreitou-a nos braços e sentiu a sua debilidade, as ténues batidas de um coração que queria descansar, a sua quase imperceptível respiração. E chorou junto dela. Mas ele de amor, de infinita pena, de gratidão e de despedida...

Ubayda deixou Hugo e a sua filha Faíza no preciso momento em que o sino da vizinha catedral de São Pedro dava a última badalada das seis.



Nesse instante, Berenguela resolveu sair e dar um passeio pela cidade, com vontade de apanhar um pouco de ar fresco, depois de ter passado cinco horas a falar com Renata enquanto a via pôr e tirar bolos do forno, e de ter recuperado *Canelilla*.

Deixou para trás o edifício onde se situava a loja e meteu por uma rua lateral, para se dirigir ao centro. Mas não chegou lá, porque dois homens saltaram de uma carruagem e levaram-na à força para o interior. Um deles era Damián, que sabia onde encontrá-la graças à antiga dama de companhia e cliente da pastelaria. Ainda que ela não fosse a única pessoa que pusera de sobreaviso em relação à mulher: acabava de receber um homem enviado pelo seu amigo Santiago de Frías para o pôr ao corrente dos delicados papéis que Berenguela tinha agora em seu poder e que viajara no mesmo navio que ela.

– Que significa isto? – gritou Berenguela.

– Significa que estás a tornar-te demasiado perigosa para os meus interesses.

Ela debateu-se, deitou-lhe as unhas à cara, mas ele segurou-a. E para evitar que continuasse a espernear, desferiu-lhe um tal murro que conseguiu travar-lhe a ira e de caminho fazê-la perder os sentidos. Amordaçou-a, atou-a de pés e mãos servindo-se de uma grossa corda, verificou que continuava inconsciente e mandou o cocheiro arrancar.



Hugo não parou de chorar e de abraçar Ubayda até bem entrada a manhã seguinte, quando entre Niclaes e outro colega de oficina, a par do que tinha acontecido, conseguiram separá-lo do corpo da mulher depois de um tenso e desagradável forcejar. Nem o choro da bebé faminta conseguira afastá-lo dela, apesar de só ter cessado quando, passado algum tempo, apareceu uma boa mulher avisada pela parteira e que tinha dado à luz apenas uma semana antes.

Sepultou-a no pequeno pedaço de terra que tinha nas traseiras da casa, por não poder fazê-lo no cemitério dada a sua condição de ímpia e não ver em que outro sítio poderia repousar a sua amada.

Quis ficar sozinho, cioso da sua dor, com necessidade de viver aquela despedida sem ninguém que se apiedasse dele.

Vestiu-a com a melhor túnica que tinha. Penteou-a. Cruzou-lhe as mãos sobre o peito e por fim envolveu-a num lençol novo e perfumado.

Em seguida abriu na terra uma grande cova onde coubessem os seus pertences. Deixou dois cântaros: um com água e outro com frutas frescas para que não passasse fome nem sede na sua viagem para o infinito, tal como a tinha ouvido dizer que faziam em Tombuctu quando enterravam um dos seus. E quando acabou de cobrir o corpo com a mesma terra que tinha cavado, atirou para longe a pá e viu *Aylal* vir para ele e pousar no lugar onde estava Ubayda, para emitir um grito agudo e doloroso, diferente de todos os que até então lhe tinha ouvido.

Até lhe pareceu ver uma lágrima brotar de um dos seus escuros olhos.

Capítulo 13

Nas caves de uma casa. Bruges. Março de 1483

Nem a desagradável humidade que reinava no interior daquela escura câmara nem o frio penetrante eram pior martírio do que a inquietante angústia que Berenguela sofria desde há dois dias.

Não se lembrava de como tinha chegado até ali, e portanto também não sabia onde estava. Quando acordara pela primeira vez naquele antro, vira-se numa espécie de gruta vazia e mergulhada na penumbra, com paredes de pedra, chão de terra e uma sólida porta fechada à chave. Pedira ajuda, batera na madeira durante as primeiras horas da sua clausura, e esperara outras tantas que alguma coisa acontecesse, que viesse alguém.

Mas naquele primeiro dia nada acontecera.

À tarde, comera o pão e o pedaço de carne seca que lhe tinham deixado. Dormira quando o sono a vencera, sem saber se era dia ou era noite, e sobretudo temera pela sua vida.

A última imagem que tinha presente era a da luta com Damián, mas como não recordava que em Schildpad Thuis houvesse um lugar como aquele, deduzira que estava noutro sítio qualquer. Mas onde? As perguntas assaltavam-na sem encontrarem resposta. Se a tinha escondido ali era porque queria ter algum tempo antes de decidir o que fazer com ela. Por outro lado, podia já ter decidido e o que pretendia era enlouquecê-la ou, pior ainda, deixá-la morrer.

Imaginara a preocupação de Renata.

Conhecendo-a, calculara que a sua primeira opção teria sido ir à sua antiga casa perguntar por ela, sem obter resposta alguma, como era lógico. Talvez em seguida tivesse procurado o antigo amante, o corregedor, para que pusesse todos os seus aguazis a procurá-la. Se assim fosse, não tardariam a dar com ela, quisera pensar. Embora também não tivesse muito a certeza de se encontrar em

Bruges. Talvez a tivessem levado para um lugar qualquer no campo, talvez para uma adega, ou para as caves de uma casa.

Ante tantas dúvidas e sem saber o que poderia acontecer nas horas ou dias seguintes, pusera-se a calcular que probabilidades tinha de levar Damián a mudar de opinião. Acreditaria nela se jurasse desaparecer para sempre da sua vida sem o denunciar? Concluía que não. E menos ainda depois de ter dado um passo tão comprometedor como o sequestro que naquele momento sofria.

A meio do segundo dia ouvira passos do outro lado da porta.

Pedira ajuda, mas ninguém respondera. Os passos afastaram-se e o silêncio voltara, aquele penetrante silêncio em que conseguia ouvir o bater do seu coração e quase os seus pensamentos.

Depois dormira.

Quando acordou, começou a tomar consciência do seu absoluto isolamento e de que estava condenada a morrer de fome. Sentiu uma tal angústia que de tanto tremer teve de se levantar e apoiar as mãos à parede para parar com aquilo. Conseguiu-o controlando a respiração e pensando em Hugo.

Ao terceiro dia, voltaram a deixar-lhe um pouco de comida e água enquanto dormia.

Não ouviu abrir a porta nem viu ninguém. Apesar de ser pouca, aquela comida representou um grande alívio, e sobretudo despertou certas esperanças. Se quisessem vê-la morta, não se dariam ao incómodo.



Dois pisos mais acima, num luxuoso salão, acomodados num confortável sofá, Damián e a sua amante Berta beijavam-se apaixonadamente. Dirigiam as mãos e os sentidos em busca de novos prazeres depois de terem almoçado juntos e decidido o destino da sua inquilina, alojada na cave do palacete de Berta. Naquela casa mais ninguém sabia da sua presença. Damián levava-a semi-inconsciente, aproveitando a hora de almoço dos criados, e ambos tinha decidido metê-la naquela cave. Ficava no extremo de um corredor, com o acesso dissimulado atrás de uma falsa estante. Na realidade, tratava-se de um capricho escavado na rocha por desejo expresso do falecido marido de Berta para esconder uma valiosíssima e extensa colecção de vinhos caros para seu consumo privado, longe das tentações e cobiça da criada.

O local era perfeito. A sua situação garantia um isolamento absoluto, graças ao qual tinham conseguido impedir que nem os gritos nem os pontapés de Berenguela chegassem aos ouvidos de quem quer que fosse.

Mas os fogosos amantes sabiam que aquela solução não podia ser definitiva.

Essa teria de vir com a ajuda de um homem que Damián conhecia, uma personagem obscura a que já recorrera noutras ocasiões para resolver assuntos de alguma delicadeza. O sujeito trabalhava bem, sendo tão primitivo, e a missão de que ia encarregá-lo era simples. Tinham-no decidido antes de acabarem de almoçar. Teria de tirar Berenguela dali durante a noite e levá-la até à costa. Uma das embarcações que se dedicavam ao contrabando transportá-la-ia depois para um dos portos do Norte de África, onde poderiam vendê-la como escrava e ficar com o dinheiro que lhes dessem por ela.

– Devias localizar depressa esse homem – sugeriu Berta, enroscada à cintura de Damián. – Corro demasiados riscos cada vez que tenho de levar-lhe comida. Se algum dos criados me visse estranharia e poderíamos meter-nos em grandes problemas.

– Claro, claro... amanhã trato disso. Julgo saber onde encontrá-lo.

– Perfeito, então! – Mordiscou-lhe um lábio e continuou com o lobo da orelhas. – Imaginas podermos viver enfim juntos, para sempre, e formalizar a nossa relação aos olhos dos nossos amigos? Um novo desaparecimento da tua mulher, desta vez definitivo, seria motivo suficiente para que ninguém voltasse a murmurar contra nós.

– Para lá chegarmos falta tempo. De momento, basta-me ter-te a meu lado.

– Ou debaixo de ti... – riu Berta, arqueando as costas a oferecer-se-lhe.



Seis dias mais tarde, em Antuérpia, Jacob Grosenberg continuava embrenhado nos seus negócios têxteis, e não se podia queixar. A maioria dos clientes achava a qualidade dos seus produtos incomparável e estava a tirar-lhos das mãos. Entre as classes mais abastadas eram muitos os que desfrutavam dos seus apreciados tecidos. E nos últimos meses tinham começado a chegar-lhe encomendas de Paris e Londres, dois dos mercados mais exigentes.

Naquela manhã, esperava no seu escritório o banqueiro e comerciante castelhano Martín de Soria, que tinha solicitado um encontro sem revelar os motivos. Arrumou os papéis em cima da mesa, procurou uma garrafa de um

forte licor fabricado pelos monges beneditinos, encheu um cálice e fechou os olhos enquanto o saboreava. Pouco depois Martín de Soria entrava, apressado. Detestava chegar atrasado, mas tinha bons motivos: fora dar os pêsames a um conhecido que perdera a mulher, mas encontrara um homem tão abatido e destroçado que a visita durara mais do que o previsto.

– Não vos preocupeis. A manhã está a ser mais tranquila do que o habitual e não tenho assuntos prementes. Sou todo vosso – disse Grosenberg, com um sorriso cordial. – Dizei-me, a que devo a honra de ter-vos hoje em minha casa? Sois famoso como comerciante de lãs, entre muitos outros negócios, mas nunca tivemos nenhum juntos. Ardo de curiosidade.

Martín gostou do elogio, mas como sabia bem com quem estava a falar não o levou muito a sério e contra-atacou com o seu.

– E vós como o melhor fabricantes de tecidos de toda a Flandres. Não vim ver-vos por causa das minhas capacidades, mas para solicitar as vossas. Explico-me.

Durante os quinze minutos seguintes falou da sua estreita relação com a corte castelhana, mais em concreto com a rainha Isabel, conhecedora – até ao momento só de ouvir falar – da qualidade do produto que Grosenberg fabricava. Ao que parecia, a rainha tinha-se proposto dar novos ares à austera corte de Castela, e também ao seu guarda-roupa, para torná-la mais moderna, mais actual. Com este objectivo acabava de contratar várias afamadas costureiras, umas vindas de Paris e outras de Bruxelas, que falaram da casa Grosenberg como a melhor fornecedora possível de tecidos, brocados e panos.

– A minha missão hoje é dar-vos uma boa notícia: a rainha deseja fazer-vos fornecedor oficial da corte castelhana. Se aceitardes, estais convidado a encontrar-vos com ela em Burgos, para que veja os géneros com que trabalhais. E se forem do seu agrado, encomendar-vos-á quantidades muito importantes. Que vos parece? Consegui alegrar a vossa manhã?

– Sem a mínima dúvida, cavalheiro. Aceito honrado o que me ofereceis. E podeis informar Sua Majestade de que me deslocarei a essa nobre cidade, aproveitando a minha estada já programada em Medina del Campo, a cuja feira costume ir. – Levantou-se para ir buscar outro cálice e servir um pouco de licor a Martín e fazerem um brinde, que o banqueiro dedicou à rainha Isabel. Depois de o provar, reconheceu o delicioso sabor. Grosenberg retomou a palavra. –

Lamento não poder agradar-vos de melhor maneira depois de imaginar o amargo momento que tereis tido de passar com esse vosso amigo. Conheço-o?

– Duvido. Mas não diria o mesmo do irmão, com quem me parece que tivestes um certo desencontro...

– Sem mais pistas, não chego lá.

– Refiro-me a Damián de Covarrubias. Hugo de Covarrubias, que vive em Lovaina, acaba de enfiar depois de a mulher ter tido uma desgraçada complicação durante o parto.

Grosenberg ficou impressionado pela má notícia.

– Que pena! Não o conheço, mas conheço a cunhada, e sei por ela que é um bom homem. Ao contrário de Damián de Covarrubias, que considero o mais vil de todos os castelhanos que conheci ao longo da minha vida; um sujeito desprezível. Não sei qual é a vossa opinião.

– Muito parecida com a vossa. Faltou pouco para conseguir que fosse expulso do Consulado de Castilla em Burgos, assunto em que tive uma intervenção decisiva. Mas no fim pesou mais o cargo que o pai ocupa em Burgos.

– Dado que partilhais idêntico parecer, tomo proveito da confiança que acabamos de estrear, além de ter-vos por um cavalheiro, para confessar que algum papel desempenhei na penosa relação matrimonial que Damián tem com a esposa, a quem dei o meu apoio sempre que pude. Nem é preciso dizê-lo, mas, para o caso de vos restar alguma dúvida, não me move nenhuma condicionante do género sentimental entre nós.

– Também eu conheço Berenguela, e ainda há pouco soube dela pela boca de Hugo de Covarrubias. Disse-me que há seis dias que chegaram juntos a Damme, no dia do infeliz parto, depois de terem navegado juntos desde Bermeo.

– Berenguela já está em Bruges?

Grosenberg agitou-se na cadeira, como se aquilo o afectasse.

– Tanto quanto sei, sim – respondeu o castelhano, alarmado pela seriedade da expressão do seu interlocutor. – Há alguma coisa que está a escapar-me?

Jacob Grosenberg não chegou a responder.

Pôs-se de pé e apertou a mão do seu visitante para lhe agradecer a encomenda real, mas também para despedi-lo com pressa à porta do escritório.

Mal ficou sozinho, deu instruções ao seu secretário para que selassem o cavalo mais rápido dos seus estábulos. Pegou num pequeno arcabuz de mão que

guardava numa gaveta da secretária e deixou aviso de que não voltaria antes de dois dias, pelo menos.

Inquietava-o não ter tido notícias de Berenguela.



A estrada que ligava Antuérpia a Bruges estava sempre atestada de carroças, coches, mulas, carros de mão e gente a cavalo e a pé, o que tornava impossível transitar por ela com rapidez. Como aconteceu a Jacob Grosenberg, que em vez de cinco horas demorou quase oito, e quando deu por isso chegou a Bruges já bem entrada a noite, a horas impróprias para se apresentar em casa de quem quer que fosse, incluindo a de Renata, por muito amiga que fosse de Berenguela.

Mas quando o fez não se arrependeu.

Depois do que ouviu da parte da italiana, e tendo em conta a completa falta de notícias posteriores àquele estranho desaparecimento, não hesitou. Dirigiu-se à residência dos Covarrubias e pôs-se aos murros à porta para que lha abrissem. Conseguiu-o em cinco minutos. Na fresta apareceu o rosto ensonado do chefe dos criados, que reconheceu Grosenberg no mesmo instante.

Não perdeu a cortesia exigida pelo seu cargo, mas também não deixou de manifestar o seu incómodo.

– Cavalheiro, talvez seja um pouco tarde para termos o prazer da vossa visita, não vos parece?

– Dizei a Damián de Covarrubias que Jacob Grosenberg quer falar-lhe neste instante. – Não moderou o tom da voz. – Quero saber se a senhora está em casa, e não admitirei desculpas! E se não quereis atender o meu pedido com a celeridade que exijo, afastai-vos da porta e deixai-me entrar, que o farei eu.

Apesar da sucessão de ordens, da premência destas e da firmeza do tom com que foram pronunciadas, não conseguiu impressionar o criado, que parecia bem treinado naquelas lides.

– Receio que Doña Berenguela tenha deixado de viver nesta casa há... talvez três anos. E quanto ao senhor, não vem dormir hoje nesta residência. Lamento, talvez o consigais amanhã ao longo do dia.

Grosenberg sacou do arcabuz, plantou-lho no meio da testa e mandou-o afastar-se para verificar a veracidade das suas afirmações. O criado, assustado, agarrado pela manga da camisa de dormir e aos empurrões, acabou por guiá-lo até ao quarto do patrão, no segundo piso. Pelo caminho foram aparecendo outros

membros da criadagem, cada qual mais assustado do que o outro, sobretudo ao verem a arma apoiada nas costas do chefe. A antiga dama de companhia de Berenguela foi a última a aparecer, mas a primeira a escapular-se ao saber o que o visitante pretendia. Voou para o seu quarto e fechou-se à chave.

Grosenberg entrou no quarto de Damián. A cama não estava desfeita e não viu qualquer sinal que indicasse a presença de Berenguela, ou de Damián. Revistou o conteúdo das cómodas e dos armários sem encontrar nada de especial. Pediu então que lhe mostrassem o escritório. Mal entrou, procurou na mesa, gavetas, cadeiras e até no chão, em busca de qualquer pista que refutasse o que o criado tinha dito. Mas também não teve sorte. Lembrou-se da caixa de ferro que tantas suspeitas despertara em Berenguela e derrubou duas estantes até dar com ela. Como era de esperar, estava fechada.

– Volto a perguntar-vos. A senhora esteve em casa nestes últimos dias? Não me interessa como: de visita, de passeio ou seja do que for?

O homem manteve a sua expressão neutra.

– Já vos disse que não.

– Se descubro que lhe fizeram algum mal, juro que pagarei pelo vosso silêncio! – disse Grosenberg, com uma expressão decidida.

– Podeis continuar a insistir no que achardes oportuno, cavalheiro, mas eu disse-vos o que há. Talvez devêsseis experimentar noutro sítio.

– Em que outro sítio? Dizei-me! – gritou, com a cara a uma polegada da do criado.

Nesse instante entraram Renata e Antonio, prontos a ajudá-lo.

– Não sei, noutro sítio... – insistiu o homem, sem querer comprometer-se.

Renata perguntou por Damián, e ao saber que não ia passar a noite em casa, aproximou a boca do ouvido de Grosenberg para lhe falar em voz baixa, evitando que o criado a ouvisse.

– Deve estar com a amante, e eu sei onde ela mora.



Os cascos dos três cavalos ressoaram pelas ruas, vielas e praças até chegarem a um discreto palacete à beira de um dos canais, do outro lado da cidade, onde se supunha que iam encontrar Damián.

Desmontaram com rapidez, e quando bateram à porta esta foi-lhes aberta por uma mulher já idosa, com cara de sono, e depois de perplexidade ao não

conseguir entender duas pessoas que falavam ao mesmo tempo.

– Por favor, um de cada vez – disse, dirigindo-se a Grosenberg.

– Senhora, perdoai-nos esta intrusão a horas tão tardias. Detestaria saber que vos acordámos, mas vimos com urgência. Teríeis a amabilidade de me dizer se Don Damián de Covarrubias se encontra em casa.

Grosenberg acompanhou estas palavras com o melhor dos seus sorrisos e uma expressão calculada que ao longo da sua vida tinha levado de vencida mais de uma sólida negativa. E deve ter surtido efeito, porque a mulher respondeu de imediato que sim. No entanto, assustou-se ao ver que, ao contrário do que esperava e sem lhe perguntarem se podia avisar os senhores, os três visitantes empurravam a porta e entravam na residência. Os agudos gritos que começaram a sair da sua boca pareciam os de um papagaio, o que provocou o alarme do resto da criadagem, e também o dos dois amantes que até então dormiam sobre um confortável colchão de penas de ganso.

A inesperada entrada de três pessoas no seu quarto provocou em Berta um enorme assombro. Damián não tardou a entender ao que iam ao reconhecer Renata e o odiado Grosenberg. Sabia quem procuravam. Mas também que se iriam embora sem saberem que poucas horas antes a tinha tirado da cave, às escondidas, amordaçada e bem amarrada de pés e mãos, para deixá-la num carroção carregado de sacos cujo destino era o porto de Damme.

– Dizei-nos neste instante onde está Doña Berenguela! – gritou Grosenberg.

Damián sentou-se na cama sem sair dela e respondeu com um ar deliberadamente descontraído.

– Um pouco longe daqui se, como imagino, continua em Burgos... – Olhou para Renata. – Mas vós sabê-lo-eis melhor do que eu.

– Mentiroso! – exclamou ela, furiosa e indignada face a tamanha mentira. – Que fizeste dela? Onde a tens escondida?

– Mas será que enlouqueceram todos? – interveio Berta, a tapar-se com um lençol. – Julgais que se pode entrar assim no quarto de uma pessoa, a meio da noite, e acusar-nos de nada menos do que ter sequestrado uma mulher?

Grosenberg decidiu que o tempo das palavras tinha passado. Pegou na arma que Antonio tinha consigo, sacou da sua e dirigiu-se à cama pelo lado de Damián, que ao vê-lo aproximar-se se assustou de verdade. E mais ainda quando

sentiu o cano de um arcabuz na boca do estômago e outro cravado nas suas partes íntimas.

– Por onde preferis que comece? Porque pelo menos um tiro ides levar já se não me revelardes o paradeiro de Berenguela antes que eu acabe de contar até três... Um!... Dois!...

– Esperai. Estais enganado.

– Três!

Desviou o cano do arcabuz para uma das coxas e disparou, para espanto dos ocupantes da cama. Damián retorcia-se com dores e começou a gemer.

– Estais louco! – gritou Berta, em vez de pedir socorro. – O que acabais de fazer vai custar-vos o cárcere!

– Para dar mais razões à vossa denúncia, o melhor é acabar com ele, e desse modo não restará dúvida alguma quanto ao meu delito.

Levantou o cão do arcabuz que pressionava o estômago de Damián, e quando se preparava para disparar, ante os primeiros choros e súplicas que saíram da boca do ameaçado, Berta olhou-o com desprezo, odiou a sua fraqueza e antes que ele vomitasse tudo decidiu negociar.

– Se vos disser, ajudar-me-eis a livrar-me da justiça?

Grosenberg olhou para ela com asco, mas não se deixou levar pelas emoções e prometeu que sim.

– Não lhe digas nada! – protestou Damián.

– Vai a caminho do porto de Damme num carroção, para apanhar um navio.

– Há quanto tempo partiu? – perguntou Grosenberg.

– Há-de haver duas horas.

Grosenberg passou as duas armas a Antonio para que ficasse com eles até poderem alertar os aguazis e, acompanhado por Renata, saiu do quarto a correr para ir buscar os cavalos e galopar a toda a velocidade para o porto de Damme. Se a mulher dissera a verdade, as duas horas de avanço que o carroção lhes levava eram demasiadas para conseguirem alcançá-lo antes de chegar ao seu destino.

Logo que saíram de Bruges, pelo caminho paralelo ao rio Zwin, exigiram dos cavalos o máxima das suas capacidades, com receio de não chegarem a tempo. Se a embarcassem antes de conseguirem encontrá-la, a coisa ia complicar-se muito. Sobretudo por não saberem que direcção teriam tomado, se tivessem de

contratar uma embarcação para os perseguir. Seria tudo muito mais simples se chegassem antes que isso acontecesse.

- A esta hora nunca partem os navios normais, os de mercadorias.
- Que quereis dizer com isso? – perguntou Renata, a gritar para se fazer ouvir.
- Que vamos ter de enfrentar gente de mau viver, de certeza contrabandistas.

O que não disse foi o que acabava de pensar.

Na urgência da precipitada partida, deixara as duas armas com Antonio.

Mau assunto, concluiu.

Precisava de pensar em qualquer coisa.

Capítulo 14

A caminho do porto de Damme. Mar do Norte. Março de 1483

Berenguela contorcia-se entre os sacos, a tentar encontrar uma posição mais cómoda.

Doía-lhe o corpo todo. Entre os solavancos da carroça e os buracos da estrada, que de vez em quando davam a sensação de que o desconjuntado transporte ia desfazer-se em pedaços, ansiava chegar fosse onde fosse, mesmo desconhecendo o negro destino que podia esperá-la.

O seu captor não lhe dissera uma palavra durante todo o caminho. Só o ouvira resmungar obscenidades sempre que o cavalo abrandava o passo, ou perguntar a outro carroceiro com que tinham cruzado se já estava perto. Mas não chegara a perceber de onde, nem a resposta.

Por isso, quando se desviaram do caminho para se deterem pouco depois a escassa distância, sob a protecção de um pequeno bosque, não suspeitou das intenções do homem. Descobriu-as quando ele se pôs a tocar-lhe.

Tentou gritar, mas a mordação impedia-lho. Em contrapartida debateu-se com todas as suas forças para fugir dele, arranhando-o como uma fera.

– Fica quieta de uma vez e não resistas! – intimou ele, num tom severo. – Garanto-te que serei o mais delicado dos muitos homens que vais conhecer daqui em diante, e mais ainda quando te venderem. Por isso aproveita do bom pela última vez.

Abriu-lhe a camisa e enfiou a mão. Berenguela notou a aspereza dos dedos e sentiu asco. Com a cabeça presa entre dois sacos de serapilheira, esfregou a cara, a tentar arrancar a mordação. Mas não conseguia. Entretanto, o seu captor continuava a explorar-lhe o corpo com decidido empenho. Experimentou fazer deslizar as mãos por entre a corda que as atavam e conseguiu um pequeno progresso, sem deixar de tentar desfazer-se da mordação. Sentiu-se desesperada. O homem estava a animar-se e ninguém podia ajudá-la.

Mas não ia facilitar-lhe a vida, decidiu.

Nesse instante ouviu o barulho de cascos de cavalo que se aproximavam e pensou que aquela seria a sua última oportunidade se não queria ser violada. Não se importou com os arranhões que causou a si mesma quando, numa das suas redobradas tentativas encontrou uma afiada cana que atravessava um dos sacos. Sentiu o calor do seu sangue, mas concentrou-se naquela providencial ponta e conseguiu introduzi-la entre a cara e o pano para tentar rasgar o tecido. Mas a única coisa que ganhou com isso foi espetá-la na comissura dos lábios, provocando um fundo golpe que de imediato começou a sangrar em profusão. Rodou o pescoço, forçando ao máximo até que sentiu a mordaca mover-se o suficiente para poder pedir socorro gritando a plenos pulmões. Assim fez, e os seus gritos conseguiram que os dois homens, que se dirigiam para o porto, a ouvissem e se interessassem pelo que estava a acontecer entre as árvores.

– Não vedes que não quer? Por que insistis! – recriminou um deles, ao compreender que o homem estava a aproveitar-se da mulher sem o seu consentimento, mas sem querer intrometer-se demasiado.

– Ajudai-me, por favor! – suplicou Berenguela, até que o seu captor lhe tapou a boca com uma mão.

Os homens fizeram menção de aproximar-se, mas a aparição de um arcabuz fê-los pensar melhor. Decidiram não se meterem em sarilhos e deram meia volta.

Berenguela viu-os ir, apavorada, sem a mais pequena esperança de sair indemne dos desejos daquele canalha. Mas enganava-se. Ou lhe passou a vontade ou receou que aqueles dois homens fossem pedir ajuda; não se explicou. Em vez disso, voltou a pôr-lhe a mordaca, subiu para a boleia da carroça e fez estalar as rédeas no dorso do cavalo, para a fazer voltar à estrada.



A bastante distância deles, dois cavaleiros galopavam a toda a velocidade debruçados para os pescoços das montadas e a esquadrihar a paisagem em redor, em busca da carroça que transportava a sua amiga. Pareceu-lhes ver uma no meio do caminho, mas era uma sombra.

Quando, vinte minutos mais tarde, chegaram à primeira eclusa, viram três barcos amarrados ao molhe e observaram que em nenhum deles se notava qualquer espécie de actividade nem tinham carroças por perto. E como também

não viram no mar uma única embarcação a navegar, entreolharam-se desalentados. Onde se teriam metido.

Grosenberg propôs avançarem por uma língua de terra que se adentrava no mar, formando uma enseada, para dali terem uma boa perspectiva da costa.

– Teremos chegado demasiado tarde? – angustiou-se Renata, a apontar para o horizonte marinho.

– Não percamos a esperança. Não podiam ter ganhado assim tanto avanço numa carroça.

Quando chegaram ao extremo da estreita língua de areia e se viram rodeados de mar, graças à luz de uma brilhante lua cheia, tiveram uma boa visibilidade das duas vertentes da costa, de cada lado da foz do rio Zwin.

Renata foi a primeira a vê-los.

– Olhai para leste, naquela praia!

Apontava para uma barca na água, quase a chegar a terra, e uma carroça parada com um homem na boleia, como se estivesse à espera.

– Têm de ser eles – concluiu Grosenberg, e puxou as rédeas para a direita, voltando o cavalo naquela direcção. – Deixai-me chegar primeiro, pode ser gente perigosa. Prefiro que mantenhaiis alguma distância para verdes se preciso de ajuda. Se for o caso, procurai-a no porto.

Renata assentiu, refreando o galope do seu cavalo.

Quando chegou à praia, Grosenberg procurou o ângulo morto do carroceiro para surpreendê-lo pelas costas, mas um relincho do seu cavalo alertou o sujeito, que se voltou. Ao ver que se aproximava um homem com evidentes más intenções montado num cavalo coberto de suor que parecia galopar empurrado pelo vento, procurou a sua arma debaixo da boleia.

Como não desviava os olhos dele, Grosenberg calculou o pouco tempo de que dispunha antes que o arcabuz disparasse. Cravou os calcanhares nos flancos do cavalo e o animal respondeu indo buscar novas forças ao seu poderoso corpo e acelerando ainda mais a corrida.

Berenguela revolveu-se, presa entre os sacos, ao reconhecer a voz de Grosenberg quando este ameaçou de morte o seu captor um instante antes de saltar do cavalo para cima dele, com a sorte de não lhe ter dado tempo a carregar a arma.

Os dois homens rolaram pelo chão.

Grosenberg, agarrado ao pescoço do homem, tentava sufocá-lo depois de ter visto Berenguela na caixa da carroça. O outro tentava o mesmo, mas com piores resultados por ter ficado debaixo do seu agressor. Revolveu-se como pôde, procurou a boca do estômago do atacante e conseguiu assestar-lhe um fortíssimo murro nos pulmões que o deixou sem respiração por um instante. O carroceiro, agora em melhor posição, aproveitou, colocou-se por cima do adversário e começou a esmurrar-lhe a cara com uma sanha brutal sem que Grosenberg conseguisse esquivar os golpes.

Entretanto, os três ocupantes da barca remavam com redobrado brio, no esforço de chegar à costa e ajudar o seu contacto em terra. Mas não contaram com a inesperada aparição de uma bela mulher montada num cavalo, nem souberam como, depois de saltar da sela com uma agilidade felina, conseguiu carregar o arcabuz com insólita perícia e disparar na direcção deles. Falhou o tiro, mas, ante a possibilidade de que o repetisse e afinasse a pontaria, fizeram meia volta e afastaram-se em direcção a um navio fundeado a pouca distância.

Renata voltou a carregar o arcabuz e dessa vez apontou-o à cabeça do agressor de Grosenberg.

– Queres viver ou aperto o gatilho?

O homem deteve-se, ergueu as mãos e implorou clemência.

Grosenberg pôs-se de pé, desferiu-lhe um violento murro nos rins e procurou uma corda para o imobilizar. Renata, entretanto, contornava a carroça para chegar a Berenguela. Os seus olhares encontraram-se. Um cheio de alívio, o outro, o da italiana, espantado ao ver-lhe o rosto coberto de sangue.

– O que te fez?

Tirou-lhe a mordança e depois as cordas que lhe atavam os pulsos e os tornozelos.

– Descansa, não é nada. Feri-me ao tentar libertar-me.

Esfregou os pulsos, viu Grosenberg e lançou-se nos braços da amiga.

Renata acariciou-lhe os cabelos com ternura, sem conseguir conter as primeiras lágrimas nascidas da alegria, fruto da tensão que acabava de viver.

– Nunca mais poderá fazer-te mal. Antonio tem o teu marido retido em casa da amante. Quando voltarmos, alertaremos os aguazis para que o encarcerem de imediato. Há-de apodrecer numa cela pelo resto dos seus dias – concluiu a italiana num tom de voz contundente.

– Ia vender-me... Consegues imaginar? Será possível tanta maldade em alguém que conheceste durante uma boa parte da tua vida? – soluçou Berenguela, agora abraçada a Grosenberg. – Se não fôsseis vós, que teria sido de mim? Nunca mais me teríeis encontrado.

Grosenberg contou-lhe a providencial conversa com Martín de Soria e de que maneira ficara a saber que ela tinha viajado com Hugo, antes de lhe dar a má notícia.

– Não pode ser... Dizeis que a mulher de Hugo morreu? – Sentiu uma súbita necessidade de vê-lo. – Coitado! Que grande desgraça! – Levou as mãos à boca, esquecida do que acabava de viver. – Como está ele?

Notaram os dois a sua urgência. Grosenberg desatrelou o cavalo da carroça e disse às mulheres que montassem os outros dois para regressarem à cidade.

– Tu o averiguarás quando o vires... – respondeu Renata. – Preferes ir agora ou queres passar primeiro por casa para tratar dessas feridas?

– Tenho de ir já para Lovaina. Penso que posso ajudá-lo.

Capítulo 15

Lovaina. Ducado da Borgonha. Março de 1483

Faíza tinha só uma semana de vida, excelentes pulmões, fome de três em três horas, ou nem isso, e nenhuma atenção por parte do pai.

Berenguela apaixonou-se por ela mal a viu depois de Grosenberg a ter acompanhado até casa de Hugo e de uma mulher com outra criança nos braços a ter recebido. Era a ama-de-leite, que disse chamar-se Manni.

– Sou Berenguela, uma amiga de Hugo. Berenguela Ibáñez. – Decidiu recuperar o seu verdadeiro apelido, depois de usar o de Covarrubias durante demasiado tempo. Fazê-lo provocou-lhe uma sensação agradável. – E o pai?

Acariciou o queixo da bebé, que reagiu abrindo e fechando a boca como se estivesse a mamar.

– O senhor não permite que ninguém o incomode. De vez em quando sai do quarto, dá duas voltas pela casa e quando muito aceita responder a uma pergunta, desde que só exija um sim ou um não como resposta. Mais do que isso não fala... Há dias em que só o vejo uma vez. Come qualquer coisa, quase nada, e volta a fechar-se até ao dia seguinte.

Berenguela escutava-a com respeito, mas sabia o que tinha de fazer.

– Quando mama?

Faíza tinha começado a chorar.

– Receio que agora.

Passou-lhe o filho, que teria ano e meio, e pegou na esfomeada bebé. Sentou-se, desabotoou a blusa e deixou assomar um generoso seio que aproximou da boca da criança. Faíza lançou-se a ele com ansiedade, como se nunca tivesse comido em toda a sua curta vida.

Berenguela observou a cena emocionada, calada, com uma certa inveja.

No silêncio da cozinha, só se ouvia a bebé mamar. A cor tostada da sua pele contrastava com a brancura do seio da ama, o que evocava recordações da mãe

falecida. Pareceu-lhe injusto desfrutar daquele momento quando deveria ser ela a fazê-lo. Pensou em como a vida tinha sido cruel para ambas. O destino permitira-lhes desfrutar do mesmo homem, mas a nenhuma tanto tempo quanto teriam desejado; como se viver uma vida plena e feliz não constasse da relação de direitos de nenhuma delas.

Fechou os olhos e na sua mente surgiu a imagem de Hugo e Ubayda juntos, na capela da catedral de Antuérpia, quando a tinha conhecido. Ao voltar a abri-los viu a frágil criança e teve pena dela; nunca teria uma mãe para amar, em que rever-se, com quem aprender.

Não pôde conter-se e soluçou, tendo o cuidado de se certificar de que Manni não tinha reparado.

Fê-lo não só pela pena que tinha de Faíza, ou pela desgraça que acontecera naquela casa poucos dias antes. Naquela dor também ela cabia: a sua vida truncada, os seus sonhos frustrados, o doloroso facto de ter estado tão perto de passar pelas mais espantosas experiências se os desejos do seu marido se tivessem cumprido.

Uma angústia terrível apertou-lhe a garganta ao ponto de não conseguir engolir. Precisava de um copo de água. Enquanto o procurava, ao passar diante de um espelho de parede, deteve-se um instante para se ver. A vida tinha sido injusta para ela e para a pobre Ubayda, e isso deixara marca. De súbito, sentiu-se muito mais velha do que era. Viu as faces um pouco mais descaídas, o profundo golpe na comissura dos lábios e umas incipientes olheiras que pareciam dispostas a ficar ali para sempre. Alegrou-se por ter parado em Bruges, contra a sua primeira ideia, para mudar de roupa, lavar as feridas e enfiar num pequeno saco meia dúzia de coisas. Não sabia onde iria dormir naquela noite se Hugo não achasse bem que o fizesse em sua casa. Procuraria uma estalagem, decidiu.

A ama foi-se embora pouco antes das três, agradecida pela presença daquela mulher que lhe permitiria enfrentar as tarefas da sua casa depois de ter dado mais uma vez de mamar à criança e de deixá-la adormecida. Antes de se despedir pediu-lhe uma só coisa para quando conseguisse falar com Hugo.

– Dizei o que necessitais. Transmitir-lho-ei.

– Que me pague esta semana. E conviria recordar-lhe que só virei este mês. Estou a secar. O meu filho já não precisa de leite. Se o conservo é por consideração para com esta pobre menina, pois gostaria de cuidar-me, bem me

entendeis. – Agarrou os peitos, levantou-os, e ao largá-los caíram demasiado baixo, para seu desgosto. – Se continuo assim, vou parecer uma vaca.

Ao ficar sozinha com Faíza, Berenguela imaginou o grave transtorno que significaria para a bebé perder a sua actual fonte de alimento, e para Hugo ter de procurar uma substituta. Ocorreu-lhe uma ideia insensata, talvez absurda, mas que a seduziu de tal maneira que depois de pensar nela mais alguns minutos decidiu tentar pô-la em prática, pelo menos até que Manni se fosse embora. Tocou nos seus peitos, ainda jovens, e lembrou-se de Jacinta, uma das cozinheiras que tinham tido na família. Sem ter dado à luz, a mulher conseguira amamentar o sobrinho depois de a irmã ter morrido de parto, como acontecera a Ubayda. Não sabia como, nem o que tinha de fazer para que lhe saísse leite dos peitos. Calculou que precisaria de Faíza para estimulá-los, pôr naquilo muita vontade, que não lhe faltava, e talvez contar com um pouco de sorte. Queria tentar. Decidiu experimentar essa noite com um peito, antes que Manni usasse o seu. Se o fizesse depois talvez a criança, com a barriga cheia, não tivesse vontade de chupar.

De repente, sentiu-se capaz de criar a bebé, e aquilo pareceu-lhe a tarefa mais importante que a vida poderia oferecer-lhe.

Só faltava propô-lo a Hugo.

Tinha chegado o momento de falar com ele, de fazê-lo entender que estava disposta a tudo. Inclusive a viver algum tempo em casa dele, pelo menos até que a menina estivesse criada.

Sentia-se eufórica quando bateu à porta do quarto de Hugo. Tanto que não ligou ao furibundo protesto que veio do interior, a exigir que o deixassem em paz.

– Hugo, sou eu, Berenguela! – Ergueu a voz o mais que pôde. Esperou resposta. Como não a recebeu, insistiu: – Deixa-me entrar, preciso de falar contigo! – Repetiu isto duas ou três vezes. – Lamento muito o que aconteceu.

– Vai-te embora! Quero estar sozinho!

Berenguela decidiu abrir a porta e entrar de todos os modos. A primeira coisa que notou foi que o quarto cheirava a fechado. Depois a falta de luz e a desordem que ali reinava. Um montão de roupa atirada para o chão, as cortinas arrancadas, as gavetas de um móvel feitas em pedaços contra as paredes e Hugo

deitado em cima dos lençóis agarrado a uma túnica como se disso dependesse a sua vida. Tinha de ser de Ubayda.

Repetiu o que já dissera:

– Vai-te embora! Quero estar sozinho!

– Não tenciono ir – respondeu ela, com firmeza. – Portanto o melhor é dares-me um pouco de atenção.

– Por que havia de o fazer? – Voltou a cabeça para ela. – Vais acaso devolver-me o que perdi?

– Não tenho essa pretensão, entre outras coisas porque é impossível. Vim logo que soube o que aconteceu, para te ajudar.

– Ninguém me pode ajudar.

Berenguela não estava disposta a deixar-se vencer pela apatia dele, e decidiu combatê-la dando-lhe conta da sua desgraça.

– A estas horas, o teu irmão deve estar num calabouço.

– Como?

– Não sei como se inteirou do meu regresso nem das minhas intenções, porque, depois de raptar-me em plena rua, teve-me seis dias encerrada numa estreita e horrível cave com a intenção de fazer-me desaparecer para sempre num mercado de escravos da costa africana.

A notícia da prisão de Damián pareceu ter em Hugo um efeito balsâmico, mas não a do rapto, pelo que se animou a falar.

– O que aconteceu ao meu irmão reconforta-me; merecia-o. Mas o que acabas de me contar... Não posso crer que pretendeu vender-te. Feriu-te? Estás bem?

Levantou-se da cama, estendeu com muito cuidado a enrugada túnica de Ubayda sobre os lençóis e olhou para Berenguela com os olhos inchados e vermelhos. Aquela imagem comoveu-a de tal maneira que precisou de abraçá-lo. Avançou para ele de braços abertas e com essa intenção. Mas Hugo rechaçou-a.

– Não o faças, por favor. Não preciso de carinho.

Berenguela recuou, aturdida.

– Perdoa-me, não sei o que se passa comigo. Penso que os meus sentidos, a minha memória e todo o meu ser continuam a ser dela. Foram-se com ela, e por isso cheguei à conclusão de que a vida não pode dar-me muito mais do que já deu.

– Não é verdade. Ainda tens a tua filha, que precisa de um pai.

– Não tenho vontade de a ver.

Esta afirmação rasgou o coração de Berenguela.

– Que culpa tem ela, a pobrezinha?

– Que culpa tem...? Toda! – sentenciou, ao mesmo tempo que pegava na túnica da esposa para voltar a abraçá-la. – Agradeço a tua visita, mas dadas as circunstâncias espero que compreendas que prefiro estar sozinho.

Berenguela retorceu a saia entre as mãos, nervosa, a tentar descobrir o que mais podia fazer para mudar a relação dele com a menina. A ama contara-lhe que nunca tinha visto o senhor com a filha, nem para tê-la nos braços uns poucos segundos. Saiu do quarto, e quando voltou Hugo já estava outra vez deitado de costas. Levou-lhe Faíza e pousou-a nos lençóis, perto dele, onde pudesse vê-la. A bebé arqueou as costas e emitiu um par de débeis gemidos, estendeu os bracinhos e bocejou. Mas a única coisa que conseguiu foi que Hugo a empurrasse, afastando-a de si.

– Não podes recusá-la, por Deus! Se existe, é por obra tua e de Ubayda.

– Ainda não posso amá-la... – murmurou ele, com um fundo suspiro.

Aquelas palavras soaram mais esperançosas do que as primeiras, o suficiente para que Berenguela recuperasse uma relativa tranquilidade. Pegou na bebé ao colo e antes de sair do quarto quis saber a opinião dele.

– Quero propor-te uma coisa.

– Não estou na melhor altura para comprometer-me demasiado.

– Até que te sintas melhor, gostaria de ficar para cuidar da tua filha e, claro, também ajudar-te a ti.

– E a tua vida em Burgos, ou em Bruges, com Renata?

– A minha mãe está bem cuidada e Renata saberá compreender. É aqui que faço falta. E isso para mim é o suficiente.

Hugo voltou-se e esboçou um triste sorriso antes de responder.

– Estás em tua casa.

Capítulo 16

Lovaina. Ducado da Borgonha. Abril de 1483

Berenguela tardou três semanas a conseguir que os seus peitos vazios produzissem leite suficiente para fazer engordar a pequena Faíza e permitir que Manni deixasse de ir. Mas não foi fácil. A vontade de comer da criança e o pouco leite que ao princípio manava, depois de ter feito mil massagens, de pôr a bebé ao peito e de superar a ansiedade que tudo aquilo lhe provocava, tinham acabado por aparecer-lhe nos mamilos umas gretas que só ela sabia como lhe doíam. Cada vez que Faíza sugava, saltavam-lhe as lágrimas, numa mistura de infinita felicidade e incrível dor.

No entanto, quase não via Hugo, que se mantinha no seu ostracismo e continuava a não querer ver a filha. Os poucos momentos de comunicação aconteciam quando ela lhe levava ao quarto qualquer coisa de comer. Nessas alturas, contava-lhe os mais pequenos progressos que notava em Faíza: os seus primeiros sorrisos, o dia em que não parara de chorar devido a uma dor de barriga, ou como se agarrava ao seu dedo antes de adormecer. Numa ocasião, imitou os seus balbucios de prazer quando a lavava, morta de riso, a querer ver nele um esboço de emoção. Explicava-lhe como as suas perninhas estavam a ficar gordas, incitando-o a vê-las. Mas Hugo parecia alheio a tudo. Apesar disso, Berenguela não desfalecia nos seus esforços para fazê-lo interessar-se pela menina. Por vezes acrescentando as suas sensações, quase sempre emocionada. Dizia-lhe que não lhe cabia mais felicidade no coração, mas ele não a escutava.

Passavam os dias e, apesar de assumir sozinha o seu compromisso, tinha consciência de estar a viver uma experiência privilegiada: desfrutava das alegrias da maternidade sem ter tido de sofrer as dores do parto nem os incómodos da gravidez. A criança preenchia-lhe os dias, ao ponto de esquecer a sua vida anterior e abafar qualquer outra necessidade pessoal.

Quatro semanas depois de ter ficado a viver com Faíza e Hugo, Berenguela pegou em papel e pena e escreveu uma longa carta endereçada ao sogro, o pai de Hugo. Nela explicava, sem poupar um único pormenor, tudo o que tinha acontecido com Damián desde que casara com ele. Ao longo de doze folhas, tentou revelar as sujas artimanhas comerciais que o enteado levava a cabo contra os seus interesses e a favor do pai dela, bem com as vis tentativas de assassinar Hugo por parte do seu feitor Policarpo. Primeiro em Bermeo, quando ele se vira obrigado a fugir por esse motivo, e não por tê-lo roubado, como continuava a acreditar, e anos mais tarde em Quastiliya.

Com aquela carta, Berenguela quis adiantar-se às notícias que haviam de chegar-lhe de Bruges, através do Consulado de Mercaderes de Castilla, para que soubesse a única verdade. Mas aquele correio tinha uma segunda intenção: queria eximir Hugo das maledicências que tinham pesado sobre ele durante demasiados anos, dando fé do que na verdade acontecera. Sequenciou, num breve resumo, os lugares onde o filho tinha estado, os motivos da sua aventura africana e a maestria a que chegara no nobre ofício de vitralista. Mas também lhe falava de Ubayda e da sua neta Faíza, a qual desejava que pudesse conhecer em breve.

Hugo não soube nada daquela carta. Berenguela não quis arriscar-se a que a proibisse de a enviar, e era a sua maneira de fazer justiça.

Durante aquele primeiro mês, teve por três vezes a visita de Renata.

Na primeira soubera que *Canelilla* continuava desaparecida desde o dia do seu rapto, quando a gata saíra à sua procura e nunca mais voltara, o que desde então lhe mantinha uma ferida aberta no coração. Também a pusera ao corrente da situação de Damián. Além da denúncia feita contra ele pelo advogado de Grosenberg, tinha recebido outra da dama de companhia de Berta, que o acusava de ter abusado dela sem o seu consentimento em inúmeras ocasiões. Berenguela desconhecia se a acusação seria ou não baseada em factos, mas também não a surpreendera muito, dados os antecedentes de Damián. Ficara a saber que estava encarcerado em Bruges e que só lhe era permitida uma visita por semana, à qual só ia o advogado, porque a amante, depois de ter conhecimento do caso da empregada e ao ver-se isenta de julgamento pelos crimes que ela cometera, deixara de aparecer e decidira apagá-lo para sempre da sua vida.

Na segunda visita, Renata anunciara-lhe que estava enfim grávida. Fizera-o num tom de voz tão alto, que acabara por fazer Hugo sair do seu quarto. Criara-se entre os dois uma situação de constrangimento, depois de se terem visto pela última vez numa cama da hospedaria Peacock, a amarem-se com paixão.

A terceira visita, além de continuar a não trazer notícias de *Canelilla*, que deram por perdida ou, pior ainda, morta, teve um conteúdo muito mais íntimo. Nela, Renata foi mais directa e com toda a intenção de sondar até ao fundo o coração de Berenguela. Via-a tão ligada à menina, tão feliz e tão diferente de como a tinha conhecido nos últimos anos que trouxe a lume a sua relação com Hugo.

– Como queres que me sinta cada vez que o vejo?

– Diz-me tu. Há um mês que vives em casa dele e não sei o que te vai pela cabeça todos os dias, apesar de estares a fazer tanto bem a essa criança.

Berenguela tinha-a nos braços, profundamente adormecida e com um ar angelical.

– Não posso amá-lo mais... – Encolheu-se sobre si, como se em vez de ser prazenteiro o seu sentimento estivesse eriçado de dolorosos espinhos. – E com ele acontece o mesmo, mas com a sua Ubayda. – Suspirou com dificuldade, desde uma funda pressão interior. – Para ele, tudo parou. Nem o trabalho, nem a filha, e menos ainda a minha presença: nada consegue arrancá-lo à sua apatia. Por vezes penso que quer matar-se para ir para onde ela está.

– E que vais fazer? Como suportas tê-lo aqui, tão perto, dia após dia, sem qualquer esperança de conseguir o seu amor?

– Niclaes Rombouts e Van Diependaal, que foi seu mestre, vêm amanhã falar com ele. Precisam que volte depressa ao trabalho para acabarem aquela importante encomenda de Burgos. Quis que viessem os dois, porque sei o respeito que tem por eles. Se o conseguirem, Hugo dará o primeiro passo para a recuperação. Tenho a certeza.

– E tu? – insistiu Renata, a pensar só na amiga.

– O que tenho de conseguir a seguir é que recupere a filha. Se ela precisa dele, ele precisa ainda mais dela. O pior é que ainda não o sabe. Quero meter-lha no coração até que não haja nada maior do que ela. E sei como fazê-lo. Levará tempo, mas não duvido do resultado.

– E onde pensas estar tu?

– No convento onde está a minha mãe.

Renata reagiu erguendo os braços acima da cabeça, num gesto de absoluta indignação.

– Espera! Calculo o que estás a pensar. E não, não estou louca.

– Sabes que sempre gostei de dizer o que penso, sem rodeios – replicou Renata, e franziu os lábios preocupada com a decisão errada que a amiga pretendia tomar. – Não te enganes. Quem tu amas não está nos altares nem nos claustros ou nas sacristias. Enganarias os dois: Deus e Hugo...

A verdade destas palavras desarmou Berenguela, que não soube o que responder. O queixo começou a tremer-lhe, e depois as mãos. Baixou os olhos. Inspirou fundo três ou quatro vezes seguidas e, quando julgou ter recuperado um certo controlo das suas emoções, justificou-se.

– Amei-o desde os... não sei, cinco, seis anos? E o facto de estar aqui foi uma decisão minha, não posso dizer outra coisa. Mas estar tão perto dele sem o ter está a ser muito pior do que sentir-me um segundo prato, quando vejo que o primeiro o encheu, uma coisa que até já tinha chegado a assumir. Mas ao fim de um mês aqui não imaginas o martírio de ver outra mulher nos seus olhos. Sempre, sem espaço para mais ninguém, a absorvê-lo por inteiro. É tão asfixiante para mim! Não imaginas como dói... Fere-me no fundo do coração. E posso culpá-lo por isso? De maneira nenhuma. Portanto a única coisa que tenho de fazer é desaparecer da sua vida e aceitar a realidade.

Renata entendia os seus argumentos, mas revoltava-se furiosa ao vê-la tão vencida. Pegou-lhe nas mãos e deu-lhe a sua opinião.

– Hugo está em pleno luto e vai ter de passá-lo. Precisa de tempo. Mas não te afastes dele, compreendes? Se te tiver perto, um dia tudo poderá mudar e talvez o seu coração comece a vibrar ao teu ritmo. Tornarás tudo muito difícil se estiveres num convento.

– Não acredito que mude...

– E como vais suportar abandonar essa criança que estás a criar?

– Não o suportarei. Arrastarei esse sofrimento pelo resto dos meus dias, eu sei. Mas é filha dele, e eu sou apenas a tia.

Ouviram dois agudos gritos do outro lado da janela, no pátio interior da casa.

– Que foi isto?

– É *Aylal*, o falcão dele. Também sofre com a sua ausência e de vez em quando protesta desta maneira. Penso que chora como eu faço todas as noites...



Van Diependaal acabava de regressar de Milão muito satisfeito com o seu trabalho na cartuxa de Pavia, e, quase sem entrar em contacto com a oficina, tinham-lhe aparecido mais duas encomendas. Mas o aviso da cunhada de Hugo varreu qualquer outro plano para aquele dia. Ficou de ir buscas Niclaes à sua oficina, e por volta das dez da manhã estavam ambos na cozinha da casa do seu discípulo, a ouvir Berenguela.

– Não vou dizer-vos como tendes de o convencer. Mas digo-vos que, se continuar como está, vai acabar por enlouquecer. Não faz absolutamente nada. Passa os dias sem sair do quarto. De vez em quando ouço-o chorar, mais nada. Precisa de trabalhar...

Os dois homens assumiram o encargo e prometeram ser o mais convincentes possível. Niclaes mais obrigado ainda ao ver-se sozinho na complexa elaboração dos vitrais para a cartuxa de Santa María de Miraflores.

– Ides ficar surpreendidos quando virdes como está magro.

– Mandai-o vir – atalhou Van Diependaal, ansioso.

Quando Hugo entrou na cozinha, era a imagem perfeita do desespero. Não estava magro, era um autêntico saco de ossos. Berenguela tinha ficado aquém da realidade.

– Lamento não ter podido estar no funeral – desculpou-se Van Diependaal.

– Que importa? A única coisa importante é que a perdi e não quem esteve mais ou menos perto de mim nestes dias.

A resposta soou demasiado dura, mas Hugo já não queria saber de formalidades.

Niclaes olhou para Hendrik, e sem necessidade de falar perceberam que aquele não era o caminho mais adequado. Van Diependaal passara a noite a pensar em que sentido encaminhar a conversa. Tinha-se imaginado no lugar de Hugo a procurar uma porta de saída. Não fora fácil. No entanto, e sob o efeito das poucas horas dormidas, tentou.

– Hugo, a partir de agora vais ouvir tudo o que tenho para dizer sem me interromperes até que acabe. Depois disso estarei disposto a responder ao que quiseres. – Hugo ficou calado. – Preciso que olhes para mim. Só te peço isso.

Hugo fez o que ele pedia, mas custou-lhe; os seus olhos pareciam velados pela dor que carregavam.

– Quem nasceu com um dom como o que tu tens deve expressá-lo através da arte. Em cada obra que sai das mãos de um criador, há uma boa parte dele: está lá a nossa essência, as nossas emoções, a ira que a dada altura talvez tivéssemos sentido, e o gozo imenso de vermos o resultado final ante os nossos olhos. Mas também as nossas frustrações, a angústia, as penas e, claro, a dor. Nós, os vitralistas, temos outra linguagem para comunicar as emoções que levamos dentro, Hugo. Na realidade, são elas que num dado momento nos fazem ser grandes ou efémeros. O resto do mundo lê o que lhe queremos contar quando olha para os vitrais que saem do fogo das nossas oficinas. Não precisamos de palavras, só de vidros e tintas... – Inspirou fundo e suspirou, a tentar avaliar o efeito das suas palavras. Ainda sem o conseguir, continuou: – Não precisas da solidão, do teu quarto, ou desse estado de recolhimento em que agora vives para vencer a imensa dor que sentes. Não! Vem para a oficina! Amanhã! E usa as tuas mãos para chorar! Desenha tudo o que te afoga o coração. Plasma em vidros o que agora sofres, mas fá-lo num tabuleiro de vitralista. Não quero sabê-lo por palavras; conta-me tudo através dos vidros. – Calou-se por instantes, sem desviar o olhar. – Era tudo o que tinha para te dizer...

Hugo sentiu que alguma coisa se agitava dentro de si e, apesar de não dizer nada, soube que com aquelas palavras a luz acabava de se infiltrar no seu mundo de escuridão.

E de súbito compreendeu que era isso que tinha de fazer.

Niclaes acrescentou apenas seis palavras, seis simples palavras que acabaram de convencê-lo.

– Conta-nos com vidros quem era Ubayda!

Capítulo 17

Oficina de Niclaes Rombouts. Lovaina. Julho de 1483

Nos três meses desde que voltara ao trabalho, Hugo conseguira terminar dois dos sete vitrais que lhe competiam: a Anunciação da Virgem e a Visitação a Santa Isabel juntas no primeiro, e a Natividade no segundo. Mas tinha começado mais duas tábuas: o Anúncio do Nascimento do Messias aos pastores e a Adoração dos Reis Magos.

Dada a falta de espaço na oficina de Niclaes, estava a trabalhar na de Van Diependaal, o que significava o uso de areias e óxidos minerais diferentes que afectavam a composição dos vidros, mas não o estilo.

A Niclaes, que visitava com frequência a nova oficina do cunhado nos arredores de Lovaina e acompanhava os trabalhos de Hugo, não passou despercebida a semelhança do rosto da Virgem com as feições de Ubayda, pelo menos em quatro dos vitrais. Hugo fizera-o para imortalizar a mulher que mais amara em toda a sua vida – a verdadeira responsável por ter-se tornado mestre vitralista – com uma execução tão brilhante que só recebeu elogios.

Também Hugo ia à oficina de Niclaes para observar, aprender e usar depois as suas técnicas e estilos, em especial a perspectiva, que dominava como ninguém. Como acontecia no vitral que representava a oração de Cristo no Horto das Oliveiras, no qual chamava a atenção a elevada proporção de vidro incolor, com o predomínio do azul e do dourado sobre os escassos verdes e encarnados, um enfoque que fez seu a partir de então para os vitrais que ainda lhe faltava fazer. No referido vitral, destinado a ocupar o primeiro trifório da lateral norte da igreja, sobrepunham-se várias cenas em perfeita harmonia, sem se incomodarem umas às outras: o beijo de Judas, a solidão da oração de Jesus ou os apóstolos adormecidos a seus pés tendo Jerusalém como fundo.

Uma vez mais, Hugo apreciou a destreza com que usava a grisalha e o especial talento que tinha para cortar vidro, tanto que era difícil encontrar um fragmento

reconstruído num dos seus vitrais. Mas não eram só estas competências que o caracterizavam: trabalhava os adamascados e as tracerias com um pormenor de que poucos artistas se aproximavam.

No seu reencontro com o trabalho, Hugo envolveu-se de tal maneira que quase todos os dias chegava a casa já depois da meia-noite, quando Berenguela e Faíza já dormiam. Em consequência disto, e para grande desgosto da sua velha amiga, qualquer contacto entre eles começou a tornar-se um objectivo de excepcional dificuldade. Quando chegava de madrugada não se dava ao incómodo de fazer-se presente. Ia directo para o quarto e deixava-se apanhar pelo macio colchão, morto de cansaço.

Mas uma daquelas noites ouviu o choro de Faíza e abandonou a sua rotina. Esperou uns minutos que Berenguela se levantasse, mas, ao não notar ruído ou movimento vindos do quarto dela, foi ver o que se passava.

A bebé agitava-se no berço. Olhou para ela.

Tinha quatro meses e aquela era a primeira vez que se aproximava para a ver. Não parava de chorar. Abanou o berço, mudou-a de posição duas vezes, tocou-lhe na testa para ver se tinha febre e examinou-lhe o corpo todo à procura de uma ferida ou qualquer outra coisa que pudesse justificar tão inesgotável lamento. Mas não descobriu nada; só que os pulmões de Faíza funcionavam bem. Demasiado bem.

– Mas que tens tu? – Acabou por tirá-la do berço. A bebé continuou a chorar. – Cala-te... cala-te! Se continuas assim vais acordar a tua tia.

– Já me acordou! – ouviu dizer através da parede. – Traz-ma, por favor!

Hugo, com uma candeia na mão e Faíza ao colo, entrou no quarto de Berenguela. Continuava deitada, com olhos de sono, a bocejar e meio tapada por uma leve blusa que a ajudava a suportar o calor de um Verão recém-iniciado. Ao vê-la, Hugo ficou parado no meio do quarto, sem saber se ia levantar-se para pegar na menina ou se queria que ele se aproximasse. Ela desfez-lhe rapidamente as dúvidas.

– Traz-ma. A única coisa que se passa é que tem fome.

Sentou-se na cama, pôs duas almofadas atrás das costas, e antes de estender os braços para receber a bebé abriu a blusa e deixou assomar um seio. Foi pôr a criança ao peito e ver como a sua boquinha se precipitava para a fonte de alimento.

Hugo, um tanto embaraçado, optou por sair.

– Bem, deixo-as sozinhas.

– Não me importa que fiques. É tua filha, e vê-la comer é uma experiência muito gratificante. Pelo menos para mim.

– Não sei. Parece-me mal invadir a tua intimidade.

– Não é o primeiro peito que vês... – Sorriu. – Anda, senta-te aqui ao pé de mim.

Hugo assim fez e observou a cena. Faíza parecia não estar a obter a quantidade de leite habitual e não parava de sacudir a cabeça, a apertar-se contra o peito como se quisesse mais e mais, a sugar com barulho e sem descanso.

– É sempre assim tão ansiosa?

– Agora não é nada em comparação com quando era mais pequena. Como vês, está bem gordinha, de modo que não será por falta de alimento. Esta menina tem a rebeldia nas veias, como tu, acredita. De vez em quando sai-lhe o mau génio, apesar de ter a barriga cheia. Olha para ela!

A bebé debatia-se, furiosa, a tentar recuperar o bico do peito que lhe tinha fugido da boca. Rosnava como um cachorro e cravava as unhas no braço de Berenguela, que se queixou e pediu a Hugo que lhas afastasse. Ele assim fez, calado. Olhou para Faíza e começou a falar, pegando nas palavras de Berenguela.

– A rebeldia nas veias – repetiu, sem deixar de olhar para a filha. – A mãe era assim. Uma mulher terna e surpreendente. – A sua voz vibrava com uma emoção especial que não passou despercebida a Berenguela. – Mas, como boa africana, por vezes tinha um carácter extremo. – Esboçou um sorriso, perdido nas suas recordações. – Num momento era pura paixão, e no instante seguinte esfriava como as noites no deserto que a viu nascer e crescer. Tinha todo o saber de um povo ancestral capaz de resistir a séculos e séculos numa terra que não dá nada nem permite a vida. E partilhava a virtude de uma gente que à falta de sementeiras colhia a única coisa que tinha e levava em si: a sua inteligência e imaginação, saber escutar uma boa história, ou apenas desfrutar de uma longa conversa. Ela tinha tudo isso... Não acredito que volte a existir no mundo um ser mais generoso. Desde que unimos os nossos corações, nunca se pôs em primeiro lugar para coisa nenhuma; vivia para nós... e agora tê-lo-ia feito também por ela...

Ao olhar para Faíza nos braços de Berenguela, sentiu-se mal por ter perdido aquilo até então. Quis imaginar a esposa ali com a filha. Mas no mesmo instante pareceu-lhe injusto pensar assim. Falava da generosidade de Ubayda sem se deter a pensar que Berenguela estava a dar tudo por aquela criança e ele nunca lho tinha agradecido. Fitou os seus olhos cor de avelã, e pela expressão que viu neles percebeu que a bebé estava a magoá-la.

– Dói-te?

– Geralmente, não, só quando lhe dá a veneta. Isto que vês agora não é nada em comparação com o que passei nas primeiras semanas, até que a minha pele se foi adaptando aos seus ataques. – Acariciou-lhe a testa. – Não é verdade, meu anjinho?

Hugo sentiu um súbito desejo de acariciar Faíza, e reagiu estendendo uma mão tímida para a cabeça da criança. Reconheceu a aspereza dos cabelos, parecidos com os da mãe. Suava devido ao esforço.

– Berenguela... – começou a dizer.

A sua mão tinha acariciado a nuca da bebé e continuado pelo início das costas, procurando depois uma das perninhas que escapavam dos braços de Berenguela. Mas também quis roçar a face da amiga, e fê-lo num gesto espontâneo. Foi quase nada, apenas uma fugaz e pequena carícia.

– Obrigado por estares aqui – disse numa voz profunda e comovida. – Obrigado por lhe dares o teu amor. E também pela tua paciência para comigo.

Berenguela ouviu estas palavras com os olhos húmidos.

– Faça-o com gosto, Hugo. Ela merece tudo. É tão rica e tão especial que só penso em como sou afortunada por estar a fazer o que faço. – A bebé começou a espernear, irritada por um repentino ataque de soluços. – Não! Agora não! – exclamou Berenguela. O ar desconcertado que provocou em Hugo exigia uma explicação. – Cada vez que tem soluços, fica tão furiosa, como a vês, que não sei como pode sair tanta cólera de um corpo tão pequenino.

– Porque nas suas veias corre a força do deserto... – concluiu Hugo, orgulhoso.

– Não sei de desertos, nem do que significam para as pessoas que lá viveram. Mas em contrapartida sei muito bem o que falta nesta casa... – O seu olhar tornou-se profundo. – Experimenta estar mais tempo com a tua filha. Ela precisa, tu precisas e eu também preciso.



Naquele ano, Lovaina decidiu receber o Outono com temperaturas de Inverno, as suas casas começaram a cheirar a lenha queimada e a comidas de tacho, e as noites não se podiam passar sem duas mantas em cima.

Faíza ganhava peso, tamanho, muita simpatia, e por fim tinha um pai que começava a desempenhar esse papel com esperançosa regularidade. Pegava-lhe ao colo de vez em quando, ria quando ela ria, tinha descoberto a magia das cócegas, falava com ela e, apesar de continuar a chegar a casa tarde, tentava não perder a última amamentação. Eram momentos de cumplicidade que alimentavam tanto Berenguela como a menina.

Hugo começou a contar o que fizera ao longo do dia, a partilhar os problemas que surgiam na oficina e a festejar cada vitral terminado.

Em Outubro, como a execução da encomenda seguia a bom ritmo, Van Diependaal e Niclaes puseram-se de acordo para apagar os fornos ao domingo, a fim de descansarem um pouco. Isto significou para Hugo passar quase um dia inteiro em casa e desfrutar de algum coelho ou faisão para o almoço. Porque muito cedo de manhã saía com *Aylal* para caçar, para grande satisfação da ave, que também sentira a sua falta.

Depois de seis anos juntos, também o falcão acusava os efeitos da idade: já não atingia a mesma velocidade nos seus voos picados e escapava-se-lhe mais de uma presa. Mesmo assim, quando voltava à luva Hugo continuava a premiá-lo com um pedacinho de carne, uma festa na cabeça ou certas palavras de alento. Porque *Aylal* não só tinha sido a sua fiel companheira ao longo daqueles últimos e turbulentos anos, como continuava a servir de ponte com o passado. Recordava-lhe Omar, Azerwan e sobretudo Ubayda. Olhava-a nos olhos e encontrava neles o reflexo de muitos sonhos fatalmente desfeitos que tinham conhecido juntos, bem como o reflexo de tantas e tantas imagens partilhadas no deserto. Não compreendera por que razão aquela fêmea de gerifalte decidira ficar com ele, deixando para trás a sua vida anterior, nem o que motivava a sua desinteressada ajuda. Na sua generosidade, dera-lhes de comer quando quase não tinham nada que levar à boca, tornara-se a mais curiosa espectadora das suas pinturas na margem do enorme lago de sal, salvara-lhe a vida defendendo-o de Policarpo e também chorara com ele a morte de Ubayda.

Nunca conheceria as razões, mas assim era o falcão, o seu falcão.

Quando voltavam do campo, naquelas manhãs de domingo, encontravam sempre o mesmo prêmio: um copioso pequeno-almoço preparado por Berenguela, onde nunca faltava um pedaço de carne para *Aylal*.

A menina, agora com sete meses feitos, sempre que via aparecer o pai com o falcão no braço soltava gritinhos de excitação e estendia a mão com a intenção de lhe tocar. Hugo aproximava-o então dela, para tormento de *Aylal*, dada a escassa moderação com que a pequena lhe puxava o bico, se agarrava ao seu pescoço ou pretendia roubar-lhe uma ou duas penas. A nobreza da ave permitia aquelas e outras agressões com infinita paciência, para regozijo da menina.

O momento de que Berenguela mais gostava naqueles domingos regalados era o almoço. Com a pequena adormecida e a ave a fazer a sesta, tinha Hugo só para si.

Embora tudo tivesse mudado entre eles.

Dos tempos de juventude já só restavam as recordações e um vínculo afectivo que, isso sim, nunca se quebraria. Mas nada mais. Quando Hugo não a olhava como gostaria que olhasse, doía-lhe; como os «amo-te» tão ausentes das suas conversas. Mas sobretudo doía-lhe o futuro visto sem o amor dele, sem a sua menina. E no entanto, assim tinha de ser. Tinham vivido experiências muito diferentes com pessoas diferentes e consequências incomparáveis. E agora que fazia o balanço de cada caminho percorrido, verificava que se pareciam muito pouco com os que sonhara desde pequena.

Naquelas longas sobremesas, Hugo descobriu que falar de Ubayda lhe fazia bem: aliviava o seu desgosto, ajudava-o a enfrentar a dor de outra maneira, não para dentro mas para fora, e começava a recuperar com alguma paz as melhores recordações vividas com ela. Um exercício que depois de ser um doloroso martírio se tornara um agradável bálsamo para a sua alma.

Berenguela tinha de o aceitar, mas sofria.

Sofria porque não figurava em nenhum dos apaixonados relatos de Hugo quando descrevia quando e de que maneira o seu coração conhecera o amor, com Ubayda como única protagonista, sempre com Ubayda...

Ela sorria sem vontade, fazia um comentário por delicadeza ou limitava-se a escutar. Mas sem que nunca dessas conversas surgisse qualquer coisa que a fizesse mudar a sua ideia de retirar-se para um convento.



Nos últimos dias de Novembro, resolveram festejar o oitavo mês de vida de Faíza, que calhou num domingo. Berenguela tinha feito um vestido novo com o qual a menina brilhava como nunca e Hugo construíra um brinquedo a que dedicara uma semana inteira ao voltar do trabalho. Tratava-se de um carrossel com pequenos sinos de diferentes tamanhos e sonoridades, forjados no forno da oficina, que pendurou do tecto de modo a ficar ao alcance da filha.

Faíza ficou encantada, e ele, orgulhoso com o êxito da sua ideia, olhava-a feliz, apaixonado pela pequena. Quando os viu juntos naquele dia, Berenguela encheu-se de alegria, mas sentiu-se invadir por uma horrível pena ao aperceber-se de que os seus dias com eles estavam a chegar ao fim.

Com tanto alvoroço e brincadeiras com a menina, esqueceram-se de que precisava de comer.

– Hugo, dá-ma por um instante, tenho de lhe dar o peito.

– Claro! Faíza, vai à tia – disse ele, pousando-lha no regaço.

Berenguela fez o que vinha a fazer nos últimos sete meses, ainda que agora ajudada pelas primeiras comidas sólidas. Desapertou as tiras da blusa e deixou assomar um peito, que a criança atacou esfomeada.

Hugo aproveitou para deixá-las sossegadas e dar um salto à oficina.

– Não me demoro. Só quero ir buscar uns desenhos que ontem deixei a meio e que preciso de acabar.

– Não tenhas pressa. Bem vês como estamos confortáveis...

Ouviu a porta fechar-se.

A um passo do lume, Berenguela olhou para a sua preciosa menina e mais uma vez sentiu-se incapaz de se habituar a não desfrutar ao máximo daquela maravilhosa experiência. Ao ver aquele narizinho espetado no seu peito e as bochechas inchadas de leite, sentia-se tão unida a ela que lhe parecia estar a viver um inesgotável momento de prazer. Era tão bom que até ficava triste quando Faíza se cansava de mamar e caía no sono, com um fiozinho de leite a escorrer-lhe do canto da boca. Como estava a acontecer naquele momento, depois de dez minutos concentrada no alimento.

Não parava de beijá-la. Na testa, na cabeça, onde podia, prodigalizando-lhe as palavras mais ternas que alguma vez tinham saído da sua boca.

Mas o seu momento de felicidade foi interrompido por alguém que batia à porta. Levantou-se com dificuldade, com a menina nos braços, a tentar não a

acordar, e foi ver.

– Quem é?

– Sou eu, Renata... Abre depressa!

Reconheceu a voz, mas estranhou o tom alarmado.

Correu o ferrolho e puxou a porta para si. Mas não era só Renata que ali estava. Atrás dela viu Damián, com um gesto iracundo, fora de si e sobretudo temível.

– Tinham-me dito, mas quis ver com os meus olhos.

Empurrou Renata com tanta violência que a italiana acabou no chão, com uma barriga inchada de mais de oito meses de gravidez.

– Pede socorro! – gritou. – Vai matar-nos!

Damián foi mais rápido do que Berenguela e tapou-lhe a boca, a tempo de saber se o irmão estava ou não em casa. Mas Renata fê-lo por ela, gritando a plenos pulmões até receber um tão brutal pontapé na cara que perdeu os sentidos nesse instante. Damián empunhou uma curta adaga e apurou o ouvido; não ouviu qualquer ruído.

– Melhor. Parece que o canalha não está em casa.

Berenguela tentou libertar-se, mas com a criança nos braços não conseguiu.

– Eu sabia que um dia havia de aparecer a asquerosa pega que sempre foste. Disfarçaste muito bem e armaste-te em santinha comigo. Mas estou a ver. Tal como me contaram, não tardaste nem uma semana para manter as aparências e com o teu marido atrás de grades vir como uma prostituta abrir as pernas a Hugo.

Encostou a ponta da adaga à garganta de Faíza.

Berenguela, em pânico, revolveu-se com todas as suas forças para afastá-la, mas ele não lho permitiu.

– Fica quieta ou temos um desgosto, e quem vai pagar é o néscio do meu irmão e a filha dessa cadela negra que teve como esposa.

A casa cheirava a frango guisado, e como havia catorze horas que não comia nada, espicaçado pela fome, Damián arrastou-a até à cozinha com a intenção de comer o frango e depois sentar-se para falar.

– Se prometeres não gritar, largo-te a boca.

Ela fez um gesto afirmativo e ele largou-a. Berenguela conseguiu libertar-se dele, sem perder Faíza de vista.

– Arranja-me um prato disso! – ordenou, apontando o tacho. – Quando chega o meu irmão?

– Dentro de um par de horas – mentiu ela. Calculava que não tardaria mais de dez minutos.

– Perfeito! Assim poderemos falar com mais calma, nós os dois, traidora. Por tua culpa perdi tudo, começando pelo prestígio que tanto me custou a ganhar e acabando no meu dinheiro. Mas tenciono fazê-los pagar todo o mal que me fizeram.

– Deixa-nos em paz.

– Nem penses nisso. Por sorte consegui fugir da prisão, e para vossa desgraça a armadilha que me montaste com esse cão do Grosenberg não vai sair-lhes grátis, nem à porca da tua amiga, graças à qual consegui dar com o teu paradeiro.

Pegou numa perna de frango e levou-a à boca. Não se importou por estar a escaldar, mas importou-se Faíza quando duas gotas do molho lhe caíram no braço. Começou a chorar.

– Cala a boca! – Aquele rugido ao ouvido da criança teve o efeito contrário ao pretendido: aumentou o volume do pranto. Damián ouviu um ruído fora da cozinha e calculou que seria Renata. – Traz-me essas cordas – ordenou a Berenguela, sem permitir-lhe recuperar Faíza apesar das suas reiteradas tentativas. – E ata bem essa puta com elas.

Renata estava a começar a recuperar os sentidos quando sentiu que a agarravam pelos cabelos e a arrastavam até deixá-la no chão da cozinha.

– Larga-me, ratazana imunda! És um cobarde.

Recebeu um segundo pontapé na cara, que além de rasgar-lhe uma sobrancelha a deixou de novo inconsciente.

– Não vês que estás grávida! – gritou Berenguela. – Odeio-te!

– Amarra-a com força, se não queres que acabe com ela, incluindo o ocupante!

Enquanto o fazia, mas apertando pouco os nós, conseguiu reunir coragem suficiente para enfrentar o marido.

– Que querias que fizesse? Depois de teres tentado vender-me aos sarracenos, de roubares o dinheiro da minha família e teres tentado matar o teu irmão, não esperavas com certeza que ficasse quietinha, à espera que se cumprisse a tua vontade.

– Adiantaste-te... – respondeu ele, lacónico, depois de tapar a boca à menina, que continuava a choramingar.

– Deixa-a em paz! Que culpa tem ela?

Damián olhou para Berenguela e ocorreu-lhe uma coisa.

– Diz-se por aí que estás a alimentá-la.

– E é verdade.

– Pois trata disso e dá-lhe de comer agora. Fá-la calar, ou ainda acaba por fazer-me perder a cabeça.

Brandiu a adaga.

Berenguela pegou na criança o mais depressa que pôde, antes que ele mudasse de ideias, e obedeceu. Descobriu um peito e ofereceu-o a Faíza, ante o olhar expectante de Damián. Como a menina não tinha fome, recusou-o, e ao ver-se forçada pela tia choramingou.

– Vá lá, meu anjinho, come um pouco. E cala-te, meu tesouro.

– Que lindo...! Que cena tão terna! – troçou ele.

– Disseste há pouco que me adiantei... Adiantei-me a quê?

– Saíste de Burgos sem me dar tempo a...

– A quê... sem te dar tempo a quê?

Berenguela temeu o pior.

– Que diferença te faz sabê-lo agora? – respondeu ele, e mordeu com força uma segunda coxa de frango.

Berenguela não conseguia sossegar Faíza, que não parava de chorar. Estava a ficar cada vez mais nervosa, e Damián também. Imaginando as intenções que ele trazia, calculou que possibilidades tinha de evitá-las antes que Hugo regressasse. Olhou para a adaga. Damián tinha-a deixado em cima da mesa, longe de onde ela estava. Não seria capaz de apanhá-la antes dele.

– Ias matar-me, claro. Não te teria custado cometer mais um crime se com isso pudesses conservar todo o meu dinheiro e gastá-lo com a porca da tua amante – concluiu, a querer manter a conversa.

– Esse sempre foi um dos teus erros: considerar-me estúpido ao ponto de correr o risco de ser acusado depois. Não fazes ideia. Digamos que terias sofrido um acidente fatal com o teu amante Grosenberg... Imagina: um coche, os dois nus enquanto satisfaziam os vossos pecaminosos ardores, e de repente uma roda

que se parte quando atravessavam uma das pontes sobre o Zwin, de noite, sem que ninguém pudesse socorrê-los depois de caírem nas turbulentas águas...

Berenguela perguntou-se se não seria esse o plano que tinha em mente, substituindo Grosenberg por Hugo. Se assim fosse, nem queria imaginar o que tinha pensado para Faíza ou para Renata. Tinha de impedi-lo. Olhou para a amiga, para ver se podia contar com ela, mas continuava entontecida. Além disso, Damián tinha voltado a pegar na adaga.



Hugo estranhou a presença de um cavalo diante da porta da sua casa. Quem poderia querer visitá-los àquela hora? Como não lhe ocorria nenhum nome e aquilo lhe parecia suspeito, decidiu agir com prudência e entrar pela porta das traseiras. Contornou a casa sem ver nada de estranho até chegar à face sul, para onde dava a cozinha. Foi então que soube quem tinha lá dentro, e armado com uma adaga. Renata estava caída no chão, demasiado quieta. E a Berenguela só a viu de costas, a lutar com Damián, supôs que com Faíza nos braços.

Pegou numa barra de ferro e avançou com passo decidido. Ia entrar.

Damián tentava recuperar a menina ao mesmo tempo que lutava com Berenguela, empenhada em não lhe facilitar as coisas. A lâmina da adaga cortou o ar e feriu-a num braço. Ela gritou de dor, mas em vez de amedrontar-se deitou-lhe as unhas aos olhos, sem grande acerto. O aço travou-as a tempo e provocou um novo golpe, talvez mais profundo do que o anterior. Quando um braço da menina estava em poder de Damián e o outro nas mãos da tia, a porta abriu-se de repente e Hugo entrou.

– Deixa-as em paz, filho-da-puta!

Correu para ele de ferro levantado e, tirando partido da surpresa, assestou-lhe um primeiro golpe no braço que segurava Faíza. Berenguela pegou na menina e separou-se dele. Damián usou a adaga e tentou cravar-lha no ventre, mas Hugo, com o ferro, conseguiu desviá-la a tempo e fazê-la voar pelos ares para longe deles. Não pôde, no entanto, evitar o brutal murro que recebeu no queixo e o deixou meio zozzo. A barra de ferro rolou pelo chão e eles também, a lutar com desmedida fúria. Hugo não tinha a força do seu irmão adoptivo e estava a custar-lhe travar os seus golpes. Por isso, numa reviravolta forçada, encontrou-se por baixo dele e a receber uma selvagem série de murros nas costelas. Resistiu por um momento. Mas começou a faltar-lhe o ar e arquejou, desesperado.

Berenguela não ficara quieta, apesar do pânico. Com uma mão segurava Faíza e com a outra soltava Renata e esbofeteava-a para a fazer acordar. Olhou de soslaio para Hugo e assustou-se ainda mais.

Depois de tê-lo imobilizado, Damián tinha o irmão adotivo preso pelo pescoço com as duas mãos, e a cara de Hugo começava a adquirir uma inquietante cor arroxeadada. Berenguela procurou a adaga no chão, mas não a encontrou. Lembrou-se de que tinha outra faca guardada no extremo da cozinha e correu para lá, mas Damián adivinhou-lhe as intenções e conseguiu agarrá-la por um tornozelo, fazendo-a cair com a criança ao colo. Tentava libertar-se sem parar de gritar, mas ele impediu-lho sem largar o pescoço do irmão adotivo.

– Hugo! – gritou Damián. – Vê como grita esta cabra com quem te deitaste todos estes meses, porque vai ser a última vez que o fazes. A ela e à tua cria a chorar antes que a faça órfã de novo...

Berenguela, desesperada, começou a espedaçar numa última tentativa de escapar, sem conseguir o mais pequeno progresso. Até que viu a adaga. Tinha rolado pelo chão até parar debaixo de um aparador. Esticou a mão o mais que pôde. Tocou no aço com as pontas dos dedos e encolheu-os para o aproximar de si. Precisou de três tentativas, mas conseguiu. Agarrou-a com força e cravou-a na mão de Damián que a prendia e que ele retirou com um grito.

Hugo não podia mais; sufocava sem remédio.

Sentiu que a vida lhe fugia.

Ao vê-lo, Berenguela fez rolar a menina pelo chão, para afastá-la deles, e levantou-se a toda a pressa para atacar Damián antes que fosse demasiado tarde. Ele olhou para ela e adivinhou o que pretendia. Tentou tirar-lhe a arma sem largar Hugo, mas ela esquivou-se. A agarrar o punho com as duas mãos, apontou a lâmina ao pescoço do marido e inspirou fundo para reunir forças, mas não conseguiu. Tremiam-lhe as mãos, as pernas. Viu-se tão impotente que começou a chorar, incapaz de mover um músculo, paralisada e vencida.

Hugo suplicou-lhe com o olhar que o fizesse.

– Hugo de Covarrubias! – gritou Damián, encorajado ao vê-la imóvel. – Como nunca mereceste usar esse apelido e nunca fizeste nada na vida que pudesse ser motivo de orgulho para a família, fica a saber que te esqueceremos muito depressa, como o pai já fez. Pelo que só me resta desejar-te uma boa viagem para os infernos...

Usou as duas mãos para exercer a máxima pressão sobre o pescoço de Hugo.
Mas não contou com Renata.

Ao recuperar da sua inconsciência e ao ver o que estava a acontecer, a italiana foi em ajuda de Berenguela. Pôs as mãos em cima das da amiga, levou a ponta da adaga até ao lugar adequado e as duas empurraram-na com todas as suas forças até deixá-la enterrada na nuca de Damián, seccionando-lhe a coluna. Damián caiu sobre o corpo de Hugo como que fulminado por um raio.

Capítulo 18

Lovaina. Ducado da Borgonha. Março de 1484

Quando Faíza fez um ano, Berenguela soube que chegara o momento: tinha de partir. Já não suportava mais estar com o seu amado sem o ter, e a menina já não precisava tanto dela.

E assim o disse, um dia.

Tinham passado quatro meses desde a morte de Damián, mas ainda havia alguns assuntos para resolver, não os económicos, uma vez que a viúva recebeu todos os bens do casal, no todo um pouco mais de cento e cinquenta mil dobras de ouro, o equivalente a três navios carregados de sacas de lã; uma enorme fortuna, que de acordo com a sua vontade foi dividida em quatro partes iguais.

Deixou uma delas em fideicomisso para quando Faíza cumprisse catorze anos. Com aquele dinheiro a sobrinha não ficaria sujeita a qualquer espécie de dependência económica, nem teria de agradecer nada a ninguém, com a liberdade de fazer o que quisesse da sua vida sem que a cor da pele fosse um problema. Amava tanto aquela menina que não imaginava possível amá-la mais se fosse sua. Outra serviria para manter a mãe e ela no convento pelo resto dos seus dias, se Deus quisesse. Outra ainda, decidiu que, por justiça, tinha de ser destinada a Don Fernando de Covarrubias, que o enteado estivera a roubar todos aqueles anos; deixou-a nas mãos do banqueiro Martín de Soria para que lha fizesse chegar sem nunca lhe expor a sua proveniência, explicando aquele dinheiro com a desculpa que tinha escolhido: seria o pagamento atrasado de uma dívida fictícia, ou qualquer outra coisa que impedisse a recusa do sogro ou que, pior ainda, caísse nas mãos da mulher.

Porque o pai dos Covarrubias era um daqueles assuntos que ficara por resolver; o mais doloroso. A sua delicada saúde impedira-o de assistir ao funeral do enteado, ou pelo menos fora esse o pretexto apresentado por Doña Urraca. Toda a informação que Berenguela conseguira recolher a respeito do sogro

chegara-lhe filtrada por aquela mulher, que odiava tanto ou mais que Hugo, que não quisera voltar a vê-la depois de se encontrarem à porta do templo onde se celebrara o funeral. Sem um miserável «olá» pelo meio, a madrastra tinha-o acusado de assassino, aos gritos e em frente de toda a gente.

Com o corpo de Damián ainda quente, Hugo decidira assumir toda a responsabilidade do que acontecera, exonerando as duas mulheres. Por isso todos pensavam que a morte resultara de uma disputa entre irmãos, que Hugo resolvera em legítima defesa depois de receber a visita do outro, fugido do cárcere, armado e com más intenções.

Berenguela tivera de voltar a ver a sogra em Schildpad Thuis, a sua antiga casa, propriedade que nunca deixara de pertencer à família Covarrubias. Só de pisar aquele chão sentiu o coração apertar-se-lhe, afectada por tão más recordações, mas não se demorou lá muito. Trataram de assuntos menores, quase todos referentes a dinheiro, nenhum pessoal. Doña Urraca demonstrara mais uma vez a pouca conta em que tinha a nora. A escassa confiança que havia entre elas evitou que Berenguela se atrevesse a perguntar que efeito tivera em Don Fernando a carta que lhe enviara, na qual revelava a verdade sobre os seus dois filhos. Nem imaginava que aquela missiva nunca lhe chegara às mãos: Doña Urraca interceptara-a e queimara-a a tempo.

A quarta e última parte do dinheiro recebido decidira dá-la às viúvas e órfãos dos mestres vitralistas, como uma gesto de amor para com Hugo, consciente de que seria muito do seu agrado, como acontecera.

Resolvidos aqueles assuntos, com Faíza já a comer papas e Hugo concentrado em acabar os seus vitrais a tempo, Berenguela viu preparado o terreno para dar a notícia. Nos últimos três meses tinha ido à missa todos os dias e rezara sem parar: enquanto cozinhava, enquanto limpava a casa, fazia compras no mercado, deitava ou levantava a menina, enquanto lhe ensinava as primeiras orações. Muitas noites, quando Hugo voltava da oficina, encontrava-a a rezar o terço, o que lhe custava a entender sabendo que o fazia mais cinco ou seis vezes ao longo do dia.

- Vais gastar os dedos... – brincava, ainda que a respeitasse.
- Tenho de apaixonar-me muito por Ele, se vou acabar por entregar-lhe a minha vida – respondera ela certa vez. – Não achas que assim deve ser?

A pergunta tinha uma dupla intenção, como muitos outros comentários que ao longo dos meses tinha ido fazendo, numa tentativa de medir o seu interesse por ela.

– Assim terá de ser... – respondera ele num tom neutro, para desgraça de Berenguela.

Hugo não conseguia vê-la capaz de deixar Faíza para professar os votos. E a isto se agarrava antes de saber interpretar os seus actuais sentimentos: tinha-se habituado de tal maneira a tê-la sempre ali, perto, que não queria assumir que um dia lhe faltasse.

Faíza, pelo seu lado, tinha crescido muito mais do que o esperado para uma criança de um ano. Estava feliz, gordinha e com os olhos da mãe, um verdadeiro martírio para Hugo quando a via neles. Tinha começado a dar os primeiros passos e já conseguia fazer pequenos percursos dentro de casa sem cair, o que ambos festejaram com entusiásticos aplausos. Mas, se a menina tinha alguma coisa que a tornava especial, era sem dúvida o seu sorriso: límpido, brilhante e contagioso. Ria-se por tudo e por nada, tudo era para ela uma brincadeira e tinha a tia sempre a seu lado. Ela era toda a sua vida, a sua referência, a destinatária dos seus primeiros beijos e carícias. Na sua inocência, nunca sentira a falta de nada porque sempre tivera Berenguela.

O que não sabia era que aquilo não ia durar para sempre.



No dia em que Hugo terminou o vitral que representava a fuga da Sagrada Família para o Egipto, o penúltimo dos que tinha a seu cargo, Berenguela deu-lhe a notícia.

– Quero ir agora.

Hugo sobressaltou-se ao ouvir aquilo. Deixou o prato de ervilhas guisadas que estava a comer, olhou para Berenguela e tardou alguns segundos a conseguir falar.

– Já? – foi a única coisa que foi capaz de dizer.

– Há dois meses que Faíza não mama, é uma menina saudável, está bem criada e tem um pai que desde há algum tempo só vive para ela. Eu estou a mais.

– Mas que estás tu a dizer? Ela adora-te... – protestou, angustiado. – Queres desaparecer da sua vida agora que te considera a sua verdadeira mãe?

– Não continues, por favor. Sabes que isso me destroça – emocionou-se ela.

– Perdoa-me – aquiesceu Hugo. – Fizeste muito mais do que poderia agradecer em toda uma vida. E por mim também.

Pegou-lhe nas mãos e o seu olhar adquiriu uma profundidade diferente.

Os olhos de Berenguela, ainda avermelhados, prepararam-se para assistir a um momento que não poderia ter desejado mais. As suas caras estavam tão perto uma da outra que pensou que ia beijá-la. Fá-lo-ia finalmente? Porque, se o fizesse, podia mudar tudo; desarmaria todas as suas razões. E naquele instante desejou com tanto ardor que Hugo desse o passo que prometeu a si mesma esquecer qualquer outra ideia que não fosse ficar a seu lado para sempre.

Mas ele não o fez.

– Por favor, fica – implorou em vez disso. Tremiam-lhe os lábios.

– Por que queres que fique?

Ela esperou ouvir apenas duas palavras; meu Deus, só duas, pensou. Duas simples palavras que podiam mudar o destino das suas vidas. Só tinha de dizê-las. Só tinha de dizer: «Por mim...»

– Por Faíza...



A 15 de Abril do ano do Senhor de 1484, Berenguela apeou-se da carruagem para embarcar na nau que a levaria de volta a Bilbau, e dali a Burgos. Um carregador do porto de Antuérpia levou para bordo, num carro de mão, três baús: o resumo de dez anos sofridos, muitas vezes lamentados e certamente perdidos, entre Bruges e Lovaina, ao lado dos dois irmãos Covarrubias. Um, o pior dos canalhas. O outro, a sua oportunidade de ter amado de verdade.

Abraçou Faíza com tanta força que a criança se debateu, mas só conseguiu ver-se mais assaltada com beijos; uns beijos desconsolados, uns beijos tão intensos que depois de lhe terem percorrido o desconcertado rosto não conseguiram explicar-lhe o que se passava com a tia. Os seus olhinhos fixaram-se nela. Não gostava de a ver chorar, e nos últimos tempos fazia-o muitas vezes. Estendeu um dedo para limpar as lágrimas e secou-o no vestido.

– Meu tesouro... Meu amorzinho... – conseguiu a tia dizer entre soluços. – Tens de ser sempre muito boazinha. E quando começares a falar, diz ao teu pai que um dia te leve a ver-me.

Hugo apertou Faíza nos braços, esmagado pela dor.

– Ainda estás a tempo de ficar – insistiu, numa tentativa desesperada.

– O meu tempo já não é daqui, meu querido Hugo.

Depois de um longo e sentido beijo na face, deu meia volta, decidida a não olhar mais a partir daquele momento. Queria guardar na memória os rostos e as expressões dos dois tal como os vira segundos antes, de perto. Não à distância da cobertura de um navio que em breve a transportaria para uma nova etapa da sua vida, na sua antiga terra.

Armada de uma falsa coragem, continuou a andar sem se voltar.

Por isso não viu Faíza olhar para ela, cheia de inquietação, a pressentir que alguma coisa má ia acontecer. Nem como acabou por perguntá-lo ao pai com uma expressão inocente.

– A tua tia vai-se embora, sim... Assim tem de ser, meu amor.

E por isso Berenguela também não ouviu a sua primeira palavra, a primeira de uma curta existência até então vivida juntas.

Não ouviu Faíza dizer:

– Tia?

Capítulo 19

Nau Santa Úrsula. Mar do Norte. Setembro de 1484

Quando Berenguela cumpriu o seu quinto mês longe de Lovaina, Hugo tinha acabado de organizar os pormenores da expedição que ia levá-lo a Burgos.

Precisaram de contratar cento e dois carroções para transportar os dezassete vitrais da cartuxa de Santa María de Miraflores de Lovaina até ao porto de Antuérpia. Com idêntica minúcia, Niclaes e Hugo supervisionaram o processo sem permitir o mais pequeno descuido aos operários e carreteiros que os obrigasse a repetir um deles.

Cada um dos dezassete vitrais fora dividido em doze peças, o que significava que as duzentas e quatro peças resultantes tinham de viajar encaixadas num sólido bastidor de ferro fabricado à medida, que não só serviria para garantir a sua integridade durante o caminho mas também para a sua montagem definitiva nos vãos da igreja.

Antes da embalagem final, protegeram a superfície dos vidros com uma película à base de cera e cinzas, que retirariam quando chegassem ao destino. Com esta solução evitavam arranhões ou, pior ainda, quebras durante os processos de carga e descarga. Os carroções iam preparados com um espesso leito de palha sobre o qual se punham só duas peças, colocadas de maneira que nunca ficassem apoiadas uma sobre a outra e pudessem partir-se por efeito do seu peso. Cobriam-nas depois com mais palha e por cima de tudo uma grossa lona bem amarrada à estrutura do carro para evitar que se deslocassem durante a viagem.

Deste modo, com estudada planificação e duas semanas de trabalho, o último carroção chegou ao porto, e Hugo com ele. Os outros cento e um já tinham sido descarregados e o seu conteúdo arrumado nos porões da *Santa Úrsula*, cujo capitão, Obeko, vigiara o processo do primeiro ao último, escolhendo os seus melhores homens para que a mercadoria fosse tratada com o maior cuidado.

Hugo acompanhou com atenção a descarga do seu carroção, pagou o total do serviço, pôs às costas o saco em que transportava os seus pertences e subiu a prancha de embarque. Como à primeira vista não viu o amigo no convés, e também não lhe apetecia muito conversar, dirigiu-se ao seu camarote para descansar antes da ceia.

Arrastava as botas pelo convés, tinha os cabelos desgrenhados, uma barba de três dias e um ar de desgosto que não o abandonava desde que se despedira de Faíza em Bruges.

Tinha-a deixado com Renata seis dias antes, para que cuidasse dela até ao seu regresso. Tomar a decisão significara pensar mil vezes e hesitar outras tantas; a menina não tinha idade para enfrentar as incomodidades de uma viagem como aquela, mas isso não evitava que se sentisse mal, na verdade muito mal. Como ia poder passar tanto tempo sem ela? Quanto sem estreitá-la nos braços? Quanto sem ouvir a sua vozinha e as suas gargalhadas? Foram as perguntas que fizera a si mesmo a caminho do porto, e como não soubera responder-lhes o seu tormento não parara de aumentar.

Dirigir e supervisionar a montagem dos vitrais podia levar-lhe um pouco mais de um mês se não surgissem problemas maiores, a que teria de acrescentar mais outro entre carroções e barcos. Dois longos meses sem a sua menina.

Antes de entrar no camarote sentiu os efeitos de uma agradável brisa carregada de aromas marinhos que o levaram a recordar a despedida de Berenguela naquele porto. Parecia-lhe estar a ouvir a primeira palavra de Faíza, *tia*, que repetira uma e outra vez no regresso a Lovaina até deixá-la deitada. E como uma semana mais tarde continuava a fazê-lo a toda a hora, sem deixar de procurá-la pela casa, até debaixo das camas. Aquilo tornara-se um ritual diário que lhe destroçava o ânimo. Tinham tido de passar mais dois meses para que a menina decidisse pronunciar a sua segunda palavra: *papá*, deixando claro, à sua maneira, quais eram as suas preferências.

Para eles, Berenguela continuava presente em cada dia; em cada um dos dias que se foram somando até completarem os cinco longos meses que já durava a sua ausência.

Atirou o saco para o chão e estendeu-se no catre.

Fechou os olhos e mais uma vez veio-lhe à cabeça a imagem da amiga, e como em tantas outras ocasiões, começou a sentir aquela mistura de dor, angústia e

opressão interior que o acompanhava desde que ela partira.

– Por que te foste embora, Berenguela? – disse em voz baixa, com a necessidade de saborear sem pressas o seu nome, uma vez mais, sem se cansar, como vinha a fazer todas as noites antes de se deitar, todas as noites... todas. *Por que te foste embora, Berenguela?*

Obeko entrou de súbito no camarote, sem bater, quebrando a magia do momento.

– Serás idiota?

– Homem, obrigado pelo cordial acolhimento.

– Quando me disseram que tinhas embarcado sem aquele pedaço de fêmea moreninha que ainda não me apresentaste, pensei: será que voltou a esconder-ma, e tudo para que eu não lha roube?

Obeko estranhou a tristeza na expressão de Hugo, mas não ligou e aplicou-lhe, como de costume, uma brutal palmada nas costas.

– Tenho uma coisa para te dizer... – começou Hugo.

– Não digas, eu adivinho. Trocaste-a pela mulher mais interessante e deliciosa que conheci em toda a minha vida: a incrível Berenguela... – Pôs os olhos em alvo, a imaginar sabia Deus que coisas com ela. – Se não estou errado, só te posso dizer: é assim que se faz!

Hugo explicou-lhe o que tinha acontecido.

– Porra... rapaz... Não fazia ideia! – Engasgou-se com a saliva e tossiu de tal maneira que salpicou de perdigotos meio camarote. – Sinto muito, do fundo do coração, porra!... É uma autêntica merda!

– Pois é...

– Suponho que tiveste o consolo de Berenguela.

Hugo pô-lo ao corrente de tudo o que ela tinha feito pela filha.

– E dizes que a amamentou durante dez meses?

De tudo o que acabava de ouvir, por algum inconfessável motivo, só lhe interessou aquele pormenor; talvez por invejar a menina.

– Criou-a, sim. Mas um dia deixou-nos para se recolher num convento. Já nos tinha avisado. Não te lembras?

Obeko explodiu.

– E tu permitiste-o? Diz-me agora onde está! – Começou a andar de um lado para o outro a dar pontapés no ar, inflamado de raiva. – Eu disse-te... Avisei-te

de que tencionava fazê-lo. E tu que fizeste para o evitar?

– Que podia eu fazer? Já tinha o bastante com o meu luto.

– Por esse lado compreendo. Mas, que demónios! Um mar, quando já foi navegado, só deixa uma esteira à popa; uma esteira tão efémera como inútil. Há que olhar sempre para a proa, maldição! Entendes o que te digo?

– Receio que sim...

– Nem receios nem merda nenhuma! Não sei como podes estar tão cego, Hugo. Que mais tem essa mulher de fazer para que percebas que está perdidamente apaixonada por ti? Bem, sim, estavas com Ubayda, e ela mal casada. Mas agora nada é igual. E continuas a perguntar o que podes fazer. Porra! Pois podes ir buscá-la e tirá-la de lá! Não se pode permitir que uma beleza daquelas acabe enterrada debaixo de um hábito. Recuso! Em Berenguela há mulher mais do que suficiente para dar felicidade a qualquer homem. Ah, se fosse eu que estivesse na tua pele!

A atitude protectora de Obeko em relação a Berenguela já lhe parecera estranha quando tinham viajado juntos desde Bermeo a Burgos. Tinha-os visto falar horas seguidas, e quase não lhe tinham contado a respeito de quê. Mas agora, e dada a segurança com que falava, era evidente que tinham tratado assuntos muito pessoais.

– Ou seja, na tua opinião, ama-me. – Se era curto o resumo do que fora dito, pior ainda era a conclusão. – O problema é que não tenho a certeza de sentir o mesmo. – Obeko bufou, desesperado, mas não disse nada. – Sinto a sua falta, é verdade... Penso muito nela... E cada vez que o faço, há qualquer coisa no meu íntimo que se agita, confesso. Tem-me acontecido ultimamente. Mas, como vivi um amor tão grande, não me atrevo a experimentar outro que... não sei. Além disso, ela já tomou as suas decisões, e não são menores. É melhor deixar tudo como está.

Falava, argumentava, contradizia-se.

Obeko, um tanto decepcionado, decidiu agir por sua conta a partir daquele instante.

– Disse-te que, se tu não o fizesses, iria eu tirá-la de lá fosse como fosse. Em que convento de Burgos dizes que está?



Em Bermeo, Hugo tinha à sua espera outra surpresa.

Obeko não lho tinha dito apesar das suas reiteradas perguntas, pelo que foi para ele uma grande alegria quando o viu mal pisou o cais.

– Bruno! Mas que casualidade, por todos os santos!

– Casualidade nenhuma. Obeko contratou-me, mas só porque tu lho pediste há tempos.

– E verdade! Que alegria ver-te! – Abraçaram-se. – Vais transportar-me os vitrais?

– Claro, nos meus cem carroções.

– Tens cem carroções e são todos teus?

– Digamos que a vida me correu melhor nestes últimos anos – respondeu Bruno, orgulhoso. – Mas vamos beber um copo de vinho enquanto contamos tudo um ao outro. Os meus homens encarregar-se-ão de retirar a frágil carga que a Doña Úrsula transporta no ventre.

Agitou as mãos num gesto tranquilizador, adiantando-se às mil advertências que Hugo se preparava para recitar, como aconteceu.

– Diz-lhes que por Deus não partam nada. Sem pressas. Que sejam quatro homens a carregar cada peça. Que não poupem na palha em cada carroção e que...

– Descansa, amigo. Dentro da Junta de Hermandad de Carreteros de Burgos y Soria, estás nas melhores mãos, ainda que também sejam as mais caras... – Largou uma sonora gargalhada. – De modo que relaxa e desfruta...

– Obeko! Vens connosco? – perguntou Hugo em altos berros.

Ainda no convés, o capitão recusou a oferta.

– Ainda tenho de alindar a santa – deu uma palmada no traquete –, para que amanhã todos vejam como está bonita. Já sabem como são as mulheres... Não contem comigo. Mas falando de outro assunto, pensei que talvez os acompanhe a Burgos. Tenho uma noviça à minha espera!

Hugo respondeu a este último comentário com um olhar afiado.

– Que diz ele de uma noviça? – perguntou Bruno.

– Deixemos esse tema para mais tarde. Agora conta-me o que tem sido a tua vida todos estes anos...

– Uff... Costumas deitar-te cedo?

Capítulo 20

Cartuxa de Santa María de Miraflores. Burgos. Outubro de 1484

Simón de Colonia não tinha cumprido os prazos.

Na nova igreja da cartuxa havia ainda duas abóbadas por fechar e o seu construtor parecia não ter pressa em fazê-lo. Na realidade, quando Hugo conseguiu dar com ele, estava embrenhado noutro projecto: os planos de uma capela para a catedral de Burgos encomendada pelo condestável de Castela, Don Pedro Fernández de Velasco y Manrique de Lara, e consagrada à Purificação da Virgem.

Simón escutou sem se zangar a acalorada recriminação de Hugo, a quem não cabia mais irritação no corpo.

– E dizeis que nas vossas prioridades pesam mais outras opções, assim, com toda a tranquilidade?

Na indignação de Hugo estavam presentes as muitas noites passadas na oficina para acabar os vitrais a tempo, a extenuante viagem até Burgos, a enfastiante contratação do transporte e sobretudo ter tido de deixar Faíza em Bruges.

– Entendo que vos pareça estranho, mas não deixo de ser o mestre da catedral de Burgos e como tal devo-me à vontade do meu bispo, Don Luis de Acuña y Osorio, que mantém relações muito estreitas com o condestável, e este último com a rainha Isabel. Entre eles tomaram as duas decisões e o resultado é uma encomenda que não dá lugar a discussões.

– Mas será que não compreendeis? Acabo de chegar com cento e dois carroções, duzentas e quatro delicadíssimas peças de vidro, dois operários da oficina de Niclaes encarregados da sua montagem, e descubro que a igreja não está acabada. Quereis dizer-me o que faço? – De mãos nas ancas e quase tombado para cima de Simón, a sua expressão era tudo menos relaxada. – Volto com tudo para Lovaina, ou fico aqui à espera que um dos vossos promotores

decida que vos dediqueis um pouco à cartuxa? Podeis dar-me alguma data para me ajudar a tomar uma ou outra decisão?

– Quatro anos? – respondeu o outro, sem erguer os olhos dos planos.

Hugo esteve à beira de arrancar-lhos das mãos para que visse como os rasgava nas suas barbas, mas de repente deu-lhe um sufoco tão intenso que teve de sentar-se. Do sufoco passou a uma extrema palidez, e depois a uma sudação fria que acabou por preocupar Simón.

– Que se passa?

Apesar de se sentir com um pé à beira do vazio num precipício imaginário, Hugo olhou para ele com vontade de rebentar-lhe o nariz com um murro. Conteve-se e pediu água. Depois de beber dois longos tragos e de normalizar a respiração, começou a ficar melhor.

– Niclaes Rombouts tinha previsto vir à cartuxa quando os vitrais estivessem montados, para a inauguração. Tendo em conta os prazos, combinámos que sairia de Lovaina duas semanas depois de mim, as mesmas de que vou precisar para voltar e avisá-lo de que não vale a pena vir.

Simón lamentou o transtorno, não tanto por causa de Hugo como por perder a oportunidade de ver Niclaes, que muito admirava, como confessou sem qualquer espécie de pudor. O agravo irritou tanto Hugo que se levantou da cadeira, furioso. No entanto, a caminho da saída teve de vencer uma inesperada vertigem antes de chocar contra outra mesa de desenho que parecia ter-se posto no seu caminho de propósito para o impedir de retirar-se com um mínimo de dignidade.

Simón de Colonia estranhou a intempestiva reacção do vitralista, e sobretudo o seu silêncio.

– Já vos ides embora? E os vitrais?

– Claro que vou! Se não parto já, ainda acabo por cruzar-me com Niclaes sem ter podido avisá-lo. – Antes de sair do estúdio olhou para o proprietário com uma expressão carregada de ironia. – Pareceu-me entender que há em vós algum interesse por esses vitrais, ou percebi mal a vossa última pergunta?

– Colocai os da abside agora e o resto quando a obra estiver terminada. Avisar-vos-ei com tempo e não como desta vez.

– Nem pensar! – exaltou-se Hugo. – Vamos guardá-los onde os cartuxos nos indicarem, bem protegidos. E até que a igreja esteja acabada não os colocaremos

nem verão a luz. Os vitrais foram pensados em conjunto, e é em conjunto que têm de ser vistos.

– Tendes razão, esqueci o que disse. – Simón foi buscar uma garrafa e dois copos. – Posso ao menos convidar-vos para um copo de vinho antes de irdes? Gostaria de falar-vos da capela em que estou a trabalhar. Pretendo que o zimbório feche em forma de estrela, mas quero que o centro fique aberto, sem pedra, para proporcionar luz ao interior. Acabo de desenhá-la e gostaria de saber a vossa opinião.

Hugo recebeu a proposta com agrado e deu por compensados todos os inconvenientes anteriores. Fechou a porta e voltou à mesa de trabalho. Olhou para o sítio onde Simón de Colonia acabava de pousar a ponta do indicador, e seguiu depois os planos daquela surpreendente e belíssima capela.

– Provemos esse vinho.



Poucas horas mais tarde, Hugo batia à porta de um convento. Alegrou-se por o fazer a sós, porque a Obeko tinham-se-lhe torcido os planos à última hora: mal atracara em Bermeo, recebera uma encomenda de pesca de tal magnitude que não pudera recusar. Aceitá-la, como acabara por fazer, favorecia, e muito a sua tripulação, mas eliminava qualquer possibilidade de ir com Hugo tentar convencer Berenguela.

Hugo apreciou de todos os modos as suas nobres intenções, bem como as de Bruno, que também se oferecera para falar com ela e persuadi-la a abandonar o hábito. Assim lho dissera junto à cartuxa onde descarregaram os vitrais, oferta que Hugo declinara. Ninguém senão ele podia transmitir a Berenguela as emoções que o embargavam desde que a tinha perdido.

– Deus vos guarde, irmão – disse uma voz doce através de uma grade. – Que posso fazer por vós?

– Poderíeis avisar uma das noviças? Precisaria de falar uns minutos com ela.

– Receio que não vá ser possível – respondeu a freira.

– Rogo-vos que o torneis possível, porque não disponho de muito tempo; tenho de fazer uma longa viagem depois de a ver... Perdoai! Não vos disse ainda que sou seu cunhado, Hugo de Covarrubias. Há mais de cinco meses que não a vejo. e como tive de passar por Burgos Pensei... É que vivo em Lovaina, como ela viveu até que...

A longa explicação, com justificação incluída, não lhe serviu de muito, pois a freira fez-lhe um rápido resumo da regra que observavam naquele convento, e mais em concreto no referente a visitas.

– A nossa ordem cuida e acarinha o recolhimento das irmãs, porque só um coração em silêncio consegue o sossego necessário para elevar a sua oração a Deus. Somos contemplativas e procuramos a santidade na solidão das nossas celas, de onde quase nunca saímos. Aos votos tradicionais de pobreza, castidade e obediência, a nossa regra junta outros dois: um retiro permanente do mundo e a conversão dos nossos antigos costumes. Isto significa que não saímos do convento por nenhum motivo, nem mantemos contacto algum com o exterior. Entendeis?

– Não sei se quero entender... – disse Hugo, a temer o pior.

– Não costumamos aceitar visitas, mas há um dia por mês em que são permitidas, desde que ocorra uma causa maior. E como ao que vejo a vossa não o é, lamento dar-vos a má notícia de que esse dia foi ontem, e que para falar com ela tereis de esperar até Novembro.

– Um mês... – pensou Hugo em voz alta. – Isso é impossível! – exclamou.

Simón de Colonia tinha-lhe emprestado um cavalo, e nessa tarde galoparia até Santander onde, segundo o construtor, encontraria uma embarcação que partia para a Flandres na primeira quarta-feira de cada mês, e já era terça. Na realidade, tencionava cavalgar toda a noite.

– Impossível é vê-la hoje... – A freira começou a fechar a portinhola da grade.
– Lamento.

– Esperai! Poderíeis entregar-lhe uma carta?

– Bom, suponho que sim... Mas tende em conta que terá de ser lida antes pela nossa superiora. Dai-ma, e eu far-lha-ei chegar.

– Para escrever preciso de papel e pena.

– Vinde mais tarde, então. Se eu não estiver, podereis entregá-la a qualquer outra irmã para que a vossa cunhada a receba. Creio que o próximo turno é de soror Virtudes. Com quem quereis falar, já agora?

– Com Berenguela de Covarrubias. Oh, não, perdão: Ibáñez.

– Ah, sim. Soror Rosa.

– Como dizeis? – interessou-se Hugo.

– Soror Rosa del Desierto. Foi o que disse ao chegar ao convento, ainda que, como é natural, não foi aceite, por se tratar de um termo, se não pagão, pelo menos estranho. Ficou soror Rosa, e assim se chamará conforme a Sua vontade e a dela, quando professar os votos.

Hugo retirou-se entristecido, mas não vazio de esperanças. Aquele nome trouxe-lhe à memória a associação que ele fizera entre a bonita pedra e o amor que sentia por Ubayda. Tê-lo-ia feito para transportar essa simbologia para o seu ser? Deu-lhe que pensar, e perguntou-se se Berenguela não estaria a encarar a sua passagem pelo convento como uma travessia temporária no seu deserto particular, até chegar a outro oásis. Seria ele o seu oásis?

A favor deste último argumento dispunha de um dado inquestionável: Berenguela ainda não dera o passo para juntar-se de forma definitiva à ordem. Não estaria a deixar essa porta aberta?

Ao pensar nisso uma e outra vez e considerando a situação, quase desejaria ter Obeko consigo. Não hesitaria em arrombar a porta a pontapé e pôr-se a procurá-la no interior do convento.

Montado no cavalo, quando começou a percorrer a margem do Arlanzón perguntou-se onde poderia encontrar o necessário para escrever e como poderia iludir a censura da madre superiora quando lesse na missiva certos assuntos íntimos que tencionava abordar.

Quase sem dar por isso chegou às primeiras casas de Burgos.

Evitou ir a casa, assumindo que tinha ficado afastada qualquer possibilidade de reconciliação com o pai depois de lhe terem sido comunicadas as circunstâncias da morte de Damián. A madrasta não tardara um segundo a dizer-lho quando se tinham encontrado no funeral, avisando-o além disso do delicadíssimo estado do coração de Don Fernando, incapaz de resistir a uma emoção tão intensa como a de voltar a vê-lo.

Ao pisar a praça da catedral, recordou a sua anterior estada em Burgos e o fortuito encontro com Berenguela naquele lugar, quando ela se dirigia a um cartório acompanhada pelo seu confessor, que também fora o dele durante a infância. Como se tratava de um homem que apreciava e se encontrava a curta distância da paróquia de San Nicolás, onde o padre sempre tinha oficiado, não encontrou melhor opção para conseguir papel, pena e tinta, e sobretudo a paz necessária para escrever aquela difícil carta.

Puxou as rédeas e encaminhou para lá a montada, a rever mais uma vez o que diria na sua missiva, consciente de que tinha tempo à justa para escrevê-la, levá-la ao convento e partir a galope em direcção a Santander.



Dois dias mais tarde, pouco antes do início da missa matinal, Berenguela recebeu das mãos de uma das irmãs um sobrescrito com o seu nome. Olhou para o nome do remetente, e por pouco não se lhe paralisou o coração. Nunca lhe custaram tanto as leituras, oferendas, prefácios e rezas, que precediam a consagração e se seguiam à comunhão, como os que teve de ouvir naquele dia. Enfiava a mão no bolso interior do hábito e acariciava aquele papel uma e outra vez, alheia também ao cântico de louvor que encerrava a cerimónia, entoado pelo resto das irmãs. Só desejava voltar à sua cela para poder ler o que ali estava escrito.

Só o conseguiu já bem entrada a manhã, enredada nuns ensaios vocais de preparação para o Natal que se aproximava, posteriores à eucaristia. Mas quando por fim aconteceu, sentou-se, abriu com dedos apressados o sobrescrito e tirou dele duas folhas de papel.

Reconheceu a letra de Hugo. Com a respiração agitada, uma mão no peito e a outra, trémula, a segurar os papéis, descobriu algumas rasuras no texto, que imaginou serem obra da madre superiora. Esperou que os cortes a não impedissem de entender o conteúdo.

Em Burgos,

aos catorze dias do mês de Outubro, no ano de mil quatrocentos e oitenta e quatro desde o nascimento do nosso Salvador

Querida Berenguela, ou melhor dito, soror Rosa del Desierto:

Não vais acreditar, mas esta manhã passei pelo teu convento com a intenção de ver-te. Para minha desgraça, como só são permitidas visitas uma vez por mês e na próxima data não poderei estar, resumo por carta o que teria dito de viva voz.

Antes de abordar outros assuntos, preciso que saibas uma coisa muito importante: sentimos a tua falta muitíssimo mais do que se poderia considerar razoável. Pensa nisso...

Quando Faíza viu que te ias embora, ali, no porto, com os olhos postos em ti e só em ti, disse a primeira palavra da sua vida. A primeira!

E sabes qual foi? Pois nada menos que Tia!

Consegues imaginar? Não parou de repetir tia, tia, tia durante o resto da viagem, e muitos dias depois ainda o fazia...

Nunca o esqueças: aquela menina teve-te e tem-te como sua única mãe.

Não quis trazê-la comigo para poupar-lhe os incômodos e fadigas de uma viagem tão longa. Se agora volto com tanta urgência a Lovaina é para evitar que Niclaes tenha de viajar sem motivo por não ser possível montar os vitrais na cartuxa, que foi o que me trouxe até Burgos. A obra não está terminada e não poderão ser vistos enquanto a igreja não estiver acabada. Quando isso acontecer e me avisarem, voltarei com a menina, prometo. O pior é que talvez tenha de esperar quatro anos... Quatro anos! Só de pensar nisso aperta-se-me o coração, e imagino que a ti também...

Mas além de falar-te da tua sobrinha, queria perguntar-te uma coisa. Talvez te pareça estranho... Lembras-te daquele vitral que tinha em Lovaina? Aquele com um vidro mais escuro do que é habitual nas nossas terras? Sabes bem que o adorava como a nenhum outro. Até que um dia se partiu devido a uma pancada inesperada e deixou o marco vazio e o interior da minha casa exposto ao frio e aos vendavais... Faz já tempo que aconteceu, e apesar de sempre me ter negado a tapar esse vazio, talvez tenha chegado a hora de o fazer. E de repente comecei a pensar no teu. Tu sabes, aquele de que Faíza tanto gostava... Estava tão ofuscado pelo anterior que talvez não o tenha olhado como devia quando mo mostravas, talvez não devesse ter permitido que o levasses.

Confesso que ainda não sei se o marco aberto suportará um novo vitral ou se conseguirei admirar o seu colorido tanto como merece. Mas a verdade é que ultimamente cresce em mim a suspeita de que sim, e que a minha casa ia agradecer o calor da luz a incidir nele. Baseando-me nisto, peço-te encarecidamente que, quando puderes e quiseses, tragas esse teu precioso vitral e o deixes em nossa casa. Mas desta vez para sempre.

Pensa nisso sem pressa, no teu recolhimento, muito devagar... Põe nisso o coração...

Espero que me entendas...

O teu cunhado que te ama,

Hugo de Covarrubias

Por baixo da assinatura, a madre superiora tinha escrito três linhas:

Não apaguei muito mais coisas porque tive de reler a carta várias vezes até compreender os seus significados. E a verdade é que me custou bastante. Por isso, quando julgares oportuno, tens a minha porta aberta...

Berenguela chorou a carta.

Enxugou as lágrimas com a manga do hábito.

Releu-a cem vezes; primeiro a parte de Faíza, que a sufocava de emoção sempre que a imaginava a chamá-la com a sua doce vozinha. Mas também ao descobrir a mensagem de Hugo sob o subterfúgio dos vitrais; um estratagema com o qual pretendia contornar a inevitável censura da missiva antes de chegar às suas mãos. Enfurecia-a não saber o que estava escrito na parte rasurada; de certeza coisas que arrebatariam ainda mais o seu coração. Mas o que lera era suficiente.

Deitou-se no catre de madeira com as duas folhas apertadas contra o peito. Riu ao pensar na cumplicidade da saudação inicial, a soror Rosa del Desierto, e

rompeu de novo a chorar, mas desta vez de alegria.

Toda ela tremia, ria e chorava ao mesmo tempo, sem querer acreditar no que acabava de saber. Por fim, Hugo amava-a!

Gritou-o no seu íntimo com transbordante alegria, e não só uma vez, talvez tenham sido cem, ou duzentas. E depois de dar um salto no tempo, com um grande vazio pelo meio, voltou a ver-se com Faíza ao lado de Hugo, em Lovaina. Quantas vezes teria sonhado beijá-lo? Quantas receber as suas carícias? Quantas ser a destinatária dos seus mimos, palavras e olhares?

Os sinos do convento chamaram à oração e para ela foram um carrilhão de glória. Não lhe custou levantar-se, esconder a carta debaixo de uma laje solta do chão e acudir a vésperas e ao ofício de leituras com um sorriso que a nenhuma das outras irmãs passou despercebido. Tanto que uma delas, quebrando o voto de silêncio, lhe perguntou em voz baixa se acaso tinha tido alguma experiência mística.

Capítulo 21

Lovaina. Ducado da Borgonha. Natal de 1484

Hugo tinha preparado uma ceia especial para a véspera do dia de Natal.

Em Castela era costume celebrar aquela noite ainda mais do que o almoço do dia seguinte, e Hugo decidira que o fariam apesar de nessa manhã terem encontrado *Aylal* caída no chão, morta.

Havia vários dias que estava muito apagada, quase sem comer e com um olhar que fez nascer em Hugo os piores receios. Cuidara dela de todas as maneiras possíveis, passara mais tempo a seu lado do que na oficina ou com Faíza, a imaginar o pior. Mas compreendeu que os ventos do Além a chamavam para que voasse neles, e apesar da profunda dor que a sua perda lhe causou, depois de tê-la chorado como merecia e de enterrá-la ao lado da sepultura de Ubayda, para que a acompanhasse nos céus, decidira manter a celebração. Fê-lo-ia também em homenagem a um animal que tinha sido muito mais do que um companheiro de viagem, em agradecimento a um ser livre que tinha preferido perder a sua natureza para proporcionar-lhe alguns dos momentos mais belos que tinha vivido.

Faíza tinha querido ficar com uma das suas penas para que o pai lhe fizesse um colar, depois de ter rezado um bom pedaço de joelhos diante do pequeno monte de terra que assinalava a sepultura. Fê-lo cheia de tristeza e no meio de soluços, a sentir que tinha perdido uma figura importante na sua vida, que amara como se fosse uma irmã.

Aquele seria o segundo Natal de Faíza, mas o primeiro em que já falava e tinha uma certa consciência do que se passava.

Três horas antes da ceia, estava na cozinha a ajudar o pai. Faziam o seu bolo preferido, o de maçã.

– Não tornes a meter os dedos no creme! – disse Hugo, dando-lhe uma palmadinha na mão. – Se voltas a fazê-lo, como eu o bolo todo.

- Nãoooo... Papá.
- Siiim... Juro. E tu cearás espinafres – ameaçou ele.
- Brrr... – protestou Faíza, sem acreditar muito naquilo.
- Passa-me esse prato, esse com a maçã cortada.

Faíza pegou-lhe com as duas mãos, mas pesava mais do que os seus braços eram capazes de suportar e caiu no chão, com estrépito. O susto fê-la chorar.

Hugo agachou-se e acalmou-a com beijos.

- Não tem importância. Descascamos outra maçã e assunto resolvido.

Entre o choro e o barulho que o prato fez aos partir-se, nenhum deles tinha ouvido as primeiras pancadas na porta. Mas ouviram as segundas.

- Quem será? – estranhou Hugo. Não eram horas nem dia para receber visitas.
- Há-de ser o louco do tio Niclaes, ou Van Diependaal a trazer-te mais uma prenda. Vais ver.

Foi com Faíza pela mão até à porta da rua e abriu-a com decisão.

Do outro lado esperava-os uma enorme surpresa.

- Tia!

Faíza tinha reconhecido Berenguela e correu para ela de braços estendidos.

- Meu tesouro... Meu amor. A tua tia voltou! Que te parece?
- Viva! Que bom! – gritou a menina várias vezes a retorcer-se no seu colo, feliz com a cascata de beijos que começou a receber.

Berenguela usava uma estola de pele e uma grossa capa de tecido para combater o frio da noite. Começou a nevar.

- Iiuuu...! Tá a nevar! – gritou Faíza, e estendeu as mãos para apanhar os flocos que caíam.

Hugo continuava apoiado ao umbral da porta, sem querer acreditar.

Procurou os olhos de Berenguela, que lhe dedicou um maravilhoso sorriso.

- Então e tu, não tens nada para dizer? – perguntou ela, e beijou-o na face.
- Claro... que sim. – Tossicou um par de vezes. – Fico muito feliz por teres vindo... para...

- Para ficar, sim... – Apontou para dois volumes pousados no chão atrás de si. Hugo pegou-lhes e pousou-os ao pé da escada que dava para o piso superior. – Cheira tão bem! – acrescentou Berenguela ao notar o delicioso aroma.

- Anda.

Faíza agarrou-lhe os dedos e puxou-a para a cozinha.

Em cima da grande mesa de madeira estava um bolo meio feito. A menina enfiou dois dedos da tia no creme proibido, lambeu um e deixou o outro para ela. Berenguela provou-o com muitos gestos de satisfação, mas avisou.

– Não sei se o teu pai te deixa fazer isto.

– Não, não deixa. Mas contigo não vai ralar... – disse, e riu da sua esperteza.

– É sempre assim: esperta como um coelho e rápida como um esquilo... – O pai despenteou-lhe os cabelos antes de lhe beliscar a bochecha. – Senta-te, por favor. – Apontou uma cadeira – Calculo que estarás cansada.

– Estava até vê-los aos dois...

Hugo deu-lhe um beijo na face.

– Obrigado por teres vindo. Imagino o muito que tiveste de passar, deixar para trás, decidir, para estares hoje connosco. A tua mãe?

– Tirando a cabeça, que já nem me reconhece, não poderia estar mais bem tratada do que está no convento. De todos os modos, custou-me muito deixá-la... Mas que havia de fazer depois de ler aquela carta? Como não havia de trazer-te o meu vitral?



Os primeiros cinco meses de 1485 passaram tão depressa para os dois que nenhum deles se apercebeu do que estava na verdade a acontecer. Porque a cada dia que passava pareciam mais uma família, apesar de não terem percorrido os passos habituais para unir um homem e uma mulher. Com eles não houve jogos de namoro, nem arrebatamentos de paixão, nem planos de futuro contemplados em conjunto. Berenguela tinha aparecido de repente, mas para Hugo e Faíza a sensação era de que nunca chegara a partir.

Hugo começou a notar que os dias na oficina lhe pareciam eternos porque passava mais de metade a desejar voltar a casa. E ela, apesar de respeitar os seus tempos e mal ter acabado de regressar à sua vida, sentia que precisava de mais qualquer coisa dele.

Talvez por isso, desde muito cedo se multiplicaram os toques aparentemente fortuitos. Por vezes era uma mão pousada sobre outra, sem qualquer espécie de incómodo. Outras eram breves contactos físicos que se prolongavam mais do que o normal, ou olhares intensos que dispensavam palavras.

Em Junho, Hugo teve de ausentar-se três semanas para restaurar uns vitrais na catedral de São Romualdo, em Malinas, uma povoação não muito longe de

Lovaina, mas o suficiente para ter de alojar-se lá até ver terminado o trabalho. Niclaes acabava de mudar a sua oficina para Bruxelas, dadas as más perspectivas económicas que a região de Lovaina oferecia, o que por sua vez obrigava Van Diependaal a aceitar trabalhos cada vez mais distantes.

Hugo não gostava de deixar as suas duas mulheres sozinhas, mas quando o dinheiro escasseava havia que aproveitar o que viesse.

Quando voltou de Malinas, três dias apenas antes do fim do mês, não foi só Faíza que se lhe lançou nos braços, pletórica de alegria, e o assaltou com beijos. Berenguela seguiu-a, com igual emoção e um inesperado beijo nos lábios. Naquela tarde não se separou dele nem um segundo. Riu de cada um dos seus comentários, repetiu mil vezes o muito que tinha sentido a sua falta e prodigalizou-lhe carícias como se tivesse uma infinita necessidade dele.

Terminada a ceia, Hugo recostou-se numa cadeira da cozinha, a acusar o cansaço da viagem. Quando Berenguela voltou de deitar Faíza, encontrou-o tão esgotado que perguntou se lhe apetecia uma massagem. Hugo aceitou de bom grado. Ela começou a trabalhar-lhe os ombros e o pescoço, mas pouco depois continuou por baixo da camisa até chegar ao peito, onde as suas mãos se detiveram entre suspiros e carícias. Hugo, com a respiração entrecortada, respondeu àquela soma de agradáveis emoções procurando-lhe os lábios. E ela recebeu-o como se estivessem a oferecer-lhe o melhor dos manjares. Saborearam os dois aquele beijo sem pressas, com toda a alma posta nele.

Por isso, quando no fim os seus olhares se encontraram só havia neles desejo e necessidade do outro, conscientes de que acabavam de encerrar um capítulo da sua relação para iniciar outro novo.

E também por isso, nessa noite Hugo deixou a sua cama em busca do quarto de Berenguela, e entrou.

Ela estava acordada.

– Olá, Hugo.

Voltou-se na cama para o ver.

Hugo respondeu à saudação beijando-a com ardor, e ela, ao sentir-se rodeada pelos seus braços, soube que estava enfim no seu lugar e sussurrou as primeiras palavras que lhe brotaram do coração.

– Amei-te, amo-te e amar-te-ei até ao último dia da minha vida.

Enquanto lhe confessava os seus sentimentos, ele procurava-lhe os lábios, provava-os, abria-os para lhe explorar a boca.

Berenguela contorcia-se sobre os lençóis a exprimir cada sensação, a aproveitá-las todas. Pareceu-lhe que a pele se lhe encolhia quando ele lhe acariciou pela primeira vez os seios, embora estivesse a fazê-lo por cima da camisa de dormir, mas foi ainda melhor ao sentir as suas mãos sem estorvos.

Tinha sonhado, imaginado e previsto aquele momento uma infinidade de vezes. E em todas elas tinha querido vivê-lo devagar, sem pressa, permitindo-se desfrutar de cada toque, cada palavra, cada uma das sensações que ia receber.

Mas os seus desejos não se cumpriram.

Não foi assim que se encontraram pela primeira vez.

Os seus corpos quase chocaram. Ele, com uma fome feroz, beijou-a contra os lençóis sem a deixar mover-se, atacando o seu corpo com ambas as mãos. Nem um minuto mais tarde puxou-lhe a camisa de dormir para cima, deixando a descoberto as suas intimidades, que começou a percorrer com uma sede infinita, a acariciá-la em todo o lado.

Berenguela sentiu-se transbordar ao recebê-lo. E chorou. Sentiu tão profundamente, enfim, que na sua mais íntima convicção soube que nunca tinha havido outro que tivesse conhecido a intimidade do seu coração e do seu corpo ao mesmo tempo, como ele estava a fazer. Por isso chorou, ainda que também de infinito prazer, incapaz de conter tanta emoção, a experimentar sensações até então desconhecidas, a sentir vivo cada poro da sua pele. E Hugo acompanhou-a enxugando-lhe as lágrimas entre beijos e arquejos, unido à mulher que tinha conhecido menina, à adolescente que nunca satisfizera nos seus desejos, à maravilhosa mulher, madura, tão bela e repleta de virtudes que ela sozinha bastava para apagar qualquer memória passada, para afastar qualquer presença alheia a eles e transformar aquele momento num instante glorioso.

Por isso, quando tocaram o céu ao explodirem juntos, abraçados e plenos, tiveram a certeza de que o que tinham era aquilo a que muitos chamavam amor, mas que poucos chegavam a conhecer.

Mais tarde, na cama, voltaram a unir-se.

Fizeram-no com mais tempo e ternura, aprendendo-se um ao outro.

Entre doces murmúrios e gemidos abafados, dessa vez descobriram-se na totalidade, incluindo as imperfeições que os anos tinham trazido. E tudo foi

aprovado e nesse instante amado.

O novo encontro foi mais sóbrio de paixão, mas com sensações mais intensas. O cheiro das suas peles ficaria assim para sempre gravado nas recordações de ambos, bem como alguns contactos que incendiaram sensibilidades desconhecidas, ou aquelas palavras ditas ao ouvido e que em nenhum outro momento podiam soar melhor.

Vencidos pelo cansaço procuraram o sono e fizeram-no muito agarrados, rodeados de braços e pernas, a ouvir e a sentir as suas respectivas respirações. Talvez por isso não tiveram oportunidade de dizer um ao outro algo que tinham descoberto ao mesmo tempo mas não tinham traduzido em palavras: a maravilhosa convicção de que nunca mais seriam dois.

Hugo foi o último a adormecer. Porque antes teve de despedir-se de todos os que sentia presentes naquele quarto a abençoar o seu amor: da mãe, de Azerwan, até de *Aylal*. Mas sobretudo de Ubayda, a quem julgou ouvir: «Sê feliz, Hugo. Eu já tenho a alma em paz.»



Em fins de Setembro de 1486, pouco mais de um ano depois de se terem amado pela primeira vez, Hugo de Covarrubias e Berenguela Ibáñez casaram na igreja de São Pedro em Lovaina. O mesmo templo onde anos antes ele tinha trabalhado mal chegara à cidade.

Antes de entrar com Faíza pela mão, olhou para uma das torres da fachada e tornou a ver-se a carregar a pulso cestos de argamassa. Suou só de o recordar. Voltou-se para ver a mulher mais bonita que Lovaina alguma vez tinha conhecido.

Ela sorriu-lhe, e nos seus olhos brilharam mil palavras de amor.

Hendrik Van Diependaal era o padrinho, muito orgulhoso por lhe terem oferecido uma tal honra. O seu melhor discípulo, agora mestre vitralista, já não era o jovem que aparecera na sua oficina com mais vontade de trabalhar do que dinheiro ou paciência. Agora era um homem de trinta e dois anos com uma vida cheia de cicatrizes que não estava disposto a esconder porque faziam parte daquilo que era, preparado para receber a mão de uma mulher com um passado bastante mais atormentado do que o seu. Uma mulher que tinha tardado uma infância, toda a sua juventude e meia maturidade para encontrar a felicidade.

No outro banco estava Niclaes Rombouts, que considerava Hugo um irmão e se tornara o mais firme admirador das suas capacidades artísticas. E distribuídos pelo templo estavam os restantes trabalhadores das duas oficinas, aqueles que de um modo ou de outro tinham conhecido Hugo.

Renata chorou naquele casamento como se fosse o seu, ao lado de Antonio e dos dois filhos que tivera com ele. Mal a viram aparecer na igreja, comentaram: não podia estar mais bonita nem expressar maior felicidade.

– Finalmente chegou a tua oportunidade, querida amiga. Por fim...

Capítulo 22

Lovaina. Ducado da Borgonha. Fevereiro de 1488

Os dois primeiros anos e meio depois do casamento passaram velozes para os três. Faíza ia cumprir cinco dentro de poucas semanas e cada vez estava mais parecida com a mãe, Ubayda. Mas era a segunda mulher mais importante da sua vida, a tia Bere, que estava a ensinar-lhe a rezar, a brincar e ter modos à mesa. E também a somar e a escrever porque, segundo dizia, queria fazer dela uma mulher inteligente e capaz quando fosse mais velha.

Hugo teve menos trabalho no primeiro ano em comparação com o segundo e o que corria, sempre à espera de receber o aviso de Burgos para ir montar os dezassete vitrais da cartuxa de Santa María de Miraflores; sem dúvida o melhor trabalho que tinha realizado até então.

O ano de 1487 tinha-o levado a deslocar-se por várias cidades a leste de Lovaina para ocupar-se de restauros, uma ou outra encomenda de uma nova criação e sobretudo manutenções. Aquilo dava-lhe dinheiro, mas não a satisfação de uma grande obra. Fosse para ajudar num ou noutro problema, cada vez que entrava na oficina de Van Diependaal para soprar, chumbar, desenhar cartões ou fazer grisalha, sentia-se imensamente feliz. A sua vida decorria entre aquelas orações feitas de vidro, os arrebatadores sorrisos da filha e a paixão de uma mulher que chegara a considerar quase uma irmã, sempre amiga, cunhada e agora maravilhosa esposa e amante.

No Natal desse ano recebeu a melhor prenda que poderia desejar: a gravidez de Berenguela. Quando ela lho disse, abraçou-a com tanta força que, se não a sufocou, foi por pouco. Foi tal a emoção partilhada que acabaram aos saltos e às voltas um em torno do outro, para desconcerto e posterior gáudio de Faíza quando se juntou à dança. Ter ou não descendência tinha sido um tema não muitas vezes abordado depois do casamento, mas de grande preocupação. Sobretudo para ela, depois do resultado nulo obtido com Damián. O fantasma da

esterilidade estava sempre presente na sua cabeça. Assustava-a não ser capaz de dar um filho ao homem por quem não podia estar mais apaixonada. Por isso esperara um segunda falta antes de anunciar com orgulho a boa nova.

No primeiro dia de Janeiro de 1488, Van Diependaal propusera a Hugo montar uma oficina de vitralista fora de Lovaina, dessa vez como sócios. Pensava em Bruxelas, seguindo o exemplo de Niclaes, dada a avultada carteira de encomendas que este último estava a conseguir. Mas depois de pensar bem e sobretudo de discutir o assunto com Berenguela, descartaram a ideia. Preferiam fazê-lo num lugar muito mais afastado de Lovaina, mas sem dúvida mais próximo deles: Burgos. Hugo sabia que a mulher sofria por estar longe da mãe, ainda que nunca o recriminasse por isso. E se não fosse este motivo suficiente para irem viver para lá, todos os que chegavam de Castela comentavam a grande quantidade de catedrais que havia a intenção de construir por todo o reino. De facto, Hugo sabia que um tal Arnao de Flandes acabava, em parceria com um dos filhos, de abrir uma oficina de vitralista em Burgos e que não lhes faltava trabalho. Pensou que também poderia ter a mesma oportunidade se os seus vitrais agradassem, isto se conseguisse um dia vê-los montados na cartuxa.

Março levou a Primavera a Lovaina, um assalto de náuseas matinais a Berenguela, uma pequena gata, a que sem hesitação chamaram *Canelilla*, para Faíza, e o começo de uma longa ausência para Hugo, até meados de Junho, por causa de um importante trabalho na cidade de Metz. A encomenda, das mais bem pagas até então, implicava restaurar o vitral mais importante da catedral, o que ocupava quase por inteiro a lateral oeste, incluindo uma descomunal rosácea. Os três meses e meio de que precisou para recuperar as cores e os brilhos originais que cem anos antes lhe dera o mestre Hermann de Münster, seu artífice, foram uma dura prova para ele. Tinha tantas saudades da família que só desejava acabar o trabalho depressa, sem pôr nele demasiado entusiasmo. Por isso também não pôde desfrutar da qualidade dos vitrais que surgiam por baixo da sujidade.

Quando regressou a Lovaina, Berenguela ostentava uma assinalável barriga de oito meses que lhe dificultava tudo: dormir, sentar-se e, claro, apagar os demorados ardores do marido, uma tarefa que se lhes tornou complicada. Mas não tinham passado nem duas semanas quando receberam a carta mais desejada

dos últimos quatro anos, assinada pelo construtor Simón de Colonia, em que anunciava a conclusão das obras na igreja da cartuxa de Miraflores.

Isto significou iniciar os preparativos de uma viagem sem regresso. Fizeram-no depois de Berenguela dar à luz, feliz acontecimento que ocorreu a 28 de Junho, um domingo em que Hugo a tinha achado particularmente bonita ao acordar, até que depois do pequeno-almoço teve a primeira contracção.

Com a ajuda de uma mulher, Hugo viveu aquela experiência histórico. Assaltavam-no as funestas recordações do drama vivido naquele quarto com Ubayda, e por esse motivo decidiu permanecer a seu lado durante todo o parto.

– Dizeis de verdade que vem bem? Não estará torcido? – perguntou Berenguela, sem entender o que se passava dentro dela para sentir o que sentia.

A parteira, uma mulher competente e compreensiva, jurou-lho por tudo o que havia de mais sagrado. Primeiro porque era verdade, mas também para ver se conseguia que o marido não insistisse em interrompê-la a cada instante, interessando-se pela mais pequena mudança. Estava a deixar-lhe os nervos em franja. Não parava de andar à sua volta, de olhar para tudo, de perguntar e perguntar.

Entretanto, Berenguela vivia a experiência de ser mãe com brutal crueza. Cada vaga de contracções vinha acompanhada por um coro de gritos, cada qual mais agudo e alto, até ficar sem ar enquanto tentava obedecer às instruções da parteira quando lhe pedia que empurrasse mais. E ela empurrava, mas sem compreender como ia a criança conseguir sair por um espaço tão pequeno sem rasgar tudo o que encontrasse pela frente. Tinha medo de que alguma coisa não corresse bem. Ainda que deixasse de pensar nisso quando a assaltava uma nova dor, cada vez mais dilacerante e intensa. Começaram a tornar-se tão insuportáveis que nem soprando pelo nariz ou retorcendo os lençóis com todas as suas forças conseguia diminuir-lhes os efeitos, nem um pouquinho que fosse.

No decurso de um daqueles ataques olhou para Hugo e disse-lhe que desfrutasse bem do momento, porque ia ser a última vez.

Mas tudo mudou quando ouviu o choro de um menino, um varão.

Desatou a chorar com Hugo quando recebeu nos braços o enrugado e húmido bebé. Olharam-no com imensa ternura. Não se parecia com nenhum deles, mas não cabia a mínima dúvida de que levava no sangue todo o amor dos pais, um amor adiado, custoso, mas no fim um amor grande e verdadeiro.

– Vai chamar-se Fernando, como o teu pai – decidiu ela, contrariando o que tinham combinado meses atrás.

– Não sei se o meu pai o merece. Continuo a preferir Mateo.

– Meu amor, vamos voltar a Burgos e mais cedo ou mais tarde vão ter de reconciliar-se. Além disso, gosto do nome. Com o que me custou pô-lo cá fora, não me faças discutir agora.

– De acordo, seja. Mas quanto a isso do meu pai...

Ela tapou-lhe a boca e desviou-lhe a cara para que olhasse para o filho.

– Deixa isso para trás e contempla o teu presente. É o nosso filho, Hugo; a coisa mais importante que nos aconteceu.

Hugo recolheu nos seus braços Berenguela e o pequeno Fernando antes que Faíza entrasse no quarto. Depois de soltar um gritinho, correu para eles e meteu-se entre um e o outro, a reclamar a sua parte de carinho. *Canelilla* também tentou, mas não lho permitiram.

Foi-se embora, a miar zangada.



Um mês depois embarcavam em Damme com destino a Bermeo. Para trás deixavam muitas recordações, nem sempre gratas, e uma Renata cheia de pena, ao lado de Antonio e dos seus dois filhos, com outro no ventre havia já quatro meses. Após recíprocos desejos de felicidade, prometeram voltar a ver-se em breve, embora tenha ficado a dúvida de se chegariam a cumpri-lo.

Aquele foi um dos dias mais amargos da vida de Berenguela.

Perdia a sua melhor amiga, o único refúgio que encontrara nos piores momentos do seu casamento, a melhor das assessoras e o pano de lágrimas onde tinha chorado penas e desgraças, frustrações e angústias, uma e outra vez, consciente de que era a pessoa mais boa que conhecera na sua vida. Juraram que se escreveriam, que continuariam unidas apesar da distância, e abraçaram-se sem vontade de se separarem. Houve lágrimas, carícias e muita emoção, nos gestos e nos silêncios. Mas se houve alguma coisa que emocionou a italiana foi ouvir Berenguela dizer que se algum dia tivesse a primeira filha, se Deus quisesse, lhe chamaria Renata.

Logo que chegaram a Bermeo procuraram a *Santa Úrsula* nos amarradouros do porto, e quando não a encontraram perguntaram por Obeko. Ao que parecia, andava havia três semanas a pescar nas costas francesas e ninguém sabia quando

ia voltar. Berenguela, com o pequeno Fernando nos braços, queria ficar e esperar, mas Hugo foi de opinião contrária. A bênção do templo estava prevista para a primeira semana de Setembro e mal lhe restava margem para colocar os vitrais.

– Deixamos-lhe uma nota na taberna de Xabier com a notícia do nosso regresso a Burgos e pouco mais. De modo que se quiser saber mais terá de ir ver-nos. Espicaçado pela curiosidade, irá de certeza...

Berenguela decidiu não objectar. Compreendia os motivos dele e não seria ela a estorvá-los.

A caminho de Burgos passaram uma noite nas imediações da soberba fortaleza de Miranda de Ebro, para que Fernando descansasse de tanto solavanco. Tinha passado tão mal a viagem que quase não parara de choramingar a partir do momento em que o cocheiro incitara os cavalos e se tinham feito à estrada. Também Faíza agradeceu a paragem, sobretudo porque nessa noite a deixaram dormir na cama deles, uma coisa que raramente lhe permitiam e que ela adorava.

Berenguela esperou que a menina adormecesse para pô-la num lado da cama e beijar o seu homem quase com pressa. Desejava-o tanto que não tardaram a unir-se. Fizeram-no em silêncio, com um amor mudo e contido, como se quisessem escrever o prólogo com o qual iam ler um passado a que agora regressavam unidos.



Burgos recebeu-os a meio da manhã com um céu brilhante, num mês de Agosto demasiado quente para o que era habitual na cidade. Procuraram um alojamento temporário até poderem escolher uma casa onde viver. E quando Hugo viu que tinha a família instalada, pediu um cavalo emprestado na hospedaria e dirigiu-se à cartuxa para falar com Simón de Colonia.

Pelo caminho desfrutou do aroma dos campos acabados de ceifar e um agradável calor que evocava outros tempos, quando em pequeno corria pela margem daquele rio por onde agora cavalgava, a caçar rãs ou a atirar pedras às aves que se aproximavam para beber. E agora que voltava a passar pelos mesmos cenários, fazia-o depois de se ter tornado alguém, com um belo ofício e uma família que adorava. Olhou para o céu e nesse preciso instante acudiu-lhe à cabeça a imagem da mãe, cada vez mais esbatida, tão dolorosamente esbatida com o passar dos anos. E pensou em como teria gostado de tê-la ali para

explicar-lhe que aquele dom que soubera ver nele tinha acabado por transformar-se na pedra angular da sua vida.

Cavalgava carregado de sensações, de recordações e saudades que lhe chegaram muito diferentes de como as tinha vivido da última vez que estivera em Burgos, anos atrás. Talvez fosse porque já não estava de passagem, porque agora ia ficar para sempre, com uma vida mais feita e sobretudo feliz. Só lamentava a relação perdida com o pai.

Não podia imaginar que nesse preciso instante Berenguela, com as duas crianças ao colo, batia à porta da residência dos Covarrubias. Não tinha falado com Hugo, e estava consciente de que ia fazer uma coisa que ele talvez não aprovasse, mas decidira que aquilo não podia esperar mais.

Já era tempo de o pai de Hugo saber toda a verdade.

A porta foi-lhes aberta por um criado de nariz empinado, que depois de saber ao que iam olhou com desdém para Faíza, com toda a certeza a reprovar a cor da sua pele. Acompanhou-os até a uma pequena sala onde deviam esperar.

Berenguela felicitou-se ao saber que Don Fernando estava em casa, ainda que quase ao mesmo tempo sofresse um ataque de pânico ao tomar consciência do complicado momento que ia viver. Ia ver o sogro pela primeira vez depois da morte de Damián e ia dizer-lhe que aquelas duas crianças eram suas netas: Faíza, fruto da união do seu desprezado filho Hugo com uma mulher de cor, e o bebé recém-nascido com ela, sua antiga cunhada. Engoliu em seco, inspirou fundo várias vezes e ajeitou o vestido outras tantas, sufocada pelos nervos.

Ouviu passos.

Pôs toda a sua atenção na maçaneta da porta, à espera de ver entrar Don Fernando, mas não foi ele que a abriu de uma maneira tão furiosa, e sim Doña Urraca, sua sogra.

– Pode-se saber para que precisas de ver o meu marido? Não ficou claro em Lovaina que ele não quer saber nada de ti? – A mulher reparou em Faíza e a sua boca contorceu-se num esgar de desdém. – Que faz aqui esta rapariguita... contigo? Não será a filha de Hugo? E ele também veio?

Berenguela ergueu a voz, sem se amedrontar.

– Onde está Don Fernando?

– Agora compreendo tudo! Soubemos que abandonaste o convento e a tua mãe dentro dele, mas não sabíamos o que tinhas feito depois. Hás-de ter-te juntado

com a ovelha negra para te amancebares com ele, como sempre desejaste desde pequena. Com o teu cunhado! Valha-me Deus!

Berenguela sentiu um violento acesso de cólera ao ouvir as palavras que saíam da boca daquela pérfida mulher, mas conteve-se. Não tinha ido até ali para discutir com ela. Agarrou na mão de Faíza, encheu o peito, endireitou as costas e passou por ela sem lhe dirigir uma palavra, com a ideia de sair quanto antes daquela sala e procurar Don Fernando pela casa. Tanto lhe fazia onde estivesse ou o que Doña Urraca dissesse pelo caminho, ou a sua criadagem em peso.

– Que pretendes fazer? – gritou a megera nas suas costas, fora de si.

– O que devia ter feito há muito tempo... – respondeu, enquanto abria a primeira porta que encontrou.

A esta seguiram-se outras três, com Doña Urraca agarrada ao seu vestido e a gritar como uma possessa. Até que na última, no fim do corredor, encontrou Don Fernando, recostado num cadeirão e com um aspecto muito deteriorado.

– Não o permitirei! – insistiu Doña Urraca, a puxar-lhe pelo vestido com todas as suas forças.

Apareceram outras duas mulheres: a cozinheira e uma ajudante. Tinham ouvido a gritaria e ido ver o que se passava. No entanto, decidiram ficar quietas, sem intervir. Doña Urraca amaldiçoou-as e ameaçou pô-las na rua antes do fim do dia se não a ajudassem.

Mas quando quiseram reagir já era demasiado tarde.

Berenguela acabava de empurrar Doña Urraca com tanta força que a mulher acabou sentada no chão, com o penteado meio desfeito e um olhar de profundo ódio. Berenguela passou o umbral e fechou a porta à chave.

Don Fernando não saía do seu assombro. Olhou para Berenguela e para as duas crianças e perguntou:

– Por que vieste?

– Para que conheçais de uma vez por todas as verdades da vossa família.

Capítulo 23

Cartuxa de Santa María de Miraflores. Burgos. Setembro de 1488

No átrio da nova igreja da cartuxa não cabia um alfinete.

As portas que o separavam do templo permaneceriam encerradas até à chegada da rainha Isabel de Castela, que ia inaugurar a obra e com ela um conjunto de vitrais que até então só tinham sido vistos por seis operários a mando de Hugo de Covarrubias e Niclaes Rombouts, este vindo de Bruxelas uma semana antes para supervisionar o resultado final. Nem o construtor da igreja, Simón de Colonia, tinha podido ver o efeito dos dezassete vitrais no seu templo. Também ele esperava no átrio com os dois outros criadores, a mulher de Hugo e os seus dois filhos, uma infinidade de altos dignitários da corte e hierarcas religiosos vindos de todos os cantos de Castela, além dos vinte e quatro cartuxos que ali rezariam todos os dias.

A espera impacientava todos, mas em especial os mais pequenos. Faíza não parava quieta: corria por entre as pessoas e sempre que passava ao lado do irmão, entre corrida e corrida, metia-se com ele, para desespero da madrastra; olhava para tudo e até se agarrou à casula do bispo de Burgos, que naquele dia oficiava. Berenguela teve de acudir a toda a pressa para a levar.

Hugo estava muito nervoso. Ela não. Sabia que todos os que ali estavam acabariam por elogiar o resultado final. Era impensável que assim não fosse. Conhecia muito bem a qualidade do trabalho de Hugo, e a virtude artística de Niclaes estava acima de qualquer dúvida numa Europa rendida à sua maestria havia mais de uma década. Niclaes contemplava o artesado do tecto sem procurar nada de especial, em parte cansado de tanta espera, em parte a avaliar a quantidade de luz que chegava através dos únicos vitrais transparentes da igreja, situados no átrio.

– O dia vai ajudar... – disse Hugo, lacónico a seu lado. Mas, como o amigo não percebeu o comentário, explicou-se melhor: – Sol suficiente e à melhor hora

do dia. Bom, isto se acabarem de chegar...

Niclaes deu-lhe uma palmada nas costas, para o animar.

– Parece que sim.

– Achas que brilharão o suficiente? Não te parece que podíamos ter-nos esmerado mais e fazê-los muito melhores, não sei... mais especiais?

– Hugo, vais ver...

Como Niclaes tardou demasiado a completar o que queria dizer, Hugo adiantou-se-lhe.

– Sabes que não vão agradar... Claro.

– Vá lá, acalma-te. Fizeste um esplêndido e belíssimo trabalho. Partindo de uma mistura de areia e cinzas, as tuas mãos conseguiram tirar dos fornos as mais delicadas e finas lâminas de vidro. Deste-lhes novas e surpreendentes cores. Desenhaste nelas rostos maravilhosos e graças à tua sensibilidade conseguiste transformar os teus sete vitrais em autênticas orações carregadas de profundas mensagens... – Precisou de uma breve pausa para enfatizar o que queria dizer a seguir: – Vão entusiasmar toda a gente! Podes ter a certeza! E se não, olha para as caras deles quando entrarem e começarem a sentir o feitiço dos teus vitrais. Os seus olhos encher-se-ão deles. E quando isso acontecer, e a luz que atravessar os novos vidros entrar depois nas suas retinas, notarão como as suas almas se elevam aos céus em busca de Deus. Que mais podes querer do que dirigir os seus espíritos para o maior, o mais alto? Porque é isso que vai acontecer. Verás.

Hugo agradeceu-lhe aquelas palavras, consciente do alívio que lhe proporcionavam. Mas não pôde dizer mais nada porque nesse momento entraram no átrio Obeko e Bruno, juntos e com sorrisos enormes. Correu para eles e abraçou-os, emocionado.

– Não pensaste que íamos perder isto, pois não?

A rude voz de Obeko ecoou no átrio com tanta força que provocou um repentino silêncio entre os presentes, pelo que as suas próximas palavras troaram no meio da quietude.

– Que me espremessem os tomates se aqui o franganote não tivesse hoje consigo os seus verdadeiros amigos.

Olhou para Berenguela, que corria para ele, feliz, viu o bebé e não precisou que lhe explicassem mais nada.

– Cavaleiro, faça o favor de moderar a sua linguagem – admoestou-o o corregedor em pessoa. – Será necessário recordar-vos que estais num lugar sagrado?

– Pelas sujas barbas da mais fedorenta das baleias! Como quereis que me modere quando acabo de saber que estes dois – apontou para Berenguela e para Hugo – se uniram finalmente e que de tão desejado empenho pariram o primeiro filho? – gritou, a menos de uma polegada do nariz do indignado corregedor.

Berenguela apressou-se a tirá-lo dali.

– Vem comigo. Tenho tanta coisa para te contar...

Agarrada ao seu braço, levou-o para um canto onde, ajudada por Hugo, lhe contou o que tinha sido deles nos últimos quatro anos. Bruno, que se juntou ao grupo, foi apresentado a Berenguela e ficou nesse instante fascinado pela sua beleza. Tanto que só soube dizer uma coisa ao ouvido de Hugo:

– Se esta é a noviça de que falaste, onde há mais freiras como ela? Quero uma!

– Não sejas animal... – ralhou Hugo com um sorriso. – Obrigado por teres vindo.

– Fizeste-me carregar todos aqueles vidrinhos com tanto cuidado que parecia que se me ia a vida se partisse algum. Nem que fossem garrafas do melhor brande do mundo. Quero vê-los montados no seu sítio.

– Verás, e verás o que podem esses vidrinhos, como lhes chamas, quando estiverem todos juntos.

Bruno e Hugo trocaram um aperto de mão e voltaram a abraçar-se quando as portas da igreja se abriram e soaram as fanfarras.

Todos se voltaram para ver chegar a comitiva real.

À frente vinham dois pajens, cada um com um pendão de Castela. Atrás deles, outros quatro tocavam instrumentos, seguidos de seis damas da corte com leques, mantilhas brancas na cabeça e elegantes vestidos. À frente da rainha caminhava o prior da cartuxa e seu confessor. E atrás dela uma dezena de fidalgos armados, a sua guarda pessoal.

O bispo e o corregedor receberam a rainha Isabel com cerimoniais vénias. Eles mandaram aproximar Simón de Colonia, Niclaes Rombouts e Hugo de Covarrubias. Este último teve mais tempo para contemplá-la enquanto os outros lhe eram apresentados. Pareceu-lhe muito bela: pele pálida e delicada, boca pequena e olhos de menina, embora empanados por um certo ar de tristeza.

Tinha cabelos louros e encaracolados, e sobre eles uma coroa de ouro cravejada de pedras preciosas. Levava numa mão o ceptro e enredada na outra uma madeixa dos seus cabelos.

– E aqui temos o segundo mestre vitralista, vindo da Flandres, mas tão castelhano como todos nós.

Hugo aproximou-se e inclinou a cabeça sem lhe beijar a mão, como teria feito com qualquer outra mulher. Com a rainha, era impensável.

– Interessante... Dizei-me, de onde sois?

A atenção de Isabel de Castela incidiu em exclusivo sobre Hugo, o que o deixou um tanto atrapalhado.

– No meu apelido, Covarrubias, está implícita a resposta à vossa pergunta, embora confesse que me considero mais de Burgos.

– Não imaginais como me alegra saber que Castela conta com um afamado artista de vitrais formado na Flandres, e com certeza de excelente reputação.

– Não é para tanto, senhora – respondeu Hugo, corado.

Todos os seus, ao ouvirem aquilo, acotovelaram-se sem quererem acreditar.

– Dir-vo-lo-ei quando vir a vossa obra – a rainha sorriu, cordial –, que vós me apresentareis. Como também a do vosso colega Niclaes, que não entendo muito bem quando fala. Ficai a meu lado, peço-vos.

Hugo colocou-se à sua direita e a rainha pousou a mão no antebraço dele à espera que as portas se abrissem para conhecer a nova igreja.

– Esta não é para mim apenas mais uma igreja; em breve acolherá os restos mortais de meu pai – disse a Hugo, em tom de confiança. – Imaginais o que espero dela!

Avisaram Simón de Colonia para que se juntasse à rainha, o que ele fez colocando-se à sua esquerda antes que chegasse o momento tão desejado por todos.

E chegou.

Uma vez desimpedido o acesso à igreja, mais em concreto ao primeiro coro, o impacto que os presentes receberam teve a ver com a majestade da única nave e o efeito da sua grande altura, talvez ajudado pela sobriedade da decoração em obediência aos desejos dos cartuxos. Sem dúvida alguma, aquele seria um escrínio digno de tão magnos mausoléus. Mas se as paredes de pedra estavam

nuas, sobre elas começaram a brilhar os primeiros vitrais, obra de Niclaes. A rainha admirou os dois primeiros, os da lateral sul.

Uma luz intensíssima atravessava o vitral e no mesmo instante refractava-se em milhares de feixes que criavam no chão surpreendentes formas e cores.

– Impressionante! – exclamou a rainha. – Trata-se do Juízo Final, não é verdade?

Hugo traduziu a explicação de Niclaes. Jesus Cristo, na parte superior, chamava a julgamento todos os homens, que cheios de esperança e desprovidos de quaisquer bens materiais o adoravam acompanhados por quatro anjos com trombetas.

– O meu colega diz, senhora – continuou Hugo –, que se reparardes nas mulheres e nos homens que estão na parte inferior notareis que quase não têm cor nem roupas valiosas. Essa tonalidade clara que o mestre Niclaes quis dar aos rostos e corpos simboliza a pureza das suas almas, preparadas para subir aos céus.

A rainha observou a execução dos rostos e os pormenores quase pictóricos do conjunto, uma coisa que nunca antes se tinha visto num vitral.

– Passemos ao seguinte.

Hugo traduziu as palavras de Niclaes sobre a cena representada naquele segundo vitral: o Pentecostes.

– Observareis que mestre Rombouts desenhou a abside da igreja como fundo do vitral. Representa a vinda do Espírito Santo na forma de uma pomba. Como vedes, da ave saem raios de fogo que atingem os apóstolos e a Virgem Maria. Quer que saibais por que razão pôs mais cor em algumas túnicas, sobretudo as dos apóstolos, ao contrário das vestes do vitral anterior: trata-se da cor da palavra de Deus, que os seus discípulos se encarregarão mais tarde de espalhar pelo mundo inteiro.

– Também maravilhoso! Noto a presença de algumas letras na sanefa de uma dessas túnicas, que poderá ser a do apóstolo João. Podeis dizer-me o que dizem?

Hugo sorriu.

– *Niclaes me fecit*, «Niclaes fez-me». É a assinatura do seu criador.

– Muito interessante... São fascinantes, únicos, diferentes de tudo o que até agora se viu em Castela, são espectaculares. Conduzem à oração, que para isso

foram feitos... – concluiu a rainha enquanto atravessavam um novo pórtico que conduzia ao segundo coro.

Os restantes presentes eram todos louvores e elogios, expressões surpreendidas, cheias de assombro. Entre elas as de Berenguela e Obeko, que não se separaram nem um instante. O capitão disse-lhe ao ouvido:

– Sempre soube que chegaria longe, mas nunca imaginei o que os meus olhos vêem. Conversa com a rainha de Castela como se nada fosse, e ela escuta-o interessada. Estás a ver... Não é para sentir-se orgulhoso dele?

– Imensamente orgulhosa, sim – respondeu Berenguela com dificuldade, a conter a vontade de chorar. – Esse é o meu Hugo...

– E o meu – corroborou Obeko. – Pelas santas bolas, o malvado saiu-nos grande.

Niclaes estava expectante quando chegaram ao que considerava o seu melhor vitral: a Descida da Cruz.

A rainha levou as mãos à boca ante a bela composição, em que predominavam os azuis e os amarelos, com um Cristo nos braços de uma Mãe esmagada pelo desgosto que o deposita com carinho sobre o sepulcro, acompanhada pelo apóstolo João e as outras duas mulheres que tinham estado a seu lado até ao fim. Por cima deles, os outros dois crucificados. Chamou-lhe a atenção a riqueza das vestes, os jarros com óleo e a precisão do escudo de Castela no canto inferior.

Percorreram depois os outros cinco vitrais da lateral norte, com o mesmo assombro e convencimento da sua enorme qualidade. O realismo conseguido na Coroação com os Espinhos, a Flagelação ou o Calvário encheram de pena a alma da rainha, face à sublime descrição visual da Paixão do seu amado Jesus Cristo.

– Dizei ao mestre Niclaes que a rainha não encontra palavras para louvar na justa medida o que hoje está a conhecer. E agradecei-lhe por isso; despertaram a minha emoção transportando-me para aqueles santos momentos da vida de Nosso Senhor. São... são... maravilhosos.

Fungou e secou os olhos com um minúsculo lenço.

Hugo assim fez, para satisfação do seu amigo Niclaes, momentos antes de chegar aos seus vitrais, os sete que rodeavam a abside. Mas antes, ao observar a abóbada e as belíssimas tracerias que a embelezavam, a rainha falou com Simón de Colonia para reconhecer o seu trabalho, sobretudo por saber que por baixo daquela magnífica estrutura ficaria o pai, o rei D. João II, quando o seu

mausoléu estivesse acabado. Houve exclamações de admiração por parte dos presentes ante a complexa solução que Simón conseguira encontrar, com oito arcos rematados por traceria trilobulada e abundantes frondes que acabavam por unir-se num florão central com o escudo de Castela: uma verdadeira jóia arquitectónica e um avanço das novas tendências da Europa. Surpreendeu, entusiasmou e satisfez os mais exigentes. E apaixonou a rainha, que não podia emitir mais exclamações de contido assombro a cada passo que dava.

E foi assim que a rainha reparou enfim nos sete vitrais de Hugo.

Percorreu-os um a um sem pedir explicações, num silêncio só quebrado pelo roçar da sua saia nas lajes ou o tilintar do colar que usava ao pescoço. Assim se manteve, calada, durante uns intermináveis minutos que a Hugo pareceram horas. Pediu uma lente. Entregaram-lhe uma espécie de cilindro que levou a um olho, o que lhe permitiu observar com muito mais pormenor cada um dos vitrais, sem pressas, reconhecendo cada cena, vibrando com as expressões das personagens, deixando-se contagiar pela sensibilidade do conjunto, desfrutando da sábia escolha das cores. Deteve-se diante do que mostrava a cena da Coroação da Virgem, e pareceu que se lhe iluminava o olhar ante o rosto da Mãe de Deus.

Admirava a sua beleza, a doçura da sua expressão, a formosa presença da Santíssima Trindade por cima dela, a cobrir-lhe a cabeça com uma coroa de ouro. E de repente, cada um dos vidros que faziam parte daquele vitral pareceram ganhar vida, e a luz aproveitou-se disso para começar a dançar com os quatro anjos que acompanhavam a Virgem, percorrendo as suas vestes, beijando-a na face. A rainha ficou sem respiração. Porque aquela luz, como se o dia estivesse do lado de Hugo, continuou a jogar a favor da sua obra. E como se aqueles sete vitrais fossem um livro, surgiram deles brilhantes feixes luminosos que começaram a saltar de cena em cena, de um vitral para o seguinte, conseguindo que todos os que ali estavam lessem uma a uma as Sete Alegrias da Virgem.

Hugo e Berenguela, agora a seu lado e agarrada ao braço do marido com idêntica tensão, olhavam para a primeira dama de Castela, ansiosos por conhecer a sua opinião. Parecera-lhes que ao deter-se diante da cena da Anunciação lhe tinha tremido o queixo, que o seu seio se agitara mais depressa ao contemplar a Natividade, ou que em mais de uma ocasião tinha mordido os lábios, como ao

chegar à Fuga para o Egito ou à Apresentação de Jesus no Templo. Mas entretanto não saía uma única palavra da sua boca.

Todos aguardavam, expectantes.

A rainha devolveu a lente a um dos pajens. Enxugou com um lenço as lágrimas que lhe deslizavam pelas faces, um gesto que ninguém além de Hugo, Berenguela e Niclaes viu, endireitou as costas e voltou-se para o criador daqueles vitrais recuperando o digno porte com que entrara na igreja. Olhou-o nos olhos, sem falar, e durante uns quantos segundos não fez outra coisa senão olhá-lo.

Hugo, um tanto constrangido e sem saber o que fazer, acabou por perguntar:

– Majestade... agradaram-vos?

Em resposta, a rainha Isabel avançou para ele e abraçou-o com insólita intensidade, para espanto de todos. Um abraço que se prolongou o mesmo tempo que levou a dizer-lhe umas palavras que só ele ouviu.

– Não podem ser mais belos... – sussurrou-lhe ao ouvido. – Do mais fundo do coração e do meu curto saber, felicito-te. Conseguieste criar as mais belas páginas de vidro que os meus olhos alguma vez viram; um maravilhoso livro de luz e amor por Nossa Senhora, que desencadeou em mim emoções como não recordo de ter sentido diante de outra obra criada pelo homem. Além de teres dado à nossa Mãe o rosto mais belo que se poderia imaginar: de certeza que há-de estar a sorrir-te do céu pelo que fizeste...

Hugo recordou Ubayda, modelo que tinha escolhido para decidir as feições da Virgem, e sentiu uma enorme tristeza, adoçada pelos elogios da soberana.

A rainha voltou-se para os outros presentes.

– Queridos castelhanos... Confesso-vos que não me cabe mais alegria no coração depois de ter conhecido a obra destes três magníficos homens. Simón de Colonia, ao construir um tão soberbo templo de pedra que em breve receberá Nosso Senhor com toda a dignidade necessária. Niclaes Rombouts, ao ornamentá-lo com as maravilhosas cenas da Paixão de Jesus Cristo e da sua Ressurreição, tão evocadoras e magistrais como piedosas e belas. E este filho de Castela, Hugo de Covarrubias, ao conseguir com as suas mãos e um evidente talento transformar simples vidros em algo sagrado, cenário de mil orações futuras que conduzirão as almas a Deus. Não se limitou a fazer vitrais, ergueu

autênticas muralhas espirituais carregadas de fé, umas janelas para o céu. Na realidade, conseguiu *criar* as janelas do céu...

Começou a aplaudir, dedicando aos três os mesmos olhares de orgulho e gratidão. Os restantes presentes juntaram-se ao aplauso ante o incontido pranto de Berenguela e a profunda emoção que apertava a garganta de Hugo.

– Hoje realizaram-se todos os meus sonhos, meu amor – disse ela numa voz muito baixa. – Conseguiu.

As paredes da igreja ecoavam o aplauso mantido de uns e outros, as palavras de elogio e os nomes dos três criadores. Mas entre o estrondoso vozear soou uma voz vinda da traseira da nave, primeiro abafada, até que foi ganhando presença à medida que se aproximava deles.

– Hugo de Covarrubias...!

Só uns poucos se voltaram, estranhados.

– Hugo de Covarrubias...!

Alguns mais que a ouviram pararam de aplaudir e pediram aos que estavam perto que fizessem o mesmo.

– Hugo de Covarrubias...!

Dessa vez soou mais alto, fez-se mais presente.

Metade dos assistentes interessou-se pela proveniência daquela voz.

A rainha também, e com ela o bispo, o corregedor e muitos outros clérigos. Ninguém entendia a que vinha tão insistente chamamento.

– Hugo de Covarrubias...!

Só mais uma vez. O suficiente para que Hugo se voltasse para ver.

– Pai?

– Hugo!

Don Fernando falou numa voz menos forçada, mas trémula. O homem, que mal conseguia andar, arrastava os pés apoiado ao braço de um jovem.

Hugo olhou para Berenguela. O seu sorriso denunciou-a.

– Sabias que...?

– Vai ter com ele... – disse ela, e beijou-o na face.

As pessoas afastaram-se para o deixar passar. Dominado pela emoção, nos poucos passos que percorreu sentiu que se lhe nublava a vista. Até tropeçou ao descer os degraus da abside. Olhou para o pai. Os seus olhares encontraram-se. Tinham decorrido catorze anos desde a última vez que o vira e a idade tinha-o

encolhido, enrugado e debilitado. Não passava de uma ténue recordação do homem que fora. Mas era seu pai.

Don Fernando olhava para o filho. Ao vê-lo aproximar-se, as pernas tremeram-lhe tanto que acabaram por ceder e foi necessário que dois dos presentes o apoiassem para o impedir de cair.

Hugo sentiu que se lhe partia o coração.

Tinha o pulso acelerado, a boca seca e os olhos húmidos.

– Deixai-me...! – protestou Don Fernando, libertando os braços das mãos que os seguravam para abri-los para Hugo. – Perdoa-me, filho...

– Pai...!

Hugo abraçou-se a ele, a chorar. Sentiu os dedos nodosos que tentavam apertá-lo contra o peito, tão fracos e ao mesmo tempo tão desejados.

Aninhado naquele ansiado refúgio, ouviu-o dizer:

– Preciso que me perdoes, meu filho...

– Claro que vos perdoo, meu pai. Mas tendes de perdoar-me também a mim, porque devia ter-vos procurado mais cedo...

Olhou-o nos olhos, uns olhos com umas íris um pouco esbatidas, a navegar num oceano de lágrimas. Uns olhos vencidos, que além de velhos carregavam agora as consequências dos seus erros.

– Sei que o tentaste e quem o evitou. – Tomou a cara de Hugo entre as suas mãos de velho e falou do fundo do seu frágil coração. – Meu filho, sei que julguei mal um bom filho... tu. Meti em nossa casa uma mulher que, em vez de ser mãe e esposa leal, transformou-se numa manipuladora que acabou por trair-nos aos dois. Expulsei-a quando soube tudo... Mas também apoiei, abençoei e louvei o meu outro filho, concedendo-lhe todos os favores possíveis, e ele em troca escolheu o mal. Demasiado mal...

– Dou muito valor ao que dizeis, meu pai, mas não precisais de continuar...

– Sim, preciso! Tenho de confessar o meu pecado diante de todos! E não há melhor lugar para o fazer do que este, depois de se ter tornado o cenário do teu triunfo. – Ergueu uma mão no ar e contorceu-a cerrando o punho, como se nele pudesse capturar um pedacinho da glória que acabava de referir. – Não mereço nenhum elogio. Foste tu que acabaste de ganhá-los. Cheguei a tempo de ouvir a rainha Isabel dirigir-te as mais belas palavras. – Inclinou-se com respeito, desculpando-se ao mesmo tempo pela imperdoável interrupção. – Majestade...?

– Por favor, continuai, Don Fernando.

A rainha inclinou ao de leve a cabeça, num gesto de aprovação dirigido ao recém-chegado, que conhecia como prior da Universidad de Mercaderes.

– Quero que todos ouçam...!

Don Fernando de Covarrubias colocou as mãos de ambos os lados da boca para ampliar a potência da voz, sem grande efeito. A cena enterneceu de tal modo o filho que este tentou evitá-la abraçando-se a ele entre soluços.

– Não! Não!... Deixa-me dizê-lo!... – Afastou-o de si. – Há catorze anos expulsei este filho de casa dizendo-lhe que era... – faltou-lhe a respiração –, disse-lhe que para mim não passava... não passava de um fiasco. – O aperto na garganta quase não o deixava falar. – Foi o que lhe disse. Mas ele demonstrou o contrário. E hoje, aqui, diante de Deus e da minha rainha, de muitos amigos e conhecidos, proclamo com toda a solenidade que o meu deteriorado estado de saúde permite, e no recinto sagrado onde nos encontramos, proclamo... o meu orgulho por ele. Hugo é meu filho. O melhor de todos os filhos, a quem tentarei devolver todo o amor que lhe roubei durante demasiados anos...

Pousou os olhos nele.

Hugo estava quase incapaz de digerir mais emoções quando o pai lhe pegou nas mãos, se voltou para o vitral central da abside, o da Coroação da Virgem, e ergueu a voz com renovadas energias:

– Hugo, meu filho, amo-te!

– E eu a vós, meu pai... eu a vós.

Fundiram-se num abraço que foi acompanhado pelos presentes num respeitoso silêncio carregado de emotividade. Talvez por isso ninguém ouviu um agudo grito vindo do exterior, a que se seguiram mais dois, a norte da igreja. Hugo foi o primeiro a ver a sombra percorrer um vitral após outro, na mesma ordem doutrinal com que tinham sido colocados, passando os de Niclaes para em seguida rodear a abside e continuar pelos do lado sul. Parecia estar a ler, naquele sacrário de vidro e pedra, todas as cenas recém-expostas para terminar na mais jubilosa: a do Juízo Final.

Nenhum dos que o viram compreendeu o que tinha sido aquilo.

Excepto Hugo.

Hugo sabia que se tratava de um falcão, de um gerifalte.

Uma ave enviada por outra, a sua querida *Aylal*, com uma única missão: abençoar com as suas asas emprestadas aquelas novas janelas. As janelas do céu.

Nota do autor

Sempre que chego a este ponto de um romance, acontece-me a mesma coisa: invade-me uma grande pena ao tomar consciência de que vai terminar a relação que tive com o leitor durante uns dias ou semanas, e que só com sorte voltaremos a recuperá-la se conseguir convencê-lo a embarcar na minha próxima aventura literária, quando chegar.

Não é fácil deixar de pensar numas personagens que viveram na minha cabeça durante tanto tempo, como espero que lhe aconteça a si. Teria gostado de contar mais coisas sobre elas, completar as suas vidas, resolver algumas incertezas que talvez tenham ficado no ar. Mas como tudo tem de acabar, nestas últimas páginas tentarei explicar os motivos que me levaram a decidir que Hugo de Covarrubias tinha de percorrer outros cenários antes de entrar no maravilhoso mundo dos vitrais, que é afinal o objectivo de toda a trama.

Refiro-me à sua passagem pela feira de Medina del Campo e de um modo geral pelos negócios da lã, à dura experiência na Terra Nova e à sua transcendental descoberta de Azerwan, à experiência de Ifríquia, a actual Tunísia, onde o vemos a explorar uma recôndita mina de sal, à sua vida no deserto, onde duas importantes personagens se juntarão à sua história: Ubayda e *Aylal*, um insólito gerifalte que se sente grande quando as suas asas roçam o céu, a mesma sensação que Hugo terá quando começar a criar os primeiros vitrais, umas finas lâminas de vidro que viverão o privilégio de servir de ligação entre a terra e o céu.

Bem entrada a Idade Média, continuava-se a pensar que na base de qualquer criação tinham de estar presentes os quatro elementos: terra, ar, água e fogo, diferenciando-se umas das outras conforme mudassem as respectivas proporções. Mas também se pensava que esses quatro elementos estavam sujeitos a duas forças que acabavam por explicar todas as mudanças: uma de

geração, de amor, capaz de os unir; a outra de corrupção, que os separava, e que mais não era do que a força do ódio.

Tendo em conta a particular visão da época, enquanto idealizava a trama deste romance comecei a comparar essas teorias com a fabricação dos vitrais. Por que, se pensarmos do que são feitos, não nos apercebemos de que o vidro nasce da terra, seja sobre a forma de sílica ou de areia? E o que será o fogo, presente nos fornos, que vai fundir essa base mineral para transformá-la em surpreendentes lâminas translúcidas de vidro? Fogo também necessário para queimar a madeira e obter as cinzas usadas como fundente.

Num vitral também intervém a água para diluir tintas, como é o caso da grisalha ou do amarelo de prata com que depois se pinta. E que dizer do ar que transporta a luz? O ar que acaricia os vitrais antes de lhes dar vida e cor, quando acabarem por engrandecer as paredes das catedrais.

Terra, fogo, água e ar são, pois, os elementos básicos para a criação de um vitral. E serão, também, os elementos de que Hugo vai precisar para construir-se a si mesmo. Do particular equilíbrio que a dado momento se estabelece entre eles surgirá a sua capacidade artística.

É no meio das águas do Atlântico que descobre o valor da amizade, o significado de uma vida sacrificada e o seu dom para pintar. No deserto, num mar de areia e sal, decidirá que há-de encontrar o seu futuro entre fornos e vitrais. Ali conhecerá *Aylal*, um falcão que o acompanhará durante os anos mais transcendentais da sua vida. Mas será na catedral de Antuérpia que se sentirá enfeitiçado por um ar colorido capaz de inundar o seu interior, depois de ter visto como a luz atravessava os vitrais da abside. Mais tarde, quando começar a aprender o seu ofício em Lovaina, terá como aliado o fogo. O fogo que dominará, amará e do qual precisará para transformar uns punhados de terra em vidros de cor quando estiver a trabalhar na oficina de Van Diependaal.

Nada na vida de Hugo é casual, como não foram casuais as tramas que se sucedem neste romance, e menos ainda que seja o amor que acabe por unir tudo.

A nossa existência como pessoas é transformada ao longo do tempo; esta realidade é uma constante em todos nós. Há pessoas que influenciam de forma determinante a direcção do nosso caminhar pela vida, como também há circunstâncias que nos ancoram no nosso presente ou nos projectam para o

futuro, ou acontecimentos que conseguem alterar abruptamente uma trajectória já iniciada, por vezes equivocada.

Neste romance, a escolha do período histórico foi marcada por um marco artístico que acaba de ler nos últimos capítulos. Refiro-me à instalação dos belíssimos vitrais de origem flamenga que hoje podemos ver na cartuxa de Santa María de Miraflores, em Burgos, que o exorto a visitar.

Esses vitrais significaram uma autêntica revolução no estilo que até então se usava nas catedrais espanholas, como por exemplo as de Leão e Burgos. Os vitrais de origem flamenga representaram o começo de uma nova época em que a pintura predominava sobre a cor, graças aos progressos das técnicas utilizadas e à incipiente influência do Renascimento, que mal começava a despontar em Itália.

Este romance nasceu com a única pretensão de lhe dar a conhecer, que desfrutasse e ajudasse a compreender aquilo em que consistiu o maravilhoso mundo dos vitrais durante o gótico tardio, um tema pouco tratado no romance histórico e que a mim, confesso, me apaixonou. Durante a Idade Média, houve quem erigisse catedrais de pedra para fazer delas a casa de Deus, mas foram os mestres vitralistas que as transformaram em autênticos sacrários de luz e cor ao abrirem as suas janelas para o céu.

Tive muita dificuldade em encontrar boa documentação sobre a arte do vitral medieval porque não há muitos ensaios sobre o assunto, e nos que há não se trata com muita profundidade a técnica e os métodos que se utilizavam na execução dos grandes vitrais. Comprei quase todos os livros publicados sobre a matéria, tive de revolver o Google de uma ponta à outra e meter o nariz nos recônditos mais escuros de velhas livrarias para conseguir pistas sobre como faziam, com que materiais e, de um modo geral, qualquer informação que me pudesse servir. Neste sentido, quando já tinha decidido a trama, incluindo o contundente fim que leu, encontrei por acaso uma tradução espanhola do livro *Le Passeur de Lumière*, escrito por um vidreiro francês, Bernard Tirtiaux, que com o seu conhecimento actual sobre a técnica do vitral me ajudou a preencher algumas lacunas que continuava a ter depois de ter estudado os anteriores e conscienciosos tratados. Mas também me provocou um verdadeiro trauma quando, chegado às últimas páginas, descubro o aparecimento de um falcão, que não era protagonista como no meu nem em nenhum outro momento do romance tinha sido referido. Dada

essa coincidência e a importância de *Aylal* no meu romance, pensei cem vezes em alterar o fim para evitar comparações. Mas depois de meditar muito, decidi manter a minha ideia inicial apesar da indesejável coincidência com o livro de Tirtiaux. Peço desculpa pelo facto, mas tenho a certeza de que ele compreenderia.

Em busca de ajuda para a minha inspiração, ao longo da construção deste romance fui muitas vezes a Burgos e a Leão, não só para estudar os seus monumentais vitrais, mas também para os viver. Para mim, essas imponentes paredes de cor e vidro nunca mais serão iguais. Com o mesmo espírito, visitei também as catedrais de Antuérpia, Gante, Bruxelas e alguns dos templos referidos no romance e situados em Bruges, Milão e Lovaina.

No decurso do meu longo périplo documental, tive o privilégio de conhecer um enorme artista natural de Leão, Luis García Zurdo, que tem o título, segundo ele imerecido, de *Guardião dos Vitrais da Catedral de Leão*. Quando comecei a aprender como se fabricavam, com que materiais e tecnologias se faziam, que objectivos pretendiam alcançar e como conseguiam embelezar ainda mais templos de pedra que já todos admiravam, dei-me conta da importância que no seu tempo tiveram e da pouca relevância que lhes tem sido dada.

Luis García Zurdo é um sábio, um desses poucos homens com que nos cruzamos na vida e cujo saber viaja acompanhado por uma humildade em todos os aspectos surpreendente. Estudou na Baviera com um dos mais prestigiados professores e especialistas em vidraria do medievo, Josef Oberberger, que inculcou nele o respeito pelo processo, o educou nas técnicas medievais e encorajou a ser mais criador do que restaurador, como mais tarde ficou demonstrado ao longo da sua extensa trajectória artística, com obras espalhadas por toda a Espanha. Guardarei sempre na minha memória os agradabilíssimos momentos passados em sua casa, próxima da cidade de Leão, e a visita à sua oficina: pela primeira vez tive nas mãos uma bolsa do famoso amarelo de prata, soube como se soprava o vidro, em que consistia a técnica do *plaqué*, como se trabalhava com uma tábua de vitralista, e ouvi a história das suas andanças pela catedral de Augsburg quando ele e o seu mestre enfrentaram um dos programas de restauro mais complexos da história.

Foi a rainha Isabel de Castela que financiou a compra dos espectaculares vitrais da cartuxa de Miraflores, mas o encarregado da contratação foi um

conhecido comerciante e banqueiro da época, Martín de Soria, que está presente no romance como mais uma personagem. Martín de Soria, com mais uns outros poucos castelhanos, foi uma figura importante do fabuloso comércio de lã que na altura se estabeleceu entre Castela e Flandres, uma actividade que começou no século XIII e significou uma profunda mudança nas estruturas da velha sociedade medieval castelhana. Daí surgiu a necessidade de Hugo ter uma relação estreita com aqueles mercadores, quase todos burgaleses, que amassaram enormes fortunas com a venda de velos. Em paralelo à sua aventura percorremos o trajecto da lã, desde a sua compra e venda na importantíssima feira de Medina del Campo, aos lavadouros espalhados por Castela, o seu transporte em carroções até aos portos cantábricos e o embarque numa frota específica que a levava a Bruges e a Antuérpia. Também conhecemos os consulados locais que defendiam os interesses dos seus membros e mostraram a cabeça alguns dos principais empresários têxteis flamengos que sabiam que a melhor lã do mundo era a que vinha da ovelha merina espanhola.

O comércio da lã e o aparecimento dos vitrais flamengos em Castela vieram de mão dada. Mas, para entender melhor do que falamos, permito-me aprofundar um pouco mais este desconhecido negócio.

O ouro branco que fez Castela rica

Hoje pode parecer-nos incrível, mas a lã da ovelha merina transumante tornou-se o primeiro produto de exportação de Castela e a sua principal fonte de riqueza até à descoberta da América.

Durante o século XV exportava-se entre 25 000 e 30 000 sacas de lã por ano, sobretudo para a Flandres, o que equivalia a cerca de 3500 toneladas de produto com um valor final de 810 milhões de maravedis. A quantia pode parecer avultada, mas se a traduzirmos numa moeda mais conhecida, rondaria os 1500 milhões de euros.

Esta enorme quantidade de lã provinha dos rebanhos de merinas transumantes protegidos pelo Real Concejo de la Mesta. Estamos a falar do produto de três milhões e duzentas e cinquenta mil ovelhas que circulavam pelos diferentes vales em busca de pastos frescos. Entende-se melhor a riqueza que representavam para os comerciantes burgaleses se compararmos o seu valor com

os rendimentos que na altura tinha a rainha Isabel. Consultei os registos das receitas da Coroa Espanhola no ano de 1504, e foram de 315 milhões de maravedis. Aquele reduzido grupo de mercadores quase os triplicava.

Foi sem dúvida um grande negócio para alguns, mas também contribuiu para modificar as velhas estruturas da sociedade feudal, dando lugar a uma florescente burguesia, e em paralelo ao crescimento das cidades: uma transição económica da velha nobreza para os ricos comerciantes.

O último elo nesta lucrativa cadeia comercial havia que procurá-lo no mar Cantábrico, e sobretudo nos portos de Santander, Laredo e Bilbao, onde se encontrava fundeada uma poderosa frota de naus de média tonelagem, entre sessenta e oitenta toneladas, uma vez que os portos de Bruges e Antuérpia não permitiam maiores calados, encarregada de transportar toda aquela lã. Em apoio desta actividade, foram construídos naqueles portos cantábricos grandes armazéns, desenvolveu-se uma poderosa estrutura de construção e manutenção naval e foi criada uma infinidade de ofícios relacionados com a navegação que tiveram o comércio branco como principal sustento ao longo de várias gerações.

Durante as últimas décadas do século xv e primeiras do xvi, os portos que referi chegaram a amarrar com este fim mais de duzentas embarcações, com uma média de cem toneladas cada, cobrando de frete em Bruges cerca de mil maravedis por saca.

Enquanto Santander, Laredo e Bilbao se especializaram no transporte da lã, outros portos como Bermeo, Motrico, San Sebastián ou Guetaria dedicavam a sua frota à pesca da baleia e do bacalhau em mares longínquos, sobretudo na Terra Nova. Às tripulações que navegavam até França, Flandres ou Inglaterra, chamavam *marinheiros de costa e derrota*, e os que procuravam cetáceos eram conhecidos como *marinheiros de alto mar*.

A pesca de baleias e bacalhaus na Terra Nova

Como se terá apercebido, neste romance situo a chegada dos primeiros marinheiros bascos à Terra Nova uns anos antes do aparecimento de Colombo na ilha caribenha de Guanahani. Não existe prova documental de que assim tenha sido, mas há sérias suspeitas e um claro motivo para não dar publicidade ao surpreendente descobrimento. Nas frias águas da Terra Nova, às quais podem ter

chegado levados por uma conhecida corrente marítima, os bascos encontraram espectaculares cardumes de bacalhau e uma invulgar população de baleias que ocultaram deliberadamente ao resto das frotas europeias, que na altura se digladiavam pela captura de cetáceos nos mares da Islândia e da Gronelândia. Poder-se-á dizer que os marinheiros de Bermeo e de Guetaria chegaram à América antes de Colombo? É preciso investigar mais, mas, se não o fizeram nos anos que este romance abarca, há sólidas provas de que o conseguiram poucos anos mais tarde.

A pesca do bacalhau enriqueceu muitos povoados bascos costeiros atrás referidos e permitiu que os seus armadores e confrarias fossem os maiores vendedores daquele peixe em toda a Europa; um alimento que, dada a sua qualidade e fácil conservação, se transformou na estrela dos pratos, superando a sardinha e outros peixes azuis mais comuns durante a Quaresma ou naqueles dias da semana em que era proibido comer carne por motivos religiosos.

Na época, o País Basco não tinha outras fontes de riqueza além do mar e do aço. A sua complexa orografia tornava impossível o cultivo do trigo e não se podia viver da agricultura, pelo que só restava olhar para o mar e tirar dele os recursos suficientes para importar a farinha castelhana para fazer pão. Neste aspecto, vários séculos antes – há quem o faça coincidir com a invasão viquingue –, tinha-se desenvolvido ao longo da costa basca uma poderosa infraestrutura de construção naval favorecida pelos abundantes bosques e um notável saber marinho. A baleia foi durante muitos séculos o seu objectivo, até que descobriram na Terra Nova as enormes possibilidades da pesca do bacalhau.

A maior parte da lã castelhana era embarcada em Santander, Laredo e Bilbao, mas neste romance aparecem outros portos: os de Bermeo e Portugalete, por terem partilhado nos seus molhes uma frota especializada no transporte de lã e outra dedicada ao transporte de óleo de baleia e de bacalhau salgado.

Construí em Obeko uma personagem com a qual quero homenagear essa estirpe de marinheiros bascos que partiram a alma entre redes e temporais, numa época difícil, cuja coragem os levou a conhecer territórios tão distantes como generosos. Obeko é pura bondade disfarçada de rudeza, um homem da montanha que quando conhece o mar se apaixona por ele e nunca mais o abandona. Duro e firme, porque o mar o fez assim, tornar-se-á um dos melhores amigos de Hugo.

As salinas de Tunes, ou de Ifríquia

Se há pouco explicava a importância que o bacalhau teve na dieta dos europeus daqueles tempos, entre umas e outras restrições religiosas, é fácil entender a importância do sal como único recurso para conservar e transportar o peixe e a carne, além de ser um condimento básico nos restantes alimentos. Na Idade Média, o sal constituiu uma enorme fonte de riqueza para os povos que o possuíam. Cabe aqui recordar algumas cidades que ganharam um enorme protagonismo graças às suas inesgotáveis minas de sal, como foi o caso de Salzburgo e Hallstatt, na Áustria, Wieliczka na Polónia ou Berchtesgaden na Baviera, mas também tiveram muito que dizer Génova e Veneza, ainda que apenas em relação com o comércio. No nosso país tornaram-se famosas as salinas de Cádiz, Torrevieja e San Pedro del Pinatar.

Mas as que aparecem no romance situam-se em Tunes e tornaram-se uma grande atracção turística. Refiro-me às de Chott el Djerid, o enorme lago salgado que ocupa uma boa parte do deserto tunisino e em cujo extremo sul vimos Hugo e Azerwan a extrair cristais de sal.

O deserto, o sal e as lendas que Azerwan nos vai contando são evocações de uma época com tonalidades românticas que se viveu no Norte de África, uma época protagonizada pelas enormes caravanas de camelos que atravessavam as vastas extensões de pedra e areia de este para oeste e de norte para sul, personalizada nos sofridos habitantes do deserto que enfrentavam as piores condições que é possível encontrar no planeta. No tempo em que o islão significava poesia e profunda espiritualidade, e não armas e fanatismo como agora.

Azerwan não será para Hugo um mestre de ofício, mas de vida. Será ele a extrair do jovem burgalês as suas melhores capacidades e a guiá-lo pelos caminhos adequados para alcançar os seus sonhos. É uma alma livre, cuja sensibilidade e personalidade tornam um ser muito especial, único.

A maravilhosa arte dos vitrais

De acordo com a mentalidade medieval, as catedrais eram para os seus promotores a representação da Nova Jerusalém. Aquela que São João Evangelista anuncia no livro do Apocalipse vinda à direita de Deus, engalanada

e bela. Por isso foram projectadas como «cidades descidas do céu» e como tal exigiam ser templos radiantes de luz e perfeição. O gótico significou o verdadeiro nascimento dos vitrais, uma vez ultrapassadas as limitações arquitectónicas do românico, que obrigavam a erguer templos com grossas paredes e quase sem janelas. Adelgaçadas as paredes e abertos nelas novos vãos, chegou a oportunidade do vidro, e é a partir de então que nos é permitido ver a mística da luz e da cor. O reconhecido especialista na história do vitral espanhol, Víctor Nieto Alcaide, diz a este respeito: «Cores e pedras tornam patente uma complexa síntese de dogmas, de histórias bíblicas e humanas, de lírica, de génios criadores, de luz natural e conteúdo sacro, nesse modelo de templo gótico onde se cruzam caminhos de peregrinos e rotas de transcendência ao compasso de uma beleza imitadora de Deus que tinha de reconduzir a Ele.»

Os vitrais não foram concebidos como mais um recurso estilístico para enfeitar um templo. Se os virmos só assim, enganamo-nos. São as janelas do céu, a comunicação entre a divindade e o homem. São o resplendor da Verdade. Foram idealizados como um instrumento doutrinário para um povo que não sabia ler, eram bíblias de vidro. Por isso o fascinante mundo dos vitrais não pode ser entendido sem ter presente aquilo para que foram feitos. Já no Génesis nos é dito que no primeiro dia Deus criou a luz; a luz é, pois, a primeira criatura física saída das mãos de Deus. E os vitrais são luz, a luz que ilumina a alma do crente; são uma antecipação da luz divina.

Confesso que a minha paixão pelos vitrais começou há anos, coincidindo com a minha primeira viagem a Paris. Quase por acaso, entrei na Sainte-Chapelle, ao lado do Palais de Justice, e o impacte que recebi foi tão formidável que nunca mais se apagou da minha memória. Desde então, não deixei de reparar nos vitrais de cada igreja ou templo que conheço, apesar da distância a que costumam ficar do chão, sobretudo nas catedrais.

Tentei reviver as mesmas sensações que experimentei em Paris num dos capítulos deste livro através dos olhos de Hugo, quando a visita com o seu mestre. Se já estive nesta incrível capela parisiense compreenderá a dificuldade de traduzir em palavras o que se sente ante tão espectacular experiência de cor. Tenho a certeza de que fiquei aquém da realidade. E se ainda não a viu, deve fazê-lo quanto antes, sem deixar de contemplar os de Saint-Denis, o berço do gótico europeu. E em Espanha não deve perder os vitrais da catedral de Leão,

que serviram de capa para este romance, o conjunto mais valioso que temos, sem demérito das restantes catedrais espanholas que em maior ou menor medida possuem magníficos vitrais.

Neste romance figuram personagens históricas como Hendrik van Diependaal e Niclaes Rombouts, dada a importância que ambos tiveram nesta transição de estilo que o vitral europeu conheceu. Atrevi-me a imaginá-los nas suas oficinas, e na ficção tentei situá-los nos mesmos cenários que Hugo vai percorrendo desde a sua chegada a essas terras que hoje conhecemos como Flandres. Trata-se de uma licença que nós, os escritores, nos permitimos para integrar nos enredos acontecimentos e personagens históricos.

Por fim, espero que depois de ler este romance, cada vez que entrar numa catedral gótica ou num templo revestido a vidro pare por um instante para admirar os seus vitrais. Não é preciso saber muito a seu respeito para vivê-los. Oxalá possa vê-los quando a luz do dia os atravessa: descontraia, sente-se talvez num banco e experimente as sensações que produzem. Se é religioso, ajudarão sem a mínima dúvida a comunicar com Deus durante uns minutos. E se não é, deixe transportar-se por eles. Talvez inicie uma viagem ao interior de si mesmo que encha o seu coração de paz, ou talvez o conduzam a um mundo que ainda não pisou: o da transcendência.

Bibliografía

Livros

ALONSO ABAD, M.^a Pilar, *Las vidrieras de la catedral de Burgos*.
AZPIAZU, José Antonio, *La empresa vasca de Terranova. Entre el mito y la realidad*.
BRIVIO, Ernesto, *La vetrale del Duomo di Milano*.
BROWN, Sarah e David O'CONNOR, *Artesanos medievales. Vidrieros*.
CANOVA, Juan de, *Libro de cetrería*.
ESPEJO, Cristóbal e Julián PAZ, *Las antiguas ferias de Medina del Campo*.
FREDERICO II DE HOHENSTAUFEN, *El arte de cetrería. De arte venandi cum avibus*.
GÓMEZ RASCÓN, Máximo, *Catedral de León. Las vidrieras*.
KURLANSKY, Mark, *Sal. Historia de la única piedra comestible*.
La Cartuja de Miraflores. Cuadernos de restauración de Iberdrola.
MONACI CISTERCIENSI DELLA CERTOSA DI PAVIA, *La cartuja de Pavía*.
NIETO ALCAIDE, Víctor, *La vidriera española*.
REMÓN RUIZ, Ángel, *Friso, el aprendiz de cetrero*.
TERRADES, Ricardo Engelmo, *Don Nuño. Autobiografía de un halcón peregrino*.
TIRTIAUX, Bernard, *El arquero de luz*.

Ensaíos e estudos

BASAS, Manuel, *Burgos en el comercio lanero del siglo XVI*.
BILBAO, Luis María e Emiliano FERNÁNDEZ DE PINEDO, *Exportación de lanas, transhumancia y ocupación del espacio en Castilla durante los siglos XVI, XVII y XVIII*.
CORONAS VIDA, Luis Javier, *Los esquilaes e lavaderos de lanas en la ciudad de Burgos. Siglos XVIII e XIX*.
—, *Relaciones comerciales entre el País Vasco y Castilla la Vieja en la Edad Moderna: Un panorama de la investigación reciente*.
GONZÁLEZ ARCE, José Damián, *La Universidad de Mercaderes de Burgos y el consulado castellano en Brujas durante el siglo XV*.
—, e Ricardo HERNÁNDEZ GARCÍA, *Querellas corporativas en el comercio con Europa desde el Cantábrico oriental durante la primera mitad del siglo XVI*.
GUERRERO NAVARRETE, Yolanda, *Elites urbanas en el siglo XV: Burgos y Cuenca*.
LADERO QUESADA, Miguel Ángel, *La Hacienda Real de Castilla en 1504. Rentas y gastos de la Corona al morir Isabel I*.
MORENO MORENO, Juan Carlos, *Los linajes de Medina del Campo en un manuscrito del siglo XVII*.
OLIVA HERRER, Hipólito Rafael, *Abastecimiento local y comercio cotidiano en Medina del Campo a finales de la Edad Media. Las ordenanzas de peso*.
ROJO VEGA, Anastasio, *Guía de mercaderes y mercaderías en las ferias de Medina del Campo. Siglo XVI*.
URIARTE MELO, Clara, *Negocio y fiscalidad; los mercaderes burgaleses en la segunda mitad del siglo XVI*.

Grupo  Planeta

PLANETA MANUSCRITO

Rua do Loreto, n.º 16 – 1.º Direito
1200-242 Lisboa • Portugal

Reservados todos os direitos
de acordo com a legislação em vigor

© 2017, Gonzalo Giner Rodríguez
© 2017, Planeta Manuscrito

Título original: *Las ventanas del cielo*

Tradução: Mário Dias Correia

Design da capa: Vera Braga
Imagens da capa: © Peter Greenway – Arcangel
e © Katiekk – Shutterstock

1.ª edição em epub: Junho de 2018

Conversão para epub: Segundo Capítulo

ISBN: 978-989-777-094-4 (epub)

www.planeta.pt

Reservados todos os direitos sobre esta obra. É proibido proceder a cópia, reprodução, publicação ou distribuição, total ou parcial, bem como a sua incorporação em sistema informático e/ou a transmissão, utilização, modificação, sob qualquer forma ou por qualquer meio, incluindo electrónico, digital ou em suporte físico, nomeadamente por fotocópia, gravação ou qualquer outro método, salvo consentimento prévio e por escrito do Editor. A infracção ao aqui disposto constitui crime, nos termos do disposto no Código do Direito de Autor e dos Direitos Conexos (artigos 195.º e 224.º).

